



**LÍNGUA
PORTUGUESA**

Editora: Valley Editora Ltda.
Direção: João Vicente Strapasson Silveira Netto
Gestão: Vinícius Azambuja de Almeida
Coordenação Editorial: Camila Nunes da Rosa
Coordenação Pedagógica: Vanessa Bianchi Gatto
Autoria: Taciane Weber (Português)
Lucas da Cunha Zamberlan (Literatura e Artes)
Revisão técnica e organização: Vanessa Bianchi Gatto (Português)
Rodrigo Bentancurt (Literatura e Artes)
Revisão Editorial: Alana Hoffmann
Caroline Guerra
Pesquisa Iconográfica*: Camila Nunes da Rosa

*As imagens identificadas com a sigla BID pertencem ao Banco de Imagem e Documentação da Valley Editora.

Programação Visual: Camile Weber
Sibele Righi Scaramussa
Capa: Camile Weber
Editoração Eletrônica: Camila Nunes da Rosa
Camile Webber
Juliana Facco Segalla
Sibele Righi Scaramussa
Ilustrações: Fabiano da Costa Alvares
Gabriel La Rocca Coser
Sibele Righi Scaramussa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

L755

Língua Portuguesa, Literatura e Artes / Taciane Weber, Lucas Cunha Zamberlan. Santa Maria: Valley Editora, 2024.

v. 3
406 p.

ISBN 978-65-89574-34-7

1. Gêneros 2. Classes gramaticais 3. Linguagem 4. Leitura I. Título

CDU 806.90

Bibliotecária responsável Trilce Morales – CRB 10/2209

Coleção 2024



Comercialização e distribuição: NTRV Distribuidora

SUMÁRIO

Unidade 1

5 Semântica

Unidade 2

7 Tipologia textual

Unidade 3

10 Gêneros textuais

Unidade 4

16 Leitura, compreensão e interpretação de texto



» Semântica

▶ **Semântica:** parte da gramática que estuda os aspectos relacionados ao sentido das palavras.

• Palavras sinônimas e antônimas

São palavras que têm entre si alguma relação no que se refere ao sentido/conteúdo.

▶ **Sinônimos:** palavras de sentidos aproximados que podem ser substituídas sem mudar a semântica do texto ou do enunciado.

- *Exemplo:* certo - correto.

Quando um sinônimo tem um sentido mais amplo que o da palavra original, dizemos que é um **hiperônimo**.

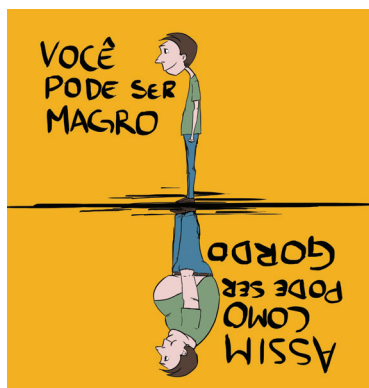
- *Exemplo:* gato < felino

Quando um sinônimo tem um sentido mais específico que o da palavra original, dizemos que é um **hipônimo**.

- *Exemplo:* gato > siamês

▶ **Antônimos:** palavras de sentidos contrários.

- *Exemplo:* bom - mau.



• Palavras homônimas e parônimas

São palavras que têm entre si alguma relação no que se refere à estrutura/forma.

As palavras **homônimas** são aquelas que têm a grafia ou a pronúncia igual. Dependendo do caso, elas podem ser:

▶ **Homógrafas:** são palavras iguais na grafia e diferentes na pronúncia, por exemplo: colher (verbo) e colher (substantivo); jogo (substantivo) e jogo (verbo).

▶ **Homófonas:** são palavras iguais na pronúncia e diferentes na grafia, por exemplo: concertar (harmonizar) e consertar (reparar); censo (recenseamento) e senso (juízo); acender (atear) e ascender (subir).

▶ **Perfeitas:** são palavras iguais na grafia e iguais na pronúncia, por exemplo: caminho (substantivo) e caminho (verbo); cedo (verbo) e cedo (advérbio de tempo); livre (adjetivo) e livre (verbo).



A mãe **vela** pelo sono do filho doente.

O barco à **vela** foi movido pelo vento.

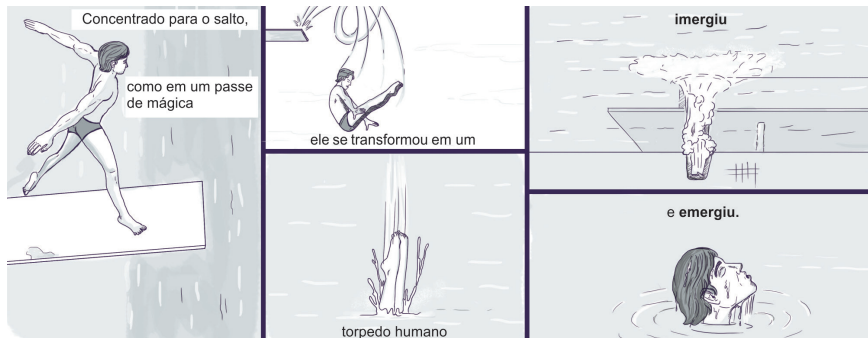
As palavras **parônimas** são aquelas que a têm a grafia e a pronúncia semelhantes.

- *Exemplos:*

- ▶ Absolver (perdoar) e absorver (aspirar)
- ▶ Aprender (tomar conhecimento) e apreender (capturar)
- ▶ Cavaleiro (que cavalga) e cavalheiro (homem gentil)
- ▶ Comprimento (extensão) e cumprimento (saudação)
- ▶ Delatar (denunciar) e dilatar (alargar)
- ▶ Descrição (ato de descrever) e discricção (prudência)
- ▶ Despensa (local onde se guardam alimentos) e dispensa (ato de dispensar)
- ▶ Discriminar (absolver) e discriminar (distinguir, separar)
- ▶ Docente (relativo a professores) e discente (relativo a alunos)
- ▶ Emigrar (deixar um país) e imigrar (entrar num país)
- ▶ Eminente (elevado) e iminente (prestes a ocorrer)
- ▶ Flagrante (evidente) e fragrante (perfumado)
- ▶ Fluir (transcorrer, decorrer) e fruir (desfrutar)
- ▶ Imergir (afundar) e emergir (vir à tona)
- ▶ Inflação (alta dos preços) e infração (violação)
- ▶ Infligir (aplicar pena) e infringir (violar)
- ▶ Mandado (ordem judicial) e mandato (procuração)
- ▶ Osso (parte do corpo) e ouço (verbo ouvir)



- ▶ Peão (aquele que anda a pé, domador de cavalos) e pião (brinquedo)
- ▶ Ratificar (confirmar) e retificar (corrigir)
- ▶ Tráfego (trânsito) e tráfico (comércio ilegal)
- ▶ Soar (produzir som) e suor (transpirar)
- ▶ Vultoso (grandioso) e vultuoso (Medicina: inchado)



Importante

A significação das palavras não é fixa nem estática. Por meio da imaginação criadora do homem, as palavras podem ter seu significado ampliado, deixando de representar apenas a ideia original (básica e objetiva). Assim, frequentemente, remetem-nos a novos conceitos por meio de associações, dependendo de sua colocação em uma determinada frase.

- ▶ **Denotação:** sentido real/literal.
-Exemplo:
- Os domadores conseguiram enjaular a fera.
- ▶ **Conotação:** sentido figurado.
-Exemplos:
- Ele ficou uma fera quando soube da notícia.
- Aquela aluna é fera na matemática.



A linguagem poética faz bastante uso do sentido conotativo das palavras, em um trabalho contínuo de criar ou de modificar o significado. Na linguagem cotidiana, também é comum a exploração do sentido conotativo, como consequência da nossa forte carga de afetividade e de expressividade.

- ▶ **Polissemia:** fenômeno linguístico utilizado para designar palavras com mais de um significado.
-Exemplos:
- Fiquei com pena dele.
- A pena aplicada é de dois anos.





» Tipologia textual

Antes de tudo, devemos considerar que:

Texto é uma estrutura composta de frases (linguagem verbal) e/ou de imagens (linguagem não verbal) que produz sentido.

Contexto é o ambiente (social, político, cultural, histórico) em que os indivíduos interagem por meio dos textos, ou seja, a situação comunicativa. Envolve todas as condições de produção do texto: veículo, espaço, tempo, autor, público-alvo, papéis sociais.

Tipos de textos (ou sequências textuais) são categorias *abrangentes* (dentro das quais há diversos gêneros), *limitadas* (em torno de sete) e *estáveis* (não tendem a se modificar com o tempo).

A tipologia depende da forma como a língua se organiza em um texto para cumprir algum destes objetivos básicos: narrar, descrever, expor, argumentar, orientar, dialogar ou fazer previsões. Por isso, para identificar o tipo do texto, precisamos olhar para a sua estrutura *interna*.

Importante

Difícilmente encontramos textos com uma única tipologia. Em geral, os textos apresentam diferentes sequências textuais. Na hora de classificar, consideramos a que predomina.

Tipo textual	Exemplos	Objetivo
Narrativo	Conto, fábula, romance, lenda, crônica, notícia, relato.	Contar fatos.
Descritivo	Classificados, cardápios, memoriais.	Caracterizar seres ou cenários.
Expositivo	Palestra, seminário, relatório, reportagem, resumo.	Expor informações.
Argumentativo	Editorial, artigo de opinião, redação de vestibular.	Defender um ponto de vista.
Injuntivo	Receita, manual, regulamento, campanha publicitária.	Instruir, orientar.
Dialogal	Entrevista, chat, piada.	Estruturar um diálogo.
Preditivo	Horóscopo, profecia, previsão do tempo.	Fornecer previsões.

• Tipo narrativo

Os textos que se relacionam à **tipologia narrativa** são aqueles que apresentam um encadeamento de ações e de fatos, cuja sequência dinâmica apresenta verbos para indicar ação, movimento e, ainda, passagem do tempo.

Eram quatro horas em ponto quando a porta se abriu, e um cavaliça de aparência bêbada, descalçado em suíças com um rosto inflamado e roupas horríveis, entrou na sala. Acostumado como estava aos poderes divertidos do meu amigo no emprego de disfarces, tive de olhar três vezes antes de ter certeza de que era realmente ele. Com um aceno de cabeça desapareceu no quarto, de onde emergiu depois de cinco minutos, vestido com um *tweed* e respeitável, como antes. Pondo as mãos nos bolsos, espichou as pernas na frente do fogo, e riu sinceramente durante alguns minutos.

DOYLE, Arthur Conan. Um escândalo na boêmia (fragmento).

• Tipo descritivo

Os textos de **cuinho descritivo** são aqueles que buscam descrever pessoas ou coisas a partir das impressões fornecidas pelos sentidos – visão, tato, audição, olfato e paladar. É muito comum ocorrer a interação da tipologia descritiva com a narrativa.

[...] criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhes pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água de poço e sabão comum, trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (fragmento).



• Tipo argumentativo

▶ Textos de **tipologia argumentativa** concentram sua atenção na defesa de uma opinião. São textos que apresentam uma tese e argumentos para sustentá-las. Para encadear as ideias, é bastante frequente o uso de conjunções, que funcionam como operadores argumentativos.

“[...] O papel do professor é fundamental ao desenvolvimento de qualquer sociedade, visto a incumbência de profissionalizar seus cidadãos. Além disso, o profissional docente representa – depois da família – um importante círculo de convivência do aluno; simboliza, portanto, a segunda via de educação do jovem.”

Mariana Caeran. Redação de vestibular (texto sem alterações).

• Tipo expositivo

▶ Os exemplares do tipo textual **expositivo** visam à apresentação de um conceito ou de uma ideia, cujo objetivo central é o de explicar sobre determinado assunto, a partir de recursos como a conceituação, a definição, a informação. No contexto escolar, esses gêneros são muito comuns.

As rochas magmáticas, ígneas ou eruptivas representam um dos tipos de rochas que existem, as quais são formadas pelo magma terrestre. [...] são as mais antigas do planeta e cobrem cerca de um quarto da superfície terrestre. Elas são constituídas por diversos minerais, por exemplo, quartzo, mica, silício e feldspato.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/rochas-magmaticas/>

Anotações:

• Tipo injuntivo

▶ **Textos injuntivos** são aqueles que abarcam gêneros textuais cujo objetivo é orientar comportamentos, seja por meio de conselhos ou pedidos, seja por meio de regras ou leis.

Como usar o Amoxicilina EMS?

Os comprimidos devem ser engolidos inteiros, sem mastigar. Se necessário, podem ser partidos pela metade e engolidos sem mastigar. Para minimizar uma potencial intolerância gastrointestinal e otimizar a absorção da amoxicilina, administre no início de uma refeição. A duração do tratamento deve ser apropriada para a indicação. Portanto, não use o medicamento por mais de 14 dias sem acompanhamento médico. Continue tomando seu medicamento até o fim do tratamento prescrito pelo médico.

Disponível em: <https://consultaremedios.com.br/amoxicilina-ems/bula>

• Tipo preditivo

▶ **Textos de tipo preditivo** fornecem ao leitor algum tipo de previsão, seja ela calcada em indícios científicos (previsão meteorológica) ou não (previsão astrológica).

“Nunca mais haverá qualquer tipo de maldição. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e seus servos lhe prestarão culto. Verão sua face, e seu nome estará nas frentes deles. Não haverá mais noite: ninguém mais terá necessidade da luz da lâmpada, nem da luz do sol. Porque o Senhor Deus vai brilhar sobre eles, e eles reinarão para sempre” (Apocalipse 22, 3-5).

• Tipo dialogal

▶ Na **tipologia dialogal**, estão os textos que são coproduzidos, isto é, produzidos por pelo menos dois interlocutores. A principal característica desses textos é a divisão em turnos de fala, imitando a estrutura de uma conversa ou diálogo.

- Doutor, como eu faço para emagrecer?
- Basta a senhora mover a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.
- Quantas vezes, doutor?
- Todas as vezes que lhe oferecerem comida.

Disponível em: <https://piadas.com.br>



• Intertexto e Hipertexto

Além de saber identificar o tipo do texto, é muito importante, para a interpretação textual, que você saiba definir e reconhecer um **intertexto** e um **hipertexto**. Assim, antes de conhecermos os gêneros textuais, vamos explorar estes dois conceitos fundamentais da teoria do texto: **intertextualidade** e **hipertextualidade**.

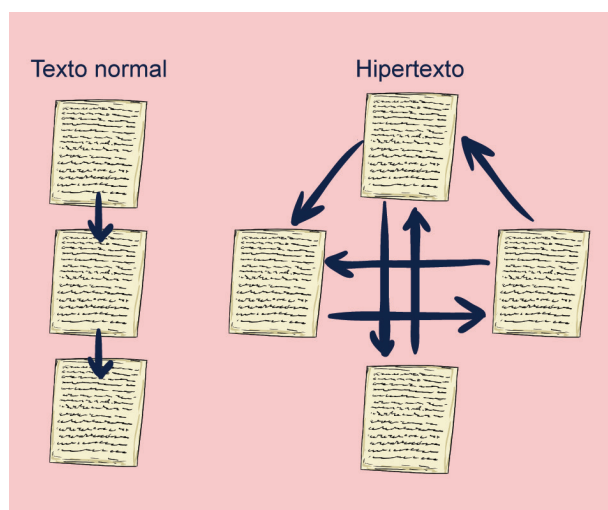
A **intertextualidade** existe quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro. Pode aparecer em/entre diferentes gêneros: música, pintura, filme, novela. A intertextualidade ocorrerá toda vez que uma obra fizer alusão à outra, seja por meio de paráfrase ou de paródia.

▶ Na **paráfrase**, as palavras são mudadas, porém a ideia do texto é confirmada pelo novo texto; a alusão ocorre para atualizar, reafirmar os sentidos ou alguns sentidos do texto citado. Em síntese, é, segundo Affonso Romano Sant'Anna, "dizer com outras palavras o que já foi dito". Com frequência, a paráfrase é realizada em citações indiretas; podemos, por exemplo, na citação direta de Jean-Jacques Rousseau, "o homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrumpo", aplicar paráfrase e afirmar que "apesar de a natureza mostrar o homem bom, por sua essência, ele é, infelizmente, corrompido pelo meio, pela injusta sociedade contemporânea."

▶ A **paródia**, por sua vez, é uma forma de contestar ou de ridicularizar outros textos, pois há uma ruptura com as ideologias impostas e, por isso, é objeto de interesse para os estudiosos da língua e das artes. Ocorre, aqui, um choque de interpretação, uma vez que a voz do texto original é retomada para transformar seu sentido e leva o leitor a uma reflexão crítica de suas verdades incontestadas anteriormente. Com esse processo, há uma indagação sobre os dogmas estabelecidos e uma busca pela verdade real, concebida por meio do raciocínio e da crítica.

O **hipertexto** assemelha-se à forma como o cérebro humano processa o conhecimento: fazendo relações, acessando informações diversas, construindo ligações entre fatos, imagens, sons, enfim, produzindo uma teia de conhecimentos. No hipertexto, o leitor passa a ter uma participação mais ativa, pois ele pode seguir caminhos variados dentro do texto, selecionando pontos que o levam a outros textos ou a outras mídias para complementar o sentido de sua leitura. O leitor torna-se, assim, um coautor do texto, pois constrói tramas paralelas de acordo com seu interesse. Estamos rodeados por hipertextos dentro e fora da internet. O hipertexto permite a interatividade e a livre escolha para começar a leitura por qualquer um dos textos que compõem a teia. O leitor é quem decide por quais passará, percebendo novos caminhos, ampliando os limites da leitura.

As enciclopédias e os dicionários, por exemplo, são gêneros textuais exemplares desse conceito.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Mural do quadro "Guernica", de Pablo Picasso.



Charge "Guernica", de Lotti (ENEM 2014).

UFSM: INTERTEXTUALIDADE X INTERDISCURSIVIDADE

Enquanto a intertextualidade é a relação "entre textos", a interdiscursividade é a relação "entre discursos". Entenda:

Existe **intertextualidade** quando um texto faz referência a outro **texto** (discurso **materializado** numa unidade de significado): referência a um poema, a uma música, a um ditado popular, a uma fala (em citação direta ou indireta) etc.

Existe **interdiscursividade** quando, num texto (que também é discurso), podemos perceber marcas de algum **discurso** social (discurso comum na sociedade, mas **não materializado** num texto específico): discurso feminista, discurso pró-vacina, discurso progressista, discurso conservador, discurso religioso etc.

Note: toda intertextualidade contém uma interdiscursividade; mas nem toda interdiscursividade contém intertextualidade.





» Gêneros textuais

Na unidade 2, você conheceu os **tipos de texto**. Quando consideramos esses tipos dentro de um **contexto específico** de interação e com seu **objetivo** discursivo bem próprio, chegamos aos diferentes gêneros textuais.

Portanto, diferentemente dos tipos, os **gêneros de texto** são categorias específicas (adaptáveis a cada situação comunicativa), ilimitadas (inumeráveis) e, como definiu Bakhtin, "*relativamente estáveis*" (criáveis e transformáveis).

Além disso, enquanto os tipos de texto são reconhecidos essencialmente por sua estrutura *interna*, os gêneros textuais podem ser identificados também por sua estrutura *externa*.



Importante

Os gêneros textuais e as funções da linguagem

Na disciplina de Literatura, você estudou as seis funções da linguagem, lembra? Função referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética. Estas duas últimas são bastante frequentes nos textos literários. Mas as outras quatro são mais frequentes nos gêneros textuais que estudamos na disciplina de Língua Portuguesa. Por isso, fique ligado! O Enem gosta muito de relacionar os gêneros de texto com as funções da linguagem, pois, em cada gênero, a linguagem assume uma função predominante. Veja alguns exemplos:

- ▶ **Função referencial (foco na informação):** notícia, reportagem, resumo.
- ▶ **Função emotiva (foco no emissor):** diário, algumas crônicas, alguns tweets.
- ▶ **Função conativa (foco no receptor):** texto publicitário, artigo de opinião.
- ▶ **Função fática (foco no canal):** telefonema, chat, cumprimento.
- ▶ **Função metalinguística (foco no código):** dicionário, gramática.
- ▶ **Função poética (foco na mensagem):** poema, letra de canção, cordel.

Haja vista a infinidade de gêneros que existem, selecionamos para nosso estudo aqueles que foram/são mais recorrentes na prova do Enem.

• Gêneros digitais

Gêneros digitais são aqueles que circulam em nossos computadores, celulares, smartphones e outros suportes tecnológicos, e que se difundiram sobretudo com o advento da internet. Muitas das novas tecnologias da informação e da comunicação assumem a forma de gêneros digitais: é o caso do *e-mail*, do *chat*, do *WhatsApp*, do *blog*, do *vlog*, do *Twitter*, do *Instagram*, do *podcast*...

O conhecimento e a reflexão sobre essas tecnologias da informação e comunicação (TICs) estão intimamente ligados à Competência 9 da Prova de Linguagens. Por isso, ao estudarmos qualquer gênero digital, precisamos sempre considerar:

Qual o impacto que essas TICs têm na sociedade e na linguagem?

- ▶ Novas formas de trabalho (automação, *home office*, *youtubers*), de aprendizagem (autonomia, EaD), de lazer (jogos *on-line*, séries), de interação (redes sociais), de disseminação da informação (velocidade, *fakenews*), de prática da ética (uso de dados, direitos autorais, crimes cibernéticos).
- ▶ Novas linguagens: mensagens automáticas, internetês (vc, blz, oi), neologismos (deletar, twittar, stalkear)
- ▶ Novas formas de interação: a comunicação síncrona (em tempo real) à distância, que antes só era possível na oralidade (pelo telefone) agora é possível na forma escrita (chat) e audiovisual (videochamada). Por outro lado, a comunicação assíncrona pode ser feita de forma oral (mensagem de voz).



▶ **Novos gêneros:** a carta dá lugar ao e-mail; o SMS dá lugar ao Whatsapp; o blog dá lugar ao Twitter, numa relação que nunca é de substituição, mas de coexistência, e na qual é comum que os novos gêneros herdem características dos gêneros que os precederam.

▶ **E-mail:** gênero textual virtual que permite o envio de mensagens, de vídeos, de arquivos para um ou para mais usuários por meio de um endereço eletrônico. Para exemplares desse gênero, temos:

- predomínio de linguagem culta; dependendo do emissor, no entanto, a linguagem também pode ser coloquial (para esse fim, porém, normalmente, o gênero usado é o WhatsApp).

Anotações:

▶ **Chat:** gênero textual cujo objetivo principal é a interatividade; o *chat* proporciona a ocorrência de diálogos instantâneos, sem precisar, necessariamente, que a identidade real do emissor seja relevada. Podem ocorrer apelidos fictícios sem comprometer o fluxo da comunicação em tempo real. Para exemplares desse gênero, temos:

- objetivo principal: interação.

Anotações:

▶ **Blog:** gênero textual cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, *posts*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *online*. Um *blog* típico combina texto, imagem, *links* para outras páginas da *web* e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e com outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*. Para exemplares desse gênero, temos:

- característica principal: espaço para exposição de opiniões e de circulação de ideias.

Anotações:

▶ **Twitter:** rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 280 caracteres, conhecidos como “tweets”), por meio do *website* do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento. Para exemplares desse gênero, temos:

- linguagem coloquial e sucinta;
- interação comunicativa;
- influenciador digital.

Anotações:

Atenção

Na maioria das vezes, as questões do Enem sobre gêneros digitais não trazem o gênero em si, mas algum texto informativo ou opinativo SOBRE esses gêneros. Nesse sentido, trata-se, muitas vezes, de uma questão de compreensão de texto. Nesses casos, é importante que você leia o texto de apoio e considere as informações que o autor trouxe (e não somente as que você já tem); a opinião que o autor defendeu (e não a que você defende). Observe, na fonte, qual era o título do texto e faça um levantamento do campo semântico para perceber se o autor está destacando impactos negativos ou positivos sobre determinada tecnologia da informação/comunicação.

• Gêneros jornalísticos

▶ **Notícia:** gênero textual em que há a função referencial como predominante. Essa predominância é evidenciada pelo uso de impessoalidade a fim de assegurar a objetividade da informação. A notícia é um texto mais curto que a reportagem. Seu objetivo é simplesmente informar o que, onde, quando e como aconteceu.

Para exemplares desse gênero, temos:

- fatos reais e atuais;
- predomínio da neutralidade/impessoalidade;
- predomínio da norma padrão.

Anotações:



▶ **Reportagem:** gênero textual jornalístico de caráter dissertativo cujo objetivo central é informar sobre acontecimentos/fenômenos de forma mais detalhada e aprofundada, acrescentando opiniões e diferentes pontos de vista, mas sem perder a objetividade. É estabelecida uma ligação entre o fato principal e os paralelos, por meio de citações, trechos de entrevistas, tabelas, mapas, boxes informativos, fotografias e dados estatísticos, por exemplo.

Para exemplares desse gênero, temos:

- predomínio de linguagem padrão;
- função referencial (informativo);
- temas não necessariamente atuais.

Anotações:

▶ **Texto de divulgação científica:** também chamado de “texto de popularização da ciência”, é um gênero textual que tem o objetivo de divulgar, numa linguagem acessível ao público leigo, os resultados de estudos científicos. Enquanto os artigos científicos circulam em revistas acadêmicas destinadas a especialistas da área, os textos de divulgação da ciência circulam em revistas consumidas pelo público em geral.

Para exemplares desse gênero, temos:

- linguagem acessível ao público leigo;
- pode conter algum termo técnico;
- texto informativo.

Anotações:

▶ **Carta do leitor:** gênero textual que traz a opinião dos leitores de um jornal ou revista sobre as matérias ou sobre o conteúdo das matérias da edição anterior. É um espaço para comentários, elogios, críticas, sugestões. Pode conter elementos típicos do gênero carta (vocativo, local e data, despedida, assinatura).

Para exemplares desse gênero, temos:

- texto curto;
- linguagem simples, clara e concisa;
- posicionamento crítico.

▶ **Artigo de opinião:** gênero textual que apresenta o tema, defende um ponto de vista e utiliza vários argumentos para sustentá-lo. Geralmente é escrito em primeira pessoa, já que se trata de um texto com marcas pessoais e, portanto, com indícios claros de subjetividade. A estrutura textual é a de exposição de ideia e de opiniões.

Para exemplares desse gênero, temos:

- presença de questionamentos;
- indução à reflexão do leitor.

Anotações:

▶ **Editorial:** gênero textual que tem por objetivo interpretar criticamente fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública. Para exemplares desse gênero, temos:

- criticidade em relação aos fatos;
- presença e defesa da opinião do veículo (jornal, revista);
- geralmente não é assinado.

Anotações:

▶ **Entrevista:** gênero textual dialogal, representado pela conversação entre duas ou mais pessoas em virtude de um assunto-pauta.

Para exemplares desse gênero, temos:

- dependendo do entrevistado, a linguagem poderá ser culta ou informal;
- quando a entrevista é transcrita para o papel, podem ocorrer marcações típicas de fala informal (variações linguísticas, hesitações e truncamentos – representados por sinais de pontuação);
- texto predominantemente dialogal.

Anotações:



• Gêneros acadêmicos

▶ **Resumo:** Gênero que tem como objetivo única e exclusivamente sintetizar as ideias de um texto lido, a história de um filme visto etc. O autor expõe objetivamente essas informações, sem expressar sua opinião a respeito. É bastante comum respeitar a ordem em que as informações aparecem no material que está sendo resumido.

Anotações:

▶ **Resenha:** Texto em que se faz uma apreciação crítica sobre um filme visto, sobre um livro lido etc. Nesse sentido, é um texto que contém a opinião (favorável ou desfavorável) do resenhista, a qual pode vir expressa por meio de adjetivos, por exemplo.

Anotações:

▶ **Biografia:** gênero textual que tem por objetivo descrever os fatos mais importantes da vida de uma pessoa: nome, data e local de nascimento, trajetória profissional, prêmios. Os dados são bastante precisos e geralmente organizados em ordem cronológica dos acontecimentos.

Para exemplares desse gênero, temos:

- evidência da singularidade da trajetória;
- texto conciso, claro e objetivo;
- linguagem culta.

Anotações:

▶ **Verbetes:** gênero textual de tipo expositivo que tem por objetivo definir um vocábulo, apresentando os diferentes significados que pode assumir. Também costuma trazer a separação silábica da palavra e a classe gramatical a que pertence. O verbete geralmente é encontrado no interior de outros gêneros, como dicionários, glossários e enciclopédias. A linguagem é objetiva e formal.

- função da linguagem: metalinguística
- hipertexto.

Anotações:

• Gêneros instrucionais

▶ **Receita culinária:** Gênero textual que apresenta duas partes bem definidas – ingredientes e modo de preparo – que podem ou não ser indicadas por títulos. A primeira parte apresenta as quantidades de cada ingrediente, indicadas em gramas, xícaras, colheres. No “modo de fazer”, é frequente o uso de verbos no imperativo, às vezes substituídos pelo infinitivo.

Anotações:

▶ **Bula:** Conjunto de informações sobre um medicamento que obrigatoriamente os laboratórios farmacêuticos devem acrescentar à embalagem de seus produtos vendidos no varejo. Seu objetivo é informar e orientar pacientes e/ou profissionais sobre o uso de um medicamento.

Anotações:



• Gêneros publicitários

▶ **Classificados:** forma concisa de publicidade, comum em jornais, em revistas e na internet. Servem para anunciar, mediante pagamento, um produto que se queira vender (automóvel, imóvel) ou alguma oportunidade de emprego.

Para exemplares desse gênero, temos:

- uso de linguagem jargão;
- uso de adjetivos;
- abreviações.

Anotações:

▶ **Anúncio e campanha:** textos que têm o objetivo de convencer e influenciar o leitor. Os anúncios/propagandas são usados para divulgar/vender produtos, criando sempre uma imagem positiva do anunciante e levando o leitor a comprar. As campanhas publicitárias servem para conscientizar/alertar sobre algum problema social, levando o leitor a mudar seu comportamento.

Nos exemplares desses gêneros, é comum aparecer:

- associação de elementos verbais e não verbais;
- marcas de interlocução (perguntas, imperativo, vocativo...);
- intertextualidade.

Anotações:

• Gêneros humorísticos

▶ **Tirinhas:** gênero textual que visa a promover a reflexão do leitor sobre alguma temática, não necessariamente atual. Utiliza-se frequentemente da ironia para cumprir seu objetivo.



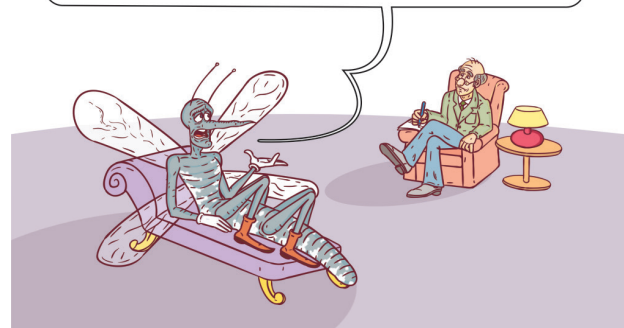
Reprodução autorizada por Alexandre Beck

Anotações:

▶ **Charge:** esse gênero, em determinados usos, forma gênero textual no qual se faz uma espécie de ilustração cômica ou comentário crítico sobre algum acontecimento atual. Como características desse gênero, temos:

- caráter temporal;
- promoção da reflexão;
- uso de recursos verbais e não verbais;
- uso de linguagem coloquial, principalmente;
- presença de polissemia e de ambiguidade em determinados exemplares.

Em todos os lugares que eu passei virei motivo de terror, era temido e respeitado, mas aqui no Brasil ninguém me leva a sério. Sou motivo de piadas, já virei até meme na internet. Isso está acabando com a minha autoestima!



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

- ▶ **Piada:** Breve história, de final engraçado e às vezes surpreendente, cujo objetivo é provocar risos ou gargalhadas a quem a ouve ou a lê. É um recurso humorístico usado na comédia e também na vida cotidiana das pessoas.

Anotações:

• Gêneros literários

▶ **Causo:** Os causos são narrativas populares fantásticas, que podem ser engraçadas ou assustadoras. Provêm da tradição oral e apresentam personagens típicos de uma região. Por isso, para ser bem contado, é preciso dar às palavras entonação, ritmo e até mesmo o sotaque das expressões regionais. No Brasil, o povo mineiro tem fama de bons contadores de causos, mas também é um gênero bastante valorizado por gaúchos e baianos.

▶ **Crônica:** A palavra crônica deriva do grego “chronos”, que significa “tempo”. Por isso, sua principal característica é retratar situações corriqueiras, da vida cotidiana. É uma narrativa mais breve que o conto, com tempo e espaço bastante limitados, podendo transcorrer em minutos, num único cenário. É um texto leve, com linguagem simples. Pode ter um tom humorístico e/ou um toque de crítica leve.

Anotações:

Anotações:

▶ **Cordel:** Gênero textual tipicamente brasileiro em que se retrata, com forte apelo linguístico e cultural nordestinos, fatos diversos da sociedade e da realidade vivida por esse povo. Para exemplares desse gênero, temos:

– presença marcante de variação linguística em virtude da identidade popular daquele povo.





AULA-
-PÍLULA

» Leitura, compreensão e interpretação de texto

Toda (e toda a) prova que você realiza como vestibulando é, antes de tudo, uma prova de leitura. Seja Enem, seja vestibular, seja português, seja matemática, tudo demanda a correta interpretação do enunciado. Nas provas de ciências humanas – e mais ostensivamente na prova específica de Língua Portuguesa – também é fundamental a boa leitura do texto-base ou do texto de apoio da questão.

Ler não é decodificar palavras. Também não é um “dom” ou uma capacidade que se adquire “num passe de mágica”. Assim como a escrita, a leitura é um processo, um verdadeiro trabalho, que exige o domínio de várias micro-habilidades, as quais precisam ser desenvolvidas e praticadas com concentração, empenho e muito treino até se tornarem automáticas.

• Micro-habilidades de leitura

Até conseguir apreender todos os sentidos que são produzidos em um texto, nosso cérebro processa várias informações e realiza inúmeras operações. Isso ocorre por meio de micro-habilidades que, se já desenvolvidas, são realizadas inconscientemente. Vamos agora tomar consciência sobre elas, a fim de que você possa desenvolver as que não domina e praticar até internalizá-las.

Há duas delas que você já desenvolveu ao longo desse ano:

A) Identificar o gênero do texto e os tipos de texto que o integram. (Unidades 2 e 3 do Livro 3)

Reconhecer o gênero a que o texto pertence e perceber as tipologias presentes ajuda muito na identificação do objetivo do texto. Na prova de Linguagens o Enem, essas são habilidades cobradas respectivamente na C1 (H1, H2, H3, H4) e na C6 (H18).

B) Avaliar a linguagem utilizada: níveis, variações, função. (Unidade 1 do Livro 1)

Observar a linguagem também ajuda a reconhecer o objetivo do texto e o seu público-alvo. Sempre escolhemos a linguagem que mais se aproxima da pessoa que nos ouve, pois isso faz com que atinjamos mais facilmente nosso objetivo. No Livro 1, você aprendeu a reconhecer os diferentes níveis de linguagem (culto, coloquial, técnica, literária) e as variações que uma língua pode sofrer (social, histórica, regional). Nas aulas de Literatura, aprendeu que a linguagem tem diferentes funções (referencial, emotiva, conativa, poética, fática e metalinguística). Na prova de Linguagens do Enem, essas são habilidades cobradas na C8 (H25, H26, H27) e na C6 (H19).

Como você já exercitou bastante essas habilidades, vamos nos deter às novas. Para bem ler e interpretar um texto, você precisa também ser capaz de:

C) Identificar o tema a partir do título, de palavras-chave, de destaques no texto e de elementos paratextuais (imagens, gráficos).

Frequentemente, as provas querem verificar se você sabe responder a esta pergunta: “Do que trata o texto?”. Em uma primeira “olhada” no texto, já saltam aos nossos olhos os elementos destacados e as palavras recorrentes. Eles nos indicam o assunto, o tema global do texto. Embora essa habilidade seja cobrada de forma mais explícita nos vestibulares, também é bastante útil para resolver questões do Enem.

1. (ENEM)

Casados e independentes

Um novo levantamento do IBGE mostra que o número de casamentos entre pessoas na faixa dos 60 anos cresce, desde 2003, a um ritmo 60% maior que o observado na população brasileira como um todo...

Aumento no número de casamentos (entre 2003 e 2008)



... e um fator determinante é que cada vez mais pessoas nessa idade estão no mercado de trabalho, o que lhes garante a independência financeira necessária para o matrimônio.

População com mais de 60 anos no mercado de trabalho



* Com base no último dado disponível, de 2008. IBGE e Organização Internacional do Trabalho (OIT). Veja, São Paulo, 21 abr. 2010 (adaptado).

Os gráficos expõem dados estatísticos por meio de linguagem verbal e não verbal. No texto, o uso desse recurso:

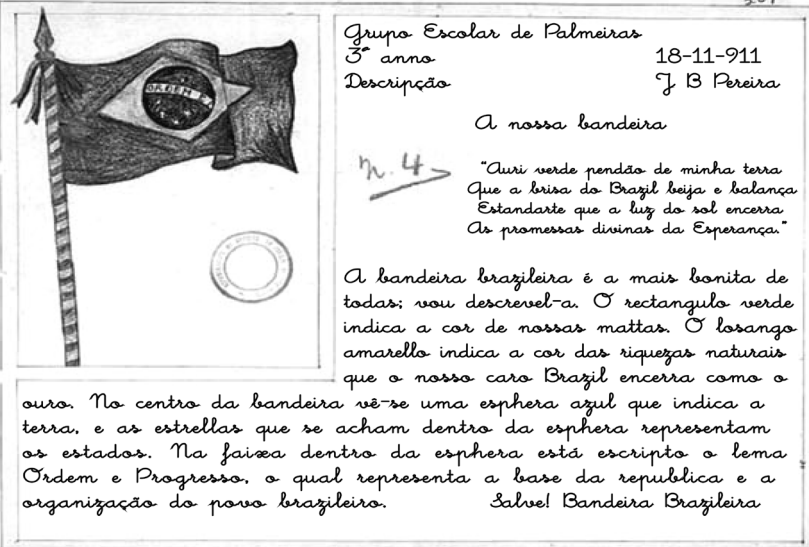
- exemplifica o aumento da expectativa de vida da população.
- explica o crescimento da confiança na instituição do casamento.
- mostra que a população brasileira aumentou nos últimos cinco anos.
- indica que as taxas de casamento e emprego cresceram na mesma proporção.
- sintetiza o crescente número de casamentos e de ocupação no mercado de trabalho.



D) Considerar o contexto a partir da fonte: Quem? Quando? Onde?

Um texto só faz sentido dentro de um contexto. Se não o considerarmos, não entenderemos o texto ou faremos dele uma leitura equivocada. A fonte é um elemento precioso que nos indica as condições em que o texto foi produzido: quem escreveu o texto (informação sobre a pessoa, o autor); quando escreveu (informação sobre o tempo, a época); onde escreveu (informação sobre o "local", o veículo em que o texto foi publicado).

2. (ENEM)



Grupo Escolar de Palmeiras
3º anno
Descrição

18-11-1911
J. B. Pereira

A nossa bandeira

n. 4

"Auri verde pendão de minha terra
Que a brisa do Brazil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança."

A bandeira brasileira é a mais bonita de todas; vou descrever-a. O rectangulo verde indica a cor de nossas mattas. O losango amarelo indica a cor das riquezas naturais que o nosso caro Brazil encerra como o ouro. No centro da bandeira vê-se uma esphera azul que indica a terra, e as estrellas que se acham dentro da esphera representam os estados. Na faixa dentro da esphera está escripto o lema Ordem e Progresso, o qual representa a base da república e a organização do povo brasileiro.

Salve! Bandeira Brasileira

GRUPO ESCOLAR DE PALMEIRAS. Redações de Maria Anna de Biase e J. B. Pereira sobre a Bandeira Nacional. Palmeiras (SP), 18 nov. 1911. Acervo APESP. Coleção DAESP. C10279. Disponível em: www.arquivoestado.sp.gov.br. Acesso em: 15 maio 2013.

O documento foi retirado de uma exposição *on-line* de manuscritos do estado de São Paulo do início do século XX. Quanto à relevância social para o leitor da atualidade, o texto:

- a) funciona como veículo de transmissão de valores patrióticos próprios do período em que foi escrito.
- b) cumpre uma função instrucional de ensinar regras de comportamento em eventos cívicos.
- c) deixa subentendida a ideia de que o brasileiro preserva as riquezas naturais do país.
- d) argumenta em favor da construção de uma nação com igualdade de direitos.
- e) apresenta uma metodologia de ensino restrita a uma determinada época.

E) Inferir o objetivo e o público-alvo: Para quê? Para quem?

Na maioria das vezes, essas informações não estão explícitas no texto. Por isso, as provas querem verificar se você é capaz de deduzi-las observando as escolhas do autor: a **linguagem** que usa, os **argumentos** que seleciona, as **informações** que repete, as ideias que retoma ou apresenta no **fim do texto**. Na prova de Linguagens do Enem, essa é a H23 da C7.

3. (ENEM)

A verdade sobre o envelhecimento das populações

Tem se tornado popular produzir grandes projeções de redução de prosperidade baseada no envelhecimento demográfico. Mas será que isso é realmente um problema?

A média de idade nos Estados Unidos é atualmente de 36 anos. Na Etiópia, a média é de 18 anos. O país com maior número de idosos é a Alemanha, onde a média de idade é de 45 anos. Países em que a população mais jovem domina são mais pobres, e aqueles com a população dominante mais idosa são mais ricos. Então por que temer o envelhecimento da população?

Existem pelo menos duas razões. A primeira é psicológica: em analogia ao envelhecimento das pessoas, sugere que, à medida que as populações envelhecem, tornam-se mais fracas e perdem acuidade mental. A segunda decorre dos economistas e de um indicador conhecido como razão de dependência, que pressupõe que todos os adultos com menos de 65 anos contribuem para a sociedade, e todos com mais de 65 anos são um peso. E a proporção de pessoas com mais de 65 anos tende a aumentar.

LUTZ, W. Azul Magazine, ago. 2017 (adaptado).

A articulação entre as informações do texto leva à compreensão de que ele propõe um(a):

- a) levantamento das causas do envelhecimento das populações.
- b) análise dos dados demográficos de diferentes países do mundo.
- c) comparação entre a idade da população economicamente ativa no mundo.
- d) questionamento sobre o impacto negativo do envelhecimento da população.
- e) alerta aos economistas sobre as contribuições da população abaixo dos 65 anos.



F) Inferir o significado de palavras pelo contexto semântico e/ou morfológico.

É proibido usar dicionário durante uma prova. Por isso, ao encontrarem palavras desconhecidas em um texto, muitos candidatos se apavoram. Há duas formas de descobrir o significado de uma palavra sem usar o dicionário: a primeira é considerar o **contexto semântico** em que ela foi aplicada: Qual o tema do texto? Qual o sentido das palavras e frases que estão na volta? Qual a perspectiva do parágrafo? Positiva? Negativa? A segunda forma é considerar o **contexto morfológico** da palavra: Qual o seu radical? Que palavras você conhece com esse radical? Qual o sufixo? Pelo sufixo, é verbo, adjetivo ou substantivo? Qual o prefixo? O que costuma indicar? Negação? Movimento para dentro? Movimento para fora?

4. Considere o seguinte texto:

[...] Opinar é, nesse sentido, marcar um lugar no mundo, já que não contamos com lugares prestabelecidos e perenes, mas sim móveis e **cambiantes**. [...] Tenho a impressão, porém, de que andamos um pouco **levianos** com nosso direito de opinar. O “eu acho” vem ocupando lugares onde não é chamado, e até mesmo onde não faz nenhum sentido. É cada vez mais frequente seu uso para desconsiderar a fala do outro, mesmo quando este é mais qualificado para opinar sobre uma questão, elevando-nos a soberanos da razão pelo simples fato de que a opinião é nossa. Isso quando não é usada para negar fatos, como se a opinião se sobrepusse, em valor, a evidências e consensos.

Paulo Gleich. A ditadura da opinião. Disponível em: <<https://gauhazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/05/paulo-gleich-a-ditadura-da-opiniao-5800883.html>>. Adaptado.

Que sinônimos poderiam substituir as palavras destacadas no texto acima?

- a) imutáveis e inconsequentes
- b) constantes e precipitados
- c) inconstantes e leves
- d) instáveis e sensatos
- e) mutáveis e insensatos

Anotações:

G) Fazer levantamento do campo semântico.

Observar o campo semântico significa avaliar a qual área, a qual universo de sentido as palavras pertencem. Isso ajuda muito na identificação do tema do texto e até mesmo da opinião do autor. Veja: *alimentação, doença, exercício, médico, prevenção (campo semântico da saúde); feio, inútil, quebrado, sujo, sem graça (campo semântico negativo).*

5. (ENEM)

Viajo Curitiba das conferências positivistas, elas são onze em Curitiba, há treze no mundo inteiro; do tocador de realejo que não roda a manivela desde que o macaquinho morreu; dos bravos soldados do fogo que passam chispando no carro vermelho atrás do incêndio que ninguém não viu, esta Curitiba e a do cachorro-quente com chope duplo no Buraco do Tatu eu viajo.

Curitiba, aquela do Burro Brabo, um cidadão misterioso morreu nos braços da Rosicler, quem foi? quem não foi? foi o reizinho do Sião; da Ponte Preta da estação, a única ponte da cidade, sem rio por baixo, esta Curitiba viajo.

Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que vosmecê é — província, cárcere, lar —, esta Curitiba, e não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo.

TREVISAN, D. Em busca de Curitiba perdida. Rio de Janeiro: Record, 1992.

A tematização de Curitiba é frequente na obra de Dalton Trevisan. No fragmento, a relação do narrador com o espaço urbano é caracterizada por um olhar:

- a) destituído de afetividade, que ironiza os costumes e as tradições da sociedade curitibana.
- b) marcado pela negatividade, que busca desconstruir perspectivas habituais de representação da cidade.
- c) carregado de melancolia, que constata a falta de identidade cultural diante dos impactos da urbanização.
- d) embevecido pela simplicidade do cenário, indiferente à descrição de elementos de reconhecido valor histórico.
- e) distanciado dos elementos narrados, que recorre ao ponto de vista do viajante como expressão de estranhamento.



Ainda dentro da semântica, o domínio dos sinônimos também é muito útil para a boa compreensão de um texto. Muitas vezes, a alternativa correta de uma questão de interpretação é aquela que traz uma paráfrase (diz a mesma coisa, mas com outras palavras) de alguma passagem do texto.

6. (ENEM)

As narrativas indígenas se sustentam e se perpetuam por uma tradição de transmissão oral (sejam as histórias verdadeiras dos seus antepassados, dos fatos e guerras recentes ou antigos; sejam as histórias de ficção, como aquelas da onça e do macaco). De fato, as comunidades indígenas nas chamadas “terras baixas da América do Sul” (o que exclui as montanhas dos Andes, por exemplo) não desenvolveram sistemas de escrita como os que conhecemos, sejam alfabéticos (como a escrita do português), sejam ideogramáticos (como a escrita dos chineses) ou outros. Somente nas sociedades indígenas com estratificação social (ou seja, já divididas em classes), como foram os astecas e os maias, é que surgiu algum tipo de escrita. A



história da escrita parece mesmo mostrar claramente isso: que ela surge e se desenvolve – em qualquer das formas – apenas em sociedades estratificadas (sumérios, egípcios, chineses, gregos, etc.). O fato é que os povos indígenas no Brasil, por exemplo, não empregavam um sistema de escrita, mas garantiram a conservação e continuidade dos conhecimentos acumulados, das histórias passadas e, também, das narrativas que sua tradição criou, através da transmissão oral. Todas as tecnologias indígenas se transmitiram e se desenvolveram assim. E não foram poucas: por exemplo, foram os índios que domesticaram plantas silvestres e, muitas vezes, venenosas, criando o milho, a mandioca (ou macaxeira), o amendoim, as morangas e muitas outras mais (e também as desenvolveram muito; por exemplo, somente do milho criaram cerca de 250 variedades diferentes em toda a América).

D'Angelis, W. R. Histórias dos índios lá em casa: narrativas indígenas e tradição oral popular no Brasil. Disponível em: www.portalkaingang.org. Acesso em: 5 dez. 2012.

A escrita e a oralidade, nas diversas culturas, cumprem diferentes objetivos. O fragmento aponta que, nas sociedades indígenas brasileiras, a oralidade possibilitou:

- a conservação e a valorização dos grupos detentores de certos saberes.
- a preservação e a transmissão dos saberes e da memória cultural dos povos.
- a manutenção e a reprodução dos modelos estratificados de organização social.
- a restrição e a limitação do conhecimento acumulado a determinadas comunidades.
- o reconhecimento e a legitimação da importância da fala como meio de comunicação.

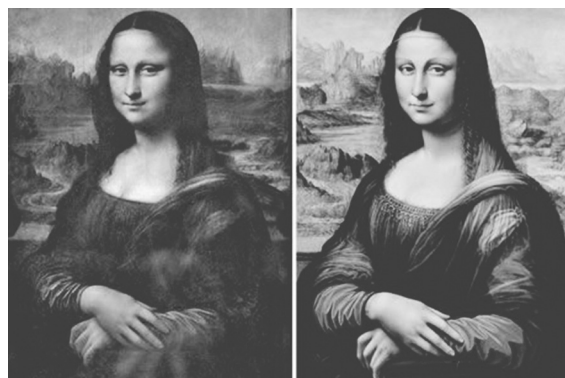
G) Diferenciar ideias principais de ideias secundárias.

Em um texto, as ideias não têm todas a mesma importância. Existe uma hierarquia de informações, e você precisa saber identificar o que é central e o que é periférico. **Ideias principais (IP)** são as que não dependem de outras dentro do texto. **Ideias secundárias (IS)** são as que têm relação com as principais, derivam delas.

Dicas:

- fazer um mapa mental pode ajudar na distinção;
- o título costuma apresentar a IP, que vai se repetir no texto por meio de sinônimos;
- as IP costumam apresentar “o que”, e as IS costumam apresentar “como”;
- o tópico frasal (primeira frase) de cada parágrafo geralmente traz a IP, e as frases seguintes trazem as IS;
- as IP costumam aparecer em orações principais, e as IS costumam aparecer em orações subordinadas.

7. (ENEM)



Giocondas gêmeas

A existência de uma segunda pintura da *Mona Lisa* – a *Gioconda*, de Leonardo da Vinci – foi confirmada pelo Museu do Prado, em Madri, em fevereiro. O quadro era conhecido desde o século XVIII, mas tido como uma reprodução tardia do original. Um trabalho de restauração revelou que seu fundo de cor negra na verdade recobria a reprodução de uma típica paisagem da Toscana, como a pintada por Da Vinci. Radiografias mostram que a tela é irmã gêmea do original, provavelmente pintada por discípulos do mestre, sob supervisão de Da Vinci, no seu ateliê de Florença, entre 1503 e 1506. Os dois quadros serão, agora, expostos no Louvre. Há, entretanto, diferenças: a florentina Lisa Gherardini (*Mona Lisa*), aparentemente na meia-idade, parece mais moça na nova tela. O manto sobre o ombro esquerdo do quadro original surge como um véu transparente, e o decote aparece com mais nitidez. A descoberta reforça a tese de estudiosos, como o inglês Martin Kemp, de que assistentes de Da Vinci ajudaram na composição de telas importantes do mestre.

Revista Planeta, ano 40, ed. 474, mar. 2012.

Para cumprir sua função social, o gênero notícia precisa divulgar informações novas. No texto *Giocondas gêmeas*, além de ser confirmada a existência de uma tela gêmea de *Mona Lisa* e de serem destacadas as diferenças entre elas, o valor informativo do texto está centrado na:

- afirmação de que a *Gioconda* genuína estava na fase da meia-idade.
- revelação da identidade da mulher pintada por Da Vinci, a florentina Lisa Gherardini.
- consideração de que as produções artísticas de Da Vinci datam do período renascentista.
- descrição do fato de que a tela original mostra um manto sobre o ombro esquerdo da personagem.
- confirmação da hipótese de que Da Vinci teve assistentes que o auxiliaram em algumas de suas obras.

Anotações:



I) Identificar elementos de **coesão/progressão** (conjunções, pronomes, sinônimos).

É preciso perceber como as ideias se conectam, relacionam-se em um texto ao mesmo tempo em que se desenvolvem. Isso é feito por meio de dois mecanismos: **coesão referencial** – retomada de termos por pronomes (retos, oblíquos, possessivos, demonstrativos, relativos) ou por outros nomes (sinônimos) – e **coesão sequencial** – progressão das ideias pelo uso de conjunções (além disso, mas, porque, portanto...), advérbios (em primeiro lugar, em seguida, depois, felizmente, inclusive...) ou pela mudança de tempos verbais (fizera, fez, faz, fará...). Na prova de Linguagens do Enem, essa é a H18 da C6.

8. (ENEM 2021) Os velhos papéis, quando não são consumidos pelo fogo, às vezes acordam de seu sono para contar notícias do passado.

É assim que se descobre algo novo de um nome antigo, sobre o qual já se julgava saber tudo, como Machado de Assis.

Por exemplo, você provavelmente não sabe que o autor carioca, morto em 1908, escreveu uma letra do hino nacional em 1867 — e não poderia saber mesmo, porque os versos seguiam inéditos. Até hoje.

Essa letra acaba de ser descoberta, em um jornal antigo de Florianópolis, pelo pesquisador independente Felipe Rissato.

“Das florestas em que habito/ Solto um canto varonil:/ Em honra e glória de Pedro/ O gigante do Brasil”, diz o começo do hino, composto de sete estrofes em redondilhas maiores, ou seja, versos de sete sílabas poéticas. O trecho também é o refrão da música.

O Pedro mencionado é o imperador Dom Pedro II. O bruxo do Cosme Velho compôs a letra para o aniversário de 42 anos do monarca, em 2 de dezembro daquele ano — o hino seria apresentado naquele dia no teatro da cidade de Desterro, antigo nome de Florianópolis.

Disponível em: www.revistaprosaveroarte.com. Acesso em: 4 dez. 2018 (adaptado).

Considerando-se as operações de retomada de informações na estruturação do texto, há interdependência entre as expressões:

- a) “Os velhos papéis” e “É assim”.
- b) “algo novo” e “sobre o qual”.
- c) “um nome antigo” e “Por exemplo”.
- d) “O gigante do Brasil” e “O Pedro mencionado”.
- e) “o imperador Dom Pedro II” e “O bruxo do Cosme Velho”.

Anotações:

J) Diferenciar fatos de opiniões.

Segundo relatório da OCDE de 2021, 67% dos jovens brasileiros não conseguem diferenciar fatos de opiniões. Por isso, os mais diversos concursos fazem questão de avaliar se o candidato domina essa micro-habilidade. O **fato** é um acontecimento, uma ocorrência, aquilo que acontece em decorrência de eventos exteriores e que pode ser verificado e confirmado (ou negado) por critérios e evidências objetivas. Por exemplo: “Os custos de saúde por pessoa nos Estados Unidos são os mais altos do mundo desenvolvido”. Já a **opinião** é um ponto de vista, um julgamento, uma ideia a respeito de um fato. Não é, portanto, um fato. São afirmações decorrentes da análise individual, da livre expressão e que, por isso, não são exatamente comprováveis, mas discutíveis. Por exemplo: “Imigrantes que estão nos Estados Unidos são um grande problema para o país hoje”.

9. (ENEM)

Intenso e original, *Son of Saul* retrata horror do holocausto

Centenas de filmes sobre o holocausto já foram produzidos em diversos países do mundo, mas nenhum é tão intenso como o húngaro *Son of Saul*, do estreante em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes.

Ao contrário da grande maioria das produções do gênero, que costuma oferecer uma variedade de informações didáticas e não raro cruza diferentes pontos de vista sobre o horror do campo de concentração, o filme acompanha apenas um personagem.

Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus como ele que, por um dia e meio, luta obsessivamente para que um menino já morto — que pode ou não ser seu filho — tenha um enterro digno e não seja simplesmente incinerado.

O acompanhamento da jornada desse prisioneiro é no sentido mais literal que o cinema pode proporcionar: a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um *close* em primeiro plano ou em sua visão subjetiva. O que se passa ao seu redor é secundário, muitas vezes desfocado.

Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança, e por isso pouco se envolve nos planos de fuga que os companheiros tramam e, quando o faz, geralmente atrapalha. “Você abandonou os vivos para cuidar de um morto”, acusa um deles.

Ver toda essa via *crucis* é por vezes duro e exige certa entrega do espectador, mas certamente é daquelas experiências cinematográficas que permanecem na cabeça por muito tempo.

O longa já está sendo apontado como o grande favorito ao Oscar de filme estrangeiro. Se levar a estatueta, certamente não faltará quem diga que a Academia tem uma preferência por quem aborda a 2ª Guerra. Por mais que exista uma dose de verdade na afirmação, premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes.

Cartá Capital, n. 873, 22 out. 2015.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



A resenha é, normalmente, um texto de base argumentativa. Na resenha do filme *Son of Saul*, o trecho da sequência argumentativa que se constitui como opinião implícita é:

- a) “[...] do estreante em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes”.
- b) “Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus [...]”.
- c) “[...] a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um *close* [...]”.
- d) “Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança [...]”.
- e) “[...] premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes”.

K) Perceber **estratégias argumentativas** utilizadas pelo autor.

Dependendo do gênero do texto, são comuns determinadas estratégias de persuasão.

- ▶ **Argumentos de manipulação:** *comoção (apelar para a emoção), chantagem (fazer alguma ameaça), ironia (dizer uma coisa querendo dizer outra), sedução (ressaltar qualidades, vantagens), intimidação (abusar do poder que se tem sobre o outro).*
- ▶ **Argumentos de autoridade:** *citação (direta ou indireta) de especialistas no assunto, o que dá credibilidade. É um tipo de intertextualidade.*
- ▶ **Argumentos de prova concreta:** *dados estatísticos, leis, estudos realizados, exemplos, fatos históricos ou atuais, relato pessoal.*
- ▶ **Argumentos de raciocínio lógico:** *causa e consequência, comparação (analogia), refutação de contra-argumento.*
- ▶ **Envolvimento e interlocução com leitor:** *uso da primeira pessoa do plural (para aproximar-se do leitor e fazer com que se sinta participante); explicitação do interlocutor (você, tu, seu, teu); verbo no imperativo (para fazer injunções – dar ordens ou orientações, fazer pedidos); perguntas (para dialogar com o leitor e levá-lo a refletir).*

Na prova de Linguagens do Enem, essa é a H24 da C7.

10. (ENEM)



Disponível em: <http://portal.rpc.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2011.

A tirinha faz referência a uma situação muito comum nas famílias brasileiras: a necessidade de estudar para o vestibular. Buscando convencer o seu interlocutor, os personagens da tira fazem uso das seguintes estratégias argumentativas:

- a) comoção e chantagem.
- b) comoção e ironia.
- c) intimidação e chantagem.
- d) intimidação e sedução.
- e) sedução e ironia.

ARGUMENTAÇÃO NA PROVA DA UFSM

Formas de construir a argumentação

- ▶ **TESE-ARGUMENTO:** É absurdo imaginar que este tempo conectado é somente destinado ao ócio. Pesquisas realizadas pela Fundação Telefônica Vivo, em parceria com outras instituições, apontaram que 56,8% das atividades dos jovens online são voltadas à educação, ao aprendizado, à leitura de periódicos e à busca de informações.
- ▶ **DEFINIÇÃO-EXEMPLO:** A internet é a ferramenta-mor da era digital que, dentre inúmeros impactos, ocasionou o estralado de muitas pessoas. O astro pop Justin Bieber, por exemplo, tornou-se mundialmente famoso após ser reconhecido e ter “viralizado” no Youtube.
- ▶ **CAUSA-CONSEQUÊNCIA:** A geração que vê em uma tomada a possibilidade de suprimir uma necessidade tão indispensável quanto comer ou dormir é reflexo da sociedade da glamourização e ostentação, fundada por seres cuja carência e consequente ansia por suprimi-la parecem infinitas. O resultado? Uma juventude viciada em “estar conectada”.
- ▶ **PROBLEMA-SOLUÇÃO:** Diante do risco que as redes sociais representam para a saúde mental, é necessário que o uso diário dos aplicativos seja controlado e que as relações interpessoais reais sejam valorizadas e incentivadas.

Movimentos argumentativos

- ▶ **SUSTENTAÇÃO: Defender a própria tese**
É evidente que as interações digitais contribuem para o aumento do sentimento de solidão. A liquidez das relações modernas, já atestada por Baumam, é intensificada na medida em que os laços entre as pessoas se desfazem por um clique.
- ▶ **REFUTAÇÃO: Criticar a tese do outro**
Embora muita gente acredite que as redes sociais deram acesso completo à vida das pessoas por meio dos seus perfis, essa é uma falsa impressão gerada pela seleção intencional de uma pequena parte – a que gera mais “likes” – da vida das pessoas.
- ▶ **NEGOCIAÇÃO: Considerar a tese do outro, mas ajustar**
Não há como negar que as redes sociais e as diversas páginas virtuais fizeram com que os jovens substituíssem seu lazer e interação com os amigos pela navegação. Todavia, é absurdo imaginar que este tempo conectado é somente destinado ao ócio.



L) Perceber **vozes** que se articulam no texto.

Muitas vezes, em um texto, não encontramos apenas a voz do autor, mas outras vozes que se articulam com a dele (concordando, discordando) para cumprir diferentes objetivos. A presença de diferentes vozes em um texto é chamada de “polifonia”. Frequentemente, as bancas formulam questões para testar sua capacidade de reconhecer e diferenciar essas vozes, já que o candidato pode confundir-las. Esteja atento e fique esperto!

11. (ENEM)

Relatos de viagem: nas curvas da Nacional 222, em Portugal

Em abril deste ano, fomos a Portugal para uma viagem de um mês que esperávamos há um ano. Pois no dia 4 de maio, chegávamos ao Aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto. Que linda a “antiga, muy noble, sempre leal e invicta” cidade do Porto! “Encantei-me”, diriam eles... pelas belas paisagens, construções históricas com lindas fachadas, parques e praças muito bem cuidados.

Os tripeiros, sinônimo de portuenses, têm orgulho de sua cidade, apelidada de Invicta — nunca foi invadida. E valorizam tudo o que há de bom ali, como “a melhor estrada para se dirigir do mundo”, a Nacional 222.

Pois na manhã do 25 de abril, dia da Revolução dos Cravos, resolvemos conhecer a tal maravilha. A cada 10 km tínhamos que encostar: corríamos, dançávamos, tomávamos chocolate quente, sopa, tudo que fosse quentinho. E lá íamos para mais uma etapa. Uma aventura deliciosa. Depois de três horas — mais ou menos o dobro do tempo necessário, não fossem as paradas para aquecimento —, chegamos a casa! Congelados, mas maravilhados e invictos!

Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, busca-se seduzir o leitor por meio da exploração de uma voz externa sobre a identidade histórica do povo português. O trecho que evidencia esse procedimento argumentativo é:

- “Que linda a ‘antiga, muy noble, sempre leal e invicta’ cidade do Porto!”.
- “‘Encantei-me’, diriam eles... pelas belas paisagens, construções históricas com lindas fachadas [...]”.
- “Os tripeiros, sinônimo de portuenses, têm orgulho de sua cidade [...]”.
- “E valorizam tudo o que há de bom ali, como ‘a melhor estrada para se dirigir do mundo’ [...]”.
- “Pois na manhã do 25 de abril, dia da Revolução dos Cravos, resolvemos conhecer a tal maravilha”.



• Estratégias de interpretação para o ENEM

Você aprendeu micro-habilidades de leitura que são fundamentais para bem compreender e interpretar **qualquer** texto. Contudo, no caso da prova do Enem, por sua particularidade, precisamos adotar também outras estratégias, mais específicas, para a resolução das questões de compreensão e interpretação textual.

Como você sabe, o Enem é uma prova bastante longa, com textos numerosos e cada vez maiores. Vai se sair melhor o candidato que conseguir responder às questões com mais eficiência sem perder a eficácia. Por isso, não podemos ler os textos do Enem da mesma forma como lemos textos de vestibulares.

As **provas de português dos vestibulares** apresentam um **texto-base** sobre o qual são feitas várias questões. Assim, colocam-se em prática várias micro-habilidades de leitura da compreensão de um mesmo texto. Já a **Prova de Linguagens do Enem** apresenta um **texto de apoio** a partir do qual é feita uma única pergunta. Assim, a habilidade exigida será bastante específica, podendo até dispensar a leitura do texto!

Logo, para responder com sucesso as questões do Enem, você precisa:

- ▶ conhecer as **habilidades e competências** cobradas na prova;
- ▶ começar sempre com uma boa leitura do **enunciado**.

O enunciado

*Por vezes, o enunciado vai exigir que você leia todo o texto; outras vezes, que você leia apenas o título; outras vezes, que você considere somente o gênero textual; outras vezes, que você considere só a tipologia do texto; outras, que você considere as estratégias argumentativas; outras ainda, que você considere a linguagem utilizada; outras, que você considere os elementos de coesão; e assim por diante. Portanto, **comece pelo enunciado** e leia-o com atenção! Ele **informa, direciona e delimita**.*

- Que elementos destaca?
- Qual a competência/habilidade exigida?
- Que aspectos terão de ser observados no texto?
- É questão de compreensão ou de interpretação?
- No comando, qual o foco da pergunta?
- A resposta terá que satisfazer quantas/quais condições?



Compreensão ou interpretação?

Questões de **compreensão** são aquelas cuja resposta depende dos sentidos linguisticamente expressos no texto. Não demandam (nem autorizam) o recrutamento de muitos conhecimentos extralinguísticos prévios. São feitas para ver se você entendeu **"o que o autor disse"**. A resposta vem **explícita** no texto, por meio de **sinônimos**, por exemplo.

O **enunciado** dessas questões costuma apresentar expressões como *"no texto"*, *"segundo o texto"*, *"o autor afirma"* etc.

Questões de **interpretação** são aquelas cuja resposta depende da relação das informações do texto com conhecimentos extralinguísticos prévios. São feitas para ver se você entendeu **"o que o autor quis dizer"**. A resposta está **implícita** (pressuposta ou subentendida) no texto, podendo ser deduzida a partir de **indícios** (verbais ou não verbais).

O **enunciado** dessas questões costuma apresentar expressões como *"o texto pressupõe"*, *"pode-se inferir"*, *"é possível concluir"*, *"a intenção do autor"*, *"o objetivo do texto é"* etc.

12. (ENEM)



Disponível em: www.bhaz.com.br. Acesso em: 14 jun. 2018.

Essa campanha de conscientização sobre o assédio sofrido pelas mulheres nas ruas constrói-se pela combinação da linguagem verbal e não verbal. A imagem da mulher com o nariz e a boca cobertos por um lenço é a representação não verbal do(a):

- silêncio imposto às mulheres, que não podem denunciar o assédio sofrido.
- metáfora de que as mulheres precisam defender-se do assédio masculino.
- constrangimento pelo qual passam as mulheres e sua tentativa de esconderem-se.
- necessidade que as mulheres têm de passarem despercebidas para evitar o assédio.
- incapacidade de as mulheres protegerem-se da agressão verbal dos assediadores.



13. (ENEM)



Disponível em: www.separeolixo.gov.br. Acesso em: 4 dez. 2017 (adaptado).

Nessa campanha, a principal estratégia para convencer o leitor a fazer a reciclagem do lixo é a utilização da linguagem não verbal como argumento para:

- reaproveitamento de material.
- facilidade na separação do lixo.
- melhoria da condição do catador.
- preservação de recursos naturais.
- geração de renda para o trabalhador.

14. (ENEM)

Receita

Tome-se um poeta não cansado,
Uma nuvem de sonho e uma flor,
Três gotas de tristeza, um tom dourado,
Uma veia sangrando de pavor.
Quando a massa já ferve e se retorce
Deita-se a luz dum corpo de mulher,
Duma pitada de morte se reforce,
Que um amor de poeta assim requer.

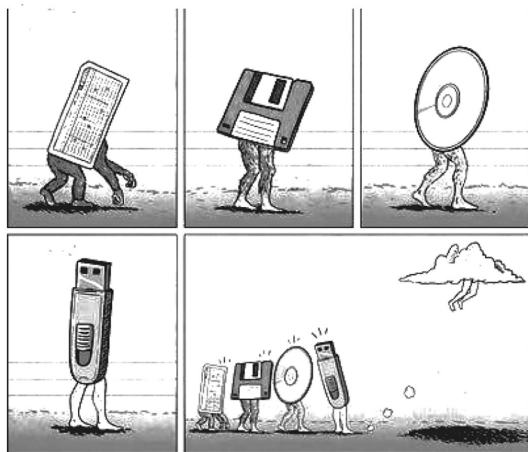
SARAMAGO, J. Os poemas possíveis. Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois:

- introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- apresenta organização estrutural típica de um poema.
- utiliza linguagem figurada na construção do poema.



15. (ENEM)



MORAIS, G. Disponível em: www.gusmoraes.com. Acesso em: 1 ago. 2013.

Os quadrinhos apresentam a sequência de certos dispositivos eletrônicos criados no decorrer da história, destacando:

- a alienação provocada pelo uso excessivo da tecnologia nas sociedades urbanas contemporâneas.
- o estágio mais recente da evolução tecnológica para o armazenamento de dados digitais.
- os diferentes tipos de dispositivos usados atualmente para a gravação de dados digitais.
- o desperdício de matéria-prima proveniente da indústria tecnológica.
- a comparação entre evolução humana e tecnológica.

16. (ENEM) “O computador, dando prioridade à busca pela própria felicidade, parou de trabalhar para os humanos”. É assim que termina o conto *O dia em que um computador escreveu um conto*, escrito por uma inteligência artificial com a ajuda de cientistas humanos.

Os cientistas selecionaram palavras e frases que seriam usadas na narrativa e definiram um roteiro geral da história, que serviria como guia para a inteligência artificial. A partir daí, o computador criou o texto combinando as frases e seguindo as diretrizes que os cientistas impuseram. Os juízes não sabem quais textos são escritos por humanos e quais são feitos por computadores, o que mostra que o conto estava bem escrito. *O dia* só não passou para as próximas etapas porque, de acordo com os juízes, os personagens não foram muito bem descritos, embora o texto estivesse estruturalmente impecável.

A ideia dos cientistas é continuar desenvolvendo a criatividade da IA para que ela se pareça cada vez mais com a humana. Simular esse tipo de resposta é difícil, porque o computador precisa ter, primeiro, um banco de dados vasto vinculado a uma programação específica para cada tipo de projeto — escrita, pintura, música, desenho e por aí vai.

D'ANGELO, H. Disponível em: <https://super.abril.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2018.

O êxito e as limitações da tecnologia utilizada na composição do conto evidenciam a:

- indistinção entre personagens produzidos por máquinas e seres humanos.
- necessidade de reformulação da base de dados elaborada por cientistas.
- autonomia de programas computacionais no desenvolvimento ficcional.
- diferença entre a estrutura e a criatividade da linguagem humana.
- qualidade artística de textos produzidos por computadores.

17. (ENEM) O “politicamente correto” tem seus exageros, como chamar baixinho de “verticalmente prejudicado”, mas, no fundo, vem de uma louvável preocupação em não ofender os diferentes. É muito mais gentil chamar estrabismo de “idiossincrasia ótica” do que de vesguice. O linguajar brasileiro está cheio de expressões racistas e preconceituosas que precisam de uma correção, e até as várias denominações para bêbado (pinguço, bebo, pé-de-cana) poderiam ser substituídas por algo como “contumaz etílico”, para lhe poupar os sentimentos.

O tratamento verbal dado aos negros é o melhor exemplo da condescendência que passa por tolerância racial no Brasil. Termos como “crioulo”, “negão” etc. são até considerados carinhos, do tipo de carinho que se dá a inferiores, e, felizmente, cada vez menos ouvidos. “Negro” também não é mais correto. Foi substituído por afrodescendente, por influência dos *afro-americans*, num caso de colonialismo cultural positivo. Está certo. Enquanto o racismo que não quer dizer seu nome continua no Brasil, uma integração real pode começar pela linguagem.

VERÍSSIMO, L. F. Peixe na cama. Diário de Pernambuco. 10 jun. 2006 (adaptado).

Ao comparar a linguagem cotidiana utilizada no Brasil e as exigências do comportamento “politicamente correto”, o autor tem a intenção de:

- criticar o racismo declarado do brasileiro, que convive com a discriminação camuflada em certas expressões linguísticas.
- defender o uso de termos que revelam a despreocupação do brasileiro quanto ao preconceito racial, que inexistente no Brasil.
- mostrar que os problemas de intolerância racial, no Brasil, já estão superados, o que se evidencia na linguagem cotidiana.
- questionar a condenação de certas expressões consideradas “politicamente incorretas”, o que impede os falantes de usarem a linguagem espontaneamente.
- sugerir que o país adote, além de uma postura linguística “politicamente correta”, uma política de convivência sem preconceito racial.



18. (ENEM)

Com o fim da versão impressa do *Diário Oficial da União*, o presidente da República assinou um decreto que traz novas normas a serem seguidas nas publicações oficiais, que agora estarão disponíveis apenas na versão on-line.

Os atos a serem divulgados devem ser encaminhados ao órgão exclusivamente por meio eletrônico. O jornal será publicado de segunda a sexta, uma vez por dia, exceto nos feriados nacionais e nos pontos facultativos da administração pública federal.

O decreto reforça que o *Diário Oficial* trará os atos com conteúdo normativo, exceto os atos de aplicação exclusivamente interna que não afetem interesses de terceiros, e os atos oficiais da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

O decreto incide sobre a prática de leitura do *Diário Oficial* em todo o Brasil e pressupõe que:

- a) o país dispõe de uma cultura digital consolidada.
- b) a publicação on-line dificulta o acesso ao texto oficial.
- c) a decisão torna obrigatória a leitura de textos oficiais.
- d) as repartições públicas dispensam a leitura de texto impresso.
- e) a mudança traz novos modelos para a administração pública.

19. (ENEM)

Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

BARROS, M. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua e sobre os sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”. Com essa reflexão, o autor destaca:

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.

d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.

e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

O Texto

Os elementos a serem observados no texto vão depender do direcionamento dado pelo enunciado. Ainda assim, há alguns aspectos que sempre devem ser considerados:

- ▶ o **título** (resumo do texto);
- ▶ a **fonte** (autor, ano, veículo);
- ▶ o **gênero textual** a que pertence;
- ▶ a **linguagem** utilizada;
- ▶ o **campo semântico**: positivo?, negativo?, neutro?, alarmista?, engraçado?, tenso?

20. (ENEM)

TEXTO I



Disponível em: <http://revistaiqb.usac.edu.gt>. Acesso em: 25 abr. 2018 (adaptado).

TEXTO II

Imaginemos um cidadão, residente na periferia de um grande centro urbano, que diariamente acorda às 5h para trabalhar, enfrenta em média 2 horas de transporte público, em geral lotado, para chegar às 8h no trabalho. Termina o expediente às 17h e chega em casa às 19h para, aí sim, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos etc. Como dizer a essa pessoa que ela deve praticar exercícios, pois é importante para sua saúde? Como ela irá entender a mensagem da importância do exercício físico? A probabilidade de essa pessoa praticar exercícios regularmente é significativamente menor que a de pessoas da classe média/alta que vivem outra realidade. Nesse caso, a abordagem individual do problema tende a fazer com que a pessoa se sinta impotente em não conseguir praticar exercícios e, consequentemente, culpada pelo fato de ser ou estar sedentária.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. **RBCE**, n. 2, jan. 2001 Adaptado.

O segundo texto, que propõe uma reflexão sobre o primeiro acerca do impacto de mudanças no estilo de vida na saúde, apresenta uma visão:



- a) medicalizada, que relaciona a prática de exercícios físicos por qualquer indivíduo à promoção da saúde.
- b) ampliada, que considera aspectos sociais intervenientes na prática de exercícios no cotidiano.
- c) crítica, que associa a interferência das tarefas da casa ao sedentarismo do indivíduo.
- d) focalizada, que atribui ao indivíduo a responsabilidade pela prevenção de doenças.
- e) geracional, que preconiza a representação do culto à juventude.

21. (ENEM)

Mais *big do que bang*

A comunidade científica mundial recebeu, na semana passada, a confirmação oficial de uma descoberta sobre a qual se falava com enorme expectativa há alguns meses. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian revelaram ter obtido a mais forte evidência até agora de que o universo em que vivemos começou mesmo pelo Big Bang, mas este não foi explosão, e sim uma súbita expansão de matéria e energia infinitas concentradas em um ponto microscópico que, sem muitas opções semânticas, os cientistas chamam de “singularidade”. Essa semente cósmica permanecia em estado latente e, sem que existia ainda uma explicação definitiva, começou a inchar rapidamente [...]. No intervalo de um piscar de olhos, por exemplo, seria possível, portanto, que ocorressem mais de 10 trilhões de Big Bangs.

ALLEGRETTI, F. *Veja*, 26 mar. 2014 (adaptado).

No título proposto para esse texto de divulgação científica, ao dissociar os elementos da expressão Big Bang, a autora revela a intenção de:

- a) evidenciar a descoberta recente que comprova a explosão de matéria e energia.
- b) resumir os resultados de uma pesquisa que trouxe evidências para a teoria do Big Bang.
- c) sintetizar a ideia de que a teoria da expansão de matéria e energia substitui a teoria da explosão.
- d) destacar a experiência que confirma uma investigação anterior sobre a teoria de matéria e energia.
- e) condensar a conclusão de que a explosão de matéria e energia ocorre em um ponto microscópico.

22. (ENEM)

O Brasil (descrição física e política)

O Brasil é um país maior do que os menores e menor do que os maiores. É um país grande, porque, medida sua extensão, verifica-se que não é pequeno. Divide-se em três zonas climáticas absolutamente distintas: a primeira, a segunda e a terceira. Sendo que a segunda fica entre a primeira e a terceira. Há muitas diferenças entre as várias regiões geográficas do país, mas a mais importante é a principal. Na agricultura faz-se exclusivamente o cultivo de produtos vegetais, enquanto a pecuária especializa-se na criação de gado.

A população é toda baseada no elemento humano, sendo que as pessoas não nascidas no país são, sem exceção, estrangeiras. Tão privilegiada é hoje, enfim, a situação do país que os cientistas procuram apenas descobrir o que não está descoberto, deixando para a indústria tudo o

que já foi aprovado como industrializável e para o comércio tudo o que é vendável. É, enfim, o país do futuro, e este se aproxima a cada dia que passa.

FERNANDES, M. In: ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009 (adaptado).

Em relação ao propósito comunicativo anunciado no título do texto, esse gênero promove uma quebra de expectativa ao:

- a) abordar aspectos físicos e políticos do país de maneira pessoal.
- b) apresentar argumentos plausíveis sobre a estrutura geopolítica do Brasil.
- c) tratar aspectos físicos e políticos do país por meio de abordagem cômica.
- d) trazer informações relevantes sobre os aspectos físicos e políticos do Brasil.
- e) propor uma descrição sucinta sobre a organização física e política do Brasil.

23. (ENEM) “Eu quero ter um milhão de amigos” é o famoso verso da linda canção *Eu quero apenas*, de Roberto Carlos. Adaptado aos nossos tempos, o verso representa o anseio que está na base do atual sucesso das redes sociais. Desde que *Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, LinkedIn* e outros estão entre nós, precisamos mais do que nunca ficar atentos ao sentido das nossas relações. Sentido que é alterado pelos meios a partir dos quais são promovidas essas mesmas relações.

O fato é que as redes brincam com a promessa que estava contida na música do Rei apenas como metáfora. O que a canção põe em cena é da ordem do desejo cuja característica é ser oceânico e inespecífico. Desejar é desejar tudo, é mais que querer. Mas quem participa de uma rede social ultrapassa o limite do desejo e entra na esfera da potencialidade de uma realização que vem tornar problemática a relação entre o real e o imaginário.

TIBURI, M. *Complexo de Roberto Carlos*. In: *Revista Cult*. São Paulo: Bregantini, n° 154, fev. 2011 (fragmento).

O verso da canção de Roberto Carlos é usado no artigo para explicar o sucesso mundial das redes sociais. Para a autora, essas redes são eficazes, pois:

a) resolvem os problemas de solidão vivida pelos internautas.

b) promovem a idealização exacerbada de vontades individuais.

c) ajudam na preservação de sentimentos básicos da pessoa humana.

d) favorecem as relações interpessoais baseadas em vínculos afetivos fortes.

e) confirmam os significados atribuídos a relacionamentos iniciados no mundo real.



As alternativas

A alternativa correta é a que melhor responde ao enunciado. Ela precisa fazer sentido como sua continuidade. Na medida do possível, busque perceber a lógica usada na elaboração das alternativas: o que está variando de uma alternativa para outra?, o que umas têm que outras não têm?

- ▶ Leia inteiramente a alternativa: o erro pode estar na primeira palavra ou na última.
- ▶ Tome cuidado com palavras como “predominante”, “exclusiva”, “restrita”, “recorrente”, que podem anular a alternativa.
- ▶ Elimine alternativas que contradizem, extrapolam ou restringem o objetivo do texto.
- ▶ Relembre o foco do enunciado.
- ▶ Busque, no texto, elementos que comprovem a ideia apresentada na alternativa.

24. (ENEM)

Até quando?

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo). Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto:

- caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
- cuinho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
- tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
- espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
- originalidade, pela concisão da linguagem.

25. (ENEM)

Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar

A educação para a saúde deverá ser alcançada mediante interação de ações que possam envolver o próprio homem mediante suas atitudes frente às exigências ambientais representadas pelos hábitos alimentares, estado de estresse, opções de lazer, atividade física, agressões climáticas etc. Dessa forma, parece evidente que o estado de ser saudável não é algo estático. Pelo contrário, torna-se necessário adquiri-lo e construí-lo de forma individualizada constantemente ao longo de toda a vida, apontando para o fato de que saúde é educável e, portanto, deve ser tratada não apenas com base em referenciais de natureza biológica e higienista, mas sobretudo em um contexto didático-pedagógico.

GUEDES, D. P. Motriz, n. 1, 1999.

A educação para a saúde pressupõe a adoção de comportamentos com base na interação de fatores relacionados à:

- a adesão a programas de lazer.
- opção por dietas balanceadas.
- constituição de hábitos saudáveis.
- evasão de ambientes estressores.
- realização de atividades físicas regulares.

26. (ENEM) É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhenhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com:

- registros do inventário do português brasileiro.
- justificativas da variedade linguística do país.
- influências da fala do nordestino no uso da língua.
- explorações do falar de um grupo social específico.
- representações da mudança linguística do português.

27. (ENEM)

A língua tupi no Brasil

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Meneses, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico da cidade e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao Sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressavam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Ouilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhanda (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou inventando uma nova língua. “



Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas. “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ÂNGELO, C. Disponível em: <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em: 8 ago. 2012. (Adaptado).

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Ouanto ao papel do tupinaformação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena:

- a) contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- b) originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.
- c) desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses, vindos de Lisboa.
- d) misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Ouilombo dos Palmares.
- e) expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.

28. (ENEM) Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África, grande número de escravos. O Português, o Índio e o Negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. Mas no que se refere à cultura, a contribuição do Português foi de longe a mais notada.

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Padre Antônio Vieira que “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.”

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984 (adaptado).

A identidade de uma nação está diretamente ligada à cultura de seu povo. O texto mostra que, no período colonial brasileiro, o Português, o Índio e o Negro formaram a base da população e que o patrimônio linguístico brasileiro é resultado da:

- a) contribuição dos índios na escolarização dos brasileiros.
- b) diferença entre as línguas dos colonizadores e as dos indígenas.
- c) importância do padre Antônio Vieira para a literatura de língua portuguesa.
- d) origem das diferenças entre a língua portuguesa e as línguas tupi.
- e) interação pacífica no uso da língua portuguesa e da língua tupi.



GABARITO

• Apoio ao texto

Unidade 4

- | | |
|-------|-------|
| 1. E | 15. B |
| 2. A | 16. D |
| 3. D | 17. E |
| 4. E | 18. A |
| 5. B | 19. E |
| 6. B | 20. B |
| 7. E | 21. C |
| 8. D | 22. C |
| 9. E | 23. B |
| 10. C | 24. D |
| 11. A | 25. C |
| 12. B | 26. A |
| 13. A | 27. A |
| 14. A | 28. E |

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

» Referências

- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BAGNO, Marcos. Linguística na norma. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 38ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Apocalipse. In: Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- CAMPEDELLLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. Produção de Textos & Usos da Linguagem. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DOYLE, Arthur Conan. Um escândalo na boêmia. 1892.
- FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A Coerência Textual. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) Gêneros Textuais e práticas discursivas. Bauru: EDUSC, 2002.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & Cia. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- SARMENTO, Leila Lauer. Gramática em Textos. São Paulo: Moderna, 2000.
- TERRA, Ernani. Linguagem, língua e fala. São Paulo: Scipione, 1997.
- USSO, Ricardo. Interpretação de Textos. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.



Anotações:

HABILIDADES À PROVA 1

» Semântica

○ 1. (ENEM)



Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à:

- a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

○ 2. (ENEM)



LAERTE. Disponível em: <http://claudiagiron.blog.terra.com.br>. Acesso em: 8 set. 2011.

Na tira, o recurso utilizado para produzir humor é a:

- a) transformação da inércia em movimento por meio do balanço.
- b) universalização do enunciador por meio do uso da primeira pessoa do plural.
- c) polissemia da palavra balanço, ou seja, seus múltiplos sentidos.
- d) pressuposição de que o ócio é melhor que o trabalho.
- e) metaforização da vida como caminho a ser seguido continuamente.

○ 3. (ENEM)

TEXTO I

Criatividade em publicidade: teorias e reflexões

Resumo: O presente artigo aborda uma questão primordial na publicidade: a criatividade. Apesar de aclamada pelos departamentos de criação das agências, devemos ter a consciência de que nem todo anúncio é, de fato, criativo. A partir do resgate teórico, no qual os conceitos são tratados à luz da publicidade, busca-se estabelecer a compreensão dos temas. Para elucidar tais questões, é analisada uma campanha impressa da marca XXXX. As reflexões apontam que a publicidade criativa é essencialmente simples e apresenta uma releitura do cotidiano.

DEPEXE, S. D. *Travessias: Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Artes*, n. 2, 2008.

TEXTO II



Homenagem ao Dia das Mães 2012. Disponível em: www.comunicacao.com. Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado).

Os dois textos apresentados versam sobre o tema criatividade. O Texto I é um resumo de caráter científico, e o Texto II, uma homenagem promovida por um site de publicidade. De que maneira o Texto II exemplifica o conceito de criatividade em publicidade apresentado no Texto I?

- a) Fazendo menção ao difícil trabalho das mães em criar seus filhos.
- b) Promovendo uma leitura simplista do papel materno em seu trabalho de criar os filhos.
- c) Explorando a polissemia do termo “criação”.
- d) Recorrendo a uma estrutura linguística simples.
- e) Utilizando recursos gráficos diversificados.



Nesse texto, o autor reorienta o leitor no processo de leitura, usando como recurso expressões como “refiro-me/me refiro”, “estou me referindo”, “de que estou falando agora”, “digo”, “estou falando da”, “esclareço”, “isto é”. Todas elas são expressões linguísticas introdutoras de paráfrases, que servem para:

- a) confirmar.
- b) contradizer.
- c) destacar.
- d) retificar.
- e) sintetizar.

8. (ENEM)

Chiquito tinha quase trinta quando conheceu Mariana num baile de casamento na Forquilha, onde moravam uns parentes dele. Por lá foi ficando, remançando. Fez mal à moça, como costumavam dizer, tiveram de casar às pressas. Morou uns tempos com o sogro, descombinaram. Foi só conta de colher o milho e vender. Mudou pra casa do velho Chico Lourenço [seu pai]. Fumaça própria só viu subir um par de anos depois, quando o pai repartiu as terras. De tão parecidos, pai e filho nunca combinaram direito. Cada qual mais topetudo, muitas vezes dona Aparecida ouvia o marido reclamar da natureza forte do filho. Ela escutava com paciência e respondia dum jeito sempre igual:

— “Quem herda, não rouba”.

Vinha um brilho nos olhos, o velho se acalmava.

ROMANO, O. Casos de Minas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Os ditados populares são frases de sabedoria criadas pelo povo, utilizadas em várias situações da vida. Nesse texto, a personagem emprega um ditado popular com a intenção de:

- a) criticar a natureza forte do filho.
- b) justificar o gênio difícil de Chiquito.
- c) legitimar o direito do filho à herança.
- d) conter o ânimo violento de Chico Lourenço.
- e) condenar a agressividade do marido contra o filho.



9. (ENEM) O presidente Lula assinou, em 29 de setembro de 2008, decreto sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. As novas regras afetam principalmente o uso dos acentos agudo e circunflexo, do trema e do hífen.

Longe de um consenso, muita polêmica tem-se levantado em Macau e nos oito países de língua portuguesa: Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Comparando as diferentes opiniões sobre a validade de se estabelecer o acordo para fins de unificação o argumento que, em grande parte, foge a essa discussão é:

- a) “A academia (Brasileira de Letras) encara essa aprovação como um marco histórico. Inscreve-se, finalmente, a Língua Portuguesa no rol daquelas que conseguiram beneficiar-se há mais tempo da unificação de seu sistema de grafar, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, difusão e ilustração da língua da Lusofonia.”

SANDRONI, C. Presidente da ABL. Disponível em: <http://www.academia.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2008.

b) “Acordo Ortográfico? Não, obrigado. Sou contra. Visceralmente contra. Filosoficamente contra. Linguisticamente contra. Eu gosto do ‘c’ do ‘actor’ e o ‘p’ de ‘cepticismo’. Representam um patrimônio, uma pegada etimológica que faz parte de uma identidade cultural. A pluralidade é um valor que deve ser estudado e respeitado. Aceitar essa aberração significa apenas que a irmandade entre Portugal e Brasil continua a ser a irmandade do atraso.”

COUTINHO, J. P. Folha de São Paulo. Ilustrada. 28 set. 2008, E1 (adaptado).

c) “junto de necessidades políticas e econômicas que visa a internacionalização do português como identidade e marca econômica”. “É possível que o Fernando (Pessoa), como produtor de exportação, valha mais do que a PT (Portugal Telecom). Tem um valor econômico único.”

RIBEIRO, J. A. P. Ministro da Cultura de Portugal. Disponível em: <http://ultimahora.publico.clix.pt>. Acesso em: 10 nov. 2008.

d) “É um acto cívico batermo-nos contra o Acordo Ortográfico.” “O Acordo não leva a unidade nenhuma.” “Não se pode aplicar na ordem interna um instrumento que não está aceito internacionalmente” e nem assegura “a defesa da língua como patrimônio, como prevê a Constituição nos artigos 9º e 68º”.

MOURA, V. G. Escritor e eurodeputado. Disponível em: www.mundoportugues.org. Acesso em: 10 nov. 2008.

e) “ter uma lusofonia, o conceito [unificação da língua] deve ser mais abrangente e temos de estar em paridade. Unidade não significa que temos que andar todos ao mesmo passo. Não é necessário que nos tornemos homogêneos. Até porque o que enriquece a língua portuguesa são as diversas literaturas e formas de utilização”.

RODRIGUES, M. H. Presidente do Instituto Português do Oriente, sediado em Macau. Disponível em: <http://taichungpou.blogspot.com>. Acesso em: 10 nov. 2008 (adaptado).

10. (UFRGS)

01 Quando a economia política clássica nasceu, no Reino
02 Unido e na França, ao final do século XVIII e início do século
03 XIX, a questão da distribuição da renda já se encontrava no
04 centro de todas as análises. Estava claro que transformações
05 radicais entraram em curso, propelas pelo crescimento de-
06 mográfico sustentado – inédito até então – e pelo início do
07 êxodo rural e da Revolução Industrial. Quais seriam as con-
08 sequências sociais dessas mudanças?

09 Para Thomas Malthus, que publicou em 1798 seu *En-*
10 *saio sobre o princípio da população*, não restava dúvida: a su-
11 perpopulação era uma ameaça. Preocupava-se especialmen-
12 te com a situação dos franceses vésperas da Revolução
13 de 1789, quando havia miséria generalizada no campo. Na
14 época, a França era de longe o país mais populoso da Euro-
15 pa: por volta de 1700, já contava com mais de 20 milhões de
16 habitantes, enquanto o Reino Unido tinha pouco mais de 8
17 milhões de pessoas. A população francesa se expandiu em
18 ritmo crescente ao longo do século XVIII, aproximando-se
19 dos 30 milhões. Tudo leva a crer que esse dinamismo de-
20 mográfico, desconhecido nos séculos anteriores, contribuiu
21 para a estagnação dos salários no campo e para o aumento
22 dos rendimentos associados à propriedade da terra, sendo,
23 portanto, um dos fatores que levaram Revolução Fran-
24 cesa. Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino
25 Unido, Malthus argumentou que toda assistência aos pobres
26 deveria ser suspensa de imediato e que a taxa de natalidade
27 deveria ser severamente controlada.

28 Já David Ricardo, que publicou em 1817 os seus *Princí-*
29 *pios de economia política e tributação*, preocupava-se com a
30 evolução do preço da terra. Se o crescimento da população
31 e, conseqüentemente, da produção agrícola se prolongasse,
32 a terra tenderia a se tornar escassa. De acordo com a lei da
33 oferta e da procura, o preço do bem escasso – a terra – de-



34 veria subir de modo contínuo. No limite, os donos da terra
35 receberiam uma parte cada vez mais significativa da renda
36 nacional, e o restante da população, uma parte cada vez mais
37 reduzida, destruindo o equilíbrio social. De fato, o valor da
38 terra permaneceu alto por algum tempo, mas, ao longo de
39 século XIX, caiu em relação outras formas de riqueza,
40 à medida que diminuía o peso da agricultura na renda das
41 nações. Escrevendo nos anos de 1810, Ricardo não poderia
42 antever a importância que o progresso tecnológico e o cresci-
43 mento industrial teriam ao longo das décadas seguintes para
44 a evolução da distribuição da renda.

Adaptado de: PIKETTY, T. O Capital no Século XXI. Trad. de M. B. de Bolle.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p.11-13.

Assinale a alternativa que contém substituições adequadas para as expressões **de longe** (l. 14), **dinamismo** (l. 19), **a evolução** (l. 30), considerando o sentido dessas expressões no texto.

- a) com folga - crescimento - o aumento
- b) à distância - crescimento - o progresso
- c) com folga - deslocamento - o aumento
- d) à distância - deslocamento - o aumento
- e) à distância - deslocamento - o progresso

11. (UFRGS)

01 Da sua janela, ponto culminante da Travessa das Acácias,
02 o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D.
03 Veva um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo,
04 um pomar com bergamoteiras e laranjeiras pontilhadas de
05 frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, facha-
06 das cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da
07 sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz alta. A
08 fileira das acácias se estende rua afora. As sombras são dum
09 violeta profundo. O céu está levemente enfumaçado, e a luz
10 do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas
11 a trovoada dos bondes atenuada pela distância. Grasnar de
12 buzinas. Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas
13 paredes caídas, passa um veleiro.

14 Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma
15 espécie de parêntese que ele abre em sua vida interior, para
16 contemplar o mundo chamado real. E ele verifica, com diverti-
17 da surpresa, que continuam a existir os cães e as latas de lixo,
18 apesar de Einstein. O sol brilha e os veleiros passam sobre as
19 águas, não obstante Aristóteles. Seus olhos contemplam a pai-
20 sagem com a alegria meio inibida duma criança que, vendo-se
21 de repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, não
22 quer no primeiro momento acreditar no testemunho de seus
23 próprios olhos.

24 Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto existia
25 antes, enquanto ele passava horas voltas com
26 números e teorias e cogitações, tudo isto tinha realidade?
27 (Este pensamento é de todas as tardes à mesma hora: mas a
28 surpresa é sempre nova.) E depois, quando ele voltar para os
29 livros, para as aulas, para dentro de si mesmo, a vida ali fora
30 continuará assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?

31 Um galo canta num quintal. Roupas brancas se balouçam
32 ao vento, pendentes de cordas. Clarimundo ali está como um
33 deus onipresente que tudo vê e ouve. A impressão que
34 causam aquelas cenas domésticas levam a pensar no
35 seu livro.

36 A sua obra Agora ele já não enxerga mais a pai-
37 sagem. O mundo objetivo se esvaeceu misteriosamente. Os
38 olhos do professor estão fitos na fachada amarela da casa
39 fronteira, mas o que ele vê agora são as suas próprias teorias
40 e ideias. Imagina o livro já impresso Sorri, exterior e
41 interiormente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente

42 de Clarimundo, à imagem dum homem debruçado sobre um
43 livro aberto: e esse homem — extraordinário! — é sempre o
44 sapateiro Fiorello) — o leitor vai se ver diante dum assunto
45 inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERÍSSIMO, Erico. Caminhos Cruzados. 26. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

Considere as seguintes propostas de substituição de palavras do texto.

- 1. testemunho (l. 22) por declaração.
- 2. cogitações (l. 26) por proposições.
- 3. esvaeceu (l. 37) por dissipou.

Qual(is) proposta(s) indica(m) que a segunda palavra constitui sinônimo adequado da primeira, considerando o contexto de ocorrência?

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 2 e 3.
- e) 1, 2 e 3.

Instrução: A questão 12 está relacionada ao texto abaixo.

01 Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus funda-
02 mentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta
03 sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória,
04 pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses
05 manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos
06 gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém,
07 admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio.
08 Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de
09 touros, só para nós tem menos importância que seu mestre
10 Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria
11 inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro ofus-
12 car a glória do lutador.

13 Na França, o homem hoje mais popular é George Car-
14 pentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem
15 nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em
16 prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guer-
17 ra.

18 Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe
19 tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos
20 subverter o regime político.

21 E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois
22 campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo
23 mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

24 Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes,
25 mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta, de
26 quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, está-
27 ticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos
28 como cordas de viola. Conforme corre o jogo, pausas de
29 silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações vio-
30 lentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica.
31 E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados,
32 sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos
33 desatinos.

34 A luta de vinte e duas feras no campo transforma em
35 feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um en-
36 fraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um inci-
37 dente qualquer funda em corisco, eletricidades psíqui-
38 cas acumuladas em cada indivíduo.



40 O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso
41 povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

○ 12. (UFRGS) Assinale a alternativa que explica, respectivamente, o significado da expressão **a ambrosia dos deuses** (l. 04) e da palavra **coevos** (l. 06), tal como foram empregadas no texto.

- a) algo violento, mas necessário – conhecidos.
- b) algo inevitável – conterrâneos.
- c) algo doce e altamente manipulável – coetâneos.
- d) algo almejado por todos os homens – adversários.
- e) algo que deleita – contemporâneos

Instrução: A questão 13 está relacionada ao texto abaixo.

01 – Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois
02 da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

03 Contava as experiências que os médicos nazistas fa-
04 ziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, fa-
05 ziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jivaros.
06 Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos trans-
07 plantes: uniam a metade superior de um homem me-
08 tade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um
09 bode. Felizmente morriam essas atrozes quimeras; expira-
10 vam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como
11 aberrações. (..... essa altura eu tinha os olhos cheios de
12 lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades na-
13 zistas me deixava comovido.)

14 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai
15 abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém
16 -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do
17 rádio, acompanhando notícias da guerra no Oriente
18 Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado:
19 em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus
20 brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia,
21 isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito
22 esquisitos, Guedali.

23 Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias.

24 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão es-
25 tranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não
26 chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre
27 a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pe-
28 las ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e
29 oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas.
30 Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, es-
31 plêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro
32 encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num
33 *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria
34 muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do *ki-*
35 *butz* terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há
36 lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. *O centauro no jardim*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

○ 13. (UFRGS) Assinale a alternativa em que a substituição proposta mantém o sentido da passagem do texto, considerando o contexto em que a expressão é empregada.

- a) **essas atrozes quimeras** (l. 09) por **esses assombrosos monstros**.
- b) **expiravam como seres humanos** (l. 09-10) por **respiravam como pessoas**.
- c) **ainda por cima** (l. 25) por **ainda assim**.
- d) **varado de balas** (l. 29) por **morto com tiros**.
- e) **encurralado** (l. 32) por **curvado**.

Instrução: A questão 14 está relacionada ao texto abaixo.

01 me perguntam: quantas palavras uma pessoa sabe?
02 Essa é uma pergunta importante, principalmente para quem
03 ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil para quem pla-
04 neja um curso de francês ou japonês ter uma estimativa de
05 quantas palavras um nativo conhece; e quantas os alunos pre-
06 cisam aprender para usar a língua com certa facilidade. Essas
07 informações seriam preciosas para quem está preparando
08 um manual que inclua, entre outras coisas, um planejamento
09 cuidadoso da introdução gradual de vocabulário.

10 À parte isso, a pergunta tem seu interesse próprio.
11 Uma língua não é apenas composta de palavras: ela inclui
12 também regras gramaticais e um mundo de outros elemen-
13 tos que também precisam ser dominados. Mas as palavras
14 são particularmente numerosas, e é notável como qualquer
15 pessoa, instruída ou não, acesso a esse acervo imenso
16 de informação com facilidade e rapidez. Assim, perguntar
17 quantas palavras uma pessoa sabe é parte do problema ge-
18 ral de o que é que uma pessoa tem em sua mente e que
19 permite usar a língua, falando e entendendo.

20 Antes de mais nada, porém, o que é uma palavra? Ora,
21 alguém vai dizer, “todo mundo sabe o que é uma palavra”.
22 Mas não é bem assim. Considere a palavra *olho*. É muito claro
23 que isso aí é uma palavra - mas será que *olhos* é a mesma
24 palavra (só que no plural)? Ou será outra palavra?

25 Bom, há razões para responder das duas maneiras: é a
26 mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas com a
27 ideia de plural); e é outra palavra, porque se pronuncia dife-
28 rentemente (*olhos* tem um “s” final que *olho* não tem, além da
29 diferença de timbre das vogais tônicas). Entretanto, a razão prin-
30 cipal por que julgamos que *olho* e *olhos* sejam a mesma palavra
31 é que a relação entre elas é extremamente regular; ou seja, vale
32 não apenas para esse par, mas para milhares de outros pares
33 de elementos da língua: olho/olhos, orelha/orelhas, gato/gatos,
34 etc. E, semanticamente, a relação é a mesma em todos os pares:
35 a forma sem “s” denota um objeto só, a forma com “s” denota
36 mais de um objeto. Daí se tira uma consequência importante:
37 não é preciso aprender e guardar permanentemente na memó-
38 ria cada caso individual; aprendemos uma regra geral (“faz-se o
39 plural acrescentando um “s” ao singular”), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. *Semântica lexical*. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

○ 14. (UFRGS) Considere as seguintes propostas de substituição de palavras do texto.

- 1 - **estimativa** (l. 04) por **pretensão**.
- 2 - **gradual** (l. 09) por **progressiva**.
- 3 - **acervo** (l. 15) por **conjunto**.

Qual(is) proposta(s) indica(m) que a segunda palavra constitui sinônimo adequado da primeira, considerando o contexto em que ocorre?

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 1 e 2.
- e) Apenas 2 e 3.



○ 15. (UFRGS)

01 É preciso estabelecer uma distinção radical entre um
02 "brasil" escrito com letra minúscula, nome de um tipo de
03 madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar
04 uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um
05 povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais
06 de vida. O "brasil" com b minúsculo é apenas um objeto sem
07 vida, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição
08 de se reproduzir como sistema. Mas o Brasil com B maiúscu-
09 lo é algo muito mais complexo.

10 Estamos interessados em responder a esta pergunta:
11 afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se
12 trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria
13 sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos,
14 isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre si; como
15 é que cada um depende do outro; e como os dois formam
16 uma realidade única que existe concretamente naquilo que
17 chamamos de "pátria".

18 Se a condição humana determina que todos os homens
19 devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa
20 determinação não chega ao ponto de especificar também
21 qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos
22 deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espé-
23 cie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as
24 diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os
25 "jeitos" de cada grupo humano. Trata-se, sempre, da questão
26 de identidade.

27 Como se constrói uma identidade social? Como um
28 povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta
29 singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que,
30 no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os
31 homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobre-
32 vivência - como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. -
33 outras acidentais ou históricas -, o Brasil ter sido descoberto
34 por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter
35 certas características, falarmos português e não francês, a
36 família real ter se transferido para o Brasil no início do sécu-
37 lo XIX etc. -, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se
38 utiliza de um número limitado de "coisas" (e de experiências)
39 para se construir como algo único.

40 Nessa perspectiva, a chave para entender a sociedade
41 brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capacidade re-
42 lacional - do antigo com o moderno - tipifica e singulariza a
43 sociedade brasileira. Será preciso, portanto, discutir o Brasil
44 como uma moeda. Como algo que tem dois lados. E mais:
45 como uma realidade que nos tem iludido, precisamente por-
46 que nunca lhe propusemos esta questão relacional e revela-
47 dora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma
48 mesma moeda? O que faz o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____.
O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

A questão relacional da sociedade brasileira é explorada, no texto, por meio de metáforas.

Assinale a alternativa que contém essas metáforas.

- a) *nação* (l. 05) - "*pátria*" (l. 17).
- b) "*jeitos*" (l. 25) - "*coisas*" (l. 38).
- c) *português* (l. 35) - *francês* (l. 35).
- d) *chave dupla* (l. 41) - *moeda* (l. 44).
- e) *brasil* (l. 48) - *Brasil* (l. 48).

Instrução: A questão 16 está relacionada ao texto abaixo.

01 Não faz muito que temos esta nova TV com controle re-
02 moto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento
03 sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na
04 velha poltrona, mudando de um canal para o outro - uma ta-
05 refa que antes exigia certa movimentação, mas que agora fi-
06 cou muito fácil. Estou num canal, não gosto - zap, mudo para
07 outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número
08 de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha
09 mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos
10 indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

11 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai
12 cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando
13 meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci,
14 e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita
15 televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda
16 que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça
17 sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo
18 novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de
19 modo que - zap - mudo de canal. "Não me abandone, Maria-
20 na, não me abandone!". Abandono, sim. Não tenho o menor
21 remorso, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes,
22 e - zap - um homem falando. Um homem, abraçado
23 guitarra elétrica, fala uma entrevistadora. É um roquei-
24 ro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um
25 dente. É o meu pai.

26 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?,
27 pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido - situ-
28 ação pouco admissível para um roqueiro de verdade -, diz
29 que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo.
30 Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer
31 uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém,
32 insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você
33 saiba, seu filho gosta de rock?

34 Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso desbo-
35 tada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável
36 e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está,
37 num programa local e de baixíssima audiência - e ainda tem
38 de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e
39 à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão
40 que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemen-
41 te é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que,
42 em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto
43 atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu
44 olhar ele procura a resposta pergunta da apresentado-
45 ra: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa?
46 - mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, auto-
47 maticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da
48 guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e
49 ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto
50 ele, mas nesse momento - zap - aciono o controle remoto e
51 ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que
52 está - à exceção do pequeno relógio que usa no pulso - nua,
53 completamente nua.

Adaptado de: SCLiar, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

○ 16. (UFRGS) A alternativa que contém sentidos adequados para as palavras *disposição* (l. 10), *remorso* (l. 21) e *constrangido* (l. 27), considerando o contexto em que ocorrem, é:

- a) inclinação - culpa - entristecido.
- b) interesse - angústia - entristecido.
- c) inclinação - angústia - contrafeito.
- d) interesse - culpa - entristecido.
- e) inclinação - culpa - contrafeito.



Instrução: A questão 17 está relacionada ao texto abaixo.

01 Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísti-
02 cas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial,
03 em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se
04 perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis
05 sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem
06 ser menos formais – e nem passar por leis propriamente
07 ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois
08 envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as
09 práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam
10 a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão
11 das classes confortáveis brasileiras, que quer que a esco-
12 la ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em
13 saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o
14 ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mes-
15 mo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que
16 ele aprova como está, desapegada da ortografia e das re-
17 gras de concordância verbais e nominais preconizadas pela
18 gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos
19 faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográfi-
20 cas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação
21 nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos tex-
22 tos de comunicação da escola dirigidos à comunidade esco-
23 lar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há
24 grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses
25 grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como pro-
26 ceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí fora. Vamos
27 chamar essas escolhas – assim como as discussões que le-
28 vam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Es-
29 ses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com
30 outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas
31 políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo
32 constantemente que lidar com outros indivíduos e outros
33 grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que
34 os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles
35 próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas.
36 Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que
37 funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter
38 acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito
39 às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

17. (UFRGS) Assinale a alternativa em que a substituição proposta mantém o sentido da passagem do texto em que ocorre, considerando o contexto em que a palavra é empregada.

- a) *solene* (l. 02) por *simples*
- b) *formais* (l. 06) por *gramaticais*
- c) *preconizadas* (l. 17) por *recomendadas*
- d) *baterias* (l. 19) por *tarefas*
- e) *tácitas* (l. 25) por *precisas*

Anotações:

Instrução: A questão 18 está relacionada ao texto abaixo.

01 A variação linguística é uma realidade que, embora ra-
02 zoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela diale-
03 tologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações
04 sociais muito negativas.

05 O senso comum tem escassa percepção de que a língua
06 é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação
07 e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a
08 variação regional; demoniza a variação social e tende a inter-
09 pretar as mudanças como sinais de deterioração da língua.
10 O senso comum não se dá bem com a variação linguística e
11 chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande
12 violência simbólica diante de fatos de variação.

13 Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver
14 precisamente com o ensino de língua - um ensino que ga-
15 ranta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escri-
16 ta e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das
17 variedades linguísticas historicamente identificadas como as
18 mais próprias a essas práticas - isto é, as variedades escritas
19 e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da
20 chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla
21 discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas
22 efetivas características no Brasil contemporâneo.

23 Parece claro hoje que o domínio dessas variedades
24 caminha junto com o domínio das respectivas práticas so-
25 cioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não
26 se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta
27 o domínio das práticas socioculturais e das respectivas va-
28 riedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição so-
29 cial das variedades ditas populares, parece que o que nos
30 desafia é a construção de toda uma cultura escolar aber-
31 ta à crítica da discriminação pela língua e preparada para
32 combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão
33 da heterogeneidade linguística do país, sua história social e
34 suas características atuais. Essa compreensão deve alcan-
35 çar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em segui-
36 da, os educandos.

37 Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa
38 cultura na escola e pela escola, considerando que a socie-
39 dade em que essa escola existe não reconhece sua cara lin-
40 guística e não só discrimina impunemente pela língua, como
41 dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma,
42 como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

18. (UFRGS) Assinale a alternativa em que a substituição proposta acarretaria mudança significativa de sentido no texto, considerando o contexto em que cada palavra é empregada.

- a) *escassa* (l. 05) por *pouca*
- b) *alberga* (l. 06) por *abriga*
- c) *precisamente* (l. 14) por *exatamente*
- d) *identificadas* (l. 19) por *reconhecidas*
- e) *domínio* (l. 27) por *enquadramento*



Instrução: As questões 19 e 20 estão relacionadas ao texto abaixo

01 As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me
02 dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888, mais ou
03 menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para a Europa,
04 li, com grande interesse, todos os livros desse grande vidente
05 da locomoção aérea e submarina.

06 Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o
07 Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de máquinas no
08 desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu espanto
09 quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo, da força
10 de um cavalo, muito compacto, e leve, em comparação aos
11 que eu conhecia, e... funcionando! Parei diante dele como que
12 pregado pelo destino. Estava completamente fascinado. Meu
13 pai, distraído, continuou a andar até que, depois de alguns
14 passos, dando pela minha falta, voltou, perguntando-me o que
15 havia. Contei-lhe a minha admiração de ver funcionar aquele
16 motor, e ele me respondeu: "Por hoje basta". Aproveitando-me
17 dessas palavras, pedi-lhe licença para fazer meus estudos em
18 Paris. Continuamos o passeio, e meu pai, como distraído, não
19 me respondeu. Nessa mesma noite, no jantar de despedida,
20 reunida a família, meu pai anunciou que pretendia fazer-me
21 voltar a Paris para acabar meus estudos. Nessa mesma noite
22 corri vários livreiros; comprei todos os livros que encontrei sobre
23 balões e viagens aéreas.

24 Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibilidade
25 de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a petróleo
26 devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade de ser o
27 primeiro a empregá-lo nos ares.

28 Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa minha,
29 convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a um cartório
30 de tabelião, mandou lavar escritura de minha emancipação.
31 Tinha eu dezoito anos. De volta à casa, chamou-me ao escri-
32 tório e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais
33 este capital", e entregou-me títulos no valor de muitas centenas
34 de contos. "Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como
35 você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um
36 rapaz. Vamos ver se você se faz um adulto; prefiro que não se
37 faça doutor; em Paris, você procurará um especialista em física,
38 química, mecânica, eletricidade, etc., estude essas matérias e
39 não esqueça que o futuro do mundo está na mecânica".

Adaptado de DUMONT, Santos. O que eu vi, o que nós veremos. Rio de Janeiro: Hedra, 2016.
Organização de Marcos Villares.

○ 19. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre pala-
vras e expressões do texto.

I. A repetição da palavra **grande** (l. 04) reflete o entusiasmo do autor diante de Júlio Verne e sua obra.

II. A expressão **mais tarde** (l. 26) refere-se ao êxito de o autor ter retornado, depois, para estudar em Paris.

III. As palavras **hoje** (l. 32) e **aqui** (l. 32) revelam o tempo e o espaço em que o autor escreve o texto.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 20. (UFRGS) Observe as propostas de reescrita para o seguinte trecho do texto.

Nessa mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai anunciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar meus estudos (l. 19-21).

I. Reunida a família, no jantar de despedida, meu pai anunciou que, para acabar meus estudos, nessa mesma noite pretendia me fazer voltar a Paris.

II. Nessa mesma noite, reunida a família, meu pai anunciou que pretendia, no jantar de despedida, me fazer voltar a Paris para acabar meus estudos.

III. Reunida a família, meu pai anunciou, no jantar de despedida nessa mesma noite, que pretendia me fazer voltar a Paris para acabar meus estudos.

Qual(is) está(ão) correta(s) e preserva(m) a significação do trecho original?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Instrução: A questão 21 está relacionada ao texto abaixo.

01 No início do século XXI, um geneticista inglês chamado
02 Anthony Monaco, professor da Universidade de Oxford e
03 integrante do Projeto Genoma Humano, anunciou a desco-
04 berta do que poderá ser o primeiro gene que, aparentemente,
05 está associado à competência linguística humana: o FOXP2.
06 Monaco proclamou sua possível descoberta após estudar
07 diferentes gerações dos K. E., uma família inglesa de classe
08 média. O geneticista constatou que muitos membros dessa
09 família possuíam distúrbios de linguagem, os quais não
10 pareciam estar associados a algum mero problema de de-
11 sempenho linguístico, como língua presa, audição ineficiente
12 etc. Tais distúrbios diziam respeito à conjugação verbal, à
13 distribuição e à referencialidade dos pronomes, à elaboração
14 de estruturas sintáticas complexas, como orações
15 subordinadas etc. O interessante é que os avós, pais, filhos e
16 netos da família K. E. não possuíam aparentemente nenhum
17 outro distúrbio cognitivo além desses problemas com o co-
18 nhecimento linguístico. Monaco analisou amostras de DNA
19 dessa família e descobriu que uma única unidade de DNA de
20 um único gene estava corrompida: o FOXP2.

21 O FOXP2 é um dos 70 genes diferentes que o
22 cromossomo 7, que é responsável pela arquitetura genética
23 do cérebro humano. Ou seja, trata-se de um gene que cria
24 neurônios, neurotransmissores e afins. Esse gene, o FOXP2,
25 possui 2.500 unidades de DNA, e só uma delas apresenta-
26 va problemas na genética da família K. E. Monaco estava
27 convencido de que esse gene deveria ser, pelo menos em
28 parte, responsável pela capacidade linguística humana. Ele
29 confirmou suas intuições quando descobriu o jovem inglês
30 C. S., que não possuía parentesco com os K. E., mas apresen-
31 tava os mesmos distúrbios linguísticos manifestados pelos
32 membros daquela família. Monaco analisou o FOXP2 de C.
33 S. e constatou aquilo que presumia: C. S. apresentava um
34 defeito na mesma unidade de DNA do FOXP2 deficiente na
35 família K. E. A partir desse achado, o geneticista divulgou o
36 que pode ser a descoberta do primeiro gene aparentemente
37 responsável pela genética da linguagem humana: o FOXP2.



38 A lógica subjacente afirmação de Monaco é a
39 seguinte: como parte do FOXP2 está danificada nos K. E. e
40 também em C. S., e isso parece ter como correlato com porta
41 mental dificuldades exclusivamente linguísticas, então esse
42 gene deve ser responsável pelas habilidades linguísticas
43 deficientes nos K. E. e em C. S. Se isso for verdadeiro, então,
44 nas pessoas com o FOXP2 sem anomalias, esse gene deve
45 ter a função de produzir os neurônios que virão a formar as
46 sinapses responsáveis pelo conhecimento linguístico.

47 Independentemente de as pesquisas de Anthony
48 Monaco a ser confirmadas ou não nas pesquisas
49 mais recentes sobre genética humana (e há, de fato, muitos
50 geneticistas que as refutam com muito bons argumentos e
51 evidências), o importante é que elas abriram ou aprofunda-
52 ram a discussão a respeito dos fundamentos biológicos da
53 linguagem humana.

Adaptado de: KENEDY, E. Curso básico de linguística gera Uva. São Paulo: Contexto, 2013. p. 79-80.

○ 21. (UFRGS) Assinale a alternativa em que a substituição proposta mantém o sentido da passagem do texto, considerando o contexto em que a palavra ou expressão é empregada.

- a) **aparentemente** (l. 04) por superficialmente.
- b) **associados** (l. 10) por dissociados.
- c) **mero problema** (l. 10) por problema excepcional.
- d) **subjacente** (l. 38) por implícita.
- e) **anomalias** (l. 44) por dislexias.

○ 22. (UFRGS)

01 Cena 1

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador resi-
03 dente em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro,
05 acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até
06 o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo
07 rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está total-
08 mente congestionada. A partir dessa informação e enquan-
09 to dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico
10 para escolher uma rota alternativa que o faça chegar
11 empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá consi-
13 derar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em
15 cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais
16 rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 Cena 2

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide pela
20 compra de um apartamento. São inúmeras opções de imó-
21 veis à venda. Para a escolha adequada do local de sua mo-
22 rada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
23 valor do apartamento, também outros critérios: variação do
24 preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até
25 a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o aparta-
26 mento e o local de emprego do casal, preferência por um
27 bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao
28 metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

29 Essas duas cenas urbanas descrevem situações co-
30 muns passam diariamente muitos dos cidadãos resi-
31 dentes em grandes cidades. As protagonistas têm em co-
32 mum a angústia de tomar uma decisão complexa, escolhida
33 dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográ-
34 fico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,

35 as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão
36 que seja mais conveniente, nossas protagonistas de-
37 verão realizar, primeiramente, uma análise geoespacial da
38 cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a
39 partir de um sistema cerebral composto de informações ge-
40 ográficas representadas internamente na forma de mapas
41 mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas
42 decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta
43 espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: “qual a me-
44 lhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local
45 de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na se-
46 gunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade
47 que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa
48 moradia?”

49 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, en-
50 quanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial
51 – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

52 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos
53 e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de
54 outras perguntas similares, em computador, respos-
55 tas dependem da organização espacial de informações ge-
56 ográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade
57 dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram
58 transformadas em linguagem computacional e reunidas,
59 posteriormente, em um sistema de informação geográfica.
60 Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização da
61 análise geoespacial realizada em computadores, que atual-
62 mente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial : teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

Considere as seguintes afirmações sobre palavras e expres-
sões do texto.

I. A palavra protagonistas (l. 31 e l. 41) poderia ser substituída por personagens, sem prejuízo ao sentido e à correção gramatical do parágrafo.

II. A palavra similares (l. 54) poderia ser substituída por iguais, sem prejuízo ao sentido e à correção gramatical do parágrafo.

III. A palavra popularização (l. 60) poderia ser substituída por vulgarização, sem prejuízo ao sentido e à correção gramatical do parágrafo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



○ 23. (UFRGS)

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar segre-
02 dos da língua para estrangeiros que querem aprender portu-
03 guês. Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal,
04 leiam o livro X’, como explicar a concordância? Certamente,
05 não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras
07 para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de en-
08 tender um dado que ocorre regularmente, mas que parece
09 oferecer alguma dificuldade de análise. Em primeiro lugar, é
10 óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou
11 menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão
12 “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

13 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ide-
14 ológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática
15 para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais,
16 que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos se-
17 mânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o
18 pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se
19 pode saber que não se trata de concordância ideológica ou
20 de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga a
21 sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que
22 acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha”
23 não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim, porque
24 Pedro não é o sujeito.

25 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o
26 problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito
27 de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir
28 concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não
29 ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vo-
30 cativo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver
31 orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão
32 verbal. Exemplos correntes são frases como “chegaram e sa-
33 íram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b)
34 sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não
35 aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam da-
36 qui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha a
37 sequência “meninos, vocês se comportem”; c) se forem acei-
38 tas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria estra-
39 nho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada
40 como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro X”.
41 Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância
42 se explicaria normalmente; d) assim, o problema real não é
43 a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de
44 “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

45 Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos
46 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
47 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Assinale a alternativa que contém sinônimos adequados para as palavras *deslindar* (l. 01), *correntes* (l. 32) e *real* (l. 42), considerando o sentido que têm no texto.

- a) ensinar – propalados – empírico
- b) elucidar – em curso – concreto
- c) desvendar – usuais – verdadeiro
- d) explicitar – corridos – gramatical
- e) compreender – práticos – existente

○ 24. (UFRGS)

01 A importância que a rede assume para nossa população
02 colonial prende-se, de algum modo, à própria mobilidade dessa
03 população. Em contraste com a cama e mesmo com o simples
04 catre de madeira, trastes “sedentários” por natureza, e que sim-
05 bolizavam o repouso e a reclusão doméstica, ela pertence tanto
06 ao recesso do lar quanto ao tumulto da praça pública, tanto à
07 morada da vila como ao sertão remoto e rude.

08 Móvel caseiro e, ao mesmo tempo, veículo de transporte,
09 é em suas redes lavradas, por vezes luxuosamente adornadas,
10 que saem à rua as matronas paulistanas, ou viajam entre a vila
11 e o sítio da roça. De Manuel João Branco contam que, tendo
12 ido a Lisboa para levar a el-rei o célebre cacho de bananas
13 de ouro, andava pelas ruas da Corte em uma rede de fios de
14 algodão e lã de várias cores, carregada por mulatos calçados
15 que levava de São Paulo especialmente para esse mister. Pe-
16 dro Taques, ao referir o episódio, acrescenta que “seria objeto
17 de grande riso esta nova carruagem em Lisboa, e na verdade
18 só a Providência o faria escapar às pedradas dos rapazes da
19 Cotovia”.

20 Nem só as matronas, como Inês Monteiro, ou os velhos,
21 como um Manuel João Branco “caduco velho”, chamava-lhe o
22 autor da *Nobiliarquia* serviam-se de semelhante veículo. Os
23 próprios sertanistas não desdenhavam desse meio de trans-
24 porte, menos, talvez, por amor à comodidade, do que por
25 amor à própria distinção e ao prestígio que o aparato impu-
26 nha. O poeta José Elói Ottoni, que ainda pôde ser contempo-
27 râneo das últimas bandeiras paulistas, fala-nos, e não sem
28 rancor, naqueles capitães que iam pelo mato adentro carre-
29 gados “em redes, aos ombros de seus semelhantes”. E já no
30 século passado o cronista Baltasar da Silva Lisboa registra a
31 mesma tradição. O fato é que as redes – redes de dormir ou
32 de transportar – são peças obrigatórias em todos os antigos
33 inventários feitos no sertão.

Adaptado de: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Redes e redeiras*. In: _____. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 247.

Considere as seguintes afirmações acerca do sentido de expressões empregadas no primeiro parágrafo do texto.

- I. A expressão **trastes “sedentários”** (l. 04), no contexto em que ocorre, tem um sentido geral que inclui o sentido de **cama** (l. 03) e **catre de madeira** (l. 04).
- II. As expressões **reclusão doméstica** (l. 05) e **recesso do lar** (l. 06) têm sentidos equivalentes no contexto em que ocorrem.
- III. No contexto em que ocorrem, há uma oposição de sentido entre **tumulto da praça pública** (l. 06) e **sertão remoto e rude** (l. 07).

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ 25. (UFRGS 2024)

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no rei-
02 no da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica de si-
04 nais gravados une as mentes das quais saíram sinais, e
05 outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir designios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pala-
12 vra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efeti-
13 va, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes na
14 ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para o
15 épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero res-
16 salta muito significativamente a figura do velho conselheiro
17 Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de palavras
18 sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta, entre to-
19 dos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulisses, que
20 nunca foi cantado como herói de combate renhido, mas que
21 foi o senhor das palavras astutas que construíram a *Odisseia*.

22 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
23 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
24 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
25 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!!

26 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
27 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentá-
28 culo da cultura, embora não ouse supor que as sociedades
29 ágrafas sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os tex-
30 tos de Homero, que então eram apenas cantados, não te-
31 nham sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exata-
32 mente por onde chegaram ao registro escrito.

33 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à lin-
34 guagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de que
35 hoje os versos de Homero nos chegam somente cravados em
36 folha de papel ou em tela de computador. Mas com certeza
37 o cronista, que não esqueceu a permanência do texto oral de
38 Homero, também não terá esquecido que, já há algum tem-
39 po, gravam-se falas, e que, portanto, a tecnologia humana
40 já soube dar registro permanente também à palavra falada.

41 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
42 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro
43 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
44 a “outro domínio”. A palavra falada povoa um domínio que,
45 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
46 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
47 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
48 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
49 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
50 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
51 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particular-
52 mente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
53 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

54 E chegamos à função da escola nesse mundo da mágica
55 da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o preço
56 de “roubar a palavra à sua vulgaridade democrática”, cabe
57 aos professores, que são aqueles é dado levar às gera-
58 ções a força da linguagem e a força da cultura reverter o pro-
59 cesso e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar a democrá-
60 tica palavra falada, sim, mas sua missão muito particular é
61 *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita) dos livros sem
62 tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

Assinale a alternativa que apresenta sinônimos adequados para as palavras *sortilégio* (l. 02), *designios* (l. 09) e *ágrafas* (l. 29), respectivamente, conforme foram empregadas no texto.

- a) sorte – desejos – agrárias
- b) fascínio – destinos – bárbaras
- c) azar – aspirações – sem escrita
- d) encanto – trabalhos – primitivas
- e) magia – propósitos – sem escrita

○ 26. (UFSM 2024) Para responder à questão, leia o excerto a seguir.

01 “O personagem Pumba, que é um javali, foi represen-
02 tado como um cateto, mamífero que vive no Pantanal e na
03 Amazônia. Já o pássaro Zazu aparece como um araçari-cas-
04 tanho, uma ave pequena que faz parte da fauna amazônica.
05 [...]

06 Para fazer o primata Rafiki, o ilustrador fez vários tes-
07 tes; o personagem quase virou um mico-leão-dourado, mas
08 acabou sendo transformado em um macaco uacari. [...]

09 As hienas, que aparecem no filme como sendo bem
10 malvadas, deram mais trabalho, segundo o artista. ‘Optei
11 pelo cachorro-vinagre, pois apresenta comportamentos que
12 se encaixam na substituição’, afirmou.”

Fonte: REVISTA GALILEU. Publicado em: 24 ago. 2019. Disponível em: <<https://revistagalileo.globo.com/Cultura/noticia/2019/08/ilustrador-cria-nova-versao-de-o-rei-leao-com-especies-da-ama-zonia.html>>. Acesso em: 16 dez. 2023 (Adaptado)

Com relação à ordenação da informação no trecho e aos efeitos de sentido decorrentes, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

() Os termos “mamífero” (l. 02) e “uma ave pequena” (l. 04) estabelecem uma relação hierárquica de inferioridade com relação, respectivamente, a “javali” (l. 01) e a “araçari-castanho” (l. 03-04).

() As orações “que vive no Pantanal e na Amazônia” (ls. 02-03) e “que faz parte da fauna amazônica” (l. 05) particularizam, respectivamente o significado de “mamífero” (l. 02) e de “uma ave pequena” (l. 04).

() A inversão de ordem das orações que compõem o período “o personagem quase virou um mico-leão-dourado, mas acabou sendo transformado em um macaco uacari” (ls. 07-08) não impacta o significado pretendido.

() A relação que se estabelece entre Pumba e cateto, Zazu e araçari-castanho, Rafiki e macaco uacari e entre hienas e cachorro-vinagre é de sinonímia.

A sequência correta é

- a) F – V – F – F.
- b) V – V – F – F.
- c) F – V – V – F.
- d) F – F – V – V.
- e) V – F – F – V.



○ 27. (UFSM 2024)

“Dicionário dos Antis” apresenta o Brasil como o país do contra

Jorge Barcellos
Doutor em Educação (UFRGS)

01 Em “A Vertigem das Listas”, Umberto Eco afirma que as
02 listas mudaram ao longo do tempo e expressaram o espí-
03 rito de sua época. A publicação de “Dicionário dos Antis: a
04 Cultura Brasileira em Negativo”, por um lado, mostra que vi-
05 vemos uma época que pode ser resumida por um notável
06 prefixo anti, o que significa que somos, acima de tudo, uma
07 cultura do contra; por outro lado, vivemos num país no qual,
08 ao longo dos últimos anos, emergem todas as correntes e
09 discursos centrados na percepção negativa do Outro – anti-
10 semitismo, anticlericalismo, anticomunismo, etc. – e sobre o
11 qual se constituem as identidades no Brasil.

12 Reunindo artigos de 131 pesquisadores em 133 verbetes
13 que descrevem o processo de demonização das diferenças
14 [...], o livro “Dicionário dos Antis: a Cultura Brasileira em Ne-
15 gativo”, versão nacional da obra “Dicionário dos Antis: a Cul-
16 tura Portuguesa em Negativo”, começou a ser redigido em
17 2019, cujo processo foi impactado pela pandemia em 2020.

18 Talvez por essa razão, a versão brasileira saiu menor do
19 que a portuguesa: suas 858 páginas representam menos do
20 que a metade da versão além-mar, com suas 2.314 páginas
21 divididas em dois volumes. Ainda assim, é uma edição de fô-
22 lego.

23 Escreve José Eduardo Franco: “Fomos habituados, na es-
24 cola, a aprender fundamentalmente aquilo a que podemos
25 chamar cultura positiva, a visão afirmativa da história. Este
26 dicionário, em contrapartida, propõe uma visão diametral-
27 mente oposta: uma viagem pelas correntes, etnias, religiões
28 e instituições, as figuras a partir do olhar do adversário, de
29 quem discordou, de quem atacou, de quem pensou o con-
30 trário”.

31 O cenário que os autores encontram no Brasil é inquie-
32 tante. Os artigos reunidos revelam que o negativo também
33 faz parte de nossa natureza, que percebemos o Outro de for-
34 ma reduzida e, com isso, criamos os estereótipos e demoni-
35 zamos as diferenças.

36 É curioso que a ideia de ser “do contra” seja tão presente
37 tanto no Brasil quanto em Portugal. Seria a intolerância, a
38 segregação e a capacidade de ser sectário também uma he-
39 rança de nossa formação?

40 Os organizadores afirmam que o negativo “é umelemen-
41 to constitutivo do processo de construção de identidades,
42 quando não parte integrante delas”. A obra instaura um dis-
43 curso crítico do conhecimento do Outro, recusando as visões
44 simplificadoras e empobrecedoras. A realidade é comple-
45 xa, rica e diversa [...].

Fonte: BARCELLOS, J. “Dicionário dos Antis” apresenta o Brasil como o país do contra. GaúchaZH. Publicado em: 23 ago. 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/08/dicionario-dos-antis-apresenta-o-brasilcomo-o-pais-do-contra-cksomnefd0011013bayfit-gee.html>>. Acesso em: 18 dez. 2023. (Adaptado)

Assinale a alternativa em que todos os itens avaliativos se relacionam, no texto, a “Dicionário dos Antis: a Cultura Brasileira em Negativo” e seus referentes.

- a) “menor” (l. 18) – “de fôlego” (l. 21-22) – “viagem pelas correntes, etnias, religiões e instituições” (ls. 27-28)
- b) “positiva” (l. 25) – “afirmativa” (l. 25) – “inquietante” (l. 31-32)
- c) “oposta” (l. 27) – “estereótipos” (l. 34) – “curioso” (l. 36)
- d) “do contra” (l. 36) – “presente” (l. 36) – “sectário” (l. 38)
- e) “constitutivo” (l. 41) – “integrante” (l. 42) – “complexa” (l. 44-45)

○ 28. (UFSM 2023)

Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina

01 *Ao longo dos séculos, artistas e pensadores se dedicaram*
02 *a definir e representar a realidade. Nas últimas décadas, porém,*
03 *grupos menos românticos se juntaram a essa difícil tarefa: endo-*
04 *crinologistas e neurocientistas.*

05 O objetivo é estudar a felicidade como um processo bio-
06 lógico para encontrar o que desencadeia esse sentimento
07 sob o ponto de vista físico. Ou seja, eles não se importam se
08 as pessoas são mais felizes por amor ou dinheiro, mas o que
09 acontece no corpo quando a alegria definitivamente dispara,
10 e como “forçar” esse sentimento.

11 Nesse sentido, há quatro substâncias químicas naturais
12 em nossos corpos geralmente definidas como o “quarteto da
13 felicidade”: endorfina, serotonina, dopamina e oxitocina.

14 A pesquisadora Loreta Breuning, autora do livro *Habits*
15 *of a happy brain* (“Hábitos de um cérebro feliz”, em tradução
16 livre), explica que “quando o seu cérebro emite uma dessas
17 químicas, você se sente bem. Seria bom que surgissem o
18 tempo todo, mas não funcionam assim”, diz a professora da
19 Universidade Estadual da Califórnia (EUA). “Cada substância
20 da felicidade tem um trabalho especial para fazer e se apaga
21 assim que o trabalho é feito”.

Fonte: OS HORMÔNIOS... 2017. Disponível em: <<https://bbc.com/portuguese/geral-39299792>>. Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

A respeito do *lead* do texto, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

- () Definir significa “indicar o verdadeiro sentido de uma ideia ou de um sentimento”.
- () Representar significa “reproduzir uma ideia, um sentimento ou um estado de espírito”.
- () Definir significa “expor claramente uma ideia”.
- () Representar significa “estabelecer os limites de uma ideia, um sentimento ou um estado de espírito”.

A sequência correta é

- a) V – V – V – F.
- b) V – V – F – F.
- c) F – V – V – V.
- d) V – F – F – V.
- e) F – F – V – F.

Anotações:



Instrução: A questão 29 está relacionada ao texto abaixo.

Meias verdades e interesses inteiros

01 Muito foi falado sobre a decisão de Hugo Chávez de
02 não renovar a concessão da RCTV. De um lado, os jornais
03 omitiram que a decisão do presidente venezuelano era uma
04 não renovação baseada na lei, na má conduta do canal. (...)
05 Do outro lado, estão os defensores do governo, que veem a
06 legalidade da não renovação e o envolvimento da RCTV no
07 golpe contra o governo Chávez com razões suficientes para
08 validar a decisão do presidente. No meio, estão os que, como
09 eu, compreendem que a decisão foi legal, que a mídia fez
10 de tudo para distorcer as informações, mas ainda assim têm
11 dúvidas sobre o que isso tudo realmente significa.

12 O fato é que de repente a questão da liberdade de
13 expressão veio mais uma vez à tona. Liberdade total de
14 expressão não existe e nunca existiu. Implicaria não haver
15 nenhuma consequência para o que fosse dito. Verdades, ou
16 mentiras, xenofobia, racismo, homofobia, etc. Essa liberdade
17 não existe e, creio, nem seria bom existir. Por isso, criamos
18 um corpo de legislações que varia de acordo com as várias
19 sociedades, para regular, delimitar até onde possa ir a nossa
20 liberdade de expressão. (...)

21 O que me incomoda, no entanto, é que toda essa dis-
22 cussão na mídia sobre a não renovação do canal venezue-
23 lano nada tem a ver com liberdade de expressão, como se
24 proclama. Assim como a invasão do Afeganistão e a do Ira-
25 que nada tinham a ver com armas ou direitos humanos. (...)
26 O problema realmente acontece quando os que quebram o
27 direito de expressão entram em conflito com os interesses
28 dos que regem a mídia mundial. Aí fica claro que o conflito é
29 de interesse político-econômico, e não ideológico.

30 (...) Chávez não renovou e há quem apoie porque foi
31 legítimo; o governo Bush mandou fechar (ou pelo menos não
32 interferiu) e há quem defenda as medidas contra essas mí-
33 dias, pois as consideram simplesmente “propaganda terro-
34 rista”. Isso tudo viola a expressão de alguns. A discussão, no
35 entanto, tem muito pouco a ver com liberdade de expressão.
36 Tem mais a ver com os malabarismos que fazemos para não
37 entrar em conflito com nossas ideologias. Tem mais a ver
38 com os “sofismas” que criamos para conseguir legitimar e va-
39 lidar a posição daqueles que propagam os nossos interesses.
40 (...)

Extraído de Observatório da Imprensa, em 19/6/2007. (adaptado)

○ **29. (UFSM)** No trecho do texto “os jornais omitiram que a decisão do presidente venezuelano era uma não renovação baseada na lei (l. 02-04), a expressão sublinhada poderia ser substituída, mantendo o significado do texto, por

- a) legal.
- b) burocrática.
- c) autoritária.
- d) legislativa.
- e) institucional.

Instrução: Para responder à questão 30, leia a crônica de Nilson Souza, publicada na edição de 24/5/07 do jornal Zero hora.

Letras viradas

01 Quando questionei a senhora da faxina semanal por
02 ter colocado vários dos meus “livros de cabeça para baixo
03 na estante, ela me deu uma explicação ao mesmo tempo in-
04 gênuo e sincera para sua desajeitada operação:

05 – Dessas coisas de bê e cê eu não entendo nada! Mas
06 eles estão bem limpinhos.

07 Estavam mesmo. E, evidentemente, não me custou
08 nada recolocá-los na ordem correta. Gosto de tê-los perfi-
09 lados como soldados à espera de uma convocação. Não dis-
10 ponho do tempo que gostaria de ter para colocar a leitura
11 em ordem também, mas de vez em quando paro por alguns
12 minutos diante da exposição de títulos e passo em revista
13 os meus autores preferidos – para ter certeza de que ainda
14 estão lá. Escritores e poetas são espíritos inquietos, costu-
15 mam desaparecer nas horas furtivas da noite, especialmente
16 quando alguém leva um livro emprestado e esquece de de-
17 volvê-lo.

18 O que não desaparece da vida dos brasileiros é a chaga
19 (ou praga?) do analfabetismo.

20 Agora surge, nos bastidores do governo federal, essa
21 ideia estapafúrdia de premiar com dinheiro a criança pobre
22 que passar de ano na escola. O que assusta não é apenas a
23 possibilidade de pressão sobre os professores por parte de
24 pais necessitados ou gananciosos. Acredito até que, se a pro-
25 posta vingar, os professores saberão se defender para manter
26 a sua autonomia. Mas há um risco muito grande de que as
27 crianças se transformem em vítimas deste pretendido mer-
28 cantilismo educacional. Elas, sim, podem ser alvo de pressão e
29 até de coerção física por parte de tutores autoritários.

30 Ora, é translúcido que a educação não deve ficar atrela-
31 da à remuneração. Crianças e adolescentes têm que ser con-
32 quistados pelos benefícios culturais e sociais do aprendizado,
33 não podem ser subornados para estudar. Na sociedade con-
34 sumista em que vivemos, tornou-se rotineiro dizer aos jovens
35 que eles precisam estudar para ter um bom emprego e para
36 ganhar dinheiro no futuro. Mas há outras razões tão fortes
37 quanto essas. Quem estuda adquire conhecimento e auto-
38 nomia para tomar suas próprias decisões. Quem estuda passa
39 a entender melhor o mundo. Quem estuda melhora a autoes-
40 tima, torna-se um indivíduo mais íntegro e mais responsável.
41 Quem estuda conquista liberdade para fazer escolhas.

42 Não há dinheiro que pague isso.

43 Quem não estuda – seja por falta de oportunidade, de
44 conscientização ou de vontade – nem se dá conta de que
45 Garcia Márquez, Isabel Allende e Mário Quintana talvez prefi-
46 ram ficar empoeirados a de cabeça para baixo.

○ **30. (UFSM)** No texto, as palavras *vingar* (l. 25), *Mas* (l. 26) e *mercantilismo* (l. 27-28) poderiam ser substituídas, sem prejuízo do sentido, por, respectivamente,

- a) efetivar-se - portanto - empreendedorismo.
- b) perecer - entretanto - comércio.
- c) efetivar-se - no entanto - comércio.
- d) perecer - no entanto - empreendedorismo.
- e) efetivar-se - portanto - comércio.



Instrução: Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Imprensa endeusa pseidocraques

01 Após “amareladas” vestindo a camisa da seleção brasi-
02 leira tão “boas” quanto suas boas atuações no Barcelona, Ro-
03 naldinho Gaúcho continua sendo reverenciado pela impren-
04 sa nacional e internacional como um jogador diferenciado,
05 plástico: um Pelé aperfeiçoado. (...)

06 Apesar de ser muito mais o que a mídia quer que os
07 brasileiros pensem que ele é do que, de fato, um craque, a
08 população “fanatizada” endeusa o jogador do Barcelona em
09 proporções messiânicas. Diferentemente do estilo europeu
10 - pragmático, objetivo e organizado -, o futebol brasileiro so-
11 brevive com um pouco de tática e a eterna esperança de que
12 um atleta especial, em algum momento, faça a diferença. O
13 improviso é um traço cultural e é nesse ponto que Ronal-
14 dinho se sustenta como um “gênio” - justamente pela falta
15 de qualidade tática e técnica da seleção brasileira em geral.
16 Uma jogada brilhante - que não tem acontecido há anos -
17 para orgulhar o povo carente do país do futebol. (...)

18 Lembremos que desde 1994 a seleção brasileira vem
19 vencendo no limite e na sorte e perdendo de forma vergo-
20 nhosa. (...) País do futebol, não “País do futebolzinho” que
21 há décadas não demonstra brilho algum, mas que sobrevive
22 com o comprometimento da imprensa em manter o tubo de
23 oxigênio ligado. (...)

Extraído de Observatório da Imprensa, em 19/6/2007. (adaptado)

*amarelada - gíria para debilidade, covardia, falta de empenho.

31. (UFMS) Analise os trechos do texto II destacados a seguir.

- Ronaldinho Gaúcho continua sendo reverenciado (l. 2-3)
- com um pouco de tática e a eterna esperança (l. 10-11)
- O improviso é um traço cultural (l. 12-13)

Para indicar o sentido contrário dos termos sublinhados, seria necessário trocá-los, respectivamente, por

- a) prestigiado - ocasional - previsto.
- b) irreverente - excessiva - repentino.
- c) venerado - efêmera - provisório.
- d) despeitado - mutável - ocasional.
- e) desconsiderado - inconstante - planejamento.

Instrução: Para responder à questão 32, leia o que se apresenta na seção Dito e Feito da revista *Aventuras na História*, edição de julho de 2008.



Texto I

“Perder as estribeiras” Expressão surgiu nos jogos de cavalaria

01 Quando uma pessoa se descontrola ou fica momenta-
02 neamente desatinada, dizemos que ela “perdeu as estribei-
03 ras”. A origem dessa expressão está nos jogos europeus de
04 cavalaria dos séculos 15 a 17. Literalmente, perder as estri-
05 beiras significava ficar sem contato com os estribos, aros que
06 pendem de cada lado da sela do cavalo e são utilizados como
07 ponto de apoio para o pé do cavaleiro.

08 Nas antigas corridas de argolinhas, torneios em que
09 os cavaleiros a galope precisam atingir com a ponta de uma
10 lança as argolas penduradas em fios, perder as estribeiras
11 desclassificava automaticamente os cavaleiros do páreo. Já
12 nas corridas de cavalos sertanejas do Brasil, quem cometes-
13 se esse erro era zombado e tinha que pagar a bebida dos
14 companheiros como castigo.

Lívia Lombardo

Texto II

“Da pá virada” Era assim que se falava de uma pessoa desocupada

01 Atualmente, a expressão “da pá virada” pode ser usada
02 com vários significados bem diferentes. Ela serve, por exem-
03 plo, para qualificar uma criança travessa e inquieta. Também
04 se fala assim de pessoas de má índole, que são criadoras de
05 casos. Além disso, a frase ainda pode servir para elogiar indi-
06 víduos corajosos e competentes.

07 Em sua origem, porém, essa frase tinha um único signi-
08 ficado. Uma pá de pedreiro virada, voltada para o solo, é um
09 instrumento inútil, sem nenhuma serventia. Assim, a cons-
10 trução verbal era utilizada para designar indivíduos vadios,
11 sem ocupação, que não trabalhavam e, da mesma maneira
12 que uma pá virada, não serviam para nada. De acordo com
13 o historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), a expres-
14 são é brasileira, e provavelmente surgiu no século 19.

Lívia Lombardo

32. (UFMS) Considere a contribuição das expressões *Perder as estribeiras* e *Da pá virada* nas situações apresentadas a seguir.

I. A psicóloga alertou os professores para as dificuldades emocionais dos alunos. João, por exemplo, perde as estribeiras com facilidade.

II. Depois de tanto esperar que o gerente da loja resolvesse o problema, ela perdeu as estribeiras e fez um escândalo.

III. Depois daquele barraco todo, ela se convenceu de que as primas eram mesmo da pá virada.

Qual(is) dessas situações se enquadra(m) nos usos previstos nos textos?

- a) Apenas I.
- b) Apenas I e III.
- c) Apenas II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



Instrução: Leia o texto para responder à questão 33.

37 anos de “praia”

01 O que o paulistano faz quando não está no trabalho?
02 Segundo a última pesquisa do Datafolha, 69% deles afirmam
03 que vão ao *shopping*. O *shopping* é mesmo a “praia” do paulis-
04 tano. Não é à toa que a cidade concentra 16% dos *shoppings*
05 do país, mais de um milhão de metros quadrados de Área
06 Bruta Locável (ABL).

07 O setor não para de crescer. Há 37 anos foi fundado
08 o Iguatemi, primeiro *shopping center* do país. Desde então,
09 foi inaugurado mais de um *shopping* por ano. Por mais que
10 se fale em saturação, empreendedores sempre descobrem
11 oportunidades para lançar novos empreendimentos, quase
12 sempre bem-sucedidos, graças a um consumidor que tam-
13 bém, a despeito de crises e redução do poder aquisitivo,
14 sempre arruma oportunidade para visitar os “templos de
15 consumo, lazer, entretenimento e convivência”.

Revista Shopping Centers, março, 2004. (adaptado)

33. (UFSM) Considere as afirmações a respeito do conteúdo do texto.

I. As duas definições de *shopping* encontradas no texto utilizam apenas palavras com o seu significado literal.

II. A expressão “Por mais que” (l. 9) contribui para argumentar que a “saturação” (l. 10) não é impedimento suficiente para construção de novos *shoppings*.

III. A busca da segurança proporcionada pelos *shoppings* é a maior garantia do sucesso desses empreendimentos.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 2

» Tipologia textual

○ 1. (ENEM)

Caminhando contra o vento,
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bombas e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

VELOSO, C. Alegria, alegria. In: Caetano Veloso. São Paulo: Phillips, 1967 (fragmento).

É comum coexistirem sequências tipológicas em um mesmo gênero textual. Nesse fragmento, os tipos textuais que se destacam na organização temática são:

- a) descritivo e argumentativo, pois o enunciador detalha cada lugar por onde passa, argumentando contra a violência urbana.
- b) dissertativo e argumentativo, pois o enunciador apresenta seu ponto de vista sobre as notícias relativas à cidade.
- c) expositivo e injuntivo, pois o enunciador fala de seus estados físicos e psicológicos e interage com a mulher amada.
- d) narrativo e descritivo, pois o enunciador conta sobre suas andanças pelas ruas da cidade ao mesmo tempo que a descreve.
- e) narrativo e injuntivo, pois o enunciador ensina o interlocutor como andar pelas ruas da cidade contando sobre sua própria experiência.

○ 2. (ENEM)

Prima Julieta

Prima Julieta irradiava um fascínio singular. Era a feminilidade em pessoa. Quando a conheci, sendo ainda garoto e já sensível ao charme feminino, teria ela uns trinta ou trinta e dois anos de idade.

Apenas pelo seu andar percebia-se que era uma deusa, diz Virgílio de outra mulher. Prima Julieta caminhava em ritmo lento, agitando a cabeça para trás, remando os belos braços brancos. A cabeleira loura incluía reflexos metálicos. Ancas poderosas. Os olhos de um verde azulado borboleteavam. A voz rouca e ácida, em dois planos: voz de pessoa da alta sociedade.

MENDES, M. A idade do serrote. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros, está o modo como se organiza a própria composição textual, tendo-se em vista o objetivo de seu autor: narrar, descrever, argumentar, explicar, instruir. No trecho, reconhece-se uma sequência textual:



- a) explicativa, em que se expõem informações objetivas referentes à prima Julieta.
- b) instrucional, em que se ensina o comportamento feminino, inspirado em prima Julieta.
- c) narrativa, em que se contam fatos que, no decorrer do tempo, envolvem prima Julieta.
- d) descritiva, em que se constrói a imagem de prima Julieta a partir do que os sentidos do enunciador captam.
- e) argumentativa, em que se defende a opinião do enunciador sobre prima Julieta, buscando-se a adesão do leitor a essas ideias.

○ 3. (ENEM)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu advinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

USPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: A legião estrangeira. São Paulo: Ática, 1997.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a:

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciativa sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.



○ 4. (ENEM)

Cores do Brasil

Ganhou nova versão, revista e ampliada, o livro lançado em 1988 pelo galerista Jacques Ardies, cuja proposta é ser publicação informativa sobre nomes do "movimento arte *naif* do Brasil", como define o autor. Trata-se de um caminho estético fundamental na arte brasileira, assegura Ardies. O termo em francês foi adotado por designar internacionalmente a produção que no Brasil é chamada de arte popular ou primitivismo, esclarece Ardies. O organizador do livro explica que a obra não tem a pretensão de ser um dicionário. "Falta muita gente. São muitos artistas", observa. A nova edição veio da vontade de atualizar informações publicadas há 26 anos. Ela incluiu artistas em atividade atualmente e veteranos que ficaram de fora do primeiro livro. *A arte naif no Brasil 2* traz 79 autores de várias regiões do Brasil.

WALTER SEBASTIÃO. Estado de Minas, 17 jan. 2015 (adaptado).

O fragmento do texto jornalístico aborda o lançamento de um livro sobre arte *naif* no Brasil. Na organização desse trecho, predomina o uso da sequência:

- a) injuntiva, sugerida pelo destaque dado à fala do organizador do livro.
- b) argumentativa, caracterizada pelo uso de adjetivos sobre o livro.
- c) narrativa, construída pelo uso de discurso direto e indireto.
- d) descritiva, formada com base em dados editoriais da obra.
- e) expositiva, composta por informações sobre a arte *naif*.

○ 5. (ENEM)

Doutor dos sentimentos

Veja quem é e o que pensa o português Antônio Damásio, um dos maiores nomes da neurociência atual, sempre em busca de desvendar os mistérios do cérebro, das emoções e da consciência

Ele é baixo, usa óculos, tem cabelos brancos penteados para trás e costuma vestir terno e gravata. A surpresa vem quando começa a falar. Antônio Damásio não confirma em nada o clichê que se tem de cientista. Preocupado em ser o mais didático possível, tenta, pacientemente, com certa graça e até ironia, sempre que cabível, traduzir para os leigos estudos complexos sobre o cérebro. Português, Damásio é um dos principais expoentes da neurociência atual.

Diferentemente de outros neurocientistas, que acham que apenas a ciência tem respostas à compreensão da mente, Damásio considera que muitas ideias não provêm necessariamente daí. Para ele, um substrato imprescindível para entender a mente, a consciência, os sentimentos e as emoções advém da vida intuitiva, artística e intelectual. Fora dos meios científicos, o nome de Damásio começou a ser celebrado na década de 1990, quando lançou seu primeiro livro, uma obra que fala de emoção, razão e do cérebro humano.

TREFAUT. M. P. Disponível em: <http://revistaplaneta.terra.com.br>. Acesso em: 2 set. 2014 (adaptado).

Na organização do texto, a sequência que atende à função sociocomunicativa de apresentar objetivamente o cientista Antônio Damásio é a:

- a) descritiva, pois delinea um perfil do professor.
- b) injuntiva, pois faz um convite à leitura de sua obra.
- c) argumentativa, pois defende o seu comportamento incomum.
- d) narrativa, pois são contados fatos relevantes ocorridos em sua vida.
- e) expositiva, pois traz as impressões da autora a respeito de seu trabalho.

○ 6. (ENEM)



Disponível em: www.cbsp.com.br. Acesso em: 26 jul. 2010 (adaptado).

O anúncio publicitário está intimamente ligado ao ideário de consumo quando sua função é vender um produto. No texto apresentado, utilizam-se elementos linguísticos e extralinguísticos para divulgar a atração "Noites do Terror", de um parque de diversões. O entendimento da propaganda requer do leitor:

- a) a identificação com o público-alvo a que se destina o anúncio.
- b) a avaliação da imagem como uma sátira às atrações de terror.
- c) a atenção para a imagem da parte do corpo humano selecionada aleatoriamente.
- d) o reconhecimento do intertexto entre a publicidade e um dito popular.
- e) a percepção do sentido literal da expressão "noites do terror", equivalente à expressão "noites de terror".

○ 7. (ENEM)



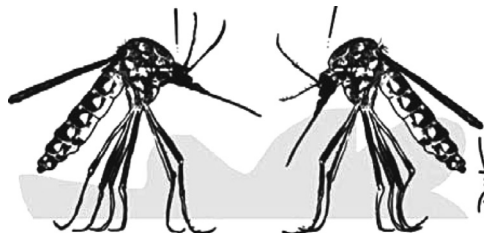
Se você tiver febre alta com dor de cabeça, dor atrás dos olhos, no corpo ou nas juntas, vá imediatamente a uma unidade de saúde.

WWW.COMBATADENGUE.COM.BR

Disponível em: portal.saude.gov.br. Acesso em: 03 set. 2010.

PIQUEI O LUCIANO HUCK, A GRAZI MASSAFERA E O DIEGO HIPÓLITO!

PEGOU AUTÓGRAFO???



Disponível em: www.dukechargista.com.br. Acesso em: 03 set. 2010.



Todo texto apresenta uma intenção, da qual derivam as escolhas linguísticas que o compõem. O texto da campanha publicitária e o da charge apresentam, respectivamente, composição textual pautada por uma estratégia:

- a) *expositiva*, porque informa determinado assunto de modo isento; e *interativa*, porque apresenta intercâmbio verbal entre dois personagens.
- b) *descritiva*, pois descreve ações necessárias ao combate à dengue; e *narrativa*, pois um dos personagens conta um fato, um acontecimento.
- c) *injuntiva*, uma vez que, por meio do cartaz, diz como se deve combater a dengue; e *dialogal*, porque estabelece uma interação oral.
- d) *narrativa*, visto que apresenta relato de ações a serem realizadas; e *descritiva*, pois um dos personagens descreve a ação realizada.
- e) *persuasiva*, com o propósito de convencer o interlocutor a combater a dengue; e *dialogal*, pois há a interação oral entre os personagens.

○ 8. (ENEM)

Blues da piedade

Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Pra essa gente careta e covarde
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Lhes dê grandeza e um pouco de coragem

CAZUZA. Cazuzá: o poeta não morreu. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000 (fragmento).

Todo gênero apresenta elementos constitutivos que condicionam seu uso em sociedade. A letra de canção identifica-se com o gênero ladainha, essencialmente, pela utilização da sequência textual:

- a) expositiva, por discorrer sobre um dado tema.
- b) narrativa, por apresentar uma cadeia de ações.
- c) injuntiva, por chamar o interlocutor à participação.
- d) descritiva, por enumerar características de um personagem.
- e) argumentativa, por incitar o leitor a uma tomada de atitude.

○ 9. (ENEM) O **hipertexto** permite – ou, de certo modo, em alguns casos, até mesmo exige – a participação de diversos autores na sua construção, a redefinição dos papéis de autor e leitor e a revisão dos modelos tradicionais de leitura e de escrita. Por seu enorme potencial para se estabelecerem conexões, ele facilita o desenvolvimento de trabalhos coletivamente, o estabelecimento da comunicação e a aquisição de informação de maneira cooperativa.

Embora haja quem identifique o hipertexto exclusivamente com os textos eletrônicos, produzidos em determinado tipo de meio ou de tecnologia, ele não deve ser limitado a isso, já que consiste numa forma organizacional que tanto pode ser concebida para o papel como para os ambientes digitais. É claro que o texto virtual permite concretizar certos aspectos que, no papel, são praticamente inviáveis: a conexão imediata, a comparação de trechos de textos na mesma tela, o “mergulho” nos diversos aprofundamentos de um tema, como se o texto tivesse camadas, dimensões ou planos.

RAMAL, A. C. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Art-med, 2002.

Considerando-se a linguagem específica de cada sistema de comunicação, como rádio, jornal, TV, internet, segundo o texto, a hipertextualidade configura-se como um(a):

- a) elemento originário dos textos eletrônicos.
- b) conexão imediata e reduzida ao texto digital.
- c) novo modo de leitura e de organização da escrita.
- d) estratégia de manutenção do papel do leitor com perfil definido.
- e) modelo de leitura baseado nas informações da superfície do texto.

○ 10. (ENEM) Diferentemente do texto escrito, que em geral compele os leitores a lerem numa onda linear – da esquerda para a direita e de cima para baixo, na página impressa – hipertextos encorajam os leitores a moverem-se de um bloco de texto a outro, rapidamente e não sequencialmente. Considerando que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir, podendo ainda o leitor incorporar seus caminhos e suas decisões como novos caminhos, inserindo informações novas, o leitor-navegador passa a ter um papel mais ativo e uma oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso. Dificilmente dois leitores de hipertextos farão os mesmos caminhos e tomarão as mesmas decisões.

MARCUSCHI, L. A. Cognição, linguagem e práticas interacionais. Rio: Lucerna, 2007.

No que diz respeito à relação entre o hipertexto e o conhecimento por ele produzido, o texto apresentado deixa claro que o hipertexto muda a noção tradicional de autoria, porque:

- a) é o leitor que constrói a versão final do texto.
- b) o autor detém o controle absoluto do que escreve.
- c) aclara os limites entre o leitor e o autor.
- d) propicia um evento textual-interativo em que apenas o autor é ativo.
- e) só o autor conhece o que eletronicamente se dispõe para o leitor.

○ 11. (ENEM)

Fora da ordem

Em 1588, o engenheiro militar italiano Agostinho Romelli publicou *Le Diverse et Artificiose Machine*, no qual descrevia uma máquina de ler livros. Montada para girar verticalmente, como uma roda de hamster, a invenção permitia que o leitor fosse de um texto ao outro sem se levantar de sua cadeira.

Hoje podemos alternar entre documentos com muito mais facilidade – um *clique no mouse* é suficiente para acessarmos imagens, textos, vídeos e sons instantaneamente. Para isso, usamos o computador, e principalmente a internet – tecnologias que não estavam disponíveis no Renascimento, época em que Romelli viveu.

BERCITTO, D. Revista Língua Portuguesa. Ano II. Nº 14.

O inventor italiano antecipou, no século XVI, um dos princípios definidores do hipertexto: a quebra de linearidade na leitura e a possibilidade de acesso ao texto conforme o interesse do leitor. Além de ser característica essencial da internet, do ponto de vista da produção do texto, a hipertextualidade se manifesta também em textos impressos, como:



- a) dicionários, pois a forma do texto dá liberdade de acesso à informação.
- b) documentários, pois o autor faz uma seleção dos fatos e das imagens.
- c) relatos pessoais, pois o narrador apresenta sua percepção dos fatos.
- d) editoriais, pois o editorialista faz uma abordagem detalhada dos fatos.
- e) romances românticos, pois os eventos ocorrem em diversos cenários.

○ 12. (ENEM) O hipertexto refere-se à escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim, o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente coautor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita. Assim, ao permitir vários níveis de tratamento de um tema, o hipertexto oferece a possibilidade de múltiplos graus de profundidade simultaneamente, já que não tem sequência definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados.

MARCUSCHI, L. A. Disponível em: <http://www.pucsp.br>. Acesso em: 29 jun. 2011.

O computador mudou nossa maneira de ler e de escrever, e o hipertexto pode ser considerado como um novo espaço de escrita e leitura. Definido como um conjunto de blocos autônomos de texto, apresentado em meio eletrônico computadorizado e no qual há remissões associando entre si diversos elementos, o hipertexto:

- a) é uma estratégia que, ao possibilitar caminhos totalmente abertos, desfavorece o leitor, ao confundir os conceitos cristalizados tradicionalmente.
- b) é uma forma artificial de produção da escrita, que, ao desviar o foco da leitura, pode ter como consequência o menosprezo pela escrita tradicional.
- c) exige do leitor um maior grau de conhecimentos prévios, por isso deve ser evitado pelos estudantes nas suas pesquisas escolares.
- d) facilita a pesquisa, pois proporciona uma informação específica, segura e verdadeira, em qualquer *site* de busca ou *blog* oferecidos na internet.
- e) possibilita ao leitor escolher seu próprio percurso de leitura, sem seguir sequência predeterminada, constituindo-se em atividade mais coletiva e colaborativa.

Anotações:

○ 13. (ENEM)



Luscar. Cartum.

Nesse cartum, o artista lança mão do recurso da intertextualidade para construir o texto. Esse recurso se constitui pela presença de informações que remetem a outros textos. O emprego desse recurso no cartum revela uma crítica:

- a) à qualidade da informação prestada pela mídia brasileira.
- b) aos altos níveis de violência no país veiculados pela mídia.
- c) à imparcialidade dos telejornais na veiculação de informações.
- d) à ausência de critérios para divulgação de notícias em telejornais.
- e) ao incentivo da mídia a atos violentos na sociedade.

○ 14. (ENEM)



Jornal Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na criação do texto, o chargista lotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de Guernica, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por lotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar:



- a) uma referência ao contexto, “trânsito no feriadão”, esclarecendo-se o referente tanto do texto de Lotti quanto da obra de Picasso.
- b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal “é”, evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.
- c) um termo pejorativo, “trânsito”, reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em Guernica quanto na charge.
- d) uma referência temporal, “sempre”, referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em Guernica quanto na charge.
- e) uma expressão polissêmica, “quadro dramático”, remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

15. (UFRGS)

01 Cena 1

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador resi-
03 dente em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro,
05 acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até
06 o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo
07 rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está total-
08 mente congestionada. A partir dessa informação e enquan-
09 to dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico
10 para escolher uma rota alternativa que o faça chegar
11 empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá consi-
13 derar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em
15 cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais
16 rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 Cena 2

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide pela
20 compra de um apartamento. São inúmeras opções de imó-
21 veis à venda. Para a escolha adequada do local de sua mo-
22 rada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
23 valor do apartamento, também outros critérios: variação do
24 preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até
25 a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o aparta-
26 mento e o local de emprego do casal, preferência por um
27 bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao
28 metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

29 Essas duas cenas urbanas descrevem situações co-
30 muns passam diariamente muitos dos cidadãos resi-
31 dentes em grandes cidades. As protagonistas têm em co-
32 mum a angústia de tomar uma decisão complexa, escolhida
33 dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográ-
34 fico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,
35 as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão
36 que seja mais conveniente, nossas protagonistas de-
37 verão realizar, primeiramente, uma análise geoespacial da
38 cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a
39 partir de um sistema cerebral composto de informações ge-
40 ográficas representadas internamente na forma de mapas
41 mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas
42 decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta
43 espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: “qual a me-
44 lhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local
45 de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na se-
46 gunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade

47 que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa
48 moradia?”

49 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, en-
50 quanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial
51 – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

52 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos
53 e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de
54 outras perguntas similares, em computador, respos-
55 tas dependem da organização espacial de informações geo-
56 gráficas em um determinado tempo. Dada a complexidade
57 dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram
58 transformadas em linguagem computacional e reunidas,
59 posteriormente, em um sistema de informação geográfica.
60 Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização da
61 análise geoespacial realizada em computadores, que atual-
62 mente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial : teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

O texto apresenta diferentes modos de organização em sua composição.

Na primeira coluna, abaixo, são listados modos de organiza-
ção do texto; na segunda, passagens que correspondem, predomi-
nantemente, a esses modos de organização.

Associe corretamente as colunas.

1. Modo descritivo
2. Modo explicativo
3. Modo narrativo

() Em uma madrugada chuvosa, [...] (l. 02).

() acorda, ao amanhecer, às cinco horas, toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até o trabalho (l. 03-06).

() uma das avenidas de sua habitual rota está totalmente congestionada (l. 07-08).

() A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial (l. 49-51).

() A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas similares, em computador, [...] (l. 52-54).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 3 - 3 - 1 - 1 - 2
- b) 1 - 3 - 1 - 2 - 2
- c) 3 - 3 - 1 - 1 - 3
- d) 1 - 2 - 3 - 2 - 3
- e) 1 - 3 - 3 - 1 - 2



○ 16. (UFRGS)

As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888, mais ou menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para a Europa, li, com grande interesse, todos os livros desse grande vidente da locomoção aérea e submarina.

Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de máquinas no desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu espanto quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo, da força de um cavalo, muito compacto, e leve, em comparação aos que eu conhecia, e... funcionando! Parei diante dele como que pregado pelo destino. Estava completamente fascinado. Meu pai, distraído, continuou a andar até que, depois de alguns passos, dando pela minha falta, voltou, perguntando-me o que havia. Contei-lhe a minha admiração de ver funcionar aquele motor, e ele me respondeu: "Por hoje basta". Aproveitando-me dessas palavras, pedi-lhe licença para fazer meus estudos em Paris. Continuamos o passeio, e meu pai, como distraído, não me respondeu. Nessa mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai anunciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar meus estudos. Nessa mesma noite corri vários livreiros; comprei todos os livros que encontrei sobre balões e viagens aéreas.

Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibilidade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a petróleo devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade de ser o primeiro a empregá-lo nos ares.

Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa minha, convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a um cartório de tabelião, mandou lavar escritura de minha emancipação. Tinha eu dezoito anos. De volta à casa, chamou-me ao escritório e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais este capital", e entregou-me títulos no valor de muitas centenas de contos. "Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um adulto; prefiro que não se faça doutor; em Paris, você procurará um especialista em física, química, mecânica, electricidade, etc., estude essas matérias e não esqueça que o futuro do mundo está na mecânica".

Adaptado de DUMONT, Santos. *O que eu vi, o que nós veremos*. Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de Marcos Villares.

Assinale a alternativa que está de acordo com os modos de organização da composição do texto.

- a) Predomina o caráter argumentativo, porque o autor quer provar ao leitor a importância da sua invenção.
- b) Há mistura de exposição com descrição, verificada pela presença de verbos no presente e no passado.
- c) Há mistura de narração com descrições, porque o autor relata ações passadas com caracterização de objetos.
- d) Há mistura de narração e diálogos, porque o autor movimentou-se entre o passado dos acontecimentos e o presente em que escreve.
- e) Predomina a exposição, porque o autor apresenta fatos que podem ser generalizados e universalizados para os leitores.

Instrução: A questão 17 está relacionada ao texto abaixo.

Texto 2

01 *Leia isto.* A depender da maneira como a frase acima
02 for falada, ela será entendida como um pedido, uma or-
03 dem ou uma sugestão. Suponha, por exemplo, que ela seja
04 falada por alguém que acabou de chegar do consultório
05 médico e não consegue decifrar o que está escrito na recei-
06 ta. Suponha agora que seja falada por um oftalmologista,
07 apontando para a primeira linha de um quadro de letras,
08 durante uma avaliação oftalmológica. Suponha ainda que
09 seja falada por um amigo, numa livraria, segurando o novo
10 livro de Daniel Galera. Agora suponha que a pessoa com
11 a receita quer, na verdade, ironizar porque sabe que nin-
12 guém vai entender os rabiscos do médico e que o amigo, fã
13 de Daniel Galera, denuncia com a sugestão o entusiasmo
14 pelo novo livro. Suponha, por fim, que o paciente exami-
15 nado comece a ler a segunda linha do quadro e seja inter-
16 rompido pelo oftalmologista, que aponta para a primeira
17 linha e fala: "Leia ISTO".

18 Como uma mesma combinação de sons consegue ex-
19 pressar sentidos diversos? Como vimos, a frase que inicia
20 este texto pode ser utilizada para realizar diferentes ações
21 (um pedido ou uma ordem, por exemplo), pode indicar
22 uma atitude (ironia, por exemplo) ou uma emoção (alegria,
23 entusiasmo, euforia etc.). Também é possível destacar
24 uma das palavras da frase, de maneira a indicar um con-
25 traste (no exemplo, o oftalmologista apontou para o que
26 estava escrito na primeira linha do quadro, em oposição
27 ao que estava escrito na segunda linha). A frase, escrita
28 como está, não consegue sozinha, sem a ajuda de um con-
29 texto, expressar nenhum desses sentidos. Quando falada,
30 sim. Mas que propriedades da fala são responsáveis pela
31 diversidade de sentidos que ela é capaz de expressar? Não
32 são certamente as propriedades de cada segmento sonoro
33 individual que formam, em combinação, as palavras. São
34 propriedades que não estão no nível do segmento, mas
35 num nível acima dele.

36 Uma frase como a de nosso exemplo pode ser enun-
37 ciada mais lenta ou mais rapidamente. Podemos sobrepor
38 uma duração diferenciada a um mesmo grupo de sons.
39 Também é possível falar a frase bem baixinho ou até mes-
40 mo gritá-la. É possível então regular a intensidade de enun-
41 ciação de um mesmo conjunto de sons. Por fim, também
42 podemos usar um tom mais grave (grosso) ou mais agudo
43 (fino) para falar uma mesma frase.

44 Por sua vez, a escrita tenta capturar a entonação de di-
45 versas maneiras. Assim, por exemplo, temos os sinais de
46 pontuação; eles servem para indicar se determinada frase
47 é uma pergunta ou uma afirmação e também para indicar
48 quando uma frase termina e outra começa ou quando ela
49 não terminou por completo e ainda há mais por dizer. Na
50 escrita, utilizamos marcas para explicitar que vamos iniciar
51 uma nova porção do discurso, utilizamos maiúsculas ou
52 itálicos para indicar ênfase e assim por diante. No entanto,
53 a escrita não consegue expressar muito do que é possível
54 com a entonação. Comumente temos de indicar expressa-
55 mente que estamos sendo irônicos ou gentis, por exemplo,
56 para evitar mal-entendidos na escrita, o que, mesmo de
57 maneira restrita, indica o modo como um texto deve ser
58 lido ou compreendido.

Adaptado de: OLIVEIRA JR., M. *O que é entonação?* In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. *O que sabemos sobre a linguagem?* São Paulo: Parábola, 2022.



○ 17. (UFRGS 2023) A temporalidade é uma das propriedades relacionadas à caracterização de um tipo textual. Considerando o presente como a temporalidade central do texto *O que é entonação?*, pode-se defini-lo como um texto predominantemente

- a) narrativo.
- b) expositivo-argumentativo.
- c) descritivo.
- d) narrativo-descritivo.
- e) descritivo-injuntivo.

○ 18. (UFRGS 2024)

Texto 1

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no rei-
02 no da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica de si-
04 nais gravados une as mentes das quais saíram sinais, e
05 outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir desígnios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pala-
12 vra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efeti-
13 va, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes na
14 ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para o
15 épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero res-
16 salta muito significativamente a figura do velho conselheiro
17 Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de palavras
18 sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta, entre to-
19 dos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulisses, que
20 nunca foi cantado como herói de combate renhido, mas que
21 foi o senhor das palavras astutas que construíram a *Odisseia*.

22 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
23 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
24 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
25 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!!

26 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
27 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentá-
28 culo da cultura, embora não ouse supor que as sociedades
29 ágrafas sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os tex-
30 tos de Homero, que então eram apenas cantados, não te-
31 nham sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exata-
32 mente por onde chegaram ao registro escrito.

33 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à lin-
34 guagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de que
35 hoje os versos de Homero nos chegam somente cravados em
36 folha de papel ou em tela de computador. Mas com certeza
37 o cronista, que não esqueceu a permanência do texto oral de
38 Homero, também não terá esquecido que, já há algum tem-
39 po, gravam-se falas, e que, portanto, a tecnologia humana
40 já soube dar registro permanente também à palavra falada.

41 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
42 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro
43 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
44 a “outro domínio”. A palavra falada povoa um domínio que,
45 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
46 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
47 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
48 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
49 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
50 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
51 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particular-

52 mente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
53 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

54 E chegamos à função da escola nesse mundo da mágica
55 da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o preço
56 de “roubar a palavra à sua vulgaridade democrática”, cabe
57 aos professores, que são aqueles é dado levar às gera-
58 ções a força da linguagem e a força da cultura reverter o pro-
59 cesso e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar a democrá-
60 tica palavra falada, sim, mas sua missão muito particular é
61 *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita) dos livros sem
62 tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. *A gramática do português revelada em textos*.
São Paulo: Editora da Unesp, 2018

Texto 2

01 Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estra-
02 nha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os
03 olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto
04 da nova casa em que estava morando e não conseguia me
05 lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta,
06 martelando, martelando... De que cor eram os olhos de mi-
07 nha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses,
08 posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensan-
09 do de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a prin-
10 cípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela
11 noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada
12 de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram
13 os olhos de minha mãe?

14 Sendo primeira de sete filhas, desde cedo, busquei
15 dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido,
16 passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de
17 minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio
18 nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer
19 em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele
20 momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não
21 recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo
22 muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários det-
23 talhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho
24 do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da ca-
25 beleira crespada e bela... Um dia, brincando de pentear bone-
26 ca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns
27 momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias,
28 se tornava uma grande boneca negra para as filhas, desco-
29 brimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela.
30 Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de
31 minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele
32 padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos
33 e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escor-
34 rerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

35 Eu me lembrava também de algumas histórias da infân-
36 cia de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido
37 no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem
38 grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a
39 brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. vezes, as
40 histórias da infância de minha mãe confundiam-se com
41 de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes,
42 quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era
43 como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado dese-
44 jo de alimento. E era justamente nos dias de parco ou ne-
45 nhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas
46 ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe
47 era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um
48 pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores
49 cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava
50 o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente
51 distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fa-
52 zíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão
53 e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta



54 dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de
55 uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que
56 cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela
57 época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair
58 a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

59 De vez em quando, no final da tarde, antes que a noi-
60 te tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da
61 porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens
62 no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; al-
63 gumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só
64 nuvens, algodão doce. Tudo tinha de ser muito rápido, antes
65 que a nuvem derretesse e com ela também se esvaecessem
66 os nossos sonhos. Mas, de que cor eram os olhos de minha
67 mãe?

Adaptado de: EVARISTO, C. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

Assinale a alternativa correta sobre a tipologia textual domi-
nante de cada um dos textos da prova.

- a) O texto 1 é predominantemente dissertativo, e o texto 2 é predominantemente narrativo.
- b) O texto 1 é predominantemente injuntivo, e o texto 2 é predominantemente narrativo.
- c) O texto 1 é predominantemente narrativo, e o texto 2 é predominantemente descritivo.
- d) O texto 1 é predominantemente dissertativo, e o texto 2 é predominantemente descritivo.
- e) O texto 1 é predominantemente narrativo, e o texto 2 é predominantemente expositivo.

19. (UFRGS)

01 me perguntam: quantas palavras uma pessoa
02 sabe? Essa é uma pergunta importante, principalmente
03 para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil para
04 quem planeja um curso de francês ou japonês ter uma es-
05 timativa de quantas palavras um nativo conhece; e quantas
06 os alunos precisam aprender para usar a língua com certa
07 facilidade. Essas informações seriam preciosas para quem
08 está preparando um manual que incluía, entre outras coi-
09 sas, um planejamento cuidadoso da introdução gradual de
10 vocabulário.

11 À parte isso, a pergunta tem seu interesse próprio. Uma
12 língua não é apenas composta de palavras: ela inclui tam-
13 bém regras gramaticais e um mundo de outros elementos
14 que também precisam ser dominados. Mas as palavras são
15 particularmente numerosas, e é notável como qualquer
16 pessoa, instruída ou não, acesso a esse acervo imenso
17 de informação com facilidade e rapidez. Assim, perguntar
18 quantas palavras uma pessoa sabe é parte do problema ge-
19 ral de o que é que uma pessoa tem em sua mente e que
20 permite usar a língua, falando e entendendo.

21 Antes de mais nada, porém, o que é uma palavra? Ora,
22 alguém vai dizer, "todo mundo sabe o que é uma palavra".
23 Mas não é bem assim. Considere a palavra olho. É muito
24 claro que isso aí é uma palavra – mas será que olhos é a
25 mesma palavra (só que no plural)? Ou será outra palavra?

26 Bom, há razões para responder das duas maneiras: é a
27 mesma palavra, porque significa a mesma coisa (mas com
28 a ideia de plural); e é outra palavra, porque se pronuncia
29 diferentemente (olhos tem um "s" final que olho não tem,
30 além da diferença de timbre das vogais tônicas). Entretanto,
31 a razão principal por que julgamos que olho e olhos sejam a
32 mesma palavra é que a relação entre elas é extremamente

33 regular; ou seja, vale não apenas para esse par, mas para
34 milhares de outros pares de elementos da língua: olho/
35 olhos, orelha/orelhas, gato/gatos, etc. E, semanticamente, a
36 relação é a mesma em todos os pares: a forma sem "s" de-
37 nota um objeto só, a forma com "s" denota mais de um obje-
38 to. Daí se tira uma consequência importante: não é preciso
39 aprender e guardar permanentemente na memória cada
40 caso individual; aprendemos uma regra geral ("faz-se o plu-
41 ral acrescentando um "s" ao singular"), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. Semântica lexical. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

I. Os usos pronominais e verbais ora na primeira pessoa do sin-
gular, ora na primeira pessoa do plural, ora na terceira pessoa
devem-se ao caráter científico do texto.

II. Expressões como **Bom** (l. 26) e **Daí** (l. 38) revelam um uso colo-
quial da língua relacionado ao fato de o texto ter sido publicado
em revista, e não em livro.

III. A predominância de verbos no presente do indicativo, no tex-
to, é reveladora de seu caráter expositivo-argumentativo.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

20. (UFSM)

A Lenda da Mandioca (lenda dos índios Tupi)

01 Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis es-
02 pantaram-se:

03 – Como é branquinha esta criança!

04 E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, pare-
05 cia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era lin-
06 da, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais
07 preocupavam-se.

08 – Vá brincar, Mani, dizia o pai.

09 – Coma um pouco mais, dizia a mãe.

10 Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na
11 cabecinha. Mani parecia esconder um mistério. Uma bela
12 manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu
13 ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha
14 Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede,
15 Mani sorria, sem doença e sem dor.

16 E sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro
17 da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era
18 costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de
19 saudade. Um dia perceberam que do túmulo de Mani rom-
20 pia uma plantinha verde e viçosa.

21 – Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Nin-
22 guém a conhecia.

23 – É melhor deixá-la crescer, resolveramos índios.

24 E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta des-
25 conhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram, e ela
26 estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se
27 rachar em torno.

28 – A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.



29 – Vamos cavar?
 30 E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, vi-
 31 ram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curu-
 32 mins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casqui-
 33 nha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de
 34 Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!
 35 – Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.
 36 – E, para não deixar que se perca, vamos transformar a
 37 planta em alimento!
 38 Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no chão,
 39 fizeram a primeira plantação de mandioca. Até hoje entre
 40 os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento
 41 muito importante.
 42 E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha misterio-
 43 sa que surgiu na casa de Mani?

Assinale V na(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

- () O texto se estrutura em estágios típicos da narrativa, dentre os quais está a complicação, iniciada no momento em que Mani não se levantou da rede.
 () No estágio de orientação da narrativa, a personagem principal é representada por meio de um nome próprio e adjetivos que descrevem sua aparência, como “linda” (l.1) e “branquinha” (l.3), e seu comportamento, como “silenciosa” (l.6) e “quieta” (l.6).
 () Palavras como “brotinho” (l.24) e “branquinha” (l.33) contribuem para estabelecer semelhanças entre a planta então desconhecida e Mani, ao mesmo tempo em que o emprego dos sufixos indicadores de diminutivo corroboram a representação de delicadeza e sensibilidade.
 () Ao nomearem a nova planta de “Mani-oca” (l.35), os índios utilizaram o processo de formação de palavras por derivação prefixal.

A sequência correta é

- a) V – F – F – F.
 b) V – V – V – F.
 c) F – V – V – V.
 d) V – F – F – V.
 e) F – F – V – F.

○ 21. (UFSM)

A *Carta de Pero Vaz de Caminha* é o primeiro relato sobre a terra que viria a ser chamada de Brasil. Ali, percebe-se não apenas a curiosidade do europeu pelo nativo, mas também seu passo diante da exuberância da natureza da nova terra, que, hoje em dia, já se encontra degradada em muitos dos locais avistados por Caminha.

Tendo isso em vista, leia o fragmento a seguir.

“Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d’olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

As águas são muitas e infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.”

CASTRO, Sílvio (org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 115-6.

Esse fragmento apresenta-se como um texto:

- a) descritivo, uma vez que Caminha ocupa-se em dar um retrato objetivo da terra descoberta, abordando suas características físicas e potencialidades de exploração.
 b) narrativo, pois a “Carta” é, basicamente, uma narração da viagem de Pedro Álvares Cabral e sua frota até o Brasil, relatando, numa sucessão de eventos, tudo o que ocorreu desde a chegada dos portugueses até sua partida.
 c) argumentativo, pois Caminha está preocupado em apresentar elementos que justifiquem a exploração da terra descoberta, os quais se pautam pela confiabilidade e abrangência de suas observações.
 d) lírico, uma vez que a apresentação hiperbólica da terra por Caminha mostra a subjetividade de seu relato, carregado de emotividade, o que confere à “Carta” seu caráter especificamente literário.
 e) narrativo-argumentativo, pois a apresentação sequencial dos elementos físicos da terra descoberta serve para dar suporte à ideia defendida por Caminha de exploração do novo território.

○ 22. (UFSM)

Em textos instrucionais, é frequente o emprego de comandos ao leitor e de declarações que os justificam. Observe esse princípio nos excertos de um texto sobre as utilidades do sal de cozinha no ambiente doméstico (coluna da direita) e associe-os aos significados correspondentes (coluna da esquerda).

- | | |
|----------------|---|
| (1) Comando | () O sal afasta alguns insetos que podem sofrer desidratação ao entrarem em contato com ele. |
| (2) Declaração | () Prepare uma solução de sal com água e borrife nos cantos da casa. |
| | () No cano da pia da cozinha, jogue um pouco de água bem salgada. |
| | () Com esse procedimento, são evitados entupimentos causados pelo acúmulo de gordura. |
| | () No interior dos sapatos, coloque um pouco de sal. |
| | () Eliminam-se a umidade e o mau cheiro. |

A sequência correta é

- a) 2 - 2 - 1 - 1 - 2 - 2.
 b) 1 - 2 - 2 - 1 - 2 - 1.
 c) 2 - 1 - 2 - 1 - 2 - 1.
 d) 1 - 2 - 1 - 2 - 1 - 2.
 e) 2 - 1 - 1 - 2 - 1 - 2.



Instrução: Para responder à questão 23, leia o excerto e a imagem a seguir.

“Os desenhos de Vilmar Rossi Júnior viralizaram na internet. Em um deles, o designer adaptou uma cena simbólica do filme da Disney para retratar um jaguar, um cateto e uma ariranha atravessando um incêndio. A cena faz referência ao momento em que Simba passeia pela floresta com Timão e Pumba.”



Fonte: CHAPOLA, R. Publicado em: 23 ago. 2019. *Veja*. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/queimadas-amazoniao-rei-leaos/>>. Acesso em: 16 out. 2023. (Adaptado)

○ 23. (UFSM 2024) O trecho e a imagem em destaque revelam que o processo de criação artística de Vilmar Rosse Júnior é um(a)

- a) releitura satírica que estabelece uma relação intertextual com a animação O Rei Leão.
- b) trabalho artístico que estabelece relação intertextual com a animação O Rei Leão e interdiscursiva com o contexto sócio-histórico brasileiro.
- c) releitura cômica em que o ilustrador ironiza e critica a animação O Rei Leão e o contexto norte-americano onde foi produzida.
- d) imitação proposital de O Rei Leão com o objetivo de prestar uma homenagem à fauna africana.
- e) trabalho artístico que se pretende inédito, sem manifestação de inter-relação com outras obras.

HABILIDADES À PROVA 3

» Gêneros textuais

○ 1. (ENEM) A última edição deste periódico apresenta mais uma vez tema relacionado ao tratamento dado ao lixo caseiro, aquele que produzimos no dia a dia. A informação agora passa pelo problema do material jogado na estrada vicinal que liga o município de Rio Claro ao distrito de Ajapi. Infelizmente, no local em questão, a reportagem encontrou mais uma forma errada de destinação do lixo: material atirado ao lado da pista como se isso fosse o ideal. Muitos moradores, por exemplo, retiram o lixo de suas residências e, em vez de um destino correto, procuram dispensá-lo em outras regiões. Uma situação no mínimo incômoda. Se você sai de casa para jogar o lixo em outra localidade, por que não o fazer no local ideal? É muita falta de educação achar que aquilo que não é correto para sua região possa ser para outra. A reciclagem do lixo doméstico é um passo inteligente e de consciência. Olha o exemplo que passamos aos mais jovens! Quem aprende errado coloca em prática o errado. Um perigo!

Disponível em: <http://jornaldacidade.uol.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2012 (adaptado).

Esse editorial faz uma leitura diferenciada de uma notícia veiculada no jornal. Tal diferença traz à tona uma das funções sociais desse gênero textual, que é:

- a) apresentar fatos que tenham sido noticiados pelo próprio veículo.
- b) chamar a atenção do leitor para temas raramente abordados no jornal.
- c) provocar a indignação dos cidadãos por força dos argumentos apresentados.
- d) interpretar criticamente fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública.
- e) trabalhar uma informação previamente apresentada com base no ponto de vista do autor da notícia.

○ 2. (ENEM)

Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)

*Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas "América do Sul". A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.*

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas "América do Sul". A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

XIMENES, M. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 1 ago. 2012.

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a):

- a) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- b) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- c) questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- d) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- e) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

○ 3. (ENEM)

Um gramático contra a gramática

O gramático Celso Pedro Luft era formado em Letras Clássicas e Vernácula pela PUCRS e fez curso de especialização em Portugal. Foi professor na UFRGS e na Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras. Suas obras mais relevantes são: *Gramática resumida, Moderna gramática brasileira, Dicionário gramatical da língua portuguesa, Novo manual de português, Minidicionário Luft, Língua e liberdade* e *O romance das palavras*. Na obra *Língua e liberdade*, Luft traz um conjunto de ideias que subverte a ordem estabelecida no ensino da língua materna, por combater, de forma veemente, o ensino da gramática em sala de aula. Nos seis pequenos capítulos que integram a obra, o gramático bate, intencionalmente, sempre na mesma tecla – uma variação sobre o mesmo tema: a maneira tradicional e errada de ensinar a língua materna.

SCARTON, G. Disponível em: www.portugues.com.br. Acesso em: 26 out. 2011 (fragmento).

Reconhecer os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade constitui-se uma característica fundamental do leitor competente. A análise das características presentes no fragmento de *Um gramático contra a gramática*, de Gilberto Scarton, revela que o texto em questão pertence ao seguinte gênero textual:

- a) Artigo científico, uma vez que o fragmento contém título, nome completo do autor, além de ter sido redigido em uma linguagem clara e objetiva.
- b) Relatório, pois o fragmento em questão apresenta informações sobre o autor, bem como descreve com detalhes o conteúdo da obra original.
- c) Resenha, porque além de apresentar características estruturais da obra original, o texto traz ainda o posicionamento crítico do autor do fragmento.
- d) Texto publicitário, pois o fragmento apresenta dados essenciais para a promoção da obra original, como informações sobre o autor e o conteúdo.
- e) Resumo, visto que, no fragmento, encontram-se informações detalhadas sobre o currículo do autor e sobre o conteúdo da obra original.

Anotações:



○ 4. (ENEM) Como os gêneros são históricos e muitas vezes estão ligados às tecnologias, eles permitem que surjam novidades nesse campo, mas são novidades com algum gosto do conhecido. Observem-se as respectivas tecnologias e alguns de seus gêneros: *telegrama*; *telefonema*; *entrevista televisiva*; *entrevista radiofônica*; *roteiro cinematográfico* e muitos outros que foram surgindo com tecnologias específicas. Nesse sentido, é claro que a tecnologia da computação, por oferecer uma nova perspectiva de uso da escrita num meio eletrônico muito maleável, traz mais possibilidades de inovação.

MARCUSCHI, L. A. Disponível em: www.progesp.ufba.br. Acesso em: 23 jul. 2012 (fragmento).

O avanço das tecnologias de comunicação e informação fez, nas últimas décadas, com que surgissem novos gêneros textuais. Esses novos gêneros, contudo, não são totalmente originais, pois eles inovam em alguns pontos, mas remetem a outros gêneros textuais preexistentes, como ocorre no seguinte caso:

- O gênero *e-mail* mantém características dos gêneros *carta* e *bilhete*.
- O gênero *aula virtual* mantém características do gênero *reunião de grupo*.
- O gênero *bate-papo virtual* mantém características do gênero *conferência*.
- O gênero *videoconferência* mantém características do gênero *aula presencial*.
- O gênero *lista de discussão* mantém características do gênero *palestra*.

○ 5. (ENEM)



Caras, nº 34, ago. 2011.

Tendo em vista seus elementos constitutivos e o meio de divulgação, esse texto identifica-se como:

- verbete enciclopédico, pois contém a definição de um item lexical.
- cartaz, pois instrui sobre a localização de um ambiente que oferece atrações turísticas.
- cartão-postal, pois a imagem mostra ao destinatário o local onde se encontra o remetente.
- anúncio publicitário, pois busca persuadir o público-alvo a visitar um determinado local.
- fotografia, pois retrata uma paisagem urbana de grande impacto.

○ 6. (ENEM)



CURY, C. Disponível em: tirasnacionais.blogspot.com. Acesso em: 13 nov. 2011.

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude:

- crítica, expressa pelas ironias.
- resignada, expressa pelas enumerações.
- indignada, expressa pelos discursos diretos.
- agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- alienada, expressa pela negação da realidade.

○ 7. (ENEM)

**Receitas de vida por um mundo mais doce
Pé de moleque**

Ingredientes

- 2 filhos que não param quietos
- 3 sobrinhos da mesma espécie
- 1 cachorro que adora uma farra
- 1 fim de semana ao ar livre

Preparo

Junte tudo com os ingredientes do Açúcar Naturele, mexa bem e deixe descansar. Não as crianças, que não vai adiantar. Sirva imediatamente, porque pé de moleque não para. Quer essa e outras receitas completas?

Entre no *site* cianaturale.com.br.

Onde tem doce, tem Naturele.

Revista Saúde, nº 351, jun. 2012 (adaptado).

O texto é resultante do hibridismo de dois gêneros textuais. A respeito desse hibridismo, observa-se que a:

- receita mistura-se ao gênero propaganda com a finalidade de instruir o leitor.
- receita é utilizada no gênero propaganda a fim de divulgar exemplos de vida.
- propaganda assume a forma do gênero receita para divulgar um produto alimentício.
- propaganda perde poder de persuasão ao assumir a forma do gênero receita.
- receita está a serviço do gênero propaganda ao solicitar que o leitor faça o doce.



○ 8. (ENEM)

O que é possível dizer em 140 caracteres?

Sucesso do Twitter no Brasil é oportunidade única de compreender a importância da concisão nos gêneros de escrita

A máxima “menos é mais” nunca fez tanto sentido como no caso do *microblog Twitter*, cuja premissa é dizer algo – não importa o quê – em 140 caracteres. Desde que o serviço foi criado, em 2006, o número de usuários da ferramenta é cada vez maior, assim como a diversidade de usos que se faz dela. Do estilo “querido diário” à literatura concisa, passando por aforismos, citações, jornalismo, fofoca, humor etc., tudo ganha o espaço de um *tweet* (“pio” em inglês) e entender seu sucesso pode indicar um caminho para o aprimoramento de um recurso vital à escrita: a concisão.

Disponível em: revistalingua.uol.com.br. Acesso em: 28 abr. 2010 (adaptado).

O *Twitter* se presta a diversas finalidades, entre elas, à comunicação concisa, por isso essa rede social:

- a) é um recurso elitizado, cujo público precisa dominar a língua padrão.
- b) constitui recurso próprio para a aquisição da modalidade escrita da língua.
- c) é restrita à divulgação de textos curtos e pouco significativos e, portanto, é pouco útil.
- d) interfere negativamente no processo de escrita e acaba por revelar uma cultura pouco reflexiva.
- e) estimula a produção de frases com clareza e objetividade, fatores que potencializam a comunicação interativa.

○ 9. (ENEM)

Concurso de microcontos no Twitter

A nona edição do Simpósio Internacional de Contadores de História promove concurso de microcontos baseado no Twitter. Os interessados devem ter uma conta no *Twitter*, seguir o *@simposioconta* e escrever um microconto de gênero suspense, com tema livre. O conto deve seguir as regras do *Twitter*: apenas 140 caracteres.

ELINA, R. Disponível em: www.consuladosocial.com.br. Acesso em: 28 jul. 2010.

Na atualidade, o texto traz uma proposta de utilização do *Twitter* como ferramenta que proporciona uma construção rápida, sintética e definida pelo gênero suspense. Isso demonstra que essa rede social pode ser uma forma de inovação tecnológica que:

- a) define uma dinâmica diferente de construção de texto, condensando as ideias principais sem perder a criatividade.
- b) conceitua uma nova vertente de texto, na qual a rapidez supera o enredo e as outras características do texto.
- c) considera que a utilização da escrita com caneta e papel seja primitiva para os dias atuais.
- d) caracteriza um texto de tema livre, no qual o número de caracteres importa mais que a criatividade do autor.
- e) propõe um novo traço à escrita, pois garante a eficiência dos processos de comunicação.

○ 10. (ENEM)

Uma tuitertura?

As novidades sobre o *Twitter* já não cabem em 140 toques. Informações vindas dos EUA dão conta de que a marca de 100 milhões de adeptos acaba de ser alcançada e que a biblioteca do Congresso, um dos principais templos da palavra impressa, vai guardar em seu arquivo todos os *tweets*, ou seja, as mensagens do *microblog*. No Brasil o fenômeno não chega a tanto, mas já somos o segundo país com o maior número de tuiteiros. Também aqui o *Twitter* está sendo aceito em territórios antes exclusivos do papel. A própria Academia Brasileira de Letras abriu um concurso de microcontos para textos com apenas 140 caracteres. Também se fala das possibilidades literárias desse meio que se caracteriza pela concisão. Já há até um neologismo, “tuitertura”, para indicar os “enunciados telegráficos com criações originais, citações ou resumos de obras impressas”. Por ora, pergunto como se estivesse tuitando: querer fazer literatura com palavras de menos não é pretensão demais?

VENTURA, Z. O Globo, 17 abr. 2010 (adaptado).

As novas tecnologias estão presentes na sociedade moderna, transformando a comunicação por meio de inovadoras linguagens. O texto de Zuenir Ventura mostra que o *Twitter* tem sido acessado por um número cada vez maior de internautas e já se insere até na literatura. Nesse contexto de inovações linguísticas, a linguagem do *Twitter* apresenta como característica relevante:

- a) a concisão relativa ao texto ao adotar como regra o uso de uma quantidade predefinida de toques.
- b) a frequência de neologismos criados com a finalidade de tornar a mensagem mais popular.
- c) o uso de expressões exclusivas da nova forma literária para substituir palavras usuais do português.
- d) o emprego de palavras pouco usuais no dia a dia para reafirmar a originalidade e o espírito crítico dos usuários desse tipo de rede social.
- e) o uso de palavras e expressões próprias da mídia eletrônica para restringir a participação de usuários.

○ 11. (ENEM) Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de chat da internet? O próprio nome que designa esses espaços no meio virtual elucidada que os leitores-escritores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um *software* específico. A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronicidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito”, numa “conversação com expressão gráfica”. A interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno chat também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser compartilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva.

BERNARDES, A. S.; VIEIRA, P. M. T. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em: 14 ago. 2012.



No texto, descreve-se o *chat* como um tipo de conversação “tela a tela” por meio do computador e enfatiza-se a necessidade de domínio de diversas habilidades. Uma característica desse tipo de interação é a:

- a) coordenação de ações, ou atitudes, que reflitam modelos de conversação tradicionais.
- b) presença obrigatória de elementos iconográficos que reproduzam características do texto falado.
- c) inserção sequencial de elementos discursivos que sejam similares aos de uma conversa telefônica.
- d) produção de uma conversa que articula elementos das modalidades oral e escrita da língua.
- e) agilidade na alternância de temas e de turnos conversacionais.

○ 12. (ENEM) Estamos em plena “Idade Mídia” desde os anos de 1990, plugados durante muitas horas semanais (jovens entre 13 e 24 anos passam 3h30 diárias na Internet, garante pesquisa Studio Ideias para o núcleo Jovem da Editora Abril), substituímos as cartas pelos *e-mails*, os diários íntimos pelos *blogs*, os telegramas pelo *Twitter*, a enciclopédia pela *Wikipédia*, o álbum de fotos pelo *Flickr*. O *YouTube* é mais atraente do que a TV.

PERISSÉ, G. A escrita na Internet. Especial Sala de Aula. São Paulo, 2010 (fragmento).

Cada sistema de comunicação tem suas especificidades. No ciberespaço, os textos virtuais são produzidos combinando-se características de gêneros tradicionais. Essa combinação representa:

- a) na redação do *e-mail*, o abandono da formalidade e do rigor gramatical.
- b) no uso do *Twitter*, a presença da concisão, que aproxima os textos às manchetes jornalísticas.
- c) na produção de um *blog*, a perda da privacidade, pois o *blog* se identifica como diário íntimo.
- d) no uso do *Twitter*, a falta de coerência nas mensagens ali veiculadas, provocada pela economia de palavras.
- e) na produção de textos em geral, a soberania da autoria colaborativa no ciberespaço.

○ 13. (ENEM) *Blog* é concebido como um espaço onde o blogueiro é livre para expressar e discutir o que quiser na atividade da sua escrita, com a escolha de imagens e sons que compõem o todo do texto veiculado pela internet, por meio dos *posts*. Assim, essa ferramenta deixa de ter como única função a exposição de vida e/ou rotina de alguém – como em um diário pessoal –, função para qual serviu inicialmente e que o popularizou, permitindo também que seja um espaço para a discussão de ideias, trocas e divulgação de informações. A produção dos *blogs* requer uma relação de troca, que acaba unindo pessoas em torno de um ponto de interesse comum. A força dos *blogs* está em possibilitar que qualquer pessoa, sem nenhum conhecimento técnico, publique suas ideias e opiniões na *web* e que milhões de outras pessoas publiquem comentários sobre o que foi escrito, criando um grande debate aberto a todos.

LOPES, B. O. A linguagem dos blogs e as redes sociais. Disponível em: www.fateczl.edu.br. Acesso em: 29 abr. 2013 (adaptado).

De acordo com o texto, o *blog* ultrapassou sua função inicial e vem se destacando como:

- a) estratégia para estimular relações de amizade.
- b) espaço para exposição de opiniões e circulação de ideias.
- c) gênero discursivo substituto dos tradicionais diários pessoais.
- d) ferramenta para aperfeiçoamento da comunicação virtual escrita.
- e) recurso para incentivar a ajuda mútua e a divulgação da rotina diária.

○ 14. (ENEM)

ABL lança novo concurso cultural: “Conte o conto sem aumentar um ponto”

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou, no dia do seu aniversário de 113 anos, um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumentar um ponto”, baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumentar um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras.

Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em: 18 out. 2015 (adaptado).

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo/suporte para um concurso literário por causa do(a):

- a) limite predeterminado de extensão do texto.
- b) interesse pela participação de jovens.
- c) atualidade do enredo proposto.
- d) fidelidade a fatos cotidianos.
- e) dinâmica da sequência narrativa.

○ 15. (ENEM) As redes sociais de relacionamento ganham força a cada dia. Uma das ferramentas que tem contribuído significativamente para que isso ocorra é o surgimento e a consolidação da blogosfera, nome dado ao conjunto de *blogs* e blogueiros que circulam pela Internet. Um *blog* é um *site* com acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *on-line*. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da *web* e mídias relacionadas a seu tema. A possibilidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante dos *blogs*.

O que foi visto com certa desconfiança pelos meios de comunicação virou até referência para sugestões de reportagem. A linguagem utilizada pelos blogueiros, autores e leitores de *blogs*, foge da rigidez praticada nos meios de comunicação e deixa o leitor mais próximo do assunto, além de facilitar o diálogo constante entre eles.

Disponível em: pt.wikipedia.org. Acesso em: 21 maio 2010 (adaptado).



As redes sociais compõem uma categoria de organização social em que grupos de indivíduos utilizam a Internet com objetivos comuns de comunicação e relacionamento. Nesse contexto, os chamados blogueiros:

- promovem discussões sobre diversos assuntos, expondo seus pontos de vista particulares e incentivando a troca de opiniões e a consolidação de grupos de interesse.
- contribuem para o analfabetismo digital dos leitores de *blog*, uma vez que não se preocupam com os usos padronizados da língua.
- interferem nas rotinas de encontros e comemorações de determinados segmentos, porque supervalorizam o contato a distância.
- definem previamente seus seguidores, de modo a evitar que pessoas que não compactuam com as mesmas opiniões interfiram no desenvolvimento de determinados assuntos.
- utilizam os *blogs* para exposição de mensagens particulares, sem se preocuparem em responder aos comentários recebidos, e abdicam do uso de outras ferramentas virtuais, como o correio eletrônico.

16. (ENEM)

O *Chat* e sua linguagem virtual

O significado da palavra *chat* vem do inglês e quer dizer “conversa”. Essa conversa acontece em tempo real, e, para isso, é necessário que duas ou mais pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo, o que chamamos de comunicação síncrona. São muitos os *sites* que oferecem a opção de bate-papo na internet, basta escolher a sala que deseja “entrar”, identificar-se e iniciar a conversa. Geralmente, as salas são divididas por assuntos, como educação, cinema, esporte, música, sexo, entre outros. Para entrar, é necessário escolher um *nick*, uma espécie de apelido que identificará o participante durante a conversa. Algumas salas restringem a idade, mas não existe nenhum controle para verificar se a idade informada é realmente a idade de quem está acessando, facilitando que crianças e adolescentes acessem salas com conteúdos inadequados para sua faixa etária.

AMARAL, S. F. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, E. T. (Coord.). A leitura nos oceanos da internet. São Paulo: Cortez, 2003 (adaptado).

Segundo o texto, o *chat* proporciona a ocorrência de diálogos instantâneos com linguagem específica, uma vez que, nesses ambientes interativos, faz-se uso de protocolos diferenciados de interação. O *chat*, nessa perspectiva, cria uma nova forma de comunicação porque:

- possibilita que ocorra diálogo sem a exposição da identidade real dos indivíduos, que podem recorrer a apelidos fictícios sem comprometer o fluxo da comunicação em tempo real.
- disponibiliza salas de bate-papo sobre diferentes assuntos com pessoas pré-selecionadas por meio de um sistema de busca monitorado e atualizado por autoridades no assunto.
- seleciona previamente conteúdos adequados à faixa etária dos usuários que serão distribuídos nas faixas de idade organizadas pelo *site* que disponibiliza a ferramenta.
- garante a gravação das conversas, o que possibilita que um diálogo permaneça aberto, independente da disposição de cada participante.
- limita a quantidade de participantes conectados nas salas de bate-papo, a fim de garantir a qualidade e a eficiência dos diálogos, evitando mal-entendidos.

17. (ENEM)

Posso mandar por *e-mail*?

Atualmente, é comum “disparar” currículos na internet com a expectativa de alcançar o maior número possível de selecionadores. Essa, no entanto, é uma ideia equivocada: é preciso saber quem vai receber seu currículo e se a vaga é realmente indicada para seu perfil, sob o risco de estar “queimando o filme” com um futuro empregador. Ao enviar o currículo por *e-mail*, tente saber quem vai recebê-lo e faça um texto sucinto de apresentação, com a sugestão a seguir:

Assunto: Currículo para a vaga de gerente de *marketing*

Mensagem: Boa tarde. Meu nome é José da Silva e gostaria de me candidatar à vaga de gerente de *marketing*. Meu currículo segue anexo.

Guia da língua 2010: modelos e técnicas. Língua Portuguesa, 2010 (adaptado).

O texto integra um guia de modelos e técnicas de elaboração de textos e cumpre a função social de:

- divulgar um padrão oficial de redação e envio de currículos.
- indicar um modelo de currículo para pleitear uma vaga de emprego.
- instruir o leitor sobre como ser eficiente no envio de currículo por *e-mail*.
- responder a uma pergunta de um assinante da revista sobre o envio de currículo por *e-mail*.
- orientar o leitor sobre como alcançar o maior número possível de selecionadores de currículos.

18. (ENEM)

Texto I

Sob o olhar do *Twitter*

Vivemos a era da exposição e do compartilhamento. Público e privado começam a se confundir. A ideia de privacidade vai mudar ou desaparecer.

O trecho acima tem 140 caracteres exatos. É uma mensagem curta que tenta encapsular uma ideia complexa. Não é fácil esse tipo de síntese, mas dezenas de milhões de pessoas o praticam diariamente. No mundo todo, são disparados 2,4 trilhões de SMS por mês, e neles cabem 140 toques, ou pouco mais. Também é comum enviar *e-mails*, deixar recados no *Orkut*, falar com as pessoas pelo MSN, tagarelar no celular, receber chamados em qualquer parte, a qualquer hora. Estamos conectados. Superconectados, na verdade, de várias formas.

[...] O mais recente exemplo de demanda por total conexão e de uma nova sintaxe social é o *Twitter*, o novo serviço de troca de mensagens pela internet. O *Twitter* pode ser entendido como uma mistura de *blog* e celular. As mensagens são de 140 toques, como os torpedos dos celulares, mas circulam pela internet, como os textos de blogs. Em vez de seguir para apenas uma pessoa, como no celular ou no MSN, a mensagem do *Twitter* vai para todos os “seguidores” – gente que acompanha o emissor. Podem ser 30, 300 ou 409 mil seguidores.

MARTINS, I.; LEAL, R. Época. 16 mar. 2009 (fragmento adaptado).



Texto II

DICAS para usar melhor o *Twitter*

Coloque-se no lugar de seu leitor: você gostaria de saber que alguém está comendo um lanche?

Cuidado com o que você vai publicar: você quer mesmo que todo mundo saiba detalhes de sua vida afetiva ou sexual?

Encontre uma velocidade ideal de mensagens: se forem poucas, ninguém vai segui-lo; se forem muitas, as pessoas vão deixar você de lado.

Use a busca para encontrar pessoas e assuntos que lhe interessam. Se quiser seguir os resultados da busca, cadastre-a em seu leitor de RSS.

Aprecie com moderação: o *Twitter* pode dispersá-lo. Se estiver concentrado, deixe-o fechado. Dose o tempo que você gasta com ele.

Se a conversa começar a ficar longa, **ligue para a pessoa ou use o MSN.**

Não tente ler tudo. É impossível! De tempos em tempos, avalie se você quer realmente seguir todas aquelas pessoas.

Recent (7) Replies Messages

MARTINS, I.; LEAL, R. Época. 16 mar. 2009.

Da comparação entre os textos, depreende-se que o texto II constitui um passo a passo para interferir no comportamento dos usuários, dirigindo-se diretamente aos leitores, e o texto I:

- adverte os leitores de que a internet pode transformar-se em um problema porque expõe a vida dos usuários e, por isso, precisa ser investigada.
- ensina aos leitores os procedimentos necessários para que as pessoas conheçam, em profundidade, os principais meios de comunicação da atualidade.
- exemplifica e explica o novo serviço global de mensagens rápidas que desafia os hábitos de comunicação e reinventa o conceito de privacidade.
- procura esclarecer os leitores a respeito dos perigos que o uso do *Twitter* pode representar nas relações de trabalho e também no plano pessoal.
- apresenta uma enquete sobre as redes sociais mais usadas na atualidade e mostra que o *Twitter* é preferido entre a maioria dos internautas.

Anotações:

19. (ENEM)

Novas tecnologias

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “feticizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório. Por esse motivo **carregamos** hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado.

Todavia, não **podemos** reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, **desenvolvemos** uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, **somos** livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto **controlamos** quanto somos controlados.

SAMPAIO, A. S. A microfísica do espetáculo. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em: 1 mar. 2013 (adaptado).

Ao escrever um artigo de opinião, o produtor precisa criar uma base de orientação linguística que permita alcançar os leitores e convencê-los com relação ao ponto de vista defendido. Diante disso, nesse texto, a escolha das formas verbais em destaque objetiva:

- criar relação de subordinação entre leitor e autor, já que ambos usam as novas tecnologias.
- ênfasis a probabilidade de que toda população brasileira esteja aprisionada às novas tecnologias.
- indicar, de forma clara, o ponto de vista de que hoje as pessoas são controladas pelas novas tecnologias.
- tornar o leitor copartícipe do ponto de vista de que ele manipula as novas tecnologias e por elas é manipulado.
- demonstrar ao leitor sua parcela de responsabilidade por deixar que as novas tecnologias controlem as pessoas.

20. (ENEM) Pesquisa da Faculdade de Educação da USP mostrou que quase metade dos alunos que ingressam nos cursos de licenciatura em Física e Matemática da universidade não estão dispostos a tornar-se professores. O detalhe inquietante é que licenciaturas foram criadas exatamente para formar docentes.

A dificuldade é que, se os estudantes não querem virar professores, fica difícil conseguir bons profissionais.

Resolver essa encrenca é o desafio. Salários são por certo uma parte importante do problema, mas outros elementos, como estabilidade na carreira e prestígio social, também influem.

SCHWARTSMAN, H. Folha de S. Paulo, 13 out. 2012.

Identificar o gênero do texto é um passo importante na caminhada interpretativa do leitor. Para isso, é preciso observar elementos ligados à sua produção e recepção. Reconhece-se que esse texto pertence ao gênero artigo de opinião devido ao(à):

- suporte do texto: um jornal de grande circulação.
- lugar atribuído ao leitor: interessados no magistério.
- tema tratado: o problema da escassez de professores.
- função do gênero: refletir sobre a falta de professores.
- linguagem empregada pelo autor: formal e denotativa.



○ 21. (ENEM)

Tragédia anunciada

Entraves burocráticos, incompetência administrativa, conveniências políticas e contingenciamento indiscriminado de gastos estão na raiz de um dos graves males da administração pública brasileira, que é a dificuldade do Estado de transformar recursos previstos no Orçamento em investimentos reais.

Exemplo dessa inépcia político-administrativa é a baixa execução de verbas destinadas a obras de prevenção de desastres naturais — como controle de cheias, contenção de encostas e combate à erosão.

As dificuldades para planejar e realizar as obras de prevenção terminam por onerar o governo. Acaba saindo mais caro para os cofres públicos remediar ocorrências que poderiam ter sido evitadas.

A nota positiva é que o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (Cenad) foi inaugurado em agosto pela presidente Dilma Rousseff.

O órgão já emitiu alertas a mais de 400 municípios e prepara-se para aperfeiçoar seu sistema de monitoramento. De pouco valerão esses esforços se o descaso e a omissão continuarem a contribuir para a sinistra contabilidade de vítimas que se repete a cada ano.

Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 5 dez. 2012 (adaptado).

O editorial é um gênero que apresenta o ponto de vista de um jornal ou de uma revista sobre determinado assunto. É característica do gênero, exemplificada por esse editorial:

- a) ser assinado por um jornalista do veículo em que é publicado.
- b) ocupar um espaço específico e opinar a respeito de assuntos atuais.
- c) apresentar estudos científicos acerca de temas complexos.
- d) narrar fatos polêmicos em uma linguagem acessível.
- e) descrever acontecimentos de modo imparcial.

○ 22. (ENEM) Manter as contas sob controle e as finanças saudáveis parece um objetivo inatingível para você? Tenha certeza de que você não está sozinho. A bagunça na vida financeira compromete os sonhos de muita gente no Brasil. É por isso que nós lançamos, pelo terceiro ano consecutivo, este especial com informações que ajudam a encarar a situação de forma prática. Sem malabarismos – mas com boa dose de disciplina! – é possível quitar as dívidas, organizar os gastos, fazer planos de consumo que caibam em seus rendimentos mensais e estruturar os investimentos para fazer o dinheiro que sobra render mais.

Ter dinheiro para viver melhor está diretamente relacionado a sua capacidade de se organizar e de eleger prioridades na hora de gastar. Aceite o desafio e boa leitura!

Você S/A, a 16, 2011 (adaptado).

No trecho apresentado, são utilizados vários argumentos que demonstram que o objetivo principal do produtor do texto, em relação ao público-alvo da revista, é:

- a) conscientizar o leitor de que ele é capaz de economizar.
- b) levar o leitor a envolver-se com questões de ordem econômica.
- c) ajudar o leitor a quitar suas dívidas e organizar sua vida financeira.
- d) persuadir o leitor de que ele não é o único com problemas financeiros.
- e) convencer o leitor da importância de ler essa edição especial da revista.

○ 23. (ENEM)

Este mês, a reportagem de capa veio do meu umbigo. Ou melhor, veio de um mal-estar que comecei a sentir na barriga. Sou meio italiano, *pizzaíolo* dos bons, herdei de minha avó uma daquelas velhas máquinas de macarrão à manivela. Cresci à base de farinha de trigo. Aí, do nada, comecei a ter alergias respiratórias que também pareciam estar ligadas à minha dieta. Comecei a peregrinar por médicos. Os exames diziam que não tinha nada errado comigo. Mas eu sentia, pô. Encontrei a resposta numa nutricionista: eu tinha intolerância a glúten e a lactose. *Arrivederci, pizza*. Tchau, cervejinha.

Notei também que as prateleiras dos mercados de repente ficaram cheias de produtos que pareciam ser feitos para mim: leite, queijo e iogurte sem lactose, bolo, biscoito e macarrão sem glúten. E o mais incrível é que esse setor do mercado parece ser o que está mais cheio de gente. E não é só no Brasil. Parece ser em todo Ocidente industrializado. Inclusive na Itália.

O tal glúten está na boca do povo, mas não está fácil entender a real. De um lado, a imprensa popular faz um escarcéu, sem no entanto explicar o tema a fundo. De outro, muitos médicos ficam na defensiva, insinuando que isso tudo não passa de modismo, sem fundamento científico. Mas eu sei muito bem que não é só modismo – eu sinto na barriga.

O tema é um vespeiro – e por isso julgamos que era hora de meter a colher, para separar o joio do trigo e dar respostas confiáveis às dúvidas que todo mundo tem.

BURGIERMAN, D. R. Tem algo grande aí. Superinteressante, n. 335, jul. 2014 (adaptado).

O gênero editorial de revista contém estratégias argumentativas para convencer o público sobre a relevância da matéria de capa. No texto, considerando a maneira como o autor se dirige aos leitores, constitui uma característica da argumentação desenvolvida o(a):

- a) relato pessoal, que especifica o debate do assunto abordado.
- b) exemplificação concreta, que desconstrói a generalidade dos fatos.
- c) referência intertextual, que recorre a termos da gastronomia.
- d) crítica direta, que denuncia o oportunismo das indústrias alimentícias.
- e) vocabulário coloquial, que representa o estilo da revista.

○ 24. (ENEM)

Choque a 36.000 km/h

A faixa que vai de 160 quilômetros de altitude em volta da Terra assemelha-se a uma avenida congestionada onde orbitam 3.000 satélites ativos. Eles disputam espaço com 17.000 fragmentos de artefatos lançados pela Terra e que se desmancharam – foguetes, satélites desativados e até ferramentas perdidas por astronautas. Com um tráfego celeste tão intenso, era questão de tempo para que acontecesse um acidente de grandes proporções, como o da semana passada. Na terça-feira, dois satélites em órbita desde os anos 1990 colidiram em um ponto 790 quilômetros acima da Sibéria. A trombada dos satélites chama a atenção para os riscos que oferece a montanha de lixo espacial em órbita. Como os objetos viajam a grande velocidade, mesmo um pequeno fragmento de 10 centímetros poderia causar estragos consideráveis no telescópio *Hubble* ou na estação espacial Internacional – nesse caso pondo em risco a vida dos astronautas que lá trabalham.

Revista Veja, 18 set. 2009 (adaptado).



Levando-se em consideração os elementos constitutivos de um texto jornalístico, infere-se que o autor teve como objetivo:

- a) exaltar o emprego da linguagem figurada.
- b) criar suspense e despertar temor no leitor.
- c) influenciar a opinião dos leitores sobre o tema, com as marcas argumentativas de seu posicionamento.
- d) induzir o leitor a pensar que os satélites artificiais representam um grande perigo para toda a humanidade.
- e) exercitar a ironia ao empregar “avenida congestionada”; “tráfego celeste tão intenso”; “montanha de lixo”.

○ 25. (ENEM)

Não adianta isolar o fumante

Se quiser mesmo combater o fumo, o governo precisa ir além das restrições. É preciso apoiar quem quer largar o cigarro.

Ao apoiar uma medida provisória para combater o fumo em locais públicos nos 27 estados brasileiros, o Senado reafirmou um valor fundamental: a defesa da saúde e da vida.

Em pelo menos um aspecto a MP 540/2011 é ainda mais rigorosa que as medidas em vigor em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Paraná, estados que até agora adotaram as legislações mais duras contra o tabagismo. Ela proíbe os fumódromos em 100% dos locais fechados, incluindo até tabacarias, onde o fumo era autorizado sob determinadas condições.

Uma das principais medidas atinge o fumante no bolso. O governo fica autorizado a fixar um novo preço para o maço de cigarros. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) será elevado em 300%. Somando uma coisa e outra, o sabor de fumar se tornará muito mais ácido. Deverá subir 20% em 2012 e 55% em 2013.

A visão fundamental da MP está correta. Sabe-se, há muito, que o tabaco faz mal à saúde. É razoável, portanto, que o Estado aja em nome da saúde pública.

Época, 28 nov. 2011 (adaptado).

O autor do texto analisa a aprovação da MP 540/2011 pelo Senado, deixando clara a sua opinião sobre o tema. O trecho que apresenta uma avaliação pessoal do autor como uma estratégia de persuasão do leitor é:

- a) “Ela proíbe os fumódromos em 100% dos locais fechados”.
- b) “O governo fica autorizado a fixar um novo preço para o maço de cigarros.”
- c) “O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) será elevado em 300%.”
- d) “Somando uma coisa e outra, o sabor de fumar se tornará muito mais ácido.”
- e) “Deverá subir 20% em 2012 e 55% em 2013.”

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 26 e 27.

A carreira do crime

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece aos jovens de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12.000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos

que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o ‘ piso salarial’ oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2.000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%. Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escolas, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isto: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

Editorial. Folha de São Paulo, 15 jan. 2003.

○ 26. (ENEM) Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para:

- a) uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.
- b) a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.
- c) a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.
- d) o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.
- e) uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.

○ 27. (ENEM) No Editorial, o autor defende a tese de que “as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo”. Para comprovar sua tese, o autor apresenta:

- a) instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.
- b) sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.
- c) políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.
- d) pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.
- e) números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.



○ 28. (ENEM) Leia um texto publicado no jornal *Gazeta Mercantil*. Esse texto é parte de um artigo que analisa algumas situações de crise no mundo, entre elas, a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, e foi publicado na época de uma iminente crise financeira no Brasil.

Deu no que deu. No dia 29 de outubro de 1929, uma terça-feira, praticamente não havia compradores no pregão de Nova Iorque, só vendedores. Seguiu-se uma crise incomparável: o Produto Interno Bruto dos Estados Unidos caiu de 104 bilhões de dólares em 1929, para 56 bilhões em 1933, coisa inimaginável em nossos dias. O valor do dólar caiu a quase metade. O desemprego elevou-se de 1,5 milhão para 12,5 milhões de trabalhadores – cerca de 25% da população ativa – entre 1929 e 1933. A construção civil caiu 90%. Nove milhões de aplicações, tipo caderneta de poupança, perderam-se com o fechamento dos bancos. Oitenta e cinco mil firmas faliram. Houve saques e norte-americanos que passaram fome.

Gazeta Mercantil, 05/01/1999.

Ao citar dados referentes à crise ocorrida em 1929, em um artigo jornalístico atual, pode-se atribuir ao jornalista a seguinte intenção:

- a) questionar a interpretação da crise.
- b) comunicar sobre o desemprego.
- c) instruir o leitor sobre aplicações em bolsa de valores.
- d) relacionar os fatos passados e os presentes.
- e) analisar dados financeiros americanos.

○ 29. (ENEM)



DAHMER, A. Disponível em: www.malvados.com.br. Acesso em: 18 fev. 2013.

As redes sociais permitem que seus usuários facilmente compartilhem entre si ideias e opiniões. Na tirinha, há um tom de crítica àqueles que:

- a) fazem uso inadequado das redes sociais para criticar o mundo.
- b) são usuários de redes sociais e têm seus desejos atendidos.
- c) se supõem críticos, porém não apresentam ação efetiva.
- d) são usuários das redes sociais e não criticam o mundo.
- e) se esforçam para promover mudanças no mundo.

○ 30. (ENEM) Centro das atenções em um planeta cada vez mais interconectado, a Floresta Amazônica expõe inúmeros dilemas. Um dos mais candentes diz respeito à madeira e sua exploração econômica, uma saga que envolve os muitos desafios para a conservação dos recursos naturais às gerações futuras.

Com o olhar jornalístico, crítico e ao mesmo tempo didático, adentramos a Amazônia em busca de histórias e sutilezas que os dados nem sempre revelam. Lapidamos estatísticas e estudos científicos para construir uma síntese útil a quem direciona esforços para conservar a floresta, seja no setor público, seja no setor privado, seja na sociedade civil.

Guiada como uma reportagem, rica em informações ilustradas, a obra *Madeira de ponta a ponta* revela a diversidade de fraudes na cadeia de produção, transporte e comercialização da madeira, bem como as iniciativas de boas práticas que se disseminam e trazem esperança rumo a um modelo de convivência entre desenvolvimento e manutenção da floresta.

VILLELA, M.; SPINK R. In: ADEODATO, S. et al. *Madeira de ponta a ponta: o caminho desde a floresta até o consumo*. São Paulo: FGV RAE, 2011 (adaptado).

A fim de alcançar seus objetivos comunicativos, os autores escreveram esse texto para:

- a) apresentar informações e comentários sobre o livro.
- b) noticiar as descobertas científicas oriundas da pesquisa.
- c) defender as práticas sustentáveis de manejo da madeira.
- d) ensinar formas de combate à exploração ilegal de madeira.
- e) demonstrar a importância de parcerias para a realização da pesquisa.



31. (ENEM)



Disponível em: revistaescola.abril.com.br. Acesso em: 27 abr. 2010.

Calvin apresenta a Haroldo (seu tigre de estimação) sua escultura na neve, fazendo uso de uma linguagem especializada. Os quadrinhos rompem com a expectativa do leitor, porque:

- a) Calvin, na sua última fala, emprega um registro formal e adequado para a expressão de uma criança.
- b) Haroldo, no último quadrinho, apropria-se do registro linguístico usado por Calvin na apresentação de sua obra de arte.
- c) Calvin emprega um registro de linguagem incompatível com a linguagem de quadrinhos.
- d) Calvin, no último quadrinho, utiliza um registro linguístico informal.
- e) Haroldo não compreende o que Calvin lhe explica, em razão do registro formal utilizado por este último.

32. (ENEM)



BRANCO, A. Disponível em: www.oesquema.com.br. Acesso em: 30 jun. 2015 (adaptado).

A internet proporcionou o surgimento de novos paradigmas sociais e impulsionou a modificação de outros já estabelecidos nas esferas da comunicação e da informação. A principal consequência criticada na tirinha sobre esse processo é a:

- a) criação de memes.
- b) ampliação da blogosfera.
- c) supremacia das ideias cibernéticas.
- d) comercialização de pontos de vista.
- e) banalização do comércio eletrônico.

33. (ENEM)



Disponível em: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br>. Acesso em: 17 set. 2015.

Ao relacionar o problema da seca à inclusão digital, essa charge faz uma crítica a respeito da:

- a) dificuldade na distribuição de computadores nas áreas rurais.
- b) capacidade das tecnologias em aproximar realidades distantes.
- c) possibilidade de uso do computador como solução de problemas sociais.
- d) ausência de políticas públicas para o acesso da população a computadores.
- e) escolha das prioridades no atendimento às reais necessidades da população.

34. (ENEM)



MAITENA. Disponível em: www.maitena.com.ar. Acesso em: 17 set. 2015.

Essa história em quadrinhos aborda a padronização da imagem corporal na contemporaneidade. O fator que pode ser identificado como influenciador do comportamento obsessivo retratado nos quadrinhos é o:

- entendimento da aparência corporal relacionada à saúde.
- controle feminino sobre o ideal social de estética corporal.
- desejo pelo modelo de corpo ideal construído socialmente.
- questionamento crítico dos valores ligados ao sucesso social.
- posicionamento reflexivo da mulher frente às imposições estéticas.

○ 35. (ENEM)



Disponível em: www.humortadela.com.br. Acesso em: 20 set. 2011.

Conflitos de interação ajudam a promover o efeito de humor. No cartum, o recurso empregado para promover esse efeito é a:

- intertextualidade, sugerida pelos traços identificadores do homem urbano e do homem rural.
- ambiguidade, produzida pela interpretação da fala do locutor a partir da variedade do interlocutor.
- conotação, atribuidora de sentidos figurados a palavras relativas às ações e aos seres.
- negação enfática, elaborada para reforçar o lamento do interlocutor pela perda da estrada.
- pergunta retórica, usada pelo motorista para estabelecer interação com o homem do campo.

Anotações:

○ 36. (ENEM)



DAHMER, A. Disponível em: www.malvados.com.br. Acesso em: 15 maio 2013.

Importantes recursos de reflexão e crítica próprios do gênero textual, esses quadrinhos possibilitam pensar sobre o papel da tecnologia nas sociedades contemporâneas, pois:

- indicam a solidão existencial dos usuários das redes sociais virtuais.
- criticam a superficialidade das relações humanas mantidas pela internet.
- retratam a dificuldade de adaptação de pessoas mais velhas às relações virtuais.
- ironizam o crescimento da conexão virtual oposto à falta de vínculos reais entre as pessoas.
- denunciam o enfraquecimento das relações humanas nos mundos virtual e real contemporâneos.

○ 37. (ENEM)



RIC. Disponível em: www.nanquim.com.br. Acesso em: 8 dez. 2012.

O texto faz referência aos sistemas de comunicação e informação. A crítica feita a uma das ferramentas midiáticas se fundamenta na falta de:

- opinião dos leitores nas redes sociais.
- recursos tecnológicos nas empresas jornalísticas.
- instantaneidade na divulgação da notícia impressa.
- credibilidade das informações veiculadas nos *blogs*.
- adequação da linguagem jornalística ao público jovem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



38. (ENEM)



ITURRUGARAI, A. La Vie en Rose. Folha de S. Paulo, 11 ago. 2007.

Os quadrinhos exemplificam que as Histórias em Quadrinhos constituem um gênero textual:

- a) em que a imagem pouco contribui para facilitar a interpretação da mensagem contida no texto, como pode ser constatado no primeiro quadrinho.
- b) cuja linguagem se caracteriza por ser rápida e clara, que facilita a compreensão, como se percebe na fala do segundo quadrinho: “</DIV> <BR CLEAR = ALL>

 <SCRIPT>”.
- c) em que o uso de letras com espessuras diversas está ligado a sentimentos expressos pelos personagens, como pode ser percebido no último quadrinho.
- d) que possui em seu texto escrito características próximas a uma conversação face a face, como pode ser percebido no segundo quadrinho.
- e) em que a localização casual dos balões nos quadrinhos expressa com clareza a sucessão cronológica da história, como pode ser percebido no segundo quadrinho.

39. (ENEM)



DAHMER, A. Disponível em: <http://roundfinal.blogspot.com.br>. Acesso em: 14 dez. 2012.

Na tirinha, o autor utiliza estratégias para atingir sua finalidade comunicativa. Considerando os elementos verbais e não verbais que constituem o texto, seu objetivo é:

- a) incentivar o uso da tecnologia na comunicação contemporânea.
- b) mostrar o empenho do homem na resolução de problemas sociais.
- c) atrair a atenção do leitor para a generosidade das pessoas.
- d) chamar a atenção para o constante abandono de animais.
- e) fazer uma crítica à situação social contemporânea.

40. (ENEM)



Disponível em: <http://picasaweb.google.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2010.

No processo de modernização apresentado na tirinha, Mafalda depara-se com um contraponto entre:

- a) o domínio dos modos de produção e a geração de novas ferramentas com a tecnologia de informação e comunicação.
- b) o acompanhamento das mudanças na sociedade e o surgimento de novas opções de vida e trabalho com a cibernética.
- c) a constatação do avanço da tecnologia e a proposição de reprodução de velhas práticas com novas máquinas.
- d) a apresentação de novas perspectivas de vida e trabalho para a mulher com os avanços das tecnologias de informação.
- e) a aplicação da cibernética e o descontentamento com a passividade do cotidiano das mulheres no trabalho de corte e costura.

41. (ENEM)



ANDRADE, R. Disponível em: www.jomalcidade.com.br. Acesso em: 7 out. 2015 (adaptado).

A charge aborda uma situação do cotidiano de algumas famílias. Nesse sentido, ela tem o objetivo comunicativo de:

- a) denunciar os prejuízos da falta de diálogo entre pais e filhos.
- b) mostrar as diferenças entre as preferências de entretenimento entre pais e filhos.
- c) evidenciar os excessos de utilização das redes sociais em momentos de convivência familiar.
- d) demonstrar que as mudanças culturais ocorridas na sociedade impõem novos comportamentos às famílias.
- e) enfatizar que a socialização de informações sobre os filhos é uma forma de demonstrar orgulho de familiares.



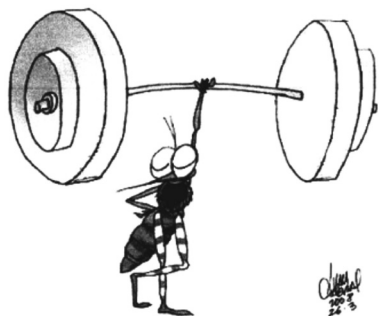
○ 42. (ENEM)



A situação abordada na tira torna explícita a contradição entre a(s):

- a) relações pessoais e o avanço tecnológico.
- b) inteligência empresarial e a ignorância dos cidadãos.
- c) inclusão digital e a modernização das empresas.
- d) economia neoliberal e a reduzida atuação do Estado.
- e) revolução informática e a exclusão digital.

○ 43. (ENEM)



CABRAL, I. Disponível em: <http://ivancabral.blogspot.com>. Acesso em: 26 jul. 2010.

A cada verão, o *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, traz preocupação para os brasileiros. A charge retrata essa situação a que o país está submetido. Considerando os objetivos da charge, sua posição crítica se dá na medida em que:

- a) compara o mosquito a um esportista.
- b) enfatiza o poder de resistência do inseto.
- c) elege o mosquito como o vilão da saúde.
- d) atribui características humanas ao mosquito.
- e) ignora a gravidade da questão por meio do humor.

Anotações:

○ 44. (ENEM) Em uma conversa ou leitura de um texto, corre-se o risco de atribuir um significado inadequado a um termo ou expressão, e isso pode levar a certos resultados inesperados, como se vê nos quadrinhos abaixo.



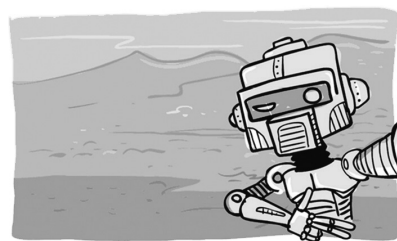
SOUZA, Maurício de. Chico Bento. Rio de Janeiro: Ed. Globo, nº 335, Nov. 99.

Nessa historinha, o efeito humorístico origina-se de uma situação criada pela fala da Rosinha no primeiro quadrinho, que é:

- a) Faz uma pose bonita!
- b) Quer tirar um retrato?
- c) Sua barriga está aparecendo!
- d) Olha o passarinho!
- e) Cuidado com o flash!

○ 45. (ENEM)

NASA DIVULGA A PRIMEIRA FOTO FEITA PELO ROBÔ OPPORTUNITY NO SOLO DE MARTE. VEJA:



Willtirando.com.br
WILL. Disponível em: www.willtirando.com.br. Acesso em: 7 nov. 2013.

Opportunity é o nome de um veículo explorador que aterrissou em Marte com a missão de enviar informações à Terra. A charge apresenta uma crítica ao(à):

- a) gasto exagerado com o envio de robôs a outros planetas.
- b) exploração indiscriminada de outros planetas.
- c) circulação digital excessiva de autorretratos.
- d) vulgarização das descobertas espaciais.
- e) mecanização das atividades humanas.



○ 46. (ENEM)



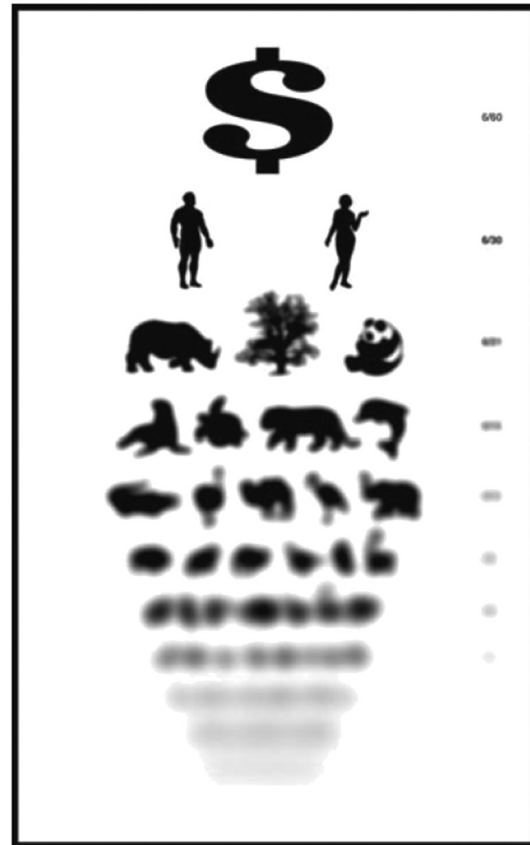
Disponível em: <http://www.clubedamafalda.blogspot.com>. Acesso em: 24 set. 2007.

A língua é um patrimônio cultural indispensável para a preservação da memória e da identidade de um povo. Nesse contexto, percebe-se, na tirinha, uma crítica:

- a) à falta de assistência familiar no que se refere à educação escolar dos filhos.
- b) à língua em si, cheia de regras e normas gramaticais desnecessárias.
- c) à escrita dos livros em linguagem muito rebuscada, o que dificulta o entendimento dos leitores.
- d) à influência dos estrangeirismos na língua, em especial, daqueles provenientes do inglês.
- e) ao ensino da língua que, devido à metodologia utilizada, desestimula os alunos.

Anotações:

○ 47. (ENEM)



FANG, C. Miopia. Disponível em: <http://news.psu.edu>. Acesso em: 18 abr. 2015.

O cartum Miopia, de Chen Fang, foi apresentado em 2011 na quarta mostra Ecocartoon, que teve como tema a educação ambiental. Seu título e os elementos visuais fazem referência ao exame oftalmológico e a um tipo específico de dificuldade visual. Com o uso metafórico da miopia e a exploração de características da imagem, o cartum:

- a) evidencia o papel secundário que animais e plantas desempenham no processo de produção de riquezas.
- b) expõe o alto custo para a manutenção da vida tanto dos seres humanos como de animais e plantas.
- c) denuncia a hierarquia de valores que supervaloriza o dinheiro em detrimento dos seres vivos.
- d) revela o distanciamento entre o homem e a natureza, resultante das atividades econômicas.
- e) questiona o antagonismo entre homens e mulheres, motivado por questões econômicas.



○ 48. (ENEM)

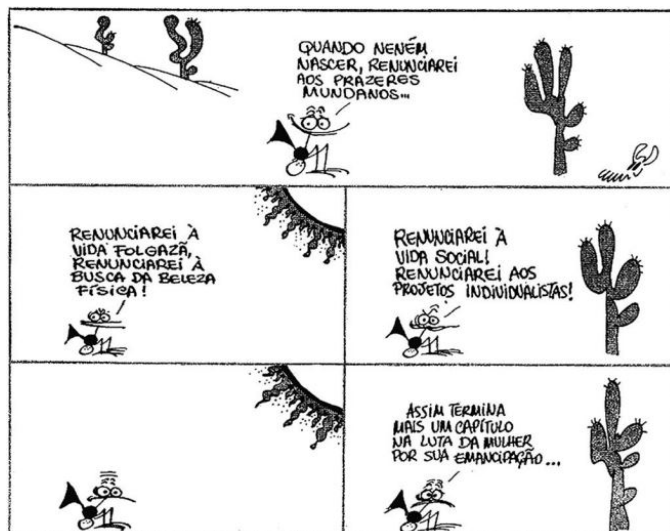


A unidade de sentido de um texto se constrói a partir daquilo que é dito, daquilo que não é dito, a partir do modo de se dizer, dos motivos, das aparências, do contexto. Nesse sentido, a partir da leitura do anúncio, depreende-se que:

- a referência à proibição de beber no trânsito é feita a partir da intertextualidade entre a placa de trânsito, que normalmente remete à ideia de proibição, tendo ao fundo a imagem de uma garrafa.
- a relação estabelecida entre a frase “novo sinal de trânsito” e a parte não verbal permite estabelecer um público-alvo específico, ou seja, pessoas envolvidas com o álcool.
- o adjetivo “novo”, seguido do substantivo “sinal” empregado no anúncio, remete à ideia de que agora existe uma nova placa de trânsito que deve ser respeitada pelos motoristas.
- o anúncio tem uma finalidade específica interrelacionada, nesse caso, à ideia de persuadir as pessoas a não consumirem bebidas alcoólicas, pois elas fazem mal à saúde.
- a conexão estabelecida entre a placa de trânsito e a imagem da garrafa é construída com o objetivo de evidenciar quais são os motivos que levam as pessoas a não ingerirem bebida alcoólica enquanto estão dirigindo.

Anotações:

○ 49. (ENEM)



Nessa tirinha, produzida na década de 1970, os recursos verbais e não verbais sinalizam a finalidade de:

- reforçar a luta por direitos civis.
- explicitar a autonomia feminina.
- ironizar as condições de igualdade.
- estimular a abdicação da vida social.
- criticar as obrigações da maternidade.

○ 50. (ENEM)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86.000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. “Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos”, diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45.000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época. Nº 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza:

- as suas opiniões, baseadas em fatos.
- os aspectos objetivos e precisos.
- os elementos de persuasão do leitor.
- os elementos estéticos na construção do texto.
- os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.



○ 51. (ENEM)

Grupo transforma pele humana em neurônios

Um grupo de pesquisadores dos EUA conseguiu alterar células extraídas da pele de uma mulher de 82 anos sofrendo de uma doença nervosa degenerativa e conseguiu transformá-las em células capazes de se transformarem virtualmente em qualquer tipo de órgão do corpo. Em outras palavras, ganharam os poderes das células-tronco pluripotentes, normalmente obtidas a partir da destruição de embriões.

O método usado na pesquisa, descrita hoje na revista *Science*, existe desde o ano passado, quando um grupo liderado pelo japonês Shinya Yamanaka criou as chamadas iPS (células-tronco de pluripotência induzida). O novo estudo, porém, mostra pela primeira vez que é possível aplicá-lo a células de pessoas doentes, portadoras de esclerose lateral amiotrófica (ELA), mal que destrói o sistema nervoso progressivamente.

“Pela primeira vez, seremos capazes de observar células com ELA ao microscópio e ver como elas morrem”, disse Valerie Etest, diretora do Projeto ALS (ELA, em inglês), que financiou parte da pesquisa. Observar em detalhes a degeneração pode sugerir novos métodos para tratar a ELA.

KOLNERKEVIC, I. Folha de S. Paulo. 1 ago. 2008 (adaptado).

A análise dos elementos constitutivos do texto e a identificação de seu gênero permitem ao leitor inferir que o objetivo do autor é:

- a) apresentar a opinião da diretora do Projeto ALS.
- b) expor a sua opinião como um especialista no tema.
- c) descrever os procedimentos de uma experiência científica.
- d) defender a pesquisa e a opinião dos pesquisadores dos EUA.
- e) informar os resultados de uma nova pesquisa feita nos EUA.

○ 52. (ENEM)

Assaltantes roubam no ABC 135 mil figurinhas da Copa do Mundo

Cinco assaltantes roubaram 135 mil figurinhas do álbum da Copa do Mundo 2010 na noite de quarta-feira (21), em Santo André, no ABC. Segundo a assessoria da Treelog, empresa que distribui os cromos, ninguém ficou ferido durante a ação.

O roubo aconteceu por volta das 23h30. Armados, os criminosos renderam 30 funcionários que estavam no local, durante cerca de 30 minutos, e levaram 135 caixas, cada uma delas contendo mil figurinhas. Cada pacote com cinco cromos custa R\$ 0,75.

Procurada pelo G1, a Panini, editora responsável pelas figurinhas, afirmou que a falta dos cromos em algumas bancas não tem relação com o roubo. Segundo a editora, isso se deve à grande demanda pelas figurinhas.

Disponível em: g1.globo.com. Acesso em: 23 abr. 2010 (adaptado).

A notícia é um gênero jornalístico. No texto, o que caracteriza a linguagem desse gênero é o uso de:

- a) expressões linguísticas populares.
- b) palavras de origem estrangeira.
- c) variantes linguísticas regionais.
- d) termos técnicos e científicos.
- e) formas da norma padrão da língua.

○ 53. (ENEM)

Fraudador é preso por emitir atestados com erro de português

Mais um erro de português leva um criminoso às mãos da polícia. Desde 2003, M.O.P., de 37 anos, administrava a empresa MM, que falsificava boletins de ocorrência, carteiras profissionais e atestados de óbito, tudo para anular multas de trânsito. Amparado pela documentação fajuta de M.O.P., um motorista poderia alegar às Juntas Administrativas de Recursos de Infrações que ultrapassou o limite de velocidade para levar uma parente que passou mal e morreu a caminho do hospital.

O esquema funcionou até setembro, quando M.O.P. foi indiciado. Atropelara a gramática. Havia emitido, por exemplo, um atestado de abril do ano passado em que estava escrito aneurisma “celebral” (com l no lugar de r) e “insulficiência” múltipla de órgãos (com um l desnecessário em “insuficiência” – além do fato de a expressão médica adequada ser “falência múltipla de órgãos”).

M.O.P. foi indiciado pela 2ª Delegacia de Divisão de Crimes de Trânsito. Na casa do acusado, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, a polícia encontrou um computador com modelos de documentos.

Língua Portuguesa, nº 12. set 2006 (adaptado).

O texto apresentado trata da prisão de um fraudador que emitia documentos com erros de escrita. Tendo em vista o assunto, a organização, bem como os recursos linguísticos, despreende-se que esse texto é um(a):

- a) conto, porque discute problemas existenciais e sociais de um fraudador.
- b) notícia, porque relata fatos que resultaram no indiciamento de um fraudador.
- c) crônica, porque narra o imprevisto que levou a polícia a prender um fraudador.
- d) editorial, porque opina sobre aspectos linguísticos dos documentos redigidos por um fraudador.
- e) piada, porque narra o fato engraçado de um fraudador descoberto pela polícia por causa de erros de grafia.

Anotações:



○ 54. (ENEM)

Filha do compositor Paulo Leminski lança disco com suas canções

"Leminskanções" dá novos arranjos a 24 composições do poeta

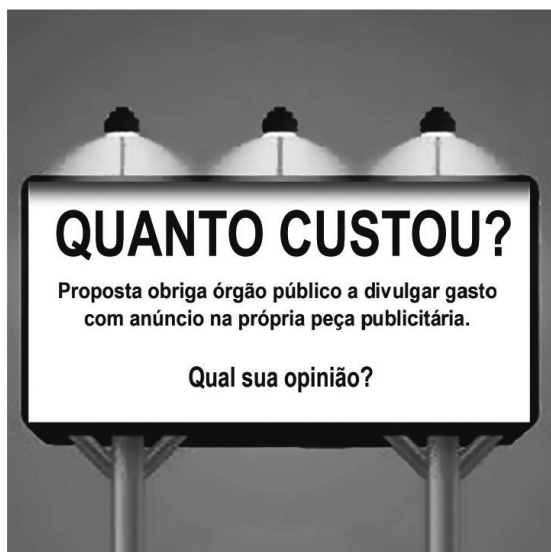
Frequentemente, a cantora e compositora Estrela Ruiz é questionada sobre a influência da poesia de seu pai, Paulo Leminski, na música que ela produz. "A minha infância foi música, música, música", responde veementemente, lembrando que, antes de poeta, Leminski era compositor. Estrela frisa a faceta musical do pai em *Leminskanções*. Duplo, o álbum soma *Essa noite vai ter sol*, com 13 composições assinadas apenas por Leminski, e *Se nem for terra, se transformar*, que tem 11 parcerias com nomes como sua mulher, Alice Ruiz, com quem compôs uma única faixa, Itamar Assumpção e Moraes Moreira.

BOMFIM, M. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2014 (adaptado).

Os gêneros textuais são caracterizados por meio de seus recursos expressivos e de suas intenções comunicativas. Esse texto enquadra-se no gênero:

- a) biografia, por fazer referência à vida da artista.
- b) relato, por trazer o depoimento da filha do artista.
- c) notícia, por informar ao leitor sobre o lançamento do disco.
- d) resenha, por apresentar as características do disco.
- e) reportagem, por abordar peculiaridades sobre a vida da artista.

○ 55. (ENEM)



Disponível em: www.facebook.com/senadofederal. Acesso em: 9 dez. 2017.

Considerando-se a função social dos posts, essa imagem evidencia a apropriação de outro gênero com o objetivo de

- a) promover o uso adequado de campanhas publicitárias do governo.
- b) divulgar o projeto sobre transparência da administração pública.
- c) responsabilizar o cidadão pelo controle dos gastos públicos.
- d) delegar a gestão de projetos de lei ao contribuinte.
- e) assegurar a fiscalização dos gastos públicos.

○ 56. (ENEM)

Projeto na Câmara de BH quer a vacinação gratuita de cães contra a leishmaniose

A doença é grave e vem causando preocupação na região metropolitana da capital mineira

Ela é uma doença grave, transmitida pela picada do mosquito-palha, e afeta tanto os seres humanos quanto os cachorros: a leishmaniose. Por ser um problema de saúde pública, a doença pode ganhar uma ação preventiva importante, caso um projeto de lei seja aprovado na Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH). Diante do alto número de casos da doença na Grande BH, a Comissão de Saúde e Saneamento da CMBH aprovou a proposta de realização de campanhas públicas de vacinação gratuita de cães contra a leishmaniose, tema do PL 404/17, apreciada pelo colegiado em reunião ordinária, no dia 6 de dezembro.

Disponível em: <https://revistaencontro.com.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Essa notícia, além de cumprir sua função informativa, assume o papel de

- a) fiscalizar as ações de saúde e saneamento da cidade.
- b) defender os serviços gratuitos de atendimento à população.
- c) conscientizar a população sobre grave problema de saúde pública.
- d) propor campanhas para a ampliação de acesso aos serviços públicos.
- e) responsabilizar os agentes públicos pela demora na tomada de decisões.

○ 57. (ENEM)

Deserto de sal

O silêncio ajuda a compor a trilha que se ouve na caminhada pelo Salar de Atacama.

Com 100 quilômetros de extensão, o Salar de Atacama é o terceiro maior deserto de sal do mundo. De acordo com estudo publicado pela Universidade do Chile, o Salar de Atacama é uma depressão de 3 500 quilômetros quadrados entre a Cordilheira dos Andes e a Cordilheira de Domeiko. Sua origem está no movimento das placas tectônicas. Mais tarde, a água evaporou-se e, desta forma, surgiram os desertos de sal do Atacama. Além da crosta de sal que recobre a superfície, há lagoas formadas pelo degelo de neve acumulada nas montanhas.

FORNER, V. Terra da Gente, n. 96, abr. 2012.

Os gêneros textuais são textos materializados que circulam socialmente. O texto *Deserto de sal* foi veiculado em uma revista de circulação mensal. Pelas estratégias linguísticas exploradas, conclui-se que o fragmento apresentado pertence ao gênero:

- a) relato, pela apresentação de acontecimentos ocorridos durante uma viagem ao Salar de Atacama.
- b) verbete, pela apresentação de uma definição e de exemplos sobre o termo Salar de Atacama.
- c) artigo de opinião, pela apresentação de uma tese e de argumentos sobre o Salar de Atacama.
- d) reportagem, pela apresentação de informações e de dados sobre o Salar de Atacama.
- e) resenha, pela apresentação, descrição e avaliação do Salar de Atacama.



○ 58. (ENEM)

Mulher tem coração clinicamente partido após morte de cachorro

Como explica o *The New England Journal of Medicine*, a paciente, chamada Joanie Simpson, tinha sinais de infarto, como dores no peito e pressão alta, e apresentava problemas nas artérias coronárias. Ao fazerem um ecocardiograma, os médicos encontraram o problema: cardiomiopatia de Takotsubo, conhecida como síndrome do coração partido.

Essa condição médica tipicamente acontece com mulheres em fase pós-menstrual e pode ser precedida por um evento muito estressante ou emotivo. Nesses casos, o coração apresenta um movimento discinético transitório da parede anterior do ventrículo esquerdo, com acentuação da cinética da base ventricular, de acordo com um artigo médico brasileiro que relata um caso semelhante. Simpson foi encaminhada para casa após dois dias e passou a tomar medicamentos regulares.

Ao *Washington Post*, ela contou que estava quase inconsciente após a perda do seu animal de estimação, um cão da raça yorkshire terrier. Recuperada após cerca de um ano, ela diz que não abrirá mão de ter um animal de estimação porque aprecia a companhia e o amor que os cachorros dão aos humanos. O caso aconteceu em Houston, nos Estados Unidos.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br>. Acesso em: 1 dez. 2017.

Pelas características do texto lido, que trata das consequências da perda de um animal de estimação, considera-se que ele se enquadra no gênero:

- a) conto, pois exhibe a história de vida de Joanie Simpson.
- b) depoimento, pois expõe o sofrimento da dona do animal.
- c) reportagem, pois discute cientificamente a cardiomiopatia.
- d) relato, pois narra um fato estressante vivido pela paciente.
- e) notícia, pois divulga fatos sobre a síndrome do coração partido.



○ 59. (ENEM) Deficientes visuais já podem ir a algumas salas de cinema e teatros para curtir, em maior intensidade, as atrações em cartaz. Quem ajuda na tarefa é o aplicativo Whatscine, recém-chegado ao Brasil e disponível para os sistemas operacionais iOS (Apple) ou Android (Google). Ao ser conectado à rede *wi-fi* de cinemas e teatros, o *app* sincroniza um áudio que descreve o que ocorre na tela ou no palco com o espetáculo em andamento: o usuário, então, pode ouvir a narração em seu celular.

O programa foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Carlos III, em Madri. “Na Espanha, 200 salas de cinema já oferecem o recurso e filmes de grandes estúdios já são exibidos com o recurso do Whatscine!”, diz o brasileiro Luis Mauch, que trouxe a tecnologia para o país. “No Brasil, já fechamos parceria com a São Paulo Companhia de Dança para adaptar os espetáculos deles! Isso já é um avanço. Concorda?”

Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em 25 jun. 2014 (adaptado).

Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do emissor, a linguagem apresenta funções diferentes. Nesse fragmento, predomina a função referencial da linguagem, porque há a presença de elementos que:

- a) buscam convencer o leitor, incitando o uso do aplicativo.
- b) definem o aplicativo, revelando o ponto de vista da autora.
- c) evidenciam a subjetividade, explorando a entonação emotiva.
- d) expõem dados sobre o aplicativo, usando linguagem denotativa.
- e) objetivam manter um diálogo com o leitor, recorrendo a uma indagação.

○ 60. (ENEM)

Perder a tramontana

A expressão ideal para falar de desorientados e outras palavras de perder a cabeça

É perder o norte, desorientar-se. Ao pé da letra, “perder a tramontana” significa deixar de ver a estrela polar, em italiano *stella tramontana*, situada do outro lado dos montes, que guiava os marinheiros antigos em suas viagens desbravadoras.

Deixar de ver a tramontana era sinônimo de desorientação. Sim, porque, para eles, valia mais o céu estrelado que a terra. O Sul era região desconhecida, imprevisível; já o Norte tinha como referência no firmamento um ponto luminoso conhecido como a estrela Polar, uma espécie de farol para os navegantes do Mediterrâneo, sobretudo os genoveses e os venezianos. Na linguagem deles, ela ficava transmontes, para além dos montes, os Alpes. Perdê-la de vista era perder a tramontana, perder o Norte.

No mundo de hoje, sujeito a tantas pressões, muita gente não resiste a elas e entra em parafuso. Além de perder as estribeiras, perde a tramontana...

COTRIM, M. Língua Portuguesa, nº 15, jan. 2007.

Nesse texto, o autor remonta às origens da expressão “perder a tramontana”. Ao tratar do significado dessa expressão, utilizando a função referencial da linguagem, o autor busca:

- a) apresentar seus indícios subjetivos.
- b) convencer o leitor a utilizá-la.
- c) expor dados reais de seu emprego.
- d) explorar sua dimensão estética.
- e) criticar sua origem conceitual.

○ 61. (ENEM) O Instituto de Arte de Chicago disponibilizou para visualização on-line, compartilhamento ou download (sob licença *Creative Commons*), 44 mil imagens de obras de arte em altíssima resolução, além de livros, estudos e pesquisas sobre a história da arte.

Para o historiador da arte, Bendor Grosvenor, o sucesso das coleções on-line de acesso aberto, além de democratizar a arte, vem ajudando a formar um novo público museológico. Grosvenor acredita que, quanto mais pessoas forem expostas à arte on-line, mais visitas pessoais acontecerão aos museus.

A coleção está disponível em seis categorias: paisagens urbanas, impressionismo, essenciais, arte africana, moda e animais. Também é possível pesquisar pelo nome da obra, estilo, autor ou período. Para navegar pela imagem em alta definição, basta clicar sobre ela e utilizar a ferramenta de zoom. Para fazer o download, disponível para obras de domínio público, é preciso utilizar a seta localizada do lado inferior direito da imagem.

Disponível em: www.revistabula.com. Acesso em: 5 dez. 2018 (adaptado).

A função da linguagem que predomina nesse texto se caracteriza por:

- a) evidenciar a subjetividade da reportagem com base na fala do historiador de arte.
- b) convencer o leitor a fazer o acesso on-line, levando-o a conhecer as obras de arte.
- c) informar sobre o acesso às imagens por meio da descrição do modo como acessá-las.
- d) estabelecer interlocução com o leitor, orientando-o a fazer o download das obras de arte.
- e) enaltecer a arte, buscando popularizá-la por meio da possibilidade de visualização on-line.



○ 62. (ENEM)

Texto I

O Brasil sempre deu respostas rápidas através da solidariedade do seu povo. Mas a mesma força que nos motiva a ajudar o próximo deveria também nos motivar a ter atitudes cidadãs. Não podemos mais transferir a culpa para quem é vítima ou até mesmo para a própria natureza, como se essa seguisse a lógica humana. Sobram desculpas esfarrapadas e falta competência da classe política.

Cartas. IstoÉ. 28 abr. 2010.

Texto II

Não podemos negar ao povo sofrido todas as hipóteses de previsão dos desastres. Demagogos culpam os moradores; o governo e a prefeitura apelam para as pessoas saírem das áreas de risco e agora dizem que será compulsória a realocação. Então temos a realocar o Brasil inteiro! Criemos um serviço, similar ao SUS, com alocação obrigatória de recursos orçamentários com rede de atendimento preventivo, onde participariam arquitetos, engenheiros, geólogos. Bem ou mal, esse "SUS" organizaria brigadas nos locais. Nos casos da dengue, por exemplo, poderia verificar as condições de acontecer epidemias. Seriam boas ações preventivas.

Carta do Leitor. Carta Capital. 28 abr. 2010 (adaptado).

Os textos apresentados expressam opiniões de leitores acerca de relevante assunto para a sociedade brasileira. Os autores dos dois textos apontam para a:

- a) necessidade de trabalho voluntário contínuo para a resolução das mazelas sociais.
- b) importância de ações preventivas para evitar catástrofes, indevidamente atribuídas aos políticos.
- c) incapacidade política para agir de forma diligente na resolução das mazelas sociais.
- d) urgência de se criarem novos órgãos públicos com as mesmas características do SUS.
- e) impossibilidade de o homem agir de forma eficaz ou preventiva diante das ações da natureza.

○ 63. (ENEM)

Secretaria de Cultura
EDITAL

NOTIFICAÇÃO – Síntese da resolução publicada no Diário Oficial da Cidade, 29/07/2011 – página 41 – 511ª Reunião Ordinária, em 21/06/2011.

Resolução nº 08/2011 – TOMBAMENTO dos imóveis da Rua Augusta, nº 349 e nº 353, esquina com a Rua Marquês de Paranaguá, nº 315, nº 327 e nº 329 (Setor 010, Quadra 026, Lotes 0016-2 e 00170-0), bairro da Consolação, Subprefeitura da Sé, conforme o processo administrativo nº 1991-0.005.365-1.

Folha de S. Paulo, 5 ago. 2011 (adaptado).

Um leitor interessado nas decisões governamentais escreve uma carta para o jornal que publicou o edital, concordando com a resolução sintetizada no Edital da Secretaria de Cultura. Uma frase adequada para expressar sua concordância é:

- a) Que sábia iniciativa! Os prédios em péssimo estado de conservação devem ser derrubados.
- b) Até que enfim! Os edifícios localizados nesse trecho descaracterizam o conjunto arquitetônico da Rua Augusta.

c) Parabéns! O poder público precisa mostrar sua força como guardião das tradições dos moradores locais.

d) Justa decisão! O governo dá mais um passo rumo à eliminação do problema da falta de moradias populares.

e) Congratulações! O patrimônio histórico da cidade merece todo empenho para ser preservado.

○ 64. (ENEM) Nós, brasileiros, estamos acostumados a ver juras de amor, feitas diante de Deus, serem quebradas por traição, interesses financeiros e sexuais. Casais se separam como inimigos, quando poderiam ser bons amigos, sem traumas. Bastante interessante a reportagem sobre separação. Mas acho que os advogados consultados, por sua competência, estão acostumados a tratar de grandes separações. Será que a maioria dos leitores da revista tem obras de arte que precisam ser fotografadas antes da separação? Não seria mais útil dar conselhos mais básicos? Não seria interessante mostrar que a separação amigável não interfere no modo de partilha dos bens? Que, seja qual for o tipo de separação, ela não vai prejudicar o direito à pensão dos filhos? Que acordo amigável deve ser assinado com atenção, pois é bastante complicado mudar suas cláusulas? Acho que essas são dicas que podem interessar ao leitor médio.

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com>. Acesso em: 26 fev. 2012 (adaptado).

O texto foi publicado em uma revista de grande circulação na seção de carta do leitor. Nele, um dos leitores manifesta-se acerca de uma reportagem publicada na edição anterior. Ao fazer sua argumentação, o autor do texto:

- a) faz uma síntese do que foi abordado na reportagem.
- b) discute problemas conjugais que conduzem à separação.
- c) aborda a importância dos advogados em processos de separação.
- d) oferece dicas para orientar as pessoas em processos de separação.
- e) rebate o enfoque dado ao tema pela reportagem, lançando novas ideias.

○ 65. (ENEM)

Entrevista – Tony Bellotto
A língua é rock

Guitarrista do Titãs e escritor completa dez anos à frente de programa televisivo em que discute a língua portuguesa por meio da música

O que o atraiu na proposta de Afinando a Língua?

No começo, em 1999, a ideia era fazer um programa que falasse de língua portuguesa usando a música como atrativo, principalmente, para os jovens. Com o passar do tempo, ele foi se transformando num programa sobre a linguagem usada em letras de música, no jornalismo, na literatura de ficção e na poesia. Como não sou um cara de TV, trago a experiência de escritor e músico, e sempre participo de forma mais ativa do que como um mero apresentador. Estou nas reuniões de pauta e faço sugestões nos roteiros. Mas o conteúdo é feito pelo pessoal do Futura.

Quais as vantagens e as desvantagens do ensino da língua por meio das letras de música?

Não sou pedagogo ou educador, então só vejo vantagens, porque as letras de música usam uma linguagem que é a do dia a dia, principalmente, dos jovens. A música é algo que lhes dá prazer e, didaticamente, pode fazer as vezes de algo que o aluno



tem a noção de ser entediante – estudo da língua, sentar e abrir um livro. Ao ouvir uma música, os exemplos surgem. É a grande vantagem e sempre foi a ideia do programa.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2012 (fragmento).

Os gêneros textuais são definidos por meio de sua estrutura, função e contexto de uso. Tomando por base a estrutura dessa entrevista, observa-se que:

- a) a organização em turnos de fala reproduz o diálogo que ocorre entre os interlocutores.
- b) o tema e o suporte onde foi publicada justificam a ausência de traços da linguagem informal.
- c) a ausência de referências sobre o entrevistado é uma estratégia para induzir à leitura de texto na íntegra.
- d) o uso do destaque gráfico é um recurso de edição para ressaltar a importância do tema para o entrevistador.
- e) o entrevistado é um especialista em abordagens educacionais alternativas para o ensino da língua portuguesa.

66. (ENEM)

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoadá”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

- a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
- b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
- c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

67. (ENEM)

TEXTO I

Entrevistadora — eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora — olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixonou pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura... obras da/ dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

TEXTO II

Entrevistadora — Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora — Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixonou pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de reatualização. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- a) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- b) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- c) são exemplos de uso não planejado da língua.
- d) apresentam marcas da linguagem literária.
- e) são amostras do português culto urbano.

68. (ENEM) João Antônio de Barros (Jota Barros) nasceu aos 24 de junho de 1935, em Glória de Goitá (PE). Marceneiro, entalhador, xilógrafo, poeta repentista e escritor de literatura de cordel, já publicou 33 folhetos e ainda tem vários inéditos. Reside em São Paulo desde 1973, vivendo exclusivamente da venda de livretos de cordel e das cantigas de improviso, ao som da viola. Grande divulgador da poesia popular nordestina no Sul, tem dado frequentemente entrevistas à imprensa paulista sobre o assunto.

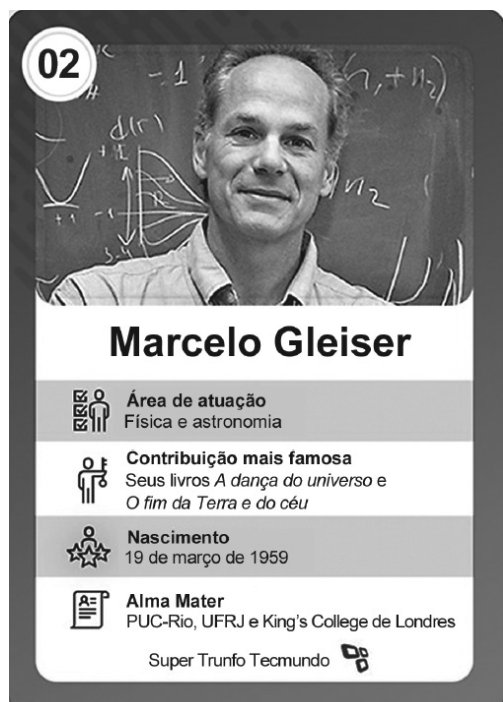
EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.). Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.

A biografia é um gênero textual que descreve a trajetória de determinado indivíduo, evidenciando sua singularidade. No caso específico de uma biografia como a de João Antônio de Barros, um dos principais elementos que a constitui é:

- a) a estilização dos eventos reais de sua vida, para que o relato biográfico surta os efeitos desejados.
- b) o relato de eventos de sua vida em perspectiva histórica, que valorize seu percurso artístico.
- c) a narração de eventos de sua vida que demonstrem a qualidade de sua obra.
- d) uma retórica que enfatize alguns eventos da vida exemplar da pessoa biografada.
- e) uma exposição de eventos de sua vida que mescle objetividade e construção ficcional.



69. (ENEM)



Disponível em: www.tecmundo.com.br. Acesso em: 10 dez. 2018 (adaptado).

O texto tem o formato de uma carta de jogo e apresenta dados a respeito de Marcelo Gleiser, premiado pesquisador brasileiro da atualidade. Essa apresentação subverte um gênero textual ao:

- a) vincular áreas distintas do conhecimento.
- b) evidenciar a formação acadêmica do pesquisador.
- c) relacionar o universo lúdico a informações biográficas.
- d) especificar as contribuições mais conhecidas do pesquisador.
- e) destacar o nome do pesquisador e sua imagem no início do texto.

70. (ENEM)

Isaac Newton nasceu em 4 de janeiro de 1643, no condado de Lincolnshire, Inglaterra. Filho de fazendeiros, o cientista, físico e matemático nunca conheceu seu pai, morto três meses antes de o filho nascer.

Estudou na escola King's School, onde era um aluno mediano. Entretanto, depois de uma briga com um colega de classe, começou a se esforçar mais nos estudos. Passou então a ser um dos melhores alunos da escola. O sucesso nos estudos levou Newton a entrar na Faculdade Trinity, em Cambridge, onde auxiliava outros alunos em troca de uma bolsa de estudos paga pela faculdade.

Newton se interessava pelos pioneiros da ciência, como o filósofo Descartes e os astrônomos Copérnico, Galileu e Kepler. Depois de formado, fez estudos em matemática e foi eleito professor da matéria em 1669. Em 1670, começou a dar aulas de ótica. Nessa época, demonstrou como, através de um prisma, é possível separar a luz branca nas cores do arco-íris.

Em 1679, o cientista inglês voltou-se para mecânica e os efeitos da gravitação sobre as órbitas dos planetas. Em 1687, publicou o livro *Principia mathematica*, em que demonstrou as três leis universais do movimento. Com esse livro, Newton ganhou reconhecimento mundial.

Disponível em: www.invivo.fiocruz.br. Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).

A análise dos elementos constitutivos desse texto, como forma de composição, tema e estilo de linguagem, permite identificá-lo como:

- a) didático, já que explica a importância das contribuições de Isaac Newton.
- b) jornalístico, pois dá a conhecer fatos relacionados a Isaac Newton.
- c) científico, pois investiga informações sobre Isaac Newton.
- d) ensaístico, já que discute fatos da vida de Isaac Newton.
- e) biográfico, pois narra a trajetória de vida de Isaac Newton.

71. (ENEM) Há muito se sabe que a Bacia Bauru - depósito de rochas formadas por sedimentos localizado entre os estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul - foi habitada, há milhões de anos, por uma abundante fauna de crocodiliformes, um grupo de répteis em que estão incluídos os crocodilos, os jacarés e seus parentes pré-históricos extintos. Entre as famílias que por lá viveram está a *Baurusuchidae*, que, na região, englobava outras seis espécies de crocodiliformes exclusivamente terrestres e com grande capacidade de deslocamento, crânio alto e comprimido lateralmente e com longos dentes serrilhados. Agora, em um artigo publicado na versão *on-line* da revista *Cretaceous Research*, um grupo de pesquisadores das universidades federais do Rio de Janeiro e do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, identificaram mais um membro dessa antiga família.

Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 2 nov. 2013.

A circulação do conhecimento científico ocorre de diferentes maneiras. Por meio da leitura do trecho, identifica-se que o texto é um artigo de divulgação científica, pois, entre outras características:

- a) exige do leitor conhecimentos específicos acerca do tema explorado.
- b) destina-se a leitores vinculados a diferentes comunidades científicas.
- c) faz referência a artigos publicados em revistas científicas internacionais.
- d) trata de descobertas da ciência com linguagem acessível ao público em geral.
- e) aborda temas que receberam destaque em jornais e revistas não especializados.

72. (ENEM)

Ser pai faz bem para a pressão!

Uma pesquisa feita pela Brigham Young University, nos EUA, indica que a paternidade pode ajudar a manter a pressão arterial baixa. Os dados foram medidos em 198 adultos, monitorados por aparelhos anexados ao braço, em intervalos aleatórios, durante 24 horas. Comparada à do grupo de adultos sem filhos, a média dos pais foi inferior em 4,5 pontos para a pressão arterial diastólica. Julianne Holt-Lunstad, autora do estudo, diz que outros fatores (como atividades físicas) também colaboram para reduzir esses níveis e que o objetivo da pesquisa é comprovar como fatores sociais colaboram para a saúde do corpo. "Isso não significa que quanto mais crianças você tiver, melhor será sua pressão sanguínea. Os resultados estão conectados a essa relação de parentesco, mas sem considerar o número de sucessores ou situação profissional", pondera Julianne.

ALVES, I. Vivasáude. n. 83. s.d.



O texto apresenta resultados de uma pesquisa científica, objetivando:

- informar o leitor leigo a respeito dos resultados obtidos, com base em dados monitorados.
- sensibilizar o leitor acadêmico a respeito da paternidade, com apoio nos comentários da pesquisadora.
- persuadir o leitor especializado a se beneficiar do exercício da paternidade, com base nos dados comparados.
- dar ciência ao leitor especializado da validade da investigação, com base na reputação da instituição promotora.
- instruir o leitor leigo a respeito da validade relativa da investigação, com base nas declarações da pesquisadora.

○ 73. (ENEM)

Por que as formigas não morrem quando postas em forno de micro-ondas?

As micro-ondas são ondas eletromagnéticas com frequência muito alta. Elas causam vibração nas moléculas de água, e é isso que aquece a comida. Se o prato estiver seco, sua temperatura não se altera. Da mesma maneira, se as formigas tiverem pouca água em seu corpo, podem sair incólumes. Já um ser humano não se sairia tão bem quanto esses insetos dentro de um forno de micro-ondas superdimensionado: a água que compõe 70% do seu corpo aqueceria. Micro-ondas de baixa intensidade, porém, estão por toda a parte, oriundas da telefonia celular, mas não há comprovação de que causem problemas para a população humana.

OKUNO, E. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2013.

Os textos constroem-se com recursos linguísticos que materializam diferentes propósitos comunicativos. Ao responder à pergunta que dá título ao texto, o autor tem como objetivo principal:

- defender o ponto de vista de que as ondas eletromagnéticas são inofensivas.
- divulgar resultados de recentes pesquisas científicas para a sociedade.
- apresentar informações acerca das ondas eletromagnéticas e de seu uso.
- alertar o leitor sobre os riscos de usar as micro-ondas em seu dia a dia.
- apontar diferenças fisiológicas entre formigas e seres humanos.

○ 74. (ENEM)

Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabete e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. Saúde é vital, n. 347, fev. 2012 (adaptado).

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de:

- “dá um chega pra lá no diabete” por “manda embora o diabete”.
- “esquentar a cabeça” por “quebrar a cabeça”.
- “bate um bolão” por “é um show”.
- “juntinhos” por “misturadinhos”.
- “por trás das encrencas” por “causadora de problemas”.

○ 75. (ENEM)

Como ganhar qualquer discussão

A verdade nem sempre depende de fatos – nos jornais, no Congresso ou no boteco, ela é frequentemente empacotada com táticas perversas e milenares. Conhecer essas técnicas é um bom jeito de se defender contra elas (e fazer a sua opinião prevalecer).

- Capte a benevolência: Siga a dica da retórica romana (*captatio benevolentiae*) e adule o interlocutor.
- Exagere o argumento do adversário: É a “técnica do espan-talho”, também chamada de ampliação indevida pelo filósofo Arthur Schopenhauer.
- Entre na onda: Concorde com parte dos argumentos do outro para, a partir daí, traçar a própria conclusão.

Outras dicas do mal:

- Mantenha a calma (o tom de fala vale mais que bons argumentos).
- Invalide as opiniões do adversário, desqualificando-o sem questioná-lo.
- Repita o argumento do outro, mas agora a seu favor.
- Revele que está usando uma tática para ganhar a discussão (aproveite para fingir que você venceu).

NARLOCH, L. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 27 out. 2011 (fragmento).

O fragmento, retirado de uma revista de divulgação científica, constrói-se em tom de humor, a partir de uma linguagem lúdica e despojada. O apelo a esse recurso expressivo é adequado para essa situação comunicativa, porque:

- converge para a subjetividade, característica desse tipo de periódico.
- segue parâmetros textuais semelhantes aos das publicações científicas.
- confirma o próprio periódico como meio de comunicação de massa.
- atende a um leitor interessado em expandir conhecimento teórico.
- contraria o uso previsto para o registro formal da língua portuguesa.



○ **76. (ENEM)** O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. Siga adiante e entenda o que está acontecendo (e aproveite que, segundo uma das mais recentes descobertas, nenhum exercício para o seu cérebro é tão bom quanto a leitura).

KENSKI, R. A revolução do cérebro. Superinteressante. ago. 2006.

Nessa introdução de uma matéria de popularização da ciência, são usados recursos linguísticos que estabelecem interação com o leitor, buscando envolvê-lo. Desses recursos, aquele que caracteriza a persuasão pretendida de forma mais incisiva se dá pelo emprego:

- a) do pronome possessivo como em “O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa”.
- b) de verbos na primeira pessoa do plural como “entendemos” e “somos”.
- c) de pronomes em primeira pessoa do plural como “nossa” e “nós”.
- d) de verbos no modo imperativo como “siga” e “aproveite”.
- e) de estruturas linguísticas avaliativas como “tão bom quanto a leitura”.

○ **77. (ENEM)**

Qual a diferença entre publicidade e propaganda?

Esses dois termos não são sinônimos, embora sejam usados indistintamente no Brasil. Propaganda é a atividade associada à divulgação de ideias (políticas, religiosas, partidárias etc.) para influenciar um comportamento. Alguns exemplos podem ilustrar, como o famoso Tio Sam, criado para incentivar jovens a se alistar no exército dos EUA; ou imagens criadas para “demonizar” os judeus, espalhadas na Alemanha pelo regime nazista; ou um pôster promovendo o poderio militar da China comunista. No Brasil, um exemplo regular de propaganda são as campanhas políticas em período pré-eleitoral.

Já a publicidade, em sua essência, quer dizer tornar algo público. Com a Revolução Industrial, a publicidade ganhou um sentido mais comercial e passou a ser uma ferramenta de comunicação para convencer o público a consumir um produto, serviço ou marca. Anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas são exemplos de publicidade.

VASCONCELOS, Y. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

A função sociocomunicativa desse texto é:

- a) ilustrar como uma famosa figura dos EUA foi criada para incentivar jovens a se alistar no exército.
- b) explicar como é feita a publicidade na forma de anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas.
- c) convencer o público sobre a importância do consumo.
- d) esclarecer dois conceitos usados no senso comum.
- e) divulgar atividades associadas à disseminação de ideias.

○ **78. (ENEM)**

aniversário (s.m.)

é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular. é sinônimo de doce. é festejar o próprio ser. é receber os abraços mais gostosos. é um bolo de chocolate vegano (*obrigado, mãe*). é quando eu esqueço o que não importa. é o dia em que eu me dou folga das folgas que a vida não me dá. é quando seus amigos se juntam para comprar a nova coleção de livros do Harry Potter pra você (*valeu, galera*)! é a felicidade fazendo visita.

é um balão imaginário que tem gosto de amor e cheirinho de infância.

DOEDERLEIN, J. O livro dos ressignificados. São Paulo: Parábola, 2017.

Nessa simulação de verbete de dicionário, não há a predominância da função metalinguística da linguagem, como seria de se esperar. Identificam-se elementos que subvertem o gênero por meio da incorporação marcante de características da função:

- a) conativa, como em “(valeu, galera)!”.
- b) referencial, como em “é festejar o próprio ser.”
- c) poética, como em “é a felicidade fazendo visita.”
- d) emotiva, como em “é quando eu esqueço o que não importa.”
- e) fática, como em “é o dia que recebo o maior número de ligações no meu celular.”

○ **79. (ENEM) PALAVRA** – As gramáticas classificam as palavras em substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção, pronome, numeral, artigo e preposição. Os poetas classificam as palavras pela alma porque gostam de brincar com elas, e para brincar com elas é preciso ter intimidade primeiro. É a alma da palavra que define, explica, ofende ou elogia, se coloca entre o significante e o significado para dizer o que quer, dar sentimento às coisas, fazer sentido. A palavra nuvem chove. A palavra triste chora. A palavra sono dorme. A palavra tempo passa. A palavra fogo queima. A palavra faca corta. A palavra carro corre. A palavra “palavra” diz. O que quer. E nunca desdiz depois. As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas em vários pontos. As palavras dizem o que querem, está dito, e pronto.

FALCÃO, A. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*. São Paulo: Salamandra, 2013 (adaptado).

Esse texto, que simula um verbete para a palavra “palavra”, constitui-se como um poema porque

- a) tematiza o fazer poético, como em “Os poetas classificam as palavras pela alma”.
- b) utiliza o recurso expressivo da metáfora, como em “As palavras têm corpo e alma”.
- c) valoriza a gramática da língua, como em “substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção”.
- d) estabelece comparações, como em “As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas”.
- e) apresenta informações pertinentes acerca do conceito de “palavra”, como em “As gramáticas classificam as palavras”.



○ 80. (ENEM)

Expressões idiomáticas

Expressões idiomáticas ou idiomatismo são expressões que se caracterizam por não identificar seu significado através de suas palavras individuais ou no sentido literal. Não é possível traduzi-las em outra língua e se originam de gírias e culturas de cada região. Nas diversas regiões do país, há várias expressões idiomáticas que integram os chamados dialetos.

Disponível em: www.brasilecola.com. Acesso em: 24 abr. 2010 (adaptado).

O texto esclarece o leitor sobre as expressões idiomáticas, utilizando-se de um recurso metalinguístico que se caracteriza por:

- a) influenciar o leitor sobre atitudes a serem tomadas em relação ao preconceito contra os falantes que utilizam expressões idiomáticas.
- b) externar atitudes preconceituosas em relação às classes menos favorecidas que utilizam expressões idiomáticas.
- c) divulgar as várias expressões idiomáticas existentes e controlar a atenção do interlocutor, ativando o canal de comunicação entre ambos.
- d) definir o que são expressões idiomáticas e como elas fazem parte do cotidiano do falante pertencente a grupos regionais diferentes.
- e) preocupar-se em elaborar esteticamente os sentidos das expressões idiomáticas existentes em regiões distintas.

○ 81. (ENEM)

Pedra sobre pedra

Algumas fazendas gaúchas ainda preservam as taipas, muros de pedra para cercar o gado. Um tipo de cerca primitiva. Não há nada que prenda uma pedra na outra, cuidadosamente empilhadas com altura de até um metro. Engenharia simples que já dura 300 anos. A mesma técnica usada no mangueirão, uma espécie de curral onde os animais ficavam confinados à noite. As taipas são atribuídas aos jesuítas. O objetivo era domar o gado xucro solto nos campos pelos colonizadores espanhóis.

FERRI, M. Revista Terra da Gente, nº 96, abr. 2012.

Um texto pode combinar diferentes funções de linguagem. Exemplo disso é Pedra sobre pedra, que se vale da função referencial e da metalinguística. A metalinguagem é estabelecida:

- a) por tempos verbais articulados no presente e no pretérito.
- b) pelas frases simples e referência ao ditado “não ficará pedra sobre pedra”.
- c) pela linguagem impessoal e objetiva, marcada pela terceira pessoa.
- d) pela definição de termos como “taipa” e “mangueirão”.
- e) por adjetivos como “primitivas” e “simples”, indicando o ponto de vista do autor.

Anotações:

○ 82. (ENEM)

TEXTO I

Frevo: Dança de rua e de salão, é a grande alucinação do Carnaval pernambucano. Trata-se de uma marcha de ritmo frenético, que é a sua característica principal. E a multidão ondulando, nos meneios da dança, fica a ferver. E foi dessa ideia de fervura (o povo pronuncia frevura, frever) que se criou o nome frevo.

CASCUDO, L. C. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Global, 2001 (adaptado).

TEXTO II

Frevo é Patrimônio Imaterial da Humanidade

O frevo, ritmo genuinamente pernambucano, agora é do mundo. A música que hipnotiza milhões de foliões e dá o tom do Carnaval no estado foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade. O anúncio foi feito em Paris, nesta quarta-feira, durante cerimônia da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Disponível em: www.diariodepernambuco.com.br. Acesso em: 14 jun. 2015.

Apesar de abordarem o mesmo tema, os textos I e II diferenciam-se por pertencerem a gêneros que cumprem, respectivamente, a função social de:

- a) resumir e avaliar.
- b) analisar e reportar.
- c) definir e informar.
- d) comentar e explanar.
- e) discutir e conscientizar.

○ 83. (ENEM)

O resgate de um barco com 25 imigrantes africanos na costa do Maranhão reacendeu a discussão sobre o quanto o Brasil estaria, cada vez mais, atraindo pessoas de outros países em busca de refúgio ou de melhores condições de vida.

O país recebeu 33 866 pedidos de refúgio de imigrantes no ano de 2017, segundo um relatório recente do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça.

A definição clássica de refugiado é “o imigrante que sofre de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”.

No entanto, a Acnur, agência da ONU para refugiados, já tem um entendimento ampliado do que pode configurar um refugiado, incorporando também as características de uma crise humanitária: fome generalizada, ausência de acesso a medicamentos e serviços básicos e perda de renda.

Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 22 maio 2018 (adaptado).

Nesse texto, a função metalinguística tem papel fundamental, pois revela que o direito de o imigrante ser tratado como refugiado no Brasil depende do(a):

- a) número de pedidos de refúgio já registrados no relatório do Conare.
- b) compreensão que o Ministério da Justiça tem da palavra “refugiado”.
- c) crise humanitária que se abate sobre os países mais pobres do mundo.
- d) profundidade da crise econômica pela qual passam determinados países.
- e) autorização da Acnur, que gerencia a distribuição de refugiados pelos países.



○ 84. (ENEM)

O livro *It – A Coisa*, de Stephen King

Durante as férias escolares de 1958, em Derry, pacata cidadezinha do Maine, Bill, Richie, Stan, Mike, Eddie, Ben e Beverly aprenderam o real sentido da amizade, do amor, da confiança e... do medo. O mais profundo e tenebroso medo. Naquele verão, eles enfrentaram pela primeira vez a Coisa, um ser sobrenatural e maligno, que deixou terríveis marcas de sangue em Derry. Quase trinta anos depois, os amigos voltam a se encontrar. Uma nova onda de terror tomou a pequena cidade. Mike Hanlon, o único que permanece em Derry, dá o sinal. Precisam unir forças novamente. A Coisa volta a atacar e eles devem cumprir a promessa selada com sangue que fizeram quando crianças. Só eles têm a chave do enigma. Só eles sabem o que se esconde nas entranhas de Derry. O tempo é curto, mas somente eles podem vencer a Coisa. Em *It – A Coisa*, clássico de Stephen King em nova edição, os amigos irão até o fim, mesmo que isso signifique ultrapassar os próprios limites.

Disponível em: www.livrariacultura.com.br. Acesso em: 1 dez. 2017.

Relacionando-se os elementos que compõem esse texto, desprende-se que sua função social consiste em levar o leitor a:

- a) compreender a história vivenciada por amigos na cidade de Derry.
- b) interpretar a obra com base em uma descrição detalhada.
- c) avaliar a publicação com base em uma síntese crítica.
- d) adquirir a obra apresentada no site da livraria.
- e) argumentar em favor da obra resumida.

○ 85. (ENEM)

Domésticas, de Fernando Meirelles e Nando Olival (2001)

Drama de trabalhadoras domésticas na cidade de São Paulo, mostradas a partir do cotidiano de Cida, Roxane, Quitéria, Raimunda e Créo. Uma quer se casar; a outra é casada, mas sonha com um marido melhor; uma sonha em ser artista de novela e a outra acredita que tem por missão na Terra servir a Deus e à sua patroa. Todas têm sonhos distintos, mas vivem a mesma realidade: trabalhar como empregada doméstica. Conduzido com humor (e uma trilha musical dos hits populares do Brasil brega dos anos 1970), o filme de Meirelles e Olival retrata o universo particular dessa categoria de trabalhadoras domésticas. É curioso que, em nenhum momento, aparecem padrões ou patroas. A narrativa de *Domésticas* se desenvolve segundo a ótica contingente das classes subalternas, dos de baixo, com seus anseios e sonhos, expectativas e frustrações. Não aparecem situações de luta social por direitos, o que sugere que o filme se detém na epiderme da consciência de classe contingente, expressando, desse modo, a fragmentação das perspectivas de vida e trajetórias das domésticas (quase como um destino, como observa na palavra final a doméstica Roxane). Do mesmo modo, ao retratar Zé Pequeno (em *Cidade de Deus*), Meirelles tratou sua sina de bandido quase como destino. É baseado na peça de teatro de Renata Melo (2005).

Disponível em: www.telacritica.org. Acesso em: 25 ago. 2017 (adaptado).

A sinopse, para convencer o leitor a assistir ao filme *Domésticas*, lança mão da seguinte estratégia de linguagem:

- a) Reflexão sobre a língua utilizada pelas personagens do filme.
- b) Avaliação positiva do filme disfarçada de comparação.
- c) Referência à mídia cinematográfica.
- d) Descrição de cenas do filme
- e) Apelação ao leitor

○ 86. (ENEM) O livro *A fórmula secreta* conta a história de um episódio fundamental para o nascimento da matemática moderna e retrata uma das disputas mais virulentas da ciência renascentista. Fórmulas misteriosas, duelos públicos, traições, genialidade, ambição – e matemática! Esse é o instigante universo apresentado no livro, que resgata a história dos italianos Tartaglia e Cardano e da fórmula revolucionária para resolução de equações de terceiro grau. A obra reconstitui um episódio polêmico que marca, para muitos, o início do período moderno da matemática.

Em última análise, *A fórmula secreta* apresenta-se como uma ótima opção para conhecer um pouco mais sobre a história da matemática e acompanhar um dos debates científicos mais inflamados do século XVI no campo. Mais do que isso, é uma obra de fácil leitura e uma boa mostra de que é possível abordar temas como álgebra de forma interessante, inteligente e acessível ao grande público.

GARCIA, M. Duelos, segredos e matemática. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br>. Acesso em: 6 out. 2015 (adaptado).

Na construção textual, o autor realiza escolhas para cumprir determinados objetivos. Nesse sentido, a função social desse texto é:

- a) interpretar a obra a partir dos acontecimentos da narrativa.
- b) apresentar o resumo do conteúdo da obra de modo impessoal.
- c) fazer a apreciação de uma obra a partir de uma síntese crítica.
- d) informar o leitor sobre a veracidade dos fatos descritos na obra.
- e) classificar a obra como uma referência para estudiosos da matemática.

○ 87. (ENEM) A trajetória de Liesel Meminger é contada por uma narradora mórbida, surpreendentemente simpática. Ao perceber que a pequena ladra de livros lhe escapa, a Morte afeiçoa-se à menina e rastreia suas pegadas de 1939 a 1943. Traços de uma sobrevivente: a mãe comunista, perseguida pelo nazismo, envia Liesel e o irmão para o subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde um casal se dispõe a adotá-los por dinheiro. O garoto morre no trajeto e é enterrado por um coveiro que deixa cair um livro na neve. É o primeiro de uma série que a menina vai surrupiar ao longo dos anos. O único vínculo com a família é esta obra, que ela ainda não sabe ler.

A vida ao redor é a pseudorealidade criada em torno do culto a Hitler na Segunda Guerra. Ela assiste à eufórica celebração do aniversário do Führer pela vizinhança. A Morte, perplexa diante da violência humana, dá um tom leve e divertido à narrativa deste duro confronto entre a infância perdida e a crueldade do mundo adulto, um sucesso absoluto – e raro – de crítica e público.

Disponível em: www.odevoradordelivros.com. Acesso em 24 jun. 2014.

Os gêneros textuais podem ser caracterizados, entre outros fatores, por seus objetivos. Esse fragmento é um(a):

- a) reportagem, pois busca convencer o interlocutor da tese defendida ao longo do texto.
- b) resumo, pois promove o contato rápido do leitor com uma informação desconhecida.
- c) sinopse, pois sintetiza as informações relevantes de uma obra de modo impessoal.
- d) instrução, pois ensina algo por meio de explicações sobre uma obra específica.
- e) resenha, pois apresenta uma produção intelectual de forma crítica.



○ 88. (ENEM)

Intenso e original, Son of Saul retrata horror do holocausto

Centenas de filmes sobre o holocausto já foram produzidos em diversos países do mundo, mas nenhum é tão intenso como o húngaro *Son of Saul*, do estreante em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes.

Ao contrário da grande maioria das produções do gênero, que costuma oferecer uma variedade de informações didáticas e não raro cruza diferentes pontos de vista sobre o horror do campo de concentração, o filme acompanha apenas um personagem.

Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus como ele que, por um dia e meio, luta obsessivamente para que um menino já morto — que pode ou não ser seu filho — tenha um enterro digno e não seja simplesmente incinerado.

O acompanhamento da jornada desse prisioneiro é no sentido mais literal que o cinema pode proporcionar: a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um close em primeiro plano ou em sua visão subjetiva. O que se passa ao seu redor é secundário, muitas vezes desfocado.

Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança, e por isso pouco se envolve nos planos de fuga que os companheiros tramam e, quando o faz, geralmente atrapalha. “Você abandonou os vivos para cuidar de um morto”, acusa um deles.

Ver toda essa via crucis é por vezes duro e exige certa entrega do espectador, mas certamente é daquelas experiências cinematográficas que permanecem na cabeça por muito tempo.

O longa já está sendo apontado como o grande favorito ao Oscar de filme estrangeiro. Se levar a estatueta, certamente não faltará quem diga que a Academia tem uma preferência por quem aborda a 2ª Guerra. Por mais que exista uma dose de verdade na afirmação, premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes.

Carta Capital, n. 873, 22 out. 2015.

A resenha é, normalmente, um texto de base argumentativa. Na resenha do filme *Son of Saul*, o trecho da sequência argumentativa que se constitui como opinião implícita é:

- a) “[...] do estreante em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes”.
- b) “Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus [...]”.
- c) “[...] a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um close [...]”.
- d) “Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança [...]”.
- e) “[...] premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes”.

○ 89. (ENEM)

Ela era linda. Gostava de dançar, fazia teatro em São Paulo e sonhava ser atriz em Hollywood. Tinha 13 anos quando ganhou uma câmera de vídeo — e uma irmã. As duas se tornaram suas companheiras de experimentações. Adolescente, Elena vivia a criar filminhos e se empenhava em dirigir a pequena Petra nas cenas que inventava. Era exigente com a irmã. E acreditava no potencial da menina para satisfazer seus arroubos de diretora precoce. Por cinco anos, integrou algumas das melhores companhias paulistanas de teatro e participou de preleções para filmes e trabalhos na TV. Nunca foi chamada. No início de 1990, Elena tinha 20 anos quando se mudou para Nova York para cursar artes cênicas e batalhar uma chance no mercado americano. Deslocada, ansiosa, frustrada após alguns testes de elenco malsucedidos, decepcionada com a ausência de reconhecimento e vitimada por uma depressão que se agravava com a falta de perspectivas, Elena pôs fim à vida no segundo semestre. Petra tinha 7 anos. Vinte anos depois, é ela, a irmã caçula, que volta a Nova York para percorrer os últimos passos da irmã, vasculhar seus arquivos e transformar suas memórias em imagem e poesia.

Elena é um filme sobre a irmã que parte e sobre a irmã que fica. É um filme sobre a busca, a perda, a saudade, mas também sobre o encontro, o legado, a memória. Um filme sobre a Elena de Petra e sobre a Petra de Elena, sobre o que ficou de uma na outra e, essencialmente, um filme sobre a delicadeza.

Disponível em: www.odevoradordelivros.com. Acesso em 24 jun. 2014.

O texto é exemplar de um gênero discursivo que cumpre a função social de

- a) narrar, por meio de imagem e poesia, cenas da vida das irmãs Petra e Elena.
- b) descrever, por meio das memórias de Petra, a separação de duas irmãs.
- c) sintetizar, por meio das principais cenas do filme, a história de Elena.
- d) lançar, por meio da história de vida do autor, um filme autobiográfico.
- e) avaliar, por meio de análise crítica, o filme em referência.

Anotações:



○ 90. (ENEM)

Receita

Tome-se um poeta não cansado,
Uma nuvem de sonho e uma flor,
Três gotas de tristeza, um tom dourado,
Uma veia sangrando de pavor.
Quando a massa já ferve e se retorce
Deita-se a luz dum corpo de mulher,
Duma pitada de morte se reforce,
Que um amor de poeta assim requer.

SARAMAGO, J. Os poemas possíveis. Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois:

- a) introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- b) explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- c) explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- d) apresenta organização estrutural típica de um poema.
- e) utiliza linguagem figurada na construção do poema.

○ 91. (ENEM)

Informações ao paciente - Nimesulida

Ação esperada do medicamento: Nimesulida possui propriedades anti-inflamatórias, analgésicas e antipiréticas.

Cuidados de armazenamento: Nimesulida gotas deve ser conservado em temperatura ambiente (entre 15 e 30°C), protegido da luz.

Gravidez e lactação: Informe a seu médico a ocorrência de gravidez durante o tratamento ou após o seu término. Informe ao médico se está amamentando. O uso de Nimesulida não é recomendado para gestantes e mulheres em fase de amamentação.

Cuidados de administração: Siga a orientação do seu médico, respeitando sempre os horários, as doses e a duração do tratamento. Caso os sintomas não melhorem em 5 dias, entre em contato com o seu médico. Recomenda-se utilizar Nimesulida depois das refeições.

Agite antes de usar.

TODO MEDICAMENTO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS.

Disponível em: www.bulas.med.br. Acesso em: 3 ago. 2012 (fragmento).

O fragmento de bula apresenta informações ao paciente sobre as propriedades do medicamento e sobre o modo adequado de administrá-lo. Pela leitura desse texto, o paciente obtém a informação de que o medicamento deve ser:

- a) mantido dentro da geladeira, preferencialmente.
- b) ingerido num intervalo de seis em seis horas.
- c) administrado em horários específicos.
- d) tomado por pelo menos uma semana.
- e) utilizado somente por adultos.

○ 92. (ENEM)

Parestesia não, formigamento

Trinta e três regras que mudam a redação de bulas no Brasil

Com o Projeto Bulas, de 2004, voltado para a tradução do jargão farmacêutico para a língua portuguesa – aquela falada em todo o Brasil – e a regulamentação do uso de medicamentos no país, cinco anos depois, o Brasil começou a sair das trevas.

O grupo comandado por uma doutora em Linguística da UFRJ sugeriu à Anvisa mudar tudo. Elaborou, também, “A redação de bulas para o paciente: um guia com os princípios de redação clara, concisa e acessível para o leitor de bulas”, disponível em versão adaptada no site da Anvisa. Diferentemente do que acontece com outros gêneros, na bula não há espaço para inovações de estilo. “O uso de fórmulas repetitivas é bem-vindo, dá força institucional ao texto”, explica a doutora. “A bula não pode abrir possibilidades de interpretações ao seu leitor”.

Se obedecidas, as 33 regras do guia são de serventia genérica – quem lida com qualquer tipo de escrita pode se beneficiar de seus ensinamentos. A regra 12, por exemplo, manda abolir a linguagem técnica, fonte de possível constrangimento para quem não a compreende, e recomenda: “Não irrite o leitor.” A regra 14 prega um tom cordial, educado e, sobretudo, conciso: “Não faça o leitor perder tempo”.

Disponível em: revistapiaui.estadao.com.br. Acesso em: 24 jul. 2012 (adaptado).

As bulas de remédio têm caráter instrucional e complementam as orientações médicas. No contexto de mudanças apresentado, a principal característica que marca sua nova linguagem é o(a):

- a) possibilidade de inclusão de neologismo.
- b) refinamento da linguagem farmacêutica.
- c) adequação ao leitor não especializado.
- d) detalhamento de informações.
- e) informalidade do registro.

○ 93. (ENEM)

Câncer 21/06 a 21/07

O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona para ser transformado, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação entre os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

Revista Cláudia. Nº 7, ano 48, jul. 2009.

O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função social específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se aos conhecimentos construídos socioculturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é:

- a) vender um produto anunciado.
- b) informar sobre astronomia.
- c) ensinar os cuidados com a saúde.
- d) expor a opinião de leitores em um jornal.
- e) aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.



94. (ENEM)

MORUMBI PRÓXIMA AO COL. PIO XII

Linda residência rodeada por maravilhoso jardim com piscina e amplo espaço gourmet. 1.000 m² construídos em 2.000 m² de terreno, 6 suítes. R\$ 3.200.000. Rua tranquila: David Pimentel. Cód. 480067 Morumbi Palácio Tel.: 3740-5000

Folha de S. Paulo. Classificados, 27 fev. 2012 (adaptado).

Os gêneros textuais nascem emparelhados a necessidades e a atividades da vida sociocultural. Por isso, caracterizam-se por uma função social específica, por um contexto de uso, por um objetivo comunicativo e por peculiaridades linguísticas e estruturais que lhes conferem determinado formato. Esse classificado procura convencer o leitor a comprar um imóvel e, para isso, utiliza-se:

- a) da predominância das formas imperativas dos verbos e de abundância de substantivos.
- b) de uma riqueza de adjetivos que modificam os substantivos, revelando as qualidades do produto.
- c) de uma enumeração de vocábulos, que visam conferir ao texto um efeito de certeza.
- d) do emprego de numerais, quantificando as características e os aspectos positivos do produto.
- e) da exposição de opiniões de corretores de imóveis no que se refere à qualidade do produto.

95. (ENEM)

Viagens, nossa paixão há 50 anos

Orlando

Aéreo, 6 noites, traslados e seguro. Saídas 1/Maio a 20/Junho. A partir de (R\$ 2.487) R\$ 498 + 9 x R\$ 221

New York

Aéreo, 5 noites, traslados privativos e seguro. Saídas aos sábados 7 a 28/Abril. A partir de (R\$ 4.548) R\$ 912 + 9 x R\$ 404

Hawaii 4 Ilhas CONSULTE AÉREO

11 noites com café visitando - Oahu, Kauai, Kona e Maui, colar de flores, passeios traslados e seguro. Saídas até 30/Junho. A partir de (R\$ 6.136) R\$ 1.231 + 9 x R\$ 545

Viagem e turismo, ed. 197, ano 18, mar. 2012 (adaptado).

O trecho em destaque "Consulte aéreo", que aparece na publicidade sobre o Havaí, tem por objetivo:

- a) argumentar que os preços do trecho aéreo variam em função da data.
- b) incentivar os turistas para que pesquisem suas próprias passagens aéreas.
- c) alertar que passagens aéreas não estão inclusas nesse roteiro de viagem.
- d) convencer os turistas a só comprarem passeios que tenham passagens aéreas.
- e) recomendar que os turistas adquiram passagens aéreas em outra companhia.

96. (ENEM)

MOSTRE QUE SUA MEMÓRIA É MELHOR DO QUE A DE COMPUTADOR E GUARDE ESTA CONDIÇÃO: 12X SEM JUROS.

Campanha publicitária de loja de eletroeletrônicos. Revista Época. Nº 424, 03 jul. 2006.

Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo configurações específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é:

- a) influenciar o comportamento do leitor, por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- b) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- c) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- d) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente desfavorecidas.
- e) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

97. (ENEM)



É dessa floresta que sai o Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Os Irmãos Karamazov, A Dama das Camélias e Os Três Mosqueteiros

Revista Bolsa, 1986. In: CARRASCOZA, J. A. evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elemento de sedução na publicidade. São Paulo: Futura, 1999 (adaptado).

Nesse cartaz publicitário de uma empresa de papel e celulose, a combinação dos elementos verbais e não verbais visa:

- a) justificar o prejuízo ao meio ambiente, ao vincular a empresa à difusão da cultura.
- b) incentivar a leitura de obras literárias, ao referir-se a títulos consagrados do acervo mundial.
- c) seduzir o consumidor, ao relacionar o anunciante às histórias clássicas da literatura universal.
- d) promover uma reflexão sobre a preservação ambiental, ao aliar o desmatamento aos clássicos da literatura.
- e) construir uma imagem positiva do anunciante, ao associar a exploração alegadamente sustentável à produção de livros.



98. (ENEM)



Se você quiser ver esta paisagem que parece uma pintura, aonde você tem que ir?

- A) () Florianópolis, SC
- B) () Búzios, RJ
- C) () Maragogi, AL
- D) () Aracaju, SE

Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.

NAS FÉRIAS, VIAJE PELO BRASIL. É BOM PRA VOCÊ. É BOM PARA O PAÍS.

BRASIL. Ministério do Turismo. Disponível em: www.turismo.gov.br. Acesso em: 27 fev. 2012.

Essa peça publicitária foi construída relacionando elementos verbais e não verbais. Considerando-se as estratégias argumentativas utilizadas pelo seu autor, percebe-se que a linguagem verbal explora, predominantemente, a função apelativa da linguagem, pois:

- a) imprime no texto a posição pessoal do autor em relação ao lugar descrito, objeto da propaganda.
- b) utiliza o artifício das repetições para manter a atenção do leitor, potencial consumidor de seu produto.
- c) mantém o foco do texto no leitor, pelo emprego repetido de “você”, marca de interlocução.
- d) veicula informações sobre as características físicas do lugar, balneário com grande potencial turístico.
- e) estabelece uma comparação entre a paisagem e uma pintura, artifício geralmente eficaz em propagandas.

99. (ENEM)



Rodrigo
Adotado aos 13 anos
Sinomar
Adotou aos 29 anos
Bruno
Ganhou novos irmãos a partir dos 3 anos
Adoção
LIGAÇÃO DE AMOR
Debora
Adotou aos 27 anos
Andre
Adotado aos 15 anos
Francisco
Adotado aos 8 anos

Adoção. Pra encontrar a sua verdadeira família, não existe idade.

Disponível em: www.acontecendoaqui.com.br. Acesso em: 15 jun. 2018.

Nessa campanha publicitária, a imagem da família e o texto verbal unem-se para reforçar a ideia de que:

- a) a família que adota é mais feliz.
- b) a adoção tardia é muito positiva.
- c) as famílias preferem adotar bebês.
- d) a adoção de adolescentes é mais simples.
- e) os filhos adotivos são companheiros dos pais.



100. (ENEM)

SE NO INVERNO É DIFÍCIL ACORDAR, IMAGINE DORMIR.

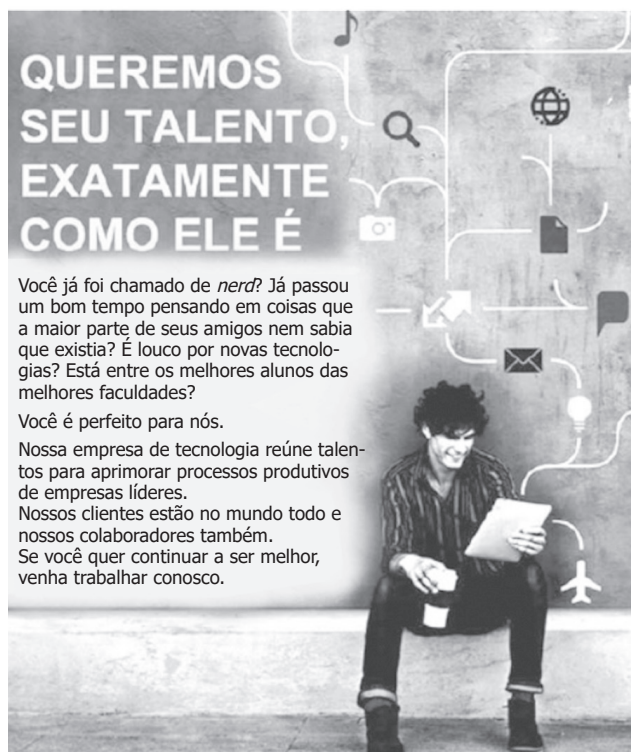
Com a chegada do inverno, muitas pessoas perdem o sono. São milhões de necessitados que lutam contra a fome e o frio. Para vencer esta batalha, eles precisam de você. Deposite qualquer quantia. Você ajuda milhares de pessoas a terem uma boa noite e dorme com a consciência tranquila.

Veja. 05 set. 1999 (adaptado).

O produtor de anúncios publicitários utiliza-se de estratégias persuasivas para influenciar o comportamento de seu leitor. Entre os recursos argumentativos mobilizados pelo autor para obter a adesão do público à campanha, destaca-se nesse texto:

- a) a oposição entre individual e coletivo, trazendo um ideário populista para o anúncio.
- b) a utilização de tratamento informal com o leitor, o que suaviza a seriedade do problema.
- c) o emprego de linguagem figurada, o que desvia a atenção da população do apelo financeiro.
- d) o uso dos numerais “milhares” e “milhões”, responsável pela supervalorização das condições dos necessitados.
- e) o jogo de palavras entre “acordar” e “dormir”, o que relativiza o problema do leitor em relação ao dos necessitados.

101. (ENEM)



QUEREMOS SEU TALENTO, EXATAMENTE COMO ELE É

Você já foi chamado de *nerd*? Já passou um bom tempo pensando em coisas que a maior parte de seus amigos nem sabia que existia? É louco por novas tecnologias? Está entre os melhores alunos das melhores faculdades?

Você é perfeito para nós.

Nossa empresa de tecnologia reúne talentos para aprimorar processos produtivos de empresas líderes.

Nossos clientes estão no mundo todo e nossos colaboradores também.

Se você quer continuar a ser melhor, venha trabalhar conosco.

Scientific American Brasil, ano 11, nº 134, jul. 2013 (adaptado).

Para atingir o objetivo de recrutar talentos, esse texto publicitário:

- a) afirma, com a frase “Queremos seu talento exatamente como ele é”, que qualquer pessoa com talento pode fazer parte da equipe.
- b) apresenta como estratégia a formação de um perfil por meio de perguntas direcionadas, o que dinamiza a interação texto-leitor.
- c) utiliza a descrição da empresa como argumento principal, pois atinge diretamente os interessados em informática.



d) usa estereótipo negativo de uma figura conhecida, o *nerd*, pessoa introspectiva e que gosta de informática.

e) recorre a imagens tecnológicas ligadas em rede, para simbolizar como a tecnologia é interligada.

○ 102. (ENEM)

O Conar existe para coibir os exageros na propaganda. E ele é 100% eficiente nesta missão.

Nós adoraríamos dizer que somos perfeitos. Que somos infalíveis. Que não cometemos nem mesmo o menor deslize. E só não falamos isso por um pequeno detalhe: seria uma mentira. Aliás, em vez de usar a palavra “mentira”, como acabamos de fazer, poderíamos optar por um eufemismo. “Meia-verdade”, por exemplo, seria um termo muito menos agressivo. Mas nós não usamos esta palavra simplesmente porque não acreditamos que exista uma “Meia-verdade”. Para o Conar, Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, existem a verdade e a mentira. Existem a honestidade e a desonestidade. Absolutamente nada no meio. O Conar nasceu há 29 anos (viu só? não arredondamos para 30) com a missão de zelar pela ética na publicidade. Não fazemos isso porque somos bonzinhos (gostaríamos de dizer isso, mas, mais uma vez, seria mentira). Fazemos isso porque é a única forma da propaganda ter o máximo de credibilidade. E, cá entre nós, para que serviria a propaganda se o consumidor não acreditasse nela?

Qualquer pessoa que se sinta enganada por uma peça publicitária pode fazer uma reclamação ao Conar. Ele analisa cuidadosamente todas as denúncias e, quando é o caso, aplica a punição.

Anúncio veiculado na Revista Veja. São Paulo: Abril. Ed. 2120, ano 42, n° 27, 8 jul. 2009.

Considerando a autoria e a seleção lexical desse texto, bem como os argumentos nele mobilizados, constata-se que o objetivo do autor do texto é:

- a) informar os consumidores em geral sobre a atuação do Conar.
- b) conscientizar publicitários do compromisso ético ao elaborar suas peças publicitárias.
- c) alertar chefes de família, para que eles fiscalizem o conteúdo das propagandas veiculadas pela mídia.
- d) chamar a atenção de empresários e anunciantes em geral para suas responsabilidades ao contratarem publicitários sem ética.
- e) chamar a atenção de empresas para os efeitos nocivos que elas podem causar à sociedade, se compactuarem com propagandas enganosas.

○ 103. (ENEM)

Texto I
Garoto propaganda



Disponível em: www.lumaxevedo.com.br. Acesso em: 10 nov. 2011 (adaptado).

Texto II
Eu etiqueta

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, permanência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.

ANDRADE, C. D. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br>. Acesso em 10 nov. 2011 (fragmento).

O anúncio publicitário *Garoto propaganda* e o poema *Eu etiqueta*, embora pertençam a gêneros textuais diferentes, abordam a mesma temática, com vistas a:

- a) submeter à crítica do leitor a sujeição a que a sociedade é obrigada pelo mercado.
- b) manifestar desagrado aos anúncios-itinerantes e às etiquetas impostas pelo mercado.
- c) descrever minuciosamente o cotidiano do homem que anuncia desde seu nascimento.
- d) caracterizar o mercado da moda como elemento de inserção do homem à sociedade.
- e) comparar as diversidades de etiquetas e modas existentes na sociedade capitalista.

○ 104. (ENEM)

Época, São Paulo, n° 698, 3 out. 2011.

Os anúncios publicitários, em geral, utilizam as linguagens verbal e não verbal com a intenção de influenciar comportamentos. Os recursos linguísticos e imagéticos presentes na propaganda da ABP convergem para:

- a) reforçar o caráter informativo do anúncio sobre a realização do evento de publicidade.
- b) mostrar que ideias ruins ou mal elaboradas também podem causar algum tipo de poluição.
- c) definir os critérios para a participação no Festival Brasileiro de Publicidade de 2011.



d) comparar a poluição ocasionada por ideias ruins e a originada pela ação humana.

e) estimular os publicitários a se inscreverem no Festival Brasileiro de Publicidade de 2011.

○ 105. (ENEM)



Disponível em: <http://portal.saude.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2012.

Campanhas educativas têm o propósito de provocar uma reflexão em torno de questões sociais de grande relevância, como as relacionadas à cidadania e também à saúde. Com a imagem de um relógio despertador e o *slogan* "Sempre é hora de combater a dengue", a Campanha Nacional de Combate à Dengue objetiva convencer a população de que é preciso:

- a) eliminar potenciais criadouros, quando aparecer a doença.
- b) posicionar-se criticamente sobre as ações de combate ao mosquito.
- c) prevenir-se permanentemente contra a doença.
- d) repensar as ações de prevenção da doença.
- e) preparar os agentes de combate ao mosquito.

○ 106. (ENEM)



Disponível em: www.acnur.org. Acesso em: 11 dez. 2018.

Nesse cartaz, o uso da imagem do calçado aliada ao texto

verbal tem o objetivo de:

- a) criticar as difíceis condições de vida dos refugiados.
- b) revelar a longa trajetória percorrida pelos refugiados.
- c) incentivar a campanha de doações para os refugiados.
- d) denunciar a situação de carência vivida pelos refugiados.
- e) simbolizar a necessidade de adesão à causa dos refugiados.

○ 107. (ENEM)



Disponível em: portal.pmf.sc.gov.br. Acesso em: 27 jun. 2015.

As informações presentes na campanha contra o bullying evidenciam a intenção de:

- a) destacar as diferentes ofensas que ocorrem no ambiente escolar.
- b) elencar os malefícios causados pelo bullying na vida de uma criança.
- c) provocar uma reflexão sobre a violência física que acontece nas escolas.
- d) denunciar a pouca atenção dada a crianças que sofrem bullying nas escolas.
- e) alertar sobre a relação existente entre o bullying e determinadas brincadeiras.

Anotações:



○ 108. (ENEM)



Considerando-se a finalidade comunicativa comum do gênero e o contexto específico do Sistema de Biblioteca da UFG, esse cartaz tem função predominantemente:

- a) socializadora, contribuindo para a popularização da arte.
- b) sedutora, considerando a leitura como uma obra de arte.
- c) estética, propiciando uma apreciação despretensiva da obra.
- d) educativa, orientando o comportamento de usuários de um serviço.
- e) contemplativa, evidenciando a importância de artistas internacionais.

○ 109. (ENEM)



National Geographic Brasil, nº 151, out. 2012 (adaptado).

Nessa campanha publicitária, para estimular a economia de água, o leitor é incitado a:

- a) adotar práticas de consumo consciente.
- b) alterar hábitos de higienização pessoal e residencial.
- c) contrapor-se a formas indiretas de exportação de água.
- d) optar por vestuário produzido com matéria-prima reciclável.
- e) conscientizar produtores rurais sobre os custos de produção.

○ 110. (ENEM)



Disponível em: www.agenciapatriciagalvao.org.br. Acesso em: 15 maio 2017 (adaptado).

Campanhas publicitárias podem evidenciar problemas sociais. O cartaz tem como finalidade:

- a) alertar os homens agressores sobre as consequências de seus atos.
- b) conscientizar a população sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica.
- c) instruir as mulheres sobre o que fazer em casos de agressão.
- d) despertar nas crianças a capacidade de reconhecer atos de violência doméstica.
- e) exigir das autoridades ações preventivas contra a violência doméstica.

○ 111. (ENEM)



Época, n. 698, 3 out. 2011 (adaptado).



Os textos publicitários são produzidos para cumprir determinadas funções comunicativas. Os objetivos desse cartaz estão voltados para a conscientização dos brasileiros sobre a necessidade de:

- a) as crianças frequentarem a escola regularmente.
- b) a formação leitora começar na infância.
- c) a alfabetização acontecer na idade certa.
- d) a literatura ter o seu mercado consumidor ampliado.
- e) as escolas desenvolverem campanhas a favor da leitura.

○ 112. (ENEM)



No trânsito, é preciso ter sempre em mente o perigo que você pode causar aos outros e a si mesmo. Motoristas devem sempre estar alertas à presença de veículos menores. Por isso, tenha atenção com os ciclistas. Dirija com consciência.

Disponível em: www.pedal.com.br. Acesso em: 3 jul. 2014 (adaptado).

No texto, o uso da linguagem verbal e não verbal atende à finalidade de:

- a) chamar a atenção para o respeito aos sinais de trânsito.
- b) informar os motoristas sobre a segurança dos usuários de ciclovias.
- c) alertar sobre os perigos presentes nas vias urbanas brasileiras.
- d) divulgar a distância permitida entre carros e veículos menores.
- e) propor mudanças de postura por parte de motoristas no trânsito.

○ 113. (ENEM)

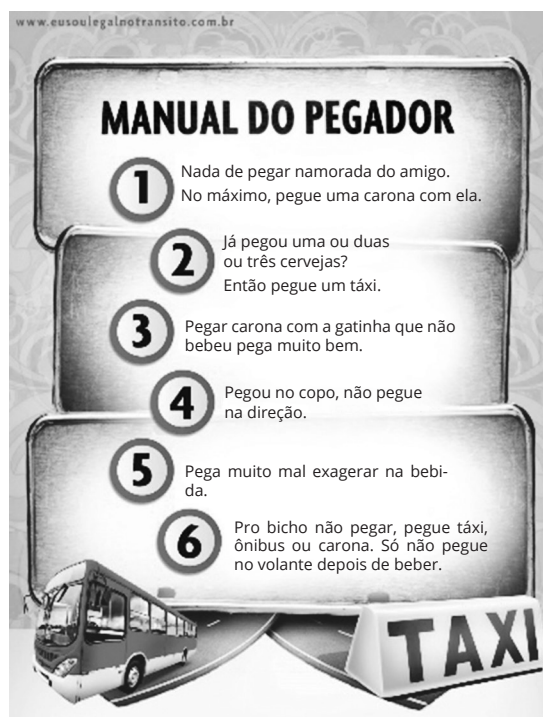


Disponível em: <http://portal.saude.gov.br>. Acesso em: 8 nov. 2013 (adaptado).

Na campanha publicitária, há uma tentativa de sensibilizar o público-alvo, visando levá-lo à doação de sangue. Analisando a estratégia argumentativa utilizada, percebe-se que:

- a) a exposição de alguns dados sobre a jovem procura provocar compaixão, visto que, em razão da doença, ela vive de maneira diferente dos demais jovens de sua idade.
- b) a campanha defende a ideia de que, para doar, é preciso conhecer o doente, considerando que foi preciso apresentar a jovem para gerar identificação.
- c) o questionamento seguido da resposta propõe reflexão por parte do público-alvo, visto que o texto critica a prática de escolher para quem doar.
- d) as escolhas verbais associadas à imagem parecem contraditórias, pois constroem uma aparência incompatível com a de uma jovem doente.
- e) a campanha explora a expressão da jovem a fim de gerar comoção no leitor, levando-o a doar sangue para as pessoas com leucemia.

○ 114. (ENEM)



Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 fev. 2012.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Anúncios publicitários geralmente fazem uso de elementos verbais e não verbais. Nessa peça publicitária, a imagem, que simula um manual, e o texto verbal, que faz uso de uma variedade de língua específica combinados, pretendem:

- fazer a gradação de comportamentos e de atitudes em termos da gravidade de efeitos da bebida alcoólica.
- aconselhar o leitor da peça publicitária a não “pegar” a namorada do amigo para o “bicho não pegar”.
- promover a mudança de comportamento dos jovens em relação ao consumo do álcool e à direção.
- demonstrar que a viagem de ônibus ou de táxi é mais segura, independentemente do consumo de álcool.
- incentivar a prática da carona em carros de motoristas do sexo feminino.

○ 115. (ENEM)



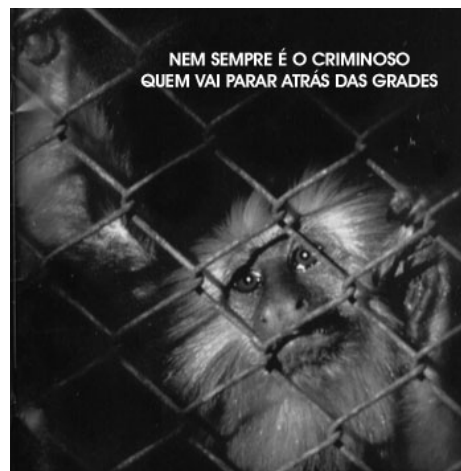
Veja, São Paulo, 29 set. 2009 (adaptado).

O texto apresentado emprega uma estratégia de argumentação baseada em recursos verbais e não verbais, com a intenção de:

- desaconselhar a ingestão de biscoitos, taxados de “vilões”, inimigos de uma alimentação saudável.
- associar a imagem da guloseima a um traço negativo, que se concretiza na utilização do termo “desafio”.
- alertar para um problema mundial, como se prevê em “globeidade”, relacionando o açúcar, representado pelo doce, a um vilão.
- ironizar a importância do problema, por meio do tom dramático da linguagem empregada, como se vê no uso de “culpado” e “vilão”.
- atestar a redução do consumo de alimentos calóricos, como o biscoito, desencadeada pelas recentes divulgações de pesquisas comprobatórias do malefício que eles fazem à saúde.

Anotações:

○ 116. (ENEM) A figura abaixo é parte de uma campanha publicitária.



Com Ciência Ambiental, nº 10, abr./2007.

Essa campanha publicitária relaciona-se diretamente com a seguinte afirmativa:

- o comércio ilícito da fauna silvestre, atividade de grande impacto, é uma ameaça para a biodiversidade nacional.
- a manutenção do mico-leão-dourado em jaula é a medida que garante a preservação dessa espécie animal.
- o Brasil, primeiro país a eliminar o tráfico do mico-leão-dourado, garantiu a preservação dessa espécie.
- o aumento da biodiversidade em outros países depende do comércio ilegal da fauna silvestre brasileira.
- o tráfico de animais silvestres é benéfico para a preservação das espécies, pois garante-lhes a sobrevivência.

○ 117. (ENEM)



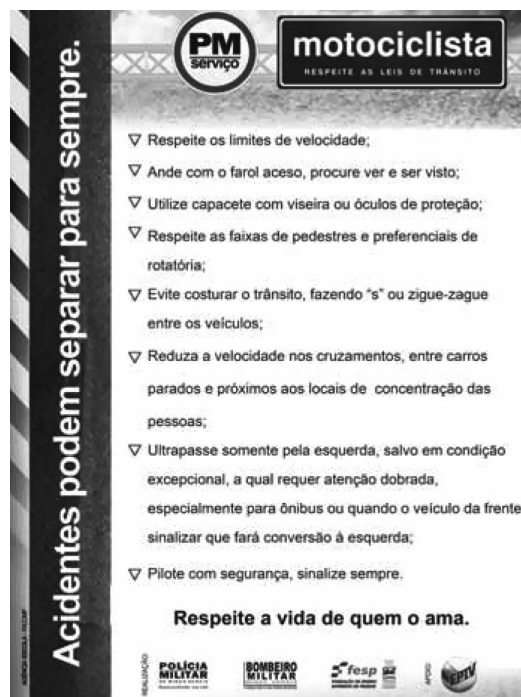
SUGAI, C. Disponível em: www.acessibilidadenapratica.com.br. Acesso em: 29 jun. 2015.

O texto sugere que a mobilidade é uma questão crucial para a vida nas cidades. Nele, destaca-se a necessidade de:

- incorporar meios de transportes diversos para viabilizar o deslocamento urbano.
- investir em transportes de baixo custo para minimizar os impactos ambientais.
- ampliar a quantidade de transportes coletivos para atender toda a população.
- privilegiar meios alternativos de transporte para garantir a mobilidade.
- adotar medidas para evitar o uso de transportes motorizados.



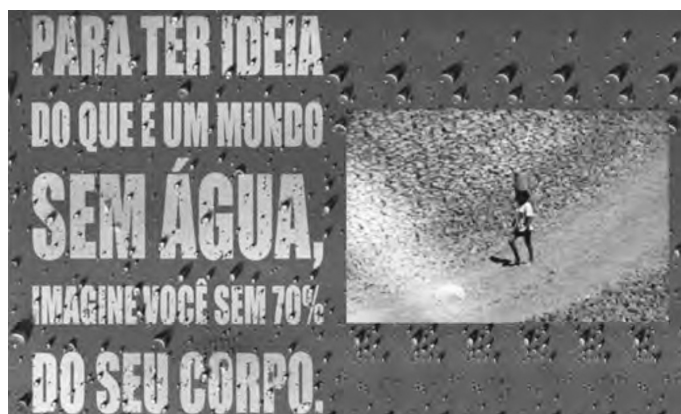
○ 118. (ENEM)



Esse texto trata de uma campanha sobre o trânsito e visa à orientação dos motociclistas quanto ao(à):

- intolerância com a morosidade do tráfego.
- desconhecimento da legislação.
- crescente número de motocicletas.
- manutenção preventiva do veículo.
- cuidado com a própria segurança.

○ 119. (ENEM)



Disponível em: <http://www.wwf.org.br>. Acesso em: 27 abr. 2010 (adaptado).

A relação entre texto e imagem potencializa a força de persuasão desse anúncio, que apresenta como principal objetivo:

- informar as pessoas de que elas podem perder 70% do seu corpo.
- confrontar opiniões acerca do descaso para com o meio ambiente.
- enumerar fatos que possam trazer mais informações ao contexto.
- conscientizar de que o consumismo de água agride o planeta.
- sensibilizar quanto à situação dos que vivem sem água em sacrifício pelo planeta.

○ 120. (ENEM)



Disponível em: www.paradapelavida.com.br. Acesso em: 15 nov. 2014.

Nesse texto, a combinação de elementos verbais e não verbais configura-se como estratégia argumentativa para:

- manifestar a preocupação do governo com a segurança dos pedestres.
- associar a utilização do celular às ocorrências de atropelamento de crianças.
- orientar pedestres e motoristas quanto à utilização responsável do telefone móvel.
- influenciar o comportamento de motoristas em relação ao uso do celular no trânsito.
- alertar a população para os riscos da falta de atenção no trânsito das grandes cidades.

○ 121. (ENEM)



Disponível em: www.comunicadores.info. Acesso em: 27 ago. 2017.

Essa é uma campanha de conscientização sobre os efeitos do álcool na direção. Pela leitura do texto, depreende-se que:

- o álcool afeta os sentidos humanos, podendo provocar a morte de pessoas inocentes.
- a bicicleta é um veículo de difícil visibilidade para os motoristas alcoolizados.
- o recipiente da bebida pode ser usado como refletor da imagem da criança.
- a visão do motorista alcoolizado fica turva após a ingestão de bebida.
- a bebida alcóolica é proibida a menores de idade.

Anotações:



○ 122. (ENEM)



Disponível em: www.facebook.com/cnj.official. Acesso em: 20 jun. 2018.

Essa campanha contra a sexualização infantil utiliza-se da articulação entre texto escrito e imagem para representar um(a):

- casal de crianças do sexo oposto.
- relação inocente entre duas crianças.
- horário do dia inapropriado para crianças.
- proximidade inadequada entre as crianças.
- espaço perigoso para crianças dessa idade.

○ 123. (ENEM)



Disponível em: www.ricmais.com.br. Acesso em: 10 nov. 2011 (adaptado).

De acordo com as intenções comunicativas e os recursos linguísticos que se destacam, determinadas funções são atribuídas à linguagem. A função que predomina nesse texto é a conativa, uma vez que ele:

- atua sobre o interlocutor, procurando convencê-lo a realizar sua escolha de maneira consciente.
- coloca em evidência o canal de comunicação pelo uso das palavras "corrige" e "confirma".
- privilegia o texto verbal, de base informativa, em detrimento do texto não verbal.
- usa a imagem como único recurso para interagir com o público a que se destina.
- evidencia as emoções do enunciador ao usar a imagem de uma criança.

○ 124. (ENEM)

No capricho

O Adãozinho, meu cumpade, enquanto esperava pelo delegado, olhava para um quadro, a pintura de uma senhora. Ao entrar a autoridade e percebendo que o cabôco admirava tal figura, perguntou: "Que tal? Gosta desse quadro?"

E o Adãozinho, com toda a sinceridade que Deus dá ao cabôco da roça: "Mas pelo amor de Deus, hein, dotô! Que muié feia! Parece fiote de cruiz-credo, parente do deus-me-livre, mais horríver que briga de cego no escuro."

Ao que o delegado não teve como deixar de confessar, um pouco secamente: "É a minha mãe." E o cabôco, em cima da bucha, não perde a linha: "Mais dotô, inté que é uma feiura caprichada."

BOLDRIN, R. Almanaque Brasil de Cultura Popular. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, nº 62, 2004 (adaptado).

Por suas características formais, por sua função e uso, o texto pertence ao gênero:

- anedota, pelo enredo e humor característicos.
- crônica, pela abordagem literária de fatos do cotidiano.
- depoimento, pela apresentação de experiências pessoais.
- relato, pela descrição minuciosa de fatos verídicos.
- reportagem, pelo registro impessoal de situações reais.

○ 125. (ENEM)

Dúvida

Dois compadres viajavam de carro por uma estrada de fazenda quando um bicho cruzou a frente do carro.

Um dos compadres falou:

– Passou um largato ali!

O outro perguntou:

– Lagarto ou largato?

O primeiro respondeu:

– Num sei não, o bicho passou muito rápido.

Piadas coloridas. Rio de Janeiro: Gênero, 2006.

Na piada, a quebra de expectativa contribui para produzir o efeito de humor. Esse efeito ocorre porque um dos personagens:

- reconhece a espécie do animal avistado.
- tem dúvida sobre a pronúncia do nome do réptil.
- desconsidera o conteúdo linguístico da pergunta.
- constata o fato de um bicho cruzar a frente do carro.
- apresenta duas possibilidades de sentido para a mesma palavra.

Anotações:



○ 126. (ENEM)

Pra onde vai essa estrada?

- Sô Augusto, pra onde vai essa estrada?
O senhor Augusto:
— Eu moro aqui há 30 anos, ela nunca foi pra parte nenhuma, não.
— Sô Augusto, eu estou dizendo se a gente for andando aonde a gente vai?
O senhor Augusto:
— Vai sair até nas Oropas, se o mar der vau.

Vocabulário

Vau: Lugar do rio ou outra porção de água onde esta é pouco funda e, por isso, pode ser transposta a pé ou a cavalo.

MAGALHÃES, L. L. A.; MACHADO, R. H. A. (Org.). *Perdizes, suas histórias, sua gente, seu folclore*. Perdizes: Prefeitura Municipal, 2005.

As anedotas são narrativas, reais ou inventadas, estruturadas com a finalidade de provocar o riso. O recurso expressivo que configura esse texto como uma anedota é o(a):

- a) uso repetitivo da negação.
- b) grafia do termo "Oropas".
- c) ambiguidade do verbo "ir".
- d) ironia das duas perguntas.
- e) emprego de palavras coloquiais.

○ 127. (ENEM)

Notícias do além

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à Terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passando algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

- Nossa Senhora, Chico! Você veio mesmo!
- Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias.
- Então me fala.
- O céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.
- E a outra?
- A outra é que você está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

DIAS, M. V. R. *Humor na Marolândia*. In: ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

Esse texto pode ser analisado sob dois pontos de vista que incluem situações diferentes de interlocução: a primeira, considerando seu produtor e seus potenciais leitores; e a segunda, considerando os interlocutores Francisco e Sebastião. Para cada uma dessas situações, o produtor do texto tem um objetivo específico que se determina, não só pela situação, mas também pelo gênero textual.

Os verbos que sintetizam os objetivos do produtor nas duas situações propostas são, respectivamente:

- a) entreter - seduzir
- b) divertir - informar
- c) distrair - comover
- d) recrear - assustar
- e) alegrar - intimidar

○ 128. (ENEM)

O humor e a língua

Há algum tempo, venho estudando as piadas, com ênfase em sua constituição linguística. Por isso, embora a afirmação a seguir possa parecer surpreendente, creio que posso garantir que se trata de uma verdade quase banal: as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. Os antropólogos ainda não prestaram a devida atenção a esse material, que poderia substituir com vantagem muitas entrevistas e pesquisas participantes. Saberemos mais a quantas andam o machismo e o racismo, por exemplo, se pesquisarmos uma coleção de piadas do que qualquer outro *corpus*.

POSSENTI, S. *Ciência Hoje*, nº 176. out. 2001 (adaptado).

A piada é um gênero textual que figura entre os mais recorrentes na cultura brasileira, sobretudo na tradição oral. Nessa reflexão, a piada é enfatizada por:

- a) sua função humorística.
- b) sua ocorrência universal.
- c) sua diversidade temática.
- d) seu papel como veículo de preconceitos.
- e) seu potencial como objeto de investigação.

○ 129. (ENEM)

A porca e os sete leitões

É um mito que está desaparecendo, pouca gente o conhece. É provável que a geração infantil atual o desconheça. (Em nossa infância em Botucatu, ouvimos falar que aparecia atrás da igreja de São Benedito no largo do Rosário.) Aparece atrás das igrejas antigas. Não faz mal a ninguém, pode-se correr para apanhá-la com seus bacorinhos que não se conseguirá. Desaparecem do lugar costumeiro da aparição, a qual só se dá à noite, depois de terem "cumprido a sina".

Em São Luís do Paraitinga, informaram que, se a gente atirar contra a porca, o tiro não acerta. Ninguém é dono dela e por muitos anos apareceu atrás da igreja de Nossa Senhora das Mercês, na cidade onde nasceu Oswaldo Cruz.

ARAÚJO, A. M. *Folclore nacional I: festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Os mitos são importantes para a cultura porque, entre outras funções, auxiliam na composição do imaginário de um povo por meio da linguagem. Esse texto contribui com o patrimônio cultural brasileiro porque:

- a) preserva uma história da tradição oral.
- b) confirma a veracidade dos fatos narrados.
- c) identifica a origem de uma história popular.
- d) apresenta as diferentes visões sobre a aparição.
- e) reforça a necessidade de registro das narrativas folclóricas.



○ 130. (ENEM)

A carroça sem cavalo

Conta-se que, em noites frias de inverno, descia um forte nevoeiro trazido pelo mar e nessa noite, ouviam-se muitos barulhos estranhos. Os moradores da cidade de São Francisco, que é a cidade mais antiga de Santa Catarina, eram acordados de madrugada com um barulho perturbador. Ao abrirem a janela de casa, os moradores assustavam-se com a cena: viam uma carroça andando sem cavalo e sem ninguém puxando... Andava sozinha! Na carroça, havia objetos barulhentos, como painéis, bules, inclusive alguns objetos amarrados do lado de fora da carroça. O medo dominou a pequena cidade. Conta-se ainda que um carroceiro foi morto a coices pelo seu cavalo, por maltratar o animal. Nas noites de manifestação da assombração, a carroça saía de um nevoeiro, assustava a população e, depois de um tempo, voltava a desaparecer no nevoeiro.

Disponível em: www.gazetaonline.com.br. Acesso em: 12 dez. 2017 (adaptado).

Considerando-se que os diversos gêneros que circulam na sociedade cumprem uma função social específica, esse texto tem por função:

- a) abordar histórias reais.
- b) informar acontecimentos.
- c) questionar crenças populares.
- d) narrar histórias do imaginário social.
- e) situar fatos de interesse da sociedade.

○ 131. (ENEM)

História de assombração

Ah! Eu alembro uma história que aconteceu com meu tii. Era dia de Sexta-Feira da Paixão, diz que eles falava pra meu tii *não num vai pescá não*. Ele foi assim mesmo, aí chegô lá, ele tá pescano... tá pescano... e nada de peixe. Aí saiu um mundo véi de cobra em cima dele, aí ele foi embora... Aí até ele memo contava isso e falava *É... nunca mais eu vou pescar no dia de Sexta-Feira da Paixão...*

COSTA, S. A. S. Narrativas tradicionais tapuias. Goiânia: UFG, 2011 (adaptado).

Quanto ao gênero do discurso e à finalidade social do texto *História de assombração*, a organização textual e as escolhas lexicais do locutor indicam que se trata de um(a):

- a) criação literária em prosa, que provoca reflexão acerca de problemas cotidianos.
- b) texto acadêmico, que valoriza o estudo da linguagem regional e de suas variantes.
- c) relato oral, que objetiva a preservação da herança cultural da comunidade.
- d) conversa particular, que favorece o compartilhar de informações e experiências pessoais.
- e) anedota regional, que evidencia a fala e o vocabulário exclusivo de um grupo social.

Anotações:

○ 132. (ENEM)

Olhando o gavião no telhado, Hélio fala:

- Esta noite eu sonhei um sonho engraçado.
- Como é que foi? — pergunta o pai.
- Quer dizer, não é bem engraçado não. É sobre uma casa de João-de-barro que a gente descobriu ali no jacarandá.
- A gente, quem?
- Eu mais o Timinho.
- O que tinha dentro?
- Um ninho.
- Vazio?
- Não.
- Tinha ovo?
- Tinha.
- Quantos? — pergunta a mãe.

Hélio fica na dúvida. Não consegue lembrar direito.

Todos esperam, interessados. Na maior aflição, ele pergunta ao irmão mais novo:

- Quantos ovos tinha mesmo, Timinho? Ocê lembra?

ROMANO, O. O ninho. In: Casos de Minas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Esse texto pertence ao gênero textual caso ou "causo", narrativa popular que tem o intuito de:

- a) contar histórias do universo infantil.
- b) relatar fatos do cotidiano de maneira cômica.
- c) retratar personagens típicos de uma região.
- d) registrar hábitos de uma vida simples.
- e) valorizar diálogos em família.

○ 133. (ENEM)

O cordelista por ele mesmo

Aos doze anos eu era forte, esperto e nutrido. Vinha do Sítio de Piroca muito alegre e divertido vender cestos e balaies que eu mesmo havia tecido.

Passava o dia na feira e à tarde regressava levando umas panelas que minha mãe comprava e bebendo água salgada nas cacimbas onde passava.

BORGES, J. F. Dicionário dos sonhos e outras histórias de cordel. Porto Alegre: LP&M, 2003 (fragmento).

Literatura de cordel é uma criação popular em verso, cuja linguagem privilegia, tematicamente, histórias de cunho regional, lendas, fatos ocorridos para firmar certas crenças e ações destacadas nas sociedades locais. A respeito do uso das formas variantes da linguagem no Brasil, o verso do fragmento que permite reconhecer uma região brasileira é:

- a) "muito alegre e divertido".
- b) "Passava o dia na feira".
- c) "levando umas panelas".
- d) "que minha mãe comprava".
- e) "nas cacimbas onde passava".



○ 134. (ENEM)

Ai se sêsse

Se um dia nois se gostasse
Se um dia nois se queresse
Se nois dois se empareasse
Se juntim nois dois vivesse
Se juntim nois dois morasse
Se juntim nois dois drumisse
Se juntim nois dois morresse
Se pro céu nois assubisse
Mas porém se acontecesse
De São Pedro não abrisse
A porta do céu e fosse
Te dizer qualquer tulice
E se eu me arriminasse
E tu cum eu insistisse
Pra que eu me arresolvesse
E a minha faca puxasse
E o bucho do céu furasse
Tarvês que nois dois caísse
E o céu furado arriasse
E as virgi toda fugisse

ZÉ DA LUZ. Cordel do Fogo Encantado. Recife: Álbum de estúdio, 2001.

O poema foi construído com formas do português não padrão, tais como “justim”, “nóis”, “tarvês”. Essas formas legitimam-se na construção do texto, pois:

- a) revelam o bom humor do eu-lírico do poema.
- b) estão presentes na língua e na identidade popular.
- c) revelam as escolhas de um poeta não escolarizado.
- d) tornam a leitura fácil de entender para a maioria dos brasileiros.
- e) compõem um conjunto de estruturas linguísticas inovadoras.

○ 135. (ENEM)

História da máquina que faz o mundo rodar

Cego, aleijado e moleque,
Padre, doutor e soldado,
Inspetor, juiz de direito,
Comandante e delegado,
Tudo, tudo joga o dinheiro
Esperando bom resultado.

Matuto, senhor de engenho,
Praciano e mandioqueiro,
Do agreste ao sertão
Todos jogam seu dinheiro
Se um diz que é mentiroso
Outro diz que é verdadeiro.

Na opinião do povo
Não tem quem possa mandar
Faça ou não faça a máquina
O povo tem que esperar
Por que quem joga dinheiro

Só espera mesmo é ganhar.
Assim é que muitos pensam
Que no abismo não cai
Que quem não for no Juazeiro
Depois de morto ainda vai,
Assim também é crença
Que a dita máquina sai.

Quando um diz: ele não faz,
Já outro fica zangado
Dizendo: assim como Cristo
Morreu e foi ressuscitado
Ele também faz a máquina
E seu dinheiro é lucrado.

CRUZ, A. F. Disponível em: www.jangadabrasil.org. Acesso em: 5 ago. 2012 (fragmento).

No fragmento, as escolhas lexicais remetem às origens geográficas e sociais da literatura de cordel. Exemplifica essa remissão o uso de palavras como:

- a) cego, aleijado, moleque, soldado, juiz de direito.
- b) agreste, sertão, Juazeiro, matuto, senhor de engenho.
- c) comandante, delegado, dinheiro, resultado, praciano.
- d) mentiroso, verdadeiro, joga, ganhar.
- e) morto, crença, zangado, Cristo.

○ 136. (ENEM) A discussão sobre “o fim do livro de papel” com a chegada da mídia eletrônica me lembra a discussão idêntica sobre a obsolescência do folheto de cordel. Os folhetos talvez não existam mais daqui a 100 ou 200 anos, mas, mesmo que isso aconteça, os poemas de Leandro Gomes de Barros ou Manuel Camilo dos Santos continuarão sendo publicados e lidos – em CD-ROM, em livro eletrônico, em “chips quânticos”, sei lá o quê. O texto é uma espécie de alma imortal, capaz de reencarnar em corpos variados: página impressa, livro em Braille, folheto, “coffee-table book” cópia manuscrita, arquivo PDF... Qualquer texto pode se reencarnar nesses (e em outros) formatos, não importa se é Moby Dick ou Viagem a São Saruê, se é Macbeth ou O livro de piadas de Casseta & Planeta.

TAVARES, B. Disponível em: <http://jornaldaparaiba.globo.com>.

Ao refletir sobre a possível extinção do livro impresso e o surgimento de outros suportes em via eletrônica, o cronista manifesta seu ponto de vista, defendendo que:

- a) o cordel é um dos gêneros textuais, por exemplo, que será extinto com o avanço da tecnologia.
- b) o livro impresso permanecerá como objeto cultural veiculador de impressões e de valores culturais.
- c) o surgimento da mídia eletrônica decretou o fim do prazer de se ler textos em livros e suportes impressos.
- d) os textos continuarão vivos e passíveis de reprodução em novas tecnologias, mesmo que os livros desapareçam.
- e) os livros impressos desaparecerão e, com eles, a possibilidade de se ler obras literárias dos mais diversos gêneros.



○ 137. (ENEM)

A literatura de cordel é ainda considerada, por muitos, uma literatura menor. A alma do homem não é mensurável e — desde que o cordel possa exprimir a história, a ideologia e os sentimentos de qualquer homem — vai ser sempre o gênero literário preferido de quem procura apreender o espírito nordestino. Os costumes, a língua, os sonhos, os medos e as alegrias do povo estão no cordel. Na nossa época, apesar dos jornais e da TV — que poderiam ter feito diminuir o interesse neste tipo de literatura — e da falta de apoio econômico, o cordel continua vivo no interior e em cenáculos acadêmicos.

A literatura de cordel, as xilogravuras e o repente não foram apenas um divertimento do povo. Cordéis e cantorias foram o professor que ensinava as primeiras letras e o médico que falava para inculcar comportamentos sanitários. O cordel e o repente fazem, muitas vezes, de um candidato o ganhador da banca de deputado. E assim, lendo e ouvindo, foi-se formando a memória coletiva desse povo alegre e trabalhador, que embora calmo, enfrenta o mar e o sertão com a mesma valentia.

BRICKMANN, L. B. E de repente foi o cordel. Disponível em: <http://pt.scribd.com>. Acesso em: 29 fev. 2012 (fragmento).

O gênero textual cordel, também conhecido como folheto, tem origem em relatos orais e constitui uma forma literária popular no Brasil. A leitura do texto sobre a literatura de cordel permite:

- descrever esse gênero textual exclusivamente como instrumento político.
- valorizar o povo nordestino, que tem no cordel sua única forma de expressão.
- ressaltar sua importância e preservar a memória cultural de nosso povo.
- avaliar o baixo custo econômico dos folhetos expostos em barbantes.
- informar aos leitores o baixo valor literário desse tipo de produção.

○ 138. (ENEM)

O Jivaro

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter:

– Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

– Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

Rubem Braga.

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário.

O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão-somente provocar o riso.

Na crônica *O jivaro*, escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

Assunto

Modo de apresentar

Finalidade

- | Assunto | Modo de apresentar | Finalidade |
|------------------------|-------------------------|-----------------------|
| a) caso imaginário | descrição objetiva | provocar o riso |
| b) informação colhida | narrativa sugestiva | promover reflexão |
| c) informação colhida | descrição objetiva | definir um sentimento |
| d) experiência pessoal | narrativa sugestiva | provocar o riso |
| e) experiência pessoal | exposição argumentativa | promover reflexão |

○ 139. (ENEM)

O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

– Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

– Deus me livre, não! Hoje não...

Abílio interpelou a velha:

– Como é o negócio?

Ele concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

– Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espregueou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela, e o vizinho repetiu:

– Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

– Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. Mistérios de Curitiba. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter:

- filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- crítico, pois despreza o que acontece nas relações de vizinhança.
- didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

Anotações:



○ 140. (ENEM)

Ed Mort só vai

Mort. Ed Mort. Detetive particular. Está na plaqueta. Tenho um escritório numa galeria de Copacabana entre um fliperama e uma loja de carimbos. Dá só para o essencial, um telefone mudo e um cinzeiro. Mas insisto numa mesa e numa cadeira. Apesar do protesto das baratas. Elas não vencerão. Comprei um jogo de máscaras. No meu trabalho o disfarce é essencial. Para escapar dos credores. Outro dia entrei na sala e vi a cara do King Kong andando pelo chão. As baratas estavam roubando as máscaras. Espisoteei meia dúzia. As outras atacaram a mesa. Consegui salvar a minha Bic e o jornal. O jornal era novo, tinha só uma semana. Mas elas levaram a agenda. Saí ganhando. A agenda estava em branco. Meu último caso fora com a funcionária do Erótica, a primeira ótica da cidade com balconista topless. Acabara mal. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta.

VERISSIMO, L. F. Ed Mort: todas as histórias. Porto Alegre: L&PM, 1997 (adaptado).

Nessa crônica, o efeito de humor é basicamente construído por uma:

- a) segmentação de enunciados baseada na descrição dos hábitos do personagem.
- b) ordenação dos constituintes oracionais na qual se destaca o núcleo verbal.
- c) estrutura composicional caracterizada pelo arranjo singular dos períodos.
- d) sequenciação narrativa na qual se articulam eventos absurdos.
- e) seleção lexical na qual predominam informações redundantes.

○ 141. (ENEM)

Menino de cidade — Papai, você deixa eu ter um cachorro no meu sítio? — Deixo. — E um porquinho da índia? E ariranha? E macaco e quatro cabritos? E duzentos e vinte pombas? E um boi? E vaca? E rinoceronte? — Rinoceronte não pode. — Tá bem, mas cavalo pode, não pode? O sítio é apenas um terreno no estado do Rio sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda e ele, que nasceu no Rio e vive nesta cidade sem animais.

CAMPOS, P. M. Balé do pato e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1988.

Nessa crônica, a repetição de estruturas sintáticas, além de fazer o texto progredir, ainda contribui para a construção de seu sentido:

- a) demarcando o diálogo desenvolvido entre o pai e o menino criado na cidade.
- b) opondo a cidade sem animais a um sítio habitado por várias espécies diferentes.
- c) revelando a ansiedade do menino em relação aos bichos que poderia ter em seu sítio.
- d) pondo em foco os animais como temática central da história narrada nessa prosa ficcional.
- e) indicando a falta de ânimo do pai, sem maiores perspectivas futuras em relação ao terreno.

○ 142. (ENEM)

Futebol de rua

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora.

Não sei se alguém, algum dia, por farrá ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

Do campo: o campo só pode ser até o fio da calçada, calçada e rua, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

Da duração do jogo: até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

Da formação dos times: o número de jogadores em cada equipe varia, de um a setenta para cada lado.

Do juiz: não tem juiz.

Do intervalo para descanso: você deve estar brincando.

VERISSIMO, L. F. In: Para gostar de ler: crônicas 6. São Paulo: Ática, 2002 (fragmento).

Nesse trecho de crônica, o autor estabelece a seguinte relação entre o futebol de rua e o futebol oficial:

- a) As regras do futebol de rua descaracterizam o futebol de campo, uma vez que entre as duas práticas não há similaridades.
- b) As condições materiais do futebol de rua impedem o envolvimento das pessoas e o caráter prazeroso desta prática.
- c) O futebol de rua expressa a possibilidade de autoria das pessoas para a prática de esporte e de lazer.
- d) O futebol de rua é necessariamente um futebol de menor valor e importância em relação ao futebol oficial.
- e) A ausência de regras formalizadas no futebol de rua faz com que o jogo seja desonesto em comparação com o futebol oficial.

○ 143. (ENEM) Em 1958, a seleção brasileira foi campeã mundial pela primeira vez. O texto foi extraído da crônica “A alegria de ser brasileiro”, do dramaturgo Nelson Rodrigues, publicada naquele ano pelo jornal *Última Hora*.

“Agora, com a chegada da equipe imortal, as lágrimas rolam. Convenhamos que a seleção as merece. Merece por tudo: não só pelo futebol, que foi o mais belo que os olhos mortais já contemplaram, como também pelo seu maravilhoso índice disciplinar.

Até este Campeonato, o brasileiro julgava-se um cafajeste nato e hereditário. Olhava o inglês e tinha-lhe inveja. Achava o inglês o sujeito mais fino, mais sóbrio, de uma polidez e de uma cerimônia inenarráveis. E, súbito, há o Mundial. Todo mundo baixou o sarrafo no Brasil. Suecos, britânicos, alemães, franceses, checos, russos, davam botinadas em penca. Só o brasileiro se mantinha ferozmente dentro dos limites rígidos da esportividade. Então, se verificou o seguinte: o inglês, tal como o concebíamos, não existe. O único inglês que apareceu no Mundial foi o brasileiro. Por tantos motivos, vamos perder a vergonha (...), vamos sentar no meio-fio e chorar. Porque é uma alegria ser brasileiro, amigos”.

Além de destacar a beleza do futebol brasileiro, Nelson Rodrigues quis dizer que o comportamento dos jogadores dentro do campo:

- a) foi prejudicial para a equipe e quase pôs a perder a conquista da copa do mundo.
- b) mostrou que os brasileiros tinham as mesmas qualidades que admiravam nos europeus, principalmente nos ingleses.
- c) ressaltou o sentimento de inferioridade dos jogadores brasileiros em relação aos europeus, o que os impediu de revidar as agressões sofridas.
- d) mostrou que o choro poderia aliviar o sentimento de que os europeus eram superiores aos brasileiros.
- e) mostrou que os brasileiros eram iguais aos europeus, podendo comportar-se como eles, que não respeitavam os limites da esportividade.



○ 144. (ENEM)

Noites do Bogart

O Xavier chegou com a namorada mas, prudentemente, não a levou para a mesa com o grupo. Abanou de longe. Na mesa, as opiniões se dividiam.

- Pouca vergonha.
- Deixa o Xavier.
- Podia ser a filha dele.
- Aliás, é colega da filha dele.

Na sua mesa, o Xavier pegara na mão da moça.

- Está gostando?
- Pó. Só.

- Chocante, né? - disse o Xavier. E depois ficou na dúvida.

Ainda se dizia "chocante"?

Beberam em silêncio. E ele disse:

- Quer dançar?

E ela disse, sem pensar:

- Depois, tio.

E ficaram em silêncio. Ela pensando "será que ele ouviu?". E ele pensando "faço algum comentário a respeito, ou deixo passar?". Decidiu deixar passar. Mas, pelo resto da noite aquele "tio" ficou em cima da mesa, entre os dois, latejando como um sapo. Ele a levou em casa. Depois voltou. Sentou com os amigos.

- Ai, Xavier. E a namorada?

Ele não respondeu.

VERÍSSIMO, L. F. O melhor das comédias da vida privada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

O efeito de humor no texto é produzido com o auxílio da quebra de convenções sociais de uso da língua. Na interação entre o casal de namorados, isso é decorrente:

- a) do registro inadequado para a interlocução em contexto romântico.
- b) da iniciativa em discutir formalmente a relação amorosa.
- c) das avaliações de escolhas lexicais pelos frequentadores do bar.
- d) das gírias distorcidas intencionalmente na fala do namorado.
- e) do uso de expressões populares nas investidas amorosas do homem.

○ 145. (ENEM)

Enquanto isso, nos bastidores do universo

Você planeja passar um longo tempo em outro país, trabalhando e estudando, mas o universo está preparando a chegada de um amor daqueles de tirar o chão, um amor que fará você jogar fora seu atlas e criar raízes no quintal como se fosse uma figueira.

Você treina para a maratona mais desafiadora de todas, mas não chegará com as duas pernas intactas na hora da largada, e a primeira perplexidade será esta: a experiência da frustração.

O universo nunca entrega o que promete. Aliás, ele nunca prometeu nada, você é que escuta vozes.

No dia em que você pensa que não tem nada a dizer para o analista, faz a revelação mais bombástica dos seus dois anos de terapia. O resultado de um exame de rotina coloca sua rotina de cabeça para baixo. Você não imaginava que iriam tantos amigos à sua festa, e tampouco imaginou que justo sua grande paixão não iria. Quando achou que estava bela, não arrasou corações. Quando saiu sem maquiagem e com uma camiseta puída, chamou a atenção. E assim seguem os dias à prova de planejamento e contrariando nossas vontades, pois, por mais que tenhamos ensaiado nossa fala e estejamos preparados para a melhor cena, nos bastidores do universo alguém troca nosso papel de última hora, tornando surpreendente a nossa vida.

MEDEIROS, M. O Globo, 21 Jun. 2015.

Entre as estratégias argumentativas utilizadas para sustentar a tese apresentada nesse fragmento, destaca-se a recorrência de:

- a) estruturas sintáticas semelhantes, para reforçar a velocidade das mudanças da vida.
- b) marcas de interlocução, para aproximar o leitor das experiências vividas pela autora.
- c) formas verbais no presente, para exprimir reais possibilidades de concretização das ações.
- d) construções de oposição, para enfatizar que as expectativas são afetadas pelo inesperado.
- e) sequências descritivas, para promover a identificação do leitor com as situações apresentadas.

○ 146. (ENEM)

Glossário diferenciado

Outro dia vi um anúncio de alguma coisa que não lembro o que era (como vocês podem deduzir, o anúncio era péssimo). Lembro apenas que o produto era diferenciado, funcional e sustentável. Pensando nisso, fiz um glossário de termos diferenciados e suas respectivas funcionalidades.

Diferenciado: um adjetivo que define um substantivo mas também o sujeito que o está usando. Quem fala "diferenciado" poderia falar "diferente". Mas escolheu uma palavra diferenciada. Porque ele quer mostrar que ele próprio é "diferenciado". Essa é a função da palavra "diferenciado": diferenciar-se. Por diferenciado, entenda: "mais caro". Estudos indicam que a palavra "diferenciado" representa um aumento de 50% no valor do produto. É uma palavra que faz a diferença.

DUVIVIER, G. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 17 nov. 2014 (adaptado).

Os gêneros são definidos, entre outros fatores, por sua função social. Nesse texto, um verbete foi criado pelo autor para:

- a) atribuir novo sentido a uma palavra.
- b) apresentar as características de um produto.
- c) mostrar um posicionamento crítico.
- d) registrar o surgimento de um novo termo.
- e) contar um fato do cotidiano.

○ 147. (ENEM)

Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é "a gente"). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

- Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

SABINO, F. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984 (adaptado).



A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que:

- a) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- b) a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações.
- c) o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- d) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- e) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

○ 148. (ENEM)

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naípe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

ASSIS, M. In: SANTOS, J. F. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 (fragmento).

Um dos traços fundamentais da vasta obra literária de Machado de Assis reside na preocupação com a expressão e com a técnica de composição. Em *O nascimento da crônica*, Machado permite ao leitor entrever um escritor ciente das características da crônica, como:

- a) texto breve, diálogo com o leitor e registro pessoal de fatos do cotidiano.
- b) síntese de um assunto, linguagem denotativa, exposição sucinta.
- c) linguagem literária, narrativa curta e conflitos internos.
- d) texto ficcional curto, linguagem subjetiva e criação de tensões.
- e) priorização da informação, linguagem impessoal e resumo de um fato.

Anotações:

○ 149. (ENEM)

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto.

Crônica é um relato? É uma conversa? É um resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos.

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco de em breve publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para o jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que não viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isso é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente.

LISPECTOR, C. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No texto, ao refletir sobre a atividade de cronista, a autora questiona características do gênero crônica, como

- a) relação distanciada entre os interlocutores.
- b) articulação de vários núcleos narrativos.
- c) brevidade no tratamento da temática.
- d) descrição minuciosa dos personagens.
- e) público leitor exclusivo.

○ 150. (ENEM)

Querido diário

Hoje topei com alguns conhecidos meus
Me dão bom-dia, cheios de carinho
Dizem para eu ter muita luz, ficar com Deus
Eles têm pena de eu viver sozinho

[...]

Hoje o inimigo veio me espreitar
Armou tocaia lá na curva do rio
Trouxe um porrete a mó de me quebrar
Mas eu não quebro porque sou macio, viu

HOLANDA, C. B. Chico Rio de Janeiro: Biscoito Fine, 2013 (fragmento).

Uma característica do gênero diário que aparece na letra da canção de Chico Buarque é o(a):

- a) diálogo com interlocutores próximos.
- b) recorrência de verbos no infinitivo.
- c) predominância de tom poético.
- d) uso de rimas na composição.
- e) narrativa autorreflexiva.



○ 151. (ENEM)

Exm^o. Sr. Governador:

Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

[...]

ADMINISTRAÇÃO

Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos que prefeitura do interior não ponha no arame, proclamando que a coisa foi feita por ela; comunicam-se as datas históricas ao Governo do Estado, que não precisa disso; todos os acontecimentos políticos são badalados. Porque se derrubou a Bastilha – um telegrama; porque se deitou pedra na rua – um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela – um telegrama.

Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929.

GRACILIANO RAMOS

RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

O relatório traz a assinatura de Graciliano Ramos, na época, prefeito de Palmeira dos Índios, e é destinado ao governo do estado de Alagoas. De natureza oficial, o texto chama a atenção por contrariar a norma prevista para esse gênero, pois o autor:

- a) emprega sinais de pontuação em excesso.
- b) recorre a termos e a expressões em desuso no português.
- c) apresenta-se na primeira pessoa do singular, para conotar intimidade com o destinatário.
- d) privilegia o uso de termos técnicos, para demonstrar conhecimento especializado.
- e) expressa-se em linguagem mais subjetiva, com forte carga emocional.

○ 152. (ENEM)

Salvador, 10 de maio de 2012.
Consultoria PC Speed Sr. Pedro Alberto
Assunto: Consultoria

Prezado Senhor,

Manifestamos nossa apreciação pelo excelente trabalho executado pela equipe de consultores desta empresa na revisão de todos os controles internos relativos às áreas administrativas.

As contribuições feitas pelos membros da equipe serão de grande valia para o aperfeiçoamento dos processos de trabalho que estão sendo utilizados.

Queira, por gentileza, transmitir-lhes nossos cumprimentos.

Atenciosamente,

Rivaldo Oliveira Andrade
Diretor Administrativo e Financeiro

Disponível em: www.pcspeed.com.br. Acesso em: 1 maio 2012 (adaptado).

A carta manifesta reconhecimento de uma empresa pelos serviços prestados pelos consultores da PC Speed. Nesse contexto, o uso da norma-padrão:

- a) constitui uma exigência restrita ao universo financeiro e é substituível por linguagem informal.
- b) revela um exagero por parte do remetente e torna o texto rebuscado linguisticamente.
- c) expressa o formalismo próprio do gênero e atribui profissionalismo à relação comunicativa.
- d) torna o texto de difícil leitura e atrapalha a compreensão das intenções do remetente.
- e) sugere elevado nível de escolaridade do diretor e realça seus atributos intelectuais.

○ 153. (ENEM)

Art. 2^o Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. [...]

Art. 3^o A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4^o É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. [...]

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: www.planalto.gov.br (fragmento).

Para cumprir sua função social, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* apresenta características próprias desse gênero quanto ao uso da língua e quanto à composição textual. Entre essas características, destaca-se o emprego de:

- a) repetição vocabular para facilitar o entendimento.
- b) palavras e construções que evitem ambiguidade.
- c) expressões informais para apresentar os direitos.
- d) frases na ordem direta para apresentar as informações mais relevantes.
- e) exemplificações que auxiliem a compreensão dos conceitos formulados.

○ 154. (ENEM)

Art. 5^o — Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 23 ago. 2011 (fragmento).

A objetividade inerente ao gênero lei manifesta-se no alto grau de formalidade da linguagem empregada. Essas características são expressas na estruturação do texto por:

- a) vocábulos derivados por sufixação
- b) frases ordenadas indiretamente.
- c) palavras de sentido literal.
- d) períodos simples.
- e) substantivos compostos.



155. (ENEM)

TEXTO I

Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

TEXTO II

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palpar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie — nem sequer mental ou de sonho —, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação. A função que predomina nos textos I e II:

- destaca o “como” se elabora a mensagem, considerando-se a seleção, combinação e sonoridade do texto.
- coloca o foco no “com o quê” se constrói a mensagem, sendo o código utilizado o seu próprio objeto.
- focaliza o “quem” produz a mensagem, mostrando seu posicionamento e suas impressões pessoais.
- orienta-se no “para quem” se dirige a mensagem, estimulando a mudança de seu comportamento.
- ênfatisa sobre “o quê” versa a mensagem, apresentada com palavras precisas e objetivas.

Anotações:

156. (ENEM)



LEMOS, A. *Artistas brasileiras*. Belo Horizonte: Migulim, 2018.

O que assegura o reconhecimento desse texto em quadros como prefácio é o(a):

- função de apresentação do livro.
- apelo emocional apoiado nas imagens.
- descrição do processo criativo da autora.
- referência à mescla dos trabalhos manual e digital.
- uso de elementos gráficos voltados para o público-alvo.

Anotações:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ 157. (ENEM)

Epitáfio

Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração
[...]
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor

BRITTO, S. A melhor banda de todos os tempos da última semana.
Rio de Janeiro: Abril Music, 2001 (fragmento).

O gênero epitáfio, palavra que significa uma inscrição colocada sobre lápides, tem a função social de homenagear os mortos. Nesse texto, a apropriação desse gênero no título da letra da canção cria o efeito de:

- a) destacar a importância de uma pessoa falecida.
- b) expressar desejo de reversão de atitudes.
- c) registrar as características pessoais.
- d) homenagear as pessoas sepultadas.
- e) sugerir notações para lápides.

○ 158. (ENEM)



NOVAES, C. O menino sem imaginação. São Paulo: Ática, 1993.

O gênero capa de livro tem, entre outras, a função de antecipar uma possível leitura a ser feita da obra em questão. Pela leitura dessa capa, infere-se que seu criador teve como propósito:

- a) criticar a alienação das crianças promovida pela forte presença das mídias de massa em seu cotidiano.
- b) alertar os pais sobre a má influência das tecnologias para o desenvolvimento infantil.

c) satirizar o nível de criatividade de meninos isolados do convívio com seu grupo.

d) condenar o uso recorrente de aparatos eletrônicos pelos jovens na atualidade.

e) censurar o comportamento dos pais em relação à educação dada aos filhos.

○ 159. (ENEM)

Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 25 jul. 2022.

O recurso linguístico que permite a Machado de Assis considerar um capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* como inventário é a

- a) enumeração de objetos e fatos.
- b) predominância de linguagem objetiva.
- c) ocorrência de período longo no trecho.
- d) combinação de verbos no presente e no pretérito.
- e) presença de léxico do campo semântico de funerais.

○ 160. (ENEM)

Adoçante

Quatro gotas do produto contêm 0,04 kcal e equivalem ao poder adoçante de 1 colher (de chá) de açúcar.

Ingredientes – água, sorbitol, edulcorantes (sucralose e acesulfame de potássio); conservadores: benzoato de sódio e ácido benzoico, acidulante ácido cítrico e regulador de acidez citrato de sódio.

Não contém glúten.

Informação nutricional – porção de 0,12 mL (4 gotas).

Não contém quantidade significativa de carboidratos, proteínas, gorduras totais, gorduras trans, fibra alimentar e sódio.

Consumir preferencialmente sob orientação de nutricionista ou médico.

Cosmed Indústria de Cosméticos e Medicamentos S/A. Barueri, SP.

Esse texto, rótulo de um adoçante, tem como objetivo transmitir ao leitor informações sobre a:

- a) composição nutricional do produto.
- b) necessidade de consultar um especialista antes do uso.
- c) medida exata de cada ingrediente que compõe a fórmula.
- d) quantidade do produto que deve ser consumida diariamente.
- e) correspondência calórica existente entre o adoçante e o açúcar.



○ 161. (ENEM)

Árvore da Língua

Ao longo dos três andares, uma instalação de 16 metros de altura mostra palavras com mais de 6 mil anos, projetadas em folhas da Árvore da Língua. Ela faz os significados dançarem para falar da evolução do indo-europeu ao latim e, dele, ao português. Criada pelo designer Rafic Farah, a escultura é pontuada por um mantra de Arnaldo Antunes, com os termos “língua” e “palavra” cantados em vários idiomas.

SCARDOVELI, E. Revista Língua Portuguesa. Ano II, nº 6. São Paulo: Segmento, 2006.

O texto apresentado pertence ao domínio jornalístico. Sua finalidade e sua composição estrutural caracterizam-no como:

- a) quadro informativo, pois apresenta dados sobre um objeto.
- b) notícia, já que leva informação atual a um público específico.
- c) reportagem, porque enfoca um assunto de forma abrangente.
- d) legenda, porque descreve elementos e retoma uma informação.
- e) entrevista, pois apresenta uma opinião sobre o local inaugurado.

Instrução: para responder à questão 162, observe os textos a seguir.

Com os pobres de Porto Alegre

Texto I

Ao primeiro pedinte do dia o porto-alegrense de classe média reage com humor, generosidade e até emoção. No segundo pedinte, os bons sentimentos já diminuíram. No terceiro, no quarto, no décimo, deram lugar à irritação e até mesmo à fúria, que vão desde a fórmula “vai trabalhar, vagabundo” (mas com esse desemprego?) até o pensamento genocida. Não é só em Porto Alegre que acontece. Nova York, por exemplo, está numa campanha cerrada para banir os pedintes do metrô.

Na guerra das cidades, a solidariedade é a primeira baixa, uma baixa que temos de lamentar. Quando ocupou o cargo de primeiro-ministro em Israel, Golda Meir costumava dizer: “Podemos perdoar tudo aos nossos inimigos — menos que tenham obrigado nossos filhos e os deles a se matarem mutuamente”. Uma coisa que não devíamos perdoar ao regime de feroz competitividade em que vivemos é que tenha nos tornado mais duros e insensíveis.

Antes de chegar à fase do assalto, os pobres fazem o que podem, recorrendo inclusive à criatividade: numa sinaleira da Nilo Peçanha, minha mulher foi saudada por dois garotos que lhe pediram um trocado - cantando um jingle de autoria deles:

“A senhora que é tão simpática / Veja a nossa vida dramática”, ou algo no estilo. Não chegava a ser um musical da Broadway, mas o potencial de aperfeiçoamento é óbvio: bem pode ser que, na próxima vez, tenhamos



um espetáculo de dança, ou quem sabe até uma ópera (que não será, claro, *A Ópera do Malandro*, do Chico).

“Com os pobres de Paris/aprendi uma lição”. Com os pobres de Porto Alegre também dá para aprender uma lição. A dignidade humana sempre dá um jeito de sobreviver, através do humor e da imaginação. Mesmo em tempos sombrios como os que vivemos.

Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 20 de março de 1994 - Revista ZH. p. 13. (adaptado)

Texto II



○ 162. (UFSM) Julgue se é verdadeiro (V) ou falso (F) o que se afirma sobre as semelhanças entre o texto I e o texto II.

- () Embora mais de uma década separe a publicação de um e outro texto, a foto no texto II denota uma realidade social semelhante à tematizada no texto I.
- () Nos dois textos, os meninos pobres recorrem à criatividade para enfrentar condições sociais adversas.
- () Mesmo constituindo gêneros textuais distintos, a crônica (texto I) e a charge (texto II) prestam-se à denúncia e ao alerta sobre o descaso da sociedade em relação aos pobres e desfavorecidos.

A sequência correta é

- a) F - F - V.
- b) V - V - V.
- c) V - F - V.
- d) V - V - F.
- e) F - F - F.

Anotações:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ 163. (UFSM 2024)

**ÚLTIMA CARTA DE PAUL KLEE
AOS GATOS DA SUA VIDA**

01 Queridos Nuggi, Fritzzy e Binho,
02 Chegando ao fim da minha vida, dirijo-vos esta carta
03 para vos dar conta da importância que tiveram no meu atri-
04 bulado percurso como pintor.
05 Creio que não teria chegado aonde cheguei como artis-
06 ta do meu tempo sem o vosso amor e a inspiração que nunca
07 me regatearam.
08 Fiz questão de vos manter presentes em tudo quanto
09 fiz, desde as cartas aos poemas, passando, naturalmente, pe-
10 los quadros em que tentei modestamente representar-vos.
11 Vocês acompanharam-me nas horas de sofrimento e
12 de incerteza, de exílio e de privação, mas também naquelas
13 que me deram a ilusão da felicidade. Primeiro, o meu que-
14 rido Nuggi, cinzento e meigo, ainda nos anos da juventude;
15 depois, Fritzzy, tigrado, brincalhão e matreiro, a quem tam-
16 bém chamei Fripouille, nos tempos mais intensos da criação
17 pictórica e também do reconhecimento artístico pelo público
18 e pela crítica; por fim, Bimbo, branco e discreto, já nos anos
19 da doença e da decadência física, sempre dedicado, sempre
20 presente, sempre terno e atento.
21 Devo confessar que sempre vislumbrei em vós um to-
22 que do sagrado, porque não hesito em considerar-vos seres
23 divinos, que eu não fui capaz de retratar com o talento me-
24 recido nas telas e nos desenhos em que vos tentei eternizar.
25 Sim, é verdade que vos escrevi cartas, sobretudo a Bimbo, já
26 no fim da vida, e que não tinha sossego nos meus telefone-
27 mas sempre que me diziam que algum de vocês estava do-
28 ente ou andava fugido. Isso nunca foi uma fraqueza minha e
29 sim uma das principais manifestações do amor que consegui
30 partilhar com outros seres.
31 Ainda assim, alguns dos quadros de que mais gosto são
32 precisamente aqueles em que vos reservei lugar, com títulos
33 como *O Gato e o Pássaro* ou *A Montanha do Gato Sagrado*. Os
34 gatos ajudaram também a fortalecer amizades com artistas e
35 poetas que comungam comigo esse amor e essa admiração
36 irrenunciáveis. Foi o que aconteceu com Rainer Maria Rilke.
37 Até isso eu vos fiquei a dever, tributo reservado a um pintor
38 que tentou sempre estar à altura da vossa ternura e infinita
39 capacidade de dádiva.
40 Agora que estou de partida, levo comigo a recordação
41 do que vocês foram para mim e a convicção de que não te-
42 ria sido o que fui, nem teria chegado aonde cheguei, sem o
43 vosso amparo e a vossa dedicação. No meu íntimo, sei que
44 voltaremos a encontrar-nos, porque não pode acabar no pe-
45 recível mundo material e terreno um amor como foi o nosso.
46 Eternamente vosso,

Paul Klee

Fonte: LETRIA, J. J. Última carta de Paul Klee aos gatos da sua vida. In: LETRIA, J. J. *Amados gatos: pequenas histórias de gatos célebres*. Oficina do Livro: Alfragide, Portugal, 2005. (Adaptado)

No livro “Amados Gatos: pequenas histórias de gatos célebres”, o autor português José Jorge Letria, inspirado em fatos e figuras reais, cria um conjunto de textos ficcionais sobre a relação entre gatos famosos e seus tutores igualmente famosos, figuras ilustres da literatura, das artes e da política, como Lenine, Hemingway, Anne Frank, Churchill e Marilyn Monroe. O pintor Paul Klee e seus gatos recebem destaque em “Última carta de Paul Klee aos gatos da sua vida”.

Com base nesse contexto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O propósito do texto é estabelecer um diálogo entre Paul Klee e seus gatos, o que é evidenciado pelo vocativo e pela assinatura, características do gênero carta.
- II. “Amados Gatos” tem o propósito de prestar uma homenagem aos gatos de estimação por meio da ficcionalização de histórias de famosos, sendo a carta uma evidência de tal propósito.
- III. Embora o texto apresente a estrutura de uma carta, o fato de circular em um livro assinado por alguém que se dedica à criação de obras literárias amplia as suas possibilidades de sentido.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e II.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 4

» *Leitura, compreensão e interpretação de texto*

○ 1. (ENEM 2021) Um asteroide de cerca de um mil metros de diâmetro, viajando a 288 mil quilômetros por hora, passou a uma distância insignificante — em termos cósmicos — da Terra, pouco mais do dobro da distância que nos separa da Lua. Segundo os cálculos matemáticos, o asteroide cruzou a órbita da Terra e somente não colidiu porque ela não estava naquele ponto de interseção. Se ele tivesse sido capturado pelo campo gravitacional do nosso planeta e colidido, o impacto equivaleria a 40 bilhões de toneladas de TNT, ou o equivalente à explosão de 40 mil bombas de hidrogênio, conforme calcularam os computadores operados pelos astrônomos do programa de Exploração do Sistema Solar da Nasa; se caísse no continente, abriria uma cratera de cinco quilômetros, no mínimo, e destruiria tudo o que houvesse num raio de milhares de outros; se desabasse no oceano, provocaria maremotos que devastariam imensas regiões costeiras. Enfim, uma visão do Apocalipse.

Disponível em: <http://bdjur.stj.jus.br>. Acesso em: 23 abr. 2010.

Qual estratégia caracteriza o texto como uma notícia alarmante?

- a) A descrição da velocidade do asteroide.
- b) A recorrência de formulações hipotéticas.
- c) A referência à opinião dos astrônomos.
- d) A utilização da locução adverbial “no mínimo”.
- e) A comparação com a distância da Lua à Terra

○ 2. (ENEM 2021)

Devagar, devagarinho

Desacelerar é preciso. Acelerar não é preciso. Afobados e voltados para o próprio umbigo, operamos, automatizados, falas robóticas e silêncios glaciais. Ilustra bem esse estado de espírito a música Sinal fechado (1969), de Paulinho da Viola. Trata-se da história de dois sujeitos que se encontram inesperadamente em um sinal de trânsito. A conversa entre ambos, porém, se deu rápida e rasteira. Logo, os personagens se despedem, com a promessa de se verem em outra oportunidade. Percebe-se um registro de comunicação vazia e superficial, cuja tônica foi o contato ligeiro e superficial construído pelos interlocutores: “Olá, como vai? / Eu vou indo, e você, tudo bem? / Tudo bem, eu vou indo correndo, / pegar meu lugar no futuro. E você? / Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono / tranquilo, quem sabe? / Quanto tempo... / Pois é, quanto tempo... / Me perdoe a pressa / é a alma dos nossos negócios... / Oh! Não tem de quê. / Eu também só ando a cem”.

O culto à velocidade, no contexto apresentado, se coloca como fruto de um imediatismo processual que celebra o alcance dos fins sem dimensionar a qualidade dos meios necessários para atingir determinado propósito. Tal conjuntura favorece a lei do menor esforço — a comodidade — e prejudica a lei do maior esforço — a dignidade.

Como modelo alternativo à cultura fast, temos o movimento slow life, cujo propósito, resumidamente, é conscientizar as pessoas de que a pressa é inimiga da perfeição e do prazer, buscando assim reeducar seus sentidos para desfrutar melhor os sabores da vida.

SILVA, M. F. L. Boletim UFMG, n. 1 749, set. 2011 (adaptado).

Nesse artigo de opinião, a apresentação da letra da canção Sinal fechado é uma estratégia argumentativa que visa sensibilizar o leitor porque:

- a) adverte sobre os riscos que o ritmo acelerado da vida oferece.
- b) exemplifica o fato criticado no texto com uma situação concreta.
- c) contrapõe situações de aceleração e de serenidade na vida das pessoas.
- d) questiona o clichê sobre a rapidez e a aceleração da vida moderna.
- e) apresenta soluções para a cultura da correria que as pessoas vivenciam hoje.

○ 3. (ENEM 2021) Coincidindo com o Dia Internacional dos Direitos da Infância, foram apresentados diversos trabalhos que mostram as mudanças que afetam a vida das crianças. Um desses estudos compara o que sonham e brincam as crianças hoje em relação às dos anos 1990. E o que se descobriu é que as crianças têm agora menos lazer e estão mais sobrecarregadas por deveres e atividades extracurriculares do que as de 25 anos atrás. As crianças de hoje não só dedicam menos tempo para brincar, como também, quando brincam, a maioria não o faz com outras crianças no parque, na rua ou na praça, mas em casa e muitas vezes sozinhas. E já não brincam tanto com brinquedos, mas com aparelhos eletrônicos, entre os quais predomina o jogo individual com a máquina.

OLIVA, M. P. O direito das crianças ao lazer... e a crescer sem carências. El País, 20 nov. 2015 (adaptado).

O texto indica que as transformações nas experiências lúdicas na infância:

- a) fomentaram as relações sociais entre as crianças.
- b) tornaram o lazer uma prática difundida entre as crianças.
- c) incentivaram a criação de novos espaços para se divertir.
- d) promoveram uma vivência corporal menos ativa.
- e) contribuíram para o aumento do tempo dedicado para brincar.

Anotações:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ 4. (ENEM) *Slam* do Corpo é um encontro pensado para surdos e ouvintes, existente desde 2014, em São Paulo. Uma iniciativa pioneira do grupo Corposinalizante, criado em 2008. (Antes de seguirmos, vale a explicação: o termo *slam* vem do inglês e significa — numa nova acepção para o verbo geralmente utilizado para dizer “bater com força” — a “poesia falada nos ritmos das palavras e da cidade”). Nos *saraus*, o primeiro objetivo foi o de botar os poemas em Libras na roda, colocar os surdos para circular e entender esse encontro entre a poesia e a língua de sinais, compreender o encontro dessas duas línguas. Poemas de autoria própria, três minutos, um microfone. Sem figurino, nem adereços, nem acompanhamento musical. O que vale é modular a voz e o corpo, um trabalho artesanal de tornar a palavra “visível”, numa arena cujo objetivo maior é o de emocionar a plateia, tirar o público da passividade, seja pelo humor, horror, caos, dor e outras tantas sensações.

NOVELLI, G. Poesia incorporada. Revista Continente, n. 189, set. 2016 (adaptado).

Na prática artística mencionada no texto, o corpo assume papel de destaque ao articular diferentes linguagens com o intuito de:

- a) imprimir ritmo e visibilidade à expressão poética.
- b) redefinir o espaço de circulação da poesia urbana.
- c) estimular produções autorais de usuários de libras.
- d) traduzir expressões verbais para a língua de sinais.
- e) proporcionar performances estéticas de pessoas surdas.



○ 5. (ENEM)

Fomos falar com o tal encarregado, depois com um engenheiro, depois com um supervisor que mandou chamar um engenheiro da nossa companhia. Esses homens são da sua companhia, engenheiro, ele falou, estão pedindo a conta. A companhia está empenhada nessa ponte, gente, falou o engenheiro, vocês não podem sair assim sem mais nem menos. Tinha uma serra circular cortando uns caibros ali perto, então só dava pra falar quando a serra parava, e aquilo foi dando nos nervos.

Falei que a gente tinha o direito de sair quando a gente quisesse, e pronto. Nisso encostou um sujeito de paletó mas sem gravata, o engenheiro continuou falando e a serra cortando. Quando ele parou de falar, 50 Volts aproveitou uma parada da serra e falou que a gente não era bicho pra trabalhar daquele jeito; daí o supervisor falou que, se era falta de mulher, eles davam um jeito. O engenheiro falou que tinha mais de vinte companhias trabalhando na ponte, a maioria com prejuízo, porque era mais uma questão de honra, a gente tinha de acabar a ponte, a nossa companhia nunca ia esquecer nosso trabalho ali naquela ponte, um orgulho nacional.

PELLEGRINI, D. A maior ponte do mundo. In: Melhores contos. São Paulo: Global, 2005.

As reivindicações dos operários, quanto às condições aviltantes de trabalho a que são submetidos, recebem algumas tentativas de neutralização dos representantes do empregador, das quais a mais forte é o(a):

- a) sequência de atribuição de responsabilidades e de poder decisório a terceiros.
- b) solicitação em nome dos prejuízos e compromissos para entrega da obra.
- c) intimidação pela discreta presença de um agente de segurança na cena.
- d) promessa de imediato atendimento da carência sexual dos operários.
- e) apelo pela identificação com a empresa extensiva ao amor patriótico.



○ 6. (ENEM) Uma das mais contundentes críticas ao discurso da aptidão física relacionada à saúde está no caráter eminentemente individual de suas propostas, o que serve para obscurecer outros determinantes da saúde. Ou seja, costuma-se apresentar o indivíduo como o problema, e a mudança do estilo de vida como a solução. Argumenta-se ainda que o movimento da aptidão física relacionada à saúde considera a existência de uma cultura homogênea na qual todos seriam livres para escolher seus estilos de vida, o que não condiz com a realidade. O fato é que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, na qual nem todas as pessoas têm condições econômicas para adotar um estilo de vida ativo e saudável. Há desigualdades estruturais com raízes políticas, econômicas e sociais que dificultam a adoção desses estilos de vida.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque. RBCE, n. 2, jan. 2001 (adaptado).

Com base no texto, a relação entre saúde e estilos de vida:

- a) constrói a ideia de que a mudança individual de hábitos promove a saúde.
- b) considera a homogeneidade da escolha de hábitos saudáveis pelos indivíduos.
- c) reforça a necessidade de solucionar os problemas de saúde da sociedade com a prática de exercícios.
- d) problematiza a organização social e seu impacto na mudança de hábitos dos indivíduos.
- e) reproduz a noção de que a melhoria da aptidão física pela prática de exercícios promove a saúde.



○ 7. (ENEM)

Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você

Se, antigamente, os livros, enormes e com suas setecentas páginas, cuspiam fórmulas, equações e cálculos que te ensinavam a lidar com o fluxo de caixa da sua empresa, hoje eles dizem: “Você irá chegar lá! Acredite, você irá vencer!”.

Mindset, empoderamento, *millennials*, *networking*, *coworking*, *deal*, *business*, *deadline*, *salesman com perfil hunter*... Tudo isso faz parte do seu vocabulário. O pacote de livros é sempre idêntico, e as experiências são passadas da mesma forma: você está a um único centímetro da vitória. Não pare!

Se desistir agora, será para sempre. Tome, leia a estratégia do oceano azul. Faça mais uma mentoria, participe de mais uma sessão de *coaching*. O problema é que o seu *mindset* não está ajustado. Você precisa ser mais proativo. Vamos fazer mais um *powermind*? Eu consigo um prequinho bacana para você...

CARVALHO, Í. C. Disponível em: <https://medium.com>. Acesso em: 17 ago. 2017 (adaptado).

De acordo com o texto, é possível identificar o “empreendedor de palco” por:

- a) livros por ele indicados.
- b) suas habilidades em língua inglesa.
- c) experiências por ele compartilhadas.
- d) padrões de linguagem por ele utilizados.
- e) preços acessíveis de seus treinamentos.



8. (ENEM)

Sou o coração do folclore nordestino
Eu sou Mateus e Bastião do Boi-bumbá
Sou o boneco de Mestre Vitalino
Dançando uma ciranda em Itamaracá
Eu sou um verso de Carlos Pena Filho
Num frevo de Capiba
Ao som da Orquestra Armorial
Sou Capibaribe
Num livro de João Cabral
Sou mamulengo de São Bento do Una
Vindo no baque solto de maracatu
Eu sou um auto de Ariano Suassuna
No meio da Feira de Caruaru
Sou Frei Caneca do Pastoril do Faceta
Levando a flor da lira
Pra Nova Jerusalém
Sou Luiz Gonzaga
E sou do mangue também
Eu sou mameluco, sou de Casa Forte
Sou de Pernambuco, sou o Leão do Norte

LENINE; PINHEIRO, P.C. Leão do Norte. In: LENINE; SUZANO, M. Olho de peixe. São Paulo: Velas, 1993 (fragmento).

O fragmento faz parte da canção brasileira contemporânea e celebra a cultura popular nordestina. Nele, o artista exalta as diferentes manifestações culturais pela:

- valorização do teatro, música, artesanato, literatura, dança, personagens históricos e artistas populares, compondo um tecido diversificado e enriquecedor da cultura popular como patrimônio regional e nacional.
- identificação dos lugares pernambucanos, manifestações culturais, como o bumba meu boi, as cirandas, os bonecos mamulengos e heróis locais, fazendo com que essa canção se apresente como uma referência à cultura popular nordestina.
- exaltação das raízes populares, como a poesia, a literatura de cordel e o frevo, misturadas ao erudito, como a orquestra armorial, compondo um rico tecido cultural, que transforma o popular em erudito.
- caracterização das festas populares como identidade cultural localizada e como representantes de uma cultura que reflete valores históricos e sociais próprios da população local.
- apresentação do pastoril do faceta, do maracatu, do bumba meu boi e dos autos como representação da musicalidade e do teatro popular religioso, bastante comum ao folclore brasileiro.



9. (ENEM)

Em 2000 tivemos a primeira experiência do futebol feminino em um jogo de videogame, o Mia Hamm Soccer. Doze anos depois, uma petição on-line pedia que a EA Sports incluísse o futebol feminino no Fifa 13. Contudo, só em 2015, com uma nova petição on-line, que arrecadou milhares de assinaturas, tivemos o futebol feminino incluído no Fifa 16. Vendo um nicho de mercado inexplorado, a EA Sports produziu o jogo com 12 seleções femininas e o apresentou como inovação. A empresa sabe que mais de 40% dos praticantes de futebol nos EUA são meninas. Para elas, ver o futebol feminino representado em um jogo de videogame é extremamente importante. Ter o futebol feminino no Fifa 16 é um grande passo para a sua popularização na luta pela igualdade de gênero, num contexto machista, sexista, misógino e homofóbico.

Disponível em: www.ludopedio.com.br. Acesso em: 5 jun. 2018 (adaptado).

Os jogos eletrônicos presentes na cultura juvenil podem desempenhar uma relevante função na abordagem do futebol ao:

- disseminarem uma modalidade, promovendo a igualdade de gênero.
- superarem jogos malsucedidos no mercado, lançados anteriormente.
- inovarem a modalidade com novas ofertas de jogos ao mercado.
- explorarem nichos de mercado antes ignorados, produzindo mais lucro.
- reforçarem estereótipos de gênero masculino ou feminino nos esportes.



10. (ENEM)

LUTA: prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato proposital, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente.

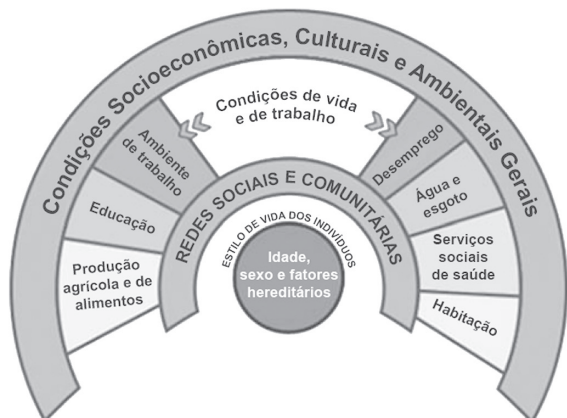
GOMES, M. S. P. et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. Movimento, n. 2, abr.-jun. 2010 (adaptado).

De acordo com o texto, podemos identificar uma abordagem das lutas nas aulas de educação física quando o professor realiza uma proposta envolvendo:

- contato corporal intenso entre o aluno e seu oponente.
- contenda entre os alunos que se agredem fisicamente.
- confronto corporal em que os vencedores são previamente identificados.
- combate corporal intencional com ações regulamentadas entre os oponentes.
- conflito resolvido pelos alunos por meio de regras previamente estabelecidas.



○ 11. (ENEM) O conceito de saúde formulado na histórica VIII Conferência Nacional de Saúde, no ano de 1986, ficou conhecido como um “conceito ampliado” de saúde, conforme ilustrado na figura. Esse conceito foi fruto de intensa mobilização em diversos países da América Latina nas décadas de 1970 e 1980, como resposta à crise dos sistemas públicos de saúde.



BATISTELLA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. Disponível em: www.dhns.ensp.fi.ocruz.br. Acesso em: 23 set. 2020.

Com base no conceito apresentado no texto, a saúde é consequência direta do(a):

- adoção de um estilo de vida ativo por parte dos indivíduos.
- disponibilidade de emprego no mercado de trabalho.
- condição habitacional presente nas cidades.
- acesso ao sistema educacional.
- forma de organização social.



○ 12. (ENEM)

Autobiografia de José Saramago

Nasci numa família de camponeses sem terra, em Azinha, uma pequena povoação situada na província do Ribatejo, na margem direita do Rio Almonda, a uns cem quilômetros a nordeste de Lisboa. Meus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade. José de Sousa teria sido também o meu nome se o funcionário do Registro Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha por que a família de meu pai era conhecida na aldeia: Saramago. (Cabe esclarecer que *saramago* é uma planta herbácea espontânea, cujas folhas, naqueles tempos, em épocas de carência, serviam como alimento na cozinha dos pobres.) Só aos sete anos, quando tive de apresentar na escola primária um documento de identificação, é que se veio a saber que o meu nome completo era José de Sousa Saramago... Não foi este, porém, o único problema de identidade com que fui fadado no berço. Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de novembro de 1922, os meus documentos oficiais referem que nasci dois dias depois, a 18: foi graças a esta pequena fraude que a família escapou ao pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal.

Disponível em: www.josesaramago.org. Acesso em: 7 dez. 2017 (adaptado).

No texto, o autor discute o poder que os documentos oficiais exercem sobre a vida das pessoas. Qual fato torna isso evidente?

- A sua entrada na escola aos sete anos de idade.
- A alusão a uma planta no nome da família.
- O problema de identidade originado desde o berço.
- A isenção da multa por falta de declaração do nascimento.
- O seu nascimento em uma aldeia de camponeses.

○ 13. (ENEM)

Brasil tem quase 3 mil lixões ou aterros irregulares, diz levantamento

Apesar da lei que acabou com lixões, vazadouros funcionam normalmente.

O Brasil ainda despeja 30 milhões de toneladas de lixo por ano, de forma inadequada, expondo os cidadãos ao risco de doenças. E isso, apesar da lei que determinou o fim dos lixões. Corta, descasca, abre a embalagem, joga fora os restos, espreme, corta mais, descasca mais, abre outra embalagem. Quantas vezes essas cenas se repetem por dia em milhões de lares brasileiros?

Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 11 dez. 2017.

O recurso linguístico que interrompe o fluxo argumentativo para incluir o leitor na problemática do texto é a:

- apresentação de dados estatísticos imprecisos sobre os lixões.
- descrição de ambientes destruídos pelos descartes incorretos.
- enumeração de atividades ilustrativas de ações cotidianas.
- discussão das leis sobre a redução dos lixões nas cidades.
- explicitação dos riscos de doenças via contaminação.

○ 14. (ENEM)

Os smartphones estão sugando a sua produtividade. Você abriria mão deles?

Telefones inteligentes drenam nossa atenção mesmo quando desligados. E isso não é nada bom para a sua carreira. Pesquisadores e empresas tentam achar uma solução para o problema.

Funcionários estão distraídos com seus *smartphones*, *browsers web*, aplicativos de mensagem, sites de compras e muitas redes sociais.

Os trabalhadores distraídos são improdutivos. Uma pesquisa da CareerBuilder descobriu que os gerentes de contratação acreditam que os funcionários são extremamente improdutivos e mais da metade desses gerentes acreditam que os *smartphones* são culpados.

Alguns empregadores disseram que os *smartphones* degradam a qualidade do trabalho, diminuem a moral, interferem no relacionamento entre chefe e empregado e fazem com que os funcionários percam os prazos. (Os funcionários entrevistados discordaram e apenas 10% disseram que os telefones prejudicam a produtividade durante o horário de trabalho.)

A única solução é uma combinação entre treinamento, educação e melhor gerenciamento.

Os departamentos de RH devem procurar um problema maior: a distração extrema do *smartphone* pode significar que os funcionários estão completamente desativados do trabalho. Os motivos para isso devem ser identificados e abordados.

A pior “solução” é a negação.

ELGAN, M. Disponível em: <http://idgnow.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2017 (adaptado).

Ao expor um problema contemporâneo do mercado de trabalho e apontar uma solução, o texto evidencia a:

- relação entre as carreiras e as tecnologias de informação e comunicação.
- discordância entre empregadores e funcionários no que diz respeito à produção.
- negatividade do impacto das tecnologias de informação e comunicação no mercado de trabalho.
- desvinculação entre o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e a produtividade no trabalho.
- necessidade de uma compreensão ampla e cuidadosa do impacto das tecnologias de informação e comunicação no mercado de trabalho.



○ 15. (ENEM)

Mais de um terço da comida produzida no mundo perde-se no caminho entre o produtor e o mercado, ou em casa. Empresas e governos podem mudar essa situação, com melhorias nos sistemas de distribuição e oferta dos alimentos. Em casa, o consumidor pode ajudar planejando as refeições, comprando só o necessário e armazenando tudo corretamente. Ao evitar o desperdício, você ainda economiza dinheiro.

Revista Quatro Rodas, maio 2013.

O texto aborda a necessidade de se promoverem, coletivamente, mudanças de hábitos relacionados ao consumo de alimentos. Uma estratégia para estimular a adesão a essa ideia consiste em:

- a) fazer referência a ações governamentais, em andamento, de combate ao desperdício de alimentos.
- b) quantificar o desperdício ocorrido no campo como superior a um terço da produção mundial de alimentos.
- c) utilizar a expressão figurada “perde-se no caminho” como referência ao desperdício de alimentos.
- d) apontar uma vantagem financeira para o consumidor engajar-se em práticas de combate ao desperdício de alimentos.
- e) recomendar medidas de distribuição mais eficazes com vistas à diminuição do desperdício de alimentos.

○ 16. (ENEM)

O Brasil é sertanejo

Que tipo de música simboliza o Brasil? Eis uma questão discutida há muito tempo, que desperta opiniões extremadas. Há fundamentalistas que desejam impor ao público um tipo de som nascido das raízes socioculturais do país. O samba. Outros, igualmente nacionalistas, desprezam tudo aquilo que não tem estilo. Sonham com o império da MPB de Chico Buarque e Caetano Veloso. Um terceiro grupo, formado por gente mais jovem, escuta e cultiva apenas a música internacional, em todas as vertentes. E mais ou menos ignora o resto.

A realidade dos hábitos musicais do brasileiro agora está clara, nada tem a ver com esses estereótipos. O gênero que encanta mais da metade do país é o sertanejo, seguido de longe pela MPB e pelo pagode. Outros gêneros em ascensão, sobretudo entre as classes C, D e E, são o *funk* e o religioso, em especial o *gospel*. *Rock* e música eletrônica são músicas de minoria.

É o que demonstra uma pesquisa pioneira feita entre agosto de 2012 e agosto de 2013 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). A pesquisa *Tribos musicais – o comportamento dos ouvintes de rádio sob uma nova ótica* faz um retrato do ouvinte brasileiro e traz algumas novidades. Para quem pensava que a MPB e o samba ainda resistiam como baluartes da nacionalidade, uma má notícia: os dois gêneros foram superados em popularidade. O Brasil moderno não tem mais o perfil sonoro dos anos 1970, que muitos gostariam que se eternizasse. A cara musical do país agora é outra.

GIRON, L. A. Época, nº 805, out. 2013 (fragmento).

O texto objetiva convencer o leitor de que a configuração da preferência musical dos brasileiros não é mais a mesma da dos anos 1970. A estratégia de argumentação para comprovar essa posição baseia-se no(a):

- a) apresentação dos resultados de uma pesquisa que retrata o quadro atual da preferência popular relativa à música brasileira.
- b) caracterização das opiniões relativas a determinados gêneros, considerados os mais representativos da brasilidade, como meros estereótipos.
- c) uso de estrangeirismos, como *rock*, *funk* e *gospel*, para compor um estilo próximo ao leitor, em sintonia com o ataque aos nacionalistas.
- d) ironia com relação ao apego a opiniões superadas, tomadas como expressão de conservadorismo e anacronismo, com o uso das designações “império” e “baluarte”.
- e) contraposição a impressões fundadas em elitismo e preconceito, com a alusão a artistas de renome para melhor demonstrar a consolidação da mudança do gosto musical popular.

○ 17. (ENEM) Pode chegar de mansinho, como é costume por ali, e observar sem pressa cada detalhe da estação ferroviária de Mariana. Repare na arquitetura recém-revitalizada do casarão, e como os detalhes em madeira branca, as delicadas arandelas de luzes amarelas e os elementos barrocos da torre já começam a dar o gostinho da viagem aguardada. Vindo lá de longe, o apito estridente anuncia que logo, logo o cenário estará completo para a partida. E não tarda para o trem de fato surgir. Pequenino a princípio, mas de repente, em toda aquela imensidão que desliza pelos trilhos. Arrancando sorrisos e deixando boquiaberto até o mais desconfiado dos mineiros.

TIUSSU, B. Raízes mineiras. Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: 15 nov. 2011 (fragmento).

A leitura do trecho mostra que textos jornalísticos produzidos em determinados gêneros mobilizam recursos linguísticos com o objetivo de conduzir seu público-alvo a aceitar suas ideias. Para envolver o leitor no retrato que faz da cidade, a autora:

- a) inicia o texto com a informação mais importante a ser conhecida, a estação de trem de Mariana.
- b) descreve de forma parcial e objetiva a estação de trem da cidade, seus detalhes e características.
- c) apresenta com cuidado e precisão os recursos da cidade, sua infraestrutura e singularidade.
- d) faz uma crítica indireta à desconfiança dos mineiros, mostrando conhecimento do tema.
- e) dirige-se a ele por meio de verbos e expressões verbais, convidando-o a partilhar das belezas do local.

Anotações:



18. (ENEM)

Fique tranquila, seu filho está na TV Cultura

A TV que faz bem

A TV Cultura tem um cuidado muito especial com as crianças. Todos os dias leva ao ar mais de 10 horas de programação dedicada exclusivamente ao público infantil. Nossas atrações são divertidas, abordam conceitos pedagógicos e transmitem valores importantes para o desenvolvimento do seu filho. Além disso, a TV Cultura não veicula propaganda nos horários da programação infantil, protegendo as crianças de apelos comerciais inadequados. Com ética, responsabilidade e criatividade, oferecemos um ambiente seguro e divertido para ser a primeira opção na programação infantil da TV brasileira. Quando seu filho está conosco, fique tranquila. Estamos cuidando dele com muito carinho.

CULTURA 40 ANOS

www.tvcultura.com.br/infantil

Contribui para a formação crítica e desenvolvimento para a cidadania e a inclusão social de crianças e adolescentes, com o apoio do Conselho Nacional de Cultura, do Conselho Nacional de Educação, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do Conselho Nacional de Meio Ambiente, do Conselho Nacional de Política Científica e Tecnológica, do Conselho Nacional de Política Econômica, do Conselho Nacional de Política Industrial, Científica e Tecnológica, do Conselho Nacional de Política de Defesa, do Conselho Nacional de Política de Defesa Industrial, do Conselho Nacional de Política de Defesa Científica e Tecnológica, do Conselho Nacional de Política de Defesa Cultural, do Conselho Nacional de Política de Defesa Ambiental, do Conselho Nacional de Política de Defesa Social, do Conselho Nacional de Política de Defesa Econômica, do Conselho Nacional de Política de Defesa Científica e Tecnológica, do Conselho Nacional de Política de Defesa Cultural, do Conselho Nacional de Política de Defesa Ambiental, do Conselho Nacional de Política de Defesa Social, do Conselho Nacional de Política de Defesa Econômica, do Conselho Nacional de Política de Defesa Científica e Tecnológica.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

CULTURA

Disponível em: <http://vicostudio.blogspot.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2012.

Essa propaganda visa convencer as mães de que o canal de televisão é adequado aos seus filhos. Para tanto, o locutor dirige-se ao interlocutor por meio de estratégias argumentativas de:

- a) manipulação, ao detalhar os programas infantis que compõem a grade da emissora.
- b) persuasão, ao evidenciar as características da programação dirigida ao público infantil.
- c) intimidação, ao dirigir-se diretamente às mães para chamá-las à reflexão.
- d) comoção, ao tranquilizar as mães sobre a qualidade dos programas da emissora.
- e) comparação, ao elencar os serviços oferecidos por outras emissoras ao público infantil.

19. (ENEM)

A expansão urbana altera a configuração de muitos espaços, a ponto de prejudicar atividades neles desenvolvidas, seja pela especulação imobiliária, ou pelo projeto urbanístico da administração pública. Essa pressão é sentida em algumas escolas, principalmente para a prática de esportes, que demanda uma área ampla e diferenciada. O problema leva gestores e docentes a procurarem alternativas para se adaptar a essa realidade urbana. Para o urbanista Fernando Pinho, “se a cidade é de todos e para todos, por que não se apropriar dela? A escola deve ser mais porosa à cidade, à vida do lado de fora [...]. Temos que trazer a cidade para a sala de aula e tornar a cidade uma sala de aula”.

PERET, E. A cidade como sala de aula. Retratos: a revista do IBGE, n. 4, 2017 (adaptado).

As mudanças urbanísticas têm impactado o espaço escolar. Nesse contexto, a prática de esporte:

- a) pressupõe projetos urbanísticos que sejam adequados.
- b) exige quadras e ginásios que se localizem fora da escola.
- c) demanda locais específicos que viabilizem sua realização.
- d) pede criação de regras que atendam à reconfiguração urbana.
- e) requer modalidades não convencionais que explorem o espaço urbano.

20. (ENEM)

Álvaro, me adiciona

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.” Espanta que Álvaro de Campos tenha dito isso antes do advento das redes sociais. O heterônimo parece estar falando da minha *timeline*: “Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?”.

Humblebrag é uma palavra que faz falta em português. Composta pela junção das palavras *humble* (humilde) e *brag* (gabar-se), seria algo como a gabação modesta.

Em vez de simplesmente gabar-se: “Ganhei um prêmio de melhor ator no Festival de Gramado”, você diz: “O Festival de Gramado está muito decadente. Para vocês terem uma ideia, me deram um prêmio de melhor ator.”

Atenção: se todo post é vaidoso, toda coluna também. Percebam o uso de palavras em inglês, a citação a Fernando Pessoa. Tudo o que eu mais quero é que vocês me achem o máximo. “Então sou só eu que sou vil e errôneo nessa terra?”. Não, Álvaro. Me adiciona.

DUVIVIER, G. Caviar é uma ova. São Paulo: Cia. das Letras, 2016 (adaptado).

O texto traz uma crítica ao uso que as pessoas fazem da linguagem nas redes sociais. Qual passagem exemplifica linguisticamente essa crítica?

- a) “Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.”
- b) “O heterônimo parece estar falando da minha *timeline*: ‘Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?’”.
- c) “*Humblebrag* é uma palavra que faz falta em português. Composta pela junção das palavras *humble* (humilde) e *brag* (gabar-se), seria algo como a gabação modesta.”
- d) “O Festival de Gramado está muito decadente. Para vocês terem uma ideia, me deram um prêmio de melhor ator.”
- e) “Tudo o que eu mais quero é que vocês me achem o máximo. ‘Então sou só eu que sou vil e errôneo nessa terra?’. Não, Álvaro. Me adiciona.”

Anotações:



21. (ENEM)

Um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nesta era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os *bate-papos virtuais* são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos. Assim, se com o *telefonema* tornou-se um dia impossível continuar postulando a copresença física dos interlocutores como característica exclusiva da oralidade, já que era possível interagir oralmente estando em espaços diversos, hoje se retira dela também a concomitância temporal.

MARCUSCHI, L. A. Disponível em: <http://www.progesp.ufba.br>. Acesso em: 9 jul. 2012.

O trecho discute algumas mudanças que surgiram com os avanços das tecnologias de comunicação e informação, fazendo uma comparação entre o telefonema e os bate-papos virtuais. Ao comparar esses dois meios de comunicação, constata-se que

- tanto a escrita quanto a oralidade, atualmente, são modalidades realizadas sempre em tempo real.
- tanto o telefonema quanto o bate-papo virtual são considerados gêneros com características exclusivas da oralidade.
- enquanto o telefonema exige a presença física dos interlocutores, o bate-papo virtual não apresenta essa característica.
- tanto o telefonema quanto o bate-papo virtual mudaram algumas concepções sobre a oralidade e a escrita: essa quanto ao tempo e aquela quanto ao espaço.
- enquanto a conversação não mais exige que os interlocutores estejam no mesmo local graças ao advento do telefone, os bate-papos virtuais não têm mais a escrita como essencial.

22. (ENEM)

CAPTCHA, herói ou vilão?

Todas as pessoas que já utilizaram a web para realização de tarefas como criar um perfil em uma rede social, fazer um cadastro em um sistema de comércio eletrônico ou em um portal de notícias, entre tantas outras, já se depararam com o CAPTCHA. Esse teste apresenta-se como um conjunto de caracteres que aparecem em imagens distorcidas (conforme Figura 1) e que as pessoas precisam decifrar e digitar num campo de formulário. Elas precisam realizar essa tarefa para provar que são seres humanos, e não robôs. O uso do CAPTCHA com esse objetivo presume, portanto, que qualquer ser humano, mas nenhum robô, seria capaz de executar a tarefa proposta.



Figura 1

Para as empresas que utilizam o CAPTCHA, ele é o “herói” que tem a missão de diferenciar pessoas de robôs. Para as pessoas que precisam passar pelo teste do CAPTCHA para executarem suas tarefas, certamente ele é um vilão. Em muitos casos, quando tentam passar pelos testes, veem-se obrigados a repetir diversas vezes até conseguirem acertar.

Além de problemas com a falta de segurança e da experiência ruim para a maioria das pessoas, outro fator negativo para o CAPTCHA são as suas barreiras de acessibilidade. Isso representa um grande problema, principalmente para as pessoas que são cegas, têm baixa visão ou dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, as quais podem ficar impedidas de realizar importantes tarefas na web.

Disponível em: <http://acessodigital.net>. Acesso em: 30 out. 2015 (adaptado).

Os efeitos causados pelo surgimento de novas tecnologias podem contribuir positiva ou negativamente para a sociedade. De acordo com o texto, a ferramenta CAPTCHA causa impacto social porque:

- dificulta o acesso dos usuários a ambientes virtuais.
- busca a distinção de pessoas e máquinas para garantia de proteção.
- interfere na utilização de diversos sistemas por pessoas competentes.
- auxilia no preenchimento de informações em um formulário.
- resolve problemas de invasão de sistemas por programas automatizados.

23. (ENEM)

- Economize água, diminuindo o tempo do banho.
- Não use a mangueira para limpar a calçada.
- Separe o lixo reciclável do não reciclável.
- Não jogue gordura pelo ralo.
- Evite usar o carro para pequenas distâncias.
- Não deixe a torneira pingando.
- Ao ir ao mercado, leve uma sacola reutilizável.
- Mantenha a torneira fechada ao ensaboar as louças.

Disponível em: www.hospitalalbertorassi.org.br. Acesso em: 13 dez. 2017 (adaptado).

Considerando-se os elementos constitutivos do texto, esse anúncio visa resolver um problema relacionado ao(à):

- falta de cuidado com o meio ambiente.
- uso indiscriminado de fontes de energia.
- escassez de água em diversos pontos do planeta.
- carência de medidas de controle de poluição ambiental.
- ausência de ações de reciclagem de objetos descartáveis.

24. (ENEM)

Os cuidados com o corpo vão se tornando uma exigência na modernidade e implicam a convergência de uma série de elementos: as tecnologias, para tanto, vão se desenvolvendo de maneira acelerada; o mercado dos produtos e serviços voltados para o corpo vai se expandindo; a higiene que fundamentava esses cuidados vai sendo substituída pelos prazeres do “corpo”, implicação lógica do processo de secularização, no qual há a identificação da personalidade dos indivíduos com sua aparência. Por todas essas circunstâncias, o cuidado com o corpo transforma-se numa ditadura do corpo, um corpo que corresponda à expectativa desse tempo, um corpo que seja trabalhado arduamente e do qual os vestígios de naturalidade sejam eliminados.

SILVA, A. M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001.



O fenômeno social identificado, em relação à presença do corpo na sociedade, indica que:

- a) as tecnologias, o mercado dos produtos e serviços e a higiene criaram uma ditadura do corpo.
- b) os cuidados com o corpo na modernidade reforçam a naturalidade da personalidade do indivíduo.
- c) a expansão das tecnologias de cuidado reduz o impacto desempenhado pelos padrões estéticos na construção da imagem corporal.
- d) o enfraquecimento atual dos padrões de beleza favorece o crescimento do mercado de produtos e serviços voltados aos cuidados estéticos.
- e) os padrões estéticos desempenham uma importante função social à medida que induzem à melhoria dos indicadores de saúde na população.

○ 25. (ENEM)

Indústria cultural da felicidade

Tornou-se perigoso o emprego da palavra felicidade desde seu mau uso pela propaganda. Os que se negam a usá-la acreditam liberar os demais dos desvios das falsas necessidades, das bugigangas que se podem comprar em shoppings grã-finos ou em camelôs na beira da calçada, que, juntos, sustentam a indústria cultural da felicidade à qual foi reduzido o que, antes, era o ideal ético de uma vida justa. Infelicidade poderia ser o nome próprio desse novo estado da alma humana que se perdeu de si ao perder-se do sentido do que está a fazer. Desespero é um termo ainda mais agudo quando se trata da perda do sentido das ações pela perda da capacidade de reflexão sobre o que se faz. A felicidade publicitária está ao alcance dos dedos e não promete um depois. Resulta disso a massa de “desesperados” trafegando como zumbis nos shoppings e nas farmácias do país em busca de alento.

TIBURI, M. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2014 (adaptado).

Ao reprovar a ação da indústria da felicidade e um comportamento humano, o texto associa a:

- a) ansiedade recorrente ao lançamento de novidades no mercado.
- b) visita frequente ao shopping à resolução de problemas cotidianos.
- c) atitude impensada ao atendimento de necessidades emergenciais.
- d) postura consumista à crença na promessa ilusória de anúncios publicitários.
- e) vantagem econômica à venda de produtos falsificados no mercado ambulante.

○ 26. (ENEM)

Durante cinco minutos, a banda norte-americana Atomic Tom deixou de lado microfones, guitarras, baixo e bateria. Mas eles não fizeram um show acústico como pode parecer. Eles utilizaram quatro aparelhos de telefone celular, cada um substituindo um instrumento, por meio de quatro aplicativos diferentes: Shred, Drum Meister, Pocket Guitar e Microphone.

Os quatro membros da banda embarcaram no metrô de Nova Iorque, ligaram seus celulares e começaram a tocar a música *Take me Out* sem nenhum tipo de anúncio, filmando a apresentação com outros aparelhos de telefone. O vídeo resultante foi sucesso no YouTube com mais de 2 milhões de visualizações.

Disponível em: www.tecmundo.com.br. Acesso em: 6 jun. 2018 (adaptado).

A apresentação da banda Atomic Tom revela:

- a) alternativas inusitadas para enfrentar a difícil aquisição de instrumentos musicais tradicionais.
- b) formas descartáveis de produção musical ligadas à efemeridade da sociedade atual.
- c) maneiras inovadoras de ouvir música por meio de aparelhos eletrônicos portáteis.
- d) possibilidades de fazer música decorrentes dos avanços tecnológicos.
- e) soluções originais de levar a cultura musical para os meios de transporte.

○ 27. (ENEM) A *Em Forma* é uma revista destinada às mulheres, às expectativas de consumo que podem ser produzidas ou que se encontram no horizonte de uma feminilidade urbana contemporânea impelida à disputa no mercado afetivo masculino (as mulheres da *Em Forma* são jovens e heterossexuais). A *Em Forma* tem como conteúdo central de suas reportagens dietas e séries de exercícios, fármacos para a pele e o cabelo, com fins de embelezamento do corpo e cuidados com a saúde, e reportagens com temas de autoajuda. Ela organiza-se em seções específicas: 1. *Fitness*; 2. *Beleza*; 3. *Dieta e nutrição*; 4. *Bem-estar*; e 5. *Especial*. Além dessas seções, apresenta sempre uma reportagem com a “Garota da capa” e outras minisseções que veiculam conteúdos similares aos das seções fixas.

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino. *Movimento*, n. 1, 2008 (adaptado).

Considerando-se as expectativas sobre as feminilidades produzidas pela mídia, na revista mencionada a prática de exercícios tem corroborado para a construção de uma feminilidade:

- a) plural, que prioriza a saúde, o bem-estar e a beleza.
- b) hegemônica, que normatiza a heterossexualidade e a jovialidade.
- c) heterogênea, prevendo a existência de corpos com diferentes formas.
- d) padronizada, que privilegia a autonomia das mulheres sobre seu estilo de vida.
- e) cristalizada, desconsiderando as expectativas de consumo na contemporaneidade.

Anotações:



○ 28. (ENEM)



Disponível em: www.folhavoria.com.br. Acesso em: 11 dez. 2017.

O uso inusitado do jogo de caça-palavras nessa publicidade de um mercado hortifrúti leva à:

- a) alusão a hábitos alimentares saudáveis.
- b) inclusão de carne em uma dieta alternativa.
- c) construção de uma lista de compras lúdica.
- d) ênfase na carne para uma alimentação balanceada.
- e) quebra de expectativa em relação aos itens de um hortifrúti.

○ 29. (ENEM)

Porta dos Fundos: contrato vitalício

Diretor: Ian SBF;

Tempo: 1 h 46 min;

Brasil, 2016.

O primeiro filme do grupo humorístico Porta dos Fundos, conhecido por seus mais de 12 milhões de assinantes no YouTube, estreou para o público brasileiro que curte as esquetes na internet. O desafio do grupo foi transformar os vídeos curtos em um longa para o cinema, que, apesar de grande investimento do elenco e dos produtores, não empolga tanto. O enredo conta com a dupla Rodrigo (F. Porchat) e Miguel (G. Duvivier), que, vencedores em Cannes, no auge de suas carreiras, decidem assinar um contrato vitalício em que o ator Rodrigo deverá participar de todos os filmes do produtor Miguel. A produção do filme maluco conta com o ótimo elenco do Porta dos Fundos: uma famosa blogueira, um jornalista de fofoca, um agente de celebridades, uma diretora de elenco radical, um detetive, um ajudante e atores. O ponto forte do filme é satirizar justamente o mundo das celebridades da internet e do cinema, ou seja, eles mesmos neste momento.

Disponível em: www.criticasdefilmes.com.br. Acesso em: 12 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, um trecho que traz uma marca linguística da função avaliativa da resenha é:

- a) "Porta dos Fundos: contrato vitalício; Diretor: Ian SBF; Tempo: 1 h 46 min; Brasil, 2016."
- b) "O primeiro filme do grupo humorístico Porta dos Fundos [...] estreou para o público brasileiro que curte as esquetes na internet."
- c) "O enredo conta com a dupla Rodrigo (F. Porchat) e Miguel (G. Duvivier) [...]".
- d) "[...] o ator Rodrigo deverá participar de todos os filmes do produtor Miguel."
- e) "A produção do filme maluco conta com o ótimo elenco do Porta dos Fundos [...]".

○ 30. (ENEM)

O que é bullying virtual ou cyberbullying?

É o *bullying* que ocorre em meios eletrônicos, com mensagens difamatórias ou ameaçadoras circulando por *e-mails*, *sites*, *blogs* (os diários virtuais), redes sociais e celulares. É quase uma extensão do que dizem e fazem na escola, mas com o agravante de que as pessoas envolvidas não estão cara a cara.

Dessa forma, o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças e os efeitos podem ser tão graves ou piores. "O autor, assim como o alvo, tem dificuldade de sair de seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos", explica Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Disponível em: revistaescola.abril.com.br. Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado).

Segundo o texto, com as tecnologias de informação e comunicação, a prática do *bullying* ganha novas nuances de perversidade e é potencializada pelo fato de:

- a) atingir um grupo maior de espectadores.
- b) dificultar a identificação do agressor incógnito.
- c) impedir a retomada de valores consolidados pela vítima.
- d) possibilitar a participação de um número maior de autores.
- e) proporcionar o uso de uma variedade de ferramentas da internet.

○ 31. (ENEM)

Entrevista com Terezinha Guilhermina

Terezinha Guilhermina é uma das atletas mais premiadas da história paraolímpica do Brasil e um dos principais nomes do atletismo mundial. Está no *Guinness Book* de 2013/2014 como a "cega" mais rápida do mundo.

Observatório: Quais os desafios você teve que superar para se consagrar como atleta profissional?

Terezinha Guilhermina: Considero a ausência de recursos financeiros, nos três primeiros anos da minha carreira, como meu principal desafio. A falta de um atleta-guia, para me auxiliar nos treinamentos, me obrigava a treinar sozinha e, por não enxergar bem, acabava sofrendo alguns acidentes como trombadas e quedas.

Observatório: Como está a preparação para os Jogos Paraolímpicos de 2016?

Terezinha Guilhermina: Estou trabalhando intensamente, com vistas a chegar lá bem melhor do que estive em Londres. E, por isso, posso me dedicar a treinos diários, trabalhos preventivos de lesões e acompanhamento psicológico e nutricional da melhor qualidade.

Revista do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero, nº 6, dez 2014 (adaptado).

O texto permite relacionar uma prática corporal com uma visão ampliada de saúde. O fator que possibilita identificar essa perspectiva é o(a):

- a) aspecto nutricional.
- b) condição financeira.
- c) prevenção de lesões.
- d) treinamento esportivo.
- e) acompanhamento psicológico.



○ 32. (ENEM)

Fim de semana no parque

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
[...]
Olha só aquele clube, que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
[...]
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

RACIONAIS MCs. **Racionais MCs**. São Paulo: Zimbabwue, 1994 (fragmento).

A letra da canção apresenta uma realidade social quanto à distribuição distinta dos espaços de lazer que:

- a) retrata a ausência de opções de lazer para a população de baixa renda, por falta de espaço adequado.
- b) ressalta a irrelevância das opções de lazer para diferentes classes sociais, que o acessam à sua maneira.
- c) expressa o desinteresse das classes sociais menos favorecidas economicamente pelas atividades de lazer.
- d) implica condições desiguais de acesso ao lazer, pela falta de infraestrutura e investimentos em equipamentos.
- e) aponta para o predomínio do lazer contemplativo, nas classes favorecidas economicamente; e do prático, nas menos favorecidas.

○ 33. (ENEM)

Expostos na web desde a gravidez

Mais da metade das mães e um terço dos pais ouvidos em uma pesquisa sobre compartilhamento paterno em mídias sociais discutem nas redes sociais sobre a educação dos filhos. Muitos são pais e mães de primeira viagem, frutos da geração Y (que nasceu junto com a internet) e usam esses canais para saberem que não estão sozinhos na empreitada de educar uma criança. Há, contudo, um risco no modo como as pessoas estão compartilhando essas experiências. É a chamada exposição parental exagerada, alertam os pesquisadores.

De acordo com os especialistas no assunto, se você compartilha uma foto ou vídeo do seu filho pequeno fazendo algo ridículo, por achar engraçadinho, quando a criança tiver seus 11, 12 anos, pode se sentir constrangida. A autoconsciência vem com a idade.

A exibição da privacidade dos filhos começa a assumir uma característica de linha do tempo e eles não participaram da aprovação ou recusa quanto à veiculação desses conteúdos. Assim, quando a criança cresce, sua privacidade pode já estar violada.

OTONI, A. C. O Globo, 31 mar. 2015 (adaptado).

Sobre o compartilhamento parental excessivo em mídias sociais, o texto destaca como impacto o(a):

- a) interferência das novas tecnologias na comunicação entre pais e filhos.
- b) desatenção dos pais em relação ao comportamento dos filhos na internet.
- c) distanciamento na relação entre pais e filhos provocado pelo uso das redes sociais.
- d) fortalecimento das redes de relações decorrente da troca de experiências entre as famílias.
- e) desrespeito à intimidade das crianças cujas imagens têm sido divulgadas nas redes sociais.

○ 34. (ENEM) A identificação simbólica que existe na cultura esportiva pode ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores de futebol. Essa identificação em indivíduos que não têm uma identidade própria pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a sua equipe, ou entre a sua vida e a vida de um ídolo (jogador), e, dessa forma, passar a viver suas emoções basicamente por meio de acontecimentos esportivos, do sucesso e da derrota de seu clube predileto. Alguns dos torcedores organizados dedicam a vida à sua torcida. Vivem para ela e, por ela, chegam a perder qualquer outra referência, pois é essa experiência compensatória que lhes dá identidade. A probabilidade de um indivíduo se tornar um torcedor fanático está diretamente relacionada com a construção da sua identidade. Por isso, é imprescindível o desenvolvimento de relações e valores próprios que o ajudarão a delinear o limite entre ele e a sua equipe, ou entre ele e um jogador de futebol.

REIS, H. H. B. Futebol e violência. Campinas: Armazém do Ipê; Autores Associados, 2006 (adaptado).

Partindo da discussão sobre as relações entre o torcedor e seu clube, observa-se que o fanatismo futebolístico:

- a) deriva da falta de referências para a construção de valores morais em crise na sociedade.
- b) está relacionado à fragilidade identitária, o que dificulta a dissociação entre sua vida e a de seu clube ou ídolo.
- c) perde sustentação naqueles torcedores organizados que não conseguem separar as esferas pública e privada.
- d) decorre do estabelecimento de uma identidade própria do indivíduo, forjada pela tutela do clube e de seus ídolos.
- e) é restrito às torcidas jovens, que corrompem a identidade individual de seus torcedores em favor da identidade coletiva.

Anotações:



○ 35. (ENEM)

Rede social pode prever desempenho profissional, diz pesquisa

Pense duas vezes antes de postar qualquer item em seu perfil nas redes sociais. O conselho, repetido à exaustão por consultores de carreira por aí, acaba de ganhar um *status*, digamos, mais científico. De acordo com resultados da pesquisa, uma rápida análise do perfil nas redes sociais pode prever o desempenho profissional do candidato a uma oportunidade de emprego. Para chegar a essa conclusão, uma equipe de pesquisadores da *Northern Illinois University*, *University of Evansville* e *Auburn University* pediu a um professor universitário e dois alunos para analisarem perfis de um grupo de universitários.

Após checar fotos, postagens, número de amigos e interesses por 10 minutos, o trio considerou itens como consciência, afabilidade, extroversão, estabilidade emocional e receptividade. Seis meses depois, as impressões do grupo foram comparadas com a análise de desempenho feita pelos chefes dos jovens que tiveram seus perfis analisados. Os pesquisadores encontraram uma forte correlação entre as características descritas a partir dos dados da rede e o comportamento dos universitários no ambiente de trabalho.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Acesso em: 29 fev. 2012 (adaptado).

As redes sociais são espaços de comunicação e interação *on-line* que possibilitam o conhecimento de aspectos da privacidade de seus usuários. Segundo o texto, no mundo do trabalho, esse conhecimento permite:

- a) identificar a capacidade física atribuída ao candidato.
- b) certificar a competência profissional do candidato.
- c) controlar o comportamento virtual e real do candidato.
- d) avaliar informações pessoais e comportamentais sobre o candidato.
- e) aferir a capacidade intelectual do candidato na resolução de problemas.

○ 36. (ENEM) Mas assim que penetramos no universo da *web*, descobrimos que ele constitui não apenas um imenso "território" em expansão acelerada, mas que também oferece inúmeros "mapas", filtros, seleções para ajudar o navegante a orientar-se. O melhor guia para a *web* é a própria *web*. Ainda que seja preciso ter a paciência de explorá-la. Ainda que seja preciso arriscar-se a ficar perdido, aceitar "a perda de tempo" para familiarizar-se com esta terra estranha. Talvez seja preciso ceder por um instante a seu aspecto lúdico para descobrir, no desvio de um *link*, os sites que mais se aproximam de nossos interesses profissionais ou de nossas paixões e que poderão, portanto, alimentar da melhor maneira possível nossa jornada pessoal.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

O usuário iniciante sente-se não raramente desorientado no oceano de informações e possibilidades disponíveis na rede mundial de computadores. Nesse sentido, Pierre Lévy destaca como um dos principais aspectos da internet o(a):

- a) espaço aberto para a aprendizagem.
- b) grande número de ferramentas de pesquisa.
- c) ausência de mapas ou guias explicativos.
- d) infinito número de páginas virtuais.
- e) dificuldade de acesso aos sites de pesquisa.

○ 37. (ENEM) PROPAGANDA — O exame dos textos e mensagens de Propaganda revela que ela apresenta posições parciais, que refletem apenas o pensamento de uma minoria, como se exprimissem, em vez disso, a convicção de uma população; trata-se, no fundo, de convencer o ouvinte ou o leitor de que, em termos de opinião, está fora do caminho certo, e de induzi-lo a aderir às teses que lhes são apresentadas, por um mecanismo bem conhecido da psicologia social, o do conformismo induzido por pressões do grupo sobre o indivíduo isolado.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1998 (adaptado).

De acordo com o texto, as estratégias argumentativas e o uso da linguagem na produção da propaganda favorecem a:

- a) reflexão da sociedade sobre os produtos anunciados.
- b) difusão do pensamento e das preferências das grandes massas.
- c) imposição das ideias e posições de grupos específicos.
- d) decisão consciente do consumidor a respeito de sua compra.
- e) identificação dos interesses do responsável pelo produto divulgado.

○ 38. (ENEM)

Aí pelas três da tarde

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo "ciao" ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pelo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento.

NASSAR, R. *Menina a caminho*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

Em textos de diferentes gêneros, algumas estratégias argumentativas referem-se a recursos linguístico-discursivos mobilizados para envolver o leitor. No texto, caracteriza-se como estratégia de envolvimento a:

- a) prescrição de comportamentos, como em: "[...] largue tudo de repente sob os olhares a sua volta [...]".
- b) apresentação de contraposição, como em: "Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto [...]".
- c) explicitação do interlocutor, como em: "[...] (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído) [...]".
- d) descrição do espaço, como em: "Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo [...]".
- e) construção de comparações, como em: "[...] libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas [...]".



○ 39. (ENEM)

O que é software livre

Software livre é qualquer programa de computador construído de forma colaborativa, via internet, por uma comunidade internacional de desenvolvedores independentes. São centenas de milhares de hackers, que negam sua associação com os “violadores de segurança”. Esses desenvolvedores de software se recusam a reconhecer o significado pejorativo do termo e continuam usando a palavra hacker para indicar “alguém que ama programar e que gosta de ser hábil e engenhoso”. Além disso, esses programas são entregues à comunidade com o código fonte aberto e disponível, permitindo que a ideia original possa ser aperfeiçoada e devolvida novamente à comunidade. Nos programas convencionais, o código de programação é secreto e de propriedade da empresa que o desenvolveu, sendo quase impossível decifrar a programação.

O que está em jogo é o controle da inovação tecnológica. Software livre é uma questão de liberdade de expressão e não apenas uma relação econômica. Hoje existem milhares de programas alternativos construídos dessa forma e uma comunidade de usuários com milhões de membros no mundo.

BRANCO, M. Software livre e desenvolvimento social e econômico. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.) A sociedade em rede: do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005 (adaptado).

A criação de softwares livres contribui para a produção do conhecimento na sociedade porque:

- a) democratiza o acesso a produtos construídos coletivamente.
- b) complexifica os sistemas operacionais disponíveis no mercado.
- c) qualifica um maior número de pessoas para o uso de tecnologias.
- d) possibilita a coleta de dados confidenciais para seus desenvolvedores.
- e) insere profissionalmente os hackers na área de inovação tecnológica.

○ 40. (ENEM) O projeto DataViva consiste na oferta de dados oficiais sobre exportações, atividades econômicas, localidades e ocupações profissionais de todo o Brasil. Num primeiro momento, o DataViva construiu uma ferramenta que permitia a análise da economia mineira embasada por essa perspectiva metodológica complexa e diversa. No entanto, diante das possibilidades oferecidas pelas bases de dados trabalhadas, a plataforma evoluiu para um sistema mais completo. De maneira interativa e didática, o usuário é guiado por meio das diversas formas de navegação dos aplicativos. Além de informações sobre os produtos exportados, bem como acerca do volume das exportações em cada um dos estados e municípios do País, em poucos cliques, o interessado pode conhecer melhor o perfil da população, o tipo de atividade desenvolvida, as ocupações formais e a média salarial por categoria.

MANTOVANI, C. A. Guardião de informações. Minas faz Ciência, n. 58, jun.-jul.-ago. 2014 (adaptado).

Entre as novas possibilidades promovidas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, o texto destaca a:

- a) auditoria das ações de governo.
- b) publicidade das entidades públicas.
- c) obtenção de informações estratégicas.
- d) disponibilidade de ambientes coletivos.
- e) comunicação entre órgãos administrativos.

○ 41. (ENEM)

Farejador de Plágio: uma ferramenta contra a cópia ilegal

No mundo acadêmico ou nos veículos de comunicação, as cópias ilegais podem surgir de diversas maneiras, sendo integrais, parciais ou paráfrases. Para ajudar a combater esse crime, o professor Maximiliano Zambonato Pezzin, engenheiro de computação, desenvolveu junto com os seus alunos o programa Farejador de Plágio.

O programa é capaz de detectar: trechos contínuos e fragmentados, frases soltas, partes de textos reorganizadas, frases reescritas, mudanças na ordem dos períodos e erros fonéticos e sintáticos.

Mas como o programa realmente funciona? Considerando o texto como uma sequência de palavras, a ferramenta analisa e busca trecho por trecho nos sites de busca, assim como o professor desconfiado de um aluno faria. A diferença é que o programa permite que se pesquise em vários buscadores, gerando assim muito mais resultados.

Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br>. Acesso em 19 mar. 2018.

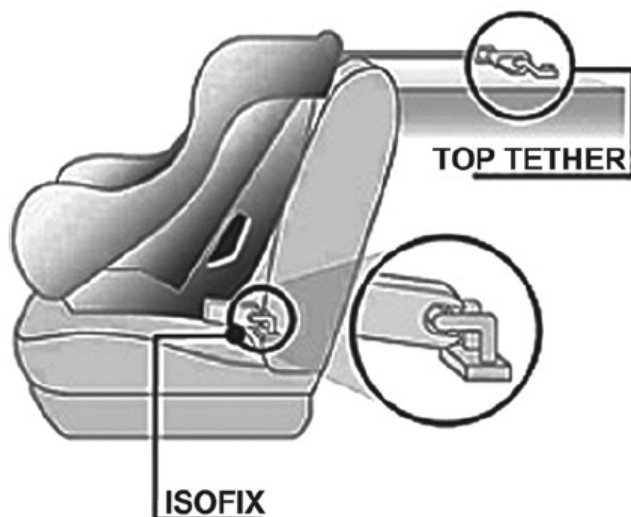
Segundo o texto, a ferramenta Farejador de Plágio alcança seu objetivo por meio da:

- a) seleção de cópias integrais.
- b) busca em sites especializados.
- c) simulação da atividade docente.
- d) comparação de padrões estruturais.
- e) identificação de sequência de fonemas.

○ 42. (ENEM) A partir de 2018, a Resolução n. 518 do Contran obriga todo novo projeto de automóvel, SUV e picape dupla a ter pontos de ancoragem para cadeirinhas infantis. Em 2020, a regra passa a valer para todos os modelos à venda no Brasil.

Esse tipo de fixação possui travas na cadeirinha no formato de garras que são encaixadas em um ponto fixo na estrutura do veículo. O Isofix reduz o deslocamento do pescoço, ombros e coluna cervical.

Desde 2008, a Lei da Cadeirinha estabelece que bebês e crianças só podem ser transportados em assentos infantis indicados segundo a faixa etária e o peso. Como reflexo, as mortes de menores de 10 anos caíram 23% no Brasil.



A cadeirinha do tipo Isofix não é presa no cinto, mas em dois pontos de apoio soldados à estrutura do carro. Há ainda um terceiro ponto, que pode ser de fixação superior (top tether), atrás do encosto. Cada garra de engate se encaixa num ponto de fixação. Depois, é só apertar o botão para soltá-lo.

CARVALHO, C. Disponível em: <http://quatorrodas.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

Segundo o texto, a cadeira infantil do tipo Isofix tem por característica:

- apresentar um esquema de fixação superior ao top tether presente em projetos de carros no Brasil.
- ficar presa no cinto e em mais dois pontos da estrutura de automóveis fabricados no Brasil.
- ser mais segura e mais simples de usar que outros modelos disponíveis no Brasil.
- estar presente em todos os modelos de carros à venda no Brasil.
- ser capaz de reduzir os acidentes em 23% no Brasil.

○ 43. (ENEM) Um ponto interessante do marco civil da internet, segundo Marília Maciel, pesquisadora do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (CTS/FGV), é o que trata da garantia do princípio da neutralidade de rede. "Isso quer dizer que, se eu compro um pacote de um mega ou de cinco megas de internet, o uso que eu vou fazer desses meus megas de velocidade depende das minhas escolhas. Não é o operador que vai dizer o que eu posso acessar. Eu comprei tantos megas e posso acessar texto, vídeo ou fazer um curso de ensino a distância on-line". O novo texto assegura que o usuário vai poder continuar a contratar pacotes de velocidades diferentes, mas, dentro daquela velocidade escolhida, ele poderá acessar qualquer tipo de aplicativo na internet.'

GANDRA, A. Disponível em: www.abc.com.br. Acesso em: 20 nov. 2013 (adaptado).

Com o aprimoramento dos recursos tecnológicos, a circulação de informações e seus usos têm reconfigurado os mais diversos setores da sociedade. O texto trata da legislação que regulamenta o uso da internet, criando a seguinte expectativa para o usuário brasileiro:

- Proibição do corte do acesso pelo uso excessivo.
- Aumento da capacidade da rede.
- Mudança no perfil do internauta.
- Promoção do acesso irrestrito.
- Garantia de conexão a baixo custo.

○ 44. (ENEM)



Da esquerda para a direita: perfurado, ventilado e sólido. (No detalhe, a câmara interna do disco ventilado).

Frenagens geram calor. O sistema de freios transforma a energia cinética do movimento em energia térmica por meio do atrito entre as pastilhas de freio e os discos. Em duas linhas, esse é o princípio de funcionamento do freio.

Mas há um efeito colateral. Esse calor gerado provoca fadiga dos discos e pastilhas e compromete a eficiência do conjunto de freios.

O disco de freio sólido é uma peça só, feita de ferro maciço. A vantagem está em custar mais barato que os outros. Contudo, tem baixo rendimento em situações extremas de frenagem (em descidas de serras, por exemplo) por não ter estruturas que favoreçam seu resfriamento. Por isso, discos sólidos são usados em aplicações mais leves, comuns no eixo dianteiro dos compactos 1.0 e no eixo traseiro de carros maiores, como sedãs e SUVs médios.

O modelo ventilado, por sua vez, é formado por dois discos mais finos unidos por uma câmara interna que tem a função de proporcionar uma passagem do ar entre eles, resfriando com mais rapidez o conjunto. Eles estão nos eixos dianteiros dos compactos mais potentes. Mas também aparecem nos eixos traseiros de carros esportivos. Mas esportivos com motores de alto desempenho e carros de luxo têm discos perfurados. Há pequenos furos no disco com o objetivo de aumentar o atrito e dispersar o calor.

RODRIGUEZ, H. Disponível em: <http://quatorrodas.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

O texto mostra diferentes tipos de discos de freio e defende a eficácia de um modelo sobre o outro. Para convencer o leitor disso, o autor utiliza o recurso de:

- definir em duas linhas o princípio de funcionamento do freio de esportivos de alto desempenho com discos perfurados.
- divulgar os modelos de carros que adotam os melhores sistemas de frenagem e resfriamento dos componentes.
- apresentar cada tipo de disco, criticando a forma como eles geram calor nas frenagens.
- evidenciar os riscos do baixo desempenho dos diferentes modelos de discos de freio.
- comparar o custo, a eficiência e a forma como os discos dissipam o calor da frenagem.

○ 45. (ENEM) Há casais que jogam com os sonhos como se jogassem tênis. Ficam à espera do momento certo para a cortada. O jogo de tênis é assim: recebe-se o sonho do outro para destruí-lo, arrebatá-lo como bolha de sabão. O que se busca é ter razão e o que se ganha é o distanciamento. Aqui, quem ganha, sempre perde.

Já no frescobol é diferente. O sonho do outro é um brinquedo que deve ser preservado, pois sabe-se que, se é sonho, é coisa delicada, do coração. Assim cresce o amor. Ninguém ganha para que os dois ganhem. E se deseja então que o outro viva sempre, eternamente, para que o jogo nunca tenha fim...

ALVES, R. Tênis X Frescobol. As melhores crônicas de Rubem Alves. Campinas: Papyrus, 2012.

O texto de Rubem Alves faz uma analogia entre dois jogos que utilizam raquetes e as diferentes formas de as pessoas se relacionarem afetivamente, de modo que:

- o tênis indica um jogo em que a cooperação predomina, o que representa o distanciamento na relação entre as pessoas.
- o tênis indica um jogo em que a competição é predominante, o que representa um sonho comum no relacionamento entre pessoas.
- o frescobol indica um jogo em que a cooperação prevalece, o que simboliza o compartilhamento de sonhos entre as pessoas no relacionamento.
- o frescobol indica um jogo em que a competição prevalece, o que simboliza um relacionamento em que uma pessoa busca destruir o sonho da outra.
- o frescobol e o tênis indicam, respectivamente, situações de competição e cooperação, o que ilustra os diferentes sonhos das pessoas no relacionamento.



○ 46. (ENEM)

Como a percepção do tempo muda de acordo com a língua

Línguas diferentes descrevem o tempo de maneiras distintas — e as palavras usadas para falar sobre ele moldam nossa percepção de sua passagem.

O estudo “Distorção temporal whorfiana: representando duração por meio da ampulheta da língua”, publicado no jornal da APA (Associação Americana de Psicologia), mostra que conceitos abstratos, como a percepção da duração do tempo, não são universais.

Os autores não só verificaram uma mudança da percepção temporal conforme a língua falada como observaram que a transição de uma língua para outra por um mesmo indivíduo modificava sua estimativa de uma duração de tempo. Isso implica que visões diferentes de tempo convivem no cérebro de um indivíduo bilíngue.

“O fato de que pessoas bilíngues transitam entre essas diferentes formas de estimar o tempo sem esforço e inconscientemente se encaixa nas evidências crescentes que demonstram a facilidade com que a linguagem se entremeia furtivamente em nossos sentidos mais básicos, incluindo nossas emoções, percepção visual e, agora, ao que parece, nossa sensação de tempo”, disse o pesquisador ao site Quartz.

LIMA, J. D. Disponível em: www.nexojournal.com.br. Acesso em: 24 ago. 2017.

O texto relata experiências e resultados de um estudo que reconhece a importância:

- a) da compreensão do tempo pelo cérebro.
- b) das pesquisas científicas sobre a cognição.
- c) da teoria whorfiana para a área da linguagem.
- d) das linguagens e seus usos na vida das pessoas.
- e) do bilinguismo para o desenvolvimento intelectual.

○ 47. (ENEM) Eu gostaria de comentar brevemente as afinidades existentes entre comunidade, comunicação e comunhão. Essas afinidades começam no próprio radical das palavras em questão. Assim, se nosso alvo são os atos de interação comunicativa, temos que incluir em nosso objeto de estudo a ecologia dos atos de interação comunicativa, que se dão no contexto da ecologia da interação comunicativa. No entanto, não basta a proximidade espacial para que a comunicação se dê, é necessário que os potenciais interlocutores entrem em comunhão. Por fim, sem trocadilhos, a comunicação ideal se dá no interior de uma comunidade, entre indivíduos que entram em comunhão.

COUTO, H. H. O Tao da linguagem. Campinas: Pontes, 2012.

O trecho integra um livro sobre os aspectos ecológicos envolvidos na interação comunicativa. Para convencer o leitor das afinidades entre comunidade, comunicação e comunhão, o autor:

- a) nega a força das comunidades interioranas.
- b) joga com a ambiguidade das palavras.
- c) parte de uma informação gramatical.
- d) recorre a argumentos emotivos.
- e) apela para a religiosidade.

○ 48. (ENEM) É muito raro que um novo modo de comunicação ou de expressão suplante completamente os anteriores. Fala-se menos desde que a escrita foi inventada? Claro que não. Contudo, a função da palavra viva mudou, uma parte de suas missões nas culturas puramente orais tendo sido preenchida pela escrita: transmissão dos conhecimentos e das narrativas, estabelecimento de contratos, realização dos principais atos rituais ou sociais, etc. Novos estilos de conhecimento (o conhecimento “teórico”, por exemplo) e novos gêneros (o código de leis, o romance, etc.) surgiram. A escrita não fez com que a palavra desaparecesse, ela complexificou e reorganizou o sistema da comunicação e da memória social. A fotografia substituiu a pintura? Não, ainda há pintores ativos. As pessoas continuam, mais do que nunca, a visitar museus, exposições e galerias, compram as obras dos artistas para pendurá-las em casa. Em contrapartida, é verdade que os pintores, os desenhistas, os gravadores, os esculptores não são mais – como foram até o século XIX – os únicos produtores de imagens.

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999 (fragmento).

A substituição pura e simples do antigo pelo novo ou do natural pelo técnico tem sido motivo de preocupação de muita gente. O texto encaminha uma discussão em torno desse temor ao:

- a) considerar as relações entre o conhecimento teórico e o conhecimento empírico e acrescenta que novos gêneros textuais surgiram com o progresso.
- b) observar que a língua escrita não é uma transcrição fiel da língua oral e explica que as palavras antigas devem ser utilizadas para preservar a tradição.
- c) perguntar sobre a razão de as pessoas visitarem museus, exposições, etc., e reafirma que os fotógrafos são os únicos responsáveis pela produção de obras de arte.
- d) reconhecer que as pessoas temem que o avanço dos meios de comunicação, inclusive *on-line*, substitua o homem e leve alguns profissionais ao esquecimento.
- e) revelar o receio das pessoas em experimentar novos meios de comunicação, com medo de se sentirem retrógradadas.

Anotações:



○ 49. (ENEM) Aconteceu mais de uma vez: ele me abandonou. Como todos os outros. O quinto. A gente já estava junto há mais de um ano. Parecia que dessa vez seria para sempre. Mas não: ele desapareceu de repente, sem deixar rastro. Quando me dei conta, fiquei horas ligando sem parar – mas só chamava, e ninguém atendia. E então fiz o que precisava ser feito: bloqueei a linha.

A verdade é que nenhum telefone celular me suporta. Já tentei de todas as marcas e operadoras, apenas para descobrir que eles são todos iguais: na primeira oportunidade, dão no pé. Esse último aproveitou que eu estava distraído e não desceu do táxi junto comigo. Ou será que ele já tinha pulado do meu bolso no momento em que eu embarcava no táxi? Tomara que sim. Depois de fazer o que me fez, quero mais é que ele tenha ido parar na sarjeta. [...] Se ainda fossem embora do jeito que chegaram, tudo bem. [...] Mas já sei o que vou fazer. No caminho da loja de celulares, vou passar numa papelaria. Pensando bem, nenhuma das minhas agendinhas de papel jamais me abandonou.

FREIRE, R. Começar de novo. O Estado de S. Paulo, 24 nov. 2006.

Nesse fragmento, a fim de atrair a atenção do leitor e de estabelecer um fio condutor de sentido, o autor utiliza-se de:

- primeira pessoa do singular para imprimir subjetividade ao relato de mais uma desilusão amorosa.
- ironia para tratar da relação com os celulares na era de produtos altamente descartáveis.
- frases feitas na apresentação de situações amorosas estereotipadas para construir a ambientação do texto.
- quebra de expectativa como estratégia argumentativa para ocultar informações.
- verbos no tempo pretérito para enfatizar uma aproximação com os fatos abordados ao longo do texto.

○ 50. (ENEM) Ao longo dos anos 1980, um canal esportivo de televisão fracassou em implantar o basquete como esporte mundial, e uma empresa de materiais esportivos teve de lidar, fora do seu programa, com um esporte que lhe era estranho. Correndo atrás do prejuízo, ambas corrigiram a rota e vieram a fazer da incorporação do futebol a seu programa um objetivo estratégico alcançado com sucesso. O ajuste do interesse econômico à realidade cultural, no entanto, não deixa de dizer algo sobre ela: é significativo que o mais mundial dos esportes não faça sentido para os Estados Unidos, e que os esportes que fazem mais sentido para os Estados Unidos estejam longe de fazer sentido para o mundo. O futebol ofereceu uma curiosa e nada desprezível contraparte simbólica à hegemonia do imaginário norte-americano.

WISNIK, J. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008 (adaptado).

De acordo com o texto, em décadas passadas, a dificuldade das empresas norte-americanas indica a influência de um viés cultural e econômico na:

- popularização do futebol no país frente à concorrência com o basquete.
- conquista da alta lucratividade por meio do futebol no cenário norte-americano.
- implantação do basquete como esporte mundial frente à força cultural do futebol.
- importância dada por empresas esportivas ao futebol, similar àquela dada ao basquete.
- tentativa de fazer com que o futebol transmitido pela TV seja consumido por sua população.

○ 51. (ENEM) A mulher entra no quarto do filho decidida a ter uma conversa séria. De novo, as respostas dele à interpretação do texto na prova sugerem uma grande dificuldade de ler. Dispersão pode ser uma resposta para parte do problema. A extensão do texto pode ser outra, mas nesta ela não vai tocar porque também é professora e não vai lhe dar desculpas para ir mal na escola. Preguiça de ler parece outra forma de lidar com a extensão do texto. Ele está, de novo, no computador, jogando. Levanta os olhos com aquele ar de quem pode jogar e conversar ao mesmo tempo. A mãe lhe pede que interrompa o jogo e ele pede à mãe “só um instante para salvar”. Curiosa, ela olha para a tela e espanta-se com o jogo em japonês. Pergunta-lhe como consegue entender o texto para jogar. Ele lhe fala de alguma coisa parecida com uma “lógica de jogo” e sobre algumas tentativas com os ícones. Diz ainda que conhece a base da história e que, assim, mesmo em japonês, tudo faz sentido. Aquela conversa acabou sendo adiada. A mãe-professora, capturada por outros sentidos de leitura, não se sentia pronta naquele momento. Consciente, suspende a ação.

BARRETO, R. G. Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

A reação da mãe-professora frente às habilidades da “geração digital” contemporânea reflete o desafio que se tem enfrentado de:

- aplicar as mesmas formas de ler textos impressos a textos digitais.
- interpretar as várias informações na leitura de textos em multimídia.
- lidar com as novas práticas de leitura que emergem com a tecnologia.
- superar as dificuldades de leitura geradas pelos jogos de computadores.
- trabalhar a dificuldade de leitura usando as tecnologias como ferramentas.

○ 52. (ENEM)

A máquina extraviada

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa; e da maneira que o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos. [...]

Já existe aqui um movimento para declarar a máquina monumento municipal. [...] Dizem que a máquina já tem feito até milagre, mas isso – aqui para nós – eu acho que é exagero de gente supersticiosa, e prefiro não ficar falando no assunto. Eu – e creio que também a grande maioria dos municípios – não espero dela nada em particular; para mim basta que ela fique onde está, nos alegrando, nos inspirando, nos consolando.

VEIGA, J. J. A máquina extraviada: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

Qual procedimento composicional caracteriza a construção do texto?

- As intervenções explicativas do narrador.
- A descrição de uma situação hipotética.
- As referências à credence popular.
- A objetividade irônica do relato.
- As marcas de interlocução.



○ 53. (ENEM) – Não digo que seja uma mulher perdida, mas recebeu uma educação muito livre, saracoteia sozinha por toda a cidade e não tem podido, por conseguinte, escapar à implacável maledicência dos fluminenses. Demais, está habituada ao luxo, ao luxo da rua, que é o mais caro; em casa arranjam-se ela e a tia sabe Deus como. Não é mulher com quem a gente se case. Depois, lembra-te que apenas comesas e não tens ainda onde cair morto. Enfim, és um homem: faze o que bem te parecer.

Essas palavras, proferidas com uma franqueza por tantos motivos autorizada, calaram no ânimo do bacharel. Intimamente ele estimava que o velho amigo de seu pai o dissuadesse de requerer a moça, não pelas consequências morais do casamento, mas pela obrigação, que este lhe impunha, de satisfazer uma dívida de vinte contos de réis, quando, apesar de todos os seus esforços, não conseguira até então pôr de parte nem o terço daquela quantia.

AZEVEDO, A. A dívida. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 20 ago. 2017.

O texto, publicado no fim do século XIX, traz à tona representações sociais da sociedade brasileira da época. Em consonância com a estética realista, traços da visão crítica do narrador manifestam-se na:

- a) caracterização pejorativa do comportamento da mulher solteira.
- b) concepção irônica acerca dos valores morais inerentes à vida conjugal.
- c) contraposição entre a idealização do amor e as imposições do trabalho.
- d) expressão caricatural do casamento pelo viés do sentimentalismo burguês.
- e) sobreposição da preocupação financeira em relação ao sentimento amoroso

○ 54. (ENEM)

A inteligência está na rede

Pergunta: Há tecnologias que melhoram a vida humana, como a invenção do calendário, e outras que revolucionam a história humana, como a invenção da roda. A internet, o iPad, o Facebook, o Google são tecnologias que pertencem a que categoria?

Resposta: À das que revolucionam a história. O que está acontecendo no mundo de hoje é semelhante ao que se passou com a sociedade agrária depois da prensa móvel de Gutenberg. Antes, o conhecimento estava concentrado em oligopólios. A invenção de Gutenberg começou a democratizar o conhecimento, e as instituições do feudalismo entraram num processo de atrofia. A novidade afetou a Igreja Católica, as monarquias, os poderes coloniais e, com o passar do tempo, resultou nas revoluções na América Latina, nos Estados Unidos, na França. Resultou na democracia parlamentar, na reforma protestante, na criação das universidades, do próprio capitalismo. Martinho Lutero chamou a prensa móvel de “a mais alta graça de Deus”. Agora, mais uma vez, o gênio da tecnologia saiu da garrafa. Com a prensa móvel, ganhamos acesso à palavra escrita. Com a internet, cada um de nós pode ser seu próprio editor. A imprensa nos deu acesso ao conhecimento que já havia sido produzido e estava registrado. A internet nos dá acesso ao conhecimento contido no cérebro de outras pessoas em qualquer parte do mundo. Isso é uma revolução. E, tal como aconteceu no passado, está fazendo com que nossas instituições se tornem obsoletas.

TAPSCOTT, D. Entrevista concedida a Augusto Nunes. Veja, 21 abr. 2011 (adaptado).

Segundo o pesquisador entrevistado, a internet revolucionou a história da mesma forma que a prensa móvel de Gutenberg revolucionou o mundo no século XV. De acordo com o texto, as duas invenções, de maneira similar, provocaram o(a):

- a) ocorrência de revoluções em busca por governos mais democráticos.
- b) divulgação do conhecimento produzido em papel nas diversas instituições.
- c) organização das sociedades a favor do acesso livre à educação e às universidades.
- d) comércio do conhecimento produzido e registrado em qualquer parte do mundo.
- e) democratização do conhecimento pela divulgação de ideias por meio de publicações.

○ 55. (ENEM) A ascensão das novas tecnologias de comunicação causou alvoroço, quando não gerou discursos apocalípticos acerca da finitude dos objetos nos quais se ancorava a cultura letrada. As atenções voltaram-se, sobretudo, para o mais difundido de todos esses objetos: o livro impresso. A crer nesses diagnósticos sombrios, os livros e a noção romântica de autoria estavam fadados ao desaparecimento. O triunfo do hipertexto e a difusão dos *e-books* inscreveriam um marco na linha do tempo, semelhante aos daqueles suscitados pelo advento da escrita e da “revolução do impresso”. Decerto porque as mudanças no padrão tecnológico de comunicação alteram práticas e representações culturais. Contudo, os investigadores insistem que uma perspectiva evolutiva e progressiva acaba por obscurecer o fato de que as normas, as funções e os usos da cultura letrada não são compartilhados de maneira igual, como também não anulam as formas precedentes.

Apesar dos avanços, a história da leitura não pode restringir seu interesse ao livro, tendo de considerar outras formas de impresso de ampla circulação e suportes de textos não impressos. Isso é particularmente relevante no Brasil, onde a imprensa aportou tardiamente e o letramento custou a se espalhar pela sociedade.

SCHAPOCHNIK, N. Cultura letrada: objetos e práticas - uma introdução. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. (Org.). Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas: Mercado das Letras, 2005 (adaptado).

Nesse texto, ao abordar o desenvolvimento da cultura letrada no país, o autor defende a ideia de que:

- a) livros eletrônicos revolucionam ações de letramento.
- b) veículos midiáticos interferem na formação de leitores.
- c) tecnologias de leitura novas desconsideram as anteriores.
- d) aparatos tecnológicos prejudicam hábitos culturais.
- e) práticas distintas constroem a história da leitura.

Anotações:



○ **56. (ENEM)** A tecnologia está, definitivamente, presente na vida cotidiana. Seja para consultar informações, conversar com amigos e familiares ou apenas entreter, a internet e os celulares não saem das mãos e mentes das pessoas. Por esse motivo, especialistas alertam: o uso excessivo dessas ferramentas pode viciar. O problema, dizem os especialistas, é o usuário conseguir diferenciar a dependência do uso considerado normal. Hoje, a internet e os celulares são ferramentas profissionais e de estudo.

MATSUURA, S. O Globo, 10 jun. 2013 (adaptado).

O desenvolvimento da sociedade está relacionado ao avanço das tecnologias, que estabelecem novos padrões de comportamento. De acordo com o texto, o alerta dos especialistas deve-se à:

- a) insegurança do usuário, em razão do grande número de pessoas conectadas às redes sociais.
- b) falta de credibilidade das informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa.
- c) comprovação por pesquisas de que os danos ao cérebro são muito maiores do que se pode imaginar.
- d) subordinação das pessoas aos recursos oferecidos pelas novas tecnologias, a ponto de prejudicar suas vidas.
- e) possibilidade de as pessoas se isolarem socialmente, em razão do uso das novas tecnologias de comunicação.

○ **57. (ENEM)**

A Internet que você faz

Uma pequena invenção, a *Wikipédia*, mudou o jeito de lidarmos com informações na rede. Trata-se de uma enciclopédia virtual colaborativa, que é feita e atualizada por qualquer internauta que tenha algo a contribuir. Em resumo: é como se você imprimisse uma nova página para a publicação desatualizada que encontrou na biblioteca.

Antigamente, quando precisávamos de alguma informação confiável, tínhamos a enciclopédia como fonte segura de pesquisa para trabalhos, estudos e pesquisa em geral. Contudo, a novidade trazida pela *Wikipédia* nos coloca em uma nova circunstância, em que não podemos confiar integralmente no que lemos.

Por ter como lema principal a escritura coletiva, seus textos trazem informações que podem ser editadas e reeditadas por pessoas do mundo inteiro. Ou seja, a relevância da informação não é determinada pela tradição cultural, como nas antigas enciclopédias, mas pela dinâmica da mídia.

Assim, questiona-se a possibilidade de serem encontradas informações corretas entre sabotagens deliberadas e contribuições erradas.

NÉO. A. et al. A Internet que você faz. In: Revista PENSE! Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Ano 2, n° 3, mar.-abr. 2010 (adaptado).

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como a *Wikipédia*, têm trazido inovações que impactaram significativamente a sociedade. A respeito desse assunto, o texto apresentado mostra que a falta de confiança na veracidade dos conteúdos registrados na *Wikipédia*:

- a) acontece pelo fato de sua construção coletiva possibilitar a edição e a reedição das informações por qualquer pessoa no mundo inteiro.
- b) limita a disseminação do saber, apesar do crescente número de acessos ao *site* que a abriga, por falta de legitimidade.
- c) ocorre pela facilidade de acesso à página, o que torna a informação vulnerável, ou seja, pela dinâmica da mídia.
- d) ressalta a crescente busca das enciclopédias impressas para as pesquisas escolares.
- e) revela o desconhecimento do usuário, impedindo-o de formar um juízo de valor sobre as informações.

○ **58. (ENEM)** A internet amplia o que queremos e desejamos. Pessoas alienadas se alienam mais na internet. Pessoas interessantes tornam a comunicação com a internet mais interessante. Pessoas abertas utilizam a internet para promover mais interação e compartilhamento. Pessoas individualistas se fecham mais ainda nos ambientes digitais. Pessoas que têm dificuldades de relacionamento na vida real muitas vezes procuram mil formas de fuga para o virtual. Aproveitaremos melhor as possibilidades da internet, se equilibrarmos a qualidade das interações presenciais – na vida pessoal, profissional, emocional – com as interações digitais correspondentes.

MORAN, J. M. Disponível em: www.eca.usp.br. Acesso em: 31 jul. 2012 (adaptado).

O texto expressa um posicionamento a respeito do uso da internet e suas repercussões na vida cotidiana. Na opinião do autor, esse sistema de informação e comunicação:

- a) aumenta o número de pessoas alienadas.
- b) resolve problemas de relacionamento.
- c) soluciona a questão do individualismo.
- d) equilibra as interações presenciais.
- e) potencializa as características das pessoas.

○ **59. (ENEM)** O Grandescompras é um *site* de compras coletivas do Brasil e surgiu devido a esta nova modalidade de comércio eletrônico que vem crescendo a cada dia no mundo, e também aqui no Brasil. As compras coletivas são a moda da vez, e para quem ainda não conhece esse sistema, ele já é bem popular nos Estados Unidos há muito tempo, vindo a se destacar aqui no Brasil após o início de 2010. O Grandescompras possui ofertas especiais que podem variar de 50% a 90%, de acordo com a quantidade de pessoas interessadas em adquirir o produto/serviço. Para se ter uma ideia, existem descontos em bares, restaurantes, salões de beleza e muitos outros lugares.

Disponível em: www.noticiaki.com. Acesso em: 12 jan. 2012 (adaptado).

O advento da internet produziu mudanças no comportamento dos consumidores e nas relações de compra e venda. Segundo o texto, a adesão dos consumidores ao *site* de compras coletivas pela internet está relacionada ao fato de que:

- a) a venda eletrônica constitui um modismo característico dos dias atuais.
- b) o consumidor deseja realizar uma compra recorrendo a um meio fácil e seguro.
- c) a diminuição do preço de um produto está relacionada ao aumento de sua procura.
- d) os descontos em produtos exclusivos aumentam o prestígio social dos internautas.
- e) a compra pela internet é uma prática recorrente entre moradores de países ricos.

Anotações:



○ **60. (ENEM)** Na semana passada, os alunos do colégio do meu filho se mobilizaram, através do Twitter, para não comprarem na cantina da escola naquele dia, pois acharam o preço do pão de queijo abusivo. São adolescentes. Quase senhores das novas tecnologias, transitam nas redes sociais, varrem o mundo através dos teclados dos celulares, iPads e se organizam para fazer um movimento pacífico de não comprar lanches por um dia. Foi parar na TV e em muitas páginas da internet.

GOMES, A. A revolução silenciosa e o impacto na sociedade das redes sociais. Disponível em: www.hsm.com.br. Acesso em: 31 jul. 2012.

O texto aborda a temática das tecnologias da informação e comunicação, especificamente o uso de redes sociais. Muito se debate acerca dos benefícios e malefícios do uso desses recursos e, nesse sentido, o texto:

- a) aborda a discriminação que as redes sociais sofrem de outros meios de comunicação.
- b) mostra que as reivindicações feitas nas redes sociais não têm impacto fora da internet.
- c) expõe a possibilidade de as redes sociais favorecerem comportamentos e manifestações violentos dos adolescentes que nelas se relacionam.
- d) trata as redes sociais como modo de agregar e empoderar grupos de pessoas, que se unem em prol de causas próprias ou de mudanças sociais.
- e) evidencia que as redes sociais são usadas inadequadamente pelos adolescentes, que, imaturos, não utilizam a ferramenta como forma de mudança social.

○ **61. (ENEM)** O “Portal Domínio Público”, lançado em novembro de 2004, propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime e gratuita, colocando à disposição de todos os usuários da Internet uma biblioteca virtual que deverá constituir referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral.

Esse portal constitui um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada.

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2009 (adaptado).

Considerando a função social das informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, o ambiente virtual descrito no texto exemplifica:

- a) a dependência das escolas públicas quanto ao uso de sistemas de informação.
- b) a ampliação do grau de interação entre as pessoas, a partir de tecnologia convencional.
- c) a democratização da informação, por meio da disponibilização de conteúdo cultural e científico à sociedade.
- d) a comercialização do acesso a diversas produções culturais nacionais e estrangeiras via tecnologia da informação e da comunicação.
- e) a produção de repertório cultural direcionado a acadêmicos e educadores.

○ **62. (ENEM)** As tecnologias de informação e comunicação (TIC) vieram aprimorar ou substituir meios tradicionais de comunicação e armazenamento de informações, tais como o rádio e a TV analógicos, os livros, os telégrafos, o fax, etc. As novas bases tecnológicas são mais poderosas e versáteis, introduziram fortemente a possibilidade de comunicação interativa e estão presentes em todos os meios produtivos da atualidade. As novas TIC vieram acompanhadas da chamada *Digital Divide*, *Digital Gap* ou *Digital Exclusion*, traduzidas para o português como Divisão Digital ou Exclusão Digital, sendo, às vezes, também usados os termos Brecha Digital ou Abismo Digital. Nesse contexto, a expressão Divisão Digital refere-se a:

- a) uma classificação que caracteriza cada uma das áreas nas quais as novas TIC podem ser aplicadas, relacionando os padrões de utilização e exemplificando o uso dessas TIC no mundo moderno.
- b) uma relação das áreas ou subáreas de conhecimento que ainda não foram contempladas com o uso das novas tecnologias digitais, o que caracteriza uma brecha tecnológica que precisa ser minimizada.
- c) uma enorme diferença de desempenho entre os empreendimentos que utilizam as tecnologias digitais e aqueles que permaneceram usando métodos e técnicas analógicas.
- d) um aprofundamento das diferenças sociais já existentes, uma vez que se torna difícil a aquisição de conhecimentos e habilidades fundamentais pelas populações menos favorecidas nos novos meios produtivos.
- e) uma proposta de educação para o uso de novas pedagogias com a finalidade de acompanhar a evolução das mídias e orientar a produção de material pedagógico com apoio de computadores e outras técnicas digitais.

○ **63. (ENEM)** Usei uma conexão via computador, pela primeira vez, em 1988. Morava na França, trabalhando como correspondente da *Folha de S. Paulo* e concordei em utilizar um *laptop* Toshiba T1000, equipado com um *modem* de 1.200 *bauds*, para transmitir minhas reportagens. O texto entrava direto nos terminais da redação, digitalizado, segundos depois de composto na tela de cristal líquido do pequeno Toshiba. O *laptop* sequer tinha disco rígido, era tudo comandado por disquete e gravado em disquete. Permitiu-me aposentar não só a Olivetti como o vetusto telex de casa. Em seguida, eu pegava o telefone e chamava a redação para saber se o texto “entrara” bem. Até que, um dia, o engenheiro de informática do jornal me disse que, dali em diante, não precisaríamos usar mais a ligação telefônica internacional tradicional, muito cara, para saber se o texto havia chegado corretamente ou tirar dúvidas sobre o manuseio do computador. Poderíamos fazer aquilo via *chat*, uma conversa textual na tela do próprio *laptop*. Essa maravilha seria possível por meio de um programinha de conversação.

SPYE, J. Conectado. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (adaptado).

O texto apresenta uma situação de uso das tecnologias de comunicação e informação por um jornalista. A mudança do uso do telefone para o uso do *chat* evidencia a transformação na dinâmica:

- a) do trabalho, em função das tecnologias de comunicação e informação.
- b) do acesso às informações divulgadas pela mídia digital aos internautas.
- c) da divulgação das notícias pela mídia digital e os impactos provocados no cotidiano.
- d) da valorização de profissionais da imprensa com a chegada das mídias digitais.
- e) dos avanços na área de telejornalismo na ascensão da imprensa internacional.



○ **64. (ENEM)** Em uma escala de 0 a 10, o Brasil está entre 3 e 4 no quesito segurança da informação. “Estamos começando a acordar para o problema. Nessa história de espionagem corporativa, temos muita lição a fazer. Falta consciência institucional e um longo aprendizado. A sociedade caiu em si e viu que é uma coisa que nos afeta”, diz S. P., pós-doutor em segurança da informação. Para ele, devem ser estabelecidos canais de denúncia para esse tipo de situação. De acordo com o conselheiro do Comitê Gestor da Internet (CGI), o Brasil tem condições de desenvolver tecnologia própria para garantir a segurança dos dados do país, tanto do governo quanto da população. “Há uma massa de conhecimento dentro das universidades e em empresas inovadoras que podem contribuir propondo medidas para que possamos mudar isso [falta de segurança] no longo prazo”. Ele acredita que o governo tem de usar o seu poder de compra de *softwares* e *hardwares* para a área da segurança cibernética, de forma a fomentar essas empresas, a produção de conhecimento na área e a construção de uma cadeia de produção nacional.

SARRES, C. Disponível em: www.ebc.com.br. Acesso em: 22 nov. 2013 (adaptado).

Considerando-se o surgimento da espionagem corporativa em decorrência do amplo uso da internet, o texto aponta uma necessidade advinda desse impacto, que se resume em:

- a) alertar a sociedade sobre os riscos de ser espionada.
- b) promover a indústria de segurança da informação.
- c) discutir a espionagem em fóruns internacionais.
- d) incentivar o aparecimento de delatores.
- e) treinar o país em segurança digital.

○ **65. (ENEM)** A emergência da sociedade da informação está associada a um conjunto de profundas transformações ocorridas desde as últimas duas décadas do século XX. Tais mudanças ocorrem em dimensões distintas da vida humana em sociedade, as quais interagem de maneira sinérgica e confluem para projetar a informação e o conhecimento como elementos estratégicos, dos pontos de vista econômico-produtivo, político e sociocultural. A sociedade da informação caracteriza-se pela crescente utilização de técnicas de transmissão, armazenamento de dados e informações a baixo custo, acompanhadas por inovações organizacionais, sociais e legais. Ainda que tenha surgido motivada por um conjunto de transformações na base técnico-científica, ela se investe de um significado bem mais abrangente.

LEGEY, L.-R.; ALBAGLI, S. Disponível em: www.dgz.org.br. Acesso em: 4 dez. 2012 (adaptado).

O mundo contemporâneo tem sido caracterizado pela crescente utilização das novas tecnologias e pelo acesso à informação cada vez mais facilitado. De acordo com o texto, a sociedade da informação corresponde a uma mudança na organização social porque:

- a) representa uma alternativa para a melhoria da qualidade de vida.
- b) associa informações obtidas instantaneamente por todos e em qualquer parte do mundo.
- c) propõe uma comunicação mais rápida e barata, contribuindo para a intensificação do comércio.
- d) propicia a interação entre as pessoas por meio de redes sociais.
- e) representa um modelo em que a informação é utilizada intensamente nos vários setores da vida.

○ **66. (ENEM)** Embora particularidades na produção mediada pela tecnologia aproximem a escrita da oralidade, isso não significa que as pessoas estejam escrevendo errado. Muitos buscam, tão somente, adaptar o uso da linguagem ao suporte utilizado: “O contexto é que define o registro de língua. Se existe um limite de espaço, naturalmente, o sujeito irá usar mais abreviaturas, como faria no papel”, afirma um professor do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Cefet-MG. Da mesma forma, é preciso considerar a capacidade do destinatário de interpretar corretamente a mensagem emitida. No entendimento do pesquisador, a escola, às vezes, insiste em ensinar um registro utilizado apenas em contextos específicos, o que acaba por desestimular o aluno, que não vê sentido em empregar tal modelo em outras situações. Independentemente dos aparatos tecnológicos da atualidade, o emprego social da língua revela-se muito mais significativo do que seu uso escolar, conforme ressalta a diretora de Divulgação Científica da UFMG: “A dinâmica da língua oral é sempre presente. Não falamos ou escrevemos da mesma forma que nossas avós”. Some-se a isso o fato de os jovens se revelarem os principais usuários das novas tecnologias, por meio das quais conseguem se comunicar com facilidade. A professora ressalta, porém, que as pessoas precisam ter discernimento quanto às distintas situações, a fim de dominar outros códigos.

SILVA JR., M. G.; FONSECA, V. Revista Minas Faz Ciência, nº 51, set.-nov. 2012 (adaptado).

Na esteira do desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, usos particulares da escrita foram surgindo. Diante dessa nova realidade, segundo o texto, cabe à escola levar o aluno a:

- a) interagir por meio da linguagem formal no contexto digital.
- b) buscar alternativas para estabelecer melhores contatos *on-line*.
- c) adotar o uso de uma mesma norma nos diferentes suportes tecnológicos.
- d) desenvolver habilidades para compreender os textos postados na *web*.
- e) perceber as especificidades das linguagens em diferentes ambientes digitais.

○ **67. (ENEM)** O documentário *O menino que fez um museu*, direção de Sérgio Utsch, produção independente de brasileiros e britânicos, gravado no Nordeste, em 2016, mais precisamente no distrito Dom Quintino, zona rural do Crato, foi premiado em Londres, pela *Foreign Press Association* (FPA), a associação de correspondentes estrangeiros mais antiga do mundo, fundada em 1888.

De acordo com o diretor, *O menino que fez um museu* foi o único trabalho produzido por equipes fora do eixo Estados Unidos-Europa entre os finalistas. O documentário conta a história de um Brasil profundo, desconhecido até mesmo por muitos brasileiros. É apresentado com o carisma de Pedro Lucas Feitosa, 11 anos.

Quando tinha 10 anos, Pedro Lucas criou o Museu de Luiz Gonzaga, que fica no distrito de Dom Quintino. A ideia surgiu após uma visita que o garoto fez, em 2013, quando tinha 8 anos, ao Museu do Gonzagão, em Exu, Pernambuco. Pedro decidiu criar o próprio lugar de exposição para homenagear o rei e o local escolhido foi a casa da sua bisavó já falecida, que fica ao lado da casa dele, na rua Alto de Antena.

Disponível em: www.opovo.com.br. Acesso em: 18 abr. 2018.

No segundo parágrafo, uma citação afirma que o documentário “foi o único trabalho produzido por equipes fora do eixo Estados Unidos-Europa entre os finalistas”. No texto, esse recurso expressa uma estratégia argumentativa que reforça a:



- a) originalidade da iniciativa de homenagem à vida e à obra de Luiz Gonzaga.
- b) falta de concorrentes ao prêmio de uma das associações mais antigas do mundo.
- c) proeza da premiação de uma história ambientada no interior do Nordeste brasileiro.
- d) escassez de investimentos para a produção cinematográfica independente no país.
- e) importância da parceria entre brasileiros e britânicos para a realização das filmagens.

○ **68. (ENEM)** A história do futebol brasileiro contém, ao longo de um século, registros de episódios racistas. Eis o paradoxo: se, de um lado, a atividade futebolística era depreciada aos olhos da “boa sociedade” como profissão destinada aos pobres, negros e marginais, de outro, achava-se investida do poder de representar e projetar a nação em escala mundial. A Copa do Mundo no Brasil, em 1950, viria a se constituir, nesse sentido, em uma rara oportunidade. Contudo, na decisão contra o Uruguai, sobreveio o inesperado revés. As crônicas esportivas elegiam o goleiro Barbosa e o defensor Bigode como bodes expiatórios, “descarregando nas costas” dos jogadores os “prejuízos” da derrota. Uma chibata moral, eis a sentença proferida no tribunal dos brancos. Nos anos 1970, por não atender às expectativas normativas suscitadas pelo estereótipo do “bom negro”, Paulo César Lima foi classificado como “jogador-problema”. Ele esboçava a revolta da chibata no futebol brasileiro. Enquanto Barbosa e Bigode, sem alternativa, suportaram o linchamento moral na derrota de 1950, Paulo César contra-atacava os que pretendiam condená-lo pelo insucesso de 1974. O jogador assumia as cores e as causas defendidas pela esquadra dos pretos em todas as esferas da vida social. “Sinto na pele esse racismo subjacente”, revelou à imprensa francesa: “Isto é, ninguém ousa pronunciar a palavra ‘racismo’. Mas posso garantir que ele existe, mesmo na Seleção Brasileira”. Sua ousadia consistiu em pronunciar a palavra interdita no espaço simbólico do discurso oficial para reafirmar o mito da democracia racial.

Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2019 (adaptado).

O texto atribui o enfraquecimento do mito da democracia racial no futebol à:

- a) responsabilização de jogadores negros pela derrota na final da Copa de 1950.
- b) projeção mundial da nação por um esporte antes destinado aos pobres.
- c) depreciação de um esporte associado à marginalidade.
- d) interdição da palavra “racismo” no contexto esportivo.
- e) atitude contestadora de um “jogador-problema”.

○ **69. (ENEM)**

TEXTO I

O mito da estiagem em São Paulo

Os estoques de água doce são inesgotáveis, na medida em que são alimentados principalmente pelos oceanos, infinitos via evaporação e precipitação, ou seja, pelo ciclo hidrológico, que depende de forças físicas as quais o homem nunca poderá interromper. Enquanto existirem, o ciclo funcionará, e os estoques de água doce nos continentes serão repostos indefinidamente.

Obviamente que a água não se distribui equitativamente pelo planeta. Há regiões com muita água, normalmente na zona tropical, na qual a evaporação é maior, e regiões áridas, onde,

por razões específicas da dinâmica climática, as taxas de evaporação são maiores do que a precipitação, gerando déficit de reposição de estoques de água doce.

Disponível em: www.cartanaescola.com.br. Acesso em: 17 jan. 2015 (adaptado).

TEXTO II

O processo de sedimentação no fundo do lago de um reservatório é um processo lento. Os sedimentos vão formando argila, que é uma rocha impermeável. Então, a água daquele lago não vai alimentar os aquíferos. Mesmo tendo muita quantidade de água superficial, ela não consegue penetrar no solo para alimentar os aquíferos. Se não for usada no consumo, ela vai simplesmente evaporar e vai cair em outro lugar, levada pelas correntes aéreas. Isso é outro motivo pelo qual os aquíferos não conseguem recuperar seu nível, porque não recebem água.

Disponível em: www.jornalopcao.com.br. Acesso em: 17 jan. 2015 (adaptado).

Os textos I e II abordam a situação dos reservatórios de água doce do planeta. Entretanto, a divergência entre eles está na ideia de que é possível:

- a) manter os estoques de água doce.
- b) utilizar a água superficial para o consumo.
- c) repor os estoques de água doce em regiões áridas.
- d) reduzir as taxas de precipitação e evaporação da água.
- e) equalizar a distribuição de água doce nas diferentes regiões.

○ **70. (ENEM)**

Thumbs Up

Ponto positivo para o Facebook, que vai dar uma ajustada na casa para, quem sabe, não ser mais conhecido como o espaço da treta. Durante a F8, sua conferência anual, a empresa anunciou a maior mudança de design do serviço em 5 anos. Agora, o polêmico feed de notícias deixa de ser o protagonista, e o queridinho da rede social se torna o segmento de Grupos (é o Orkut fazendo escola?). Segundo Mark Zuckerberg, mais de 1 bilhão de usuários mensais entram nessa aba do aplicativo, e 400 mil deles já estão integrados em grupos de “assuntos significativos”. O objetivo agora é aumentar o tráfego, oferecendo mais sugestões e ferramentas especiais para quem gerencia essas comunidades. Além disso, o Marketplace, que já tem mais de 800 milhões de usuários, vai ganhar mais atenção e integração. Com isso, parece que há um novo padrão se montando na rede social: sai o feed, entra a segmentação, que pode ser uma boa porta para monetização nos próximos anos. No mesmo evento, Zuckerberg também disse que o futuro do Facebook é a privacidade, mas não deu muitos detalhes de como vai proteger seus clientes daqui para frente. Evitar que vazamentos de dados dos usuários aconteçam é um bom começo.

#FicaaDica

Disponível em: <https://thebrief.us16.list-manage.com>. Acesso em: 3 maio 2019 (adaptado).

O texto relata que uma rede social virtual realizará sua maior mudança de design dos últimos anos. Esse fato revela que as tecnologias de informação e comunicação:

- a) buscam oferecer mais privacidade.
- b) assimilam os comportamentos dos usuários.
- c) promovem maior interação em ambientes virtuais.
- d) oferecem mais facilidades para obter cada vez mais lucro.
- e) evoluem para ficar mais parecidas umas com as outras.



○ 71. (ENEM)

Reaprender a ler notícias

Não dá mais para ler um jornal, revista ou assistir a um telejornal da mesma forma que fazíamos até o surgimento da rede mundial de computadores. O Observatório da Imprensa antecipou isso lá nos idos de 1996 quando cunhou o slogan “Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito”. De fato, hoje já não basta mais ler o que está escrito ou falado para estar bem informado. É preciso conhecer as entrelinhas e saber que não há objetividade nem isenção absolutas, porque cada ser humano vê o mundo de uma forma diferente. Ter um pé atrás passou a ser a regra básica número um de quem passa os olhos por uma primeira página, capa de revista ou chamadas de um noticiário na TV.

Há uma diferença importante entre desconfiar de tudo e procurar ver o maior número possível de lados de um mesmo fato, dado ou evento. Apenas desconfiar não resolve porque se trata de uma atitude passiva. É claro, tudo começa com a dúvida, mas a partir dela é necessário ser proativo, ou seja, investigar, estudar, procurar os elementos ocultos que sempre existem numa notícia. No começo é um esforço solitário que pode se tornar coletivo à medida que mais pessoas descobrem sua vulnerabilidade informativa.

Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acesso em: 30 set. 2015 (adaptado).

No texto, os argumentos apresentados permitem inferir que o objetivo do autor é convencer os leitores a:

- a) buscarem fontes de informação comprometidas com a verdade.
- b) privilegiarem notícias veiculadas em jornais de grande circulação.
- c) adotarem uma postura crítica em relação às informações recebidas.
- d) questionarem a prática jornalística anterior ao surgimento da internet.
- e) valorizarem reportagens redigidas com imparcialidade diante dos fatos.

○ 72. (ENEM) O skate apareceu como forma de vivência no lazer em períodos de baixa nas ondas e ficou conhecido como “surfinho”. No início foram utilizados eixos e rodinhas de patins pregados numa madeira qualquer, para sua composição, sendo as rodas de borracha ou ferro. O grande marco na história do skate ocorreu em 1974, quando o engenheiro químico chamado Frank Nasworthy descobriu o uretano, material mais flexível, que oferecia mais aderência às rodas. A dependência dos skatistas em relação a esse novo material igualmente alavancou o surgimento de novas manobras e possibilitou a um maior número de pessoas inexperientes começar a prática dessa modalidade. O resultado foi a criação de campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas.

ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. Motriz, jul.-set. 2010 (adaptado).

De acordo com o texto, diversos fatores ao longo do tempo:

- a) contribuíram para a democratização do skate.
- b) evidenciaram as demandas comerciais dos skatistas.
- c) definiram a carreira de skatista profissional.
- d) permitiram que a prática social do skate substituísse o surfe.
- e) indicaram a autonomia dos praticantes de skate.

○ 73. (ENEM) No ano em que o maior clarinetista que o Brasil conheceu, Abel Ferreira, faria 100 anos, o choro dá mostras de vivacidade. É quase um paradoxo que essa riquíssima manifestação da genuína alma brasileira seja forte o suficiente para driblar a falta de incentivos oficiais, a insensibilidade dos meios de comunicação e a amnésia generalizada. “Ele trazia a alma brasileira derramada em sua sonoridade ímpar. Artur da Távola, seguramente seu maior admirador, foi quem melhor o definiu, ‘alma sertaneja, toque mozarteano’”. O acervo do músico autodidata nascido na mineira Coromandel, autor de 50 músicas, entre as quais Chorando baixinho (1942), que o consagrou, amigo e parceiro de Pixinguinha, com quem gravou Ingênuo (1958), permanece com os herdeiros à espera de compilação adequada. O Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro tem a guarda do sax e do clarinete, doados em 1995.

Na avaliação de Leonor Bianchi, editora da Revista do Choro, “a música instrumental fica apartada do que é popular porque não vai à sala de concerto. O público em geral tem interesse em samba, pagode e axé”. Ela atribui essa situação à falta de conhecimento e à pouca divulgação do gênero nas escolas.

FERRAZ, A. Disponível em: www.cartacapital.com.br. Acesso em: 22 abr. 2015 (adaptado).

Considerando-se o contexto, o gênero e o público-alvo, os argumentos trazidos pela autora do texto buscam:

- a) atribuir o desconhecimento da obra de Abel Ferreira ao ensino de música nas escolas.
- b) reivindicar mais investimentos estatais para a preservação do acervo musical nacional.
- c) destacar a relevância histórica e a riqueza estética do choro no cenário musical brasileiro.
- d) apresentar ao leitor dados biográficos pouco conhecidos sobre a trajetória de Abel Ferreira.
- e) constatar a impopularidade do choro diante da preferência do público por músicas populares.

○ 74. (ENEM)

TEXTO I

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol
É peroba-do-campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, é o matita-pereira

TOM JOBIM. Águas de março. O Tom de Jobim e o tal de João Bosco (disco de bolso). Salvador: Zen Produtora, 1972 (fragmento).

TEXTO II

A inspiração súbita e certa do compositor serve ainda de exemplo do lema antigo: nada vem do nada. Para ninguém, nem mesmo para Tom Jobim. Duas fontes são razoavelmente conhecidas. A primeira é o poema *O caçador de esmeraldas*, do mestre parnasiano Olavo Bilac: “Foi em março, ao findar da chuva, quase à entrada/ do outono, quando a terra em sede requeimada/ bebera longamente as águas da estação [...]”. E a outra é um ponto de macumba, gravado com sucesso por J. B. Carvalho, do Conjunto Tupi: “É pau, é pedra, é seixo miúdo, roda a baiana por cima de tudo”. Combinar Olavo Bilac e macumba já seria bom; mas o que se vê em *Águas de março* vai muito além: tudo se transforma numa outra coisa e numa outra música, que recompõem o mundo para nós.

NESTROVSKI, A. O samba mais bonito do mundo. In: Três canções de Tom Jobim. São Paulo: Cosac Naify, 2004.



Ao situar a composição no panorama cultural brasileiro, o Texto II destaca o(a):

- a) diálogo que a letra da canção estabelece com diferentes tradições da cultura nacional.
- b) singularidade com que o compositor converte referências eruditas em populares.
- c) caráter inovador com que o compositor concebe o processo de criação artística.
- d) relativização que a letra da canção promove na concepção tradicional de originalidade.
- e) resgate que a letra da canção promove de obras pouco conhecidas pelo público no país.



○ 75. (ENEM)

Deu vontade de jogar, mas não sabe como reunir os amigos...

Muitas vezes é difícil encontrar grupos para bater uma bola. Em função disso, estão sendo disponibilizados aplicativos que reúnem times e reservam espaços para os adeptos da paixão nacional. Num exemplo dessas iniciativas, é possível organizar uma partida de futebol, se inscrever para participar de um jogo, alugar campos e quadras, convidar jogadores. O aplicativo tem dois tipos de usuários: um que o usa como ferramenta de gestão do grupo, convidando amigos para jogar, vendo quem confirmou e avaliando os jogos. Outro usuário é o que busca partidas perto de onde ele está, caso de pessoas que estão de passagem numa cidade.

BENEDICTO, M.; MARLI, M. Bola na rede. Retratos: a revista do IBGE, n. 2, 2017 (adaptado).

A inter-relação entre tecnologia e sociedade tem estimulado a criação de aplicativos. Nesse texto, isso é percebido pelo desenvolvimento de aplicativos para:

- a) organização de eventos de competições esportivas.
- b) agendamento de viagens para eventos de esporte amador.
- c) mapeamento dos interesses dos praticantes acerca dos esportes.
- d) identificação da escassez de espaços para a vivência dos esportes.
- e) formação de grupos em comunidades virtuais para a prática esportiva.



Anotações:

○ 76. (ENEM)

O suor para estar em competições nacionais e internacionais de alto nível é o mesmo para homens e mulheres, mas não raramente as remunerações são menores para elas. Se no tênis, um dos esportes mais equânimes em termos de gênero, todos os principais torneios oferecem prêmios idênticos nas disputas femininas e masculinas, no futebol a desigualdade atinge seu ápice. Neymar e Marta são dois expoentes dessa paixão nacional. Ela já foi eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo pela Fifa. Ele conquistou o terceiro lugar na última votação para melhor do mundo. Mas é na conta bancária que a diferença entre os dois se sobressai.



Disponível em: <http://apublica.org>. Acesso em: 9 ago. 2017 (adaptado).

O esporte é uma manifestação cultural na qual se estabelecem relações sociais. Considerando o texto, o futebol é uma modalidade que:

- a) apresenta proximidades com o tênis, no que tange às relações de gênero entre homens e mulheres.
- b) se caracteriza por uma identidade masculina no Brasil, conferindo maior remuneração aos jogadores.
- c) traz remunerações, aos jogadores e às jogadoras, proporcionais aos seus esforços no treinamento esportivo.
- d) resulta em melhor eficiência para as mulheres e, conseqüentemente, em remuneração mais alta às jogadoras.
- e) possui jogadores e jogadoras com a mesma visibilidade, apesar de haver expoentes femininos de destaque, como Marta.



○ 77. (ENEM) Eu tenho empresas e sou digno do visto para ir a Nova York. O dinheiro que chove em Nova York é para pessoas com poder de compra. Pessoas que tenham um visto do consulado americano. O dinheiro que chove em Nova York também é para os nova-iorquinos. São milhares de dólares. [...] Estou indo para Nova York, onde está chovendo dinheiro. Sou um grande administrador. Sim, está chovendo dinheiro em Nova York. Deu no rádio. Vejo que há pedestres invadindo a via onde trafega o meu carro vermelho, importado da Alemanha. Vejo que há carros nacionais trafegando pela via onde trafega o meu carro vermelho, importado da Alemanha. Ao chegar em Nova York, tomarei providências.

SANT'ANNA, A. O importado vermelho de Noé. In: MORICONI, I. (Org.). Os cem melhores contos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

As repetições e as frases curtas constituem procedimentos linguísticos importantes para a compreensão da temática do texto, pois:

- expressam a futilidade do discurso de poder e de distinção do narrador.
- disfarçam a falta de densidade das angústias existenciais narradas.
- ironizam a valorização da cultura norte-americana pelos brasileiros.
- explicitam a ganância financeira do capitalismo contemporâneo.
- criticam os estereótipos sociais das visões de mundo elitistas.



○ 78. (ENEM)

Leandro Aparecido Ferreira, o MC Fioti, compôs em 2017 a música *Bum bum tam tam*, que gerou, em nove meses, 480 milhões de visualizações no YouTube. É o funk brasileiro mais ouvido na história do site.

A partir de uma gravação da flauta que achou na internet, MC Fioti fez tudo sozinho: compôs, cantou e produziu em uma noite só. "Comecei a pesquisar alguns tipos de flauta, coisas antigas. E nisso eu achei a "flautinha do Sebastian Bach", conta. A descoberta foi por acaso: Fioti não sabia quem era o músico alemão e não sabe tocar o instrumento.

A "flauta envolvente" da música é um trecho da *Partita em Lá menor*, escrita pelo alemão Johann Sebastian Bach por volta de 1723.

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 6 jun. 2018 (adaptado).

A incorporação de um trecho da obra para flauta solo de Johann Sebastian Bach na música de MC Fioti demonstra a:

- influência permanente da cultura eurocêntrica nas produções musicais brasileiras.
- homenagem aos referenciais estéticos que deram origem às produções da música popular.
- necessidade de divulgar a música de concerto nos meios populares nas periferias das grandes cidades.
- utilização desintencional de uma música excessivamente distante da realidade cultural dos jovens brasileiros.
- inter-relação de elementos culturais vindos de realidades distintas na construção de uma nova proposta musical.



○ 79. (ENEM)

Seu delegado

Eu sou viúvo e tenho um filho homem
Arrumei uma viúva e fui me casar
A minha sogra era muito teimosa
Com o meu filho foi se matrimoniar
Desse matrimônio nasceu um garoto
Desde esse dia que eu ando é louco
Esse garoto é filho do meu filho
E o filho da minha sogra é irmão da minha mulher
Ele é meu neto e eu sou cunhado dele
A minha nora é minha sogra
Meu filho meu sogro é
Nessa confusão já nem sei quem sou
Acaba esse garoto sendo meu avô.

TRIO FORROZÃO. Agitando a rapaziada. Rio de Janeiro: Natasha Records, 2009.

Nessa letra da canção, a suposição do último verso sinaliza a intenção do autor de:

- ironizar as relações familiares modernas.
- reforçar o humor da situação representada.
- expressar perplexidade em relação ao parente.
- atribuir à criança a causa da dúvida existencial.
- questionar os lugares predeterminados da família.



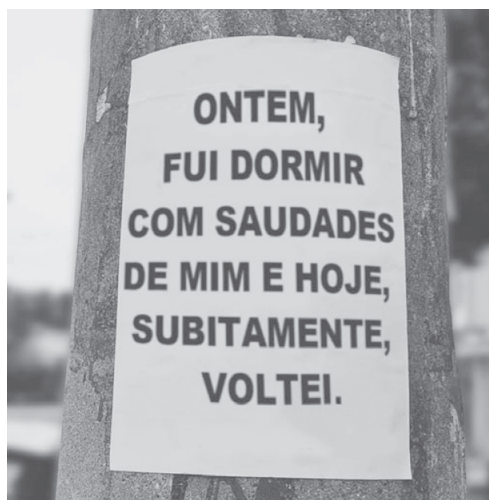
○ 80. (ENEM)

TEXTO I

Poesia em cartaz

O caminho habitual para o trabalho, aquele em que a gente já nem repara direito, pode ficar mais belo com um poema. O projeto #UmLambePorDia nasceu desta intenção: trazer mais cor e alegria para a cidade por meio de cartazes coloridos ao estilo lambe-lambe. Quem teve a ideia foi o escritor Leonardo Beltrão, em Belo Horizonte. "Em meio a olhares cada vez mais viciados, acabamos nos esquecendo da beleza envolvida em cada esquina e no próprio poder transformador da palavra". Assim, a cada dia um cartaz é colocado por aí, para nos lembrar de reparar na cidade, na vida que corre ao redor e também em nós mesmos.

TEXTO II



Disponível em: www.vidasimples.uol.com.br. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).



Considerando-se a função que os cartazes colados em postes normalmente exercem nas ruas das cidades grandes, esse texto evidencia a:

- a) disseminação da arte poética em um veículo não convencional.
- b) manutenção da expectativa das pessoas ao andarem pelas ruas.
- c) necessidade de exposição de poemas pequenos em diferentes suportes.
- d) característica corriqueira do suporte lambe-lambe, muito comum nas ruas.
- e) exposição da beleza escondida das esquinas da cidade de Belo Horizonte.



○ **81. (ENEM)** Atualmente os jovens estão imersos numa sociedade permeada pela tecnologia. Nesse contexto, os jogos digitais são artefatos muito empregados. Videogames ativos ou exergames foram introduzidos como forma de permitir que o corpo controlasse tais jogos. Como resultado, passaram a ser vistos como uma ferramenta auxiliar na adoção de um estilo de vida menos sedentário, com efeitos positivos sobre a saúde. Tem-se defendido que os exergames podem contribuir para a prática regular de atividade física moderada, bem como promover a interação entre jogadores, reduzindo o sentimento de isolamento social. Por outro lado, argumenta-se que os exergames não podem substituir a experiência real das práticas corporais, pois não motivam a longo prazo a prática permanente de atividades físicas.

FINCO, M. D.; REATEGUI, E. B.; ZARO, M. A. Laboratório de exergames: um espaço complementar para as aulas de educação física. *Movimento*, n. 3, 2015 (adaptado).

Pela sua interatividade, os exergames apresentam-se como possibilidade para estimular o(a):

- a) exercitação física, promovendo a saúde.
- b) vivência de exercícios físicos sistemáticos.
- c) envolvimento com atividades físicas ao longo da vida.
- d) jogo por meio de comandos fornecidos pelo videogame.
- e) disputa entre jogadores, contribuindo para o individualismo.



○ **82. (ENEM)** Quando quis agilizar o processo de seleção de novos alunos, a tradicional faculdade britânica de medicina St. George usou um software para definir quem deveria ser entrevistado. Ao reproduzir a forma como os funcionários faziam essa escolha, o programa eliminou, de cara, 60 de 2.000 candidatas. Só por causa do sexo ou da origem racial, numa dedução baseada em sobrenome e local de nascimento. Um estudo sobre o caso foi publicado em 1988, mas, 25 anos depois, outra pesquisa apontou que esse tipo de discriminação segue firme. O exemplo recente envolve o buscador do Google: ao digitar nomes comuns entre negros dos EUA, a chance de os anúncios automáticos oferecerem checagem de antecedentes criminais pode aumentar 25%. E pode piorar com a pergunta “detido?” logo após a palavra procurada.

Disponível em: <https://tab.uol.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2017 (adaptado).

O texto permite o desnudamento da sociedade ao relacionar as tecnologias de informação e comunicação com o(a):

- a) agilidade dos softwares.
- b) passar dos anos.
- c) linguagem.
- d) preconceito.
- e) educação.



○ **83. (ENEM)**

Hoje, críticas e frustrações dos clientes encontram um canal imediato nas redes, que funcionam como amplificadoras de rápido alcance. O monitoramento constante de tudo que é publicado sobre determinada marca é vital para reagir rapidamente em situações que podem ser prejudiciais à imagem corporativa.

Uma possibilidade é recorrer a agências que oferecem serviços especializados de estratégias de comunicação. Como esses serviços custam caro, é comum as pequenas e médias empresas apostarem em times internos para realizar o monitoramento.

Os especialistas alertam: não transforme as redes sociais em um serviço de atendimento ao consumidor. Sempre que possível, tire a conversa do espaço público. Se uma reclamação surgir em sua página, responda rapidamente, lamentando o ocorrido. Em seguida, peça e-mail e telefone de contato e resolva a questão diretamente com o consumidor. Esse tipo de atividade faz com que essa mesma pessoa volte à internet, mas agora para falar bem da empresa.

DATT, F.; RIBEIRO, M. Como manter uma boa reputação on-line? *Pequenas Empresas Grandes Negócios*, n. 280, maio 2012.

As novas tecnologias têm alterado a dinâmica entre empresas e consumidores. Essa nova ordem do mercado tem efeitos benéficos para a sociedade, como a:

- a) construção de relações sociais mais responsáveis.
- b) garantia das informações propiciadas pelas redes sociais.
- c) promoção de relações mercadológicas pautadas em interesses pessoais.
- d) propagação de relações interpessoais mediadas por interesses de mercado.
- e) divulgação de informações para atingir a reputação de empresas.

○ **84. (ENEM)**

Como a solidão pode comprometer a sua saúde

Segundo estudo, solitários têm risco 39% maior de apresentar sintomas mais intensos de um resfriado. Ter muitos amigos nas redes sociais não diminui o risco.

Você se sente sozinho? Uma nova pesquisa, publicada na revista *Health Psychology*, sugere que seu nível de solidão pode impactar diretamente na gravidade e na resposta do organismo a uma doença.

Para o atual estudo, os pesquisadores avaliaram níveis de solidão de 159 pessoas, entre 18 e 55 anos, além da quantidade de amigos que elas tinham nas redes sociais. Depois, os voluntários receberam, por via nasal, doses iguais de vírus de resfriado comum. Eles, então, ficaram isolados por cinco dias em um hotel para que os sintomas manifestados fossem avaliados pelos especialistas.

Todas as pessoas que participaram do estudo tiveram a mesma chance de ficar doentes, mas aquelas que relataram sentir-se mais solitárias manifestaram sintomas de resfriado, como dor de garganta, espirro e coriza, mais graves do que as que não se sentiam sozinhas. Segundo os resultados, os participantes solitários apresentaram uma probabilidade 39% maior para os sintomas mais agudos.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).



Nessa reportagem, a referência à pesquisa é acionada como uma estratégia argumentativa para:

- a) promover o estudo sobre as consequências da solidão.
- b) questionar o número de participantes envolvidos no estudo.
- c) demonstrar a opinião de cientistas sobre as reações ao vírus.
- d) comparar os impactos da solidão entre solitários e não solitários.
- e) embasar o debate sobre os riscos da solidão para a saúde humana.

85. (ENEM)

Ação coloca baleia encalhada às margens do Rio Sena

As pessoas em Paris acordaram com uma notícia inusitada: uma baleia encalhada foi encontrada nas margens do Sena, perto de Notre Dame. Para deixar tudo ainda mais surreal, cientistas forenses foram vistos estudando o fenômeno. O público ficou impressionado com as cenas e bombou as redes sociais de comentários e fotos. Horas mais tarde, a verdade por trás do espetáculo bizarro foi revelada. Embora parecesse muito com um animal real, tudo não passava de uma instalação artística criada pelo coletivo belga Capitão Boomer. A escultura gigante media 17 metros e simulava o cheiro de uma baleia morta, com todos os seus detalhes, incluindo o sangue. O projeto foi desenvolvido para aumentar a conscientização sobre o impacto provocado pelos seres humanos no meio ambiente, em todas as espécies, incluindo as baleias.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Acesso em: 16 ago. 2017 (adaptado).

Essa notícia tem sua relevância informativa estabelecida ao apresentar um fato inesperado relativo ao(à):

- a) excesso de comentários nas redes sociais sobre valores ecológicos e meio ambiente.
- b) presença de um animal marinho encalhado e em decomposição no centro de Paris.
- c) uso de uma instalação artística realista como instrumento de denúncia social.
- d) falta de ações de preservação do meio ambiente no continente europeu.
- e) opção por uma análise sensacionalista de um evento inusitado.

86. (ENEM)

TEXTO I

A dupla Claudinho e Buchecha foi formada por dois amigos de infância que eram vizinhos na comunidade do Salgueiro. Os cantores iniciaram sua carreira artística no início dos anos 1990, cantando em bailes funk de São Gonçalo (RJ), e fizeram muito sucesso com a música *Fico assim sem você*, em 2002. Buchecha trabalhou por um bom tempo como *office boy* e Claudinho atuou como peão de obras e vendedor ambulante.

Disponível em: <http://dicionariompb.com.br>. Acesso em: 19 abr. 2018 (adaptado).

TEXTO II

Ouvi a canção *Fico assim sem você* no rádio e me apaixonei instantaneamente. Quando isso acontece comigo, não posso fazer nada a não ser trazer a música pra perto de mim e então começar a cantar e tocar sem parar, até que ela se torne minha. A canção caiu como uma luva no repertório do disco e eu contava as horas pra poder gravá-la.

CALCANHOTTO, A. *Fico assim sem você*. Disponível em: www.adrianapartimpim.com.br. Acesso em: 19 abr. 2018 (adaptado).

A letra da canção *Fico assim sem você*, que circulava em meios populares, veiculada pela grande mídia, começou a integrar o repertório de crianças cujas famílias tinham o hábito de ouvir o que é conhecido como MPB. O novo público que passou a conhecer e apreciar essa música revela a:

- a) legitimação de certas músicas quando interpretadas por artistas de uma parcela específica da sociedade.
- b) admiração pelas composições musicais realizadas por sujeitos com pouca formação acadêmica.
- c) necessidade que músicos consagrados têm de buscar novos repertórios nas periferias.
- d) importância dos meios de comunicação de massa na formação da música brasileira.
- e) função que a indústria fonográfica ocupa em resgatar músicas da periferia.

87. (ENEM)

TEXTO I



Disponível em: <http://iasdcentralcampinas.org.br>. Acesso em: 5 jun. 2018.

TEXTO II



Disponível em: <http://listaloficial.com.br>. Acesso em: 5 jun. 2018.

TEXTO III

Analisemos o conceito de saúde formulado na histórica VIII Conferência Nacional de Saúde, no ano de 1986. Também conhecido como "conceito ampliado" de saúde, foi fruto de intensa mobilização, que se estabeleceu em diversos países da América Latina, como resposta à crise dos sistemas públicos de saúde. Recordemos seu enunciado: em sentido amplo, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

BATISTELLA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. Disponível em: www.epsjv.fiocruz.br. Acesso em: 5 jun. 2018 (adaptado).



Com base no conceito ampliado de saúde, podemos interpretar que as imagens dos textos I e II:

- a) convidam a pensar sobre o conceito ampliado de saúde.
- b) criticam a relação entre a prática de exercícios e a saúde.
- c) coadunam-se com o conceito de saúde construído na Conferência.
- d) exemplificam a conquista do estado de saúde em um sentido amplo.
- e) reproduzem a relação de causalidade entre fazer exercício e ter saúde.

○ 88. (ENEM)

Qual a influência da comunicação nos fluxos migratórios?

Denise Cogo, doutora em comunicação, discute a relação entre as tecnologias digitais e as migrações nomundo.

Para a especialista, grande parte das representações e das experiências que conhecemos dos imigrantes chega pela mídia. “A mídia é mediadora das relações”, explica.

O imigrante não é só um sujeito econômico, mas, explica Cogo, um sujeito sociocultural. Portanto, a comunicação integra a trajetória das migrações dentro de um processo histórico. “Desde o planejamento e o estudo das políticas migratórias para o país de destino até o contato com amigos e familiares, o encontro dos fluxos migratórios com as tecnologias digitais traz novas perspectivas para os sujeitos. Também se abre a possibilidade para que, com um celular na mão, os próprios imigrantes possam narrar suas histórias, construindo novos caminhos”, analisa.

Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br>. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

Ao trazer as novas perspectivas acionadas pelos sujeitos na escrita de suas histórias, o texto apresenta uma visão positiva sobre a presença da(s):

- a) economia na formação cultural dos sujeitos.
- b) manifestações isoladas nos processos de migração.
- c) narrações oficiais sobre os novos fluxos migratórios.
- d) abordagens midiáticas no tratamento das informações.
- e) tecnologias digitais nas formas de construção da realidade.

○ 89. (ENEM) O que dizer de um corpo flácido, gordo, considerado deselegante nos dias de hoje, mas que era, há não muito tempo, considerado sensual e inspirador por pintores clássicos? Como entender o conceito de saúde, associado antigamente a um corpo robusto, até mesmo gordo, e atualmente relacionado a um corpo magro? E o corpo já não tão jovem, sobre o qual é imposta uma série de “consertos” e “reparos” para parecer mais jovem? O que se pode dizer é que o corpo é uma síntese da cultura, pois, através do seu corpo, o ser humano vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, em um processo de incorporação.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. Movimento, n. 2, 1995 (adaptado).

As mudanças das representações sobre o corpo ao longo da história são provenientes da:

- a) busca permanente pela saúde relacionada a um padrão corporal específico.
- b) interferência da História da Arte sobre padrões corporais valorizados no cotidiano.
- c) pesquisa por novos procedimentos estéticos voltados aos cuidados com a aparência corporal.
- d) diferença aparente entre a capacidade motora de um corpo jovem e aquele marcado pelo tempo.
- e) influência da sociedade na construção dos sentidos e significados sociais relacionados ao corpo.

○ 90. (ENEM)

Estudo da FGV mostra que robôs infestam debate político no Brasil

Um estudo divulgado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas afirma que perfis automatizados em redes sociais já são usados em larga escala no debate político no Brasil — e não para aprimorá-lo. Segundo a pesquisa, esses robôs “se converteram em uma potencial ferramenta para a manipulação de debates nas redes sociais”.

“Nas discussões políticas, os robôs têm sido usados por todo o espectro partidário não apenas para conquistar seguidores, mas também para conduzir ataques a opositores e forjar discussões artificiais. Eles manipulam debates, criam e disseminam notícias falsas e influenciam a opinião pública, postando e replicando mensagens em larga escala. O estudo demonstra de forma clara o potencial danoso dessa prática para a disputa política e o debate público”, diz o diretor da FGV/DAPP, Marco Aurélio Ruediger.

O estudo conclui que os robôs buscam imitar o comportamento humano e se passar como tal, de maneira a interferir em debates espontâneos e criar discussões forçadas. “Com esse tipo de manipulação, os robôs criam a falsa sensação de amplo apoio político a certa proposta, ideia ou figura pública.”

Para a FGV, a participação ostensiva de robôs no ambiente virtual tornou urgente a necessidade de identificar suas atividades e, conseqüentemente, diferenciar quais debates são legítimos e quais são forjados

GROSSMANN, L. O. Disponível em: www.convergenciadigital.com.br. Acesso em: 25 ago. 2017.

O texto descreve características de uma tecnologia de informação e comunicação contemporânea, que têm se mostrado difíceis de identificar por causa da utilização de:

- a) linguagens comuns.
- b) diferentes redes sociais.
- c) informações falsas.
- d) opiniões políticas.
- e) figuras públicas.

○ 91. (ENEM)

Como o preconceito contribui para o aumento da epidemia de aids

Apesar dos avanços da medicina, a mentalidade em relação à aids e ao HIV continua na década de 1980.

O último *Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde*, de 2016, mostrou que os casos de HIV entre os jovens no Brasil aumentaram consideravelmente. O problema avançou: das 32 321 novas infecções por HIV registradas em 2015, 24,8% aconteceram com pessoas entre 15 e 24 anos.

Muitos apontam como causa o fato de que os adolescentes não conviveram com o auge da epidemia. Mas, para os especialistas, a questão é bem mais complexa. “Continuamos com essa visão hipócrita de que falar sobre sexo incita os mais jovens, e não damos ferramentas para que eles tomem decisões mais seguras em relação à sexualidade”, afirma Georgiana Braga-Orilard, diretora do UnAids, programa conjunto da ONU sobre HIV e aids, que tem como meta acabar com a epidemia até 2030.

A questão do preconceito não pode ser separada de uma síndrome estigmatizante como a aids. Leis como a que garante o tratamento gratuito pelo SUS e a que penaliza atos de discriminação ajudam, mas não são suficientes para mudar a mentalidade da sociedade, que ainda enxerga quem vive com o vírus como um “merecedor”. Além disso, o acesso à saúde e à orientação não é igual para todos.

Disponível em: <http://revistaplaneta.terra.com.br>. Acesso em: 2 set. 2017 (adaptado).



Essa reportagem discute o preconceito de não se falar abertamente sobre sexo com os mais jovens como um fator responsável pelo avanço do número de casos de aids no Brasil. A estratégia usada pelo repórter para tentar desconstruir esse preconceito é:

- a) trazer para seu texto trecho que apresenta a palavra de uma autoridade na área.
- b) alertar para o fato de que o portador do vírus da aids é tido como um “merecedor”.
- c) tornar públicas estatísticas que comprovam o aumento no número de casos da doença.
- d) informar que os jovens de hoje desconhecem os piores momentos da epidemia de aids.
- e) comprovar que as informações sobre a doença e seu tratamento são inacessíveis a todos.

○ 92. (ENEM)

O gramático tem uma percepção muito estrita da língua. Ele se vê como alguém que tem de defender a língua da mudança. O problema é que eles, ao se esforçarem para que as pessoas obedeam às normas da língua, não viram que estavam dando um cala-boca no cidadão brasileiro. Como se dissessem: “Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!”. E as pessoas, com medo de não conseguir, falam e escrevem pouco. O dono da língua é o falante, não o gramático. Aprendemos com o falante a língua como ele fala e procuramos saber por que está falando de um jeito ou de outro. Dizer que está falando errado não é uma atitude científica, de descoberta. A linguística substituiu o cala-boca ao prazer da descoberta científica. Foi só com a linguística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo.

Entrevista de Ataliba de Castilho. Pesquisa Fapesp, n. 259, set. 2017 (adaptado).

Com base na tese defendida na conclusão do texto, infere-se a intenção do autor de:

- a) atribuir à gramática os desvios do português brasileiro.
- b) defender uma atitude política diante das regras da língua.
- c) contrapor o trabalho do linguista às prescrições gramaticais.
- d) contribuir para reverter a escassez de produções textuais no país.
- e) isentar o falante da responsabilidade de seguir as normas linguísticas.

Anotações:

○ 93. (ENEM)

Cartas se caracterizam por serem textos efêmeros, inscritas no tempo de sua produção e escritas, muitas vezes, no papel que se tem à mão. Por isso, frequentemente, salvo um esforço dos próprios missivistas ou de terceiros, preocupados em preservá-las, facilmente desaparecem, seja pelo corriqueiro de seu conteúdo, seja pela sua fragilidade material. Nem sempre é assim, porém. Temos assistido, nestas duas décadas do século XXI, a um grande interesse pelas chamadas *écritures du moi* (“escritas do eu”, na expressão de GeorgesGusdorf): nunca se estudaram tantas memórias, diários, cartas, quanto nesses últimos tempos. Publicações de memórias, diários, cartas sempre houve. Estudados, no entanto, que os enxergassem como objetos de pesquisa, e não como auxiliares para a interpretação da obra de um escritor, como protagonistas, e não como coadjuvantes, eram raros.

Nesse sentido, engana-se quem abre o volume *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, lançado pela Global Editora, e julga deparar-se apenas com um livro de cartas. A organizadora preocupou-se em contextualizar cada uma das 68 cartas, em um trabalho cuidadoso e pormenorizado de reconstituição das condições de produção de cada uma delas, um verdadeiro resgate.

TIN, E. Diálogos intermitentes. Pesquisa Fapesp, n. 259, set. 2017.

De acordo com o texto, o gênero carta tem assumido a função social de material de cunho científico por:

- a) constituir-se em um registro pessoal do estilo de escrita de autores famosos.
- b) ser fonte de informações sobre os interlocutores envolvidos na interação.
- c) assumir uma materialidade resistente ao aspecto efêmero do tempo.
- d) ser um registro de um momento histórico social mais amplo.
- e) fazer parte do acervo literário do país.

○ 94. (ENEM)

Ao lado da indústria da moda, a do rock é o melhor exemplo da vendabilidade elástica do passado cultural, com suas reciclagens regulares de sua própria história na forma de retomadas e releituras, retornos e versões *cover*. Nos últimos anos, o desenvolvimento de novas tecnologias acelerou e, de certa maneira, democratizou esse processo a ponto de permitir que as evidências culturais do rock sejam fisicamente desmanteladas e remontadas como pastiche e colagem, com mais rapidez e falta de controle do que em qualquer época.

CONNOR, S. Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1989.

O rock personifica o paradoxo da cultura de massas (pós-moderna), visto que seu alcance e influência globais, combinados com a sua tolerância, criam uma:

- a) subversão ao sistema cultural vigente.
- b) identificação de pluralidade de estilos e mídias.
- c) homogeneização dos ritmos nas novas criações.
- d) desvinculação identitária nos hábitos de escuta.
- e) formação de confluência de métodos e pensamento.



95. (ENEM)

(repartição)

os rituais estoicos do escritório, entre móveis sólidos, ásperos e numerosos módulos, e os funcionários, do rh ou contas a pagar, "boa tarde", "volte sempre", as tantas cobranças que o patrão reclama, avulsas, ouvindo a secretária soluçar, aplicada às duplicatas, enquanto convulsionamos números (necessário é discá-los todos), o monstro é um patrão eletrônico, ao invés de mãos, há troncos telefônicos; inaptos, se matando aos poucos estes homens que trabalham: um por um, inúteis, caminham na calma ao recinto sanitário, tomam pílulas diante dos próprios rostos, projetados no mictório, findam em suicídios tão limpos quanto burocráticos; as máquinas permanecem a sós, sem ócionemlaços, sem tempo, apenas relógios, sem sonho ou delírio, apenas atrapalham, repetindo os mesmos sinos; apenas trabalham, trabalham: com ódio.

GUARNIERI, A. Suplemento Literário de Minas Gerais, n. 1 338, set.-out. 2011.

Ao correlacionar o trabalho humano ao da máquina, o autor vale-se da disposição visual do texto para:

- expressar a ideia de desumanização e de perda de identidade.
- ironizar a realização de tarefas repetitivas e acrícticas.
- realçar a falta de sentido de atividades burocráticas.
- signalizar a alienação do funcionário de repartição.
- destacar a inutilidade do trabalhador moderno.

96. (ENEM)



CIPRIANI, F. Disponível em: www.snmsolutions.com.br. Acesso em 15 de maio de 2013 (adaptado).

O consumidor do século XXI, chamado de novo consumidor social, tende a se comportar de modo diferente do consumidor tradicional. Pela associação das características apresentadas no diagrama, infere-se que esse novo consumidor sofre influência da:

- cultura do comércio eletrônico.
- busca constante pelo menor preço.
- divulgação de informações pelas empresas.
- necessidade recorrente de consumo.
- postura comum aos consumidores tradicionais.

97. (ENEM) O folclore é o retrato da cultura de um povo. A dança popular e folclórica é uma forma de representar a cultura regional, pois retrata seus valores, crenças, trabalho e significados. Dançar a cultura de outras regiões é conhecê-la, é de alguma forma se apropriar dela, é enriquecer a própria cultura.

BREGOLATO, R. A. Cultura Corporal da Dança. São Paulo: Ícone, 2007.

As manifestações folclóricas perpetuam uma tradição cultural, são obra de um povo que as cria, recria e as perpetua. Sob essa abordagem deixa-se de identificar como dança folclórica brasileira:

- o Bumba-meu-boi, que é uma dança teatral em que personagens contam uma história envolvendo crítica social, morte e ressurreição.
- a Quadrilha das festas juninas, que associam festejos religiosos a celebrações de origens pagãs envolvendo as colheitas e a fogueira.
- o Congado, que é uma representação de um reinado africano em que se homenageiam santos por meio de música, cantos e dança.
- o Balé, em que se utilizam músicos, bailarinos e vários outros profissionais para contar uma história em forma de espetáculo.
- o Carnaval, em que o samba derivado do batuque africano é utilizado com o objetivo de contar ou recriar uma história nos desfiles.

98. (ENEM) Não é raro ouvirmos falar que o Brasil é o país das danças ou um país dançante. Essa nossa "fama" é bem pertinente, se levarmos em consideração a diversidade de manifestações rítmicas e expressivas existentes de Norte a Sul. Sem contar a imensa repercussão de nível internacional de algumas delas.

Danças trazidas pelos africanos escravizados, danças relativas aos mais diversos rituais, danças trazidas pelos imigrantes etc. Algumas preservam suas características e pouco se transformaram com o passar do tempo, como o forró, o maxixe, o xote, o frevo. Outras foram criadas e são recriadas a cada instante: inúmeras influências são incorporadas, e as danças transformam-se, multiplicam-se. Nos centros urbanos, existem danças como o funk, o hip hop, as danças de rua e de salão.

É preciso deixar claro que não há jeito certo ou errado de dançar. Todos podem dançar, independentemente de biótipo, etnia ou habilidade, respeitando-se as diferenciações de ritmos e estilos individuais.

GASPARI, T. C. Dança e educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008 (adaptado).

Com base no texto, verifica-se que a dança, presente em todas as épocas, espaços geográficos e culturais, é uma:

- prática corporal que conserva inalteradas suas formas, independente das influências culturais da sociedade.
- forma de expressão corporal baseada em gestos padronizados e realizada por quem tem habilidade para dançar.
- manifestação rítmica e expressiva voltada para as apresentações artísticas, sem que haja preocupação com a linguagem corporal.
- prática que traduz os costumes de determinado povo ou região e está restrita a este.
- representação das manifestações, expressões, comunicações e características culturais de um povo.



○ 99. (ENEM)

Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar

A educação para a saúde deverá ser alcançada mediante interação de ações que possam envolver o próprio homem mediante suas atitudes frente às exigências ambientais representadas pelos hábitos alimentares, estado de estresse, opções de lazer, atividade física, agressões climáticas etc. Dessa forma, parece evidente que o estado de ser saudável não é algo estático. Pelo contrário, torna-se necessário adquiri-lo e construí-lo de forma individualizada constantemente ao longo de toda a vida, apontando para o fato de que saúde é educável e, portanto, deve ser tratada não apenas com base em referenciais de natureza biológica e higienista, mas sobretudo em um contexto didático-pedagógico.

GUEDES, D. P. Motriz, n. 1, 1999.

A educação para a saúde pressupõe a adoção de comportamentos com base na interação de fatores relacionados à:

- a) adesão a programas de lazer.
- b) opção por dietas balanceadas.
- c) constituição de hábitos saudáveis.
- d) evasão de ambientes estressores.
- e) realização de atividades físicas regulares.

○ 100. (ENEM) Meu caro Sherlock Holmes, algo horrível aconteceu às três da manhã no Jardim Lauriston. Nosso homem que estava na vigia viu uma luz às duas da manhã saindo de uma casa vazia. Quando se aproximou, encontrou a porta aberta e, na sala da frente, o corpo de um cavalheiro bem vestido. Os cartões que estavam em seu bolso tinham o nome de Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, EUA. Não houve assalto e nosso homem não conseguiu encontrar algo que indicasse como ele morreu. Não havia marcas de sangue, nem feridas nele. Não sabemos como ele entrou na casa vazia. Na verdade, todo assunto é um quebra-cabeça sem fim. Se puder vir até a casa seria ótimo, se não, eu lhe conto os detalhes e gostaria muito de saber sua opinião. Atenciosamente, Tobias Gregson.

DOYLE, A. C. Um estudo em vermelho. Cotia: Pé de Letra, 2017.

Considerando o objetivo da carta de Tobias Gregson, a sequência de enunciados negativos presente nesse texto tem a função de:

- a) restringir a investigação, deixando-a sob a responsabilidade do autor da carta.
- b) refutar possíveis causas da morte do cavalheiro, auxiliando na investigação.
- c) identificar o local da cena do crime, localizando-o no Jardim Lauriston.
- d) introduzir o destinatário da carta, caracterizando sua personalidade.
- e) apresentar o vigia, incluindo-o entre os suspeitos do assassinato.

○ 101. (ENEM) A mídia divulga à exaustão um padrão corporal determinado, padrão único, branco, jovem, musculoso e, especialmente no caso do corpo feminino, magro. Pesquisas apontam para o fato de que esse padrão de beleza divulgado se aplica apenas de 5 a 8% da população mundial. Especialmente no Brasil, onde a diversidade é uma característica marcante, a mídia no geral acaba por mostrar seu desprezo pela riqueza de tipos, de raças, pela própria mestiçagem, insistindo num padrão único de beleza tanto para mulheres quanto para homens.

MALDONADO, G. A educação física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes, n. 1, 2006 (adaptado).

Em relação aos aspectos do padrão corporal dos brasileiros, compreende-se que esta população:

- a) é caracterizada pela sua rica diversidade.
- b) possui, em sua maioria, mulheres obesas.
- c) está devidamente representada na grande mídia.
- d) tem padrão de beleza idêntico aos demais países.
- e) é composta, na maioria, por pessoas brancas e magras.

○ 102. (ENEM) O debate sobre o conceito de saúde refere-se à importância de minimizar a simplificação que abrange o entendimento do senso comum sobre esse fenômeno. É possível entendê-lo de modo reducionista, tão somente, à luz dos pressupostos biológicos e das associações estatísticas presentes nos estudos epidemiológicos. Os problemas que daí decorrem são: a) o foco centra-se na doença; b) a culpabilização do indivíduo frente à sua própria doença; c) a crença na possibilidade de resolução do problema encerrando-se uma suposta causa, a qual recai no processo de medicalização; d) a naturalização da doença; e) o ceticismo em relação à contribuição de diferentes saberes para auxiliar na compreensão dos fenômenos relacionados à saúde.

BAGRICHEVSKY, M. et al. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). A saúde em debate na educação física. Blumenau: Edibes, 2003

O texto apresenta uma reflexão crítica sobre o conceito de saúde, que deve ser entendida mediante:

- a) dados estatísticos presentes em estudos epidemiológicos.
- b) pressupostos relacionados à ausência de doenças nos indivíduos.
- c) responsabilização dos indivíduos pela adoção de hábitos saudáveis.
- d) intervenção da medicina nos diferentes processos que acometem a saúde.
- e) compreensão dos fenômenos sociais, políticos e econômicos relacionados à saúde.

Anotações:



○ **103. (ENEM)** Por volta do ano de 700 a.C., ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto. Com isso, tornou-se possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito. Esse momento histórico foi preparado ao longo de aproximadamente três mil anos de evolução e da comunicação não alfabética até a sociedade grega alcançar o que Havelock chama de um novo estado de espírito, “o espírito alfabético”, que originou uma transformação qualitativa da comunicação humana. As tecnologias da informação com base na eletrônica (inclusive a imprensa eletrônica) apresentam uma capacidade de armazenamento. Hoje, os textos eletrônicos permitem flexibilidade e *feedback*, interação e reconfiguração de textos muito maiores e, dessa forma, também alteram o próprio processo de comunicação.

CASTELLS, M. A. Era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (adaptado).

Com o advento do alfabeto, ocorreram, ao longo da história, várias implicações socioculturais. Com a Internet, as transformações na comunicação humana resultam:

- a) da descoberta da mídia impressa, por meio da produção de livros, revistas, jornais.
- b) do esvaziamento da cultura alfabetizada, que, na era da informação, está centrada no mundo dos sons e das imagens.
- c) da quebra das fronteiras do tempo e do espaço na integração das modalidades escrita, oral e audiovisual.
- d) da audiência da informação difundida por meio da TV e do rádio, cuja dinâmica favorece o crescimento da eletrônica.
- e) da penetrabilidade da informação visual, predominante na mídia impressa, meio de comunicação de massa.

○ **104. (ENEM)**

Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio

Há um medo por parte dos pais e de alguns professores de as crianças desaprenderem quando navegam, medo de elas viciarem, de obterem informação não confiável, de elas se isolarem do mundo real, como se o computador fosse um agente do mal, um vilão. Esse medo é reforçado pela mídia, que costuma apresentar o computador como um agente negativo na aprendizagem e na socialização dos usuários. Nós sabemos que ninguém corre o risco de desaprender quando navega, seja em ambientes digitais ou em materiais impressos, mas é preciso ver o que se está aprendendo e algumas vezes interferir nesse processo a fim de otimizar ou orientar a aprendizagem, mostrando aos usuários outros temas, outros caminhos, outras possibilidades diferentes daquelas que eles encontraram sozinhos ou daquelas que eles costumam usar. É preciso, algumas vezes, negociar o uso para que ele não seja exclusivo, uma vez que há outros meios de comunicação, outros meios de informação e outras alternativas de lazer. É uma questão de equilibrar e não de culpar.

COSCARELLI, C. V. Linguagem em (Dis)curso, n. 3, set.-dez. 2009.

A autora incentiva o uso da internet pelos estudantes, ponderando sobre a necessidade de orientação a esse uso, pois essa tecnologia:

- a) está repleta de informações confiáveis que constituem fonte única para a aprendizagem dos alunos.
- b) exige dos pais e professores que proíbam seu uso abusivo para evitar que se torne um vício.
- c) tende a se tornar um agente negativo na aprendizagem e na socialização de crianças e jovens.
- d) possibilita maior ampliação do conhecimento de mundo quando a aprendizagem é direcionada.
- e) leva ao isolamento do mundo real e ao uso exclusivo do computador se a navegação for desmedida.

○ **105. (ENEM)** É viajando pelo mundo que os dois profissionais do Living Tongues Institute for Endangered Languages reúnem subsídios para formar os chamados “dicionários falantes” de idiomas em fase de extinção, com poucos falantes no planeta. “A maioria das línguas do mundo é oral, o que significa que não estão escritas ou seus falantes não costumam escrevê-las. E, apesar de os projetos tradicionais dos linguistas serem os de escrever gramáticas e dicionários, gostamos de pensar em línguas vivas, e saber que as pessoas as estão falando. Então, se você vai a um dicionário, deve ser capaz de ouvi-lo. Foi com isso em mente que criamos os dicionários para oito de algumas das línguas mais ameaçadas do mundo”, disse o linguista K. David Harrison. Para os ativistas de cada comunidade com idioma ameaçado, esse dicionário é uma ferramenta que pode ser usada para disseminar o conhecimento da língua entre os mais jovens. Para todas as outras pessoas interessadas, é a oportunidade de encontrar sons e formas de discursos humanos desconhecidos para grande parte da população do globo. É a diversidade linguística escondida e que agora pode ser revelada.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br>. Acesso em: 28 jul. 2012 (adaptado).

Considerando o projeto dos “dicionários falantes”, compreende-se que o trabalho dos linguistas apresentado no texto objetiva:

- a) destacar a importância desse tipo de iniciativa para a reconstrução de línguas extintas.
- b) ratificar a tradição oral como instrumento de preservação das línguas no mundo.
- c) demonstrar a existência de registros linguísticos sob risco de desaparecer.
- d) preservar a memória cultural de um povo por meio de registros escritos.
- e) estimular projetos voltados para a escrita de gramáticas e dicionários.

○ **106. (ENEM)** O jornal vai morrer. É a ameaça mais constante dos especialistas. E essa nem é uma profecia nova. Há anos a frase é repetida. Experiências são feitas para atrair leitores na era da comunicação nervosa, rápida, multicolorida, performática. Mas o que é o jornal? Onde mora seu encanto?

O que é sedutor no jornal é ser ele mesmo e nenhum outro formato de comunicação de ideias, histórias, imagens e notícias. No tempo das muitas mídias, o que precisa ser entendido é que cada um tem um espaço, um jeito, uma personalidade.

Quando surge uma nova mídia, há sempre os que a apresentam como tendência irreversível, modeladora do futuro inevitável e fatal. Depois se descobre que nada é substituído e o novo se agrega ao mesmo conjunto de seres através dos quais nos comunicamos.

Os jornais vão acabar, garantem os especialistas. E, por isso, dizem que é preciso fazer jornal parecer com as outras formas de comunicação mais rápida, eletrônica, digital. Assim, eles morrerão mais rapidamente. Jornal tem seu jeito. É imagem, palavra, informação, ideia, opinião, humor, debate, de uma forma só dele.

Nesse tempo tão mutante em que se tuíta para milhares, que retuítam para outros milhares o que foi postado nos blogs, o que está nos sites dos veículos on-line, que chance tem um jornal de papel que traz uma notícia estática, uma foto parada, um infográfico fixo?

Terá mais chance se continuar sendo jornal.

LEITÃO, M. Jornal de papel. O Tempo, n. 5 684, 8 jul. 2012 (adaptado).



Muito se fala sobre o impacto causado pelas tecnologias da comunicação e da informação nas diferentes mídias. A partir da análise do texto, conclui-se que essas tecnologias:

- a) mantêm inalterados os modos de produção e veiculação do conhecimento.
- b) provocam rupturas entre novas e velhas formas de comunicar o conhecimento.
- c) modernizam práticas de divulgação do conhecimento hoje consideradas obsoletas.
- d) substituem os modos de produção de conhecimentos oriundos da oralidade e da escrita.
- e) contribuem para a coexistência de diversos modos de produção e veiculação de conhecimento.

○ **107. (ENEM)** A partir da metade do século XX, ocorreu um conjunto de transformações econômicas e sociais cuja dimensão é difícil de ser mensurada: a chamada explosão da informação. Embora essa expressão tenha surgido no contexto da informação científica e tecnológica, seu significado, hoje, em um contexto mais geral, atinge proporções gigantescas.

Por estabelecerem novas formas de pensamento e mesmo de lógica, a informática e a Internet vêm gerando impactos sociais e culturais importantes. A disseminação do microcomputador e a expansão da Internet vêm acelerando o processo de globalização tanto no sentido do mercado quanto no sentido das trocas simbólicas possíveis entre sociedades e culturas diferentes, o que tem provocado e acelerado o fenômeno de hibridização amplamente caracterizado como próprio da pós-modernidade.

FERNANDES, M. F.; PARÁ, T. A contribuição das novas tecnologias da informação na geração de conhecimento. Disponível em: <http://www.coep.ufrr.br>. Acesso em: 11 ago. 2009 (adaptado).

Considerando-se o novo contexto social e econômico aludido no texto apresentado, as novas tecnologias de informação e comunicação:

- a) desempenham importante papel, porque sem elas não seria possível registrar os acontecimentos históricos.
- b) facilitam os processos educacionais para ensino de tecnologia, mas não exercem influência nas ciências humanas.
- c) limitam-se a dar suporte aos meios de comunicação, facilitando sobretudo os trabalhos jornalísticos.
- d) contribuem para o desenvolvimento social, pois permitem o registro e a disseminação do conhecimento de forma mais democrática e interativa.
- e) estão em estágio experimental, particularmente na educação, área em que ainda não demonstraram potencial produtivo.

○ **108. (ENEM)**

10 anos de “hashtag”: a ferramenta que mobiliza a internet

A “hashtag”, ícone das redes sociais, celebrou em 2017 seus primeiros 10 anos de uso no acompanhamento dos grandes eventos mundiais com um efeito de mobilização e expressão de emoção e humor.

A palavra-chave precedida pelo símbolo do jogo da velha foi popularizada pelo Twitter antes de ser incorporada por outras redes sociais. A invenção foi de Chris Messina, designer americano especialista em redes sociais. Em 23 de agosto de 2007, o usuário intensivo do Twitter propôs em um tuíte usar o jogo da velha para reagrupar mensagens sobre um mesmo assunto. Ele lançou, então, a primeira “hashtag” #barcamp sobre oficinas participativas dedicadas à inovação na web.

O compartilhamento das palavras-chaves — que já são citadas 125 milhões de vezes por dia no mundo — já serviu de trampolim para mobilizações em massa.

Alguns slogans que tiveram grande efeito mobilizador foram o #BlackLivesMatter (Vidas negras importam), após a morte de vários cidadãos americanos negros pela polícia, e #OccupyWallStreet (Ocupem Wall Street), referente ao movimento que acam-pou no coração de Manhattan para denunciar os abusos do capitalismo.

AFP. Disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2017 (adaptado).

Ao descrever a história e os exemplos de utilização da hashtag, o texto evidencia que:

- a) a incorporação desse recurso expressivo pela sociedade impossibilita a manutenção de seu uso original.
- b) a incorporação desse recurso expressivo pela sociedade o flexibilizou e o potencializou.
- c) a incorporação pela sociedade caracterizou esse recurso expressivo de forma definitiva.
- d) esse recurso expressivo se tornou o principal meio de mobilização social pela internet.
- e) esse recurso expressivo precisou de uma década para ganhar notabilidade social.

○ **109. (ENEM)**

TEXTO I

A introdução de transgênicos na natureza expõe nossa biodiversidade a sérios riscos, como a perda ou alteração do patrimônio genético de nossas plantas e sementes e o aumento dramático no uso de agrotóxicos. Além disso, ela torna a agricultura e os agricultores reféns de poucas empresas que detêm a tecnologia e põe em risco a saúde de agricultores e consumidores. O Greenpeace defende um modelo de agricultura baseado na biodiversidade agrícola e que não se utilize de produtos tóxicos, por entender que só assim teremos agricultura para sempre.

Disponível em: www.greenpeace.org. Acesso em: 20 maio 2013.

TEXTO II

Os alimentos geneticamente modificados disponíveis no mercado internacional não representam um risco à saúde maior do que o apresentado por alimentos obtidos através de técnicas tradicionais de cruzamento agrícola.

Essa é a posição de entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas para Alimentação e para Agricultura (FAO), o Comissariado Europeu para Pesquisa, Inovação e Ciência e várias das principais academias de ciência do mundo.

A OMS diz que até hoje não foi encontrado nenhum caso de efeito sobre a saúde, resultante do consumo de alimento geneticamente modificado (GM) “entre a população dos países em que eles foram aprovados”.

Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 20 maio 2013.

Os textos tratam de uma temática bastante discutida na atualidade. No que se refere às posições defendidas, os dois textos:

- a) revelam preocupações quanto ao cultivo de alimentos geneticamente modificados.
- b) destacam os riscos à saúde causados por alimentos geneticamente modificados.
- c) divergem sobre a segurança do consumo de alimentos geneticamente modificados.
- d) alertam para a necessidade de mais estudos sobre sementes modificadas geneticamente.
- e) discordam quanto à validade de pesquisas sobre a produção de alimentos geneticamente modificados.



○ 110. (ENEM)

O craque crespo

Desde que Neymar despontou no futebol, uma de suas marcas registradas é o cabelo. Sempre com um visual novo a cada campeonato. Mas nesses anos de carreira ainda faltava o ídolo fazer uma aparição nos gramados com seu cabelo crespo natural, que ele assumiu recentemente para a alegria e a autoestima dos meninos cacheados que sonham ser craques um dia.

É difícil assumir os cachos e abandonar a ditadura do alisamento em um mundo onde o cabelo liso é tido como o padrão de beleza ideal. Quando conseguimos fazer a transição capilar, esse gesto nos aproxima da nossa real identidade e nos empodera. Falo por experiência própria. Passei 30 anos usando cabelos lisos e já nem me lembrava de como eram meus fios naturais. Recuperar a textura crespa, para além do cuidado estético, foi um ato político, de aceitação, de autorreconhecimento e de redescoberta da minha negritude.

O discurso dos fios naturais tem ganhado uma representação cada vez mais positiva, valorizando a volta dos cachos sem cair no estereótipo do "exótico", muito comum no Brasil. O cabelo crespo, definitivamente, não é uma moda passageira. Torço que para Neymar também não seja.

Alexandra Loras é ex-consulesa da França em São Paulo, empresária, consultora de empresas e autora de livros.

LORAS, A. O craque crespo. Disponível em: <http://diplomatie.org.br>. Acesso em: 1 set. 2017.

Considerando os procedimentos argumentativos presentes nesse texto, infere-se que o objetivo da autora é:

- a) valorizar a atitude do jogador ao aderir à moda dos cabelos crespos.
- b) problematizar percepções identitárias sobre padrões de beleza.
- c) apresentar as novas tendências da moda para os cabelos.
- d) relatar sua experiência de redescoberta de suas origens.
- e) evidenciar a influência dos ídolos sobre as crianças.

○ 111. (ENEM) Você vende uma casa, depois de ter morado nela durante anos; você a conhece necessariamente melhor do que qualquer comprador possível. Mas a justiça é, então, informar o eventual comprador acerca de qualquer defeito, aparente ou não, que possa existir nela, e mesmo, embora a lei não obrigue a tanto, acerca de algum problema com a vizinhança. E, sem dúvida, nem todos nós fazemos isso, nem sempre, nem completamente.

Mas quem não vê que seria justo fazê-lo e que somos injustos não o fazendo? A lei pode ordenar essa informação ou ignorar o problema, conforme os casos; mas a justiça sempre manda fazê-lo.

Dir-se-á que seria difícil, com tais exigências, ou pouco vantajoso, vender casas... Pode ser. Mas onde se viu a justiça ser fácil ou vantajosa? Só o é para quem a recebe ou dela se beneficia, e melhor para ele; mas só é uma virtude em quem a pratica ou a faz.

Devemos então renunciar nosso próprio interesse? Claro que não. Mas devemos submetê-lo à justiça, e não o contrário. Senão? Senão, contente-se com ser rico e não tente ainda por cima ser justo.

COMTE-SPONVILLE, A. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

No processo de convencimento do leitor, o autor desse texto defende a ideia de que:

- a) o interesse do outro deve se sobrepor ao interesse pessoal.
- b) a atividade comercial lucrativa é incompatível com a justiça.
- c) a criação de leis se pauta por princípios de justiça.
- d) o impulso para a justiça é inerente ao homem.
- e) a prática da justiça pressupõe o bem comum.

○ 112. (ENEM)

TEXTO I

O Estatuto do Idoso completou 15 anos em 2018 e só no primeiro semestre o Disque 100 recebeu 16 mil denúncias de violação de direitos dos idosos em todo o país.

Para especialistas da área, o aumento no número de denúncias pode ser consequência do encorajamento dos mais velhos na busca pelos direitos. Mas também pode refletir uma onda crescente de violência na sociedade e dentro das próprias famílias.

Políticas públicas mais eficazes no atendimento ao idoso são o mínimo que um país deve estabelecer. O Brasil está ficando para trás e é preciso levar em consideração que o país envelhece (tendência mundial) sem estar preparado para arcar com os desafios, como criar uma rede de proteção, preparar os serviços de saúde pública e dar suporte às famílias que precisam cuidar de seus idosos dependentes.

Disponível em: www.folhadelondrina.com.br. Acesso em: 9 dez. 2018 (adaptado).

TEXTO II

DIREITO DOS IDOSOS

Estatuto do Idoso e a Constituição Federal asseguram:

- Atendimento preferencial no SUS
- Prioridade na tramitação de processos judiciais
- Vagas preferenciais em estacionamentos
- Meia-entrada em eventos culturais, esportivos e de lazer

Aos idosos de baixa renda também estão garantidos:

- Viagem gratuita em ônibus interestadual
- Assistência de um salário mínimo
- Acesso a mais de 20 programas sociais

Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 9 dez. 2018.

Na comparação entre os textos, conclui-se que as regras do Estatuto do Idoso:

- a) apresentam vantagens em relação às de outros países.
- b) são ignoradas pelas famílias responsáveis por idosos.
- c) alteram a qualidade de vida das pessoas com mais de 60 anos.
- d) precisam ser revistas em razão do envelhecimento da população.
- e) contrastam com as condições de vida proporcionadas pelo país.

○ 113. (ENEM) De vez em quando, nas redes sociais, a gente se pega compartilhando notícias falsas, fotos modificadas, boatos de todo tipo. O problema é quando a matéria é falsa. E, pior ainda, se é uma matéria falsa que não foi criada por motivos humorísticos ou literários (sim, considero o "jornalismo ficcional" uma interessante forma de literatura), mas para prejudicar a imagem de algum partido ou de algum político, não importa de que posição ou tendência. Inventam-se uma arbitrariedade ou falcatrua, joga-se nas redes sociais e aguarda-se o resultado. Nesse caso, a multiplicação da notícia falsa (que está sempre sujeita a ser denunciada juridicamente como injúria, calúnia ou difamação) se dá em várias direções.

Antes de curtir, comentar ou compartilhar, procuro checar as fontes, ir aos links originais.

TAVARES, B. Disponível em: www.cartafundamental.com.br. Acesso em: 20 jan. 2015 (adaptado).

O texto expõe a preocupação de uma leitora de notícias online de que o compartilhamento de conteúdos falsos pode ter como consequência a:

- a) displicência natural das pessoas que navegam pela internet.
- b) desconstrução das relações entre jornalismo e literatura.
- c) impossibilidade de identificação da origem dos textos.
- d) disseminação de ações criminosas na internet.
- e) obtenção de maior popularidade nas redes.



○ **114. (ENEM)** Não há dúvidas de que, nos últimos tempos, em função da velocidade, do volume e da variedade da geração de informações, questões referentes à disseminação, ao armazenamento e ao acesso de dados têm se tornado complexas, de modo a desafiar homens e máquinas. Por meio de sistemas financeiros, de transporte, de segurança e de comunicação interpessoal - representados pelos mais variados dispositivos, de cartões de crédito a trens, aviões, passaportes e telefones celulares -, circulam fluxos informacionais que carregam o DNA da vida cotidiana do indivíduo contemporâneo. Para além do referido cenário informacional contemporâneo, percebe-se, nos contextos governamentais, um esforço - gerado por leis e decretos, ou mesmo por pressões democráticas - em disseminar informações de interesse público. No Brasil, está em vigor, desde maio de 2012, a Lei de Acesso à Informação n. 12.527. Em linhas gerais, a legislação regulamenta o direito à informação, já garantido na Constituição Federal, obrigando órgãos públicos a divulgarem seus dados.

SILVA JR., M. G. Vigiar, punir e viver. Minas faz Ciência, n. 58.2014 (adaptado).

As Tecnologias de Informação e Comunicação propiciam à sociedade contemporânea o acesso à grande quantidade de dados públicos e privados. De acordo com o texto, essa nova realidade promove:

- a) questionamento sobre a privacidade.
- b) mecanismos de vigilância de pessoas.
- c) disseminação de informações individuais.
- d) interferência da legislação no uso dos dados.
- e) transparência na relação entre governo e cidadãos.

○ **115. (ENEM)**

Muitos trabalhos recentes de arte digital não consistem mais em objetos puros e simples, que se devem admirar ou analisar, mas em campos de possibilidades, programas geradores de experiências estéticas potenciais. Se já era difícil decidir sobre a paternidade de um produto da cultura técnica, visto que ela oscilava entre a máquina e os vários sujeitos que a manipulam, a tarefa agora torna-se ainda mais complexa.

Se quisermos complicar ainda mais o esquema da criação nos objetos artísticos produzidos com meios tecnológicos, poderíamos incluir também aquele que está na ponta final do processo e que foi conhecido pelos nomes (hoje inteiramente inapropriados) de espectadores, ouvintes ou leitores: numa palavra, os receptores de produtos culturais.

MACHADO, A. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1993 (adaptado).

O autor demonstra a crise que os meios digitais trazem para questões tradicionais da criação artística, particularmente, para a autoria. Essa crise acontece porque, atualmente, além de clicar e navegar, o público:

- a) analisa o objeto artístico.
- b) anula a proposta do autor.
- c) assume a criação da obra.
- d) interfere no trabalho de arte.
- e) impede a atribuição de autoria.

○ **116. (ENEM)** As plataformas digitais têm ganhado mais espaço entre os internautas como ferramenta para exercer a cidadania. Através delas, é possível mapear problemas da cidade e propor soluções, utilizando-se das redes sociais para aproximar os moradores e articular projetos. O espaço colaborativo PortoAlegre.ee, um dos mais ativos no país, tem 150 participantes e ajudou a estudante de jornalismo Renata Gomes, 25, a chamar 80 pessoas para retirar 1 tonelada de lixo da orla do rio Guaíba. “Foi a partir da sugestão de um integrante da plataforma que criei a causa. Foi fundamental porque sempre senti vontade de fazer algo pela cidade, mas não sabia como”, diz Renata. O projeto colaborativo baseia-se no conceito de wikicidade (inspirado na enciclopédia virtual *Wikipédia*), em que um território real recebe anotações virtuais das pessoas por meio de *wikispots*, que se referem a uma praça, uma rua ou um bairro. “A ideia de wikicidade é fomentar a cocriação, elaboração e experimentação de sugestões que possam ser aplicadas em uma cidade”, explica Daniel Bittencourt, um dos desenvolvedores do projeto PortoAlegre.ee.

DIDONÉ, D. Cidadania 2.0. Vida Simples, nº 119, jun. 2012.

O texto, ao falar da utilização das redes sociais e informar sobre a quantidade de projetos colaborativos espalhados pelo país, expõe a importância das plataformas digitais no exercício da cidadania. O espaço colaborativo PortoAlegre.ee tem como principal objetivo:

- a) contratar pessoas para realizarem a limpeza de ruas e de margens dos rios.
- b) sugerir a criação de grupos virtuais de apoio à cidade e sua divulgação na *Wikipédia*.
- c) reunir pessoas dispostas a utilizar sugestões virtuais para a manutenção e a preservação da cidade.
- d) divulgar as redes sociais para que mais pessoas possam interagir e resolver os problemas da cidade.
- e) aproximar as pessoas de cidades distantes para mapear problemas e criar projetos em comum.

○ **117. (ENEM)**

Entrevista – Almir Suruí

Não temos o direito de ficar isolados

Soa contraditório, mas a mesma modernidade que quase dizimou os suruí nos tempos do primeiro contato promete salvar a cultura e preservar o território desse povo. Em 2007, o líder Almir Suruí, de 37 anos, fechou uma parceria inédita com o Google e levou a tecnologia às tribos. Os índios passaram a valorizar a história dos anciãos. E a resguardar, em vídeos e fotos *on-line*, as tradições da aldeia. Ainda se valeram de *smartphones* e GPS para delimitar suas terras e identificar os desmatamentos ilegais. Em 2011, Almir Suruí foi eleito pela revista americana *Fast Company* um dos 100 líderes mais criativos do mundo dos negócios.

ÉPOCA – Quando o senhor percebeu que a internet poderia ser uma aliada do povo suruí?

Almir Suruí – Meu povo acredita no diálogo. Para nós, é uma ferramenta muito importante. Sem a tecnologia, não teríamos como dialogar suficientemente para propor e discutir os direitos e territórios de nosso povo. Nós, povos indígenas, não temos mais o direito de ficar isolados. Ao usar a tecnologia, valorizamos a floresta e criamos um novo modelo de desenvolvimento. Se a gente usasse a tecnologia de qualquer jeito, seria um risco. Mas hoje temos a pretensão de usar a ferramenta para valorizar nosso povo, buscar nossa autonomia e ajudar na implementação das políticas públicas a favor do meio ambiente e das pessoas.

RIBEIRO, A. Época, 20 fev. 2012 (fragmento).



As tecnologias da comunicação e informação podem ser consideradas como artefatos culturais. No fragmento de entrevista, Almir Suruí argumenta com base no pressuposto de que:

- a) as tecnologias da informação presentes nas aldeias revelam-se contraditórias com a memória coletiva baseada na oralidade.
- b) as tradições culturais e os modos de transmiti-las não são afetados pelas tecnologias da informação.
- c) as tecnologias da informação inviabilizam o desenvolvimento sustentável nas aldeias.
- d) as tecnologias da informação trazem novas possibilidades para a preservação de uma cultura.
- e) as tecnologias da informação permitem que os povos indígenas se mantenham isolados em suas comunidades.

○ 118. (ENEM)

A leitura nos tempos do *e-book*

Não é só nas bibliotecas e livrarias que se encerra o conhecimento. A internet, por meio de seu infinito conteúdo, e através de *sites* como Domínio Público e muitos outros similares, demonstra as transformações ocorridas na disponibilização de obras literárias ou de todas as outras áreas. *Sites*, como o citado acima, contêm arquivos com textos digitalizados dos mais variados autores, dos clássicos aos contemporâneos. Antes, esse conteúdo todo só seria passível de consulta em suporte material. O suporte virtual, também conhecido como *e-book*, é, digamos, semimaterial, pois nos põe em contato com o texto através do computador, mas não nos põe o livro nas mãos, a não ser que queiramos imprimir o texto digital.

Nossa geração passa por um período de transição lento que transformará profundamente o hábito da leitura. Paradoxalmente, a alta velocidade com que se proliferam as informações faz com que também seja aumentada a nossa velocidade de captação dessas informações, ou seja, aos poucos e de modo geral a leitura vai ficando cada vez mais fragmentada. Isso já apresenta reflexos no modo como lemos os diversos textos contidos em revistas, jornais ou internet, e igualmente na produção literária contemporânea.

Disponível em: www.tecnosapiens.com.br. Acesso em: 28 fev. 2012 (adaptado).

A criação dos *e-books* oferece vantagens e facilidades para a leitura. No texto, ressalta-se a influência desse meio virtual, sobretudo no contexto atual, pois:

- a) as livrarias e as bibliotecas estão se tornando lugares pouco atrativos para os leitores, uma vez que os livros impressos estão em desuso.
- b) a semimaterialidade dos *e-books* garante maior interação entre o leitor e o texto.
- c) os *e-books* possibilitam maior difusão da leitura, tendo em vista a velocidade e a dinamicidade da informação.
- d) as obras clássicas e contemporâneas ficaram gratuitas, devido às digitalizações propiciadas com o surgimento da internet.
- e) a velocidade de proliferação e captação de informações transforma a leitura fragmentada em uma solução para o acesso às obras.

○ 119. (ENEM) Para as pessoas que estudam a inserção das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) na sociedade, não é suficiente dar acesso ao *hardware* (com *softwares* instalados). Deve-se, também, disponibilizar recursos físicos, digitais, humanos e sociais. Além disso, deve-se considerar conteúdo, linguagem, alfabetização e educação, comunidade e estrutura institucional, para se permitir o acesso significativo às tecnologias digitais. Por acesso significativo, entende-se não só a possibilidade de manejo do computador, de suas ferramentas e do acesso à internet, mas, sobretudo, a capacidade de utilizar esses conhecimentos para o acesso a conteúdos que tenham influência direta para a melhoria da qualidade de vida da pessoa, de seu grupo e de sua comunidade.

WARSCHAUER, M. Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Senac, 2006.

O uso significativo dos recursos ligados às tecnologias da informação e da comunicação faz-se presente na hipótese de:

- a) distribuição de *laptops* aos alunos para que possam registrar o conteúdo passado em sala de aula em meio digital, diminuindo, assim, o tempo gasto com atividades feitas em papel.
- b) criação de uma rádio *web* escolar com programas gravados, editados e organizados pelos alunos e professores, com utilização de mídias como gravador de som, computador e internet.
- c) inserção, na grade curricular do ensino médio, de disciplina que tenha o objetivo de ensinar o uso de aplicativos de edição de texto, planilhas eletrônicas, navegadores, editores de imagem etc.
- d) liberação do uso dos laboratórios de informática em horários extraclasse para que os alunos possam utilizar as tecnologias da forma que precisarem.
- e) incentivo ao uso da internet para realização de pesquisas escolares, pela grande quantidade de fontes e imagens que poderão enriquecer os trabalhos dos alunos.

○ 120. (ENEM) Ao acompanharmos a história do telefone, verificamos que esse meio está se mostrando capaz de reunir em seu conteúdo uma quantidade cada vez maior de outros meios – envio de *e-mails*, recebimento de notícias, música através de rádio e mensagens de texto. Esta última função vem servindo como suporte para uma nova forma de sociabilidade, o fenômeno do *flash mob* – mobilizações relâmpago, que têm como característica principal realizar uma encenação em algum ponto da cidade.

PAMPANELLI, G. A. A evolução do telefone e uma nova forma de sociabilidade: o *flash mob*. Disponível em: www.razonypalabra.ag.mx. Acesso em: 1 jun. 2015 (adaptado).

De acordo com o texto, a evolução das tecnologias de comunicação repercute na vida social, revelando que:

- a) o acúmulo de informações promove a sociabilidade.
- b) as mudanças sociais demandam avanços tecnológicos.
- c) o crescimento tecnológico acarreta mobilizações das grandes massas.
- d) a articulação entre meios tecnológicos pressupõe desenvolvimento social.
- e) a apropriação das tecnologias pela sociedade possibilita ações inovadoras.



○ 121. (ENEM)

Como escrever na internet

Regra 1 - Fale, não GRITE!

Combine letras maiúsculas e minúsculas, da mesma forma que na escrita comum. Cartas em papel não são escritas somente com letras maiúsculas; na internet, escrever em maiúsculas é o mesmo que gritar! Para enfatizar frases e palavras, use os recursos de *_sublinhar_* (colocando palavras ou frases entre sublinhados) e **grifar** (palavras ou frases entre asteriscos). Frases em maiúsculas são aceitáveis em títulos e ênfases ou avisos urgentes.

Regra 2 - Sorria :-) pisque :-) chore &- (...)

Os *emoticons* (ou *smileys*) são ícones formados por parênteses, pontos, vírgulas e outros símbolos do teclado. Eles representam carinhas desenhadas na horizontal e denotam emoções. É difícil descobrir quando uma pessoa está falando alguma coisa em tom de brincadeira, se está realmente brava ou feliz, ou se está sendo irônica, em um ambiente no qual só há texto; por isso, entram em cena os *smileys*. Comece a usá-los aos poucos e, com o passar do tempo, estarão integrados naturalmente às suas conversas *on-line*.

Disponível em: www.icmc.usp.br. Acesso em: 29 jul. 2013.

O texto traz exemplos de regras que podem evitar mal-entendidos em comunicações eletrônicas, especialmente em *e-mails* e *chats*. Essas regras:

- revelam códigos internacionalmente aceitos que devem ser seguidos pelos usuários da internet.
- constituem um conjunto de normas ortográficas inclusas na escrita padrão da língua portuguesa.
- representam uma forma complexa de comunicação, pois os caracteres são de difícil compreensão.
- foram desenvolvidas para que usuários de países de línguas diferentes possam se comunicar na *web*.
- refletem recomendações gerais sobre o uso dos recursos de comunicação facilitadores da convivência na internet.

○ 122. (ENEM)

Saiba impedir que os cavalos de troia abram a guarda de seu computador

A lenda da Guerra de Troia conta que gregos conseguiram entrar na cidade camuflados em um cavalo e, então, abriram as portas da cidade para mais guerreiros entrarem e vencerem a batalha. Silencioso, o cavalo de troia é um programa malicioso que abre as portas do computador a um invasor, que pode utilizar como quiser o privilégio de estar dentro de uma máquina. Esse *malware* é instalado em um computador de forma camuflada sempre com o "consentimento" do usuário. A explicação é que essa praga está dentro de um arquivo que parece ser útil, como um programa ou proteção de tela – que, ao ser executado, abre caminho para o cavalo de troia. A intenção da maioria dos cavalos de troia (*trojans*) não é contaminar arquivos ou *hardwares*. Atualmente, o objetivo principal dos cavalos de troia é roubar informações de uma máquina. O programa destrói ou altera dados com intenção maliciosa, causando problemas ao computador ou utilizando-o para fins criminosos, como enviar *spams*. A primeira regra para evitar a entrada dos cavalos de troia é: não abra arquivos de procedência duvidosa.

Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2012 (adaptado).

Cavalo de troia é considerado um *malware* que invade computadores, com intenção maliciosa. Pelas informações apresentadas no texto, depreende-se que a finalidade desse programa é:

- roubar informações ou alterar dados de arquivos de procedência duvidosa.
- inserir senhas para enviar *spams*, através de um rastreamento no computador.
- rastrear e investigar dados do computador sem o conhecimento do usuário.
- induzir o usuário a fazer uso criminoso e malicioso de seu computador.
- usurpar dados do computador, mediante sua execução pelo usuário.

○ 123. (ENEM)

O internetês na escola

O internetês – expressão grafolinguística criada na internet pelos adolescentes na última década – foi, durante algum tempo, um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles temiam que as abreviações fonéticas (onde "casa" vira *ksa*; e "aqui" vira *aki*) comprometessem o uso da norma culta do português para além das fronteiras cibernéticas. Mas, ao que tudo indica, o temido internetês não passa de um simpático bichinho de uma cabecinha só. Ainda que a maioria dos professores e educadores se preocupe com ele, a ocorrência do internetês nas provas escolares, vestibulares e em concursos públicos é insignificante. Essa forma de expressão parece ainda estar restrita a seu hábitat natural. Aliás, aí está a questão: saber separar bem a hora em que podemos escrever de qq jto, da hora em que não podemos escrever de "qualquer jeito". Mas, e para um adolescente que fica várias horas "teclando" que nem louco nos *instant messengers* e *chats* da vida, é fácil virar a "chavinha" no cérebro do internetês para o português culto? "Essa dificuldade será proporcional ao contato que o adolescente tenha com textos na forma culta, como jornais ou obras literárias. Dependendo desse contato, ele terá mais facilidade para abrir mão do internetês" – explica Eduardo de Almeida Navarro, professor livre-docente de língua tupi e literatura colonial da USP.

RAMPAZZO, F. Disponível em: www.revistalingua.com.br. Acesso em: 1 mar. 2012 (adaptado).

Segundo o texto, a interação virtual favoreceu o surgimento da modalidade linguística conhecida como internetês. Quanto à influência do internetês no uso da forma culta da língua, infere-se que:

- a ocorrência de termos do internetês em situações formais de escrita aponta a necessidade de a língua ser vista como herança cultural que merece ser bem cuidada.
- a dificuldade dos adolescentes para produzirem textos mais complexos é evidente, sendo consequência da expansão do uso indiscriminado da internet por esse público.
- a carência de vocabulário culto na fala de jovens tem sido um alerta quanto ao uso massivo da internet, principalmente no que concerne a mensagens instantâneas.
- a criação de neologismos no campo cibernético é inevitável e restringe a capacidade de compreensão dos internautas quando precisam lidar com leitura de textos formais.
- a alternância de variante linguística é uma habilidade dos usuários da língua e é acionada pelos jovens de acordo com suas necessidades discursivas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ **1254. (ENEM)** Em um mundo onde o “boca a boca” tornou-se virtual, é de extrema importância que a empresa se faça presente e tenha um bom canal de comunicação com o consumidor. Enfim, a empresa deve saber interagir com o seu consumidor, atender às suas necessidades, dúvidas e estabelecer um contato direto, claro e contínuo com os consumidores cada vez mais exigentes.

Disponível em: www.agenciars.com.br. Acesso em: 26 fev. 2012.

O texto apresenta um assunto interessante e atual, uma vez que a internet constitui-se como um meio de comunicação eficiente. Nesse contexto, “boca a boca” é uma expressão indicadora de que:

- a) as redes sociais se tornaram recurso de comunicação de fácil acesso e baixo custo para o consumidor de variados produtos.
- b) as redes sociais se tornaram fonte fundamental para indicações de amigos e divulgação de produtos, marcas e serviços das empresas.
- c) as redes sociais são sistemas de comunicação que agrupam empresas e indivíduos semelhantes com objetivos diferentes.
- d) as redes sociais permitem às empresas buscarem novos profissionais para seu quadro de pessoal.
- e) as redes sociais possibilitam aos usuários se fazerem presentes e atuantes na internet.

○ **125. (ENEM)**

REAÇÕES CELÍACAS AO LER UM RÓTULO SEM GLÚTEN



Disponível em: www.facebook.com/omeusegredinho. Acesso em: 9 dez. 2007 (adaptado)

Essa imagem ilustra a reação dos celíacos (pessoas sensíveis ao glúten) ao ler rótulos de alimentos sem glúten. Essas reações indicam que, em geral, os rótulos desses produtos:

- a) trazem informações explícitas sobre a presença do glúten.
- b) oferecem várias opções de sabor para esses consumidores.
- c) classificam o produto como adequado para o consumidor celíaco.
- d) influenciam o consumo de alimentos especiais para esses consumidores.
- e) variam na forma de apresentação de informações relevantes para esse público.

Instrução: Para responder à questão, leia o texto apresentado a seguir, que integra a reportagem intitulada *Leitura, moral e ética* sobre o 1º Seminário Victor Civita de Educação. Essa matéria foi publicada na edição de novembro de 2006 da revista Nova Escola.

Professor peregrino

Para analisar a ética e a moral do homem pós-moderno e propor caminhos mais promissores, o psicólogo Yves de La Taille comprou-o a um turista e colocou-o em oposição a um peregrino.

O turista, de acordo com ele, viaja por recreação, busca apenas o prazer, não dá atenção à situação social do local que visita e muito menos às pessoas que lá estão apenas para servi-lo.

Raramente traz de volta uma experiência de vida.

Para o turista, pouco importa o caminho. O tempo da viagem é um hiato, um tempo perdido, programado, quando geralmente ele dorme. A programação do turista é prévia: ele quer conhecer partes, em tempos corretos, e nada pode dar errado. Sua viagem, em geral, nada tem a ver com o momento que está vivendo, antes e depois das férias.

Já o peregrino, segundo De La Taille, viaja porque tem um querer, busca alguma coisa, uma identidade. Escreve um diário e traz da sua viagem uma experiência. Para ele, a ida e a volta são lentas e importantes, o caminhar tem seu valor. O peregrino não busca o prazer, mas a alegria. Enquanto o turista espera, o peregrino quer.

“Que cidadãos estamos reproduzindo na escola, turistas ou peregrinos?”, perguntou De La Taille, acreditando ser a primeira opção a resposta.

Para ele, vivemos numa era de fragmentação, tanto de tempos como de espaços. E citou o *Jornal Nacional*, com seus fragmentos de notícias, os shoppings, com suas lojas que nada têm a ver umas com as outras (a não ser o fato de serem lojas), os vídeos, com suas colagens de imagens desconexas... “Nosso tempo é uma sequência de pequenas urgências”, argumentou.

O celular, que o psicólogo fez questão de dizer que não tem, e o e-mail, da forma como são utilizados, são os exemplos máximos desse tipo de fragmentação. “Vivemos a ditadura do prazer numa época em que a ordem é comunicar-se, o que é muito diferente de estar com o outro”.

Mas o que vai na bagagem de um professor turista e de um professor peregrino? A questão, feita por um dos presentes, foi assim respondida por De La Taille: “Na bagagem do turista – grande e espaçosa –, encontraríamos apenas as receitas, a tecnologia. Na do peregrino – uma trouxinha, pois o que importa está na cabeça –, haveria o conhecimento, a experiência e tudo o que ele tem a compartilhar com seus alunos”.

RICARDO FALZETTA

○ **126. (UFSM)** As figuras do turista e do peregrino aparecem ao longo de todo o texto, o que favorece a unidade textual e pode ser analisado como uma estratégia que auxiliou o psicólogo a tornar mais claras as ideias que defende. Outra estratégia a que Yves de La Taille recorreu foi a

- a) apresentação de exemplos familiares à sociedade contemporânea e à brasileira.
- b) distinção entre os telejornais e vídeos exibidos na França e no Brasil.
- c) definição de termos técnicos, próprios à sua área de atuação profissional, a Psicologia.
- d) formulação de duas perguntas retóricas, isto é, vazias de conteúdo.
- e) menção a dados estatísticos extraídos de pesquisas recentes sobre comunicação.



Instrução: Para responder à questão, leia o texto a seguir.

“BRINCADEIRAS” que machucam a alma

A criançada entra na sala eufórica. Você se acomoda na mesa enquanto espera que os alunos se sentem, retirem o material da mochila e se acalmem para a aula começar. Nesse meio tempo, um deles grita bem alto: “Ô, cabeção, passa o livro!” O outro responde: “Peraí, espinha”. Em outro canto da sala, um garoto dá um tapinha, “de leve”, na nuca do colega. A menina toda produzida logo pela manhã ouve o cumprimento: “Fala, metida!” Ao lado dela, bem quietinha, outra garota escuta lá do fundo da sala: “Abre a boca, zumbi!” E a classe cai na risada.

O nome dado a essas brincadeiras de mau gosto, disfarçadas por um duvidoso senso de humor, é *bullying*. O termo ainda não tem uma denominação em português, mas é usado quando crianças e adolescentes recebem apelidos que os ridicularizam e sofrem humilhações, ameaças, intimidação, roubo e agressão moral e física por parte dos colegas. Entre as consequências, estão o isolamento e a queda do rendimento escolar. Em alguns casos extremos, o *bullying* pode afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio.

Há inúmeros exemplos de estudantes que, vítimas de *bullying*, têm atitudes extremadas. Em janeiro de 2003, Edmar Aparecido Freitas, de 18 anos, entrou no colégio onde tinha estudado e feriu oito pessoas com disparos de revólver calibre 38. Em seguida, matou-se. Atitude semelhante tiveram dois adolescentes norte-americanos na escola Columbine, no Colorado (EUA), em abril de 1999. Após matar 13 pessoas e deixar dezenas de feridos, eles também cometeram suicídio quando se viram cercados pela polícia. Esses casos são um alerta para os educadores. “Os meninos não quiseram atingir esse ou aquele estudante. O objetivo deles era matar a escola em que viveram momentos de profunda infelicidade e onde todos foram omisso ao seu sofrimento”, analisa o pediatra Aramis Lopes Neto, coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, desenvolvido pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia). Pesquisa realizada em 11 escolas cariocas pela Abrapia, no Rio de Janeiro, revelou que 60,2% dos casos acontecem em sala de aula.

Como o *bullying* ainda é tratado como um fenômeno natural, pouquíssimas escolas conhecem e combatem o problema. Porém, sejam meninos, meninas, crianças ou adolescentes, é preciso evitar o sofrimento dos estudantes. A pesquisa da Abrapia revela que 41,6% das vítimas nunca procuraram ajuda ou falaram sobre o problema, nem mesmo com os colegas. “Às vezes, o aluno, quando resolve conversar, não recebe a atenção necessária, pois a escola não acha o problema grave e deixa passar”, alerta Aramis.

No caso daqueles que recorrem à família, a ajuda também não é eficaz. Se os pais reclamam, a direção e os professores tomam medidas pontuais, sem desenvolver um trabalho generalizado, permitindo que o problema se repita. “A escola não deve ser apenas um local de ensino formal mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Agir contra o *bullying* é uma forma barata e eficiente de diminuir a violência entre estudantes e na sociedade”, conclui o pediatra.

Revista Nova Escola, dezembro 2004, p. 58. (adaptado)

○ 127. (UFSM) O texto é uma matéria jornalística que visa a esclarecer o leitor sobre um problema vivenciado na escola. A única estratégia que NÃO foi usada na reportagem para alcançar esse objetivo é

- a) delimitar o sentido do termo *bullying*.
- b) identificar casos e manifestações de *bullying* na escola.
- c) apresentar consequências das práticas de *bullying*.
- d) recorrer a dados numéricos retirados de estudos técnicos.
- e) trazer a voz de um professor especialista em *bullying*.

Instrução: Para responder às questões 128 e 129, leia o texto a seguir.

Uma revolução em cinco minutos

01 Usar a tecnologia para construir um mundo melhor tem
02 seu lado frívolo. Mas, felizmente, também tem um lado bem
03 sério. Principalmente na política. A tecnologia pode ajudar
04 governos a adotar medidas que beneficiam a população.

05 Avanços tecnológicos facilitaram a criação de ferra-
06 mentas que ajudam não só a promover a cidadania, mas
07 também a vigiar, a reportar e a agir contra a restrição dos
08 direitos civis. Por isso, pode-se argumentar que está cada
09 vez mais difícil manter um governo injusto e cada vez mais
10 fácil se rebelar contra regimes antidemocráticos.

11 Se você quiser monitorar os países onde há desrespei-
12 to à democracia, uma das melhores ferramentas é o projeto
13 ChokePoint. Inspirado nos acontecimentos no Egito e na Lí-
14 bia, o ChokePoint (chokepointproject.net) é uma plataforma
15 que expõe o intercâmbio de informação entre países. Se
16 houver uma parada súbita no tráfego de dados, o sistema
17 alerta sobre um provável corte da liberdade de expressão
18 naquele país. [...]

19 E se você quiser organizar um protesto? Aqui entra a
20 tecnologia também. Em agosto, manifestantes contra o go-
21 verno usaram em Londres o API do GoogleMaps para mos-
22 trar, em tempo real, por quais ruas a polícia estava se apro-
23 ximando. [...]

24 Mas se você não mora em áreas de conflito e protesto
25 não é seu estilo, há várias maneiras de usar a tecnologia
26 para facilitar o engajamento. Em sites como o Change.org
27 (change.org) é possível reunir milhares de pessoas para as-
28 sinar uma petição. Em sites locais, como o FixMyStreet (fi-
29 xmystreet.com) ou eDemocracy (forums.e-democracy.org/
30 about), é possível discutir problemas da comunidade e acio-
31 nar as autoridades.

32 É claro que a tecnologia também pode ser usada para
33 terrorismo, mas a maioria da população é contra esse tipo
34 de atividade. É gratificante saber que podemos contar com
35 a tecnologia para engajar grupos que vão provocar mudan-
36 ças, sejam para a denúncia de buracos na sua rua ou a der-
37 rubada de regimes ditatoriais. O mundo conectado é capaz
38 de construir uma sociedade mais justa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ **128. (UFSM)** O texto é um artigo de opinião que apresenta recursos linguísticos típicos de estruturas dissertativo-argumentativas. Assinale a alternativa em que o elemento linguístico está corretamente analisado no contexto em que ocorre.

- a) “Mas” (l.2) associado a “também” (l.2) ressalta o lado “sério” da tecnologia e elimina o lado “frívolo”.
- b) Os elementos “beneficiam” (l.4), “melhores” (l.12) e “justa” (l.38) sinalizam avaliações positivas à sociedade.
- c) O elemento “se”, no início do 3º, 4º e 5º parágrafos, introduz possibilidades de ações que prescindem do uso de recursos tecnológicos.
- d) O emprego de “podemos” (l.34), em 1ª pessoa, marca inclusão da autora e dos leitores na possibilidade de uso da tecnologia para engajamento de grupos sociais.
- e) O emprego de “pode” (l.32), em 3ª pessoa, marca convicção da autora sobre o uso da tecnologia para a prática de terrorismo.

○ **129. (UFSM)** No artigo de opinião, a autora aborda um tema sobre o qual defende uma tese fundamentada por argumentos, articulados por diferentes estratégias argumentativas. Com relação a esses aspectos de conteúdo, considere as afirmativas a seguir.

- I. O campo semântico usado ao longo do texto aponta como tema o uso da tecnologia no contexto sociopolítico.
- II. A utilização de índices de avaliação, como “felizmente” (l.2), “facilitar” (l.26) e “gratificante” (l.34), sinaliza um posicionamento favorável ao uso de recursos tecnológicos para promover o engajamento de pessoas em prol da justiça social.
- III. Para evidenciar o potencial do uso de tecnologia no processo de engajamento social, é empregada a estratégia de exemplificação, com indicação de recursos tecnológicos e suas finalidades.
- IV. No último parágrafo, ao admitir a possibilidade de emprego da tecnologia em prejuízo da sociedade, a articulista busca enfraquecer tal argumento por meio da estratégia de contra-argumentação, mantendo, assim, válida a sua tese.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas II.
- b) apenas I e IV.
- c) apenas II e III.
- d) apenas I, III e IV.
- e) I, II, III e IV.

Anotações:

○ **130. (UFSM)** No texto a seguir, são apresentadas três invenções presentes no ranking das mais importantes para a humanidade.

01 PNEUS

02 A roda foi uma grande descoberta, mas um tanto in-
03 conveniente. Como rodas de pedra e madeira são sólidas,
04 provocam solavancos nos passageiros. Em 1845, um rapaz
05 de 23 anos patenteou a solução: a roda aérea, uma circun-
06 ferência inflável de borracha. Ainda não tínhamos carros
07 ou bicicletas, apenas carruagens, e o jovem escocês Robert
08 Thomson não conseguiu convencer o mundo de que os
09 pneus podiam substituir as rodas de borracha sólida que
10 eram usadas na época. O produto só explodiu mesmo em
11 1888, quando outro escocês, John Boyd Dunlop, criou um
12 novo pneu para bicicletas, que estavam na moda.

13 DESODORANTE

14 Sem ele, o aglomeramento de seres humanos em am-
15 bientes fechados seria inviável. Civilizações antigas já tenta-
16 vam resolver esse drama com especiarias aromáticas, como
17 canela e incenso. Mas o primeiro desodorante comercial
18 surgiu apenas em 1888, nos Estados Unidos. Obra de um
19 herói anônimo, o produto era um creme vendido num frasco
20 de vidro, com a marca Mum. Dentro, havia uma gosma
21 com aspecto de cera que tinha cloreto de zinco como prin-
22 cípio ativo, capaz de matar as bactérias que provocam mau
23 cheiro no corpo.

24 GOOGLE

25 Até 1997, era um caos navegar na internet. Ferramen-
26 tas de busca traziam resultados, mas você tinha de ter pa-
27 ciência para vasculhar muitas páginas atrás daquilo que
28 procurava. Quando o *Google* foi lançado, os sites mais inte-
29 ressantes começaram a aparecer logo na primeira tela. Má-
30 gica. Por trás da busca, está uma fórmula matemática (um
31 algoritmo) que gera *rankings*, chamada de *PageRank*, que faz
32 os *sites* que mais recebem *links* de outras páginas apare-
33 cerem nas primeiras posições. Demorou, mas o *Google* se
34 tornou imensamente popular.

Com relação a ideias e recursos linguísticos do texto, assinale V na(s) alternativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

- () O primeiro desodorante comercial surgiu no mesmo ano em que a invenção dos pneus foi patenteada.
- () Elementos como “inconveniente” (l.3), “drama” (l.16) e “caos” (l.25) remetem a situações problema em que se encontrava a humanidade antes da invenção, respectivamente, dos pneus, do desodorante e do *Google*.
- () A estratégia problema-solução é empregada para destacar mudanças promovidas pelas invenções mencionadas, a partir das quais o mundo se tornou mais aprazível.
- () O excerto “Como rodas de pedra e madeira são sólidas, provocam solavancos nos passageiros” (l.3-4) poderia ser reescrito, sem alteração do sentido, como “Rodas de pedra e madeira, por serem sólidas, provocam solavancos nos passageiros”.

A sequência correta é

- a) F – F – V – V.
- b) V – V – F – F.
- c) F – V – V – V.
- d) V – F – V – F.
- e) F – V – F – F.



131. (UFSM)

Sujinho e saudável

Pesquisas confirmam que não se deve levar a extremos os cuidados com a higiene das crianças, sob pena de expô-las a alergias e infecções.

01 Uma série de pesquisas feitas desde o fim dos anos 80
02 leva os cientistas a acreditarem que [...] o exagero do esfor-
03 ço de manter as crianças afastadas das bactérias com que
04 elas se deparam no seu dia a dia pode minar as resistências
05 do organismo e abrir caminho para as doenças que se quer
06 evitar. A mais recente dessas pesquisas, desenvolvida pela
07 Universidade da Califórnia e divulgada há três semanas,
08 conclui que as bactérias *Staphylococcus epidermidis*, presen-
09 tes na superfície da pele humana, agem sobre as células da
10 epiderme para bloquear os processos inflamatórios. Essa
11 ação evita que pequenos ferimentos infeccionem. Ocorre
12 que essas bactérias são destruídas por desinfetantes, de-
13 tergentes e sabões.

14 A secretária gaúcha Andreia Garcia acredita que as
15 mães de hoje são excessivamente preocupadas com a higie-
16 ne das crianças. Seu filho Guilherme, de 4 anos, adora andar
17 descalço e brincar na terra até ficar encardido, mas nunca
18 leva bronca. "Acho que um pouco de vitamina S, de Sujeira,
19 reforça as defesas do organismo", ela diz. A pesquisa ameri-
20 cana confirma a teoria batizada pelos cientistas de hipótese
21 da higiene. Segundo ela, até os 5 anos de idade, quando o
22 sistema imunológico da criança está em fase de amadure-
23 cimento, o contato com bactérias traz dois benefícios: pre-
24 para o corpo contra alergias e previne doenças autoimunes.
25 [...].

26 "Nosso organismo precisa treinar a tolerância aos
27 agentes externos", diz o imunologista Victor Nudelman, do
28 Hospital Albert Einstein, de São Paulo. A técnica em radio-
29 logia Marília Mercer, de Londrina, atribui a saúde dos filhos
30 Mateus, de 10 anos, e Gabriel, de 2, à liberdade que têm
31 para brincar na terra. "Deixo as crianças livres. Se elas caem
32 ou ingerem algo que não devem, não me desespero", ela
33 diz.

Considere as seguintes afirmações:

I. A indeterminação do sujeito agente nas estruturas "se depararam" (I.4) e "se quer evitar" (I.5-6) sugere que o enunciado é produto de um saber coletivo.

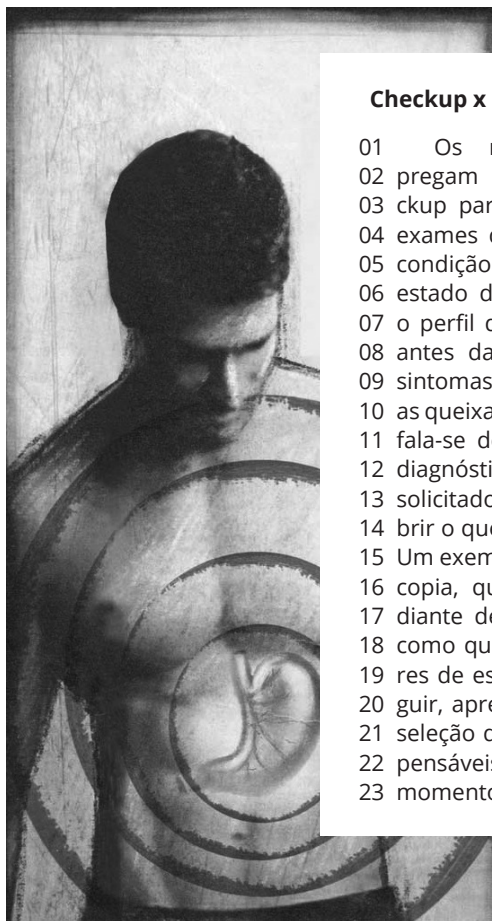
II. São usados argumentos de autoridade e exemplificação de experiência cotidiana como estratégias para confirmar a validade da hipótese da higiene.

III. O emprego das vírgulas que intercalam as expressões "de Sujeira" (I.18) e "de dez anos" (I.30) justifica-se pela mesma regra que determina o emprego da vírgula antecedente a "detergentes" (I.12-13).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas III.
- e) apenas II e III.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder à questão.



Checkup x investigação

01 Os médicos em-
02 pregam o termo che-
03 ckup para se referir a
04 exames que avaliam a
05 condição específica – o
06 estado das mamas ou
07 o perfil de colesterol –
08 antes da presença de
09 sintomas. Mas, quando
10 as queixas já aparecem,
11 fala-se de investigação
12 diagnóstica – testes são
13 solicitados para desco-
14 brir o que anda errado.
15 Um exemplo é a endos-
16 copia, que é prescrita
17 diante de reclamações
18 como queimação e do-
19 res de estômago. A se-
20 guir, apresenta-se uma
21 seleção de testes indis-
22 pensáveis em algum
23 momento da vida.

Pressão arterial

24 É a conferência da pressão do paciente por meio de um
25 aparelho. O exame costuma ser feito a partir dos 18 anos
26 – mas deveria ser requisitado ainda na infância. Precisa ser
27 repetido, no mínimo, uma vez por ano. Detecta alterações na
28 pressão arterial e diagnostica a hipertensão, fator de risco
29 para infartos e derrames.

Hemograma

30 É o exame de sangue que registra o estoque de células
31 vermelhas e brancas. É solicitado desde a infância. A menos
32 que haja algum motivo, pode ser refeito anualmente. Sinali-
33 za o estado do sangue e do sistema imunológico, acusando
34 problemas como infecções.

Colesterol e glicemia

35 São testes sanguíneos que avaliam a concentração de
36 gorduras e de açúcar na circulação. Podem ser receitados
37 desde a infância, mas depois dos 18 anos a indicação ganha
38 ainda mais consistência. Depois dos 40 anos, recomenda-se
39 repeti-los anualmente. Flagram altos níveis de colesterol e
40 triglicérides, que favorecem as placas capazes de obstruir os
41 vasos. Já a medida de glicose acusa a propensão ao diabetes.

Fonte: SPONCHIATO, Diogo. O que é um checkup inteligente. Saúde! é vital, mar. 2011, p. 46-47. (adaptado)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ 132. (UFSM) Com relação aos procedimentos linguísticos usados no texto e à estrutura composicional, a alternativa que apresenta uma análise INADEQUADA é a seguinte:

- a) As informações sobre os exames citados estão organizadas nesta sequência: definição, periodicidade e motivo.
- b) O emprego de verbos no presente do indicativo corrobora a exposição de afirmações gerais que podem ser válidas para casos particulares.
- c) A ausência da primeira pessoa do singular neutraliza a figura do enunciador, indicando que o conteúdo do texto não é mera opinião.
- d) O uso das estruturas passivas “são solicitados” (l.12-13) e “é prescrita” (l.16) inclui os médicos como sujeito paciente.
- e) A apresentação dos motivos para a realização dos exames é introduzida por verbos que pertencem ao mesmo padrão frasal.

Instrução: Para responder à questão, leia os textos 1, 2 e 3.

Texto 1

Outros tempos

A preocupação do homem em medir o tempo sempre existiu. Relógios de água, as clepsidras, relógios de areia, as ampulhetas, relógios de sol, relógios a vela, foram alguns dos instrumentos que realizavam tal função. Com o passar dos séculos, eles foram se aperfeiçoando. O século XVIII viu surgirem os relógios de três ponteiros e os cronômetros de precisão, na mesma época em que eclodiam as primeiras fábricas da Revolução Industrial. Somos herdeiros diretos dessa época: nosso tempo é marcado pelo tempo exato e pela industrialização exagerada. E fomos além: tecnologias digitais, computadores, *smartphones*. Como pontua o filósofo e autor de livros didáticos e paradidáticos Ricardo Melani, “os aparelhos em si são coisas programadas que deveriam servir ao homem”, ferramentas de apoio para agilizar a resolução de nossos problemas, ajudar na organização do dia a dia. Observamos, contudo, continua Melani, uma inversão de papéis, pois o homem “passa grande parte de seu tempo respondendo às demandas tecnológicas”, imerso nesses dispositivos que deveriam nos ajudar a ter mais tempo.

Fonte: AGOSTINI, Cristina; POLLA, Cauê Cardoso. Tempo, uma questão filosófica. *Educatrix*, 2º semestre 2013, p. 18.

Texto 2



Fonte: Disponível em: <http://bibliotecaicetufam.blogspot.com.br/2013/06/palestra-sobre-orientacoes-e-normas.html>. Acesso em: 25 ago. 2014. (adaptado)

Texto 3



Fonte: BECK, Alexandre. *Armandinho dois*. Florianópolis, 2014. p. 16.

○ 133. (UFSM) Com relação a ideias e recursos linguísticos presentes nos textos, assinale V na(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

- () A situação retratada no Texto 2 pode servir para exemplificar a ideia, presente no Texto 1, de que a tecnologia agiliza a resolução de problemas e ajuda na organização do dia a dia.
- () No Texto 2, os excertos “o prazo [...] está acabando” e “o quanto antes”, assim como as imagens do relógio com os ponteiros em diferentes posições, representam a passagem do tempo, sem que a atividade principal tenha sido realizada.
- () No Texto 3, pode-se inferir que o uso de equipamentos eletrônicos em ambientes de lazer interfere negativamente no tempo de convivência e interação entre pais e filhos.

A sequência correta é

- a) F – V – V.
- b) V – F – V.
- c) V – F – F.
- d) F – F – V.
- e) V – V – F.

○ 134. (UFSM)

O GloboEsporte.com usou de forma experimental, no ano passado, um sistema feito em parceria com a PUC do Rio de Janeiro para ajudar os jornalistas a enriquecer a cobertura dos jogos. O programa utiliza os dados das partidas para criar modelos de textos que se encaixam em 15 das situações mais corriqueiras do esporte bretão, entre elas vitórias, derrotas, empates e goleadas.

“Identificamos esses padrões, depois vimos quais os indicadores que fazem a partida cair em um deles”, diz Daniel Schwabe, professor titular do departamento de informática da PUC-Rio. “Um desses estereótipos é o que chamamos ‘o que o placar não diz’, quando, por exemplo, a equipe tem amplo domínio da bola, mas não consegue vencer o jogo.”

No Campeonato Brasileiro deste ano, a Globo.com vai ampliar o uso da ferramenta, mas ainda não pensa em publicar as notícias sem a edição prévia de um jornalista. “Dá para fazer tudo automatizado, com conteúdo mais descritivo, relatando fatos. É perfeitamente factível. Mas os melhores resultados vêm do trabalho em conjunto com os jornalistas”, afirma o professor Schwabe.

Nos Estados Unidos, a empresa *Automated Insights* com sistemas que cobrem as ligas profissionais de beisebol e basquete, fornece textos prontos que, segundo Robbie Allen, presidente e cofundador da empresa, vão ao ar sem que nenhum jornalista revise. Allen disse que em breve as partidas de futebol também serão cobertas por sua redação virtual. Ele defende a qualidade dos textos escritos de forma automática. “Uma das vantagens desses sistemas é que podem ser constantemente melhorados.



Enquanto eu ou você não conseguimos melhorar muito nossas habilidades, o *software* se aperfeiçoa a cada dia e incorpora o conhecimento de várias pessoas”, diz Allen.

Fonte: BARRETO, Juliano. Te cuida, Galvão! *INFO*, jun. 2012, p. 64-65. (adaptado)

Considerando-se o contexto em que o texto foi publicado, a alternativa que apresenta uma afirmação adequada é a seguinte:

- a) Em 2012, o GloboEsporte.com usou um programa para criar modelos de textos que se enquadram nas situações mais corriqueiras do futebol: vitórias, derrotas, empates e goleadas.
- b) Com relação à revisão de textos automáticos por jornalistas, o presidente da empresa *Automated Insights* e o Professor do Departamento de Informática da PUC-Rio apresentam posicionamentos divergentes.
- c) A Globo.com ampliou, no Campeonato Brasileiro de 2013, o uso do programa que cria notícias automaticamente.
- d) A empresa americana *Automated Insights* fornece notícias automáticas sobre futebol sem edição prévia por profissionais do jornalismo.
- e) O programa utilizado pela Globo.com permite a identificação de padrões nos dados das partidas de futebol, com os quais as notícias são produzidas, dispensando a edição por jornalistas.

○ 135. (UFSM 2023)

Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina

01 *Ao longo dos séculos, artistas e pensadores se dedicaram*
 02 *a definir e representar a realidade. Nas últimas décadas, porém,*
 03 *grupos menos românticos se juntaram a essa difícil tarefa: endo-*
 04 *crinologistas e neurocientistas.*

05 O objetivo é estudar a felicidade como um processo bio-
 06 lógico para encontrar o que desencadeia esse sentimento
 07 sob o ponto de vista físico. Ou seja, eles não se importam se
 08 as pessoas são mais felizes por amor ou dinheiro, mas o que
 09 acontece no corpo quando a alegria definitivamente dispara,
 10 e como “forçar” esse sentimento.

11 Nesse sentido, há quatro substâncias químicas naturais
 12 em nossos corpos geralmente definidas como o “quarteto da
 13 felicidade”: endorfina, serotonina, dopamina e oxitocina.

14 A pesquisadora Loreta Breuning, autora do livro *Habits*
 15 *of a happy brain* (“Hábitos de um cérebro feliz”, em tradução
 16 livre), explica que “quando o seu cérebro emite uma dessas
 17 químicas, você se sente bem. Seria bom que surgissem o
 18 tempo todo, mas não funcionam assim”, diz a professora da
 19 Universidade Estadual da Califórnia (EUA). “Cada substância
 20 da felicidade tem um trabalho especial para fazer e se apaga
 21 assim que o trabalho é feito”.

Fonte: OS HORMÔNIOS... 2017. Disponível em: <https://bbc.com/portuguese/geral-39299792>.
 Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

O texto constitui a parte inicial de uma longa reportagem da *BBC News* sobre os hormônios da felicidade. Sobre o texto, assinale a alternativa INCORRETA.

- a) A felicidade foi vista, por muito tempo, na história da humanidade, como um conceito ligado à subjetividade.
- b) O objetivo dos endocrinologistas e dos neurocientistas tem sido entender a felicidade como resultado de processos bioquímicos.
- c) O quarteto da felicidade é responsável pelos momentos de bem-estar que a pessoa vivencia.
- d) A professora Loreta Breuning enquadra-se no grupo dos pesquisadores menos românticos.
- e) O trabalho realizado por uma substância da felicidade não pode ser concomitante ao trabalho de outra.

Instrução: Para responder às questões de 136 e 137, considere o texto a seguir

World Happiness Report 2023



Fonte: Shaurya Sagar/Unplash. Disponível em: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/A4wa35pyOsg>.
 Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

01 Seguindo a tradição, a ONU divulgou a edição de 2023
 02 do Relatório Mundial da Felicidade (WHR) no dia 20 de mar-
 03 ço, data em que se celebra o Dia Mundial da Felicidade. Mes-
 04 mo que haja diferentes visões sobre o que é felicidade, nos
 05 últimos 10 anos, mais e mais pessoas passaram a acreditar
 06 que o sucesso de um país deveria ser avaliado pela felicida-
 07 de de seu povo.

08 Parece evidente que um país prospera se sua população
 09 experimenta níveis elevados de satisfação geral por meio de
 10 uma vida saudável, significativa e igualmente próspera. Não
 11 é, portanto, nenhuma surpresa que países com melhores
 12 índices de desenvolvimento figurem entre os primeiros no
 13 ranking do WHR 2023.

14 E, como tem ocorrido nos últimos 6 anos, a Finlândia é
 15 o país que apresenta a maior média nos níveis de felicida-
 16 de de sua população. A Dinamarca e a Islândia seguem logo
 17 atrás, em 2º e 3º lugar. Holanda, Suécia, Noruega e Nova Ze-
 18 lândia também figuram entre os 10 países mais felizes (ver
 19 o Quadro a seguir).

Fonte: World Happiness Report, 2023.

	2020		2021		2022		2023	
	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos
Finlândia	1º	7809	1º	7842	1º	7821	1º	7.804
Dinamarca	2º	7646	2º	7620	2º	7636	2º	7.586
Islândia	4º	7504	4º	7554	3º	7557	3º	7.530
Israel	14º	7129	12º	7157	9º	7364	4º	7.473
Holanda	6º	7449	5º	7464	5º	7415	5º	7.403
Suécia	7º	7353	7º	7363	7º	7384	7º	7.395
Noruega	5º	7488	6º	7392	8º	7365	8º	7.315
Suíça	3º	7560	3º	7571	4º	7512	4º	7.240
Luxemburgo	10º	7238	8º	7324	6º	7404	6º	7.228
Nova Zelândia	8º	7300	9º	7277	10º	7200	10º	7.123
BRASIL	32º	6376	35º	6330	38º	6293	49º	6125

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



20 Na edição de 2023 do WHR, o Brasil figura na 49ª posi-
 21 ção, tendo recuado 11 posições em relação ao *ranking* de
 22 2022. O que mais preocupa, no entanto, é a queda gradual
 23 dos níveis de felicidade dos brasileiros, desde que a pande-
 24 mia teve início.

25 Se o assunto é felicidade, quando avaliamos um país,
 26 uma sociedade ou uma nação, não podemos considerar
 27 apenas a felicidade média ou a alegria de seu povo. Outros
 28 fatores, que afetam diretamente a satisfação geral com a
 29 vida, têm que ser analisados, como o acesso à saúde, a taxa
 30 de alfabetização e a geração de renda, por exemplo. Temos
 31 que olhar, de modo especial, para o índice de miséria, pois
 32 ele está diretamente relacionado com a baixa satisfação
 33 com a vida.

34 Esses fatores têm sido considerados em cada edição do
 35 WHR, mas o Brasil não tem apresentado um bom desem-
 36 penho em nenhum deles. Se compararmos, por exemplo,
 37 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos três países
 38 mais felizes da edição do WHR 2023 com os do Brasil, vere-
 39 mos que a diferença é enorme.

40 A edição 2023 do WHR aponta ainda outros fatores,
 41 além de renda e saúde, que influenciam nas avaliações de
 42 vida em um país. Dentre eles, podemos citar: ter alguém
 43 com quem contar, ter liberdade para tomar as decisões im-
 44 portantes na vida, demonstrar generosidade e não haver
 45 corrupção.

46 O WHR é construído com base na mensuração da feli-
 47 cidade de um país, perguntando-se a uma amostra nacio-
 48 nalmente representativa de pessoas se elas estão satisfeitas
 49 com suas vidas atualmente. Assim, é de se esperar que as
 50 respostas sejam influenciadas por aspectos como inflação,
 51 taxa de juros, desemprego, endividamento, segurança ali-
 52 mentar e acesso à saúde e educação. Ou seja, a felicidade de
 53 um país é diretamente impactada pelos níveis de bem-estar
 54 objetivo das pessoas.

Fonte: WORLD HAPPINESS REPORT 2023. 2023. Disponível em: <<https://pausaprafelicidade.com/2023/03/24/world-happines-report-2023/>>. Acesso em: 27 maio 2023. (Adaptado)

○ 136. (UFSM 2023) Sobre as informações veiculadas no texto, assinale a alternativa correta.

- a) O WHR é um documento da ONU que relata uma pesquisa sobre o nível de felicidade de todos os países do mundo.
- b) O índice de desenvolvimento de um país influencia diretamente a classificação final no WHR.
- c) O WHR avalia fatores como acesso à saúde, taxa de alfabetização e alegria média da população.
- d) A pandemia teve como consequência o decréscimo dos níveis de felicidade de todos os países.
- e) Os países europeus têm se classificado entre os 10 primeiros no *ranking*.

○ 137. (UFSM 2023) A partir do Quadro apresentado no texto, é INCORRETO afirmar que

- a) Finlândia, Dinamarca e Suécia apresentam a mesma posição no *ranking* desde 2020.
- b) Islândia, Holanda e Luxemburgo melhoraram suas posições no *ranking* desde 2020.
- c) o Brasil regrediu 11 pontos no *ranking* desde 2020.
- d) Noruega e Suíça mantiveram suas posições nos *rankings* de 2022 e de 2023.
- e) Israel é o país que mais apresentou avanço no *ranking* desde 2020.

○ 138. (UFSM 2024)

COMO ENXERGAMOS O MUNDO?



Fonte: SOCIOLOGIA ILUSTRADA. Publicado em: 04 maio 2023. Disponível em: <<https://facebook.com/photo.php?fbid=98043275659444&id=100063613330351&set=a.131127662351011>>. Acesso em: 27 dez. 2023. (Adaptado)

Em relação ao conteúdo explorado no texto, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

- () No quadrinho 1, a metáfora dos óculos representa a cultura como um filtro para que as pessoas olhem para o mundo.
- () No quadrinho 2, a naturalidade do olhar das pessoas permite enxergar os elementos culturais.
- () No quadrinho 3, são apresentados alguns elementos que constituem a cultura de uma comunidade.
- () No quadrinho 4, há uma pessoa lavando uma das lentes, o que remete à retirada de todos os preconceitos e ao reconhecimento da diversidade de olhares.

A sequência correta é

- a) V - V - F - V.
- b) V - F - F - F.
- c) V - F - V - V.
- d) F - F - V - V.
- e) F - V - V - F.

Anotações:



Instrução: Para responder às questões 139 e 140, leia o texto a seguir.

“Dicionário dos Antis” apresenta o Brasil como o país do contra

Jorge Barcellos
Doutor em Educação (UFRGS)

01 Em “A Vertigem das Listas”, Umberto Eco afirma que as
02 listas mudaram ao longo do tempo e expressaram o espí-
03 rito de sua época. A publicação de “Dicionário dos Antis: a
04 Cultura Brasileira em Negativo”, por um lado, mostra que vi-
05 vemos uma época que pode ser resumida por um notável
06 prefixo anti, o que significa que somos, acima de tudo, uma
07 cultura do contra; por outro lado, vivemos num país no qual,
08 ao longo dos últimos anos, emergem todas as correntes e
09 discursos centrados na percepção negativa do Outro – anti-
10 semitismo, anticlericalismo, anticomunismo, etc. – e sobre o
11 qual se constituem as identidades no Brasil.

12 Reunindo artigos de 131 pesquisadores em 133 verbetes
13 que descrevem o processo de demonização das diferenças
14 [...], o livro “Dicionário dos Antis: a Cultura Brasileira em Ne-
15 gativo”, versão nacional da obra “Dicionário dos Antis: a Cul-
16 tura Portuguesa em Negativo”, começou a ser redigido em
17 2019, cujo processo foi impactado pela pandemia em 2020.

18 Talvez por essa razão, a versão brasileira saiu menor do
19 que a portuguesa: suas 858 páginas representam menos do
20 que a metade da versão além-mar, com suas 2.314 páginas
21 divididas em dois volumes. Ainda assim, é uma edição de fô-
22 lego.

23 Escreve José Eduardo Franco: “Fomos habituados, na es-
24 cola, a aprender fundamentalmente aquilo a que podemos
25 chamar cultura positiva, a visão afirmativa da história. Este
26 dicionário, em contrapartida, propõe uma visão diametral-
27 mente oposta: uma viagem pelas correntes, etnias, religiões
28 e instituições, as figuras a partir do olhar do adversário, de
29 quem discordou, de quem atacou, de quem pensou o con-
30 trário”.

31 O cenário que os autores encontram no Brasil é inquie-
32 tante. Os artigos reunidos revelam que o negativo também
33 faz parte de nossa natureza, que percebemos o Outro de for-
34 ma reduzida e, com isso, criamos os estereótipos e demoni-
35 zamos as diferenças.

36 É curioso que a ideia de ser “do contra” seja tão presente
37 tanto no Brasil quanto em Portugal. Seria a intolerância, a
38 segregação e a capacidade de ser sectário também uma he-
39 rança de nossa formação?

40 Os organizadores afirmam que o negativo “é um elemen-
41 to constitutivo do processo de construção de identidades,
42 quando não parte integrante delas”. A obra instaura um dis-
43 curso crítico do conhecimento do Outro, recusando as visões
44 simplificadoras e empobrecedoras. A realidade é comple-
45 xa, rica e diversa [...].

Fonte: BARCELLOS, J. “Dicionário dos Antis” apresenta o Brasil como o país do contra. GaúchaZH. Publicado em: 23 ago. 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/08/dicionario-dos-antis-apresenta-o-brasilcomo-o-pais-do-contra-cksomnefd0011013bayfit-gee.html>>. Acesso em: 18 dez. 2023. (Adaptado)

○ **139. (UFSM 2024)** Em relação à organização textual e à construção argumentativa do texto, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

() O título do texto prenuncia ao leitor uma visão negativa da cultura brasileira e, conseqüentemente, da percepção do Outro.

() A voz de Umberto Eco, citada na linha 1 por Jorge Barcellos, autor da resenha, contextualiza o ponto de vista a ser empregado na análise da obra “Dicionário dos Antis: a Cultura Brasileira em Negativo”.

() Os operadores “por um lado” (l. 5) e “por outro lado” (l. 8) constituem recursos linguísticos para demonstrar conclusões opostas.

() O resenhista traz ao texto uma voz externa para mostrar que o “Dicionário dos Antis: a Cultura Brasileira em Negativo” apresenta uma visão oposta à cultura positiva aprendida na escola.

A seqüência correta é

a) F – F – V – V.

b) V – V – F – F.

c) V – V – V – F.

d) F – V – F – V.

e) V – F – F – V.

○ **140. (UFSM 2024)** Com relação aos recursos linguísticos empregados na resenha, assinale a alternativa correta.

a) O resenhista faz um jogo argumentativo para o qual emprega verbos de dizer, a exemplo de “Escreve” (l. 26) e “chamar” (l. 28), e verbos da consciência humana, a exemplo de “aprender” (l. 27) e “percebemos” (l. 37).

b) A noção de oposição é representada no texto por meio de itens lexicais ou expressões como “Ainda assim” (l. 25), “em contrapartida” (l. 29), “discordou” (l. 32) e “diversa” (l. 50).

c) Em “É curioso que a ideia de ser contra seja tão presente tanto no Brasil quanto em Portugal” (ls. 40-41), o sujeito de “É” está representado por “ser do contra”.

d) Em “Seria a intolerância, a segregação e a capacidade de ser sectário também uma herança de nossa formação?” (ls. 41-43), há uma pergunta retórica, recurso argumentativo que serve para silenciar o leitor e evidenciar a opinião do autor da resenha.

e) Os três grupos preposicionais “de quem”, localizados nas linhas 32 e 33, retomam, respectivamente, “figuras” (l. 31), “olhar” (l. 32) e “adversário” (l. 32).

Anotações:



○ 141. (UFRGS)

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar se-
02 gredos da língua para estrangeiros que querem aprender
03 português. Seu problema: “se digo em uma sala de aula:
04 ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância?
05 Certamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer re-
07 gras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se
08 de entender um dado que ocorre regularmente, mas que
09 parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido
11 (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrá-
12 rio, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senho-
13 res” ou “Senhores alunos”.

14 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ide-
15 ológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática
16 para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais,
17 que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos se-
18 mânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e
19 “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como
20 se pode saber que não se trata de concordância ideológica
21 ou de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se
22 liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente
23 do que acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”,
24 “venha” não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim,
25 porque Pedro não é o sujeito.

26 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o
27 problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito
28 de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produ-
29 zir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno
30 não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando
31 há vocativo. Vamos por partes: a) é normal, em português,
32 haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver
33 flexão verbal. Exemplos correntes são frases como “che-
34 garam e saíram em seguida”, que todos conhecemos das
35 gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio,
36 o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em
37 “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois
38 não seria estranha a sequência “meninos, vocês se com-
39 portem”; c) se forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que
40 são fatos), não seria estranho que a frase “Pessoal, leiam
41 o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse
42 “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não es-
43 tivesse apagada, a concordância se explicaria normalmen-
44 te; d) assim, o problema real não é a concordância entre
45 “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”,
46 que não aparece na superfície da frase.

47 Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos
48 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
49 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Considere as seguintes afirmações sobre a síntese dos pará-
grafos do texto.

I. O primeiro parágrafo apresenta a problemática discutida pelo autor, a partir da dúvida de um amigo, sobre a concordância na língua portuguesa.

II. O segundo e o terceiro parágrafos apresentam discussão a respeito da preponderância dos aspectos sintáticos envolvidos na construção de pedidos e ordens em usos não padrão da língua.

III. O quinto parágrafo do texto enumera argumentos que permitem explicar o fenômeno gramatical da concordância em construções sem sujeito expresso.

Qual(is) está(ão) de acordo com o texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

Instrução: As questões 142 e 143 estão relacionadas ao texto abaixo.

A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.

O senso comum tem escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo.

Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.



142. (UFRGS) Assinale a alternativa que contém uma afirmação correta, de acordo com o sentido do texto.

- a) O senso comum costuma perceber a língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em mudança contínua.
- b) Os gestos de grande violência simbólica constituem-se em fatos de variação linguística.
- c) O conceito de norma culta e suas características no Brasil contemporâneo são alvos de explosões de ira diante de fatos de variação linguística.
- d) Uma pedagogia que regule o domínio das variedades ditas populares deve ser privilegiada.
- e) A heterogeneidade linguística do Brasil deve ser compreendida para que se possa construir uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua.

143. (UFRGS) Considere as afirmações abaixo, sobre a construção de uma educação de qualidade.

- I. Uma educação de qualidade deve, no que concerne à variação linguística, questionar as reações sociais advindas da percepção da língua como fenômeno homogêneo.
- II. O desafio, para uma educação de qualidade, está em preparar a escola para combater a discriminação que tem origem nas diferenças entre as variedades linguísticas.
- III. As variedades linguísticas próprias ao domínio da leitura, escrita e fala nos espaços públicos, que devem ser ensinadas pela escola, são as que não sofreram variações sociais.

Segundo o texto, qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

144. (UFRGS) À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, Chagas e Silva postava-se de palito à boca, como se tivesse desido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. Longe disso! A Rua da Praia que o diga, ou melhor, que o dissesse. O faz de conta do inefável personagem ligava-se mais à importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. Ele, que tanto marcou a rua, tinha franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e uns olhinhos apertados na bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, era o toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. Fixou-se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que “trocava” por dinheiro.

Não era de meu propósito ocupar-me do “doutor” Chagas e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos “secos e molhados” vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados, maiores ou menores, tabernas ou simples tascas. A Cidade divertia-se também pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

Considere as afirmações abaixo.

- I. O restaurante do Grande Hotel era o melhor restaurante de Porto Alegre.
- II. A vestimenta de Chagas e Silva e a forma como ele percorria a Rua da Praia afastavam-no do convívio dos importantes da época.
- III. A cidade de Porto Alegre era pródiga em restaurantes de qualidade.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

145. (UFRGS)

01 – Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, vol-
02 tando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a
03 casa fica tão sossegada.

04 – Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os olhos
05 da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça
06 esparramado pelo chão.

07 – É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu
08 vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana
09 tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob
10 a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou,
11 depois, o par dos outros móveis.

12 Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da
13 mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, muito mais
14 sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava
15 o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto
16 seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas con-
17 seguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas
18 no hospital. A semelhança física teria contribuído para o per-
19 feito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos
20 diziam, o que sempre causava satisfação.

21 – O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara
22 estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os
23 cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos,
24 azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor
25 estariam hoje seus olhos?

26 Ema aprumou o corpo.

27 – Pensava que se nós morássemos numa casa grande,
28 vocês e nós...

29 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As
30 crianças brigariam o tempo todo. Novamente a amiga tinha
31 razão. Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer



32 motivo, ciúme doentio de tudo. O que sombreava o relaciona-
33 mento dos casais.

34 – Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

35 Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir
36 à televisão, , ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ain-
37 da que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia
38 diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança.
39 Preparou uma jarra de limonada. todo aquele interesse
40 de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

41 – Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comporta-
42 mento das crianças na escola, de como se modificam as per-
43 sonalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) Os cem melhores contos brasileiros do século. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

Assinale a alternativa com a afirmação que melhor expressa a ideia central do texto.

- a) As relações de amizade entre casais são importantes para as relações de convívio no trabalho.
- b) O relacionamento íntimo entre casais amigos como possibilidade de uma melhor educação para os filhos.
- c) A amizade entre casais, principalmente entre duas mulheres, como uma relação íntima semelhante às relações familiares.
- d) As diferenças de atividades de lazer de homens, que gostam de assistir à televisão, e de mulheres, que apreciam a leitura de revistas.
- e) A preocupação das mães com os filhos que buscam na amizade o diálogo e mais informações sobre o comportamento das crianças.

Instrução: As questões 146 a 148 estão relacionadas ao texto abaixo.

01 É preciso estabelecer uma distinção radical entre um
02 “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de
03 madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar
04 uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um
05 povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais
06 de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem
07 vida, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição
08 de se reproduzir como sistema. Mas o Brasil com B maiúscu-
09 lo é algo muito mais complexo.

10 Estamos interessados em responder esta pergunta: afi-
11 nal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata
12 de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria socie-
13 dade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, isto sim,
14 descobrir como é que eles se ligam entre si; como é que cada
15 um depende do outro; e como os dois formam uma realida-
16 de única que existe concretamente naquilo que chamamos
17 de “pátria”.

18 Se a condição humana determina que todos os homens
19 devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa
20 determinação não chega ao ponto de especificar também
21 qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos
22 deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espé-
23 cie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as
24 diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os
25 “jeitos” de cada grupo humano. Trata-se, sempre, da questão
26 de identidade.

27 Como se constrói uma identidade social? Como um
28 povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta
29 singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que,
30 no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os
31 homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobre-

32 vivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. –
33 outras acidentais ou históricas –, o Brasil ter sido descoberto
34 por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter
35 certas características, falarmos português e não francês, a
36 família real ter se transferido para o Brasil no início do sécu-
37 lo XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se
38 utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências)
39 para se construir como algo único.

40 Nessa perspectiva, a chave para entender a sociedade
41 brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capacidade re-
42 lacional – do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a
43 sociedade brasileira. Será preciso, portanto, discutir o Brasil
44 como uma moeda. Como algo que tem dois lados. E mais:
45 como uma realidade que nos tem iludido, precisamente por-
46 que nunca lhe propusemos esta questão relacional e revela-
47 dora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma
48 mesma moeda? O que faz o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

146. (UFRGS) Assinale a alternativa que está de acordo com o sentido global do texto.

- I. O brasil escrito com b minúsculo, nome de um tipo de madeira de lei, não faz parte do Brasil escrito com B maiúsculo, nome de uma nação.
- II. O Brasil, como identidade social de um povo, constrói-se na relação entre as experiências necessárias à sobrevivência e as experiências históricas.
- III. O Brasil, com B maiúsculo, é uma sociedade com indivíduos isolados, que comem, bebem, dormem e reproduzem-se.

Qual(is) pode(m) ser considerada(s) correta(s), de acordo com o texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

147. (UFRGS) Considere as afirmações abaixo.

- I. As diferenças entre os grupos humanos são resolvidas pela questão de identidade.
- II. O brasil e o Brasil dependem um do outro.
- III. O ser humano constrói-se como algo único a partir das experiências de que se utiliza.

Qual(is) pode(m) ser considerada(s) correta(s), de acordo com o texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ 148. (UFRGS) Perguntas são recursos de estruturação textual que, além de levantar questionamentos, também podem fazer afirmações. A respeito das perguntas utilizadas pelo autor no texto, considere as afirmações abaixo.

- I. É impossível saber o que faz o Brasil, Brasil.
- II. Existe uma identidade social construída no Brasil.
- III. Há uma identidade social entre Brasil e brasil, construída pelo povo brasileiro.

Qual(is) afirmação(ões) pode(m) ser depreendida(s) das perguntas existentes no texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Instrução: As questões 149 e 150 referem-se ao texto abaixo.

01 Nos últimos 500 anos, temos falado e escrito a língua
02 portuguesa no Brasil. Nos primeiros séculos, apenas 30%
03 dos habitantes falavam a língua de Portugal, e nem todos
04 a escreviam. Os outros 70% aloglotas, ameríndios e
05 africanos. Foi necessário esperar até o século XVIII para
06 que a língua portuguesa efetivamente se tornasse a língua
07 majoritária do país.

08 Que língua é essa que falamos e que escrevemos (tão
09 pouco)? Continua a ser o português europeu? Ou já fala-
10 mos o “brasileiro”?

11 Tem-se notado que desde o século XIX a aparecer
12 no português do Brasil alguns elementos fonéticos e gramá-
13 ticas divergentes do uso europeu. Vejamos alguns poucos
14 exemplos.

15 Pronunciamos todas as vogais que precedem a vogal
16 tônica, como em *telefone*, enquanto os portugueses pas-
17 saram a apagá-las, dizendo *tulfón*. Às vezes deixamos cair
18 as vogais iniciais, como em *tá*, por *está*, mantidas pelos
19 portugueses em seu modo característico de atender ao
20 telefone: *está? está lá?* Também alteramos bastante a gra-
21 mática. Para ficar só num caso: no quadro dos pronomes
22 pessoais, mantivemos *eu* e *ele* para a primeira e a terceira
23 pessoas, mas estamos substituindo progressivamente *tu*
24 por *você* e *nós* por *a gente*. *Vós* desapareceu.

25 Significaria então que já nasceu a língua brasileira? Al-
26 gumas dificuldades impedem uma resposta positiva, pois
27 muitos dos fenômenos diferenciadores já no portu-
28 guês medieval. Indo por aqui, o português do Brasil seria
29 considerado mais conservador que o português europeu,
30 e a pergunta então não é se temos uma nova língua por
31 aqui, e sim por que “eles” mudaram a língua por lá... Mui-
32 to provavelmente, o português do Brasil está combinando
33 características conservadoras e inovadoras, seguindo, nis-
34 so, uma direção distinta daquela do português europeu.

Adaptado de: CASTILHO, Ataliba T. de. Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita? Impulso, Revista de Ciências Sociais e Humanas, São Paulo, UNIMEP, V. 12, nº 27, p. 85-104, 2000.

○ 149. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações.

- I. O fato de o português do Brasil possuir algumas características já encontradas em períodos anteriores do português europeu é evidência contrária à ideia da existência de uma língua brasileira.
- II. No Brasil do século XVIII, o português, além de ser a língua mais utilizada, era muito semelhante à modalidade europeia.
- III. A variedade brasileira do português é mais conservadora do que a portuguesa, o que a faz mais fechada a variações na fala e na escrita.

Qual(is) está(ão) de acordo com o texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 150. (UFRGS) Considere, na primeira coluna, abaixo, quatro segmentos extraídos do texto que contêm perguntas. Associe adequadamente a coluna inferior à superior.

- 1. Pergunta retórica.
- 2. Pergunta que caracteriza o tema geral do texto.
- 3. Pergunta usada para sinalizar presença do interlocutor.
- 4. Pergunta que pressupõe resposta negativa.
- 5. Pergunta indireta.

() *Que língua é essa que falamos e que escrevemos (tão pouco)?* (l. 08-09)

() *está? está lá?* (l. 20)

() *Significaria então que já nasceu a língua brasileira?* (l. 25)

() *por que “eles” mudaram a língua por lá...* (l. 31)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 3 - 2 - 5
- b) 3 - 5 - 1 - 4
- c) 2 - 1 - 4 - 3
- d) 2 - 3 - 1 - 5
- e) 1 - 5 - 4 - 2

Anotações:



○ 151. (UFRGS)

01 Cena 1

02 Em uma madrugada chuvosa, um trabalhador resi-
03 dente em São Paulo acorda, ao amanhecer, às cinco horas,
04 toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro,
05 acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até
06 o trabalho. Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo
07 rádio que uma das avenidas de sua habitual rota está total-
08 mente congestionada. A partir dessa informação e enquan-
09 to dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico
10 para escolher uma rota alternativa que o faça chegar
11 empresa no horário de sempre.

12 Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá consi-
13 derar: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no
14 deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em
15 cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais
16 rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

17 Cena 2

18 Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mes-
19 ma cidade obtém financiamento imobiliário e decide pela
20 compra de um apartamento. São inúmeras opções de imó-
21 veis à venda. Para a escolha adequada do local de sua mo-
22 rada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do
23 valor do apartamento, também outros critérios: variação do
24 preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até
25 a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o aparta-
26 mento e o local de emprego do casal, preferência por um
27 bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao
28 metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

29 Essas duas cenas urbanas descrevem situações com-
30 uns passam diariamente muitos dos cidadãos resi-
31 dentes em grandes cidades. As protagonistas têm em com-
32 mum a angústia de tomar uma decisão complexa, escolhida
33 dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográ-
34 fico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano,
35 as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão
36 que seja mais conveniente, nossas protagonistas de-
37 verão realizar, primeiramente, uma análise geoespacial da
38 cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a
39 partir de um sistema cerebral composto de informações ge-
40 ográficas representadas internamente na forma de mapas
41 mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas
42 decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta
43 espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: “qual a me-
44 lhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local
45 de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na se-
46 gunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade
47 que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa
48 moradia?”

49 A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, en-
50 quanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial
51 – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

52 A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos
53 e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de
54 outras perguntas similares, em computador, respos-
55 tas dependem da organização espacial de informações geo-
56 gráficas em um determinado tempo. Dada a complexidade
57 dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram
58 transformadas em linguagem computacional e reunidas,
59 posteriormente, em um sistema de informação geográfica.
60 Esse fato geotecnológico contribuiu para a popularização da
61 análise geoespacial realizada em computadores, que atual-
62 mente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. Iniciação à análise geoespacial : teoria, técnicas e exemplos para geo-
processamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

Considere as afirmações abaixo, sobre os sentidos expressos pelo texto.

I. O texto narra as dificuldades de movimentação e de habitação de pessoas inconformadas que vivem em grandes centros urbanos.

II. O texto mostra que as pessoas fazem análise geoespacial da cidade para locomoção e para escolha de habitação.

III. O texto apresenta perguntas relacionadas ao espaço geográfico urbano, com possibilidades de respostas via sistemas computacionais.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 152. (UFRGS 2024)

01 No momento em que abrimos um livro nos pomos no rei-
02 no da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio
03 fala Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa mágica de si-
04 nais gravados une as mentes das quais saíram sinais, e
05 outros sinais, e outros sinais...

06 Ninguém duvida de que a manifestação falada é a lin-
07 guagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das
08 tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para
09 cumprir desígnios que foram sendo estabelecidos, para o
10 bem e para o mal.

11 Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da pala-
12 vra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efeti-
13 va, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes na
14 ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para o
15 épico, excelente em tudo só Zeus!). E entre eles Homero res-
16 salta muito significativamente a figura do velho conselheiro
17 Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de palavras
18 sábias que dirigiam rumos das ações. Ele ressalta, entre to-
19 dos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulisses, que
20 nunca foi cantado como herói de combate renhido, mas que
21 foi o senhor das palavras astutas que construíram a *Odisseia*.

22 Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou,
23 na história da humanidade, quanto ao exercício natural da
24 capacidade que o humano tem de falar e quanto à destina-
25 ção natural desse exercício. Mas, que diferença!!

26 E vem agora o lado prático dessa conversa inicial: sem
27 discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentá-
28 culo da cultura, embora não ouse supor que as sociedades
29 ágrafas sejam excluídas da noção de “cultura”, e que os tex-
30 tos de Homero, que então eram apenas cantados, não te-
31 nham sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exata-
32 mente por onde chegaram ao registro escrito.

33 Diz Verissimo que a palavra escrita “dá permanência à lin-
34 guagem”, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de que
35 hoje os versos de Homero nos chegam somente cravados em
36 folha de papel ou em tela de computador. Mas com certeza
37 o cronista, que não esqueceu a permanência do texto oral de
38 Homero, também não terá esquecido que, já há algum tem-
39 po, gravam-se falas, e que, portanto, a tecnologia humana
40 já soube dar registro permanente também à palavra falada.



41 Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é ou-
42 tra: acima do fato de que a escrita representa um registro
43 concreto permanente, está o fato de que ela leva a palavra
44 a "outro domínio". A palavra falada povoa um domínio que,
45 já por funcionar automaticamente segundo o *software* que
46 trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilé-
47 gios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que
48 digam os versos dos poetas que no geral se produzem no
49 suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela do
50 monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes
51 dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particular-
52 mente mágico a que passamos a pertencer com a leitura!!!
53 Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!

54 E chegamos à função da escola nesse mundo da mágica
55 da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o preço
56 de "roubar a palavra à sua vulgaridade democrática", cabe
57 aos professores, que são aqueles é dado levar às gera-
58 ções a força da linguagem e a força da cultura reverter o pro-
59 cesso e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar a democrá-
60 tica palavra falada, sim, mas sua missão muito particular é
61 *vulgarizar democraticamente* a palavra (escrita) dos livros sem
62 tirar-lhes o sortilégio: acreditemos ou não em sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. *A gramática do português revelada em textos*.
São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

Considere as seguintes afirmações sobre algumas das ideias expressas no texto.

I. O texto aborda a relação entre as palavras falada e escrita na sociedade, a partir da noção de vulgaridade democrática.

II. O texto afirma que a escola deve se centrar somente na escrita para, via sortilégio da leitura, dar acesso ao mundo da palavra mágica.

III. O texto apresenta as relações entre as palavras falada e escrita, a partir do lugar de cada uma na cultura.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

Anotações:



GABARITO

• Habilidades à prova

Unidade 1 - Semântica

1. A	4. C	7. D	10. A	13. A	16. E	19. A	22. A	25. E	28. A	31. E
2. C	5. B	8. B	11. C	14. E	17. C	20. B	23. C	26. A	29. A	32. E
3. C	6. E	9. C	12. E	15. D	18. E	21. D	24. C	27. A	30. C	33. B

Unidade 2 - Tipologia textual

1. D	3. E	5. A	7. E	9. C	11. A	13. B	15. B	17. B	19. C	21. A	23. B
2. D	4. E	6. D	8. C	10. A	12. E	14. E	16. C	18. A	20. B	22. E	

Unidade 3 - Gêneros textuais

1. D	15. A	29. C	43. B	57. D	71. D	85. B	99. B	113. C	127. B	141. C	155. B
2. B	16. A	30. A	44. D	58. E	72. A	86. C	100. E	114. C	128. E	142. C	156. A
3. C	17. C	31. D	45. C	59. D	73. C	87. E	101. B	115. C	129. A	143. B	157. B
4. A	18. C	32. D	46. D	60. C	74. E	88. E	102. A	116. A	130. D	144. A	158. A
5. D	19. D	33. E	47. C	61. C	75. C	89. E	103. A	117. A	131. C	145. D	159. A
6. A	20. D	34. C	48. A	62. C	76. D	90. A	104. E	118. E	132. B	146. C	160. A
7. C	21. B	35. B	49. C	63. E	77. D	91. C	105. C	119. D	133. E	147. B	161. A
8. E	22. E	36. D	50. B	64. E	78. C	92. C	106. E	120. D	134. B	148. A	162. B
9. A	23. A	37. C	51. E	65. A	79. B	93. E	107. E	121. A	135. B	149. C	163. D
10. A	24. C	38. D	52. E	66. A	80. D	94. B	108. D	122. B	136. D	150. E	
11. D	25. D	39. E	53. B	67. E	81. D	95. C	109. A	123. A	137. C	151. E	
12. B	26. D	40. C	54. C	68. B	82. C	96. A	110. B	124. A	138. B	152. C	
13. B	27. E	41. C	55. B	69. C	83. B	97. E	111. B	125. C	139. C	153. B	
14. A	28. D	42. A	56. C	70. E	84. D	98. C	112. E	126. C	140. D	154. A	

Unidade 4 - Leitura, compreensão e interpretação de texto

1. B	14. E	27. B	40. C	53. E	66. E	79. B	92. C	105. B	118. C	131. B	144. C
2. B	15. D	28. E	41. D	54. E	67. C	80. A	93. E	106. E	119. B	132. D	145. C
3. D	16. A	29. E	42. C	55. E	68. E	81. A	94. B	107. D	120. E	133. A	146. B
4. A	17. E	30. B	43. D	56. D	69. A	82. D	95. A	108. B	121. E	134. B	147. D
5. E	18. B	31. B	44. E	57. A	70. B	83. A	96. A	109. C	122. E	135. E	148. D
6. D	19. E	32. D	45. E	58. E	71. C	84. E	97. D	110. B	123. E	136. B	149. D
7. D	20. B	33. E	46. D	59. C	72. A	85. C	98. E	111. E	124. B	137. C	150. D
8. B	21. D	34. B	47. C	60. D	73. C	86. A	99. C	112. E	125. E	138. C	151. D
9. A	22. A	35. D	48. A	61. C	74. A	87. E	100. B	113. D	126. A	139. D	152. D
10. D	23. A	36. A	49. C	62. D	75. E	88. E	101. A	114. E	127. E	140. A	
11. E	24. A	37. C	50. C	63. A	76. B	89. E	102. E	115. D	128. D	141. D	
12. C	25. D	38. C	51. C	64. B	77. A	90. A	103. C	116. D	129. E	142. E	
13. C	26. D	39. A	52. E	65. E	78. E	91. A	104. D	117. D	130. C	143. C	



Anotações:

MEDIMAIIS 1

» Semântica

○ 1. (UFN)

Gaste tudo em uma aventura de amor

Esqueça a recomendação óbvia dos especialistas e torre sua conta inativa do FGTS em uma viagem romântica

01 Vou contrariar os sensatos conselhos dos economistas
02 de plantão. Essa laminha da conta inativa do FGTS, fruto do
03 seu bíblico e sagrado suor, deve ser gasta com uma viagem
04 de amor.

05 No mínimo com um piquenique no domingo do par-
06 que, um combo cinema+jantar romântico, algo que você
07 não faz com a dita pessoa amada/amante há muito tempo.

08 Sei que pagar dívidas, como recomendam as frias ma-
09 rionetes da racionalidade, seria o correto. Que tal esquecer
10 o banco e os credores apenas por um momento na vida e
11 fazer uma loucura? Uma loucurinha, afinal, a considerar a
12 média, a maioria dos trabalhadores receberá pouca grana.

13 Será inesquecível. Depois você corre atrás, qual um
14 Usain Bolt da sobrevivência, e cobre ou rola a dívida. Haja
15 irresponsabilidade do cronista – mestre em desastres fi-
16 nanceiros e portador de um delirante capital amoroso,
17 como sopraria neste momento o poeta e psicanalista Hélio
18 Pellegrino. Uma loucurinha, eis a pedida.

19 O amor acaba, amigo(a), mas uma viagem, um piparote
20 na rotina, *plaft*, seja a Paris ou a Poços de Caldas, levanta a
21 moral da história. Vamos viver apenas para saldar dívidas
22 com banqueiros?

23 No fundo, no fundo, com ou sem garantia, uma graça
24 com o moço ou com a moça, uma besteirinha de amor, é
25 o que vale. O resto não passa de um extrato para simples
26 conferência. A vida não é um boleto, meu caríssimo mão-
27 -de-vaca. Sim, ótimo se der para saldar a dívida externa
28 com o afortunado banqueiro e ainda bancar um mimo nas
29 artes bambuais do kama-sutra amoroso. Seja com cham-
30 panhe ou fazendo boiar a maçã do desejo de uma sydra.

31 Vale o estrago. Vale tirar esse jogo da retranca rotineira
32 do eterno empate das contas a pagar com o orçamento.
33 Você não morrerá rico, velho amigo, por causa de mais
34 uma recuada financeira com o que restou no fundo do
35 pote de um suor antigo deveras suado para enriquecer gordís-
36 simos patrões de outrora.

37 Que me desculpem os economistas que desprezam o ro-
38 mantismo nessa hora, mas pagar as contas e esquecer a dívi-
39 da interna com o amor caseiro não é um bom investimento. A
40 vida irá cobrar juros mais caros depois na hora do adeus. Não
41 existe responsabilidade fiscal no amor, meu velho.

42 Amor trepidante e sem rotina acaba, imagina a triste-
43 za de amor que não anda, não sai do canto. Amor parado
44 cria o inevitável lodo escorregadio do abandono ou do fim
45 inercial propriamente dito. “Te alui, criatura”, como berra
46 a linda advertência em nordestinês fluente. Melhor, digo,
47 menos pior, ter o nome sujo no Serasa – morte a crédito –
48 do que chorar as impagáveis lágrimas de um pé-na-bunda.

(Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/10/opinion/14891698_47_373697.html).

Marque verdadeiro (V) ou falso (F) para as afirmações abaixo, relacionando-as com o texto.

() A palavra “laminha” (l.02) indica algo que é pouco, que é resto, coisa sem importância, tendo sentido mais negativo.

() A palavra “loucurinha” (l.18) indica algo pequeno, sem muito impacto, que não faz mal, tendo sentido mais negativo.

() A palavra “caríssimo” (l.26) indica algo pelo que se tem muito apreço, que tem muito valor, que desperta muito carinho, tendo sentido mais positivo.

() A palavra “gordíssimos” (l.35-36) indica algo ou alguém que está com excesso de peso, que acumula, tendo sentido mais negativo.

A sequência correta é:

a) F - V - F - V

b) F - F - V - V

c) V - F - F - V

d) F - V - V - F

e) V - F - V - F

○ 2. (UFN)

Colunista

Gilles Lapouge
(Correspondente em Paris)

Tradução: Roberto Muniz

UM TRAJE POLÍTICO

01 E o que é o ‘burkini’? Confesso que ignorava sua exis-
02 tência até estes últimos dias, quando prefeitos de algu-
03 mas cidades o proibiram.

04 Como todo mês de Agosto, a França vai à praia. De Saint
05 Tropez, no sul, a Dauville, no norte, todo mundo está na areia,
06 sob o sol dourado e o céu azul. Em suma, o paraíso. Mas,
07 neste ano, surgiram problemas no paraíso. O responsável: o
08 “burkini”. E o que é o “burkini”? Confesso que ignorava sua
09 existência até estes últimos dias, quando prefeitos de algu-
10 mas cidades o proibiram. Trata-se de um traje de banho. Mas
11 que ninguém confunda “burkini” com biquíni, este, o maiô de
12 duas peças que permite admirar a pele das mulheres. Na ver-
13 dade, o “burkini” é o contrário: esconde a pele. “Burkini” é um
14 maiô islâmico composto de uma túnica, com mangas longas,
15 usada sobre uma calça que vai até os pés. Completando o
16 traje, há uma touca que só deixa ver o rosto.

17 O “burkini” foi inventado em 2003 por uma australiana
18 de origem libanesa que fez fortuna. A sacada do traje é
19 permitir às muçulmanas respeitar os preceitos do Alcorão
20 enquanto usufruem os prazeres da praia. Mas pode-se ver
21 o “burkini” com outros olhos, os da política. Esses são os
22 olhos dos prefeitos que proibiram o traje. São também os
23 do premiê Manuel Valls, que aprovou a proibição.

24 Na verdade, a ofensiva da França contra o “burkini” faz
25 parte da luta de morte que o país declarou contra o terro-
26 rismo após os atentados do Estado Islâmico: ataque contra
27 o Charlie Hebdo, massacre de 14 de julho, em Nice, etc. O
28 argumento é claro: a França é um país laico, que proíbe a



29 exibição em público de qualquer sinal de crença religiosa.
30 Se queremos combater o terrorismo, é preciso proibir as
31 mulheres de usar “burkini”.

32 Na França, algumas manifestações apoiaram essa nova
33 batalha contra o fanatismo (não muitas). Mas, no exterior, o
34 clima é de estupefação. A França decidiu legitimamente en-
35 frentar os assassinos do El. Mas, daí a incluir o “burkini” no
36 arsenal jihadista, só o cérebro de um francês para bolar tal
37 besteira! O sisudo New York Times rolou de rir: “A França aca-
38 ba de descobrir a última ameaça a sua segurança: o ‘burkini’”.

39 Os britânicos foram mais cáusticos. Para o Telegraph, “é
40 de uma estupidez granítica, um ato de fanatismo”. O Guar-
41 dian pergunta o que é mais perigoso, “um maiô que esconde
42 os seios e as nádegas ou um biquíni que mostra o contorno
43 dessas nádegas”.

44 Entre os estrangeiros que aprovaram o comportamento
45 inflexível da França estão algumas vozes muçulmanas. Por
46 exemplo, o egípcio Aalam Wassef, editor e escritor. Para ele,
47 o “burkini” mostra o avanço das ideias wahabitas no Oci-
48 dente, sendo o wahabismo uma doutrina raivosa nascida
49 na Arábia Saudita, mais conhecida no Ocidente como sala-
50 fismo – o mesmo salafismo que está por trás das pregações
51 fanáticas.

52 “Em 2016”, escreveu Wassef, “uma mulher saudita não
53 pode andar desacompanhada de um homem, tem de co-
54 brir todo o corpo e não dirige. Seu comportamento em
55 público e sua aparência são os parâmetros pelos quais se
56 afirma a dignidade do marido.” A análise de Wassef expli-
57 ca que os movimentos feministas franceses são na maioria
58 hostis ao “burkini”.

59 Isso traz algumas complicações. Ocorre que muitos
60 movimentos feministas são de esquerda e defendem a in-
61 tegração dos muçulmanos na França, além da tolerância
62 com as minorias. Mas as feministas, como mulheres, não
63 podem aprovar esse traje, que é a marca da condição hu-
64 milhante das mulheres na Arábia Saudita.

65 A análise de Wassef é lógica e justa. Não podemos dei-
66 xar de denunciar o obscurantismo e o antifeminismo de-
67 gradante que se esconde por trás do uso do “burkini” nas
68 praias francesas. Mas seria isso uma razão para se acredi-
69 tar que o fato de algumas mulheres, em lugar do biquíni,
70 usarem o “burkini”, abra caminho para massacres?

Fonte: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,um-traje-politico,10000070238>>.
Acessado em 18 Agosto 2016.

Conforme o trecho “Na França, algumas manifestações apoiaram essa nova batalha contra o fanatismo (não muitas). Mas, no exterior, o clima é de estupefação. A França decidiu legitimamente enfrentar os assassinos do El.”, assinale a alternativa abaixo que melhor define o sentido da palavra “estupefação” (l. 34).

- a) indecisão
- b) assombro
- c) adormecimento
- d) respeito
- e) atrapalhação

Anotações:

3. (UFN 2020)

A Linguagem da Depressão

por Maria Clara Drummond, 13.08.2019.

01 “Apesar de tudo de bom que vem acontecendo comigo,
02 com tudo que já conquistei, eu me sinto há alguns anos
03 triste”, escreveu Whindersson Nunes, o maior youtuber do
04 Brasil, em abril de 2019. Em uma sequência de 16 posta-
05 gens, ele revelou sofrer de depressão aos mais de 11 mi-
06 lhões de seguidores que mantém no Twitter, surpreenden-
07 do quem se acostumou a vê-lo sorrindo e contando piada
08 nas redes sociais. “Eu tenho tanto medo, tanto medo de
09 decepcionar, que fico preso em mim mesmo. Foda-se o di-
10 nheiro, os números, eu não sinto tanta vontade de viver”,
11 escreveu.

12 Seu relato, que poderia ser uma confissão íntima, des-
13 sas feitas no divã do analista ou a amigos e familiares muito
14 próximos, é apenas um dos milhares de desabafos públi-
15 cos compartilhados na internet, com cada vez mais frequ-
16 ência, por pessoas que sofrem de doenças mentais. Segun-
17 do dados do Ministério da Saúde, divulgados em 2018, o
18 suicídio – desfecho trágico de quem enfrenta quadros mais
19 severos – cresceu 18% de 2007 a 2016 e já é a quarta causa
20 mais frequente de morte entre brasileiros de 15 a 29 anos.

21 Na tentativa de entender melhor o problema, especia-
22 listas têm se dedicado a decifrar a linguagem da depressão,
23 um padrão de discursos que aparece na comunicação de
24 quem enfrenta a doença. Além de adjetivos e advérbios ne-
25 gativos, o que mais denota o vocabulário dos deprimidos
26 é o alto uso de pronomes na primeira pessoa do singular
27 (“eu”) e a predileção por palavras com conotação absoluta,
28 como “sempre”, “nunca”, “nada” e “completamente”, que
29 revelam um universo maniqueísta e sem nuances, em que
30 é extremamente difícil enxergar soluções.

31 Tal padrão pode ser identificado em registros muito an-
32 teriores à invenção do Twitter. Em um texto publicado em
33 *Diários de Sylvia Plath: 1950-1962*, um calhamaço de mais de
34 mil páginas que pautou o estudo da linguagem da depres-
35 são no mundo inteiro e revela um pouco do que se passava
36 na cabeça da poeta americana que se matou aos 30 anos,
37 ela escreve: “Desanimada, incompetente, despreparada. En-
38 trei na banheira quente, fiquei de molho sentindo o calor
39 revigorante, eliminando as dores do meu sistema. Vivo pela
40 metade? Ando tão cansada. Sempre a ideia de que poderia
41 fazer tudo melhor, e eu poderia mesmo”. Salvo pela sofisti-
42 cação literária, é fácil notar a semelhança de seu desabafo,
43 escrito há quase 70 anos, e o relato de Whindersson, posta-
44 do em 2019.

45 Eu, robô

46 Se antes as análises linguísticas desse campo de estu-
47 do eram feitas manualmente, hoje isso pode ser feito por
48 meio de algoritmos que não só reconhecem padrões como
49 também oferecem ajuda a quem está em risco.

50 Desenvolvido por psiquiatras e programadores brasilei-
51 ros e lançado em fevereiro deste ano, o Algoritmo da Vida
52 é um deles e age exclusivamente no Twitter. Funciona da
53 seguinte forma: primeiro, a ferramenta rastreia sequências
54 de palavras e expressões para identificar os padrões. De-
55 pois, é realizada uma checagem cuidadosa por uma equipe
56 treinada, que considera contexto, ironias, recorrência de
57 termos e periodicidade. Quando confirmados os indícios
58 da doença, um perfil criado especificamente para a ação
59 e administrado por um time formado com o auxílio de
60 psiquiatras entra em contato com o usuário por meio de



61 uma mensagem privada e indica a ajuda do CVV (Centro de
62 Valorização da Vida). Desde que foi lançada, a iniciativa da
63 empresa brasileira de tecnologia Byzsys já detectou quase
64 300 mil menções e contactou 20% dos usuários responsá-
65 veis por elas. Desses, 40% acessaram o link do site do CVV
66 enviado – ou seja, 24 mil pessoas já foram impactadas pelo
67 serviço. “O algoritmo está focado em ajudar pessoas em
68 risco e o discurso de quem pensa em tirar a própria vida
69 costuma ser ambíguo, mas sempre denota desesperança”,
70 afirma Daniel Barros, consultor do projeto e professor da
71 Faculdade de Medicina da USP. [...]

Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/depressao-algoritmos-identificam-sintomas-da-doenca-atraves-deanalise-no-twitter>

Em relação aos elementos da linguagem que identificam a depressão, marque V (verdadeiro) ou F (falso) nas afirmativas dadas.

- () Na fala de Whindersson, os adjetivos com sentido negativo são “triste” e “medo”.
- () Na fala de Sylvia Plath, os adjetivos com sentido negativo são “desanimada” e “revigorante”.
- () Nas falas de Whindersson e Sylvia, não há advérbios de valor negativo.
- () Nas falas de Whindersson e Sylvia, é possível identificar “tudo” como uma palavra de conotação absoluta.
- () Nas falas de Whindersson e Sylvia, é possível identificar substantivos com sentido negativo, tais como “medo” e “dores”.

A alternativa que apresenta a sequência correta é

- a) F – V – F – V – F
b) V – F – V – F – V
c) F – F – V – V – F
d) V – V – V – F – F
e) F – F – F – V – V

Anotações:

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 4 e 5.

A verdade cruel e inútil

J. J. CAMARGO

01 Edmond Ryan era um velho, antigo plantador de milho
02 aposentado, viúvo e solitário [...]. Com um tumor agressivo
03 de pleura, descoberto em fase avançada, estava certamente
04 vivendo seus últimos poucos meses. Fomos vê-lo num final
05 de tarde e ele parecia mais animado com a ideia de ir para
06 casa no dia seguinte. Quando o oncologista lhe entregou a
07 receita, ele quis saber a utilidade de cada medicamento.
08 Informado de que eram analgésicos, médios e fortes, ele
09 argumentou:
10 – Acho que não precisava tanto, doutor. Eu me considero
11 uma rocha para dor!
12 E então o oncologista encerrou a discussão:
13 – O senhor não subestime a dor da invasão das costelas que
14 é o que o senhor vai descobrir quando este tumor chegar lá!
15 A bochecha do seu Edmond ainda tremia quando saímos
16 do quarto. Desconfortável, questionei o professor dizendo
17 que o Edmond provavelmente não iria dormir naquela noite,
18 mas ele foi lacônico:
19 – Fazê-lo dormir é a função do benzodiazepínico, não minha!
20 Na manhã seguinte, nevava lá fora, e antes de entrar no
21 bloco cirúrgico, fui me despedir daquele velhinho de cara fofa,
22 que se anunciara uma rocha, antes de descobrir que as pa-
23 lavras desprovidas de afeto podem ser uma britadeira cruel.
24 Tentei confortá-lo, mas o olho estava vazio. Quis então saber
25 se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudá-lo.
26 Ele tomou minhas duas mãos e se despediu:
27 – Volte para o Brasil e seja feliz. Este lugar aqui é muito
28 frio para você.

Adaptado de: <https://bit.ly/2lJqKD5>. Acesso em 19 abr. 2019.

○ 4. (PUCRS) Considere as seguintes palavras retiradas do texto:

1. receita (linha 07)
2. rocha (linhas 11 e 22)
3. discussão (linha 12)
4. britadeira (linha 23)
5. vazio (linha 24)
6. frio (linha 28)

As palavras _____ têm sentido figurado no texto.

- a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1, 3, 5 e 6.
c) 2, 3, 4 e 5.
d) 2, 4, 5 e 6.

○ 5. (PUCRS) Assinale a alternativa em que a proposta de alteração da ordem das expressões do texto provocaria mudança de sentido.

- a) “verdade cruel e inútil” (título) – cruel e inútil verdade
b) “tumor agressivo” (linha 02) – agressivo tumor
c) “fase avançada” (linha 03) – avançada fase
d) “palavras desprovidas” (linha 23) – desprovidas palavras



○ 6. (PUC)

Da Minha Aldeia

Da minha aldeia vejo o quanto da terra se pode ver
[do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra
[qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui da minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista a chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para
[longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os
[nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza
[é ver.

Alberto Caetano/PESSOA, Fernando. O Guardador de Rebanhos, In: Poemas de Alberto Caetano. Lisboa: Ática. 1946.

Os sentidos sugeridos pelo poema se fundamentam em torno do campo semântico relacionado ao verbo “ver” – “vista”, “olhar”, “olhos” –, que:

- a) banaliza a experiência de ver o mundo.
- b) enaltece a riqueza das paisagens urbanas.
- c) orienta a oposição entre aldeia e cidade.
- d) cria o paradoxo: aldeia = restrito; cidade = amplo.

○ 7. (PUCRS 2021)



Disponível em: <http://floripasustentavel.com.br/>. Acesso em: 04 maio 2020.

Assinale a alternativa **incorreta** sobre os recursos linguísticos do outdoor do Movimento Floripa Sustentável.

- a) A forma verbal “vira” poderia ser substituída corretamente por “transforma”.
- b) A função da linguagem predominante é a conativa.
- c) O verbo “parar”, no slogan, está empregado tanto no sentido conotativo quanto no denotativo.
- d) A utilização do pronome “seu”, em “seu dinheiro”, torna direta a relação com o interlocutor.

○ 8. (UPF) O filósofo e romancista Umberto Eco concedeu uma entrevista ao Jornal *El País* em março de 2015, pouco menos de um ano antes de sua morte. Na ocasião, o escritor falou sobre o conteúdo de seu último romance, *Número Zero*, uma ficção sobre o jornalismo inspirada na realidade e sobre as relações da temática da obra com a atualidade: o papel da imprensa, a Internet e a sociedade.

Pergunta: Agora a realidade e a fantasia têm um terceiro aliado, a Internet, que mudou por completo o jornalismo.

Resposta: A Internet pode ter tomado o lugar do mau jornalismo... Se você sabe que está lendo um jornal como EL PAÍS, La Repubblica, Il Corriere della Sera..., pode pensar que existe um certo controle da notícia e confia. Por outro lado, se você lê um jornal como aqueles vespertinos ingleses, sensacionalistas, não confia. Com a Internet acontece o contrário: confia em tudo porque não sabe diferenciar a fonte credenciada da disparatada. Basta pensar no sucesso que faz na Internet qualquer página web que fale de complôs ou que invente histórias absurdas: tem um acompanhamento incrível, de internautas e de pessoas importantes que as levam a sério.

Pergunta: Atualmente é difícil pensar no mundo do jornalismo que era protagonizado, aqui na Itália, por pessoas como Piero Ottone e Indro Montanelli...

Resposta: Mas a crise do jornalismo no mundo começou nos anos 1950 e 1960, bem quando chegou a televisão, antes que eles desaparecessem! Até então o jornal te contava o que acontecia na tarde anterior, por isso muitos eram chamados jornais da tarde: Corriere della Sera, Le Soir, La Tarde, Evening Standard... Desde a invenção da televisão, o jornal te diz pela manhã o que você já sabe. E agora é a mesma coisa. O que um jornal deve fazer?

Pergunta: Diga o senhor.

Resposta: Tem que se transformar em um semanário. Porque um semanário tem tempo, são sete dias para construir suas reportagens. Se você lê a Time ou a Newsweek vê que várias pessoas contribuíram para uma história concreta, que trabalharam nela semanas ou meses, enquanto que em um jornal tudo é feito da noite para o dia. Um jornal que em 1944 tinha quatro páginas hoje tem 64, então tem que preencher obsessivamente com notícias repetidas, cai na fofoca, não consegue evitar... A crise do jornalismo, então, começou há quase cinquenta anos e é um problema muito grave e importante.

Pergunta: Por que é tão grave?

Resposta: Porque é verdade que, como dizia Hegel, a leitura dos jornais é a oração matinal do homem moderno. E eu não consigo tomar meu café da manhã se não folheio o jornal; mas é um ritual quase afetivo e religioso, porque folheio olhando os títulos, e por eles me dou conta de que quase tudo já sabia na noite anterior. No máximo, leio um editorial ou um artigo de opinião. Essa é a crise do jornalismo contemporâneo. E disso não sai!

Pergunta: Acredita de verdade que não?

Resposta: O jornalismo poderia ter outra função. Estou pensando em alguém que faça uma crítica cotidiana da Internet, e é algo que acontece pouquíssimo. Um jornalismo que me diga: “Olha o que tem na Internet, olha que coisas falsas estão dizendo, reaja a isso, eu te mostro”. E isso pode ser feito tranquilamente. No entanto, ainda pensam que o jornal é feito para que seja lido por alguns velhos senhores – já que os jovens não leem – que ainda não usam a Internet. Teria que se fazer um jornal que não se torne apenas a crítica da realidade cotidiana, mas também a crítica da realidade virtual. Esse é um futuro possível para um bom jornalismo.

(EL PAÍS. Caderno cultura. 30 de março de 2015. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html. Acesso em 10 abr. 2016)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Assinale a única alternativa cuja oposição temática não se faz presente no texto.

- a) Moderno x antigo.
- b) Religiosidade x ateísmo.
- c) Realidade x fantasia.
- d) Neutralidade x criticidade.
- e) Seriedade x sensacionalismo.

Instrução: responda às questões 9 e 10 com base no texto abaixo.

O Facebook como espelho

01 Ainda me lembro da época em que o público de um
02 espetáculo musical estava lá para ouvir música, talvez para
03 cantar e dançar, certamente não para fotografar e ser fotogra-
04 fado. Silenciosamente algo mudou. A popularização das câma-
05 ras e das redes de compartilhamento parece ter despertado
06 até nos mais tímidos uma compulsão por mostrar tudo o que
07 é vivido, mesmo que seja um acontecimento banal.

08 “Se não fotografou e não publicou, então não existe.”
09 O exibicionismo é expresso em páginas, *video casts*, perfis
10 e linhas do tempo que parecem relatórios clínicos de narcis-
11 sistas compulsivos, em suas várias formas: fotografias com
12 caras e bocas, opiniões rasas a respeito de praticamente
13 tudo, vídeos em que nada de interessante acontece e a triste
14 alegria coletiva com o grotesco e a humilhação. A exposição
15 é razoavelmente recente. Uma das primeiras autobiografias
16 dedicadas ao registro do cotidiano é *Confissões*, de Rousseau.
17 Arrojado e provocador para o século 18, o iluminista francês
18 ficaria chocado com o tamanho da exibição de hoje. Desde
19 os anos 1980, quando yuppies, computadores pessoais e o
20 culto ao corpo abriram canais para a expressão individual, o
21 particular é cada vez mais público e amplificado.

22 Celulares e redes de compartilhamento transformaram
23 os 15 minutos de fama em uma espécie de *Show de Truman*
24 universal em que registros banais e confissões diversas torna-
25 ram todos um pouco inseguros, verificando a composição de
26 sua figura no espelho do Facebook e corrigindo seu discurso e
27 conduta de acordo com as menções e aprovações recebidas.

28 Nem o Narciso mitológico seria tão autocentrado.
29 Aquele que morreu afogado ao se apaixonar por sua figura
30 refletida em um espelho d'água poderia argumentar que não
31 sabia que via um reflexo. Como muitos usuários de redes so-
32 ciais, ele se apaixonou por uma tela e sucumbiu ao confun-
33 di-la com a realidade. Essa confusão entre o real e o fictício
34 publicado é uma das faces mais assustadoras do narcisismo
35 digital. Muitos têm uma visão de realidade tão distorcida pela
36 percepção alheia, tão fragmentada e amplificada pelos perfis
37 e grupos a que pertencem que geram especulações maiores
38 do que pode supor sua vã fenomenologia.

39 A vida na vitrine da interface, livre da moderação e da
40 compostura que qualquer grupo social demanda, cria uma
41 gigantesca câmara de eco, em que mensagens são referên-
42 cias de referências de referências, perdendo significado e
43 substância no processo. O sucesso de uma trilogia pornô,
44 derivada de uma fantasia de fã da série *Crepúsculo*, que por
45 sua vez é derivada das clássicas histórias de vampiros, é o
46 exemplo mais recente. Impulsionado pela indicação do ami-
47 go do amigo do amigo nas redes sociais, *50 Tons de Cinza* se
48 transformou no maior *best-seller* do país que um dia foi de
49 Shakespeare e Charles Dickens.

50 Há uma certa melancolia na situação. Ambientes que
51 permitem tanta exposição e manifestação de identidades múl-
52 tiplas demandam coerência de pensamento para que seus ato-
53 res não se tornem reféns das personagens que representam.

54 Sem contar que todo esse egocentrismo é muito,
55 muito chato.

Luli Radfahrer, 11/09/2012, edição 711. Reproduzido do suplemento “Tec” da *Folha de S.Paulo*, 10/9/2012; inter-
título do *OJ*. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed711_o_facebook_como_es-
pelho](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed711_o_facebook_como_es-
pelho)>.

○ 9. (UPF) O texto é construído a partir de paradoxos. A única relação **não** contemplada é:

- a) particular X público.
- b) virtual X real.
- c) superficial X profundo.
- d) moral X imoral.

○ 10. (UPF) Para construir sua proposta argumentativa, o autor do texto faz uso de elementos concretos. Assinale a alternativa cuja relação entre o elemento concreto e a ideia veiculada no texto está **correta**.

- a) Narciso (linha 28) – fama exacerbada.
- b) *Show de Truman* (linha 23) – realidade desmascarada.
- c) *Confissões* (linha 16) – insegurança pública.
- d) *50 Tons de Cinza* (linha 47) – falta de originalidade.
- e) Shakespeare (linha 49) – exibicionismo exagerado.

Instrução: As questões 11 a 13 referem-se ao texto abaixo.

A regra do jogo

01 Volta e meia surge no ar a nostalgia de um tempo em
02 que aparentemente quase tudo podia ser dito sem maiores
03 consequências. Renato Aragão, não sem certa ingenuidade,
04 afirmou em uma entrevista recente que, na época em que
05 *Os Trapalhões* faziam sucesso na TV, negros, gays e gordos
06 não se ofendiam com as piadas – assim como ele próprio
07 não se ofendia com a gozação com os nordestinos.

08 Comediantes, jornalistas, intelectuais, professores, todo
09 mundo reclama do politicamente correto, que teria vindo
10 para complicar a vida de quem escreve, faz humor ou atua
11 em qualquer outra arena do debate público – mesmo que na
12 esfera limitada de uma sala de aula ou de uma rede social.
13 Tudo o que se faz (ou se fez) tornou-se passível de escrutínios
14 e interpretações, muitas vezes equivocados ou mesmo mal-
15 intencionados, e nossa reputação nunca foi tão frágil.

16 Culpa-se genericamente a “carente generalizada” pelo
17 cerceamento da liberdade de se expressar sem se preocu-
18 par em ferir suscetibilidades, e “politicamente correto” tor-
19 nou-se o correspondente da virose no mundo das ideias:
20 uma expressão desacreditada pelo excesso de uso.

21 Seja pela patrulha incansável dos descontentes, seja
22 pela facilidade com que uma faísca vira um incêndio no pa-
23 lheiro das redes sociais, o debate público tornou-se mes-
24 mo mais complexo e polifônico: não há rei da cocada preta
25 que possa dizer o que lhe der na telha sem sofrer consequ-
26 ências imediatas. Na época dos *Trapalhões*, admitindo-se
27 que uma pequena parte dos espectadores ficasse ofendi-
28 da com as piadas, essa minoria teria pouca ou nenhuma
29 chance de se manifestar.

30 Hoje todo mundo tem um trombone no bolso, e há
31 boas chances de que um anônimo indignado consiga obri-
32 gar uma celebridade a vir a público para pedir desculpas
33 pelo que disse ou fez. Goste-se ou não, é do jogo. Reações
34 acaloradas são do jogo, assim como decidir ignorá-las.

35 Leituras equivocadas são do jogo. Reclamações, xinga-
36 mentos, abaixo-assinados e processos são do jogo – por
37 mais absurdos e sem cabimento que possam parecer. O
38 que não é do jogo e não pode ser tolerado é o uso da vio



39 lência e qualquer reação que saia do plano das ideias para
40 o plano da porrada ou da coerção.

41 Nos últimos dias, houve quem achasse oportuno com-
42 parar-se às vítimas do Charlie Hebdo por ter sofrido conse-
43 quências por suas opiniões – sem que a República tivesse
44 saído às ruas em sua defesa, ou muito antes pelo contrário.
45 O argumento marcha mais ou menos da seguinte forma:
46 onde estavam vocês, defensores da liberdade de expressão,
47 quando fui espinafado? Ora, batatas, no mesmo lugar!

48 Defender a liberdade de expressão não significa, ob-
49 viamente, lavar em cartório um contrato abrindo mão de
50 fazer críticas a quem pensa diferente ou usa um tipo de
51 linguagem considerado ofensivo.

52 Pelo contrário: liberdade de expressão serve exata-
53 mente para isso, para que todos possam ser cobrados, cri-
54 ticados, esculhambados até, pelo que dizem ou pelo que
55 fazem – respeitados os limites da lei. Não sabe brincar, não
56 desce pro *play*.

Cláudia Laitano, Zero Hora, 17 jan. 15. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/01/claudia-laitano-a-regra-do-jogo-4682839.html>>. Acesso em: 20 mar. 15. Adaptado.

○ 11. (UCS) Com base no texto, analise as proposições a seguir, quanto à veracidade (V) ou falsidade (F), em relação ao emprego de elementos linguísticos.

() O fragmento **muitas vezes** (linha 14) pode ser substituído, sem comprometimento de sentido, por *frequentemente*.

() O substantivo **suscetibilidades** (linha 18) pode ser substituído, sem comprometimento de sentido, por *fragilidades*.

() O advérbio **mesmo** (linha 24) pode ser substituído, sem comprometimento de sentido, por *de fato*.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente os parênteses, de cima para baixo.

- a) V - V - V
- b) V - V - F
- c) F - V - V
- d) F - V - F
- e) V - F - V

○ 12. (UCS) Assinale a alternativa em que o termo presente na segunda coluna melhor substitui no texto o da primeira coluna, mantendo-se a sinonímia a mais aproximada possível.

- a) **equivocados** (linha 14) *diferenciados*
- b) **cerceamento** (linha 17) *impedimento*
- c) **correspondente** (linha 19) *renitente*
- d) **incansável** (linha 21) *profunda*
- e) **polifônico** (linha 24) *difuso*

Anotações:

○ 13. (UCS) Com base no texto, analise as proposições a seguir, quanto à veracidade (V) ou falsidade (F), em relação ao emprego de elementos linguísticos.

() O fragmento **lavar em cartório um contrato** (linha 49) denota a ideia de tornar uma decisão oficial e definitiva.

() O fragmento **Pelo contrário** (linha 52) introduz a ideia de que a liberdade de expressão tolera a violência.

() O fragmento **para isso** (linha 53) contraria a ideia de defesa da liberdade de expressão.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente os parênteses, de cima para baixo.

- a) V - F - F
- b) V - V - F
- c) F - F - F
- d) F - V - V
- e) F - F - V

○ 14. (UCPEL)

Pingo

01 Passava de 22h, quando o casal, que vinha do cinema,
02 viu no meio-fio uma pequena forma escura, sobre a qual
03 se debruçavam três moças.

04 A rua era tranquila, dessas que, mesmo desembocan-
05 do em outras de agudo movimento, conservam sua pla-
06 cidez de província, alheias a toda emoção fora de pauta.
07 Um ponto escuro na calçada, àquela hora de domingo, e a
08 presença de moças em torno constituíam, pois, algo extra-
09 ordinário, cuja importância o casal intuiu devidamente.

10 A pequena sombra movia-se. Era gente, mantinha a ca-
11 beça baixa, e suas mãos de menino tenro lidavam com um
12 caixotinho que iam convertendo em gravetos. Parecia muito
13 preocupado com a tarefa, de sorte que se manteve alheio à
14 exposição feita por uma das moças, moradora na vizinhança.

15 Contava ela que, passando com duas amigas, também
16 fora atraída pela coisinha movediça, no recanto menos ilu-
17 minado da rua. Aproximando-se, pôs-se a observar o garo-
18 to, que tremia de frio, mas não abandonava seu trabalho.
19 Perguntou-lhe por que estava ali, já tarde, solito, desman-
20 chando tabuinhas. E ele, que não se revelou amigo de con-
21 versa, a custo, foi soltando sua explicação.

22 O pai deixara-o naquele ponto, recomendando-lhe
23 que não saísse do lugar. Tinha que fazer e voltaria mais
24 tarde para buscá-lo.

25 - E para onde foi seu pai?

26 - Eu é que sei?

27 - A que hora ficou de voltar?

28 - Não disse.

29 - E você vai ficar aí jogado até que ele volte?

30 - Fico fazendo lenha, ué.

31 A moça viu logo que a primeira providência era dar ali-
32 mento e agasalho ao guri. Foi a casa, correndo, trouxe um
33 saco de biscoitos e um suéter tanto mais admirável quanto
34 estava exatamente na medida, como feito na previsão de
35 uma criança de cinco anos, que fosse encontrada ao aban-
36 dono, em noite de frio, na calçada.

37 Ele se deixou vestir, comeu com gosto e sem pressa.
38 Mas, enquanto comia, procurava despregar mais uns pe-
39 dacinhos de madeira.

40 A moça pensou em recolhê-lo em casa, à espera dos
41 acontecimentos. Mas se o pai viesse e não encontrasse o



42 garoto no meio-fio, como restituí-lo? Nessa fiúza, estavam
43 já havia uma hora. Por outro lado, era estranho aquele pai
44 que assim deixava o filho atirado na rua, ao relento, sem
45 explicação. Voltaria? Nunca mais, talvez.

46 Restava o recurso de tomar um carro e ir campear o
47 barracão do menino, mas ele falava em sítios confusos, pa-
48 recendo incapaz de localizá-los, ou pouco disposto a isso.
49 Apelar para a Delegacia ou o Juízo de Menores, àquela hora
50 da noite, seria inútil. Na pior hipótese, a moça o guardaria
51 em casa, e amanhã se dá um jeito.

52 Examinava-se o que convinha fazer, em definitivo, quan-
53 do outro grupo assomou à esquina, e, vendo o ajuntamen-
54 to, dele se aproximou. Eram domésticas e operárias, que
55 vinham rindo, satisfeitas com o domingo bem vivido, ou por
56 coisa nenhuma. Curvando-se, reconheceram logo um irmão:

57 - É o Pingo!

58 Era Pingo, amigo de todas, domiciliado na Praia do Pinto.
59 Pai? Não tinha pai, pelo menos que alguma delas soubesse.
60 A mãe era lavadeira, e Pingo gostava de sair à aventura, per-
61 correndo mundo. Pingo é muito levado, tem imaginação.

62 Então a moça samaritana pediu às vizinhas de Pingo
63 que o levassem. Elas concordaram, e Pingo não fez opo-
64 sição. Queria apenas carregar as tabuinhas com que faria,
65 em casa, um grande fogo. Juntaram-se os fragmentos, e
66 o bando partiu com a mesma algazarra feliz, comboiando
67 Pingo de suéter novo, com as tabuinhas e os biscoitos re-
68 manescentes na mão.

69 - Você vai para o céu, lolanda! - comentou o casal, a
70 uma voz.

71 Mas lolanda seguia com os olhos o grupo de raparigas
72 e se preocupava. "Essa gente é meio maluca, sei lá se elas
73 levam mesmo o garoto para casa?"

ANDRADE, Carlos Drummond de. Prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Na linha 42, a palavra "fiúza" só **não** pode ser entendida como:

- a) palpite inconsistente.
- b) debate incômodo.
- c) planificação recíproca.
- d) argumento sem base.
- e) discussão estéril.

Instrução: Para responder à questão de número 15 considere o texto abaixo.

Retrato de Portinari

01 Com o próximo casamento e partida para a Europa
02 de minha filha Susana, andei arquitetando um meio de
03 extorquir-lhe o meu retrato feito por Candinho Portinari
04 em 1938, que ora lhe pertence, de que muito gosto e que
05 deve ter, aliás, na obra do pintor, uma certa importância,
06 pois foi o primeiro, ao que eu saiba, realizado com inte-
07 ra liberdade, depois da grande série de "retratos sociais"
08 (chamemo-los assim sem qualquer desdouro, nem para o
09 artista, nem para os retratados) que ele andou pintando de
10 alguns membros ilustres de nossa sociedade e de nossa in-
11 teligência. Lembra-me mesmo que, ao me propor fazê-lo,
12 sabendo que eu estava de partida para a Inglaterra, Candi-
13 nho sugeriu-me, com aquela eterna rabugice sua, que eu o
14 deixasse pintar livremente, pois estava um pouco cansado
15 do gênero de retratos que fazia e que tanto afagavam a
16 vaidade da maioria dos retratados. Sei que em duas poses,
17 em sua antiga casa das Laranjeiras, o retrato estava pronto
18 e era como se se respirasse um novo ar dentro dele. Dias
19 depois, estando eu no cais para embarcar em minha pri-

20 meira grande viagem, chega ele sobraçando o retrato, que
21 me vinha oferecer.

22 A razão por que eu andei arquitetando extorquir o retrato
23 a minha filha é simples: é que a minha Bem-Amada foi tam-
24 bém retratada por Portinari nessa fase a que chamei "social",
25 e eu muito gostaria de ver um dia nossos retratos juntos na
26 parede, as técnicas brigando um pouco, no egoísmo do seu
27 amor filial. Cheguei mesmo à baixaza - sabendo que ela an-
28 dava precisada de um dinheirinho para as miudezas do seu
29 casamento - de propor-lhe comprar o quadro; mas a pro-
30 posta a indignou sobremaneira, coisa que, no fundo, satis-
31 fez também meu orgulho de pai quanto ao seu bom caráter.
32 Sugeri-lhe que ela o deixasse em consignação, durante o que
33 ainda me restar de vida; pois sendo uma jovem de 19 anos, e
34 eu um homem de 45, às portas de tornar-me avô, o normal
35 é que ela facilitasse, diante do pouco que me resta, essa pe-
36 quena satisfação de juntar na mesma parede dois Portinaris
37 que se amam, enquanto a ela caberia muito mais tempo para
38 usufruí-lo. Mas, sem ceder um palmo, a primogênita obser-
39 vou-me que nós, que temos Mello Moraes no sangue, somos
40 gente muito longeva, e pode acontecer que, ao "abotoar o
41 paletó", como se diz por aí, eu esteja na casa dos noventa,
42 como aconteceu com meu avô paterno. Obtemperei-lhe que
43 fumo desde os 14 e bebo uísque desde os 25, além de ou-
44 tras extravagâncias, e que o provável é que as coronárias,
45 ou o fígado, mostrem antes disso os sinais do seu repúdio
46 a esses excitantes. Mas minha filha retrucou-me, no mesmo
47 diapasão, que meu avô fazia pior que isso: comia feijoada e
48 peixadas "caindo de pimenta", na avançada idade de oitenta
49 anos, e que, a fiar-se na minha conversa, ela corria o risco de
50 só entrar em posse do retrato quando macróbica ela própria,
51 o que lhe subtrairia o prazer de dizer-se, enquanto moça,
52 possuidora de um bom Portinari, ainda mais se tratando do
53 retrato do "seu pai".

54 Embora tudo isso me tivesse deixado na maior consterna-
55 ção, suportei com o estoicismo de sempre essa nova prova de
56 rebeldia dos filhos modernos, lembrando-me de que há meio
57 século poderia perfeitamente reaver o retrato com dois ber-
58 ros e uma boa bolacha. Mas não há de ser nada. Pode levar o
59 quadro para Marselha, filhinha... Conte vantagem para suas
60 amigas de que você tem o retrato do seu pai pintado por Por-
61 tinari. Os filhos modernos são assim mesmo - não conhecem
62 mais a beleza da verdadeira devoção filial. Mas também eu
63 lhe digo uma coisa: aproveite rápido do retrato, porque breve
64 essa sopa vai acabar, e o antigo sadio costume da palmatória
65 voltará a prevalecer. E para começo de conversa, me faça o
66 favor de agora em diante só dirigir-se a mim de olhos baixos
67 e tratando-me de "senhor meu pai"!

MORAES, Vinicius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1998.

○ 15. (UCPEL) Na linha 47, a palavra "diapasão" só pode ser compreendida no texto como:

- a) catacumba.
- b) arma.
- c) aparelho de medir cores.
- d) pequena forqueta.
- e) tom.



○ 16. (UPF 2020)

Não existe indústria da multa

O que queremos é um atalho para tornar a nossa vida melhor e que se danem os outros

Não existe indústria da multa. Para provar isso, bastam as estimativas de dois números: a média de erros no trânsito e a quantidade esperada de multas de um condutor.

Cometemos várias infrações no trânsito toda hora: direção acima da velocidade permitida no local, buzina sem razão, troca de faixa sem ligar a seta, falar (ou teclar!) no celular, ultrapassagem pela direita, estacionamento em fila dupla, e muito mais. Vamos ser generosos e estimar em somente dez as infrações diárias de um motorista no Brasil (há variação regional, mas está para nascer um motorista que respeite todas as nossas regras de trânsito). Se uma pessoa dirige 200 dias por ano, isso totaliza 2.000 infrações anuais por condutor. Mas, na média, cada condutor brasileiro recebe duas multas por ano. Isso significa que, a cada mil erros (sendo bem generosos), somente um é punido. Ou seja, a taxa de punição da “indústria da multa” seria de 0,1%.

Nem todas as multas são pagas. Assim, a real relação entre infrações de trânsito e multas pagas seria ainda menor. Vocês conhecem alguma empresa que deixe na mesa 99,9% das suas vendas? Imagine um dentista que consertasse corretamente os dentes de 1 entre 1.000 pacientes. Ou uma fábrica de sapatos na qual 999 de 1.000 fossem defeituosos.

Se existisse indústria da multa, não haveria déficit público no Brasil (exagero, mas não muito). Bastaria colocar agentes de trânsito em qualquer esquina e sair multando todos os carros e suspendendo carteiras de motorista. Depois, seria só colocar empresas atrás dos devedores. A inexistência da indústria da multa não significa que nossas regras de trânsito não possam ser criticadas. Muitas vezes, o Estado usa as multas como medidas punitivas, em vez de educativas. Regras podem (e devem) ser melhoradas, mas ninguém tem o direito de decidir quais regras seguir. (...) Na verdade, o clamor contra essa inexistente indústria reúne tudo de pior do brasileiro: egoísmo, irracionalidade, ignorância e falta de *accountability* – parte falta de responsabilização individual e parte transferência de responsabilidade para outrem.

A indústria da multa é a desculpa perfeita para uma sociedade doente: “Não é minha culpa, não é meu erro, a multa nasceu de uma entidade maligna”. O que queremos é simples: que todos respeitem as leis do trânsito, menos nós. Assim, podemos ver uma fila de carros num afunilamento à direita e irmos na outra pista quase até a junção das pistas, nos jogando no primeiro espaço vazio que aparecer perto dela. “É só um minutinho”, também dizemos quando estamos parados em fila dupla, esperando a filha sair do colégio. Os brasileiros conduzem muito mal, num comportamento de manada que reforça o comportamento ruim dos outros. Talvez seja até impossível respeitar todas as leis do trânsito, quando ninguém o faz. Mas dirigir mal não é o problema. Colocar a culpa nos outros é que é. Não existe indústria da multa, o que queremos, como quase sempre, é um atalho para tornar a nossa vida melhor, e que se danem os outros.

ZEIDAN, Rodrigo. Não existe indústria da multa. Folha de São Paulo, 29/06/2019. Adaptado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rodrigo-zeidan/2019/06/nao-existe-industria-da-multa.shtml>. Acesso em ago. 2018.

Considere o seguinte fragmento, extraído das linhas 26 a 28 do texto:

A inexistência da indústria da multa não significa que nossas regras de trânsito não possam ser criticadas.

A alternativa cuja reescrita **não** está de acordo com o sentido original do texto é:

- a) O fato de não existir indústria da multa não significa que as regras de trânsito estejam isentas de crítica.
- b) A inexistência da indústria da multa não significa que as regras de trânsito estejam necessariamente corretas.
- c) Não existe indústria da multa, mas isso não significa que as regras de trânsito estão erradas.
- d) Não existe indústria da multa, mas isso não significa que as regras de trânsito não estejam erradas.
- e) O fato de não existir indústria da multa não significa que as regras de trânsito não possam ser criticadas.

○ 17. (UPF)

Dizer o que se pensa não é sempre uma qualidade



01 Donald Trump fala o que muitos pensam e não têm co-
02 ragem de dizer, segundo seus eleitores.

03 Cheguei aos EUA em 2016 com Obama na Casa Branca
04 e assisti boquiaberta, poucos meses depois, a uma parcela
05 significativa da nação eleger uma figura no mínimo contro-
06 versiva. Trump parecia imune aos próprios atentados contra
07 os valores americanos. A razão, louvada por tantos de seus
08 eleitores? “Ele fala o que muitos pensam e não têm coragem
09 de dizer.”

10 E ainda faz escola. Já ouvi o mesmo argumento de vá-
11 rios que apoiam presidenciais brasileiros. Como se dizer
12 o que se pensa fosse, de fato, sempre algo louvável. Mas
13 não é.

14 Pensar besteira todo mundo faz, de chegar na mureta
15 do mirante e ponderar que “é só passar a perna por cima e
16 me jogar” ou olhar para o vizinho e pensar que “se eu o em-
17 purrasse, ele teria morte certa”. Evocar associações comuns,
18 como mureta e suicídio, é apenas natural para o cérebro,
19 consequência inevitável do seu aprendizado por repetição.

20 Da mesma forma, num ambiente em que racismo, ho-
21 mofobia e liberdades tomadas com a vida dos outros ainda
22 imperam, onde se cresce ouvindo que negros e índios são
23 isso, gays são aquilo, e onde todo útero grávido é proprie-
24 dade coletiva, insultar é o impulso mental fácil, mesmo que
25 por repetição, e não por crença.

26 Pensamentos também são testes de ações mentais e
27 suas consequências possíveis. Mentalmente, todo mundo
28 um dia xinga a mãe, esbofeteia o vizinho, esfaqueia o mari-
29 do ou profere insultos racistas e homofóbicos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



30 Mas a grande maioria para no pensamento, horrorizada
 31 pela consequência que suas ações mentais teriam na vida
 32 real se executadas ou ditas. Pensamentos terríveis têm essa
 33 utilidade: primatas que somos, com um córtex pré-frontal
 34 expressivo, capaz de reconhecer más ideias e impedi-las
 35 de vir à tona, não precisamos chegar às vias de fato para
 36 aprender a não fazer besteira.

37 Dizer o que "todo mundo pensa mas não ousa dizer",
 38 portanto, não é sinal de coragem, nem de honestidade, mas
 39 apenas de falta de controle pré-frontal – ou de mau caráter
 40 mesmo.

Herculano-Houzel, Suzana [bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)]. Dizer o que se pensa não é sempre uma qualidade. Folha de São Paulo, 14/08/2010. Adaptado. Disponível em: <http://www.brasilagro.com.br/conteudo/dizer-o-que-se-pensa-nao-e-sempre-uma-qualidade.html>. Acesso em 11 ago. 2018)

Em cada uma das alternativas a seguir, são apresentados um trecho do texto "Dizer o que se pensa não é sempre uma qualidade" (Coluna 1) e uma proposta de reescrita desse trecho (Coluna 2). Assinale a alternativa em que essa reescrita está em desacordo com o sentido originalmente proposto.

a)	Donald Trump fala o que muitos pensam e não têm coragem de dizer, segundo seus eleitores. (Linhas 1-2).	Segundo os eleitores de Donald Trump, ele fala o que muitos pensam, mas não têm coragem de dizer.
b)	E ainda faz escola. Já ouvi o mesmo argumento de vários que apoiam presidentiáveis brasileiros. Como se dizer o que se pensa fosse, de fato, sempre algo louvável. Mas não é. (Linhas 10-13)	E ainda faz escola. O mesmo argumento já foi ouvido por mim, dito por vários que apoiam presidentiáveis brasileiros. Como se dizer o que se pensa fosse, de fato, sempre algo louvável. E não é.
c)	Da mesma forma, num ambiente em que racismo, homofobia e liberdades tomadas com a vida dos outros ainda imperam, (...) insultar é o impulso mental fácil, mesmo que por repetição, e não por crença. (Linhas 20-25)	De igual modo, num ambiente em que racismo, homofobia e liberdades tomadas com a vida dos outros ainda imperam, (...) insultar é o impulso mental fácil, uma vez que é motivado pela repetição, e não por crença.
d)	Pensamentos também são testes de ações mentais e suas consequências possíveis. Mentalmente, todo mundo um dia xinga a mãe, esbofeteia o vizinho, esbofeteia o marido ou profere insultos racistas e homofóbicos. (Linhas 26-29)	Um dia, mentalmente, todos xingam a mãe, esbofeteiam o vizinho, esbofeteiam o marido ou profere insultos racistas e homofóbicos, pois pensamentos também são testes de ações mentais e suas consequências possíveis.
e)	Mas a grande maioria para no pensamento, horrorizada pela consequência que suas ações mentais teriam na vida real se executadas ou ditas. (Linhas 30-32)	Horrorizada pela consequência que suas ações mentais teriam na vida real se executadas ou ditas, a grande maioria, no entanto, para no pensamento.

Instrução: Leia o texto abaixo para responder à questão 18.

Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH

01 A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)
 02 manifestou, por meio de nota publicada em 4 de fevereiro,
 03 preocupação quanto à elevada incidência de assassinatos
 04 de mulheres no Brasil no início deste ano. Segundo a comi-
 05 são, 126 mulheres foram mortas em razão de seu gênero
 06 no país desde o início do ano, além do registro de 67 tenta-
 07 tivas de homicídio.

08 A comissão diz que os casos que chegaram a seu conhe-
 09 cimento exigem do Estado a implementação de estratégias
 10 abrangentes de prevenção e reparação integral às vítimas,
 11 além de investigações "sérias, imparciais e eficazes dentro
 12 de um período de tempo razoável", que possibilitem a puni-
 13 ção dos autores dos crimes. Uma das medidas que se fazem
 14 urgentes, segundo a CIDH, é a formação, a partir de uma
 15 perspectiva de gênero, de agentes públicos e pessoas que
 16 prestam serviço público.

17 "A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não
 18 se tratam de um problema isolado e são sintomas de um
 19 padrão de violência de gênero contra elas em todo o país,
 20 resultado de valores machistas profundamente arraigados
 21 na sociedade brasileira", diz a nota.

22 A comissão também faz um alerta para o aumento dos
 23 riscos enfrentados por mulheres em situação de vulnerabi-
 24 lidade por conta de sua origem étnico-racial, orientação se-
 25 xual, identidade de gênero, situação de mobilidade huma-
 26 na, aquelas que vivem em situação de pobreza, as mulheres
 27 na política, jornalistas e mulheres defensoras dos direitos
 28 humanos.

29 "Durante a visita in loco ao país, em novembro de 2018,
 30 a CIDH observou, em particular, a existência de interseções
 31 entre violência, racismo e machismo, refletidas no aumento
 32 generalizado de homicídios de mulheres negras. Ademais, a
 33 comissão vê com preocupação a tolerância social que per-
 34 dura diante dessa forma de violência, bem como a impuni-
 35 dade que continua caracterizando esses graves casos", diz.

36 Na nota, a organização, vinculada à Organização dos
 37 Estados Americanos (OEA), cita o fato de que o Brasil con-
 38 centrou 40% dos feminicídios da América Latina, em 2017.
 39 "A impunidade que caracteriza os assassinatos de mulheres
 40 em razão de seu gênero transmite a mensagem de que essa
 41 violência é tolerada", diz a CIDH.

42 A presidenta da CIDH, Margarette May Macaulay, reco-
 43 nhece o valor da lei que tipifica o feminicídio no Brasil, ao
 44 mesmo tempo que entende ser essencial que as autorida-
 45 des competentes não minimizem a gravidade das queixas
 46 prestadas pelas vítimas. "É inadmissível que mulheres com
 47 medidas protetivas sejam mortas, que não contem com es-
 48 paços seguros", diz Margarette, que também é relatora da
 49 comissão sobre os Direitos das Mulheres.

BOND, Letycia. Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-02/numero-de-assassinatos-de-mulheres-no-brasil-em-2019-preocupa-cidh>. Publicado em 04 de fevereiro de 2019. Adaptado. Acesso em 02 mar. 2019



○ 18. (UPF) Observe o seguinte fragmento, extraído das linhas 17 a 21 do texto:

"A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não se tratam de um problema isolado e são sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país, resultado de valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira", diz a nota.

A alternativa que apresenta uma proposta de reescrita cujo sentido não está em conformidade com o fragmento destacado é:

a) "Os assassinatos de mulheres, segundo enfatiza a CIDH, não se tratam de um problema isolado. São sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país, resultado de valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira", diz a nota.

b) "A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não se tratam de um problema isolado e que são sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país. Resultam de valores machistas com muita expressão na sociedade brasileira", diz a nota.

c) "A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres são sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país, não se tratando de um problema isolado. Esses assassinatos resultam de valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira", diz a nota.

d) "A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres revelam um padrão de violência de gênero em todo o país. Não devendo ser tratados como um problema isolado, eles resultam de sintomas e valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira", diz a nota.

e) Conforme a nota, a CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não se tratam de um problema isolado, sendo sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país, resultado de valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira.

○ 19. (UPF) Sobre o texto "Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH" e as expressões que o compõem, é **incorreto** afirmar:

a) A imparcialidade é a característica do que é imparcial e remete à ideia de equidade e isenção. Imparcial é, portanto, aquele que não favorece um em detrimento de outro, que não tem partido e que julga como deve julgar entre interesses que se opõem. Assim, ao apontar para a necessidade de "investigações sérias, imparciais e eficazes" (linha 11), a CIDH põe em evidência a necessidade de que as investigações não partam de conceitos estabelecidos e de que os envolvidos não tomem por referência concepções pessoais e íntimas.

b) Com diferentes significados, machismo significa tanto a qualidade ou a ação dos modos de macho, dentro de um conceito de valentão e de macheza, quanto o comportamento que tende negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos compreendidos como inerentes exclusivamente ao homem. Remete, também, a uma ideologia segundo a qual o homem domina socialmente a mulher e põe em evidência um exagerado senso de orgulho masculino ou de virilidade. Assim, por analogia, quando refere "valores machistas" (linha 20), o texto faz referência a uma cultura segundo a qual o homem compreende a si mesmo como superior à mulher, que, por isso, deve se colocar em postura de submissão.

c) Vulnerável é a característica daquilo que se pode vulnerar; é o lado fraco ou o ponto por onde alguém revela-se suscetível de ser ferido ou atacado. Assim, a construção "riscos enfrentados por mulheres em situação de vulnerabilidade por conta de sua origem étnico-racial, orientação sexual, identidade de gênero, situação de mobilidade humana, aquelas que vivem em situação de pobreza, as mulheres na política, jornalistas e mulheres defensoras dos direitos humanos" (linhas 23 a 28) mostra-se apropriada, pois aponta que a simples condição de estar em algum desses grupos faz com que a mulher esteja mais suscetível a sofrer algum tipo de violência.

d) Perdurar significa ter caráter muito duro ou intenso. Assim, da menção de que a tolerância social "perdura diante dessa forma de violência" (linhas 33-34), depreende-se que a postura tolerante relacionada à violência de gênero é demasiadamente dura para a sociedade na qual ela se efetiva.

e) Algo é minimizado quando é reduzido ao mínimo ou quando é apresentado de maneira a reduzir a sua importância. Assim, da menção à essencialidade de que as autoridades competentes "não minimizem a gravidade das queixas prestadas pelas vítimas" (linhas 45-46), depreende-se que as queixas ou denúncias feitas pelas mulheres não devem ser recebidas com desconsideração ou indiferença e devem ser recebidas com seriedade e acompanhadas de efetivas ações voltadas à sua segurança.

○ 20. (UFPR)

'Ferrugem': um ótimo nacional encara o cyberbullying

Um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um – e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social. Os amigos e as amigas vão caindo fora; com os pais, ela não consegue falar. Renet, o garoto com quem ela começava a engatar um flerte quando tudo começou, dá as costas a ela. E Tati, interpretada pela ótima novata Tiffany Dopke, de fisionomia suave e jeitinho cativante, sucumbe à pressão.

'Ferrugem', do diretor Aly Muritiba, é um dos pontos altos de uma safra surpreendentemente boa do cinema nacional nos últimos meses (completada ainda por 'Aos Teus Olhos', 'As Boas Maneiras', 'O Animal Cordial' e 'Benzinho'). Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet (o também muito bom Giovanni de Lorenzi) com as consequências do episódio que afetou Tati. Aqui, duas visões morais muito distintas se opõem: a do pai (Enrique Diaz), que quer poupar Renet, e a da mãe (a calorosa Clarissa Kiste), que quer obrigá-lo a enfrentar os fatos.

Maduro, lúcido, muito bem escrito e filmado, 'Ferrugem' está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tveja/em-cartaz/ferrugem-um-otimo-nacional-encara-o-cyberbullying/>>. Acesso em 31/08/2018.

As expressões 'equipamento emocional' e 'ostracismo social', no segundo parágrafo, podem ser interpretadas, segundo o contexto de ocorrência, respectivamente, como:

a) objeto que regula emoções – exílio.

b) capacidade de sentir emoções – exclusão.

c) experiência – falta de exposição.

d) maturidade – isolamento.

e) malícia – incapacidade de se expressar.



○ 21. (UCPEL)

Médico debocha de paciente na internet e é demitido
Pacientes e internautas ficaram indignados com a postura
do funcionário

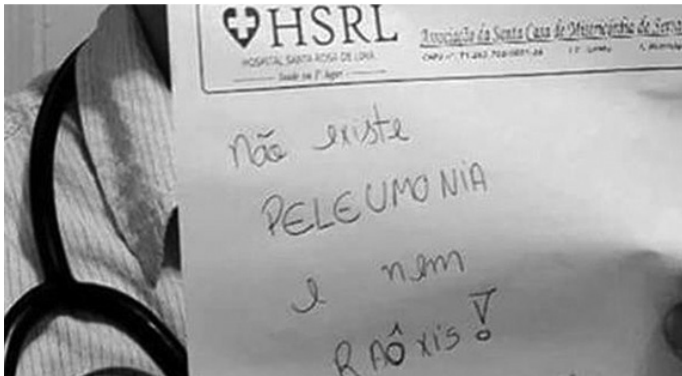


Imagem - Reprodução/Internet

Um médico plantonista do hospital público Santa Rosa de Lima, administrado pela Santa Casa de Serra Negra, em São Paulo, foi afastado do trabalho após ter uma foto divulgada em seu Facebook em que debocha de um paciente que não falou corretamente as palavras “pneumonia” e “Raio-X” em uma consulta.

O médico em questão publicou em sua rede social a imagem de um receituário em que se lê: “Não existe peleumonia e nem raôxis”. A postagem foi comentada pelas funcionárias do hospital, que também foram demitidas.

O Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) informou que vai instaurar uma sindicância para avaliar a postura do profissional.

O caso ganhou repercussão depois que a denúncia foi publicada na coluna “Comentando”, e outros pacientes e internautas ficaram indignados com a postura do clínico geral. A diretoria do Hospital Santa Rosa de Lima publicou uma nota em que repudia o comportamento dos ex-funcionários.

Texto adaptado. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/100000816630/medico-debocha-depaciente-na-internet-e-e-demitido-de-hospital.html>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

No enunciado: “Médico **debocha** de paciente na internet e é demitido” e “Pacientes e internautas ficaram **indignados** com a postura do funcionário”, as palavras em destaque possuem respectivamente o mesmo significado que:

- a) despreza - desordenados
- b) zomba - revoltados
- c) discrimina - confusos
- d) denuncia - alvoroçados
- e) evidencia - agitados

Anotações:

○ 22. (ACAFE)

Liberdade De Expressão

Ao consagrar a liberdade de manifestação de pensamento no texto constitucional, o legislador constituinte garantiu também a liberdade de expressão, como corolário da liberdade de pensamento e opinião.

Ora, se detém o ser humano o direito a pensar e opinar, não se pode olvidar que também detém o direito a expressar esse pensamento e opinião. Assim, o indivíduo “pode manifestar-se por meio de juízos de valor (opinião) ou da sublimação das formas em si, sem se preocupar com o eventual conteúdo valorativo destas”.

Essa é a exata noção da liberdade de expressão, conforme atesta Nuno e Sousa: “A liberdade de expressão consiste no direito à livre comunicação espiritual, no direito de fazer conhecer aos outros o próprio pensamento (na fórmula do art. 11º da Declaração Francesa dos Direitos do Homem de 1789: a livre comunicação de pensamentos e opiniões). Não se trata de proteger o homem isolado, mas as relações interindividuais (‘divulgar’). Abrangem-se todas as expressões que influenciam a formação de opiniões: não só a própria opinião, de caráter mais ou menos crítico, referida ou não a aspectos de verdade, mas também a comunicação de fatos (informações).”

Dessa feita, sob o manto da liberdade de expressão encontram-se agasalhados “toda opinião, convicção, comentário, avaliação ou julgamento sobre qualquer assunto ou sobre qualquer pessoa, envolvendo tema de interesse público, ou não, de importância e de valor, ou não”.

Ressalte-se, ainda, que encontra guarida no conteúdo da liberdade de expressão a propagação por todos os meios possíveis, não apenas pela palavra escrita ou falada, mas também por gestos, desenhos, gravuras, pinturas e, por que não dizer, o silêncio, inserido dentro de uma determinada perspectiva.

Assim, pode-se claramente observar que a liberdade de expressão contém uma dupla dimensão, conforme nos ensina Jônatas Machado: “Nesse sentido, deve-se sublinhar a dupla dimensão deste direito. A dimensão substantiva compreende a atividade de pensar, formar a própria opinião e exteriorizá-la. A dimensão instrumental traduz a possibilidade de utilizar os mais diversos meios adequados à divulgação do pensamento.”

Sobre a dimensão instrumental da liberdade de expressão, cabe aqui fazer referência à decisão do Supremo Tribunal Federal ao analisar o caso de um diretor de teatro, que após ser criticado pelos espectadores, ao final da peça teatral expôs membro íntimo de seu corpo para o público. Na situação em tela, entendeu a Corte Constitucional brasileira que não haveria o indivíduo cometido o ilícito penal de ato obsceno, mas sim exercido seu direito de liberdade de expressão, ainda que tivesse sido “inadequado ou deseducado”.

Por fim, deve-se reconhecer também que dentro da liberdade de expressão, encontra-se albergado um aspecto negativo, a liberdade de não se expressar, como aduz Nuno e Sousa: “(...) garantida não aparece apenas a liberdade de expressão e informação, mas também a liberdade de não exprimir qualquer pensamento, de não se informar, de não fundar uma empresa de imprensa, de não dar informações; garante-se o exercício e o não exercício.”

ALMEIDA, Priscila Coelho de Barros. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8283. Acesso em: 20-09-2018. [Fragmento adaptado].



Assinale a alternativa em que a substituição dos termos destacados pelos termos sugeridos entre parênteses não altera o sentido do texto.

- a) “Sobre a dimensão instrumental da liberdade de expressão, cabe aqui fazer referência à decisão do Supremo Tribunal Federal ao analisar o caso de um diretor de teatro [...]”. (exaltar a)
- b) “Por fim, deve-se reconhecer também que dentro da liberdade de expressão, encontra-se albergado um aspecto negativo, a liberdade de não se expressar [...]”. (abrigado)
- c) “Ao consagrar a liberdade de manifestação de pensamento no texto constitucional, o legislador constituinte garantiu também a liberdade de expressão, como corolário da liberdade de pensamento e opinião.” (diretriz)
- d) “Ressalte-se, ainda, que encontra guarida no conteúdo da liberdade de expressão a propagação por todos os meios possíveis [...]. (se deduz)

○ 23. (ACAFE) Leia a frase a seguir.

“Há de se ressaltar que o uso de algemas, além de colocar em xeque o princípio da inocência presumida, também pode ser nocivo a vários preceitos constitucionais, tais como o princípio da dignidade da pessoa humana elencado no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal.”

Considerando as várias possibilidades de reordenamento dos constituintes frasais, a pontuação e o uso de sinônimos, assinale a alternativa cuja frase mantém o sentido original.

- a) O uso enfático e reiterado de algemas em indivíduos presumidamente inocentes também pode por em cheque vários preceitos constitucionais, tais como o princípio da dignidade humana elencado no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal.
- b) O uso indiscriminado de algemas, além de condenar o acusado por antecipação, ainda que inocente, também pode ofender vários preceitos constitucionais, tais como o princípio da dignidade da pessoa humana elencado no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal.
- c) Além de pôr em dúvida o princípio da inocência presumida, convém enfatizar que o uso de algemas também pode ser nocivo a vários preceitos constitucionais, entre os quais o princípio da dignidade da pessoa humana elencado no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal.
- d) De pronto, é evidente e inegável que o uso de algemas, além de ser nocivo a vários preceitos constitucionais, tais como o princípio da dignidade da pessoa humana elencado no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal, também coloca em xeque o princípio da inocência presumida.

Anotações:

○ 24. (ACAFE)

Por que a aposentadoria dos militares é uma bomba-relógio para os estados

A tendência de os militares se aposentarem mais cedo e com benefícios mais altos do que a média do funcionalismo público e dos trabalhadores do setor privado torna a categoria uma verdadeira bomba-relógio para as finanças dos estados.

Os estados brasileiros já gastam hoje R\$ 80 bilhões, ou 13% de toda sua receita, com militares ativos e inativos – sendo que 90% são policiais militares ou bombeiros.

O crescimento do gasto na área com inativos é de 7% ao ano, enquanto a receita está praticamente estagnada.

“Hoje, os estados arrecadam o mesmo que arrecadavam em 2013”, diz o coordenador de Políticas Macroeconômicas do Ipea, Cláudio Hamilton dos Santos. “Basicamente, o país ficou seis anos patinando, com uma arrecadação constante. E grande parte dessa receita está sendo comprometida com inativos”, diz.

O problema tende a piorar. Estudo divulgado pelo Ipea no início da semana mostra que, em pouco mais de uma década, mais da metade (52%) do contingente militar nos estados já será de inativos.

No ano passado, dois estados já viviam esse cenário: Minas Gerais (283.614 inativos e 245.319 ativos) e Rio Grande do Sul (167.532 inativos e 107.906 ativos).

Minas Gerais e Rio de Janeiro estão em situação particularmente delicada do ponto de vista de receita, já que gastam um quinto de tudo que arrecadam com inativos e pensionistas militares.

Relatório do Tesouro Nacional de 2018 mostra que o número de aposentados dos Executivos estaduais cresceu, em média, 11% entre 2012 e 2017. No caso dos professores e dos militares, duas categorias com regras diferenciadas, as variações para o mesmo período foram de 239% e 167%, respectivamente.

Segundo relatório do Tesouro, as proporções maiores evidenciam a tendência desses servidores a se aposentarem mais cedo.

Pela lei, agentes de segurança se aposentam mais cedo do que outras categorias, em função, sobretudo, da periculosidade do trabalho que desempenham e da disponibilidade que têm em relação ao serviço.

Enquanto os servidores civis se aposentam, em média, aos 56,9 anos, segundo o estudo do Ipea, metade dos militares é transferida para a reserva antes dos 49 anos.

A dinâmica é particularmente preocupante, segundo Santos, porque ao contrário de civis, os policiais tendem a ser substituídos para que o contingente de policiais e bombeiros na rua não seja reduzido.

Uma questão adicional é a remuneração e a forma com que a carreira é configurada, aponta Juliana Damasceno, economista e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV). “Quando entram para a reserva, os militares, geralmente, ganham como rendimento o montante equivalente ao da patente imediatamente superior. Você já estabelece uma certa rigidez”, explica Juliana.

O valor da remuneração mediana dos ativos em 2016 era de R\$ 4.389,08, enquanto que para inativos estava em torno de R\$ 6.453,99. A lógica é outra entre o conjunto dos servidores públicos estaduais, com o inativo ganhando em média 90% do salário do ativo.

TUON, Lígia. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/por-que-a-aposentadoria-dos-militares-e-uma-bomba-relógio-para-os-estados/>>. Publicado em 01 mai. 2019. Acesso em 02 mai. 2019. [Fragmento adaptado.]



Assinale a alternativa em que a expressão destacada pode ser substituída pela expressão sugerida entre parênteses, sem que o sentido no texto seja alterado.

- a) "No caso dos professores e dos militares, duas categorias com regras diferenciadas, as variações para o mesmo período foram de 239% e 167%, respectivamente." (regidas por leis distintas)
- b) "A tendência de os militares se aposentarem mais cedo e com benefícios mais altos do que a média do funcionalismo público e dos trabalhadores do setor privado torna a categoria uma verdadeira bomba-relógio para as finanças dos estados." (com mais privilégios)
- c) "Pela lei, agentes de segurança se aposentam mais cedo do que outras categorias, em função, sobretudo, da periculosidade do trabalho que desempenham e da disponibilidade que têm em relação ao serviço." (ao menos)
- d) "Minas Gerais e Rio de Janeiro estão em situação particularmente delicada do ponto de vista de receita, já que gastam um quinto de tudo que arrecadam com inativos e pensionistas militares." (despendem 25%)

○ 25. (ACAFE) Preencha as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

- I. Alguns parlamentares estão mobilizados para apoiar o projeto que visa à do aborto. (discriminação – discriminação)
- II. ele tinha plenas condições de ser aprovado no concurso, mas não foi isso que aconteceu. (Em princípio – A princípio)
- III. Naquela festa da família dos Borja, todos já se conheciam de cinco anos, pelo menos. (a cerca de – há cerca de)
- IV. Durante a apresentação da peça de teatro, alguns foram advertidos porque falavam alto. (expectadores – espectadores)
- V. Alguns ministros são criticados reiteradamente, pois costumam gastar quantias em mordomias. (vultosas – vultuosas)
- VI. Os servem para obter preciosas informações necessárias para a tomada de decisões sobre políticas públicas. (censos, sensos)

De cima para baixo, a alternativa que preenche corretamente os períodos é:

- a) discriminação - A princípio - há cerca de - expectadores - vultosas - sensos
- b) discriminação - Em princípio - a cerca de - expectadores - vultuosas - censos
- c) discriminação - A princípio - a cerca de - espectadores - vultuosas - sensos
- d) discriminação - Em princípio - há cerca de - espectadores - vultosas - censos

○ 26. (UFSC)

TEXTO 1

Edição do dia 22/12/2016
22/12/2016 21h10 – Atualizado em 22/12/2016 21h57

Governo anuncia propostas para modernizar leis trabalhistas de 1940

Acordos fechados pelas categorias terão peso legal. Férias poderão ser parceladas em até três vezes.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/12/governo-anuncia-propostas-para-modernizar-leis-trabalhistas-de-1940.html>>. [Adaptado]. Acesso em: 26 jan. 2017.

TEXTO 2



Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/51254-charges-julho-de-2017#foto-697131>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

Com base na leitura dos textos 1 e 2 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01. o termo "modernizar", no título do Texto 1, complementa o verbo com a ideia de finalidade.
- 02. o substantivo "Modernidade", no balão do Texto 2, faz alusão a um contexto histórico que denota a ideia de progresso, o que contrasta com a imagem do navio sendo movido por pessoas em trabalho análogo à escravidão.
- 04. o termo "modernizar", no que se refere às leis trabalhistas (Texto 1), pode ser compreendido como objeto de crítica pela charge de Laerte (Texto 2).
- 08. os Textos 1 e 2 expressam posicionamentos convergentes em relação ao mesmo fato social: a alteração das leis trabalhistas.
- 16. no título do Texto 1, a palavra "modernizar" pode ser substituída por "ampliar", sem prejuízo de significado.
- 32. o Texto 1 é um exemplo de reportagem, no qual elementos constitutivos do gênero são claramente identificáveis: título, manchete e lide.
- 64. na expressão "A brisa da modernidade trabalhista!" (Texto 2), o substantivo "brisa" é utilizado em sentido figurado, remetendo, por associação, à noção de "bons ventos", "novidade" e "progresso", interpretação fundamental para a charge operar o efeito de humor.



27. (ACAFE 2023) Leia os textos a seguir.

Texto 1



Disponível em: <https://www.sindicatocp.org.br/2020/02/19/burnout-sintomas-causa-e-tratamento/>. Acesso em 18 ago 2022.

Texto 2

Causado pelo esgotamento físico, mental e estresse, a síndrome de Burnout pode ser tratada com terapias integrativas como acupuntura, meditação, etc. Além disso, é importante inserir no cotidiano aquilo que nos proporciona prazer como ler um livro, ouvir músicas ou outras atividades que façam sentido e tragam satisfação para a nossa rotina.

Disponível em: <https://www.hcor.com.br/imprensa/noticias/sindrome-de-burnout-psicologa-do-hcor-alerta-para-a-importancia-da-saude-mental/>. Acesso em 18 ago 2022. [Adaptado].

Texto 3

A síndrome de Burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberg, um médico americano. O transtorno está registrado no grupo 24 do CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) como um dos fatores que influenciam a saúde ou o contato com serviços de saúde, entre os problemas relacionados ao emprego e desemprego. Sua principal característica é o estado de tensão emocional e estresse crônicos provocado por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. A síndrome se manifesta especialmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e intenso. Profissionais das áreas de educação, saúde, assistência social, recursos humanos, agentes penitenciários, bombeiros, policiais e mulheres que enfrentam dupla jornada correm risco maior de desenvolver o transtorno.

Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/>. Acesso em 18 ago 2022. [Adaptado].

O termo Burnout é a junção de burn (queima) e out (exterior), significando exaustão emocional, fadiga, frustração, desajustamento. Assinale a frase que NÃO CORROBORA com o significado dos textos 1, 2 e 3.

- A intertextualidade estabelecida entre o texto 1 e a obra "O Grito", do artista norueguês Edvard Munch, reflete as pressões cotidianas provocadas por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas, traduzindo o stress emocional e o sentimento de angústia e solidão que acompanham a doença.
- Mudanças no estilo de vida, como relaxamento e atividade física, terapias integrativas como acupuntura e meditação podem aliviar o estresse e controlar os sintomas da doença.
- Os problemas relacionados a emprego e desemprego não têm relação com a síndrome de Burnout; não devendo ser considerados como um dos fatores possíveis no diagnóstico da doença.
- Essa síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com forte envolvimento interpessoal, a saber: profissionais das áreas de educação, saúde, assistência social, recursos humanos, agentes penitenciários, bombeiros, policiais e mulheres que enfrentam dupla jornada.

INSTRUÇÃO: Responder a questão 28 com base no texto abaixo.

1 Há seis anos, na Cidade do México, rodou o mundo a
2 imagem de um garoto com autismo se emocionando e cho-
3 rando ao ouvir a banda inglesa Coldplay, no palco, cantando
4 "Fix You", algo como "te consertar", em português. Foi um
5 momento de fazer passarinar o coração de quem tem fé
6 na alma.

7 Ao lado do pai, também em prantos, o menino _____
8 um sentimento de plenitude ao poder assistir à manifesta-
9 ção artística de seus ídolos ali de pertinho. Diante de tantas
10 incompreensões em torno de uma condição diferente que
11 muitos querem ver como igual, poder estar ali vibrando li-
12 vrementemente, com toda a estereotipia que lhe é peculiar, pare-
13 cia um alento sem igual.

14 Em abril passado, de volta ao país latino, o grupo, um
15 dos mais populares do mundo, que já deixou outras marcas
16 inclusivas em sua trajetória, como ter feito o encerramento
17 da Paralimpíada de Londres, em 2012, não só convidou o
18 agora adolescente Huillo para a festa como o colocou para
19 dançar.

20 A multidão ouviu e ovacionou o novato artista, que
21 cantou e tocou ao piano, ao lado dos músicos consagra-
22 dos, uma canção chamada "Different is Ok", "Ser diferente
23 é normal", dando um intervalo nos *hits* tão esperados para
24 uma pequena reflexão a respeito de aproveitar a vida sendo
25 como é.

26 [...]

27 O lugar da pessoa com deficiência precisa ser desloca-
28 do dos conceitos equivocados de dependência, de inabilida-
29 des, de incapacidades, de tristezas, de recolhimento para o
30 amplo convívio, para as oportunidades, para a visibilidade e
31 para as potências resultantes de suas experiências.

32 [...]

33 Aproveitar holofotes, fama, prestígio e adoração pú-
34 blica diante desse caldo de humanidade latente parece ser
35 oportunidade incrível para despertar novos pensamentos e
36 olhares a respeito das diferenças. Em um _____ de duas
37 horas, dedicar cinco minutos a causas com poucas chan-
38 ces de protagonismo me parece um tempo valioso em sua
39 _____ e simples de ser despendido.

Adaptado de: MARQUES, Jairo. Como uma das maiores bandas de rock do mundo faz a diferença pela inclusão. Disponível em: <https://bit.ly/30AjYix>. Acesso em: 27 abr. 2022.

28. (PUC 2023) As palavras a seguir estão relacionadas a seu significado no texto 2, EXCETO

- plenitude (linha 08) – completude
- estereotipia (linha 12) – diferença
- alento (linha 13) – conforto
- latente (linha 34) – oculto

Anotações:



INSTRUÇÃO: Responder a questão 29 com base no texto abaixo.

**Maria Homem, viúva de Contardo Calligaris,
lembra a relação com ele**

1 Na conversação que era nossa vida, o grego, a filosofia,
2 o teatro, enfim, as ideias e práticas antigas sempre estive-
3 ram presentes. Transmitimos um pouco disso nos dois li-
4 vros que fizemos. Até escolhemos uma expressão em grego
5 para eu fazer uma tatuagem, que a pandemia adiou. Como
6 tantas coisas que ela adiou. Enfim, com grego, latim, italia-
7 no, inglês, francês, português... A embocadura e as palavras
8 podiam ser salvadoras. O que seria de mim sem você?

9 Até que um dia, esses dias, eu repeti a minha pergun-
10 ta, e num outro tom: "O que vai ser de mim sem você?". Já
11 tínhamos tido, claro, longas conversas sobre o futuro e essa
12 espera angustiante da morte. Com humor, com tranquilida-
13 de, com lágrimas absurdas. Às vezes com revolta, às vezes
14 com aceitação radical (c'est la vie).

15 Cada um vive a morte à sua maneira. A inexoravelmen-
16 te solitária forma de cada um ter seu corpo e seu ser sendo
17 atravessados pela morte. A morte de quem morre e a morte
18 de quem fica. Na véspera, a pergunta era séria e talvez sem
19 resposta: o que vai ser de mim sem você? Você estava consci-
20 ente, olhou no meu olho e disse: "Vai ser o que você qui-
21 ser". Parei de chorar naquele instante. Olhei atônita: você
22 conseguia ser analista até debaixo d'água. Você ofertava ao
23 outro uma palavra para ele seguir. E conseguia ser fiel ao
24 seu mais caro princípio até o final: crie sua vida. Esse é o
25 sentido que ela tem e que você criará para ela.

26 No dia seguinte, naqueles instantes que ficarão para
27 sempre inesquecíveis, falei na sua orelha tudo o que eu
28 quis. Até que ficou tudo calmo. Sozinha no quarto, continuei
29 deitada ao seu lado, e continuei falando. Ainda não sei o que
30 vou querer ou o que vou conseguir inventar de mim mesma.
31 Sei que a tatuagem e as cicatrizes serão inevitáveis, e o que
32 te falei seguirá valendo.

Adaptado de: <https://bit.ly/3uAD39q>. Acesso em 08 abr. 2021.

○ 29. (PUC 2022) As palavras e/ou expressões a seguir têm sentido figurado no texto, EXCETO

- a) atravessados (linha 17)
- b) debaixo d'água (linha 22)
- c) tatuagem (linha 31)
- d) cicatrizes (linha 31)

○ 30. (URI 2022) Considerando-se as palavras "coincidência", "trilha pantanosa", "posudo", "irrefreável", "imprescindível", assinale a alternativa em que a substituição lexical proposta mantém o sentido no contexto em que a palavra é empregada.

- a) casualidade – caminho pedregoso – espevitado – irresistível – forçoso.
- b) eventualidade – caminho alagado – orgulhoso – indomável – declinável.
- c) acaso – senda movediça – arrogante – impetuoso – indispensável.
- d) concomitância – senda brejosa – metido – furioso – desnecessário.
- e) intolerância – rota pantanosa – modesto – positivo – fortuito.

○ 31. (URI 2022)



Fonte: Imagem de Internet. Acesso em: 23 set. 2021.

Transcrevem-se, abaixo, cinco dizeres famosos. Assinale aquele que melhor resume o conteúdo do texto ao lado.

- a) "Quem vê cara, não vê coração". (Monteiro Lobato)
- b) "Quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita". (Evangelista Mateus)
- c) "O avarento perde tudo ao querer ganhar tudo". (La Fontaine)
- d) "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos". (Saint-Exupéry)
- e) "Todos os dias, quando acordo, vou correndo tirar a poeira da palavra amor". (Clarice Lispector)

Anotações:

MEDIMAIIS 2

» Tipologia textual

○ 1. (PUC)

01 Não tive acesso ao conteúdo do livro “Por uma vida me-
02 lhor”, apenas a pequenos trechos. Portanto, falo com base
03 em informações e opiniões de terceiros. Nessa perspectiva,
04 vejo como positivo o debate que a abordagem pouco orto-
05 doxa dos autores desencadeou, pondo fogo a um tema em
06 geral tido como irrelevante: a língua materna em uso. Entre-
07 tanto, um trecho da obra me preocupou, e destaco: “Posso fa-
08 lar ‘os livro?’” “Claro que pode, mas dependendo da situação,
09 a pessoa pode ser vítima de preconceito linguístico”.

10 Para começar, pedir licença para falar de um determi-
11 nado jeito é um tiro no pé da tese defendida em “Por uma
12 vida melhor”. Porque pedir licença, neste contexto, é reco-
13 nhecer o poder do outro sobre nós – o que parece ser exata-
14 mente o contrário do que os autores pregam. Além disso, a
15 resposta “Claro que pode” é inócua: o aluno tanto sabe que
16 pode que usa essa concordância rotineiramente.

17 O problema maior, bem mais sutil e muito mais com-
18 plicado, porém, está na segunda parte da fala. Agir livre de
19 preconceito, o oposto de fazer alguém “vítima de preconcei-
20 to”, implica não só aceitar as pessoas como são, mas também
21 acreditar que todos sejam capazes de evoluir por méritos
22 próprios. Ao afirmar que a modalidade “permitida” pode vi-
23 timizar quem a utiliza – pela ação do “outro ameaçador” –, os
24 autores estão deslocando o foco da importância de construir
25 conhecimento de modo autônomo e reflexivo e enfatizando
26 o julgamento alheio, novamente reforçando o preconceito.
27 Ora, aula de língua materna é aula de cidadania, e ninguém
28 se torna cidadão por receio do “outro ameaçador”. O aluno
29 deve ter oportunidade de conhecer e desenvolver múltiplas
30 linguagens porque assim ele poderá expressar ideias e sen-
31 timentos com mais autonomia. E, talvez, com menos precon-
32 ceito. Tudo isso pode parecer muito sutil, mas a linguagem é
33 feita de sutilezas, para o bem ou para o mal.

Marisa M. Smith. PUCRS, Notícias FALE, junho, 2011.

O texto pode ser caracterizado como predominantemente:

- a) narrativo, pois reproduz diálogos do livro “Por uma vida melhor”.
- b) opinativo, pois apresenta uma tese e argumentos para sustentá-la.
- c) descritivo, pois descreve o comportamento das pessoas preconceituosas.
- d) poético, pois utiliza palavras raras na linguagem cotidiana, como “vitimizar” e “inócua”.
- e) informativo, pois tem como objetivo informar o leitor sobre aspectos relativos à linguagem.

○ 2. (PUC)

Resíduo

01 De tudo ficou um pouco
02 Do meu medo. Do teu asco.
03 Dos gritos gagos. Da rosa
04 ficou um pouco.
05 (...)
06 Pois de tudo fica um pouco.
07 Fica um pouco de teu queixo
08 no queixo de tua filha.
09 De teu áspero silêncio
10 um pouco ficou, um pouco
11 nos muros zangados,
12 nas folhas, mudas, que sobem.
13 (...)
14 Se de tudo fica um pouco,
15 mas por que não ficaria
16 um pouco de mim? no trem
17 que leva ao norte, no barco,
18 nos anúncios de jornal,
19 um pouco de mim em Londres,
20 um pouco de mim algures?
21 na consoante?
22 no poço?
23 (...)
24 E de tudo fica um pouco.
25 Oh abre os vidros de loção
26 e abafa
27 o insuportável mau cheiro da memória.
28 Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
29 e sob as ondas ritmadas
30 e sob as nuvens e os ventos
31 e sob as pontes e sob os túneis
32 e sob as labaredas e sob o sarcasmo
33 e sob a gosma e sob o vômito
34 e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
35 e sob os espetáculos e sob a morte escarlata
36 e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
37 e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
38 e sob os gonzos da família e da classe,
39 fica sempre um pouco de tudo
40 Às vezes um botão. Às vezes um rato.

Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Dos 19 substantivos que seguem a expressão “e sob”, entre as linhas 29 e 38, apenas cinco estão caracterizados. Essa estratégia do poeta demonstra a presença, no poema, do viés:

- a) injuntivo, para que nos compadeçamos com o eu lírico.
- b) argumentativo, para que saibamos como o eu lírico considera esses fatos/eventos/pessoas.
- c) narrativo, para que entendamos a sequência dos/das fatos/eventos/pessoas citados(as).
- d) expositivo, porque são substantivos abstratos que necessitam de especificação.



MEDIMAI 3

» Gêneros textuais

○ 1. (UFN)

FALTA DE EDUCAÇÃO

A violência na escola é apenas uma extensão da violência fora dela – e a violência fora dela é a expressão de um país socialmente injusto, no qual acesso à educação de qualidade é um privilégio, não um direito.

Luiz Ruffato
30 AGO 2017 - 21:53 CEST

A imagem da professora Marcia Friggi com o rosto ensanguentado, após ter sido agredida por um aluno de 15 anos dentro da escola em Indaial, cidade catarinense de 55 mil habitantes, é emblemática da falência não do nosso sistema de ensino, mas da sociedade como um todo. O Brasil está doente, severamente doente, e assistimos apáticos a nossa própria agonia. A inacreditável proposta para resolução do problema, feita pelo pré-candidato à Presidência da República, deputado Jair Bolsonaro, de militarização do ensino e nomeação de um general no Ministério da Educação, é só mais um sintoma do nosso adiantado estado patológico.

O Brasil lidera o *ranking* mundial de violência escolar. Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), utilizando dados de 2013, 12,5% dos professores disseram ter sido vítima de agressões verbais ou intimidações de alunos pelo menos uma vez por semana – um índice quatro vezes maior que a média dos 34 países pesquisados. Outro estudo, divulgado pelo portal QEdu – ligado à Fundação Lemann – indica que 55% dos diretores de escolas públicas já presenciaram agressões físicas ou verbais de alunos contra funcionários e professores. E entre os próprios estudantes a violência é ainda maior: 76% dos diretores relataram ter havido agressão verbal ou física entre alunos dentro do ambiente escolar.

A questão é que as escolas públicas brasileiras não são lugares apropriados para a aprendizagem. Os alunos, em todas as etapas do ensino, assistem às aulas em prédios mal conservados ou degradados, ministradas por professores desestimulados – que, em número insuficiente, recebem salários baixos e contam com poucos recursos didáticos. Somente 4,5% do total das escolas possuem os itens de infraestrutura previstos no Plano Nacional de Educação. Faltam laboratórios de pesquisa, faltam quadras esportivas, faltam bibliotecas, faltam computadores, falta merenda adequada, falta esgotamento sanitário e, acima de tudo, falta interesse dos pais em participar da vida escolar dos filhos. E todos, alunos, funcionários e professores, vivem acossados pela violência urbana, modalidade em que ocupamos o nono lugar no *ranking* mundial.

O resultado desse descaso pode ser aferido no *ranking* de qualidade de educação da OCDE, que avalia o conhecimento de alunos na faixa de 15 anos em matemática, leitura e ciências: o Brasil ocupa o vergonhoso 60º lugar, numa lista de 76 países. Se somarmos o número de analfabetos funcionais (27% da população) às pessoas com alfabetização rudimentar (42%), teremos que apenas 31% dos brasileiros, ou seja, um em cada três, possuem domínio da leitura, da escrita e das operações matemáticas. Não por acaso, cerca de 19% do total dos alunos em idade escolar (nos ensinos fundamental e médio) estão matriculados em escolas privadas, em tese, de melhor qualidade.

A derrocada de nosso sistema público de ensino foi iniciada justamente no período da ditadura militar. Os gastos da União com educação, previstos no governo João Goulart em 12% do Produto Interno Bruto (PIB), diminuiram de maneira acentuada sob o governo militar: 7,6% em 1970, 4,31% em 1975 e 5% em 1978 – percentual que hoje se encontra em 5,7%. Esse baixo investimento influenciou diretamente na qualidade do ensino, conforme a professora Renata Machado de Assis, no artigo “A Educação brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos”. “Os gastos do Estado com a educação foram insuficientes e declinaram, o que interferiu: na estrutura física das escolas, que apresentaram condições precárias de uso; no número de professores leigos, que aumentou entre 1973 e 1983; e nos salários e condições de trabalho dos professores, que sofreram um crescente processo de deterioração”.

O estado de degradação do sistema público de ensino é apenas mais um componente do desprezo que votamos ao patrimônio comum. Os índices de violência dentro do ambiente escolar, verificado nas escolas públicas, não se repetem nas escolas privadas – aliás, quanto mais elitistas, menos afeitas a distúrbios de qualquer natureza. Reduzir o problema a uma questão disciplinar, como arroga o deputado Jair Bolsonaro, é ignorar o abismo que separa ricos e pobres no Brasil, ou melhor, é aprofundá-lo. A violência na escola é apenas uma extensão da violência fora dela – e a violência fora dela é a expressão de um país socialmente injusto, no qual acesso à educação de qualidade é um privilégio, não um direito. No fundo, as nossas lideranças políticas, sejam de que cores forem, não querem transformar o sistema de ensino, porque não querem mudanças na sociedade. É mais fácil manter a população refém da ignorância para se perpetuar no poder.

(Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/30/opi-nion/1504096899_970922.html)

Para realizar esta questão, considere o texto-base como um todo.

I. O título do texto é polissêmico, pois remete, ao mesmo tempo, à ausência de educação de quem agride o professor na escola e à inexistência de políticas de Estado para a educação pública.

II. Como este é um editorial jornalístico, o autor do texto defende uma tese: a de que a violência na escola é decorrente de fatores econômicos e da elitização da educação.

III. Para ajudar a estabelecer a relação entre o título, o tema e a tese, o autor utiliza muitos dados estatísticos de agências conceituadas, que reforçam a pouca importância que a educação tem para o país.

IV. Os parágrafos de introdução e conclusão do texto reiteram o fato de que a violência na escola tem raízes na degeneração da sociedade, fato não explorado nos parágrafos de desenvolvimento do texto.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.



○ 2. (UFN)

“Selfio, logo existo”

Juan Arias

Será o ‘selfie’ uma forma freudiana de luta contra a solidão e de busca de um sentido para a vida?

O Brasil passa por um momento paradoxal. Tem-se a impressão de que é um vidro quebrado. A crise econômica que gerou a política ou, talvez, o contrário, inflama os ânimos. Ressoam palavras duras como “ódio”, “vingança” ou “traição”. É o gosto amargo da divisão, do “nós contra eles”, ou da queixa “deles contra nós”. E, no entanto, como em um mundo que vibra simultaneamente em outro diapasão, os brasileiros nunca gostaram tanto quanto hoje de estar juntos, de ser fotografados se abraçando, de fazer um *selfie*.

Estarão essas duas sociedades condenadas a ser uma assíntota da hipérbole, essas duas linhas que, mesmo caminhando juntas, nunca se encontrarão? [...] Há 400 anos, o filósofo francês Descartes, o pai da filosofia e da matemática moderna, precursor do idealismo, resumiu seu pensamento na famosa frase: “Penso, logo existo”. Hoje nosso mundo, que tem pouco a ver com o do filósofo (não sei se mais profundo e iluminado ou mais superficial), pode dizer: “Selfio, logo sou”. Refiro-me a essa febre do autorretrato analisada por sociólogos e psicólogos, e por aqueles que se dedicam a farejar as tendências da sociedade.

Essa moda do *selfie* servirá para entender melhor o sentido da vida de hoje, com suas contradições, sofrimentos e glórias? Há poucos dias, outro filósofo francês, Charles Taylor, afirmava em uma entrevista para Frances Arroyo neste jornal que “as pessoas hoje não têm claro o sentido da vida”. [...] Melhor ou pior, o mundo de hoje é, no entanto, o nosso, e não podemos fingir que não existe. E é um mundo diferente daquele dos filósofos gregos ou latinos, embora às vezes com as mesmas contradições e dúvidas. As crianças do futuro talvez não voltarão a escrever com as mãos. As de hoje já sabem fotografar com o celular aos 2 anos. Mudamos porque continuamos vivos. Só os mortos não mudam.

Essa moda do *selfie*, que dominou com força todo o planeta e também o Brasil, é antes de tudo algo democrático, já que é usada por cidadãos de todas as categorias sociais e de todas as classes econômicas. Do presidente da República ao garçom do bar, do milionário ao trabalhador pobre das favelas.

Será mais do que uma moda? Etimologicamente, o *selfie*, que já transformamos em verbo, era um ato individualista, um autorretrato. Aquele narcisismo inicial deu lugar, no entanto, a algo mais importante: à socialização da fotografia. O *selfie* individual foi pluralizado. Agora predominam os retratos de dois ou em grupo. Será uma forma inconsciente, freudiana, de lutar contra a solidão e para estar ciente do eu também existo? Precisamos de alguém ao nosso lado, sem o qual nosso narcisismo inicial ficaria vazio, puro vício solitário?

Alguém me fez observar que, enquanto nos *selfies* individuais podem existir fotos mais sérias, praticamente não há *selfies* de casais ou de grupo nos quais os interessados não estejam sorrindo. Existe uma cumplicidade espontânea nesses retratos? Mesmo em *selfies* com uma personalidade importante, que deveriam ser sérios, as pessoas sempre estão sorrindo.

Os *selfies* nos ajudam a tomar consciência em uma sociedade de anônimos, de que somos, de que valemos algo, embora seja através da sombra de alguém mais importante do que nós? Quando o *selfie* ocorre entre casais que se amam, entre pais e mães encantados com seus pequenos ou entre amigos, nos dá uma convicção interior de que não apenas existimos, mas que também somos, que nos amam, que não rejeitam nossa presença e até querem perpetuá-la.

Já sei que muitos pensarão que a filosofia e a estética moderna do *selfie* parecem mais uma banalidade em comparação à antiga e inteligente filosofia dos gregos e romanos. No entanto,

não nos esqueçamos de que nosso mundo de hoje, tão criticado pela superficialidade e injustiças, é infinitamente melhor, quase em tudo, do que o de apenas cem anos atrás. [...] Os sorrisos festivos dos *selfies* poderiam ser até uma bela profecia do desejo inconsciente de querer buscar um sentido menos doloroso e bélico para a vida.

[...] Um *selfie* com os leitores? Obrigado.

Fonte: EL PAÍS Brasil - 21 AGO 2015.
http://brasil.elpais.com/bra-sil/2015/08/21/opinion/1440181987_784618.html

Marque V (verdadeiro) ou F (falso) para as alternativas abaixo, que tratam da estrutura do artigo de opinião. Podemos afirmar que o texto lido é um artigo de opinião, porque:

- () apresenta o tema, a defesa de uma tese e vários argumentos que ajudam a sustentá-la.
- () a estrutura textual predominante é a de exposição de ideias e opiniões.
- () há o uso predominante de verbos no tempo passado.
- () há ausência completa de marcas de autoria, como pronomes e verbos em primeira pessoa.
- () há presença de questionamentos, com objetivo de promover reflexão no leitor.

Com base nas considerações feitas, a alternativa correta é:

- a) V – F – V – F – V
- b) V – V – F – F – V
- c) F – V – F – V – F
- d) F – F – V – V – F
- e) F – V – V – F – V

Anotações:



○ 3. (PUC)



Disponível em: <https://goo.gl/z11GoA>. Acesso em 19 set. 2017.

As conversas entre os dois meninos – personagens de Edgar Vasques – permitem inferir que:

- a) o “lixão” a que se refere o personagem no primeiro quadrinho é o mundo.
- b) o substantivo “lixão” é utilizado em sentido conotativo no primeiro quadrinho.
- c) a pergunta do segundo quadrinho, a partir do que se pode recuperar da fala do primeiro, poderia ser assim redigida: “Quem não viveria num lixão?”.
- d) a pergunta do segundo quadrinho, pela associação grafovisual, é retórica.

○ 4. (UFN 2020) Leia a tirinha a seguir.



Com relação ao diálogo entre Fê e Pudim, quanto à macroestrutura do texto, é possível afirmar que:

- I. O tema do texto refere-se às consequências do uso de agrotóxicos na nossa vida.
- II. Para Pudim, as doenças causadas pelos agrotóxicos podem ser curadas por meio de remédios.
- III. O uso do pronome “eles”, no último quadro, parece remeter aos pais das crianças.
- IV. As imagens, nos quadros, mostram que os três personagens estão satisfeitos com a situação referente ao uso dos agrotóxicos.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I e III.
- e) II e IV.

○ 5. (PUCRS 2020)



<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em 26 abr. 2019.

Considere as afirmativas sobre o texto.

- I. A lista escrita por Armandinho e a escrita por seu pai contém “nove verdades e uma mentira”.
- II. Armandinho, quando exclama “Rá! Verdade!”, demonstra ironia diante da descrição feita pelo pai.
- III. A pergunta do pai, no último quadrinho, põe em dúvida a lista de verdades apresentada pelo filho.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

- a) I.
- b) III.
- c) I e II.
- d) II e III.



○ 6. (UPF) Este material publicitário foi criado com o propósito de sensibilizar as pessoas e de despertar nelas uma atitude de conscientização no que refere à violência contra a criança.



Disponível em: <<https://temporalcerebral.com.br/melhores-campanhas-publicitarias-2017-1/>>. Acesso em: 11 agosto de 2018. Adaptado.

Analisando a estratégia argumentativa utilizada, avalie as afirmativas que seguem sobre os possíveis sentidos movimentados por essa campanha.

I. A presença da cinta, como elemento não verbal, permite que o leitor compreenda que a campanha está fazendo uma associação com a prática de repreender pela violência, ligada a uma cultura relacionada à concepção de que “surrar” não é errado, mas um instrumento de educação para as crianças.

II. No que refere à combinação dos elementos verbais e não verbais, é imprescindível, para que a campanha alcance seu objetivo e coloque em circulação os diferentes sentidos que a compõem, a combinação da palavra “temidos” e da ideia de temor suscitada a partir da imagem de um cão feroz, formada pela cinta.

III. Da afirmação de que “Não há desculpas para os maus-tratos contra as crianças”, é possível inferir que o recurso à palavra “desculpa” atribui à justificativa para a violência um caráter de pretexto ou falsidade e revela que um dos objetivos da campanha é defender que mesmo a educação não é desculpa para a violência.

IV. A campanha chama atenção para a ocorrência de “maus-tratos” e, portanto, também tem como especificidade a conscientização sobre a gravidade dos crimes de pedofilia e estupro contra crianças, ações marcadas pela violência e pelo temor.

V. Combinada com os elementos não verbais do material, a contradição dos sentidos de “vestir” a cinta e de “temer” a cinta se mostra essencial, uma vez que é a partir da percepção de que essas duas ações são possíveis, mas que uma delas não é apropriada, que o interlocutor compreende o propósito da campanha.

VI. O sentido de campanhas normalmente é enriquecido a partir da combinação de diferentes elementos – como é o caso do verbal e do não verbal –, no entanto, essa combinação não é elemento indispensável, uma vez que a campanha tanto pode ser produzida somente com textos verbais quanto somente com imagens. Disso é possível inferir que os elementos textuais, embora importantes, poderiam, sem comprometimento de sentido, ser suprimidos do material publicitário em questão.

Está correto apenas o que afirma em:

- a) I, II, III e V.
- b) II, III e IV.
- c) I, V e VI.
- d) I, III, V e VI.
- e) III, IV, V e VI.

○ 7. (UPF) Ao final do ano de 2016, o Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil divulgou uma campanha de conscientização com o propósito de chamar a atenção dos motoristas para as condutas que mais causam acidentes no trânsito, dentre elas, ultrapassagens irregulares, excesso de velocidade e uso de aparelho celular ao volante.



(Disponível em: <http://www.humbertocunha.com/gente-boa-tambem-mata>. Adaptado. Acesso em 24 abr. 2017)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Pouco tempo depois de ter veiculado na mídia, o material foi retirado do ar por ter sido alvo de interpretações polêmicas. Sabe-se, contudo, que, em campanhas publicitárias, é comum que o texto tente sensibilizar o público a que se destina, e, para tal, recorre a diferentes estratégias argumentativas.

Analisando a principal estratégia argumentativa utilizada, avalie as afirmativas que seguem sobre os possíveis sentidos dessa campanha.

I. Com o slogan “Gente boa também mata”, os anúncios associam crimes de trânsito a pessoas que praticam boas ações, alertando que todos podem cometer imprudências ao volante e, portanto, são passíveis de cometer crimes no trânsito.

II. O texto pode passar a mensagem de que ações negativas podem ser relacionadas a pessoas bem intencionadas, no entanto, se ocorresse a inserção do termo “também”, em uma construção como “Quem faz a alegria das crianças também pode matar”, essa compreensão não seria mais possível.

III. A campanha alerta para o fato de que os acidentes não são provocados apenas pelos motoristas estereotipados como inconsequentes. Mesmo que involuntariamente, qualquer cidadão pode causar acidentes graves e até mortes no trânsito com pequenas atitudes, como, por exemplo, enviar uma mensagem de whatsapp enquanto conduz.

IV. A relação palavra X imagem possibilita a compreensão de que pessoas boas estão autorizadas a matar.

V. Os elementos não verbais utilizados na campanha não se configuram como estratégia argumentativa para influenciar o comportamento dos motoristas ao volante.

Está **incorreto** apenas o que se afirma em:

- a) II.
- b) I, III e V.
- c) II e V.
- d) IV.
- e) II, IV e V.

Anotações:

○ **8. (ACAFE 2021)** Considerando que um texto estrutura-se a partir de características gerais de um gênero discursivo específico, relacione a coluna da esquerda com a coluna da direita.

- | | |
|--------------------|--|
| 1. Editorial | () A principal característica deste gênero discursivo é o uso do tom crítico, ou seja, a capacidade de interpretar os pontos mais importantes do tema e opinar a respeito, tendo como base textos e informações de outras fontes que possam complementar o argumento apresentado. |
| 2. Cartaz | () Em jornais e revistas, artigo de opinião que geralmente aborda um tema do momento, um assunto que está em discussão na sociedade. A autoria não é revelada, mas tem o objetivo de apresentar o ponto de vista da publicação. |
| 3. Conto | () Trata-se de interação entre interlocutores com o objetivo de relatar experiências, conhecimentos e opiniões acerca de um determinado assunto de acordo com os questionamentos apresentados. |
| 4. Publicidade | () Texto curto que se costuma fixar em lugares públicos. Mistura linguagem verbal e visual com o objetivo de informar as pessoas, sensibilizá-las, convencê-las ou conscientizá-las sobre determinado assunto. |
| 5. Entrevista | () Não importa o tamanho do texto, mas a estratégia que se quer adaptar nele. Combina imagem e mensagem para chamar a atenção do consumidor. |
| 6. Resenha crítica | () É uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa, que envolve poucas personagens e com ações que, em geral, se passam em um só espaço e se encaminham diretamente para o desfecho, em torno de um só eixo temático e um só conflito. |

A numeração correta da coluna da direita, de cima para baixo, é:

- a) 5 - 6 - 2 - 3 - 1 - 4
- b) 2 - 1 - 5 - 3 - 4 - 6
- c) 4 - 6 - 3 - 5 - 2 - 1
- d) 6 - 1 - 5 - 2 - 4 - 3

○ **9. (ACAFE 2019)**

EXIGÊNCIAS DA VIDA MODERNA

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro. E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C. Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes.

Todos os dias devem-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que, aos bilhões, ajudam a digestão).

Cada dia uma Aspirina, previne infarto.

Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso.

Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem.



O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.

Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.

E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia... E não esqueça de escovar os dentes depois de comer.

Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax.

Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma. Sobram três, desde que você não pegue trânsito.

As estatísticas comprovam que assistimos a três horas de TV por dia. Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).

E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.

Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

Ah! E o sexo! Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução. Isso leva tempo – e nem estou falando de sexo tântrico.

Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação.

Na minha conta são 29 horas por dia. A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!

Por exemplo, tomar banho frio com a boca aberta, assim você toma água e escova os dentes.

Chame os amigos junto com os seus pais.

Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na sua cama.

Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria um Danoninho e, se sobrares 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.

Agora tenho que ir.

É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro. E já que vou, levo um jornal... Tchau!

Viva a vida com bom humor!!!

Disponível em: <https://www.refletirpararefletir.com.br/4-chronicas-de-luis-fernando-verissimo/>. Acesso em 19-09-2018. [Adaptado].

O texto é exemplo de crônica:

a) humorística, pois narra cotidiano das pessoas de forma bem humorada, fazendo com que se veja de uma forma diferente aquilo que parece óbvio demais para ser observado.

b) histórica, pois busca relatar uma realidade social, política ou cultural, avaliada pelo autor com um tom de protesto ou de argumentação.

c) jornalística, que se parece com a crônica dissertativa, comumente utilizada por meios de comunicação de cunho jornalístico, que, a partir de temas atuais, tem como objetivo a reflexão.

d) argumentativa, ou seja, um gênero textual que se utiliza das características de uma crônica e também de argumentos do autor para fundamentar seu ponto de vista.

10. (UFPR)

TEXTO A

A era dos memes na crise política atual

Seria cômico, se não fosse trágico, o estado de irreverência do brasileiro frente à crise em que o país encontra-se imerso. A nossa capacidade de fazer piada de nós mesmos e da acentuada crise político-econômica atual nos instiga a refletir se estamos “jogando a toalha” ou se este é apenas um “jeitinho brasileiro” de encarar a realidade. A criatividade de produzir piadas, memes e áudios engraçados expõe um certo tipo de estratégia do brasileiro para lidar com situações de conflito: “Tira a Dilma. Tira o Aécio. Tira o Cunha. Tira o Temer. Tira a calça jeans e bota um fio dental, morena você é tão sensual”. Eis uma das milhares de piadas que circulam nas redes sociais e que, de forma irreverente, estimulam o debate. Não há aquele que não se divirta com essa piada ou outra congênere; que não gargalhe diante dos diversos textos engraçados que circulam por meio de postagens ou mensagens de celular, independentemente do grau de escolaridade de quem compartilha. Seja por meio do deboche e do riso, é de “notório saber” que todas as classes estão conscientes da gravidade da situação e que, por conseguinte, concordam que medidas energéticas precisam ser tomadas. A diferença está na forma ideologicamente defendida para a tomada de medidas.

A “memecrítica” é uma categoria de crítica social que tem causado desconforto nos políticos e membros dos poderes judiciário e executivo, estimulando, inclusive, tentativas frustradas de mapeamento e controle do uso da internet por parte dos internautas. [...]

Por outro lado, questionar as contradições presentes apenas por meio da piada, em certo aspecto politizada, não garante mudanças sociais de grande impacto.

Esses manifestos e/ou críticas de formas isoladas (ou uníssonas) podem, mesmo sem intenção, relegar os cidadãos brasileiros a um estado de inércia, a uma condição de estado permanente de sonolência eterna em “berço esplêndido”. Já os manifestos, protestos e/ou passeatas nas ruas e demais enfrentamentos em espaços de poder instituídos ainda são os mecanismos mais eloquentes e potenciais para contrapor discursos e práticas opressoras que contribuem para o caos social. É preciso o *tête-à-tête*, o diálogo crítico e reflexivo em casa, na comunidade e demais ambientes socioculturais. Entretanto, um diálogo respeitoso, cordial, que busca a alteridade. Que apresente discordâncias, entretanto respeite a opinião divergente, sem abrir mão da ética e do respeito aos direitos humanos.

(Luciano Freitas Filho – *Carta Capital* (adaptado), junho/2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/era-dos-memes-na-crise-politica-atual/>>.

Considere as avaliações dos memes enquanto prática social e assinale a alternativa que se apresenta coerente com o proposto pelo texto:

- Em razão do seu modo de funcionamento, os memes não têm o mesmo efeito que as manifestações convencionais.
- As tentativas de controle da disseminação dos memes no espaço virtual, por parte dos poderes instituídos, têm gerado situações de desconforto.
- A adesão ao conteúdo dos memes se apresenta de modo convergente para pessoas de diferentes classes sociais e posições políticas.
- Por se revestirem simultaneamente de caráter de crítica e de deboche, os memes são a melhor forma de embate *tête-a-tête*.
- Apesar de sua força expressiva, os memes não constituem recurso para mudanças sociais efetivas, porque seu lugar de circulação não goza de legitimidade.



Intrusão: As questões 11 e 12 referem-se à charge e ao texto, abaixo.



A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: "Esta terra é minha", e encontraram semelhantes seus bastante ingênuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodearam a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e de-fendem, de pistoleiros pagos para matar. (José Saramago)

Disponível em: <<http://www.fabianocartunista.com/2014/01/latifundio-e-reforma-agraria.html>> Acesso: 23 de set. de 2017.

11. (ACAFE) Sobre o texto, assinale a alternativa que melhor representa o tema.

- a) Direito de herança
- b) Agricultura familiar
- c) Latifúndio e reforma agrária
- d) Desigualdade social

12. (ACAFE) Sobre a charge e em conformidade com o texto, todas as alternativas são corretas, **exceto** a:

- a) Para José Saramago, muita gente é impedida de trabalhar na terra porque os herdeiros dos primeiros posseiros são protegidos por pistoleiros e pelo Estado.
- b) A charge é comumente utilizada com a intenção de tecer críticas políticas e sociais, e em geral com viés humorístico.
- c) A linguagem verbal não contribui para o melhor entendimento da charge, pois todo efeito de humor está contido na linguagem não verbal por meio da expressão exibida pelas figuras humanas.
- d) A cerca de arame farpado e as placas com o nome dos proprietários delimitam as terras que têm dono.

13. (UNISINOS)



Disponível em: <<http://rizomas.net/charges-sobre-educacao.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018

Considerando o sentido do texto e a articulação entre as ideias, assinale V nas afirmações verdadeiras e F nas falsas.

- () Por meio da fala de Calvin no segundo quadrinho, o cartunista defende a tese de que o conhecimento não traz felicidade, ao passo que a ignorância e a alienação, certamente, libertam o homem dos problemas mundanos e o tornam feliz.
- () A sequência textual "Se os ignorantes é que são felizes" (segundo quadrinho) expressa uma condição hipotética, irreal, na qual se apoia a afirmação de Calvin de que assistir à aula priva-o da felicidade.
- () As expressões articulatórias "de acordo com" (segundo quadrinho) e "Sendo assim" (terceiro quadrinho) poderiam ser substituídas, respectivamente, por "conforme" e "Portanto".
- () A partir das exclamações de Calvin no último quadrinho, pode-se depreender que o sistema escolar é comparável à ditadura, pois ambos suprimem a liberdade do indivíduo.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) V - F - F - V
- b) F - V - F - F
- c) F - F - V - F
- d) V - F - V - F
- e) F - V - V - V

○ 14. (UCPEL) Leia o texto para responder à questão.

FATORES DE RISCO PARA O SUICÍDIO

<p>DOENÇAS MENTAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depressão; • Transtorno bipolar; • Transtornos mentais relacionados ao uso de álcool e outras substâncias; • Transtornos de personalidade; • Esquizofrenia; • Aumento do risco com associação de doenças mentais: paciente bipolar que também seja dependente de álcool terá risco maior do que se ele não tiver essa dependência. 	<p>ASPECTOS PSICOLÓGICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perdas recentes; • Pouca resiliência; • Personalidade impulsiva, agressiva ou de humor instável; • Ter sofrido abuso físico ou sexual na infância; • Desesperança, desespero ou desamparo. <p>Suicibilidade: ter tentado suicídio, ter familiares que tentaram ou se suicidaram, ter ideias e/ou planos de suicídio.</p>	<p>CONDIÇÃO DE SAÚDE LIMITANTE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Doenças orgânicas incapacitantes; • Dor crônicas; • Doenças neurológicas (epilepsia, Parkinson, Huntington); • Trauma medular; • Tumores malignos; • AIDS.
---	---	---

Fonte: Conselho Federal de Medicina / Associação Brasileira de Psiquiatria - www.al.es.gov.br | Arte: Lucas Albani

Disponível em: <http://www.al.es.gov.br/novo_portal/frmShowContent1.aspx?i=31241>. Acesso em: 15 out. 2018. (adaptado)

A saúde mental é um assunto levado à discussão em sociedade, a fim de esclarecer seus fatores de risco. Levando em consideração os elementos da comunicação, o texto em questão possui:

- a) a função expressiva, pois tem como principal objetivo transmitir os sentimentos do emissor quanto ao tema suicídio. A mensagem transmitida é subjetiva, conforme a visão do emissor.
- b) a função referencial, pois tem como principal objetivo informar sobre os fatores de risco para o suicídio e a ênfase é dada ao contexto comunicativo.
- c) a função conativa, tem como principal objetivo persuadir o receptor, sendo um apelo para que atente para os riscos de suicídio verificados pelo predomínio do uso de verbos no imperativo.
- d) a função fática, pois tem como principal objetivo estabelecer um canal de comunicação, para iniciar a transmissão da mensagem ou para assegurar a sua continuação. A ênfase é dada ao canal comunicativo.
- e) a função metalinguística tem como principal objetivo usar um determinado código para explicar esse próprio código, o que se percebe pelo uso da diagramação do texto em questão. Assim, a ênfase é dada ao código comunicativo.

Anotações:

Instrução: Observe a tira abaixo para responder às questões 15 e 16.



Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/bau.shtml>. Acesso em 07/07/2019.

○ 15. (UFPR 2020) Com base na tira, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- () No último quadrinho da charge, Níquel Náusea se dirige diretamente à barata para dizer que não gosta de filosofia.
- () A informação visual dos quadrinhos em que Níquel Náusea está presente sinaliza sua irritação com a barata.
- () Nos dois primeiros quadrinhos, a fala da barata é uma adaptação de dois provérbios à sua própria realidade.
- () A barata utiliza provérbios em sua fala com a intenção de dar lições de moral para Níquel Náusea.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) V - F - V - V.
- b) F - V - F - V.
- c) V - V - V - F.
- d) V - F - F - V.
- e) F - V - V - F.

○ 16. (UFPR 2020) Considerando a sentença "Mais vale uma naftalina na mão do que duas rolando", no segundo quadrinho da tira, assinale a alternativa que traz um provérbio com sentido mais próximo ao sentido do provérbio suposto pela citação.

- a) Quem não tem cão, caça com gato.
- b) Quando um não quer, dois não brigam.
- c) O seguro morreu de velho.
- d) Um dia é da caça, outro é do caçador.
- e) As aparências enganam.

○ 17. (UFPR 2020) Assinale a alternativa que identifica corretamente o recurso linguístico empregado para conferir efeito humorístico à tirinha.

- a) Personificação.
- b) Comparação.
- c) Metonímia.
- d) Ambiguidade.
- e) Eufemismo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



○ 18. (UFPR)

TEXTO B:

Glória Pires incapaz de opinar no Oscar, Eduardo Jorge, Tapa na pantera, Luisa Marilac, Japonês da federal, John Travolta confuso, diferentona, cala a boca Galvão, Nissim Ourfali, Winona Ryder em choque, e tantos outros memes e virais – que costumam ser tratados como mera zoeira, simplesmente uma das mil manias derivadas da internet – passaram a ser tratados como peças de museu, literalmente. Criado como um projeto do curso de Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF), o *Museu dos Memes* leva justamente a zoeira a sério. [...]

Ainda que sejam tratados como besteira, para o criador e coordenador do museu, Viktor Chagas, os memes possuem, para além de sua função cômica, uma função social – basta olhar para as diversas *hashtags* de denúncia em causas como dentro do movimento negro e feminista para entender que tal lógica possui mais desdobramentos, possibilidades e sentidos do que imaginamos em seu aspecto mais pueril.

(Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2017/05/o-museu-de-memes-e-brasileiro-e-e-a-melhor-forma-de-eternizar-a-zoeira-que-abunda-na-internet/>>. Acesso em 29/09/17)

Com base no texto B, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- () A função cômica, própria dos memes, é apresentada como atenuante da função social, que também é própria deles.
- () O autor do texto antecipa-se a uma avaliação negativa acerca dos memes e apresenta contra-argumento em relação a ela.
- () Os exemplos de memes como peças de museu, apresentados no início do texto, servem de sustentação à ideia de paradoxo entre zoeira e seriedade.
- () O autor apresenta a denúncia em causas como a feminista e a do movimento negro para explicitar a lógica de funcionamento das *hashtags*.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) F - V - V - F
- b) F - V - F - V
- c) V - F - F - V
- d) V - F - V - F
- e) F - F - V - V

Anotações:

○ 19. (UFSC 2020)

Memes no museu

Um fenômeno em exposição



01 O professor Viktor Chagas chegou ao Museu da Re-
02 pública, no Rio de Janeiro, cumprimentou os seguranças e
03 apontou para a maior tela do salão térreo. “Esta é a famosa
04 pintura da confecção da bandeira, de Pedro Bruno”, disse,
05 apressado. O quadro *A Pátria*, de 1919, retrata uma criança
06 agarrada a uma imensa bandeira do Brasil que está sendo
07 confeccionada por um grupo de mulheres. É uma das ima-
08 gens emblemáticas da virada republicana do país. O profes-
09 sor subiu as escadas, atravessou uma sala, depois outra, e
10 por fim se postou diante de uma imagem menor que repro-
11 duzia a tela de Pedro Bruno, mas coberta de letras brancas
12 que diziam: “Ordem e Progresso: é verdade esse bilette.”

13 Trata-se de uma das montagens que Chagas pinçou
14 da internet para integrar a exposição “A política dos memes
15 e os memes da política”, organizada por ele. “O meme, em
16 essência, é tudo que é replicado. E sempre pressupõe mui-
17 tas camadas de significados”, afirmou o professor, diante
18 da imagem. “Este meme, por exemplo, só ganha sentido ao
19 conhecermos o quadro original, o contexto político do mo-
20 mento e outro meme que mostrava o recado de um menino
21 para a sua mãe” (“Senhores paes, amanhã não vai ter aula
22 porque pode ser feriado. Assinado: Tia Paulinha. É verdade
23 esse bilette”). A frase final do recado virou mote para diver-
24 sos memes.

25 A exposição espalha-se por quatro salas que tratam
26 da relação dos memes com os símbolos nacionais, a propa-
27 ganda política, a persuasão e a desinformação, entre outros
28 temas. Tudo é acompanhado de textos que mostram a com-
29 plexidade das forças políticas e sociais em jogo nas imagens.
30 “Ver um meme na parede de um museu: essa provocação
31 sempre foi nossa intenção”, disse Chagas, do Instituto de
32 Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Flumi-
33 nense (UFF). “Queremos que as pessoas encarem o objeto
34 do meme como algo relevante, fugindo do oba-oba, do bes-
35 teirol, da balbúrdia.” [...]

36 Formado em jornalismo pela Universidade do Estado
37 do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em
38 história pela Fundação Getúlio Vargas, Chagas sempre tra-
39 balhou com temas relacionados à mídia e ao poder. Quan-
40 do foi contratado pela UFF, em 2011, começou a ser inda-
41 gado pelos alunos sobre fenômenos da internet. Leigo no
42 assunto, ele passou a pesquisar sobre memes e percebeu
43 que tinham muito a ver com seus temas de estudo. Organi-
44 zou, então, um grupo de alunos para catalogar os memes e
45 analisá-los. A ideia era colocar as pesquisas como verbetes
46 na Wikipédia, mas seus colegas na universidade não endos-
47 saram a proposta. Disseram que uma enciclopédia deveria
48 prezar pela relevância e, para a academia, memes não eram
49 importantes.

50 Chagas decidiu, então, montar uma “enciclopédia” por
51 conta própria. Criou com sua equipe o #MUSEUdeMEMES,
52 um site que reúne as intervenções mais difundidas e in-
53 fluentes, que explica em que contexto surgiram e que im-
54 pacto político e/ou social tiveram. Na última contagem feita,
55 estavam catalogadas e analisadas no museu cerca de 200
56 famílias de memes, séries com o mesmo tema.

57 O site também abriga cerca de 1.200 trabalhos escri-
58 tos cadastrados (teses, artigos etc.) e tornou-se referência
59 no assunto. Em quatro anos de existência, teve mais de 2
60 milhões de visitantes, marca considerável para um projeto
61 acadêmico. Chagas, porém, sentia falta desta parte impor-
62 tante do trabalho: transformar o museu virtual numa expo-
63 sição real. E assim ele chegou ao Museu da República, que
64 hospeda a mostra até o dia 24 de agosto. [...]

PAVARIN, Guilherme. Memes no museu. *Revista Piauí*, ed. 155, ago. 2019.
Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/memes-no-museu>. [Adaptado]. Acesso em: 2
set. 2019.

Com base no Texto 1, é correto afirmar que:

01. a expressão “a política dos memes” difere semanticamente de “os memes da política”.

02. o quadro *A Pátria*, de 1919, é um dos exemplos de montagem que Chagas pinçou da internet para integrar a exposição.

04. a ideia inicial de Chagas era criar uma enciclopédia, mas, como seus colegas na universidade não endossaram a proposta, optou por publicar o conteúdo com sua equipe na forma de verbetes na Wikipédia.

08. o texto articula sobretudo trechos de narração e de descrição e tem por finalidade apresentar uma exposição em cartaz no Museu da República.

16. a exposição “A política dos memes e os memes da política”, organizada pelo #MUSEUdeMEMES, teve mais de 2 milhões de visitantes.



○ 20. (UFSC 2020) Com base no Texto 1, é correto afirmar que:

01. percebe-se a ampliação do conceito de arte a partir da alusão à pintura *A Pátria*, de Pedro Bruno, à versão dessa mesma obra em meme.

02. o autor critica a estrutura dos memes, a qual pressupõe muitas camadas de significado que só fazem sentido quando relacionadas ao quadro original.

04. a criação de um museu de memes é importante para que se conheça a origem de uma informação e assim se evite a propagação de *fake news* (notícias falsas).

08. uma das peças que integram a exposição é um meme criado por um garoto para sua mãe e que foi amplamente difundido na internet.

16. um meme é essencialmente tudo que pode ser replicado, que possui várias camadas de significado e cujo sentido depende da relação com elementos como a obra original, o contexto em que foi criado e outros memes.

32. o objetivo principal do texto é divulgar a criação de um museu de memes na internet.

64. por se tratar de um trabalho desenvolvido na universidade, o museu de memes publica apenas trabalhos acadêmicos, como artigos, dissertações e teses.



○ 21. (UFSC 2020) Com base no Texto 1 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. no penúltimo parágrafo do texto, em todas as orações, o sujeito é o nome “Chagas”, o qual é retomado pelas formas nominal e pronominal.

02. na frase “Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real.” (linhas 61-63), os dois-pontos são empregados para apresentar um esclarecimento.

04. os termos “oba-oba”, “besteiro!” e “balbúrdia” (linhas 34-35) estabelecem uma relação de antonímia com a expressão “algo relevante” (linhas 34).

08. na frase “Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção” (linhas 30-31), os dois-pontos introduzem uma oração subordinada.

16. no trecho “Ordem e Progresso: é verdade esse bilete.” (linha 12), a expressão “É verdade esse bilete” expressa ironia ao estabelecer intertextualidade com o bilhete de um menino à sua mãe.

32. o texto é um exemplar de artigo científico, uma vez que nele se identifica o posicionamento crítico de um pesquisador que é referência em sua área.



○ 22. (UFSC 2020)



Disponível em: <https://www.wilsonvieira.net.br/2015/02/charges-do-dia-so-sei-que-nada-sei.html>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Com base no Texto 6 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. na frase “só sei que de tudo eu sei...”, é possível substituir a expressão “de tudo” por “sobretudo” sem prejuízo ao sentido do texto.

02. a pena, o computador e o celular, retratados por meio da linguagem visual, contribuem para marcar cronologicamente o contraste entre ferramentas de escrita.

04. é um exemplar do gênero anúncio publicitário que visa promover o uso de novas tecnologias que superaram o manuscrito.

08. a frase “só sei que nada sei...” pode ser substituída por “não sei nada” sem prejuízo ao sentido do texto.

16. o texto explora a noção de conhecimento em dois momentos históricos distintos.



○ 23. (ACAFE 2023) Considere a tirinha da Mafalda para responder à questão.



Disponível em: <https://viagememverso.wordpress.com/2011/02/21/minha-mae-me-mima/>. Acesso em 29 ago 2022.

I- Nessa tirinha, Mafalda procura evidenciar que o papel do professor, no processo de aprendizagem, destina-se a proporcionar o contato com coisas importantes, relevantes para o desenvolvimento das crianças.

II- O professor deve educar para a autonomia e não para a domesticação.

III- Mafalda age como uma aluna que obedece a tudo passivamente. Ela deixa bem claro que tudo o que a professora falou é algo muito significativo.

IV- A tirinha em questão mostra uma cena escolar corriqueira, evidenciando o velho modelo educacional engessado e sem nada a acrescentar na formação intelectual dos estudantes. O tom de ironia aparece quando Mafalda se dirige à professora e diz: 'Parabéns, professora. Pelo visto sua mãe é ótima', 'Agora, por favor. Ensine pra gente coisas realmente importantes'.

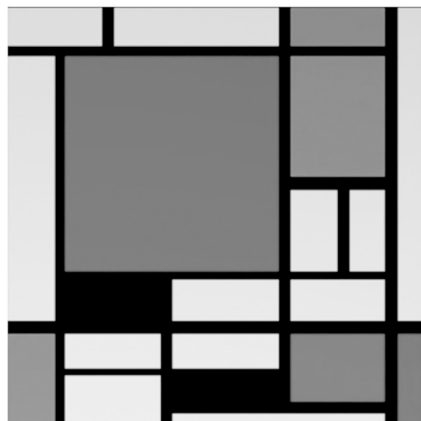
V- Mafalda se dirige à professora de forma grosseira e ameaçadora.

São CORRETAS as seguintes afirmativas.

- a) I, II e IV.
- b) I, III e V.
- c) II, III e V.
- d) III, IV e V.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Texto 1



Composição com Vermelho Amarelo e Azul. Piet Mondrian. 1935/1942

Disponível em: <https://arteartistas.com.br/biografia-de-piet-mondrian>. Acesso em: 2 set. 2022.

Texto 2



Disponível em: <http://www.custodio.net/haikai/haikai02.html> ou http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com/2007/08/charge-e-arte_13.html. Acesso em: 2 set. 2022.

○ 24. (UFSC 2023) Com base nos textos 1 e 2 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01. no texto 2, existe uma relação de intratextualidade entre a sombra e a janela.
- 02. o texto 2 estabelece uma relação de intertextualidade com o texto 1.
- 04. nos textos 1 e 2, a linguagem verbal não é necessária para se compreender os sentidos dos textos.
- 08. no texto 2, "manhã" e "mondrian" rimam por as vogais serem pronunciadas como a vogal nasal 'a' no português.
- 16. no texto 2, "No meu quarto" e "de manhã" remetem à ideia de quantidade e tempo, respectivamente.
- 32. a charge de Custódio, texto 2, é construída estabelecendo uma relação entre a linguagem poética e a das artes plásticas.



25. (UFSC 2023)

Uma experiência

1 Talvez seja uma das experiências humanas e animais
2 mais importantes. A de pedir socorro e, por pura bondade
3 e compreensão do outro, o socorro ser dado. Talvez valha
4 a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore
5 e mudamente se receba. Eu já pedi socorro. E não me foi
6 negado.

7 Senti-me então como se eu fosse um tigre perigoso
8 com uma flecha cravada na carne, e que estivesse rondan-
9 do devagar as pessoas medrosas para descobrir quem lhe
10 tiraria a dor. E então uma pessoa tivesse sentido que um ti-
11 gre ferido é apenas tão perigoso como uma criança. E apro-
12 ximando-se da fera, sem medo de tocá-la, tivesse arrancado
13 com cuidado a flecha fincada.

14 E o tigre? Não, certas coisas nem pessoas nem animais
15 podem agradecer, então eu, o tigre, dei umas voltas vaga-
16 rosas em frente à pessoa, hesitei, lambi uma das patas e
17 depois, como não é a palavra o que tem importância, afas-
18 tei-me silenciosamente.

LISPECTOR, Clarice. uma experiência. LISPECTOR, Clarice. Crônicas para jovens: de amor e amizade. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. p. 139-140.

Com base no Texto 1 e na leitura integral de Crônicas para jovens, seleção publicada originalmente em 2010, no contexto sócio-histórico e literário da obra e, ainda, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01. o Texto 1 é uma crônica que busca a conscientização acerca do sofrimento dos animais.
- 02. a questão central explorada na crônica é o medo, destacado com a oposição entre os termos “perigoso” (linhas 7 e 11), “medrosas” (linha 9) e “medo” (linha 12).
- 04. a temática explorada na crônica aproxima humanos e animais, culminando na identificação da narradora como tigre no texto.
- 08. a autora subverte o modo típico de emprego do ‘e’ previsto gramaticalmente ao empregá-lo no início de frases (linhas 5, 10, 11 e 14).
- 16. os termos “mudamente” (linha 4) e “silenciosamente” (linha 18) apresentam sentidos diferentes: o primeiro remete a uma condição subjetiva, e não biológica, que justifica a ausência da fala; e o segundo, ao reconhecimento de que no contexto não é a palavra que tem importância.
- 32. o advérbio “apenas” antecedendo a expressão “tão perigoso como uma criança” (linha 11) reforça a caracterização do tigre ferido como inofensivo.



26. (UFSC 2023)



Disponível em: <https://twitter.com/dukechargista>. [Adaptado]. Acesso em: 1 set. 2022.

Com base nos textos 1e 2 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

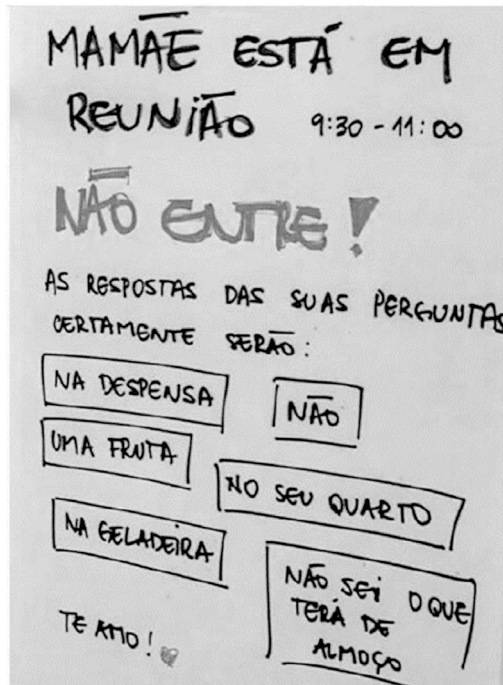
- 01. o pedido de socorro na charge é direcionado à mulher, interpretação que é reforçada pelos recursos verbais e imagéticos utilizados.
- 02. o Texto 2 é construído com o emprego de um mesmo tipo de frase – a exclamativa –, expressando, entretanto, diferentes emoções: surpresa, entusiasmo e desespero, respectivamente.
- 04. no Texto 2, a manutenção da posição da mulher nos dois quadros e a alteração na postura do homem no segundo visam a dar destaque à passividade e à submissão que caracterizam a condição das mulheres na sociedade ainda hoje.
- 08. o efeito de humor da charge resulta da surpresa do pedido feito pela personagem, dada sua urgência em lugar de um desejo projetado para o futuro.
- 16. os textos 1 e 2 contrastam o modo como os pedidos de socorro se dão, “mudamente” na crônica e verbalmente na charge.



Anotações:



○ 27. (UFSC 2022)



Disponível em: <https://revistaeste.com/o-humor-como-arma-contra-o-coronavirus-10-ser-mae-em-tempos-de-quarentena>. Acesso em: 20 out. 2021.

Com base no Texto 1 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. o texto 3 evidencia que a mãe não se preocupa com o filho, apenas com o trabalho.
02. o texto 3 é uma peça publicitária de uma marca de alimentos veiculada na mídia para problematizar a condição de gênero da mulher em tempos de pandemia.
04. no contexto, o uso do verbo “estar” no presente indica a ocupação da mãe naquele momento, o verbo “entrar” no imperativo sinaliza uma ordem e o verbo “ser” no futuro antecipa respostas a questões que podem vir a ser feitas.
08. trata-se de uma forma de interação produzida por uma mãe em que se respondem a perguntas que poderiam ser feitas durante a jornada de trabalho remoto dela.
16. a mãe justifica que não fará almoço pois estará em reunião.
32. o elenco de termos e frases desconexas como “UMA FRUTA”, “NÃO” e “NO SEU QUARTO” dificulta a compreensão da mensagem central.
64. o uso do advérbio “certamente” remete à ideia de que a mãe é questionada frequentemente sobre as mesmas coisas.



○ 28. (UFSC 2022)



Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-03-01-2020-1.2280495>. Acesso em: 20 out. 2021.

Com base no Texto 1 e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01. a primeira e a segunda vírgulas marcam um vocativo e uma oração coordenada adversativa, respectivamente.
02. o uso dos dois-pontos serve para enumerar os 12 trabalhos a serem realizados por Hércules.
04. o quadro estabelece uma relação de intertextualidade com o texto bíblico do Antigo Testamento que narra os feitos de Hércules.
08. o texto denuncia de forma irônica o aumento da precarização do trabalho.
16. o efeito de humor da charge consiste no fato de Hércules possuir pernas finas, inaptas a trabalhos que exijam força física.
32. o termo “agora” é responsável pela contextualização da crítica da charge.



Anotações:



MEDIMAI 4

» Leitura, compreensão e interpretação de texto

○ 1. (UFN)

Gaste tudo em uma aventura de amor

Esqueça a recomendação óbvia dos especialistas e torre sua conta inativa do FGTS em uma viagem romântica

Vou contrariar os sensatos conselhos dos economistas de plantão. Essa laminha da conta inativa do FGTS, fruto do seu público e sagrado suor, deve ser gasta com uma viagem de amor.

No mínimo com um piquenique no domingo do parque, um combo cinema+jantar romântico, algo que você não faz com a dita pessoa amada/amante há muito tempo.

Sei que pagar dívidas, como recomendam as frias marionetes da racionalidade, seria o correto. Que tal esquecer o banco e os credores apenas por um momento na vida e fazer uma loucura? Uma loucurinha, afinal, a considerar a média, a maioria dos trabalhadores receberá pouca grana.

Será inesquecível. Depois você corre atrás, qual um Usain Bolt da sobrevivência, e cobre ou rola a dívida. Haja irresponsabilidade do cronista – mestre em desastres financeiros e portador de um delirante capital amoroso, como sopraria neste momento o poeta e psicanalista Hélio Pellegrino. Uma loucurinha, eis a pedida.

O amor acaba, amigo(a), mas uma viagem, um piparote na rotina, *plaft*, seja a Paris ou a Poços de Caldas, levanta a moral da história. Vamos viver apenas para saldar dívidas com banqueiros?

No fundo, no fundo, com ou sem garantia, uma graça com o moço ou com a moça, uma besteirinha de amor, é o que vale. O resto não passa de um extrato para simples conferência. A vida não é um boleto, meu caríssimo mão-de-vaca. Sim, ótimo se der para saldar a dívida externa com o afortunado banqueiro e ainda bancar um mimo nas artes bambuais do kama-sutra amoroso. Seja com champanhe ou fazendo boiar a maçã do desejo de uma sydra.

Vale o estrago. Vale tirar esse jogo da retranca rotineira do eterno empate das contas a pagar com o orçamento. Você não morrerá rico, velho amigo, por causa de mais uma recuada financeira com o que restou no fundo do pote de um suor antigo deveras suado para enricar gordíssimos patrões de outrora.

Que me desculpem os economistas que desprezam o romantismo nessa hora, mas pagar as contas e esquecer a dívida interna com o amor caseiro não é um bom investimento. A vida irá cobrar juros mais caros depois na hora do adeus. Não existe responsabilidade fiscal no amor, meu velho.

Amor trepidante e sem rotina acaba, imagina a tristeza de amor que não anda, não sai do canto. Amor parado cria o inevitável lodo escorregadio do abandono ou do fim inercial propriamente dito. “Te alui, criatura”, como berra a linda advertência em nordestinês fluente. Melhor, digo, menos pior, ter o nome sujo no Serasa – morte a crédito – do que chorar as impagáveis lágrimas de um pé-na-bunda.

(Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/10/opinion/14891698_47_373697.html).

Em relação ao texto, é possível afirmar que:

- I. O cronista aconselha o leitor a gastar o dinheiro da conta inativa do FGTS em “uma aventura de amor”, considerando que essa é a coisa mais sensata a se fazer.
- II. O cronista pondera que, como os valores a serem resgatados são baixos, esse dinheiro não vai resolver os problemas da nossa economia.
- III. O cronista acredita que mais vale se endividar por amor do que viver em dia com as finanças e ser infeliz.
- IV. O cronista sugere cautela às pessoas que seguirem seus conselhos, pois se considera um cronista irresponsável.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

○ 2. (PUC) Responder à questão com base nos textos 1 e 2.

TEXTO 1

Entre o espaço público e o privado

Excluídos da sociedade, os moradores de rua ressignificam o único espaço que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu “lugar”, um espaço privado. Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, passando por situações constrangedoras, pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que está nas casas, na separação das coisas por cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social foram sempre precedidas de mudanças físicas de local. Por mais que a rua não seja um local para viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação é um ponto base e adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que “o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e invisíveis vedam os aspectos mais ‘privados’, ‘íntimos’, irrepreensivelmente ‘animais’ da nossa existência à vista de outras pessoas”.

O modo como essas pessoas constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em “seu lugar”, que aproximaram, cada um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. Moradores de uma terra sem dono. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiaincienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em 21/8/2014.



TEXTO 2



Disponível em: [http://www.jornaldaregiaoosudeste.com.br/noticias/intensifi cada-campanha--dar-esmolos-nao-ajuda](http://www.jornaldaregiaoosudeste.com.br/noticias/intensifi-cada-campanha-dar-esmolos-nao-ajuda). Acesso em 29/8/2014.

Pela leitura dos textos, é possível chegar à seguinte conclusão:

- a) A linguagem do texto 1 é tão persuasiva quanto a do texto 2.
- b) Ao contrário do texto 1, o texto 2 apresenta um ponto de vista único.
- c) A presença de aspas no texto 1 marca a posição contraditória do autor.
- d) Há uma passagem do texto 2 que faz uso de ambiguidade semântica intencional para provocar estranhamento.
- e) Em ambos os textos, a variante linguística é a norma padrão.

3. (PUCRS)

Entre o espaço público e o privado

Excluídos da sociedade, os moradores de rua ressignificam o único espaço que lhes foi permitido ocupar, o espaço público, transformando-o em seu "lugar", um espaço privado. Espalhados pelos ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, passando por situações constrangedoras, pedindo esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que está nas casas, na separação das coisas por cômodos e quartos que servem para proteger a intimidade do indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica de funcionamento, que vai além das possibilidades.

A relação que o homem estabelece com o espaço que ocupa é uma das mais importantes para sua sobrevivência. As mudanças de comportamento social foram sempre precedidas de mudanças físicas de local. Por mais que a rua não seja um local para viver, já que se trata de um ambiente público, de passagem e não de permanência, ela acaba sendo, senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores já apontam que a habitação é um ponto base e adquire uma importância para harmonizar a vida. O pensador Norberto Elias comenta que "o quarto de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis e invisíveis vedam os aspectos mais 'privados', 'íntimos', irrepreensivelmente 'animais' da nossa existência à vista de outras pessoas".

O modo como essas pessoas constituem o único espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram transformá-lo em "seu lugar", que aproximaram, cada um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. Moradores de uma terra sem dono. (fragmento adaptado) In: <http://sociologiainciencia-vida.uol.com.br/ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp>. Acesso em: 21/8/2014.

Pela leitura do texto, é possível concluir que:

- a) os moradores de rua não têm preocupação com sua intimidade.
- b) aqueles que fazem da rua sua casa dão um novo significado para seus objetos pessoais.
- c) as ruas têm uma lógica própria de funcionamento, que inviabiliza a proteção do indivíduo.
- d) os excluídos constroem nas ruas limites invisíveis para substituir o espaço que lhes é vedado.
- e) os aspectos mais violentos da existência humana são expostos por aqueles que vivem na rua.

4. (PUCRS)

O que é a verdade?

- 01 Todos nós, em algum momento da nossa vida, já nos
- 02 perguntamos o que é a verdade. Os filósofos sempre refleti-
- 03 ram sobre essa questão, buscando-a incessantemente, sendo
- 04 essa a primeira busca da filosofia.
- 05 Normalmente, surge uma dúvida em nossos pensa-
- 06 mentos e, ao encontrarmos uma resposta para essa dúvida,
- 07 seja por meio de deduções lógicas ou de alguma experiência
- 08 sensível, acreditamos que encontramos a verdade. Nesse
- 09 caso, podemos dizer que encontramos a verdade ao obter
- 10 o resultado de algo que, por meio de nossos pensamentos,
- 11 acreditamos como real; porém, para ser verdade, é necessário
- 12 que todos, ao duvidarem, cheguem ao mesmo denominador
- 13 comum, ou seja, a verdade tem que ser universal. Se assim
- 14 não o for, não é verdadeira, é uma falsa verdade.
- 15 Podemos dizer que a busca da verdade dá sentido para
- 16 a nossa existência, enquanto a falta dela leva o ser humano
- 17 a desiludir-se.

Adaptado de: Coleção base do saber: filosofia. São Paulo: Rideel, 2008.

Sobre o conteúdo e a composição do texto, é correto afirmar que:

- a) a utilização da primeira pessoa do plural determina que o texto foi escrito por um filósofo.
- b) a verdade está nas dúvidas que temos sobre o que é real.
- c) a universalidade é o que garante o caráter real da verdade.
- d) tendemos a ser infelizes se não conhecemos a verdade.

5. (PUCRS 2021)

A educação a.C. e d.C.: tudo vai ser diferente no ensino "depois da covid-19"

Fábio Roque Sbardellotto

- 01 A sentença de Heráclito, filósofo pré-socrático e pai da
- 02 dialética, no sentido de que ninguém pode entrar duas vezes
- 03 no mesmo rio porque, ao entrar pela segunda vez, já não en-
- 04 contra as mesmas águas, nunca se fez tão verdadeira como
- 05 agora, tamanha gravidade do fenômeno pelo qual estamos
- 06 passando. Não haverá como resistir: sairemos diferentes de
- 07 como entramos nesta pandemia. Os processos civilizatórios
- 08 deverão ser reinventados na economia, na política, na vida
- 09 familiar, na educação.
- 10 Com o isolamento social, houve uma ruptura inesp-
- 11 rada e muito traumática no ambiente educacional. Na edu-
- 12 cação pública, praticamente foram paralisadas as aulas. No
- 13 ambiente privado, mantiveram-se sob a forma do ensino a
- 14 distância, com tecnologias virtuais. Os alunos de instituições



15 públicas permanecem com seu horizonte incerto quanto ao
16 semestre e mesmo ao ano.

17 O que esperar no ambiente educacional? Os conteúdos
18 não se modificaram. O desafio está em vislumbrar a reto-
19 mada dos processos educacionais pós-coronavírus. Projeta-
20 mos uma realidade na qual pouco do que se tinha antes será
21 encontrado. E as instituições de ensino e seus educadores
22 deverão se reposicionar – “não se passará mais pelo mesmo
23 rio”. A travessia será mais tranquila para aquelas instituições
24 que já desenvolviam um ambiente educacional segmentado,
25 embasado em uma relação humanista, que tinham o estu-
26 dante no centro da relação aprendizagem/ensino. A seleti-
27 vidade irá privilegiar aqueles ambientes educacionais nos
28 quais o processo de aprendizagem oferecia ferramentas que
29 tornavam a tecnologia aliada da educação, mas que também
30 entregavam resultados alvissareiros para seus investidores,
31 os alunos. Sairão exitosas as instituições educacionais que
32 estavam preparadas e já planejavam o futuro de uma educa-
33 ção de excelência, apesar de existir crise econômica.

34 Para essas, o processo apenas se acelerou, e as águas que
35 as banharam já haviam filtrado boa parte do que agora se apre-
36 sentou como desafio quase intransponível para as outras.

Fragmento adaptado de: <https://bit.ly/3f9OuhF>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Assinale a única pergunta cuja resposta se encontra no texto.

- a) Em que consistirá a reinvenção dos processos civilizatórios?
- b) Como enfrentaremos as mudanças causadas pela pandemia da Covid-19?
- c) Quais ambientes educacionais terão vantagens sobre os demais?
- d) Como se dará a adaptação dos ambientes educacionais ao acelerado processo de utilização das tecnologias?

6. (UFN 2020)

A Linguagem da Depressão

por Maria Clara Drummond, 13.08.2019.

“Apesar de tudo de bom que vem acontecendo comigo, com tudo que já conquisei, eu me sinto há alguns anos triste”, escreveu Whindersson Nunes, o maior youtuber do Brasil, em abril de 2019. Em uma sequência de 16 postagens, ele revelou sofrer de depressão aos mais de 11 milhões de seguidores que mantém no Twitter, surpreendendo quem se acostumou a vê-lo sorrindo e cantando piada nas redes sociais. “Eu tenho tanto medo, tanto medo de decepcionar, que fico preso em mim mesmo. Foda-se o dinheiro, os números, eu não sinto tanta vontade de viver”, escreveu.

Seu relato, que poderia ser uma confissão íntima, dessas feitas no divã do analista ou a amigos e familiares muito próximos, é apenas um dos milhares de desabafo públicos compartilhados na internet, com cada vez mais frequência, por pessoas que sofrem de doenças mentais. Segundo dados do Ministério da Saúde, divulgados em 2018, o suicídio – desfecho trágico de quem enfrenta quadros mais severos – cresceu 18% de 2007 a 2016 e já é a quarta causa mais frequente de morte entre brasileiros de 15 a 29 anos.

Na tentativa de entender melhor o problema, especialistas têm se dedicado a decifrar a linguagem da depressão, um padrão de discursos que aparece na comunicação de quem enfrenta a doença. Além de adjetivos e advérbios negativos, o que mais denota o vocabulário dos deprimidos é o alto uso de pronomes na primeira pessoa do singular (“eu”) e a predileção por pala-

avras com conotação absoluta, como “sempre”, “nunca”, “nada” e “completamente”, que revelam um universo maniqueísta e sem nuances, em que é extremamente difícil enxergar soluções.

Tal padrão pode ser identificado em registros muito anteriores à invenção do Twitter. Em um texto publicado em *Diários de Sylvia Plath: 1950-1962*, um calhamaço de mais de mil páginas que pautou o estudo da linguagem da depressão no mundo inteiro e revela um pouco do que se passava na cabeça da poeta americana que se matou aos 30 anos, ela escreve: “Desanimada, incompetente, despreparada. Entrei na banheira quente, fiquei de molho sentindo o calor revigorante, eliminando as dores do meu sistema. Vivo pela metade? Ando tão cansada. Sempre a ideia de que poderia fazer tudo melhor, e eu poderia mesmo”. Salvo pela sofisticação literária, é fácil notar a semelhança de seu desabafo, escrito há quase 70 anos, e o relato de Whindersson, postado em 2019.

Eu, robô

Se antes as análises linguísticas desse campo de estudo eram feitas manualmente, hoje isso pode ser feito por meio de algoritmos que não só reconhecem padrões como também oferecem ajuda a quem está em risco.

Desenvolvido por psiquiatras e programadores brasileiros e lançado em fevereiro deste ano, o Algoritmo da Vida é um deles e age exclusivamente no Twitter. Funciona da seguinte forma: primeiro, a ferramenta rastreia sequências de palavras e expressões para identificar os padrões. Depois, é realizada uma checagem cuidadosa por uma equipe treinada, que considera contexto, ironias, recorrência de termos e periodicidade. Quando confirmados os indícios da doença, um perfil criado especificamente para a ação e administrado por um time formado com o auxílio de psiquiatras entra em contato com o usuário por meio de uma mensagem privada e indica a ajuda do CVV (Centro de Valorização da Vida). Desde que foi lançada, a iniciativa da empresa brasileira de tecnologia Byzsys já detectou quase 300 mil menções e contactou 20% dos usuários responsáveis por elas. Desses, 40% acessaram o link do site do CVV enviado – ou seja, 24 mil pessoas já foram impactadas pelo serviço. “O algoritmo está focado em ajudar pessoas em risco e o discurso de quem pensa em tirar a própria vida costuma ser ambíguo, mas sempre denota desesperança”, afirma Daniel Barros, consultor do projeto e professor da Faculdade de Medicina da USP. [...]

Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/depressao-algoritmos-identificam-sintomas-da-doenca-atraves-deanalise-no-twitter>

Leia as assertivas sobre “A linguagem da depressão”. Com relação ao texto como um todo, é possível afirmar que:

- I. Uma análise dos elementos linguísticos utilizados pelas pessoas pode identificar, com exatidão, quem sofre de depressão.
- II. O uso frequente do pronome “eu” é determinante para o diagnóstico da depressão.
- III. A identificação de palavras e expressões associadas à depressão é a base do “Algoritmo da Vida”.
- IV. Os estudos sobre a linguagem da depressão demonstram que as pessoas depressivas se expressam de forma semelhante há quase 70 anos.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.



○ 7. (UFN)

Humanidade poderá ser extinta em 30 anos; seres humanos precisam criar colônias em Marte e na Lua, diz Stephen Hawking

O GLOBO, Rio de Janeiro 20/06/2017

A raça humana deve começar a deixar a Terra nos próximos 30 anos para evitar ser eliminada devido ao excesso de população e às mudanças climáticas, advertiu o professor Stephen Hawking. Em um discurso apaixonado em um festival de ciência em Trondheim, na Noruega, o físico disse que era crucial estabelecer colônias em Marte e na Lua, levando plantas, animais, fungos e insetos, e assim começar a criar um novo mundo. Hawking disse que é apenas uma questão de tempo antes da Terra, do modo como a conhecemos, ser destruída por uma série de asteroides, temperaturas elevadas ou excesso de população. Para o físico, a “preguiça” não é uma opção, porque “as ameaças são muito grandes e numerosas”: – Estou convencido de que os seres humanos precisam deixar a Terra. O planeta está se tornando muito pequeno para nós, nossos recursos físicos estão sendo drenados a uma taxa alarmante – disse. – Demos ao nosso planeta perigosas mudanças climáticas, aumento das temperaturas, redução de calotas polares, desmatamento e dizimação de espécies de animais.

Segundo Hawking, “quando chegamos a crises semelhantes na História, geralmente havia outro lugar para colonizar”. Foi assim, por exemplo, que Cristóvão Colombo chegou às Américas, em 1492. Agora, no entanto, não há um território à disposição. – Estamos ficando sem espaço. Os únicos lugares a serem encontrados são outros mundos.

Em seu discurso, o professor disse ao público que a Terra deve ser atingida por uma série devastadora de asteroides. – Não se trata de uma ficção científica. Isso é garantido pelas leis da física e da probabilidade – assegurou. – Se nos espalharmos pelo espaço, mudaremos completamente o futuro da Humanidade. Isso pode determinar, aliás, se teremos algum futuro. Seja qual for o nosso destino, precisaremos construir uma civilização. Teremos de tomar meios práticos para estabelecer um novo ecossistema, que sobreviverá em um ambiente pouco desconhecido, e precisaremos considerar como será o transporte de várias milhares de pessoas, animais, plantas, fungos, bactérias e insetos.

De acordo com o professor, a Lua e Marte são os melhores locais para a instalação das primeiras colônias – uma base lunar poderia ser estabelecida nos próximos 30 anos, e um posto marciano, em até meio século. Mas Hawking também sugeriu que o homem deixe o Sistema Solar e se aventure no Sistema Estelar mais próximo de nós, o Alfa Centauri, onde os cientistas acreditam que existe um planeta habitável, conhecido como o Próxima B. O professor disse que foguetes de fusão nuclear alimentados por luz, ou “alguma forma de energia completamente nova”, poderia permitir que os humanos viajassem por anos-luz. – Se tivermos sucesso, enviaremos uma sonda para Alfa Centauri em um momento em que alguns de vocês ainda estarão vivos – revelou. – É claro que estamos entrando em uma nova era espacial. A colonização humana de outros planetas não é mais ficção científica, pode ser um fato científico. Hawking acrescentou: – A raça humana existe como uma espécie separada há cerca de dois milhões de anos. A civilização foi formada há cerca de 10 mil anos, e a taxa de desenvolvimento tem aumentado constantemente. Se a humanidade continuar assim por mais um milhão de anos, dependeremos da ousadia de chegar a um lugar onde ninguém nunca foi. Não temos outra opção.

(Texto adaptado)

De acordo com o texto, é possível afirmar:

- I. Não é mais sensato considerar a questão sobre a extinção da humanidade uma preocupação do futuro e, se não agirmos, todo ecossistema na terra mudará fundamentalmente.
- II. Marte é considerado um dos principais candidatos à colonização humana extensiva e permanente, em especial pelas condições da sua superfície, que são mais semelhantes às da Terra.
- III. Para a raça humana sobreviver ao tempo, talvez seja preciso ir até onde ninguém jamais foi.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 8. (PUC)

01 Não tive acesso ao conteúdo do livro “Por uma vida me-
02 lhor”, apenas a pequenos trechos. Portanto, falo com base
03 em informações e opiniões de terceiros. Nessa perspectiva,
04 vejo como positivo o debate que a abordagem pouco orto-
05 doxa dos autores desencadeou, pondo fogo a um tema em
06 geral tido como irrelevante: a língua materna em uso. Entre-
07 tanto, um trecho da obra me preocupou, e destaco: “Posso fa-
08 lar ‘os livros?’ “Claro que pode, mas dependendo da situação,
09 a pessoa pode ser vítima de preconceito linguístico”.

10 Para começar, pedir licença para falar de um determi-
11 nado jeito é um tiro no pé da tese defendida em “Por uma
12 vida melhor”. Porque pedir licença, neste contexto, é reco-
13 nhecer o poder do outro sobre nós – o que parece ser exata-
14 mente o contrário do que os autores pregam. Além disso, a
15 resposta “Claro que pode” é inócua: o aluno tanto sabe que
16 pode que usa essa concordância rotineiramente.

17 O problema maior, bem mais sutil e muito mais com-
18 plicado, porém, está na segunda parte da fala. Agir livre de
19 preconceito, o oposto de fazer alguém “vítima de preconcei-
20 to”, implica não só aceitar as pessoas como são, mas também
21 acreditar que todos sejam capazes de evoluir por méritos
22 próprios. Ao afirmar que a modalidade “permitida” pode vi-
23 timizar quem a utiliza – pela ação do “outro ameaçador” –, os
24 autores estão deslocando o foco da importância de construir
25 conhecimento de modo autônomo e reflexivo e enfatizando
26 o julgamento alheio, novamente reforçando o preconceito.
27 Ora, aula de língua materna é aula de cidadania, e ninguém
28 se torna cidadão por receio do “outro ameaçador”. O aluno
29 deve ter oportunidade de conhecer e desenvolver múltiplas
30 linguagens porque assim ele poderá expressar ideias e sen-
31 timentos com mais autonomia. E, talvez, com menos precon-
32 ceito. Tudo isso pode parecer muito sutil, mas a linguagem é
33 feita de sutilezas, para o bem ou para o mal.

Marisa M. Smith. PUCRS, Notícias FALE, junho, 2011.



Sobre o processo de composição do texto, **não** é correto afirmar que a autora:

- a) conclui seu texto com uma generalização sobre a linguagem.
- b) vale-se de um dado concreto, específico, para construir seu ponto de vista.
- c) entra em contradição no primeiro parágrafo, provocando certa desconfiança no leitor.
- d) apresenta uma ressalva em relação ao próprio conhecimento sobre a obra a que vai se referir.
- e) indica uma progressão de ideias com as expressões “Para começar” (linha 10) e “O problema maior [...] porém” (linhas 17 e 18).

Instrução: Leia o texto abaixo para responder às questões 9 e 10.

Não existe indústria da multa

O que queremos é um atalho para tornar a nossa vida melhor e que se danem os outros

Não existe indústria da multa. Para provar isso, bastam as estimativas de dois números: a média de erros no trânsito e a quantidade esperada de multas de um condutor.

Cometemos várias infrações no trânsito toda hora: direção acima da velocidade permitida no local, buzina sem razão, troca de faixa sem ligar a seta, falar (ou teclar!) no celular, ultrapassar pela direita, estacionamento em fila dupla, e muito mais. Vamos ser generosos e estimar em somente dez as infrações diárias de um motorista no Brasil (há variação regional, mas está para nascer um motorista que respeite todas as nossas regras de trânsito). Se uma pessoa dirige 200 dias por ano, isso totaliza 2.000 infrações anuais por condutor. Mas, na média, cada condutor brasileiro recebe duas multas por ano. Isso significa que, a cada mil erros (sendo bem generosos), somente um é punido. Ou seja, a taxa de punição da “indústria da multa” seria de 0,1%.

Nem todas as multas são pagas. Assim, a real relação entre infrações de trânsito e multas pagas seria ainda menor. Vocês conhecem alguma empresa que deixe na mesa 99,9% das suas vendas? Imagine um dentista que consertasse corretamente os dentes de 1 entre 1.000 pacientes. Ou uma fábrica de sapatos na qual 999 de 1.000 fossem defeituosos.

Se existisse indústria da multa, não haveria déficit público no Brasil (exagero, mas não muito). Bastaria colocar agentes de trânsito em qualquer esquina e sair multando todos os carros e suspendendo carteiras de motorista. Depois, seria só colocar empresas atrás dos devedores. A inexistência da indústria da multa não significa que nossas regras de trânsito não possam ser criticadas. Muitas vezes, o Estado usa as multas como medidas punitivas, em vez de educativas. Regras podem (e devem) ser melhoradas, mas ninguém tem o direito de decidir quais regras seguir. (...) Na verdade, o clamor contra essa inexistente indústria reúne tudo de pior do brasileiro: egoísmo, irracionalidade, ignorância e falta de *accountability* – parte falta de responsabilização individual e parte transferência de responsabilidade para outrem.

A indústria da multa é a desculpa perfeita para uma sociedade doente: “Não é minha culpa, não é meu erro, a multa nasceu de uma entidade maligna”. O que queremos é simples: que todos respeitem as leis do trânsito, menos nós. Assim, podemos ver uma fila de carros num afunilamento à direita e irmos na outra pista quase até a junção das pistas, nos jogando no primeiro espaço vazio que aparecer perto dela. “É só um minutinho”, também dizemos quando estamos parados em fila dupla, espe-

rando a filha sair do colégio. Os brasileiros conduzem muito mal, num comportamento de manada que reforça o comportamento ruim dos outros. Talvez seja até impossível respeitar todas as leis do trânsito, quando ninguém o faz. Mas dirigir mal não é o problema. Colocar a culpa nos outros é que é. Não existe indústria da multa, o que queremos, como quase sempre, é um atalho para tornar a nossa vida melhor, e que se danem os outros.

ZEIDAN, Rodrigo. Não existe indústria da multa. Folha de São Paulo, 29/06/2019. Adaptado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rodrigo-zeidan/2019/06/nao-existe-industria-da-multa.shtml>. Acesso em ago. 2018.

9. (UPF 2020) No que concerne a aspectos referentes à construção do sentido do texto, está **incorreto** o que se afirma em:

a) Ao considerar que “Não existe indústria da multa. Para provar isso, bastam as estimativas de dois números: a média de erros no trânsito e a quantidade esperada de multas de um condutor”, Zeidan sugere que, se todos os erros cometidos por um condutor no trânsito resultassem em multas, o número de efetivas infrações seria muito maior ao número hoje registrado.

b) Da afirmação de que “Vamos ser generosos e estimar em somente dez as infrações diárias de um motorista no Brasil”, é possível perceber que Zeidan acredita que o comportamento do brasileiro é, via de regra, passível de mais de uma dezena de multas por dia.

c) Ao apresentar informações estatísticas como “Se uma pessoa dirige 200 dias por ano, isso totaliza 2.000 infrações anuais por condutor. Mas, na média, cada condutor brasileiro recebe duas multas por ano. Isso significa que, a cada mil erros (sendo bem generosos), somente um é punido. Ou seja, a taxa de punição da ‘indústria da multa’ seria de 0,1%”, o autor constrói um argumento de credibilidade à ideia apresentada no título do texto.

d) Da informação de que “Se existisse indústria da multa, não haveria déficit público no Brasil”, é possível inferir que, na concepção do autor, ainda que injusta, a efetiva existência de uma indústria de multas pode ser a salvação financeira do país.

e) Ao registrar que “A indústria da multa é a desculpa perfeita para uma sociedade doente: ‘Não é minha culpa, não é meu erro, a multa nasceu de uma entidade maligna’”, o autor considera que as pessoas tendem a colocar a culpa em fatores externos e ignoram que a multa é decorrente de uma infração cometida pelo motorista, e, em sua opinião, esse é um comportamento doentio.

10. (UPF 2020) Assinale a alternativa incorreta com relação à posição defendida pelo autor no texto.

a) Os brasileiros levam menos multas do que o número de infrações que cometem no trânsito.

b) Embora recebam uma média de duas multas por ano, os brasileiros cometem uma média de dez infrações diárias no trânsito.

c) As multas deveriam ter caráter de medida educativa, no entanto, às vezes, o Estado as aplica tão somente como medida punitiva.

d) Mais do que dirigir mal e merecer multas, o problema do brasileiro é terceirizar a culpa, tentando se isentar de uma culpa que é sua.

e) No trânsito, os brasileiros se comportam como se as leis dessem valer para os outros, mas desejam estar em um grupo de exceção.



Instrução: Leia o texto abaixo para responder às questões 11 e 12.

Dizer o que se pensa não é sempre uma qualidade



01 Donald Trump fala o que muitos pensam e não têm co-
02 ragem de dizer, segundo seus eleitores.

03 Cheguei aos EUA em 2016 com Obama na Casa Branca
04 e assisti boquiaberta, poucos meses depois, a uma parcela
05 significativa da nação eleger uma figura no mínimo contro-
06 versada. Trump parecia imune aos próprios atentados contra
07 os valores americanos. A razão, louvada por tantos de seus
08 eleitores? “Ele fala o que muitos pensam e não têm coragem
09 de dizer.”

10 E ainda faz escola. Já ouvi o mesmo argumento de vá-
11 rios que apoiam presidenciáveis brasileiros. Como se dizer
12 o que se pensa fosse, de fato, sempre algo louvável. Mas
13 não é.

14 Pensar besteira todo mundo faz, de chegar na mureta
15 do mirante e ponderar que “é só passar a perna por cima e
16 me jogar” ou olhar para o vizinho e pensar que “se eu o em-
17 purrasse, ele teria morte certa”. Evocar associações comuns,
18 como mureta e suicídio, é apenas natural para o cérebro,
19 consequência inevitável do seu aprendizado por repetição.

20 Da mesma forma, num ambiente em que racismo, ho-
21 mofobia e liberdades tomadas com a vida dos outros ainda
22 imperam, onde se cresce ouvindo que negros e índios são
23 isso, gays são aquilo, e onde todo útero grávido é proprie-
24 dade coletiva, insultar é o impulso mental fácil, mesmo que
25 por repetição, e não por crença.

26 Pensamentos também são testes de ações mentais e
27 suas consequências possíveis. Mentalmente, todo mundo
28 um dia xinga a mãe, esbofeteia o vizinho, esfaqueia o mari-
29 do ou profere insultos racistas e homofóbicos.

30 Mas a grande maioria para no pensamento, horrorizada
31 pela consequência que suas ações mentais teriam na vida
32 real se executadas ou ditas. Pensamentos terríveis têm essa
33 utilidade: primatas que somos, com um córtex pré-frontal
34 expressivo, capaz de reconhecer más ideias e impedi-las
35 de vir à tona, não precisamos chegar às vias de fato para
36 aprender a não fazer besteira.

37 Dizer o que “todo mundo pensa mas não ousa dizer”,
38 portanto, não é sinal de coragem, nem de honestidade, mas
39 apenas de falta de controle pré-frontal – ou de mau caráter
40 mesmo.

Herculano-Houzel, Suzana [bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)]. Dizer o que se pensa não é sempre uma qualidade. Folha de São Paulo, 14/08/2010. Adaptado. Disponível em: <http://www.brasilagora.com.br/conteudo/dizer-o-que-se-pensa-nao-e-sempre-uma-qualidade.html>. Acesso em 11 ago. 2018)

○ 11 (UPF) No que concerne a aspectos semântico-sintáticos do texto, está **incorreto** o que se afirma em:

a) Da informação de que Herculano-Houzel assistiu “boquiaberta, (...) a uma parcela significativa da nação eleger uma figura no mínimo controversa” (linhas 4 a 6), combinada com as demais opiniões expressas por ela, é possível inferir que a eleição de Donald Trump contrariou a sua expectativa e que, caso votante naquele país, essa não teria sido a sua escolha política.

b) Da ponderação de que “Como se dizer o que se pensa fosse, de fato, sempre algo louvável. Mas não é.” (linhas 11 a 13), é possível inferir que a autora julga que nem sempre dizer o que se pensa é digno de reprovação.

c) Ao registrar que “Evocar associações comuns, como mureta e suicídio, é apenas natural para o cérebro, consequência inevitável do seu aprendizado por repetição” (linhas 17 a 19), a neurocientista afirma que tal postura pode parecer normal para o cérebro, mas deixaria de ser caso transpusesse a barreira do pensamento.

d) Ao considerar que “num ambiente em que (...) insultar é o impulso mental fácil, mesmo que por repetição, e não por crença” (linhas 20 a 25), a neurocientista preconiza que os insultos comumente proferidos por Donald Trump devem ser aceitos, uma vez que justificáveis em razão de impulsos naturais ao cérebro, oriundos de uma cultura de repetição.

e) Ao afirmar que somos “primatas (...) com um córtex pré-frontal expressivo, capaz de reconhecer más ideias e impedi-las de vir à tona, não precisamos chegar às vias de fato para aprender a não fazer besteira” (linhas 33 a 36), a neurocientista refere-se à capacidade de julgamento que os seres humanos têm e reconhece que essa capacidade pode impedi-los de agir por impulso, mesmo que não tenham efetivamente vivido experiências similares em momento anterior.

○ 12. (UPF) Sobre as ideias desenvolvidas no quinto parágrafo do texto (linhas 20 a 25), analise as afirmativas a seguir, julgando-as como verdadeiras (V) ou falsas (F).

() Ao fazer referência a um “ambiente em que racismo, homofobia e liberdades tomadas com a vida dos outros ainda imperam” (linhas 20-22), Suzana Herculano-Houzel adjetiva Trump como racista e homofóbico.

() Ao considerar que “onde se cresce ouvindo que negros e índios são isso, gays são aquilo” (linhas 22-23), a neurocientista tece crítica à estigmatização de grupos.

() Ao mencionar um lugar “onde todo útero grávido é propriedade coletiva” (linhas 23-24), a bióloga tece uma crítica à não liberação do aborto, sugerindo que essa escolha deve ser um direito individual da mulher.

() Ao sugerir que “insultar é o impulso mental fácil, mesmo que por repetição, e não por crença” (linhas 24-25), a autora defende que muitas ações discriminatórias e insultantes têm origem cultural, não configurando, necessariamente, um ato consciente e individual de quem as pratica.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – V – V

b) F – V – F – V

c) V – V – F – F

d) V – F – V – F

e) F – V – V – F



○ 13. (UPF)

Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH

01 A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH)
02 manifestou, por meio de nota publicada em 4 de fevereiro,
03 preocupação quanto à elevada incidência de assassinatos
04 de mulheres no Brasil no início deste ano. Segundo a comi-
05 são, 126 mulheres foram mortas em razão de seu gênero
06 no país desde o início do ano, além do registro de 67 tenta-
07 tivas de homicídio.

08 A comissão diz que os casos que chegaram a seu conhe-
09 cimento exigem do Estado a implementação de estratégias
10 abrangentes de prevenção e reparação integral às vítimas,
11 além de investigações “sérias, imparciais e eficazes dentro
12 de um período de tempo razoável”, que possibilitem a puni-
13 ção dos autores dos crimes. Uma das medidas que se fazem
14 urgentes, segundo a CIDH, é a formação, a partir de uma
15 perspectiva de gênero, de agentes públicos e pessoas que
16 prestam serviço público.

17 “A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não
18 se tratam de um problema isolado e são sintomas de um
19 padrão de violência de gênero contra elas em todo o país,
20 resultado de valores machistas profundamente arraigados
21 na sociedade brasileira”, diz a nota.

22 A comissão também faz um alerta para o aumento dos
23 riscos enfrentados por mulheres em situação de vulnerabi-
24 lidade por conta de sua origem étnico-racial, orientação se-
25 xual, identidade de gênero, situação de mobilidade huma-
26 na, aquelas que vivem em situação de pobreza, as mulheres
27 na política, jornalistas e mulheres defensoras dos direitos
28 humanos.

29 “Durante a visita in loco ao país, em novembro de 2018,
30 a CIDH observou, em particular, a existência de interseções
31 entre violência, racismo e machismo, refletidas no aumento
32 generalizado de homicídios de mulheres negras. Ademais, a
33 comissão vê com preocupação a tolerância social que per-
34 dura diante dessa forma de violência, bem como a impuni-
35 dade que continua caracterizando esses graves casos”, diz.

36 Na nota, a organização, vinculada à Organização dos
37 Estados Americanos (OEA), cita o fato de que o Brasil con-
38 centrou 40% dos feminicídios da América Latina, em 2017.
39 “A impunidade que caracteriza os assassinatos de mulheres
40 em razão de seu gênero transmite a mensagem de que essa
41 violência é tolerada”, diz a CIDH.

42 A presidenta da CIDH, Margarette May Macaulay, reco-
43 nhece o valor da lei que tipifica o feminicídio no Brasil, ao
44 mesmo tempo que entende ser essencial que as autorida-
45 des competentes não minimizem a gravidade das queixas
46 prestadas pelas vítimas. “É inadmissível que mulheres com
47 medidas protetivas sejam mortas, que não contem com es-
48 paços seguros”, diz Margarette, que também é relatora da
49 comissão sobre os Direitos das Mulheres.

BOND, Letycia. Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-02/numero-de-assassinatos-de-mulheres-no-brasil-em-2019-preocupa-cidh>. Publicado em 04 de fevereiro de 2019. Adaptado. Acesso em 02 mar. 2019

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, analise as afirmações a seguir, identificando-as como verdadeiras (V) ou falsas (F):

() Para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, 126 assassinatos de mulheres em razão de seu gênero e 67 tentativas de homicídio são, para o período inicial do ano [1º de janeiro a 4 de fevereiro], números preocupantes.

() A comissão considera que é urgente promover a formação de agentes públicos e de pessoas que prestam serviço público, a partir de uma perspectiva de gênero, o que resultará na punição dos autores dos crimes.

() Segundo a CIDH, na sociedade brasileira, é encontrada uma cultura de valores machistas, o que resulta num padrão de violência de gênero contra as mulheres em todo o país.

() A CIDH revela que o número de homicídios de mulheres negras é maior do que o número de homicídios de mulheres brancas.

() A CIDH considera que origem étnico-racial, orientação sexual, identidade de gênero, situação de mobilidade humana, situação de pobreza, inserção na política, atuação no jornalismo e atuação na defesa aos direitos humanos são elementos que colocam as mulheres em situação de vulnerabilidade.

() Segundo a CIDH, é percebida no Brasil uma tolerância ao feminicídio; e os criminosos desse tipo de crime, muitas vezes, permanecem impunes no país.

() Dados apresentados pela Comissão revelam que, em 2017, dos países que integram a Organização dos Estados Americanos, o Brasil foi o país que mais registrou casos de feminicídio.

A sequência correta do preenchimento dos parênteses, de cima para baixo e da esquerda para a direita, é:

- a) F - V - V - F - V - V - F.
- b) V - F - V - F - V - V - F.
- c) V - V - F - F - F - V - F.
- d) F - V - V - V - F - F - F.
- e) V - F - F - F - F - V - F.

Anotações:



Instrução: Leia o texto abaixo para responder às questões de 14 e 15.

Você sabe como as legendas dos programas de TV são feitas?

Por Crônicas da Surdez em Acessibilidade

Para que você veja aquela legenda com fundo preto na parte de baixo da tela da TV quando liga a closed caption, há uma pessoa fazendo movimentos muito rápidos sobre uma espécie de máquina de escrever em miniatura. “Em um programa ao vivo, batemos até 180 palavras por minuto”, diz Simone Cristina Alves, que há 19 anos traduz em letrinhas, muito rapidamente, o que escuta pelo fone de ouvido. Além dos programas televisivos, um estenotipista também pode legendar reuniões, aulas, palestras e outros eventos. O nome vem do estenótipo, um aparelho com apenas 24 teclas, sem indicação de letras, usado para a digitação the flash. Nele, são gravados começos e términos de palavras mais comuns em teclas que, pressionadas simultaneamente, formam uma palavra. Assim, é necessário tocar o teclado poucas vezes para escrever a maioria delas. Por questões de saúde, o máximo que um estenotipista deve ficar digitando ininterruptamente são duas horas – ainda assim, pela demanda de profissionais, alguns chegam a passar 8 horas na frente da maquininha. Há cursos abertos, mas apenas 400 profissionais desses no Brasil. Depois de um ano, já é possível fazer as legendas com certa rapidez, mas é necessário pelo menos mais dois anos de prática para que seja capaz de fazer isso ao vivo.

Como funciona?

O sinal da TV chega ao computador do estenotipista no mesmo momento em que chega para o telespectador. Ele digita, simultaneamente, teclas da esquerda (para o começo das palavras) e botões da direita (que correspondem à parte final). Pode, por exemplo, pressionar uma sequência de caracteres que significa “inov” com a mão esquerda ao mesmo tempo que aperta outra para “ação” na mão direita, formando rapidamente “inovação”. As legendas são mandadas para a emissora via internet ou linha telefônica e, de lá, sobem para a tela. O caminho parece longo, mas o atraso é de 2 ou 3 segundos.

Curiosidades

- ▶ A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) exige que 98% das palavras da closed caption sejam grafadas corretamente.
- ▶ Cada emissora é obrigada a transmitir 8 horas diárias de programação com closed caption (4 horas de manhã e 4 horas à tarde ou à noite). Nem todas cumprem a regra.
- ▶ O teclado não tem símbolos, mas é tátil, o que permite o uso até por deficientes visuais.

Disponível em: <http://cronicasdasurdez.com>. Acesso em: 5 set. 2019.

○ 14. (UFSC 2020) De acordo com o texto, estenotipista é:

01. uma máquina para digitar as palavras da closed caption.
02. a pessoa responsável por digitar as legendas da closed caption.
04. a tecnologia utilizada pelas emissoras de TV para transmitir as legendas.
08. a forma como as legendas são digitadas pela máquina.



○ 15. (UFSC 2020) Na frase “Por questões de saúde, o máximo que um estenotipista deve ficar digitando ininterruptamente são duas horas [...]” (linhas 14 a 16), a palavra “ininterruptamente” quer dizer que:

01. o profissional só pode digitar durante duas horas seguidas.
02. o profissional só pode digitar durante duas horas por dia.
04. a cada duas horas de digitação, o profissional deve fazer um intervalo.
08. digitar durante duas horas pode causar problemas de saúde.
16. digitar por mais de duas horas pode ser bom para a saúde.



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 16 e 17.

Produção industrial cai 0,3% de junho para julho

A produção industrial brasileira teve queda de 0,3% na passagem de junho para julho deste ano, o terceiro resultado negativo consecutivo. A perda acumulada no período chega a 1,2%, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal, divulgada hoje (3) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A produção teve queda ainda maior na comparação com julho do ano passado (-2,5%). A indústria também acumula recuos de 1,7% neste ano e de 1,3% em 12 meses.

Entre as grandes categorias econômicas, a queda de junho para julho foi puxada pelos bens de capital, isto é, as máquinas e os equipamentos (-0,3%), e pelos bens intermediários – os insumos industrializados usados no setor produtivo (-0,5%).

Por outro lado, os bens de consumo tiveram alta no período e evitaram um desempenho pior da indústria no mês. Os bens semi e não duráveis cresceram 1,4% no período, enquanto os bens duráveis avançaram 0,5%.

Onze das 26 atividades industriais tiveram queda na passagem de junho para julho, com destaque para outros produtos químicos (-2,6%), bebidas (-4,0%) e produtos alimentícios (-1%).

Entre as 15 atividades com crescimento, o principal destaque ficou com as indústrias extrativas, que tiveram alta de 6%.

Fonte: Economia - iG. Disponível em: <<https://economia.ig.com.br/empresas/industria/2019-09-03/producao-industrial-no-brasilcai-0-djunho-para-julho.html>>. Publicado em 03 de set. 2019. Acesso em 25 set. 2019. [Fragmento adaptado].

○ 16. (ACAFE 2020) Em relação ao que se afirma no texto, assinale a alternativa correta.

- a) Como a produção industrial brasileira teve queda de 0,3% na passagem de junho para julho em 2019, o acumulado de queda nos últimos doze meses foi de 1,2%, de acordo com o IBGE.
- b) Apesar de o número de atividades industriais com crescimento positivo ser maior do que 50%, na média geral o crescimento industrial no Brasil, na passagem de junho para julho do ano de 2019, foi negativo.
- c) A queda de junho para julho foi puxada pelos bens de consumo, confirma o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- d) Entre as atividades industriais pesquisadas, os bens semi e não duráveis foram os que mais cresceram no período.



○ 17. (ACAFE 2020) Assinale a frase que, embora reformulada, mantém o significado original do texto.

a) “A perda acumulada no período chega a 1,2%, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal [...]” → Os dados da Pesquisa Industrial Mensal confirmam que a perda acumulada no período é de 1,2% [...].

b) “Por outro lado, os bens de consumo tiveram alta no período e evitaram um desempenho pior da indústria no mês” → Dito de outro modo, os bens de consumo tiveram alta no ano e evitaram um mau desempenho mensal da indústria.

c) “Entre as 15 atividades com crescimento, o principal destaque ficou com as indústrias extrativas, que tiveram alta de 6%” → O mais importante resultado é o que foi obtido pelas 15 indústrias extrativistas, que tiveram alta de 6%.

d) “Os bens semi e não duráveis cresceram 1,4% no período, enquanto os bens duráveis avançaram 0,5%” → Enquanto os bens duráveis cresceram 1,4% no primeiro semestre deste ano, os bens semiduráveis cresceram 0,5%.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 22.

Como o comportamento de manada explica adesão impensada aos ativismos políticos

O ativismo se expressa, sobretudo, através de movimentos coletivos. Mas essa própria noção de coletividade pode ser uma pressão para pessoas participarem de um movimento simplesmente para sentirem que fazem parte de algo: a chamada “mob mentality” ou comportamento de manada é um instrumento político e uma arma para promover a agenda de grupos específicos.

A teoria psicológica de “comportamento de manada” sugere que seres humanos têm maior probabilidade de adotar determinados comportamentos porque seus amigos, colegas de trabalho e vizinhos já o adotam. Basicamente, ninguém quer ser o primeiro ou o último a fazer algo, mas sim estar seguro e inserido em um determinado grupo social.

“Se a questão é o que fazer com uma caixa de pipoca vazia em um cinema, com que rapidez dirigir em um determinado trecho de rodovia ou como comer o frango em um jantar, as ações das pessoas ao nosso redor serão importantes para definir nossa resposta”, diz o psicólogo Robert Cialdini, autor de “Influência: A Psicologia da Persuasão”.

A mesma lógica se aplica a ideologias políticas: um estudo da Universidade da Califórnia em Berkeley constatou que as pessoas tendem a alinhar suas opiniões políticas às do grupo em que estão inseridas.

O experimento reuniu 63 pessoas de duas cidades do Colorado: o primeiro de Boulder, um município com maioria de esquerda, enquanto o outro reunia pessoas de Colorado Springs. Ambos os grupos discutiram aquecimento global, ações afirmativas e união civil para casais do mesmo sexo.

Nas duas discussões, o principal efeito foi tornar os membros do grupo mais extremos em suas opiniões, comparado ao que eram antes de começarem a conversar. Ou seja: progressistas se tornaram mais progressistas nas três questões, enquanto conservadores se tornaram mais conservadores.

“Todos queremos tomar decisões melhores. Estudos identificam os papéis benéficos das estruturas de diversidade de pensamento, subgrupo e liderança plana na otimização de ideias e resolução de problemas”, diz Zac Baynham-Herd, analista da prática de ciências comportamentais da Ogilvy Consulting. “À medida que a atividade online cresce, o potencial de prolifera-

ção de ‘ovelhas negras’ e ‘comportamento de manada’ também aumenta”, acrescenta.

Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/como-o-comportamento-de-manada-explica-adesao-impensada-aos-ativismos-politicos/>>. Acesso em: 23 set. 2019. Publicado em 22 set. 2019. [Fragmento adaptado].

○ 18. (ACAFE 2021) Sobre o texto, é correto o que se afirma em:

a) A chamada “mob mentality”, que serve para turbinar ativistas políticos, é mais comum em ideologias de esquerda do que em ideologias de direita.

b) Uma característica de “comportamento de manada” é a tendência de as pessoas alinharem suas opiniões políticas às do grupo em que estão inseridas.

c) As pessoas que moram em Colorado Springs, no Colorado, são mais conservadoras do que as pessoas que moram em Berkeley, na Califórnia.

d) Na obra *Influência: A Psicologia da Persuasão*, Robert Cialdini ensina, entre outros comportamentos sociais, como comer o frango em um jantar.

○ 19. (ACAFE 2020) Com base no texto, conclui-se que:

a) o comportamento de manada ocorre quando as pessoas se sentem inseguras e, por isso, assumem posições políticas contrárias às da maioria do grupo social a que pertencem.

b) entre os animais, as ovelhas negras têm típico “comportamento de manada”.

c) os moradores de Boulder são mais progressistas do que os moradores da cidade de Colorado Springs.

d) aquecimento global, ações afirmativas e união civil para casais do mesmo sexo são temas sobre os quais não é possível constatar o “comportamento de manada”.

○ 20. (ACAFE 2021) Assinale a alternativa que melhor resume o texto.

a) O comportamento das multidões políticas do momento presente é um exercício de simplificação radical, que decompõe ativamente todos os elementos da individualidade e da civilização.

b) O comportamento de manada pode levar as pessoas a participarem de uma ação simplesmente porque simplifica ideias complexas — o que deveriam ser as pautas dos movimentos sociais.

c) O perigo do comportamento de manada é que dá permissão para atitudes que os indivíduos, sozinhos, provavelmente não assumiriam, como por exemplo participar de bullying ou agredir pessoas.

d) O comportamento de manada, que significa a adoção de posições convergentes com as posições da maioria de um grupo de pessoas, tem sido usado para promover a agenda política de grupos específicos.



○ 21. (ACAFE 2021) Assinale a pergunta que pode ser respondida corretamente com base no texto.

- a) Qual foi a conclusão a que chegaram os estudiosos da Universidade de Berkeley sobre o comportamento de manada?
- b) Por que o comportamento de manada regride à medida que aumenta o acesso a redes sociais?
- c) Em que regiões do mundo as pessoas são mais sujeitas ao “mob mentality”?
- d) O que é preciso fazer para ser um líder de comportamento social?

○ 22. (ACAFE 2021) “O experimento reuniu 63 pessoas de duas cidades do Colorado: o primeiro de Boulder, um município com maioria de esquerda, enquanto o outro reunia pessoas de Colorado Springs. Ambos os grupos discutiram aquecimento global, ações afirmativas e união civil para casais do mesmo sexo.”

Sobre esse fragmento do texto, é correto afirmar que:

- a) Os habitantes de Colorado Springs têm renda per capita mais alta que os habitantes de Boulder.
- b) o número de pessoas de Boulder, participantes do experimento realizado pela Universidade de Berkeley, é igual ao número de pessoas participantes de Colorado Springs.
- c) O fragmento diz explicitamente que as pessoas de Colorado Springs são mais conservadores do que as pessoas de Boulder.
- d) em “[...] o primeiro de Boulder, um município com maioria de esquerda, enquanto o outro reunia pessoas de Colorado Springs”, o termo destacado seria mais coeso e coerente se fosse substituído por “o primeiro [grupo reunia pessoas] de Boulder”.

○ 23. (UFPR) A explosão das medusas em todo o mundo se deve a uma série de fatores inter-relacionados. Uma das principais causas é o excesso de pesca de seus predadores naturais, como o atum, o que ao mesmo tempo elimina a concorrência pelo alimento e o espaço de reprodução. Em paralelo, diversas atividades humanas em regiões costeiras também ajudam a explicar o fenômeno: ali onde enormes quantidades de nutrientes são jogadas no mar (em forma de resíduos agrícolas, por exemplo), produzindo grandes explosões de populações de algas e plânctons, que consomem o oxigênio da água e geram as denominadas zonas mortas. Não muitos peixes e mamíferos aquáticos conseguem sobreviver nelas, mas as medusas sim, além de encontrarem no plâncton uma fonte de alimentação abundante e ideal. Quando as populações de medusas conseguem se estabelecer, as larvas de outras espécies acabam sendo parte do cardápio também, desequilibrando a cadeia trófica.

As medusas são, além disso, um dos poucos vencedores naturais da mudança climática, já que seu ciclo reprodutivo é favorecido pelo aumento da temperatura nos ciclos oceânicos. Mas há mais fatores. Existem evidências de que certas espécies de medusa se reproduzem com mais facilidade junto a estruturas costeiras artificiais, como molhes e píeres. Por isso, é difícil saber se os esforços para deter, ou até reverter a mudança climática, representam uma solução à crescente presença de medusas nos mares, pelo menos enquanto continuem gerando problemas em ecossistemas costeiros e cadeias alimentares marinhas. [...]

No entanto – e não muito longe de Monte Hermoso – um cientista elucubra uma ideia mais interessante: se queremos resolver o problema das medusas, temos de parar de vê-las como um mal, e começar a vê-las como comida.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/ciencia/1537282711_864007.html>.

Entre principais e secundários, o texto menciona como causas de origem antrópica da proliferação de medusas:

- a) 2 fatores.
- b) 3 fatores.
- c) 4 fatores.
- d) 6 fatores.
- e) 7 fatores.

○ 24. (UFPR 2020) Diverti-me imensamente com a história dos imbecis da web. Para quem não acompanhou, foi publicado em alguns jornais e também on-line que no curso de uma chamada lectio magistralis em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis. É falso. A lectio era sobre um tema completamente diferente, mas isso mostra como as notícias circulam e se deformam entre os jornais e a web. A história dos imbecis surgiu numa conferência de imprensa durante a qual, respondendo a uma pergunta que não me lembro mais, fiz uma observação de puro bom senso. Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar – e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje uma parte consistente dessas pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis.

[...]

É justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestiona as linhas. E algumas reações descompensadas que vi na internet confirmam minha razoabilíssima tese. Alguém chegou a dizer que, para mim, as opiniões de um tolo e aquelas de um ganhador do prêmio Nobel têm a mesma evidência e não demorou para que se difundisse viralmente uma inútil discussão sobre o fato de eu ter ou não recebido um prêmio Nobel – sem que ninguém consultasse sequer a Wikipédia.

Umberto Eco – Os imbecis e a imprensa responsável, 2017.

A questão central apontada pelo autor no texto pode ser corretamente sintetizada no fato de que:

- a) ele tenha se divertido com os comentários a respeito da presença dos imbecis na web.
- b) na web, as opiniões atingem audiências altíssimas por expressarem ideias absurdas.
- c) a opinião de um ganhador do prêmio Nobel e a de um imbecil têm o mesmo peso na web.
- d) as notícias sofrem distorções durante o processo de circulação entre as diferentes mídias.
- e) os navegadores da web não conferiram a informação sobre ele ter recebido ou não um prêmio Nobel.

Anotações:



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 25 e 26.

O jogo do salário mínimo

01 [...] Em menos de trinta minutos, dois times centenários
02 do futebol carioca, Bonsucesso e Olaria, vão se enfrentar
03 num jogo treino, na preparação para a disputa da segunda
04 divisão do campeonato do Rio.

05 Na arena vazia, os jogadores vivem a desigualdade sala-
06 rial do futebol brasileiro. Na esperança de chegar a um clube
07 grande, os 22 atletas em campo correm no estádio em troca
08 de um salário mínimo (998 reais) na carteira assinada – isso
09 quando não há atraso no pagamento. Juntos, ganham cerca
10 de 22 mil reais – menos de 2% do salário mensal de uma
11 estrela como o atacante Gabriel Barbosa, o Gabigol, do Fla-
12 mengo. Longe do glamour dos estádios padrão Fifa, os 22
13 em campo no chamado Clássico da Leopoldina, em referên-
14 cia à antiga linha de trem, são um retrato do precário merca-
15 do de trabalho da bola no Brasil.

16 Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela
17 que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país em-
18 pregados em 2017 recebia até três salários mínimos (2.811
19 reais). Os dados constam da RAIS (Relação Anual de Informa-
20 ções Sociais) de 2017.

21 [...]

22 A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único
23 levantamento que tenta mapear os salários no futebol bra-
24 sileiro. A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de
25 publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de
26 direito de imagem. Segundo a última edição do trabalho da
27 entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos
28 jogadores de futebol ganhavam até 1 mil reais por mês em
29 2016. Sem citar nomes, a CBF informou que apenas um jo-
30 gador recebia mais de 500 mil reais, mas o número estava
31 longe da realidade, e o mesmo se pode dizer dos dados da
32 RAIS. O salário em carteira é só uma parte do que os atletas
33 recebem, pois o principal vem dos direitos de imagem e pa-
34 trocínios.

35 Mas essa é uma realidade dos clubes grandes. Em clubes
36 como Bonsucesso e Olaria, não há direitos de imagem, já
37 que não há imagem a ser vendida. Os patrocinadores estão
38 mais para pequenos comerciantes locais do que para gran-
39 des financiadores do futebol.

Sérgio Rangel. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-jogo-do-salario-minimo/>. 31/05/2019.

25. (UFPR 2020) Com base no texto de Rangel, considere as seguintes afirmativas:

1. Em “Os patrocinadores estão mais para pequenos comerciantes locais do que para grandes financiadores do futebol”, temos uma relação de contraposição.
2. Os baixos salários, somados aos atrasos nos pagamentos, são aspectos da precariedade do mercado da bola no Brasil.
3. Os dados salariais dos jogadores brasileiros, apontados pela RAIS, apresentam distorções porque a maioria dos jogadores recebem até três salários mínimos por mês, enquanto outros recebem até quinhentos mil reais por mês.
4. A ausência de comercialização de imagens de jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria decorre do fato de esses jogadores não terem direitos de imagem como o jogador Gabigol, por exemplo.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- e) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.

26. (UFPR 2020) Com base no texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- () A expressão “na arena vazia” (linha 5) encontra-se em relação de oposição metafórica com a expressão “glamour dos estádios padrão Fifa” (linha 12).
- () Ainda que os jogadores de clubes como Bonsucesso e Olaria sujeitem-se aos baixos salários, eles mantêm no horizonte a aspiração aos grandes clubes.
- () O autor do texto traz a lume denúncias de jogadores acerca das disparidades salariais no mundo do futebol.
- () O desequilíbrio entre o que um jogador-estrela recebe no Brasil em relação ao contingente dos demais jogadores fundamenta-se na variável direitos de imagem.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) V – V – F – V
- b) V – F – V – F
- c) F – V – F – V
- d) F – F – V – V
- e) V – V – V – F

27. (UNIJUÍ 2021)



Fundação Astrojildo Pereira

Sábado, 07 novembro 2020 / Publicado em Política Hoje Miguel Reale Júnior*:
Vacina obrigatória

Campanha contra a vacinação por motivos políticos pode ser crime de responsabilidade

O obscurantismo bolsonariano faz-nos retroceder no tempo mais de um século. Em 1900 a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, era conhecida como empestada, vítima de febre amarela, peste bubônica e cólera. Oswaldo Cruz, diretor de saúde pública no governo Rodrigues Alves, enfrentou as duas primeiras a partir de 1902 e em 1904 deu início ao combate à varíola, cuja imunização poderia dar-se pela aplicação de vacina já conhecida havia décadas.



Depois de muita discussão, foi aprovada no Congresso Nacional a Lei n.º 1.261, de outubro de 1904, que determinava a vacinação compulsória. Houve, então, já naquele tempo, tanto fake news, difundindo ser pernicioso a vacina, como exploração política de positivistas, seguidores de Augusto Comte, e florianistas, adeptos de Floriano Peixoto, que tomaram a questão da vacina como pretexto para tentar derrubar o presidente.

A contestação à obrigatoriedade, liderada por parlamentares, antes oficiais do Exército, ganhou cores gravíssimas, pois entre 10 e 20 de novembro as ruas foram ocupadas por revoltosos, com um saldo terrível de 30 mortos e mais de 900 presos, dos quais 450, por antecedentes criminais, foram enviados para o Acre. Muitos feridos.

Até Rui Barbosa se pôs contra a vacina, ponderando que, “assim como o Direito veda ao poder humano invadir-nos a consciência, assim lhe veda transpor-nos a epiderme”. A obrigatoriedade foi revogada. Em 1908 muitos morreram de cólera e a população acorreu, então, para tomar a vacina. Rui alterou sua posição e em 1917 homenageou Oswaldo Cruz, reconhecendo dever-se a ele a vitória sobre o flagelo e a diferença entre o “Brasil pesteador, que encontrou, e o Brasil desinfestado, que nos veio a legar”.

Em plena pandemia, antes do meio do mandato, Jair só pensa na reeleição. E por interesse político, como em 1904, lança suspeitas sobre a vacina e nega sua obrigatoriedade para contentar seguidores e atacar governadores, contrariando os valores básicos da Constituição e os termos da legislação específica por ele mesmo sancionada. E daí?

No campo legal, a Lei n.º 6.259/75 e o Decreto n.º 78.231/76 impõem a obrigatoriedade da vacina a todos os adultos, aos quais incumbe submeter à vacinação os menores sob sua guarda.

A prevenção da contaminação da covid-19 é, especificamente, disciplinada pela Lei n.º 13.979/20. No artigo 3.º da lei, dispõe-se: “Para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional de que trata esta Lei, as autoridades poderão adotar, no âmbito de suas competências, entre outras, as seguintes medidas: (...) III – determinação compulsória de (...) d) vacinação”. Essa conduta pode ser adotada, segundo o parágrafo 7.º desse artigo 3.º, pelos gestores locais de saúde, ou seja, pelos governadores, desde que cientificamente recomendada a providência.

Na Constituição da República consagra-se o valor da solidariedade no artigo 3.º, segundo o qual é objetivo fundamental da República construir uma sociedade livre, justa e solidária. Ser vacinado é ser solidário, pois não apenas se protege a si mesmo, mas todos da comunidade, visando a alcançar a imunização. A solidariedade, na expressão de Dworkin, vem a ser “considerar a vida dos outros como parte de suas próprias vidas” (Uma Questão de Direito, pág. 297), significando “a pessoa se abrir à outra, pensá-la, sofrer com”, no dizer de Arias Bustamante (Alternativa Ideológica: Comunitarismo, pág. 40), unidos todos por grande cordão umbilical.

Pela via da solidariedade social pode-se cimentar, orientar e construir concretamente nossa unidade como povo, surgindo em face desse objetivo da República o dever de solidariedade que a todos vincula (André Corrêa, Solidariedade e Responsabilidade, pág. 313).

Como transmissores, somos todos iguais perante o vírus. Ninguém, por nenhuma razão, pode colocar-se acima dos demais e negar-se a colaborar com a comunidade na precaução contra o malefício da infecção.

Rejeitar a vacina, autorizada pela Anvisa, é atuar com desprezo pelo outro, em superioridade antissolidária. Como elucidado pelo Supremo Tribunal Federal (Oscar Vilhena, Direitos Fundamen-

tais, pág. 388, reproduzindo votos de Celso de Mello), “a proteção à saúde representa um fator que associado a um imperativo de solidariedade social impõe-se ao Poder Público”, em qualquer plano da organização federativa, tomando medidas preventivas e curativas.

Em outro voto, Celso de Mello observa que a negação de qualquer tipo de obrigação a ser cumprida com base nos direitos sociais significa a renúncia a “reconhecê-los como verdadeiros direitos” (pág. 399), em arrepio ao princípio da solidariedade.

Assim, campanha contra futura vacinação, por motivação política, significa não reconhecer a precaução eficaz contra o vírus como um direito da comunidade, a ser explicado e exigido de todos pelo chefe da Nação. Tal conduta infringe o artigo 7.º da Lei n.º 1.079/50, ou seja, pode ser crime de responsabilidade consistente em violar o direito social à saúde, pois incita a impedir a imunização, objetivo solidário de todo o povo. Que flagelo!

*Advogado, professor titular sênior da Faculdade de Direito da USP, membro da Academia Paulista de Letras, foi ministro da Justiça. Fonte: O Estado de S.Paulo Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,vacina-obrigatoria,70003504222>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Sobre o texto Vacina Obrigatória, de Miguel Reale Júnior, analise as afirmações abaixo e assinale a **incorreta**.

- a) O autor utiliza-se de diferentes argumentos para defender a sua tese: argumentos de citação; argumentos de autoridade e argumentos por fatos históricos, tais como a Revolta da Vacina e o governo de Floriano Peixoto.
- b) O termo “determinação compulsória” significa algo que obriga ou compele a fazer; já o termo “obscurantismo” significa doutrina daqueles que não desejam que a instrução penetre na massa do povo, doutrina que é contrária ao progresso intelectual e material.
- c) Há, no texto, várias figuras de linguagem: “vacina já conhecida havia décadas” (hipérbole); “vitória sobre o flagelo” (eufemismo); “suas próprias vidas” (pleonasma); “Como transmissores, somos todos iguais perante o vírus” (comparação).
- d) O termo “solidariedade”, apresentado sob diferentes formas, é recorrente no texto. Para o autor, o termo está ligado diretamente a um sentimento de identificação

○ 28. (UNIJUÍ 2020 adaptada)

Para além das nações, construir a Terra.

Por Leonardo Boff Publicado por Diário do Centro do Mundo 27 de novembro de 2019



Leonardo Boff, teólogo e filósofo, escreveu: Cuidar da Terra e proteger a vida: como escapar do fim do mundo, Record 2010.

Um anúncio-propaganda de um dos canais de televisão mostra um grupo multiétnico cantando: “Minha pátria é a Terra”. Aqui se revela um outro estado de consciência que deixou para



trás a ideia convencional de pátria e de nação. Com efeito, vivemos ainda sob o signo das nações, cada qual se autoafirmando, fechando ou abrindo suas fronteiras e lutando por sua identidade. Essa fase, ainda vigente, pertence a outra época da história e da consciência. A globalização não é apenas um fenômeno econômico. Representa um dado político, cultural, ético e espiritual: um novo passo na história do planeta Terra e da Humanidade.

Há alguns milhares de anos, a espécie humana saiu da África de onde surgimos no processo evolutivo (somos todos africanos) e conquistou todo o espaço terrestre constituindo vilas, cidades e civilizações. Fernão de Magalhães fez em três anos (1519-1522) a circum-navegação da Terra e comprovou empiricamente que ela é efetivamente redonda (não *plana* como uma obtusa visão ainda sustenta). Depois da expansão, chegou o tempo da concentração, do retorno do grande exílio. Todos os povos estão se encontrando num único lugar: no planeta Terra. Descobrimos, para além das nacionalidades e das diferentes etnias, que formamos uma única espécie, a humana, ao lado de outras espécies da grande comunidade de vida.

À custa estamos ainda aprendendo a conviver acolhendo as diferenças sem deixar que se transformem em desigualdades. Respeitando a riqueza acumulada pelas nações e etnias, que revelam os vários modos de sermos humanos, somos confrontados com um desafio novo, nunca antes havido: a construção da Terra como Casa Comum. Cresce a consciência de que Terra e Humanidade possuem um destino comum. Xi Jin Ping, chefe de Estado da China, o formulou bem: temos o dever de construir a “Comunidade de Destino compartilhado para a Humanidade”.

O êxito desta construção nos trará um mundo de paz, um dos bens mais ansiados por todos. Viver em paz, oh que felicidade! Essa paz é que nos falta nos dias atuais.

Ao contrário, vivemos em guerras regionais letais e uma guerra total movida contra Gaia, a Terra viva, nossa Mãe Terra atacada em todas as frentes, a ponto de ela mostrar sua indignação através do aquecimento global e da exaustão de seus bens e serviços, sem os quais a vida corre risco.

Nesse contexto, vale revisitar um clássico do pensamento ocidental, um filósofo, Immanuel Kant (+1804), um dos primeiros a pensar uma República Mundial (Welrepublik), embora nunca tenha saído de sua pequena cidade de Königsberg na Alemanha. Ela só se consolida se conseguir instaurar uma “paz perene”. Seu texto famoso de 1795 se chama exatamente “Para uma paz perene” (*Zum ewigen Frieden*).

A paz perene se sustenta, segundo ele, sobre duas pilstras: a cidadania universal e o respeito aos direitos humanos.

Esta cidadania se exerce primeiramente pela “hospitalidade geral”. Precisamente ela porque, diz ele, todos os humanos têm o direito de estar nela e visitar seus lugares e os povos que a habitam. A Terra pertence comunitariamente a todos.

Face aos pragmáticos da política, geralmente pouco sensíveis ao sentido ético nas relações sociais, enfatiza: “A cidadania mundial não é uma visão de fantasia, mas uma necessidade imposta pela paz duradoura”. Se queremos uma paz perene e não apenas uma trégua ou uma pacificação momentânea, devemos viver a hospitalidade e respeitar os direitos.

Outra pilstra são os direitos universais. Estes, numa bela expressão de Kant, são “a menina-dos-olhos de Deus” ou “o mais sagrado que Deus colocou na terra”. O respeito deles faz nascer uma comunidade de paz e de segurança que põe um fim definitivo “ao infame beligerar”.

O império do direito e a difusão da cidadania planetária expressa pela hospitalidade devem criar uma cultura dos direitos, gerando de fato a “comunidade dos povos”.

Esta comunidade dos povos, enfatiza Kant, pode crescer tanto em sua consciência, que a violação de um direito num lugar é sentida em todos os lugares, coisa que mais tarde repetirá por sua conta Ernesto Che Guevara.

Esta visão ético-política de Kant fundou um paradigma inédito de globalização e de paz. A paz resulta da vigência do direito e da cooperação juridicamente ordenada e institucionalizada entre todos os Estados e povos.

Diferente é a visão de outro teórico do Estado e da globalização, Thomas Hobbes (+1679). Para ele, a paz é um conceito negativo, significa a ausência da guerra e o equilíbrio da intimação entre os estados e povos. Esta visão funda o paradigma da paz e da globalização fundado do poder do mais forte que se impõe aos demais. Ele predominou por séculos e hoje voltou poderosamente pelo bizarro presidente dos USA, Trump, que ainda sonha com um só mundo e um só império, o norte-americano.

Os EUA decidiram combater o terrorismo com o terrorismo de Estado. É a volta ameaçadora do Estado-Leviatã, inimigo fidalgo de qualquer estratégia de paz. Nesta lógica, não há futuro para a paz nem para a humanidade.

Hoje somos confrontados com este cenário: se forem atirados os arsenais de armas nucleares pela insanidade de um governante ou pela Inteligência Artificial Autônoma, poderá ser o fim de nossa espécie. *Et tunc erat finis*. Teremos tempo e sabedoria suficientes para mudar a lógica do sistema implantado há séculos que ama mais a acumulação de bens materiais do que a vida? Isso dependerá de nós.

Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/para-alem-das-nacoes-construir-a-terra-por-leonardo-boff/>. (Adaptado). Acesso em: 5 dez. 2019.

Sobre o texto “Para além das nações, construir a Terra”, assinale a alternativa **incorreta**:

- O texto aborda acerca do fato de que a Terra tem sido vista como Casa Comum, pois todos os povos habitam-na. É o êxito desta construção que nos trará um mundo de paz.
- O “infame beligerar” (9º parágrafo) é uma metáfora que relaciona o fazer guerra, o estar em guerra com algo desprezível, detestável. Já a metáfora “paz perene” (5º parágrafo) está relacionada à ideia de paz eterna, duradoura.
- O texto é polifônico e traz vozes dissonantes sobre o conceito de paz: paz como visão de ausência de guerra, fundada no poder do mais forte sobre os demais; paz sustentada no respeito aos direitos humanos e na cidadania; paz como ausência de guerra. O autor defende a primeira visão, pois, segundo ele, voltou fortemente nos últimos tempos e tem emergido no cenário mundial.
- Segundo o texto, para que tenhamos uma paz duradoura, perene, precisamos viver a hospitalidade e respeitar os direitos universais, o que irá permitir o surgimento de uma comunidade de paz e de segurança.

Anotações:



Instrução: As questões 29 e 30 estão relacionadas ao texto abaixo.

O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar “higienização da raça”, ou seja, a implementação de políticas que resultassem no “embranquecimento” do país.

Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos: o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, como resolver esse duplo eixo de diferenças?

Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrigar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por gramatiquinhos pseudopuristas como erro.

Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-rationais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-rationais. Fica, então, a pergunta que não quer calar: como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado]. Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Coperve/2017 e no Programa das Disciplinas.

○ 29. (UFSC) Considerando o texto, é correto afirmar que:

01. o assunto principal do texto é a política de “embranquecimento” do Brasil, a qual se implementou com a vinda de imigrantes europeus, que contribuíram significativamente para a chamada “higienização da raça”.

02. o autor tem uma atitude conservadora em relação à língua, o que se percebe pela defesa que faz dos autores clássicos lusitanos e por críticas dirigidas a autores brasileiros do romantismo e do modernismo e aos falantes brasileiros em geral.

04. o texto é de caráter narrativo, pois relata, de forma objetiva e imparcial, uma sequência cronológica de fatos passados no século XIX, expressos no tempo verbal pretérito perfeito, sem a presença de comentários opinativos do autor.

08. a defesa da “higienização da raça” pela elite brasileira do século XIX repercutiu na língua, de modo que as diferenças do português brasileiro em relação ao português europeu foram consideradas como erros que precisavam ser corrigidos.

16. o autor contrapõe fatos sócio-históricos que envolvem aspectos gramaticais e literários a um imaginário de certezas que emergiu fortemente no século XIX, e que ainda persiste, segundo o qual o brasileiro fala e escreve mal a língua portuguesa.



○ 30. (UFSC) Considerando o texto, é correto afirmar que:

01. o título do texto remete ao contraste que existe, desde o século XIX até os dias atuais, entre o português europeu e o português brasileiro: àquele corresponde a norma culta, efetivamente usada em Portugal; a este, a norma curta, efetivamente usada no Brasil.

02. José de Alencar é representante de um ideário romântico de abrigamento que defendia uma literatura que expressasse a língua do “vulgo”, contrapondo esta língua ao padrão europeu.

04. os termos “norma culta” e “norma curta” remetem a realidades distintas no Brasil, respectivamente: à norma praticada de fato, que corresponde ao português culto brasileiro, e à norma artificial, um padrão categoricamente fixado, que desqualifica o falante brasileiro.

08. infere-se que o Brasil ainda vive duas realidades normativas conflitantes no que se refere à língua: o português brasileiro *versus* o português europeu e o português brasileiro culto *versus* o português brasileiro popular.

16. infere-se que a noção de norma linguística é complexa, pois envolve um entrelaçamento de fatores diversos, além de poderosos elementos do imaginário social.

32. os termos “gramatiquinhos” e “pseudopuristas” designam os estudiosos que descrevem a norma culta efetivamente usada pelos brasileiros.

64. a escrita brasileira, no século XIX, apresentava fatos da língua diferentes daqueles encontrados em autores clássicos antigos, por isso José de Alencar a considerava uma deturpação da norma europeia.



Instrução: Para responder às questões de números 31 e 32, considere o texto abaixo.

Envelhecer

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá

Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodê
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

Arnaldo Antunes. Disponível em: <http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/1547283/>. Acesso em: 17/04/14. Adaptado.



31. (ACAFE) Em relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- a) Em “Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer”, o pronome relativo “que” substitui a locução adjetiva “de cabelo”.
- b) É preciso morrer para entender o que significa envelhecer.
- c) Envelhecer é uma coisa moderna; ao contrário, ser eternamente adolescente está fora de moda.
- d) À medida que os filhos crescem, os pais esquecem que já foram jovens.

32. (ACAFE) De acordo com o texto, é correto o que se afirma em:

- a) Com a morte dos outros, aprendemos que a vida é curta, ou seja, que o tempo passa rapidamente.
- b) As estrofes 2 e 3 expressam diversos desejos, entre os quais, ter uma velhice saudável e tranquila.
- c) Quando se está no meio do ciclone, esquecemos o próprio nome.
- d) O segundo verso da estrofe 4 retoma, em parte, o que se afirma no segundo verso da primeira estrofe.

Instruções: As questões de 33 a 38 referem-se ao texto abaixo.

A ditadura da opinião

01 O direito de opinar é fundamental em uma democra-
02 cia, assim como em qualquer forma de convívio na qual a
03 verdade não seja imposta pelo mais forte. A liberdade para
04 opinar é sempre ameaçada em laços totalitários, quando
05 não se quer saber de nada que esteja em desacordo com
06 o discurso oficial. Uma opinião é fato subjetivado: com ela,
07 alguém se posiciona em relação a algo, colore um dado com
08 as tintas de sua experiência.

09 Tenho a impressão, porém, de que andamos um pouco
10 levianos com nosso direito de opinar. O “eu acho” vem ocu-
11 pando lugares onde não é chamado e até mesmo onde não
12 faz nenhum sentido. É cada vez mais frequente seu uso para
13 desconsiderar a fala do outro, mesmo quando este é mais
14 qualificado para opinar sobre uma questão, elevando-nos
15 a soberanos da razão pelo simples fato de que a opinião é
16 nossa. Isso quando não é usada para negar fatos, como se a
17 opinião se sobrepusesse, em valor, a evidências e consensos.
18 Como chegamos a esse uso quase delirante da opinião?

19 Um elemento é o individualismo do nosso laço social,
20 que não apenas naturaliza, mas promove o egoísmo. O que
21 importa é o que queremos e quando queremos; a publicidade
22 de nos vende essa ilusão, assim como livros de autoajuda e
23 a ideia do “querer é poder”. Essa inflação do nosso tamanho
24 é o avesso do sentimento de impotência que secretamente
25 carregamos, pequenos diante de um mundo do qual temos
26 de dar conta – sozinhos. Assim, opinar é uma forma de ten-
27 tar se engrandecer, de fazer jus a esse tamanho que acaba-
28 mos acreditando ter.

29 O mundo, de fato, tornou-se mais complexo – ou, ao
30 menos, temos mais notícias dessa complexidade. Os meios
31 de comunicação e, sobretudo, a internet, nos apresentaram
32 a dados, elementos, discursos e questões em que antes não
33 pensávamos. Há uma constante tensão entre diferentes lei-
34 turas dos fatos e do mundo, e isso convoca a uma tomada de
35 posição. Opinar é, nesse sentido, marcar um lugar no mundo,
36 já que não contamos com lugares preestabelecidos e pere-
37 nes, mas sim móveis e cambiantes.

38 A internet também reforçou esse empuxo a opinar ao
39 permitir que qualquer um publique o que pensa em con-
40 dição de igualdade. Se, por um lado, isso possibilitou que

41 outras vezes fossem escutadas, produzindo fissuras nos dis-
42 cursos hegemônicos, por outro, tirou do âmbito da intimida-
43 de opiniões antes consideradas inaptas a serem veiculadas.
44 Umberto Eco denunciou isso ao dizer que as redes sociais
45 deram voz a uma legião de imbecis, por dar legitimidade a
46 opiniões no mínimo questionáveis.

47 A liberdade de opinar pode facilmente se transformar
48 em uma opressora obrigação, se nos sentimos coagidos a
49 nos posicionar o tempo todo. Opinar, no entanto, não pode
50 ser um exercício banal de voluntarismo, pois formar opinião
51 implica escuta, leitura, diálogo, conflito – e isso requer tempo
52 e esforço. Nossa época imediatista não nos dá esse tempo de
53 bandeja: é preciso um esforço para cavá-lo e não se deixar
54 tomar pela urgência de opinar. Não emitir uma opinião não
55 é necessariamente sinal de ignorância, isenção ou anulação;
56 talvez seja justamente essa uma tomada de posição que, em
57 muitas ocasiões, estejamos precisando reaprender.

Paulo Gleich. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2016/05/paulo-gleich-a-ditadura-da-opiniao-5800883.html>>. Acesso em: 9 ago. 16. Adaptado.

33. (UCS) assinale a alternativa em que o termo presente na coluna B melhor substitui, no texto, o da coluna A, mantendo-se a sinonímia a mais aproximada possível.

Coluna A	Coluna B
a) imposta (linha 3)	<i>inspirada</i>
b) totalitários (linha 4)	<i>tolerantes</i>
c) levianos (linha 10)	<i>ponderados</i>
d) consensos (linha 17)	<i>concordâncias</i>
e) secretamente (linha 24)	<i>remotamente</i>

34. (UCS) Segundo o texto, é correto afirmar que:

- a) o direito de opinião é tão fundamental quanto a imposição da verdade ao menos forte.
- b) a opinião contrária ao discurso oficial está sempre sob ameaça.
- c) a democracia alicerça-se no direito de emitir opinião com liberdade.
- d) o totalitarismo permite saber o que está de acordo com o discurso oficial.
- e) a opinião é um direito fundamental em regimes totalitários.

35. (UCS) Conforme o texto, é correto afirmar que:

- a) a opinião indiscriminada tem sido usada para desacreditar as pessoas desqualificadas.
- b) é válido opinar, inclusive, para negar fatos.
- c) a opinião é mais importante que evidências.
- d) as pessoas, ao opinar, revelam ideias consensuais.
- e) é perceptível que o direito de opinar não está sendo usado com adequação.

36. (UCS) Segundo o texto, é correto afirmar que:

- a) a opinião, ao ser construída, torna-se soberana.
- b) o individualismo torna natural o egoísmo e o impulsiona.
- c) a publicidade vende a ilusão de que a opinião própria não importa.
- d) as pessoas, naturalmente, carregam, em seu interior, um sentimento de inflação do ego.
- e) emitir uma opinião é uma forma de ocultar a falta de conhecimento.



○ 37. (UCS) Com base no texto, é correto afirmar que:

- a) a internet estimula a opinião ao permitir a expressão em condições de igualdade.
- b) a formação de opinião fundamentada, com a internet, tornou-se muito fácil e rápida.
- c) o uso das redes sociais acarreta necessariamente a emissão de opiniões.
- d) a formação de opinião envolve conhecimentos preestabelecidos e convicções pessoais.
- e) Umberto Eco denunciou o que a internet está causando à privacidade das pessoas.

○ 38. (UCS) Conforme o texto, é correto afirmar que:

- a) opinar, necessariamente, é uma obrigação nos dias atuais.
- b) a omissão da opinião revela, hoje em dia, profundidade de conhecimentos.
- c) não há uma correlação direta entre não emitir uma opinião e ser ignorante.
- d) é melhor emitir uma opinião apressadamente do que se isentar de emití-la.
- e) não se deve opinar na internet, para evitar tensões entre pontos de vista.

Instruções: As questões de 39 a 43 referem-se ao texto abaixo.

O ignorante não sabe que o é

01 Lena Dunham é a autora e a protagonista de "Girls", o se-
02 riado da HBO que estreia sua última temporada nesta semana.
03 "Girls" é "Sex in the City", mas para gente grande – o que é irô-
04 nico, porque o pessoal de "Girls" é mais jovem do que o pesso-
05 al de "Sex in the City". Enfim, Lena Dunham, pela boca de sua
06 personagem Hannah, reconheceu: "Tenho forte opinião sobre
07 tudo. Mesmo em tópicos sobre os quais sei pouco a respeito".
08 Talvez você não goste de Lena Dunham e pule de alegria por-
09 que ela finalmente admitiu o que você sempre pensou dela
10 (ou seja, que ela é "metida" mesmo). Pois bem, não pule. O que
11 Dunham disse é apenas uma regra universal e incontestável:
12 ao tomar posição sobre qualquer tópico, quanto menos sou-
13 bermos, tanto mais mostraremos e sentiremos uma certeza
14 absoluta. E quanto maior nossa incompetência, tanto maior
15 será nossa convicção na hora de agir.

16 Em 1995, o sr. McArthur Wheeler assaltou dois bancos
17 depois de molhar o rosto com suco de limão, absolutamente
18 convencido de que o suco funcionaria como tinta invisível e
19 não deixaria seu rosto aparecer nas gravações das câmeras
20 de segurança. Todos podemos ter ideias erradas, mas só
21 os grandes incompetentes se avaliam como extremamente
22 competentes.

23 O fenômeno foi comprovado em 1999 por David Dun-
24 ning e Justin Kruger, psicólogos da Universidade Cornell,
25 em uma série de experiências com a prática médica, o jogo
26 de xadrez, a capacidade de dirigir um carro, etc. Em cada
27 caso, as pessoas incompetentes não reconheciam o tama-
28 nho de sua incompetência – só começavam a reconhecer
29 sua incompetência efetiva se e quando elas treinassem e se
30 instruísem para se tornarem competentes. Ou seja, quan-
31 to mais a gente é ignorante e incompetente, mais a gente
32 tem certezas radicais e passionais. Inversamente, quem se
33 afasta de sua incompetência (informando-se ou formando-
34 -se) torna-se mais humilde e mais disposto a duvidar de si.
35 Em suma, ignorância e incompetência produzem uma ilu-
36 são interna de saber e competência. Inversamente, saber e
37 competência produzem uma certa _____ do sujeito, que
38 passa a duvidar de si.

39 É possível pensar que a certeza passional seja uma ma-
40 neira de compensar (e esconder) nossa própria ignorância
41 ou incompetência. Mas, de qualquer forma, a explicação é
42 intuitiva: quanto menos eu souber (do que for: de motor de
43 carro, de política econômica, de teatro, de amor, etc.), tan-
44 to menos saberei medir o que não sei. Inversamente, quem
45 sabe mede facilmente que só sabe uma pequena parte do
46 que gostaria de saber. Sócrates dizia que ele só sabia que
47 nada sabia. Por isso mesmo, o resultado da pesquisa pare-
48 ceu tão esperado que Dunning e Kruger, em 2000, ganharam
49 o prêmio Ig Nobel de irrelevância. Mas Dunning continuou e,
50 em 2005, publicou um livro, "Self-Insight", cujas implicações
51 são úteis.

52 Em época de grandes paixões e conflitos – ou, como
53 se diz, de polarizações – mundo afora, vale _____ pena
54 lembrar que a certeza (ainda mais quando for passional) é
55 proporcional à ignorância e à incompetência. Aplique isso
56 ao campo da moral, da política e da religião: a ignorância é a
57 grande mãe de quase qualquer extremismo. O psicanalista
58 Jacques Lacan disse um dia que só os teólogos conseguiram
59 ser verdadeiros ateus: o saber e a competência nos afastam
60 da certeza.

61 Enfim, alguém poderia se preocupar especificamente
62 com uma consequência disso tudo: se a ignorância e a incom-
63 petência nos oferecem certezas (falsas, mas tanto faz), será
64 que isso não significa que os ignorantes e os incompetentes
65 são os mais aptos a agir? Será que o excesso de competên-
66 cia e de saber nos levariam a dúvidas sofridas e, portanto,
67 _____ incapacidade de agir? Por exemplo, deve ser fácil
68 decidir a política dos EUA a partir do noticiário da televisão,
69 mas se você lesse e estudasse todos os relatórios preparados
70 pelas diferentes fontes que informam o presidente, então a
71 tomada de decisão se tornaria complicada, _____. Obvia-
72 mente, essa não é uma razão para se render às facilidades da
73 incompetência. Tampouco é uma razão para não agir. Para
74 agir, é preciso aceitar que a qualidade de um ato apareça nas
75 dúvidas e não na certeza de quem age, porque, como já di-
76 zia Touchstone, o bobo de "As You Like it" (mais de 400 anos
77 antes de Dunning e Kruger), "o idiota pensa que é sábio, en-
78 quanto o sábio é aquele que sabe de ser idiota".

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/02/1858984-o-ignorante-nao-sabe-que-o-e.shtml>>. Acesso em: 2 mar. 17. Adaptado.

○ 39. (UCS) Assinale a alternativa em que o termo presente na coluna B melhor substitui, no texto, o da coluna A, mantendo-se a sinonímia a mais aproximada possível.

Coluna A	Coluna B
a) irônico (linha 4)	<i>gracioso</i>
b) convicção (linha 15)	<i>sensatez</i>
c) passionais (linha 32)	<i>conscientes</i>
d) intuitiva (linha 42)	<i>conceitual</i>
e) implicações (linha 51)	<i>repercussões</i>

○ 40. (UCS) Considerando as ideias principais de cada parte do texto, é correto afirmar que:

- a) o autor, no primeiro parágrafo, contextualiza a temática abordada a partir da comparação entre dois seriados de TV e antecipa o posicionamento que é defendido no texto, ou seja, sobre a importância de se ter forte opinião sobre tudo.
- b) Calligaris, no segundo parágrafo, relata o caso do sr. McArthur Wheeler para ilustrar que é necessário ter segurança para tomar atitudes.
- c) o autor, no terceiro e quarto parágrafos, cita pesquisa dos psicólogos Dunning e Kruger e argumenta a favor da necessidade de valorização dos indivíduos que têm certezas plenas.



d) o autor, no quinto parágrafo, exemplifica as aplicações das certezas em diferentes áreas do conhecimento para se opor a Lacan.

e) Calligaris, no sexto parágrafo, conclui questionando sobre a consequência da temática abordada e defende que é preciso agir, além de resistir às comodidades da falta de competência.

○ 41. (UCS) Segundo o texto, é correto afirmar que:

- a) a dúvida é traço do ignorante, já que ele não sabe que o é.
- b) é mais convicto aquele que sabe menos.
- c) ter ideias equivocadas é próprio de quem é extremamente competente.
- d) a certeza passional é estratégia para que as pessoas possam medir o que não sabem.
- e) a consciência das habilidades corporais foi o fenômeno estudado por Dunning e Kruger.

○ 42. (UCS) De acordo com o texto, é correto afirmar que:

- a) as ideias radicais, em geral, são fruto da ignorância.
- b) os melhores teólogos são ateus.
- c) as pessoas mais preparadas a agir são os sábios, já que estes têm certezas consolidadas.
- d) as percepções de Dunning e Kruger são consideradas, de forma unânime, infrutíferas.
- e) a ideia expressa no título do texto foi publicada pela primeira vez em 1999.

○ 43. (UCS) Com base no texto, é correto afirmar que:

- a) é necessário ter atitudes fundamentadas em certezas.
- b) o distanciamento da incompetência passa pela modéstia.
- c) Sócrates defendia as certezas passionais.
- d) é apreciável que as certezas sejam falsas em tomadas de decisões importantes.
- e) a informação e a formação criam fantasia interna de sabedoria.

Instrução: O texto abaixo é referência para as questões 44 e 45.

A crise final da escravidão, no Brasil, deu lugar ao aparecimento de um modelo novo de resistência, a que podemos chamar *quilombo abolicionista*. No modelo tradicional de resistência à escravidão, o *quilombo-rompimento*, a tendência dominante era a política do esconderijo e do segredo de guerra. Por isso, esforçavam-se os quilombolas exatamente para proteger seu dia a dia, sua organização interna e suas lideranças de todo tipo de inimigo, curioso ou forasteiro, inclusive, depois, os historiadores.

Já no modelo novo de resistência, o quilombo abolicionista, as lideranças são muito bem conhecidas, **cidadãos prestantes**, com documentação civil em dia e, principalmente, muito bem articulados politicamente. Não mais os grandes guerreiros do modelo anterior, mas um tipo novo de liderança, uma espécie de **instância de intermediação** entre a comunidade de fugitivos e a sociedade envolvente. Sabemos hoje que a existência de um quilombo inteiramente isolado foi coisa rara. Mas, no caso dos quilombos abolicionistas, os contatos com a sociedade são tantos e tão essenciais que o quilombo encontra-se já internalizado, parte do jogo político da sociedade mais ampla.

Quilombo abolicionista – cap. 1; p. 11. SILVA, Eduardo: *As Camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. SP: Cia das Letras, 2003.

○ 44. (UFPR) Com base no texto, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Segundo o autor, a organização quilombola, no período pré-abolição, não era constituída exclusivamente como modelo de resistência belicosa.
- b) As lideranças de ambos os tipos de organização quilombola apontados no texto eram ocupadas por indivíduos de prestígio na sociedade circundante.
- c) Cada um dos tipos de quilombo apontados pelo autor do texto, no Brasil, tinha estratégias e finalidades diferentes.
- d) Quilombos inteiramente isolados não eram tão comuns, segundo Silva, contrariamente ao que sempre se acreditou.
- e) Os chamados quilombos abolicionistas eram mais integrados à sociedade circundante, mantendo com ela uma estreita relação.

○ 45. (UFPR) As expressões 'cidadãos prestantes' e 'instância de intermediação', no segundo parágrafo, podem ser interpretadas, segundo o contexto de ocorrência, respectivamente, como:

- a) 'pessoas que têm crenças religiosas' e 'foro oficial'.
- b) 'indivíduos que prestam serviços' e 'lugar de recurso'.
- c) 'cidadãos que se distinguem na sociedade' e 'nível de mediação'.
- d) 'cidadãos que são prestativos' e 'intermediários eventuais'.
- e) 'pessoas que protestam contra injustiças' e 'nível intermediário'.

Instrução: O texto a seguir é referência para as questões 46 e 47.

A épica narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos depararmos com uma realidade diferente daquela em que estamos imersos cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história.

Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivaleu a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vênus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração. Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

Paulo Nogueira, editorial de Scientific American – Brasil – no 168, junho 2016.



○ 46. (UFPR) O autor inicia o texto falando de nosso estranhamento quando conhecemos outros países, com seus usos e costumes. Ao fazer isso, sua intenção é:

- a) contrapor as características inusitadas de nosso sistema solar com os costumes diferentes de outros países.
- b) chamar a atenção para o fato de que as coisas funcionam em cada lugar de um jeito.
- c) alertar para que os turistas percebam que os usos e costumes de nosso país são muito diferentes dos de outros países.
- d) fazer uma analogia com o comportamento científico que devemos ter para compreendermos o surgimento da Terra.
- e) mostrar que o sistema solar tem planetas diferentes: alguns de formação rochosa e outros de formação gasosa.

○ 47. (UFPR) Ser “quase um ponto fora da curva” significa:

- a) ser rochoso.
- b) ser gasoso.
- c) levar poucos dias para completar a órbita.
- d) orbitar em torno de uma estrela diferente do Sol.
- e) estar em um estágio pouco avançado de conhecimento de sistemas planetários.

Instrução: O texto a seguir é referência para as questões 48 e 49.

Por que a cultura do sul ficou de fora do retrato do Brasil nas olimpíadas?

Depois de uma abertura que falou das etnias que formaram o povo brasileiro, a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizada neste domingo (21), teve mais cara de carnaval. A ideia da diretora criativa da festa, Rosa Magalhães, era mostrar “o sentimento de brasilidade”, conforme ela explicou ao jornal “O Globo” dias antes da cerimônia.

Carnavalesca da escola de samba carioca São Clemente, Rosa usou elementos alegóricos para mostrar a arte feita pelo povo do país – para ela, “marca da nossa identidade cultural”. Teve menção a choro, samba carioca, Carmem Miranda, mulheres rendeiras da Bahia, bonecos de cerâmica do pernambucano Vitalino, Heitor Villa-Lobos, carnaval.

Entre as ausências, as expressões culturais do Sul do Brasil – o que alimentou algum debate em redes sociais: se a ideia era representar o país todo, por que ficamos de fora?

Para a antropóloga Selma Baptista, professora-doutora aposentada da UFPR, a pergunta deveria ser outra: por que as expressões culturais do Sul participariam do recorte da carnavalesca carioca se elas não estão presentes nem em nossas próprias festas? “Essa questão da representação de identidades regionais se dá a partir da construção da identidade dentro de seus próprios redutos. Cabe perguntar até que ponto nossas representações da cultura popular têm expressividade entre nós mesmos para que alcancem uma representatividade nacional”, questiona.

Patrícia Martins, antropóloga e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR) em Paranaguá, lembra que o Sul tende inclusive a negar o tipo de “brasilidade” representada na cerimônia de encerramento, mais ligada à cultura indígena e afro-brasileira. “Aqui há uma autorrepresentação que passa por uma cultura europeia”, diz. Para ela, o recorte mostrado na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos tem ligações com uma identidade brasileira que vem sendo construída desde o Estado Novo (1937-1945), que incorporou o samba carioca. “Existe um patrimônio rico no Sul – há os batuques do Rio Grande do Sul, o fandangó caíçara. Teria muita coisa a mostrar, mas nem nós sabemos que existe isso em nossa região”.

Na opinião de Tau Golin, jornalista, historiador e professor do curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), esse tipo de questionamento sobre representações regionais é uma “briga simbólica” já bem conhecida – principalmente dos gaúchos. “É uma briga de poder pela representatividade, por quem representa mais a nação”, diz. “Como é um país com regiões que se formaram antes da nação, as regionalidades querem estar presentes em tudo o que acontece no país. Se fosse insignificante, não brigariam. Mas, como é para se mostrar para o exterior, a briga é compreensível historicamente”. Para ele, o desejo do Sul de estar presente nesse tipo de representação, dada a relação difícil da região com a “brasilidade”, é um fator surpreendente. “É uma novidade, que merece estudos daqui para a frente”, diz.

Rafael Rodrigues Costa, Gazeta do Povo, Curitiba, 22/08/2016.

○ 48. (UFPR) O texto tematiza a ausência de manifestações culturais da região Sul na festa de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. As duas antropólogas entrevistadas compartilham uma mesma opinião sobre a questão levantada. Assinale a alternativa que apresenta essa opinião.

- a) Houve um boicote dos organizadores para deixar o Sul de fora, dada a sua cultura mais europeia.
- b) O Sul não apresenta manifestações típicas dignas de apresentação numa festa de impacto internacional.
- c) O restante do país não identifica a região Sul como detentora do sentimento de brasilidade.
- d) Embora o Sul tenha manifestações culturais importantes, elas não são representativas nem na própria região.
- e) O Sul tem muita coisa a mostrar, mas os estrangeiros só têm olhos para o carnaval.

○ 49. (UFPR) O último entrevistado, Tau Golin, faz alusão a uma “briga simbólica”, que poderia ser resumida da seguinte maneira:

- a) O restante do Brasil nunca considerou o patrimônio cultural do Sul, por considerá-lo oriundo da cultura europeia.
- b) As manifestações artísticas do Sul são uma novidade em termos de identidade cultural e, para serem representativas, precisam ser estudadas daqui para a frente.
- c) A característica mais arreada do povo sulista impossibilita uma participação harmônica da região nesse tipo de apresentação.
- d) A escolha de que manifestações culturais serão consideradas representativas da brasilidade depende de quem está no poder.
- e) O Sul, em especial o Rio Grande do Sul, sempre se mostrou resistente aos elementos culturais vistos como representativos da brasilidade.

○ 50. (UFPR)

Livro e futebol

O leitor a quem se dirige esse livro não é evidente: em geral, quem vive o futebol não está interessado em ler sobre ele mais do que a notícia de jornal ou revista, e quem se dedica a ler livros e especulações poucas vezes conhece o futebol por dentro. Pierre Bourdieu observa, por exemplo, que a sociologia esportiva é desdenhada pelos sociólogos e menosprezada pelos envolvidos com o esporte. A observação pode valer também para ensaios como este aqui, embora ele não seja do gênero sociológico. No limite, a onipresença do jogo de bola soa abusiva e irrelevante para quem acompanha a discussão cultural. Assim, mais do que um desconhecimento recíproco entre as partes, pode-se falar, de fato, de uma dupla resistência. Viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele. Os pensadores, por sua vez, à esquerda ou à direita, na meia ou no centro,



têm muitas vezes uma reserva contra os componentes anti-intelectuais e massivos do futebol, e temem ou se recusam a endossá-los, por um lado, e a se misturar com eles, por outro. Tudo isso, por si só, já daria um belo assunto: o futebol como o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível. E esse não deixa de ser o tema deste livro, que talvez possa interessar a quem esteja disposto a lê-lo independentemente de conhecer o futebol ou de ser ou não “intelectual”.

Não é incomum, também, que intelectuais vivam intensamente o futebol, sem pensá-lo, e que resistam, ao mesmo tempo, a admiti-lo na ordem do pensamento. Nesse caso, aqueles dois personagens a que nos referimos no começo podem se encontrar numa pessoa só. [...]

José Miguel Wisnik. *Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O autor inicia o texto dizendo que o leitor de seu livro não é evidente, porque o tema por ele tratado, o futebol, é abordado de maneira incomum. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

1. Os apaixonados pelo futebol anseiam há muito por uma abordagem sociológica do esporte.
2. Pensar o futebol do ponto de vista intelectual é algo muito comum num país em que esse esporte é o mais apreciado, e é esse tratamento que predomina hoje em jornais e revistas.
3. O livro aborda o futebol do ponto de vista cultural, intelectual, distanciando-se do tratamento do senso comum que impera em jornais e revistas.
4. Viver e pensar o futebol são coisas diferentes e independentes, mas é possível uma abordagem intelectual que agrade os dois tipos de espectador.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

Instrução: Para responder às questões 51 e 52, leia o seguinte diálogo entre os personagens Simei e Colonna, no romance *Número Zero*, de Umberto Eco:

– Colonna, exemplifique para os nossos amigos como é que se pode seguir, ou dar mostras de seguir, um princípio fundamental do jornalismo democrático: fatos separados de opiniões. Opiniões no *Amanhã* [nome do jornal] haverá inúmeras, e evidenciadas como tais, mas como é que se demonstra que em outros artigos são citados apenas fatos?

– Muito simples – disse eu. – Observem os grandes jornais de língua inglesa. Quando falam, sei lá, de um incêndio ou de um acidente de carro, evidentemente não podem dizer o que acham daquilo. Então inserem no artigo, entre aspas, as declarações de uma testemunha, um homem comum, um representante da opinião pública. Pondo-se aspas, essas afirmações se tornam fatos, ou seja, é um fato que aquele sujeito tenha expressado tal opinião. Mas seria possível supor que o jornalista tivesse dado a palavra somente a quem pensasse como ele. Portanto, haverá duas declarações discordantes entre si, para mostrar que é fato que há opiniões diferentes sobre um caso, e o jornal expõe esse fato irretorquível. A esperteza está em pôr antes entre aspas uma opinião banal e depois outra opinião, mais racional, que se assemelhe muito à opinião do jornalista. Assim o leitor tem a impressão de estar sendo informado de dois fatos, mas é induzido a aceitar uma única opinião como a mais convincente. Vamos ver um exemplo. Um viaduto desmoronou, um caminhão caiu e

o motorista morreu. O texto, depois de relatar rigorosamente o fato, dirá: Ouvimos o senhor Rossi, 42 anos, que tem uma banca de jornal na esquina. *Fazer o quê, foi uma fatalidade*, disse ele, *sinto pena desse coitado, mas destino é destino*. Logo depois um senhor Bianchi, 34 anos, pedreiro que estava trabalhando numa obra ao lado, dirá: *É culpa da prefeitura, que esse viaduto estava com problemas eu já sabia há muito tempo*. Com quem o leitor se identificará? Com quem culpa alguém ou alguma coisa, com quem aponta responsabilidade. Está claro? O problema é no quê e como pôr aspas.

ECO, Umberto. *Número Zero*. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 55-6.

○ 51. (UFPR) Segundo o texto, são estratégias utilizadas pelos jornais ao fazer citações:

1. Escolher criteriosamente as citações das testemunhas para contemplar pontos de vista divergentes sobre um mesmo fato.
2. Salientar os pontos de vista que mais interessam ao jornalista.
3. Redigir as notícias de tal forma que as opiniões sejam apresentadas como fatos.
4. Citar em primeiro lugar as palavras da testemunha que faz uma análise mais racional dos acontecimentos.

Estão de acordo com o texto as estratégias:

- a) 1 e 2 apenas.
- b) 1 e 4 apenas.
- c) 1, 2 e 3 apenas.
- d) 1, 3 e 4 apenas.
- e) 2, 3 e 4 apenas.

○ 52. (UFPR) Assinale a alternativa correta sobre afirmações encontradas no texto.

- a) Ao mencionar “um princípio fundamental do jornalismo democrático: fatos separados de opiniões”, Simei destaca que os jornais seguem rigorosamente esse princípio.
- b) Ao dizer que “o leitor tem a impressão de estar sendo informado de dois fatos, mas é induzido a aceitar uma única opinião”, Colonna explicita uma forma de manipulação da opinião do leitor.
- c) Na primeira linha do texto, Simei faz uma retificação (“...seguir, ou dar mostras de seguir...”) para deixar claro que o jornalista deve não só separar fatos de opiniões como indicar isso explicitamente nos artigos.
- d) Ao afirmar que “é fato que há opiniões diferentes sobre um caso, e o jornal expõe esse fato irretorquível”, Colonna destaca a imparcialidade do jornal ao incluir nos artigos opiniões divergentes.
- e) Ao afirmar, no final do texto, que “o problema é no quê e como pôr aspas”, Colonna enfatiza a importância da fidelidade na citação das palavras das testemunhas de cada fato noticiado.

Anotações:



Instrução: O texto a seguir é referência para as questões 53 e 54.

As razões da revolta

As manifestações das ruas trouxeram pelo menos uma certeza: o jovem brasileiro, com seu poder de articulação pelas redes sociais, mudou. De uma forma de protestar a distância, com certa dose de descaso e “chacota” contra as instituições (de que sempre se percebeu apartado), ele se mobilizou com rapidez, invadiu o espaço público e reagiu contra o que não concorda.

O estopim foram o aumento do ônibus e a reação truculenta da polícia. Na esteira do protesto inicial, vieram as demandas concretas: a péssima qualidade do transporte, a corrupção, os conchavos políticos, as incongruências entre o investimento em saúde e educação e as fortunas gastas com estádios e futebol, enfim, o abismo entre o Brasil que se vende para o mundo e a nação real, com sua violência, trânsito e serviços precários.

Muitos críticos cobraram falta de foco dos jovens e dificuldade de controle das massas que saíram às ruas. Isso deu, dizem os críticos, espaço para grupos mais radicais e bandidos, que causaram violência. Mas será que houve falta de foco?

Embora as queixas sejam muitas e variadas, alguns padrões em comum podem ser identificados. Trata-se, em primeiro lugar, de um movimento mais horizontal, sem liderança clara. Alguns grupos, como o Movimento Passe Livre (MPL), logo apareceram. Mesmo dentro deles, não parece haver voz única. Boa parte das manifestações se dá “por contágio”. Mesmo o jovem inicialmente acomodado se sente “tocado” pela onda de protestos e decide sair à rua, para participar do momento histórico. A insatisfação crônica com o status do país se transformou de forma rápida, talvez pela capilaridade das redes sociais, numa indignação ativa, potente geradora de força de mobilização. [...]

Os políticos correram para achar uma explicação e tentar dar respostas (algo que não andam acostumados a fazer). Algumas demandas foram rapidamente atendidas. É simplista, porém, justificar o que aconteceu com o fato de o jovem não se sentir representado. Além da crise de representatividade política, que não é queixa só do jovem, faltam a perspectiva de um país melhor – mais justiça, melhores condições de transporte, saúde e educação – e uma percepção menos ufanista e mais real do Brasil.

O desafio dos jovens é manter a força do movimento, num momento em que os governos atendem parcialmente a algumas demandas. Os políticos deveriam perceber que o desafio é usar essa força para mudar o país naquilo que ele tem de pior. Têm de limpar as feridas para facilitar a cicatrização. Não adianta dourar indefinidamente a pílula, na espera de um Brasil que nunca chega.

Jorge Bouer, *Época*, 08 jul. 2013.

○ 53. (UFPR) O autor usa algumas metáforas para se expressar. Qual delas poderia ser parafraseada pela metáfora “cobrir o sol com a peneira”?

- a) Tem de *limpar as feridas para facilitar a cicatrização*.
- b) O *estopim* foram o aumento do ônibus e a reação truculenta da polícia.
- c) Não adianta *dourar a pílula*, na espera de um Brasil que nunca chega.
- d) *Na esteira* do protesto inicial, vieram as demandas concretas.
- e) Boa parte das manifestações se dá *por contágio*.

○ 54. (UFPR) A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

- 1. As redes sociais propiciaram que os jovens se distanciassem das instituições públicas para poder melhor se mobilizar e criticá-las.
- 2. A falta de liderança clara confirma a tese de falta de foco do movimento.
- 3. O movimento das ruas fez com que um estado de insatisfação se transformasse em algo prático.
- 4. Não se sentir representados foi apenas uma das motivações para as manifestações dos jovens.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

○ 55. (UNISINOS)

Ativismo nas ruas e nas artes*

Milú Villela e Nadine Gasman**

Palavras contra o machismo e outras formas de opressão ecoam nos grandes centros e em lugares distantes com a potência de um novo tempo, um tempo de mudar.

Precisamos tornar a equidade de gênero uma realidade. As mulheres recusam-se a ter seus direitos violados. Elas contestam e repudiam as regras perversas da dominação, propondo outro modo de vida, no qual sejam livres para conduzir o próprio destino.

Gerações de mulheres têm dedicado a vida a enfrentar o patriarcado em casa, nas ruas, no trabalho, em escolas, nas redes e nas artes. Por muito tempo, a presença feminina nas artes visuais restringiu-se à representação de sua imagem, muitas vezes erotizada e reduzida ao fenótipo de indivíduos brancos. Como outras formas de expressão, a arte ocidental orientou-se por valores patriarcais, tendo sido feita por homens, financiada por homens e destinada ao deleite dos homens.

Mulheres artistas foram deixadas de fora dos livros, das coleções e das salas dos museus, instituições criadas por homens para preservar valores patriarcais. Assim como a história social, a história da arte vem sendo construída sem proceder a uma revisão profunda dos valores que a ancoram.

É hora de a arte assumir responsabilidade sobre a questão da equidade de gênero. As estruturas conservadoras, contudo, não se deixam modificar sem resistência. Assim, é necessário ter a consciência de que essa mudança exige a redistribuição das forças políticas que governam as instituições dominantes no mundo da arte.

As ações contestatórias já estão sendo embasadas por dados empíricos crescentes que evidenciam situação de sub-representação de mulheres em coleções públicas e privadas, sua desvalorização comparativa no mercado de arte e sua sub-representação na bibliografia e em cursos de história artística. A partir dessas constatações objetivas, instituições de arte ao redor do mundo não podem mais se eximir de ações inclusivas. Ações nesse sentido fortalecem a representação das mulheres nos campos das artes visuais e, por isso, propagam noções essenciais ao equilíbrio das sociedades contemporâneas, como identidade de gênero, raça, etnia e orientação sexual.

Vivemos um momento de transformações – e estas não podem acontecer sem que se renove a maneira como a arte é criada, curada, exibida e consumida.



As artes refletem o tempo das sociedades. A história que estamos vivendo hoje não poderá ser contada sem a pluralidade de gênero.

*Texto publicado no jornal Folha de São Paulo, em 08 de março de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/03/milu-villela-e-nadine-gasman-ativismo-nas-ruas-e-nas-artes.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2018. Adaptação. **Milú Villela, psicóloga, é presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Nadine Gasman, médica, é representante da ONU Mulheres Brasil.

Considerando o sentido do texto, assinale a alternativa correta.

- a) As autoras criticam a persistente subordinação da mulher ao homem e a evidente inércia dos diferentes grupos sociais em relação a esse problema.
- b) Conforme o texto, pode-se afirmar que os valores patriarcais vêm sendo aceitos e defendidos, de forma generalizada, principalmente nas artes visuais, desde a antiguidade.
- c) Villela e Gasman sustentam a tese de que instituições de arte precisam promover ações inclusivas, a fim de que haja uma maior representação feminina nas artes visuais e um consequente equilíbrio nas sociedades contemporâneas.
- d) Pode-se depreender do texto a ideia de que, embora as mulheres sejam discriminadas em diversos segmentos da sociedade, elas alcançam a liberdade por meio da arte, campo em que já se faz presente a pluralidade de gênero há bastante tempo.
- e) As autoras consideram o machismo uma forma de opressão que, felizmente, nas sociedades contemporâneas, já foi erradicado, graças às múltiplas e potentes vozes que disseminam a igualdade de gênero.

○ 56. (UNISINOS)

Memória nos dá a chance de crescer com os erros e ter um futuro melhor*

*Suzana Herculano-Houzel***

Que tal ter uma chance de recomeçar um dia malfadado – especialmente se este for o dia em que você morre? No filme “No Limite do Amanhã”, que acabou ficando mais conhecido pelo subtítulo “Viva. Morra. Repita”, o recomeço a cada morte acontece com o personagem principal, major Cage, vivido por Tom Cruise, como efeito colateral de ter morrido coberto com o sangue do alienígena que ele acabara de explodir.

O recurso, que torna o filme interessante (é um dos meus filmes de ficção científica favoritos), arrancava gargalhadas do meu filho ontem à noite cada vez que Cage, moribundo ou apenas ferido, mas incapaz de continuar a missão, era sumariamente executado pela parceira – e assim o dia recomeçava, com uma nova chance de vencer os alienígenas.

Mas o ciclo só funciona porque o personagem está contaminado de sangue alienígena e somente ele retém a memória de tudo o que aconteceu no dia de cada uma das suas (muitas) mortes anteriores. O contraste com os demais personagens, para quem o dia que recomeça é apenas mais um novo dia, é uma alegoria excelente do que nos dota de uma história pessoal: não apenas um cérebro, mas um cérebro com memória.

É graças à capacidade de ser modificado de acordo com sua própria atividade, ao sabor dos acontecimentos, que o cérebro tem memória. Com a licença poética da ficção, o cérebro de todos, menos o de Cage, é restaurado ao seu estado de origem no dia que recomeça repetidas vezes. Cage, ao contrário, mantém a vantagem que todos nós temos na vida real: transportar o aprendizado do dia anterior para o dia seguinte.

É por isso que recomeços, na vida real, são, em geral, muito mais bacanas e ricos do que na ficção. Muda-se para uma nova cidade, mas não se esquecem das lições aprendidas na anterior; troca-se de emprego, mas não se perdem todas as habilidades, manhas e truques desenvolvidos com a experiência passada; novas amizades são feitas, mas isso não torna as anteriores menos

importantes ou queridas. Pelo contrário: as novas amizades se beneficiam de nossos erros e acertos do passado.

Graças à memória, nossa bagagem só faz crescer ao longo da vida. Mesmo os acontecimentos ruins, as pessoas que não merecem lugar na memória, os dissabores têm seu valor, como Marcos que nos dizem “evite que isso aconteça de novo”. Recomeçar, na vida real, é começar mais uma vez – e melhor.

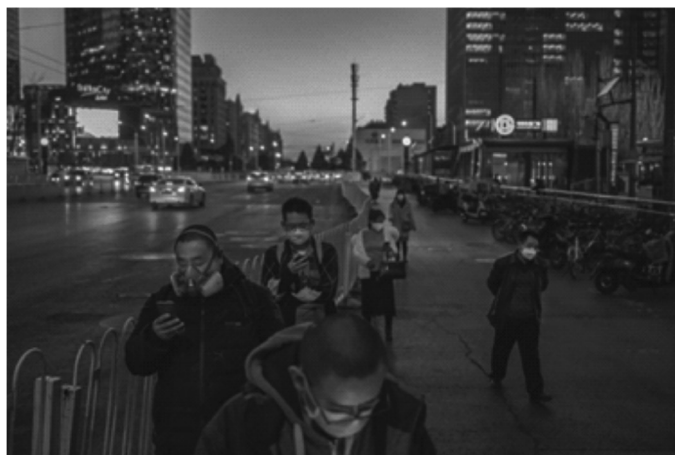
*Texto publicado no jornal Folha de São Paulo, em 02 de agosto de 2016. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/suzanaherculanohouzel/2016/08/1797790-a-memoria-nos-da-a-chance-de-crescer-com-os-erros-e-ter-um-futuro-melhor.shtml>>. Acesso em 02 set. 2016. Adaptação. **Neurocientista.

Considerando o sentido do texto, assinale a alternativa correta.

- a) A principal ideia defendida pela autora é a de que, após sua morte, o ser humano tem outras oportunidades de recomeçar a vida.
- b) A partir do texto, depreende-se que o cérebro humano é seletivo, pois retém somente as informações positivas, que contribuem para tornar as experiências futuras melhores.
- c) Segundo a autora, como o cérebro tem memória, é possível ao ser humano transportar o que aprendeu para suas experiências futuras.
- d) Para sustentar a tese de que os enredos da vida real são sempre mais profundos do que os da ficção, Suzana Herculano-Houzel cita o filme “No Limite do Amanhã”.
- e) A autora faz uso de uma linguagem figurada para expressar sua convicção de que, para todo ser humano, uma nova vida começa depois de sua morte física.

Instrução: As questões 57 a 61 referem-se ao texto abaixo.

O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã



Na verdade, vivemos durante muito tempo sem inimigos. A Guerra Fria terminou há muito tempo. Ultimamente até o terrorismo islâmico parecia ter se deslocado a áreas distantes. Há exatamente dez anos afirmei em meu ensaio *Sociedade do Cansaço* a tese de que vivemos em uma época em que o paradigma imunológico perdeu sua vigência, baseada na negatividade do inimigo.

Como nos tempos da Guerra Fria, a sociedade organizada imunologicamente se caracteriza por viver cercada de fronteiras e de cercas, que impedem a circulação acelerada de mercadorias e de capital. A globalização suprime todos esses limites imunitários para dar caminho livre ao capital. Até mesmo a promiscuidade e a permissividade generalizadas, que hoje se propagam por todos os âmbitos vitais, eliminam a negatividade do desconhecido e do inimigo. Os perigos não espreitam hoje da negatividade do inimigo, e sim do excesso de positividade, que se expressa como excesso de rendimento, excesso de produção e excesso



de comunicação. A negatividade do inimigo não tem lugar em nossa sociedade ilimitadamente permissiva. A repressão aos cuidados de outros abre espaço à depressão, a exploração por outros abre espaço à autoexploração voluntária e à auto-otimização. Na sociedade do rendimento se guerreia sobretudo contra si mesmo.

Pois bem, em meio a essa sociedade tão enfraquecida imunologicamente pelo capitalismo global, o vírus irrompe de repente. Em pânico, voltamos a erguer limites imunológicos e fechar fronteiras. O inimigo voltou. Já não guerreamos contra nós mesmos. E sim contra o inimigo invisível que vem de fora. O pânico desmedido causado pelo vírus é uma reação imunitária social, e até global, ao novo inimigo. A reação imunitária é tão violenta porque vivemos durante muito tempo em uma sociedade sem inimigos, em uma sociedade da positividade, e agora o vírus é visto como um terror permanente.

Mas há outro motivo para o tremendo pânico. Novamente tem a ver com a digitalização. A digitalização elimina a realidade, a realidade é experimentada graças à resistência que oferece, e que também pode ser dolorosa. A digitalização, toda a cultura do "like", suprime a negatividade da resistência. E na época pós-fática das fake news e dos deepfakes surge uma apatia à realidade. Dessa forma, aqui é um vírus real e não um vírus de computador, e que causa uma comoção. A realidade, a resistência, volta a se fazer notar no formato de um vírus inimigo. A violenta e exagerada reação de pânico ao vírus se explica em função dessa comoção pela realidade.

A reação de pânico dos mercados financeiros à epidemia é, além disso, a expressão daquele pânico que já é inerente a eles. As convulsões extremas na economia mundial fazem com que essa seja muito vulnerável. Apesar da curva constantemente crescente do índice das Bolsas, a arriscada política monetária dos bancos emissores gerou nos últimos anos um pânico reprimido que estava aguardando a explosão. Provavelmente o vírus não é mais do que a gota que transbordou o copo. O que se reflete no pânico do mercado financeiro não é tanto o medo ao vírus quanto o medo a si mesmo. O crash poderia ter ocorrido também sem o vírus. Talvez o vírus seja somente o prelúdio de um crash muito maior.

Zizek¹ afirma que o vírus deu um golpe mortal no capitalismo, e evoca um comunismo obscuro. Acredita até mesmo que o vírus poderia derrubar o regime chinês. Zizek se engana. Nada disso acontecerá. A China poderá agora vender seu Estado policial digital como um modelo de sucesso contra a pandemia. A China exibirá a superioridade de seu sistema ainda mais orgulhosamente. E após a pandemia, o capitalismo continuará com ainda mais pujança. E os turistas continuarão pisoteando o planeta. O vírus não pode substituir a razão. É possível que chegue até ao Ocidente o Estado policial digital ao estilo chinês. Como já disse Naomi Klein², a comoção é um momento propício que permite estabelecer um novo sistema de Governo. Também a instauração do neoliberalismo veio precedida frequentemente de crises que causaram comoções. É o que aconteceu na Coreia e na Grécia. Espero que após a comoção causada por esse vírus não chegue à Europa um regime policial digital como o chinês. Se isso ocorrer, como teme Giorgio Agamben³, o estado de exceção passaria a ser a situação normal. O vírus, então, teria conseguido o que nem mesmo o terrorismo islâmico conseguiu totalmente.

O vírus não vencerá o capitalismo. A revolução viral não chegará a ocorrer. Nenhum vírus é capaz de fazer a revolução. O vírus nos isola e individualiza. Não gera nenhum sentimento coletivo forte. De alguma maneira, cada um se preocupa somente por sua própria sobrevivência. A solidariedade que consiste em guardar distâncias mútuas não é uma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade diferente, mais pacífica, mais justa.

Não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus. Precisamos acreditar que após o vírus virá uma revolução humana. Somos NÓS, PESSOAS dotadas de RAZÃO, que precisamos repensar e restringir radicalmente o capitalismo destrutivo, e nossa ilimitada e destrutiva mobilidade, para nos salvar, para salvar o clima e nosso belo planeta.

BYUNG-CHUL HAN, 22 MAR 2020, EL PAIS. Diponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

1. Slavoj Zizek - filósofo sloveno;
2. Naomi Klein - jornalista canadense;
3. Giorgio Agamben - filósofo italiano.

○ 57. (UNISC 2020) Quanto às ideias do texto, sintetizadas no primeiro parágrafo, podemos depreender que:

- I. a negação da existência do inimigo ocorreu mais em função do primado do capitalismo globalizado do que da percepção do real.
- II. há um certo desconhecimento do enunciador, na forma de modalização do texto, ao afirmar que o terrorismo parecia ter se deslocado a terras distantes.
- III. ao fazer emprego de uma metáfora em "A globalização suprime todos esses limites imunitários para dar caminho livre ao capital" (linhas 11-12), percebe-se um certo grau de ironia na constituição do enunciado.
- IV. o emprego de "imunitários", no enunciado destacado na assertiva anterior, coloca-o numa condição de duplo sentido.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente a afirmativa II está correta.
- c) Somente as afirmativas I e IV estão corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III estão corretas.
- e) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.

○ 58. (UNISC 2020) Observe o emprego dos seguintes vocábulos nas passagens destacadas: negatividade (linha 18), imunologicamente (linhas 24-25) e imunitária (linha 29). Considerando o contexto de uso, esses itens lexicais podem ser substituídos, respectivamente, sem prejuízo ao sentido por:

Assinale (V) para Verdadeiro e (F) para Falso.

- () ameaça, defensivamente, humanitária
 () lesividade, ideologicamente, sanitária
 () ofensiva, conceitualmente, protetiva
 () ameaça, ideologicamente, de proteção

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - V - V
- b) V - V - V - F
- c) F - V - V - F
- d) F - F - F - V
- e) F - F - V - V



○ 59. (UNISC 2020) Na passagem "E na época pós-fática das fake news e dos deepfakes surge uma apatia à realidade", (linhas 37-38), o texto permite assumir que esse enunciado refere-se à concepção de:

- a) pós-verdade como um neologismo que descreve a situação na qual, na hora de criar e modelar a opinião pública, os fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais.
- b) distopia a exemplo do que se anuncia na obra 1984, de George Orwell.
- c) que o "pós-fática" reporta ao necessário rigor com a comprovação dos fatos.
- d) que o termo "fake news" está ligado, exclusivamente, ao contexto político no confronto entre ideologias divergentes.
- e) o sentido empregado é opositivo ao dito popular "uma mentira contada muitas vezes reveste-se de verdade consensuada".

○ 60. (UNISC 2020) Segundo o texto de Han, o pânico que se alastrou em escala mundial deve-se:

Assinale (V) para Verdadeiro e (F) para Falso.

- () à alta taxa de mortalidade que o vírus oferece.
- () à rapidez do contágio e do caráter de pandemia.
- () ao fato de que a humanidade foi novamente confrontada pela realidade, com existência de um inimigo real, não restrito ao mundo virtual.
- () à percepção de que a globalização tem efeitos nocivos.
- () ao fato de que a disseminação da pandemia está ligada a fatores conceituais do globalismo difundido nas redes sociais.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - V - V - V - V
- b) F - V - F - F - F
- c) F - F - V - V - F
- d) F - F - V - F - F
- e) F - F - F - V - F

○ 61. (UNISC 2020) O quarto parágrafo nos apresenta a ideia de que a "convulsão do mercado":

- I. está relacionada a fatores externos que ameaçam a economia global.
- II. evidencia a própria fragilidade do sistema internacional que já vive em constante fragilidade.
- III. metaforicamente, o mercado global não está imunologicamente preparado para enfrentar suas próprias fraquezas e que, assim, a pandemia é apenas a gota que pode fazer um estrago maior do que a ameaça que representa.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente a afirmativa II está correta.
- c) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- d) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- e) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

○ 62. (ACAFE 2023) Leia o texto a seguir.

Texto 1

OMS declara varíola de macacos como emergência de preocupação

Michele de Mello - Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 27 de julho de 2022 às 17:52

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto de varíola de macaco (hMPXV: Human Monkeypox Virus - sigla em inglês) como uma emergência de preocupação internacional. A doença viral foi identificada na década de 1970, na República Democrática do Congo, tornou-se endêmica na África Central e África Ocidental, mas pela primeira vez tem um surto de abrangência global.

A classificação como emergência de preocupação seria uma etapa anterior à definição de uma emergência sanitária global, que significaria o descontrole dos contágios em todos os continentes. Até o dia 20 de julho, já acumulavam 19.188 casos em 75 países do mundo, de acordo com a OMS.

Do total, 11 nações africanas registraram infectados, representando cerca de 12% dos casos mundiais, mas com uma das maiores taxas de mortalidade - cerca de 3,7% dos doentes, segundo o Centro de Controle de Doenças da África (Africa-CDC). Desde o início de 2022, foram registrados 2.031 casos e 75 mortos, em nove países que já consideravam a doença endêmica e outros dois que não haviam registrado infectados.

As regiões mais afetadas, no entanto, são a Europa e a América. Até o dia 25 de julho, o continente europeu tinha 9.697 casos confirmados, Espanha com 3.151 casos, Alemanha com 2.352 e França com 1.567 doentes, lideram o ranking do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da Europa (ECDC).

Nos EUA foram confirmados 3.487 infecções, com maior concentração nos estados de Nova York, Califórnia e Illinois, segundo o CDC.

"Essa categorização serve para criar protocolos para que os países se organizem de acordo com as classificações. O ser humano é um hospedeiro eventual, acidental, por isso não acreditamos que será um surto tão importante do ponto de vista epidêmico, como foi com o sars-cov2", explica Patrícia Beltrão Braga, professora do Departamento de Microbiologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/27/oms-declara-variola-de-macacos-como-emergencia-de-preocupacao-o-que-isso-representa#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,uma%20emerg%C3%Aancia%20de%20preocupa%C3%A7%C3%A3o%20internacional.> Acesso em: 15 ago 2022. [Adaptado].

Em relação ao texto 1, é CORRETO o que se afirma em:

- a) A varíola de macaco foi classificada como uma emergência sanitária global, tal qual o COVID 19, revelando o descontrole dos contágios em todos os continentes.
- b) Dentre os estados infectados nos EUA, a maior concentração de casos ocorre em Nova York, San Diego e Illinois.
- c) Segundo a OMS, até o dia 20 de julho, o número de casos acumulava 19.188 em 76 países do mundo, o dobro do ano anterior.
- d) Considerando as nações europeias infectadas pela varíola de macaco, lidera o ranking a Espanha com 3.151 casos, Alemanha com 2.352, seguida pela França com 1.567 doentes.



○ 63. (ACAFE 2023) Coerência textual é o fator que possibilita o entendimento da mensagem transmitida no texto. A coerência textual está ligada a fatores de textualidade, interpretação, compreensão e coesão. A Incoerência textual ocorre justamente no momento em que se tem um texto com um conjunto de palavras que não tem um sentido, dificultando a sua compreensão.

Texto 1

- Meus amigos, estou aqui porque quero conhecer as necessidades dessa comunidade. Quais são as principais?

- Precisamos que seja aumentada a canalização do esgoto cloacal, mas a prefeitura já nos avisou que não há verba pra isso.

- Prometo que, se eleito, vou ampliar a rede de esgoto da comunidade.

- Mas, candidato, a prefeitura não tem verba! E também precisamos da implantação de um projeto social que atenda as crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

- Isso mesmo! Vamos tirar verba do fundo para assistência social e fazer a obra de canalização do esgoto. (Nisso, o grupo de pessoas que estava presente se entreolhou e começou a se dispersar).

Disponível em: https://sagahcm.sagah.com.br/sagahcm/sagah_ua_dinamica/23809177#resolva. Acesso em 10 out 2022. [Adaptado].

Texto 2

“Durante o inverno, a população do Rio de Janeiro aguarda a neve que, rotineiramente, cobre as ruas da cidade.”

Disponível em: http://fatoresdetextualidade.blogspot.com/p/coerencia_5948.html. Acesso em 10 out 2022.

Texto 3

“Hoje em dia, gasta-se muito comprando pouca comida. Tudo está tão caro.”

Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/o-que-e-coerencia-textual/>. Acesso em 10 out 2022.

Texto 4

Ele só compra leite de vaca pois é intolerante à lactose.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/coesao-e-coerencia/>. Acesso em 10 out 2022.

Assinale a alternativa que apresenta os textos que contém INCOERÊNCIA na sua construção.

- a) Textos 1, 2 e 4 apenas.
- b) Textos 1 e 3 apenas.
- c) Textos 1 e 4 apenas.
- d) Textos 2, 3 e 4 apenas.

○ 64. (ACAFE 2023) Leia o texto a seguir.

O envelhecimento populacional – e seu respectivo potencial de mercado – tem atraído a atenção de diversas empresas no mundo. Essa tendência, aliada à queda de natalidade desde 2017, deve fazer do Brasil o quinto país com a maior população de idosos do mundo em 2030, o que evidencia o desafio de um olhar para o envelhecimento tanto pelo sistema público quanto pela saúde suplementar.

Por ser uma parcela da população que, de modo geral, utiliza mais os planos, há uma demanda para que as operadoras acompanhem essa mudança, colaborando com a promoção de saúde e consequente redução de custos com tratamentos de doenças graves e complicações. Alguns dados já corroboram essa análise: o número de pessoas idosas em planos de saúde dobrou nos últimos 20 anos e hoje já soma 7 milhões de beneficiários, de acordo com levantamento feito pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS). Esse grupo representa cerca de 14% do total da população que conta com algum tipo de convênio médico.

Os planos já vêm trabalhando algumas iniciativas para que os beneficiários possam ter um envelhecimento mais saudável e com um maior controle das doenças crônicas que possam surgir com o passar dos anos.

Além da questão do envelhecimento da população brasileira e da baixa natalidade, existem outros fatores que contribuem com o aumento do número de pessoas idosas nos planos de saúde. Acredita-se que a pandemia teve um papel importante, na medida em que pessoas com mais de 60 anos estavam entre o grupo mais vulnerável para complicações pela Covid-19.

Disponível em: <https://futurodasauade.com.br/envelhecimento-planos-de-saude/>. Acesso em 23 ago 2022. [Adaptado].

Assinale a alternativa que contém o título que mantém fielmente o assunto tratado do texto.

- a) Alta da natalidade e os impactos na contratação dos planos de saúde
- b) Mudanças no estilo de vida e promoção da saúde
- c) Negociatas políticas e lobbying de seguradoras de saúde
- d) Envelhecimento populacional requer mais atenção dos planos de saúde

○ 65. (ACAFE 2023) Leia o texto a seguir:

Setembro Amarelo em meio à pandemia da COVID-19

O suicídio é um fenômeno presente ao longo de toda a história da humanidade. É um comportamento que está vinculado a múltiplos fatores que compõem a vida de um indivíduo, e que representa uma atitude extrema de uma pessoa em sofrimento.

Depressão, dependência química, transtorno bipolar e outras doenças mentais podem levar ao suicídio, se não tratadas. Dados da OMS de 2019 revelam que, a cada 40 segundos, uma pessoa põe fim à própria vida.

Com as atuais medidas de isolamento, o medo, o distanciamento físico e vulnerabilidades socioeconômicas podem intensificar os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde mental da população. Desse modo, saber identificar alguns sinais de risco para o suicídio é fundamental para oferecer ajuda.

Mudanças bruscas de hábito, perda de interesse por atividades de que gostava, descuido com a aparência, alterações no sono e no apetite, sentimentos de desesperança e comentários com tom de desespero são sinais de alerta. Fique atento e demonstre cuidado por seus amigos e familiares.

Orientar e auxiliar na procura por um profissional ou por Centros de Atenção Psicossocial.

O Setembro Amarelo é uma campanha idealizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria, em parceria com o Conselho Federal de Medicina para conscientização em relação ao suicídio.

Este período de isolamento social é desafiador para a manutenção da saúde mental. Por isso, mesmo à distância, mantenha ativo o contato com amigos e familiares. Participe desse movimento de prevenção ao suicídio e ajude a salvar vidas.

Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/09/08/setembro-amarelo-em-meio-a-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em 29 ago 2022.

Leia as sentenças abaixo e assinale V para as verdadeiras e F para as falsas, de acordo com o texto.

- () O suicídio é um problema de saúde pública complexo e multifacetado.
- () O suicídio é um fenômeno complexo e exige do profissional extrema atenção em todos os detalhes do comportamento do paciente.
- () A pandemia da Covid-19 impactou direta e significativamente na saúde mental da população.
- () A melhor forma de prevenção é aceitar ajuda e procurar um profissional de saúde mental.



A sequência CORRETA de cima pra baixo é:

- a) V, V, F, V
- b) V, V, V, V
- c) V, V, F, F
- d) V, F, V, V

Instruções: Considere o texto a seguir para responder as questões 66 e 67.

Redes sociais precisam indenizar usuários em caso de invasão de perfil?

Por Douglas Ribas Jr.
15 de Setembro de 2022 às 10h00

Em recente decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo, a 3ª Câmara de Direito Privado, em julgamento unânime, condenou a Meta, empresa por trás do Facebook, Instagram e WhatsApp, a indenizar um usuário que teve seus perfis invadidos por hacker. De acordo com a decisão, o usuário teve as duas contas do Instagram invadidas por hackers, sendo um perfil pessoal e outro profissional. Neste último, a vítima concentrava quase que exclusivamente a divulgação do seu negócio e contava com mais de 48 mil seguidores. Ainda, segundo relatado na ação, os criminosos passaram a aplicar golpes nos seguidores do dono dos perfis invadidos, divulgando falsos produtos e serviços abaixo do valor praticado no mercado com a finalidade de obter vantagem das vítimas. A rede social foi condenada a restabelecer os perfis hackeados, sob pena de multa diária por atraso, bem como a indenizar o usuário por danos morais em R\$ 10 mil. Os desembargadores reconheceram que a relação jurídica entre as partes é de consumo, tendo em vista que o autor da ação é o destinatário final dos serviços oferecidos pela rede social, o que se realiza de forma contínua e habitual, de acordo com os artigos 2º e 3º, do Código de Defesa do Consumidor. Com o reconhecimento da relação de consumo, o Código de Defesa do Consumidor prevê, em seu artigo 17, que o fornecedor de serviços responde, independentemente da existência de culpa, pela reparação dos danos causados aos consumidores por defeitos relativos à prestação dos serviços, bem como por informações insuficientes ou inadequadas sobre sua fruição e riscos. A decisão rejeitou o argumento da rede social de que o ato fora praticado por terceiro (hacker) e não deveria ser responsabilizada. Para o tribunal, tal circunstância não isenta a Meta da responsabilidade pela reparação dos danos causados ao autor, “eis que tal escusa não se aplica à hipótese em que incide o chamado risco da atividade. Ademais, se é adotado um sistema que permite que terceiros invadam a conta de um cliente e a altere em seus próprios arquivos, não está presente a excludente do artigo 14, § 3º, inciso II, da Lei 8.078/90, isto é, a culpa exclusiva de terceiro”. Por fim, concluiu o relator “de rigor a condenação do réu no restabelecimento das duas contas do autor, assim como sua condenação a indenizar o autor por danos morais, em decorrência de situação que extrapola o mero aborrecimento, pois claramente o autor sofreu prejuízos econômicos em relação às contas que contavam com mais de 48.000 seguidores, já que a rede social serve como instrumento de trabalho e contatos profissionais para divulgação de marcas.”

Fonte: RIBAS JR, Douglas. Redes sociais precisam indenizar usuários em caso de invasão de perfil? Canaltech, 2022.

Disponível em: <https://canaltech.com.br/juridico/redes-sociais-precisam-indenizar-usuarios-em-caso-de-invasao-de-perfil/> (adaptado)

○ **66. (UFN 2023)** Leia as assertivas sobre o texto que trata das redes sociais e a indenização de usuários. Com relação ao texto como um todo, é possível afirmar que:

I. O autor da ação contra a rede social é também destinatário final dos serviços, por isso os desembargadores entenderam que a relação jurídica entre as partes é de consumo.

II. Em sua defesa, a rede social argumentou que não poderia ser responsabilizada já que os atos criminosos foram praticados por terceiros.

III. Como resultado da ação, o réu foi condenado apenas a indenizar o autor da ação, uma vez que a rede social serve como instrumento de trabalho e contatos profissionais.

IV. Os prejuízos causados pela invasão das contas foram somente financeiros, tendo em vista que, em uma das contas, o autor da ação contava com mais de 48 mil seguidores.

Estão corretas apenas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV

○ **67. (UFN 2023)** “A decisão rejeitou o argumento da rede social de que o ato fora praticado por terceiro (hacker) e não deveria ser responsabilizada. Para o tribunal, tal circunstância não isenta a Meta da responsabilidade pela reparação dos danos causados ao autor, [...]”.

Em atenção a essa ideia do texto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. A decisão do tribunal rejeitou o argumento da rede social sobre atos praticados por terceiros.

PORQUE

II. Tal circunstância não isenta o réu da ação da responsabilidade de reparar os danos causados ao cliente da rede social.

A respeito dessas asserções, assinale a alternativa correta.

- a) As asserções I e II são verdadeiras e a II é uma justificativa da primeira.
- b) As asserções I e II são verdadeiras e a II não é uma justificativa correta da primeira.
- c) A asserção I é uma proposição falsa e a II, verdadeira.
- d) A asserção I é uma proposição verdadeira e a II, falsa.
- e) Ambas as asserções são falsas.

Anotações:



Instruções: Considere o texto a seguir para responder as questões 68 a 71.

Narcotráfico e milícias

Se pensarmos a experiência do Rio de Janeiro, uma das características mais instigantes da sociabilidade carioca contemporânea está nos efeitos da criminalidade e da violência na organização e segmentação do espaço da cidade. Parte considerável da vida urbana é controlada por grupos armados que detêm domínio territorial de difícil erradicação.

O tema das relações – de oposição, cooperação e complementaridade – entre narcotráfico e milícias, tão evidente nas representações que fazemos da cidade, mais do que revelar os termos de uma ‘guerra’, indica a presença de um padrão de controle territorial fundado no uso da violência e do terror.

Traficantes e milicianos são modalidades de uma forma sociológica comum: grupos armados com domínio territorial. Domínio associado ao controle de uma atividade econômica com diversos ‘ramos’: drogas, serviços de segurança, transporte coletivo, gás em bujões, televisão a cabo etc.

O produto agregado desse ‘quarto setor’ – o da economia ilegal – não é desprezível, em seu volume de riqueza e em sua capacidade de incorporar ‘trabalhadores’. É o que atestam as legiões de jovens que compõem o exército de reserva do tráfico e a ‘imparável’ fonte de milicianos, advindos das supostas forças da ordem (polícias e corpo de bombeiros).

O cenário sociológico dessa ocupação territorial, para além da criminalidade, pode bem ser revelado por expressão cunhada pelo sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) e em boa hora exumada pelo francês, também sociólogo, Loic Wacquant, a de ‘capitalismo de pilhagem’. São dinâmicas capitalistas à margem da lei, o que não as impede de contar com representantes, ou ao menos simpatizantes, nas esferas legais, inclusive da política e nas instituições.

O domínio territorial exercido por esses grupos transforma vastos espaços da cidade em campos de pilhagem e predação. Implica desafio ao Estado, supostamente o detentor do monopólio do uso legítimo da força, e ainda inscreve no horizonte de possibilidades da cidade uma imagem apocalíptica, a da territorialidade rígida e segmentada, controlada pelos detentores do monopólio do uso de fato da força, sobre cada uma das parcelas da vida urbana sob seu império.

Mais do que uma questão de segurança pública, a desarticulação dos grupos armados é uma exigência para a viabilidade da cidade democrática.

LESSA, Renato. Crime, violência e territorialidade. *Ciência Hoje*, ed. 288, jul. 2009. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2009/261/crime-violencia-e-territorialidade>.

○ **68. (UNISC 2023)** De acordo com o primeiro parágrafo do texto, podemos dizer que a

I- sociabilidade é uma marca da cidade do Rio de Janeiro.

II- vida em sociedade, no Rio de Janeiro, está marcada pelos efeitos da violência e da criminalidade na forma de ocupação do espaço urbano.

III- ação de grupos armados mostra-se de forma intensa em determinados espaços da vida urbana, denunciando uma mazela de difícil solução.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente a afirmativa II está correta.
- c) Somente a afirmativa III está correta.
- d) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- e) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

○ **69. (UNISC 2023)** Avalie as afirmativas e classifique-as com (V) para Verdadeiro e (F) para Falso.

() A relação entre o narcotráfico e as milícias determina o controle do espaço urbano, tendo como referenciais o uso da violência e do terror.

() Apesar de a relação entre narcotráfico e milícias ser pautada pela oposição, é preciso considerar que existe entre esses dois polos uma dimensão de cooperação e de complementaridade.

() Constituir-se como um grupo armado com controle de determinado território é uma forma sociológica comum identitária tanto de milicianos quanto de traficantes.

() O domínio de uma economia com diversos ramos é exclusivo dos grupos de milicianos.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) V – V – V – F
- b) V – V – V – V
- c) V – V – F – V
- d) F – V – V – F
- e) V – F – V – V

○ **70. (UNISC 2023)** No quinto parágrafo, a expressão “capitalismo de pilhagem” pode ser melhor caracterizada como

I- práticas capitalistas à guisa de pirataria.

II- práticas de ladroagem e contravenção.

III- práticas ilícitas que imitam o capitalismo quanto à propriedade e ao lucro.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente a afirmativa II está correta.
- c) Somente a afirmativa III está correta.
- d) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- e) Somente as afirmativas II e III estão corretas.

○ **71. (UNISC 2023)** Quanto a alguns recursos empregados no texto, indique a alternativa que apresenta aquele que não está, adequadamente, proposto.

a) No quarto parágrafo, “legiões de jovens” e a “imparável fonte” indicam de onde cada grupo criminoso vai arregimentar seus ativos humanos para as práticas criminosas.

b) Quando o texto traz o argumento na linha de “sobre cada uma das parcelas da vida urbana sob seu império”, evidencia uma intencionalidade no sentido de denunciar que, assim como em alguns impérios, há um poder absolutista: há o sentido de proteção do soberano e há a fidelidade do “súdito”.

c) No jogo discursivo entre monopólio do uso legítimo da força X monopólio do uso de fato da força, fica estabelecida uma relação de oposição, entre o que deveria ser e o que de fato é vivenciado.

d) No último parágrafo, a seguinte passagem – “Implica desafio ao Estado, supostamente o detentor do monopólio do uso legítimo da força, (...)” – poderia ser reescrita, sem prejuízo ao sentido original, por “Impõe desafio ao Estado supostamente detentor da prerrogativa de uso irrestrito da força”.

e) Na conclusão, o texto apresenta o fato de que, para a garantia de uma cidade democrática, será preciso o Estado adotar uma política de Segurança Pública, que busque o combate efetivo dos grupos criminosos que se apropriam de territórios e instabilizam a vida em sociedade.



Instruções: As questões de 72 e 73 estão relacionadas ao texto abaixo

As quatro inovações que a tecnologia possibilita na área da Saúde

É fato que a tecnologia revolucionou a relação da sociedade com o trabalho nas mais variadas áreas como a agricultura, a financeira e muitas outras. No que concerne à saúde, a tecnologia está se expandindo por meio de novas maneiras de fornecer assistência médica. Com a automação de procedimentos médicos, graças ao surgimento de tecnologias como Internet das Coisas, Inteligência Artificial e *Big Data*, a saúde vem sendo impactada, diretamente, no modo como a Medicina é aplicada.

Tempo e precisão são fundamentais na Medicina e, por esse motivo, tecnologias estão sendo incorporadas com o objetivo de fornecer uma melhor assistência médica nos hospitais. Elas são capazes de monitorar, em tempo real, o que está acontecendo em um pronto-socorro, emitir avisos de que um paciente não foi medicado e informar se será internado apenas com os dados de pressão arterial e batimentos cardíacos. Dentre algumas possibilidades de tecnologias na área da saúde, destacam-se:

Big Data

Considerando que existe uma infinidade de doenças com as mais diversas variações, seria impossível um médico obter tantos dados. Porém, se trabalhado em conjunto com uma máquina, torna-se exequível ter diagnósticos com precisão. Para isso, é utilizado o *Big Data* - um grande volume de dados - que, quando analisados, permitem obter informações que levam ___ melhores tomadas de decisões.

Realidade Virtual

No caso da realidade virtual, tal tecnologia ganha cada vez mais importância na área da saúde, sendo utilizada nos tratamentos e no auxílio ___ medicina. Em teoria, um ambiente de realidade virtual é um espaço onde o indivíduo vive uma experiência de imersão, tendo sensações reais de pertencer ou interagir com elementos que só existem virtualmente. Algumas aplicações de realidade virtual já permitem que o médico coloque seus conhecimentos em prática, simulando uma cirurgia. Assim, é possível treinar uma operação antes de ela ser feita de fato, não colocando em risco ___ vida do paciente e aumentando as chances de sucesso. A realidade virtual também pode ser aplicada ___ Psicologia.

É viável tratar pacientes com fobias, traumas, inclusive o autismo e a dislexia, expondo-os a ambientes nos quais possam encerrar seus medos virtualmente, passando por sensações reais, de uma maneira segura, repetindo quantas vezes for necessário.

Internet das Coisas (IoT)

A Internet das Coisas (*IoT*) também permite inúmeras possibilidades de aplicações na Medicina. Basicamente, *IoT* são objetos como relógios, calçados, roupas ou qualquer outro equipamento capaz de se comunicar mediante a utilização da internet com outros dispositivos, como o celular. Os dados obtidos por esses dispositivos são capturados através de sensores e enviados a um outro dispositivo que irá realizar o tratamento desses dados. O monitoramento de pacientes é uma das possibilidades de utilização de aplicações *IoT*. Ela permite a construção de uma ferramenta que auxilia os enfermeiros na acomodação e segurança de pacientes com risco de queda nas camas hospitalares.

Consultas a Distância

Uma das buscas dos pacientes é por comodidade. O sonho de fazer uma consulta remotamente é uma realidade que está cada vez mais disponível para todos. Já é comum encontrar psicólogos que realizam terapias *on-line*, permitindo um maior conforto ao usuário. Porém, para alguns casos médicos parece impossível uma consulta a distância, quando é necessário analisar os pacientes de perto. No entanto, componentes de *IoT* são

capazes de fazer esse papel e, até mesmo, de realizar exames de sangue e urina, por exemplo.

A inovação tecnológica na Medicina é um campo em expansão, com possibilidades altamente promissoras.

A renovação dos processos diminuirá o tempo de espera nos hospitais, os diagnósticos serão mais precisos, as cirurgias serão ainda mais bem executadas, o que permitirá que o médico foque em atividades mais criativas, a fim de encontrar novas soluções para o seu já complexo dia a dia. Essa evolução é para que o profissional tenha mais tempo para o atendimento e cuidados com os pacientes, transferindo a parte repetitiva do trabalho ___ essa máquina.

Fonte: Texto, parcialmente, adaptado. CAMARGO, Jéssica. As quatro inovações que a tecnologia possibilita na área da Saúde. Disponível em: <https://medicinasa.com.br/canal/artigos/>. 09/01/2020. Acesso em: 27 set. 2022.

○ 72. (URI 2023) A partir dos sentidos do texto, avalie as afirmações a seguir:

I. Um volume significativo de dados pode ser armazenado pelo *big data*, o que permite obter diagnósticos e tomadas de decisões mais precisas.

II. A simulação de processos cirúrgicos tem se constituído numa importante ferramenta, tanto nos tratamentos quanto no auxílio aos médicos, aumentando as chances de sucesso nos procedimentos.

III. O monitoramento dos pacientes, através da Internet das Coisas (*IoT*), auxilia apenas os médicos quando, na verdade, essa ferramenta seria mais necessária aos enfermeiros.

IV. As consultas a distância são uma realidade; no entanto, não são absolutas quando é necessário analisar os pacientes de perto.

Dentre as cinco alternativas abaixo, qual delas está correta?

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) I, II e IV, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II, III e IV.

○ 73. (URI 2023) Assinale a única alternativa que **NÃO** expressa os sentidos do texto.

- a) Fruto do surgimento de novas tecnologias, a medicina vem sendo altamente impactada em diferentes áreas.
- b) O treino de um procedimento cirúrgico antes de ser de fato realizado, utilizando-se a realidade virtual, permite um menor risco para o paciente e maiores possibilidades de sucesso.
- c) A única possibilidade de aplicação da Internet das Coisas (*IoT*), na medicina, é o monitoramento de pacientes a distância.
- d) O sonho de fazer uma consulta de forma remota já é uma realidade, mas nem sempre adequada a todos os pacientes.
- e) *Big Data*, Realidade Virtual, Internet das Coisas (*IoT*) e Consultas a Distância são, apenas, algumas das inovações tecnológicas na área da saúde que permitem diagnósticos mais precisos e intervenções mais rápidas.



Instrução: As questões de 74 a 77 referem-se ao texto abaixo.

Timidez como virtude

Luiz Felipe Pondé

1 Outro dia ouvia uma colega, muito inteligente e bonita, dizer da “gastura” que sentia em ouvir pessoas falando sobre suas qualidades intelectuais, realizações e títulos. Enquanto eu presente no momento desse infeliz *self marketing* que causou a “gastura” no estômago da minha jovem colega, entendi bem o que ela dizia.

7 O _____ de falar das próprias realizações sempre existiu. Mas, hoje, é diferente: ser brega e fazer *self marketing* virou uma “ciência”. Hoje, a velha máxima que “toda virtude verdadeira é tímida” se transformou em uma informação urgente.

12 Toda virtude verdadeira é tímida. Sempre. Sim, sei que somos seres de contínua baixa autoestima, e que o mundo prima por nos ferrar todo dia: gorda, burro, brocha, histérica, mal-amado, enfim, adjetivos feitos para destruir a já frágil autoestima que temos. E que, portanto, muitas vezes nos faz cair na tentação de reafirmar nossos feitos na cara dos outros. Mas há uma diferença quando fazemos isso em claro momento de desespero e quando fazemos isso achando que estamos abafando. O fato comentado pela minha colega era este segundo caso.

22 Por que toda virtude verdadeira é tímida? Antes de tudo, porque a vocação constante à vaidade que nos assola deixa a virtude insegura com relação _____ si mesma. Essa dinâmica entre a dúvida da virtude versus a certeza da vaidade é tema, por exemplo, da clássica polêmica da graça entre Santo Agostinho (354 – 430) e Pelágios (360 – 420).

28 Outro traço da virtude é ser desatenta consigo mesma. Por isso, alguns afirmam que a maior de todas as virtudes seria a humildade, uma vez que essa é o oposto simétrico da vaidade. O cotidiano da virtude não é checar a si mesma continuamente no espelho para ver o quão _____ ela tem sido em ser ela mesma. Essa desatenção consigo mesma é traço essencial da virtude. Associada a ela está a percepção de “naturalidade” que toda virtude verdadeira transparece.

36 Somos naturalmente “equipados” com a capacidade de identificar a leveza com a qual alguém age de modo virtuoso. Assemelhando-se à manifestação da graça, a leveza da virtude tímida e natural equipara-se à beleza sem vaidade.

40 Essa “naturalidade” da virtude está descrita por Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) quando em seu “Ética a Nicômaco” ele diz que a virtude deve se transformar em uma segunda natureza.

44 Não se trata de negar o esforço consciente em busca do comportamento virtuoso, segundo o filósofo. O esforço é real e consciente. Portanto, a timidez da virtude não é fruto de sua inconsciência como comportamento. A timidez é fruto da naturalidade (segunda natureza, nos termos do filósofo) que caracteriza uma virtude madura.

50 Timidez aqui é quase uma metáfora, não para a insegurança enquanto tal, mas para a virtude instalada no cotidiano do virtuoso que se deixa perceber pelo ato, e não pelo anúncio do ato.

54 A ética é uma ciência prática. A ideia de fazer *marketing* da ética é como se afirmar que um círculo é quadrado. Dizer que a virtude é prática e jamais teórica significa dizer que só o outro reconhece a virtude em você. A virtude é da ordem do ato e não do discurso. Se você falar da sua virtude, você jamais convencerá uma pessoa razoavelmente inteligente e madura da veracidade da sua afirmação. Porque quem precisa anunciar sua própria virtude é porque a prática dessa virtude não é suficiente para ser reconhecida.

63 Por isso, afirma-se que a virtude é pública, jamais privada. É silenciosa, mas sua existência é atestada pelo olhar do outro que a vê acontecer no mundo, sem anunciar que está acontecendo. O histórico do seu comportamento, reconhecido ao longo do tempo pelas pessoas à sua volta (mesmo as que lhe odeiam), se constituirá na substância do seu caráter. Esse caráter, ao longo da vida, se constituirá, por sua vez, no seu destino. Por isso, afirma-se que virtude é destino. Sendo ela uma segunda natureza, realizada no silêncio do esforço prático sem tagarelice, a virtude (ou a ausência dela) pode se transformar em uma maldição mesmo. Nada garante que virtude traga “felicidade”.

75 No nosso mundo tagarela, marcado pela breguice do *self marketing*, a virtude não deve ser apenas tímida, mas a própria timidez se torna, a cada dia, uma virtude em si mesma. E esta é um animal do silêncio. Semelhantes _____ ela são a discrição, a delicadeza, a elegância e a contenção. A busca dessas virtudes como forma de sabedoria é um desafio para o século 21.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2018/09/timidez-como-virtude.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2022. (Adaptado.)

○ 74. (UCS 2023) A ideia principal do terceiro parágrafo do texto está expressa em:

- a) Toda virtude verdadeira é tímida (linha 12).
- b) sei que somos seres de contínua baixa autoestima (linhas 12 e 13).
- c) o mundo prima por nos ferrar todo dia (linha 13 e 14).
- d) nos faz cair na tentação de reafirmar nossos feitos na cara dos outros (linhas 16 a 18).
- e) O fato comentado pela minha colega era este segundo caso (linhas 20 e 21).

○ 75. (UCS 2023) Assinale a alternativa em que o efeito de sentido apresentado na COLUNA B liga-se corretamente ao conector elencado na COLUNA A.

	COLUNA A	COLUNA B
a)	portanto (linha 16)	causa
b)	porque (linha 23)	consequência
c)	Por isso (linha 29)	finalidade
d)	segunda (linha 48)	conformidade
e)	Se (linha 58)	condição

○ 76. (UCS 2023) De acordo com o texto, é correto afirmar que

- a) os virtuosos carecem de aparato para perceber outros virtuosos.
- b) as qualidades morais tornam-se concretas na autoestima.
- c) a humildade é o inverso da vaidade.
- d) o olhar odioso do outro impacta no retrocesso da virtude.
- e) a virtude é condição original, natural, não civilizada, do ser humano.

○ 77. (UCS 2023) É ideia defendida pelo autor do texto:

- a) O *self marketing*, salvo algumas exceções, é prescindível.
- b) Já não faz sentido relacionar virtude e timidez nos dias atuais.
- c) A introspecção é um comportamento a ser evitado.
- d) Inteligência e beleza não são virtudes.
- e) O estilo brega apresenta condições necessárias para ser estudado pela ciência.



GABARITO

• Medimais

Unidade 1

1. C	9. D	17. C	25. D
2. B	10. D	18. D	26. $02 + 04 + 64 = 70$
3. D	11. A	19. D	27. C
4. D	12. B	20. D	28. B
5. D	13. A	21. B	29. C
6. C	14. C	22. B	30. C
7. A	15. E	23. C	31. B
8. B	16. C	24. A	

Unidade 2

- 1. B
- 2. B

Unidade 3

1. B	8. D	15. E	22. $02 + 16 = 18$
2. B	9. A	16. C	23. A
3. D	10. A	17. D	24. $01 + 02 + 08 + 32 = 43$
4. A	11. C	18. A	25. $04 + 08 + 16 + 32 = 60$
5. B	12. C	19. $01 + 08 = 9$	26. $02 + 08 + 16 = 26$
6. A	13. C	20. $01 + 16 = 17$	27. $04 + 08 + 64 = 76$
7. C	14. B	21. $02 + 04 + 16 = 22$	28. $01 + 08 + 32 = 41$

Unidade 4

1. C	17. A	33. D	49. E	65. B
2. D	18. B	34. C	50. C	66. A
3. D	19. C	35. E	51. C	67. B
4. C	20. D	36. B	52. B	68. E
5. C	21. A	37. A	53. C	69. A
6. E	22. D	38. C	54. D	70. C
7. C	23. C	39. E	55. C	71. D
8. C	24. D	40. E	56. C	72. C
9. D	25. D	41. B	57. E	73. C
10. B	26. A	42. A	58. D	74. A
11. D	27. C	43. B	59. A	75. E
12. A	28. C	44. B	60. D	76. C
13. B	29. $08 + 16 = 24$	45. C	61. E	77. A
14. 02	30. $04 + 08 + 16 = 28$	46. D	62. D	
15. $01 + 04 = 5$	31. C	47. A	63. A	
16. B	32. D	48. D	64. D	

